



3 1761 07839617 3

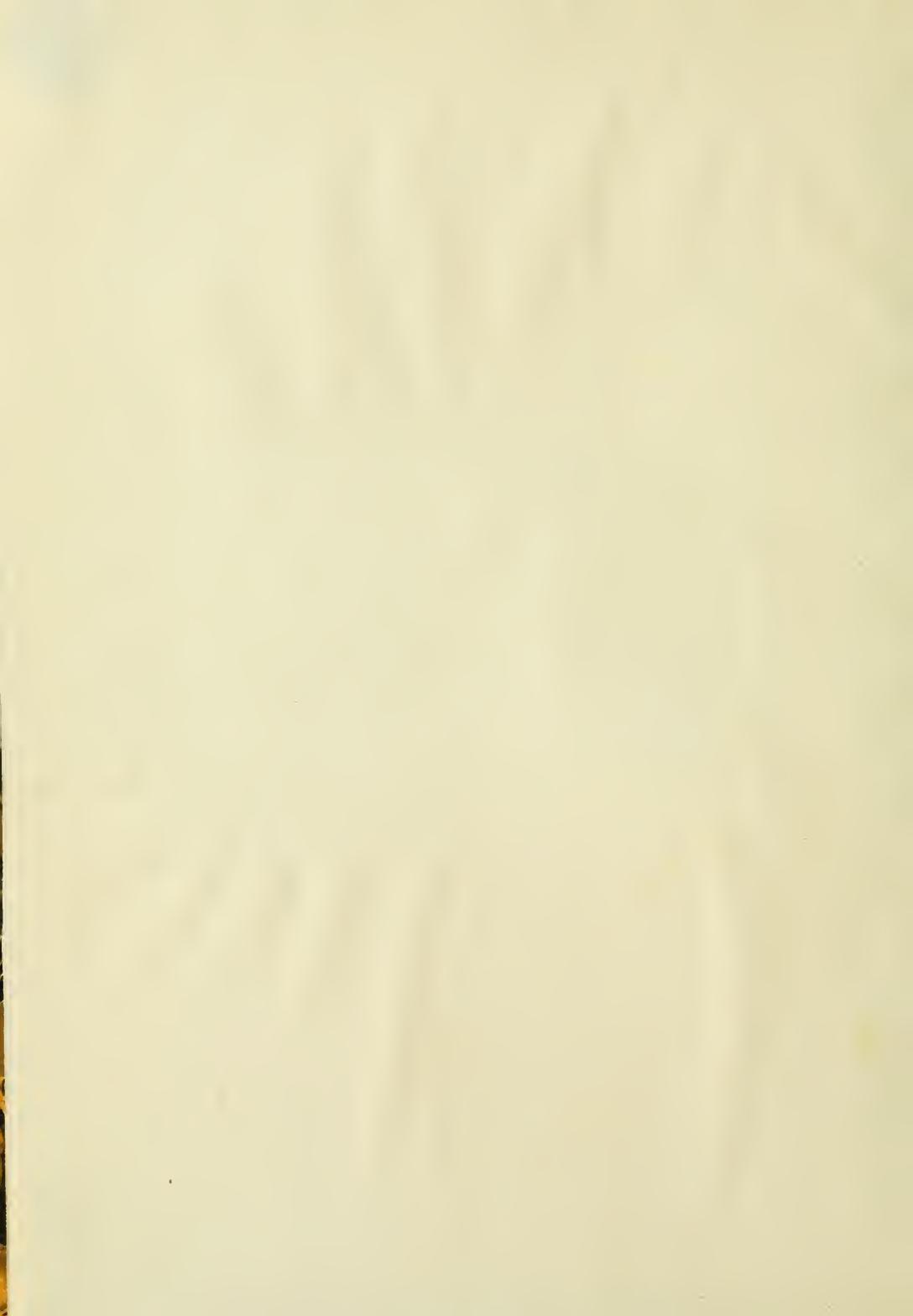








Digitized by the Internet Archive  
in 2011 with funding from  
University of Toronto



QUARTA PARTE  
DA HISTORIA  
**DE S. DOMINGOS**

PARTICULAR DO REINO E CONQUISTAS DE PORTUGAL

OFFERECIDA

À AUGUSTA Magestade d'EL-REI

DOM JOÃO V

POR

FR. LUCAS DE SANTA CATHARINA

CHRONISTA DA ORDEM DOS PRÉGADORES, E ACADEMICO DA ACADEMIA REAL

TERCEIRA EDIÇÃO

---

VOLUME VI

---

LISBOA

*TYP. DO PANORAMA*

112—Rua do Arco do Bandeira—112

M DCCC LXVI.

# OBRAS

DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR,

E SE VENDEM

NA SUA LOJA, RUA AUREA N.º 132 E 134

Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837. Uma collecção de 15 vol., . . . . .	22:000	A Herança do Chanceller, c. em 3 actos em verso. 1 vol. 8.º fr.	400
Encadernada. . . . .	27:000	Pedro, d. em 5 actos, 2.ª ed. 1 vol. 8.º fr. . . . .	400
Illustração Luso-Brazileira, periodico universal, collaborado por muitos escriptores distinctos. Tem completos 3 vol., em papel. . . . .	11:600	A Pobreza envergonhada, d. em 5 actos com prologo, 1 vol. 8.º fr. . . . .	480
Encadernados. . . . .	13:600	Canticos, 1 vol. 8.º fr. . . . .	720
Historia dos festejos reaes por occasião dos desposorios de S. M. el-rei o sr. D. Pedro v. Um folheto com 10 gravuras. . . . .	200	Alva Estrella, d. em 5 actos. . . . .	300
M. M. B. DU BOGAGE		F. SOARES FRANCO	
Obras completas, colligidas, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas d'um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por Rebello da Silva, 6 vol. . . . .	4:320	Sermões, 4 vol. 8.º fr. contendo 48 Sermões. . . . .	1920
BARRETO FEIO		ANTONIO DE SERPA	
Eneida de Virgilio, traducção com o texto latino, 3 vol. . . . .	2:880	Dalila, d. em 4 actos e 6 quadros 1 vol. 8.º fr. . . . .	400
LIMA LEITÃO		Casamento e Despacho, c. em 3 actos, 1 vol. 8.º fr. . . . .	320
Natureza das Coisas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez, 2 vol. 8.º. . . . .	800	F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO	
Medicina Legal, por Sédillot, 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. 8.º fr. . . . .	1:200	Chronica da Rainha D. Maria II. completa 3 vol. em folio . . . . .	6:750
REBELLO DA SILVA		1640 ou a restauração de Portugal, facto historico em 4 actos 7 quadros e um prologo. . . . .	300
Fastos da Igreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, com censura e auctorisação do patriarchado, 2 vol. 8.º fr. . . . .	960	Minhas Lembranças, poesias. . . . .	500
A Mocidade de D. João v, c. d. em 5 actos. . . . .	480	LOPES DE MENDONÇA	
Othello ou o Moiro de Veneza, t. em 5 actos, imitação — 1 vol. 8.º fr. . . . .	300	Memorias de litteratura contemporanea, 1 vol. 8.º fr. . . . .	720
MENDES LEAL JUNIOR		Licções para maridos, c. em 3 actos 1 vol. 8.º fr. . . . .	400
Os Homens de Marmore, d. em 5 actos, 2.ª ed. 1 vol. 8.º fr.	360	L. A. PALMEIRIM	
Homem de Ouro, d. em 3 actos, continuação dos Homens de Marmore, 1 vol. 8.º fr. . . . .	300	Poesias, 4.ª edição, correcta, 1 vol. 8.º fr. . . . .	600
		Dois casamentos de conveniencia, c. em 3 actos, 1 vol. . . . .	360
		Como se sobe ao poder, c. em 3 actos, 1 vol. 8.º fr. . . . .	400
		O Sapateiro d'escada, c. em 1 acto, 1 vol. 8.º. . . . .	160
		A Domadora de feras, c. em 1 acto, 1 vol. 8.º fr. . . . .	160
		A. CEZAR DE LACERDA	
		Um Risco, c. em 2 actos . . . . .	160
		Scenas de familia, c. em 2 actos. . . . .	320
		A Duplice existencia, c. em 4 actos. . . . .	240
		A Prohibidade, c. em 2 actos e 1 prologo, 2.ª ed. . . . .	360
		Os Filhos dos trabalhos, J. em 4 actos. . . . .	360

QUARTA PARTE

DA

HISTORIA DE S. DOMINGOS



QUARTA PARTE  
DA HISTORIA  
DE S. DOMINGOS

PARTICULAR DO REINO E CONQUISTAS DE PORTUGAL

OFFERECIDA

À AUGUSTA Magestade d'el-Rei

DOM JOÃO V

POR

FR. LUCAS DE SANTA CATHARINA

CHRONISTA DA ORDEM DOS PRÉGADORES, E ACADEMICO DA ACADEMIA REAL

TERCEIRA EDIÇÃO

---

VOLUME VI

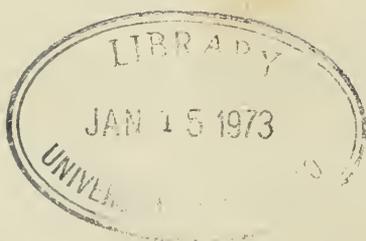
---

LISBOA

TYP. DO PANORAMA—Rua do Arco do Bandeira, 112.

M DCCC LXVI.

EX  
3542  
A.C. 3  
1866  
V. 6



QUARTA PARTE

DA

# HISTORIA DE S. DOMINGOS

PARTICULAR DO REINO E CONQUISTAS DE PORTUGAL.

## LIVRO TERCEIRO

DA FUNDAÇÃO DO MOSTEIRO DO SACRAMENTO DA OBSERVANCIA DA ORDEM  
DE S. DOMINGOS, NA CIDADE DE LISBOA

### CAPITULO I

*Dos Fundadores d'esta Casa, e embaraços, que se oppuzerão  
a fundação d'ella.*

Grande industria dos mais sábios Architectos da reforma, e restauração da observancia arruinada, offerecer aos olhos hum exemplar, que maduramente esteja convencendo erros, e abusos, para que vagarosamente (como se lhe fôra minando os alicerces, e enfraquecendo as resistencias) se arrumem ás batarias da razão, e da verdade. Esta foi a santa, e bem considerada estratagem, com que o veneravel Raymundo de Capua, Mestre geral da Ordem Dominicana, quiz reduzir a toda ella (1) das devassidões, e liberdades, que se tinhão introduzido pelo scisma, que contra Urbano VI prevaleceo, em favor do intruso Clemente VII, pelos annos de mil e trezentos e sessenta e oito. Decretou o Geral, que em cada Provincia houvesse sequer hum Convento, que observasse a regra com todo o rigor, como está escrita, e a guardarão nossos primeiros Padres, sem admittir dispensações, que forão as brechas por onde se introduzio a ruina na observancia.

Initou bem esta industria o veneravel Padre Mestre Frei João de Portugal. Achava-se consultado do Conde do Vimioso, seu irmão, e da Condessa, ambos com espirito de darem á Ordem hum Mosteiro reformado; applicou suas forças para que sahisse aquelle exemplo mudo, a

(1) O nozso Castilho, Hist. de S. Dom. 2.<sup>a</sup> part, liv. 2. cap. 62 e 93.

condemnar a frouxidão, com que já caminhavão, não só os da Provincia, mas de quasi todo o Reino; talvez pelo abuso de começar a ser genero de vida, o buscal-a em huma clausura, quem a não podia ter no seculo com mais fausto.

Era grande o coração do Mestre Frei João, criava brios nas difficuldades, voltava a Deos, e ao seu Patriarcha S. Domingos os olhos, e os cuidados, e sabia com a esperança de dar huma nova gloria a esta Provincia, que a elle lhe está devedora das muitas, que nesta Casa contou, e vai contando, ajudando-o o Ceo, e metendo-lhe nas mãos a administração d'este thesouro, que a Providencia Divina nos guardava, e agora lhe descobria por bem novo caminho. Era o Conde do Vimioso Dom Luiz de Portugal, filho do Conde Dom Affonso, que na lamentavel batalha de Africa, seguindo a El-Rei Dom Sebastião, perdeu a vida: desgraça, em que o aeompanharão seus dous irmãos Dom Francisco, e Dom Manoel de Portugal. Achava-se casado com Dona Joanna de Mendonça, filha do Conde de Basto Dom Fernando de Castro, e de Dona Filippa de Mendonça, sua mulher.

Não vivião os Condes só em paz, e concordia conjugal, mas com hum notavel exemplo de piedade christã, que se via bem em seus filhos, e familia; faiscas sem duvida nunca apagadas do amor de Deos, que nos primeiros annos lhes abrazara assim os corações, que mal escutados os afagos do mundo, o Conde buscára (fugindo á casa dos pais) o penitente bruel dos filhos de S. Francisco da Provincia da Arrabida, e a Condessa perseguira, e importunara sua mãe, para que lhe trocasse o dote na sepultura de huma recoleta. Não tiverão effeito estas grandes resoluções, porque quiz o Ceo guardal-o para idade, em que ficassem menos esculpulas, por mais meditadas, e mais ennobrecidas, por mais difficultosas.

Casarão finalmente os Condes, e vivião com o conhecimento de que tinhão perdido melhor estado; mas praticando entre si o não perder as esperanças d'elle. Inspirações parecião, que costumão acompanhar tão piedosos desejos, que nunca estes vem a ficar menos bem pagos. Repetião-se-lhe na oração, que ambos frequentavão: e representando-se-lhe hum dia ao Conde (estava então em Madrid) com mais viveza a perfeição da vida religiosa, e sabindo os embaraços a suspender-lhe os desejos, sentio ao fim d'esta batalha hum interior abalo, que lhe confortava o espirito, como se ouvira, e claramente se lhe dissera: «Que não havia difficuldades para quem se resolvia.» Rezava então (como grande devoto

seu) o Rosario da Senhora ; pareceo-lhe, que lhe devia aquelle bom pensamento, e o animo já mais affouto para executal-o. Assim lhe encomendava o bom effeito, pedindo-lhe, como a melhor estrella, luz, e norte, para acertar o caminho ; e consultando-o com pessoas doudas, e destros em materias de espirito, que não duvidavão assentar que era inspiração soberana. a que o chamava para melhor vida.

Não succederia menos n'este tempo á Condessa. Escreveo-lhe o Conde com resolução, achou-a com os mesimos desejos, e por ventura da mesma sorte favorecidos. Havia só a suspensão na escolha da casa ; resolvía a Condessa, que a não aceitaría menos que recoleta. Como se n'ella viverão, hião passando, e esperando que o Ceo pozesse de melhor semblante as difficuldades, que lhes dilatavão, mas não torcião a determinação ; mas elle, que lhes queria arrezoar o premio, dobrou-lhe o conflicto, porque publico o segredo, começaram as resistencias a provar-lhe as constancias. Divulgava-se, que o retiro seria para Conventos de mais estreita observancia ; que se lavraria hum, para recolhimento da Condessa. Parecia tudo, antes idéas, que resoluções assentadas, e soltavão-se facilmente contra ellas razões, que parecião convincentes na pratica da Côte, e especial, e mais livremente nas casas dos parentes, que não só estranhavão o intento como aereo, mas feitos em hum corpo, lhes negavão a communicação, sendo os primeiros Dom Fernando de Castro (pai da mesma Condessa) o Arcebispo de Lisboa Dom Miguel de Castro, seu irmão, e Dom Diogo de Castro, seu filho.

Discorrião : «Que a Condessa era já maior, que não teria forças, que resistissem, ou suportassem os rigores da vida austera, estranhando a falta do trato, que tivera sua. Que os Condes se achavão com tres filhos, e duas filhas.» Erão elles Dom Affonso, successor na casa, Dom Miguel, e Dom Fernando de Portugal ; ellas Dona Filippa, e Dona Luiza (de que depois haverá maior noticia nas particulares d'esta Casa.) «Que parecia genero de impiedade, deixal-os no mundo em idade, que inda necessitavão de amparo, e ensino. Que erão inconsideraveis os dispendios com huma Casa, que se levanta dos primeiros alicerces, e que mal se podia estender a favorecel-a, quanto mais a dotal-a, huma, em que estavam attenuadas as rendas, e tão gróssas ás dividas. Que resolução em materia tão ardua, tinha de difficultosa o que lhe faltava de meditada, e posta em execução, por pessoas de tanta qualidade, estava sendo o alvo, a que se applicavão os olhos, e os reparos de todo o mundo, com a conside-

ração, de que o acerto passaria com o nome de fortuna; e o desmancho, com o de imprudencia.»

Assim discorrião as opposições humanas, tão esquecidas de catholicas, que não advertião, que resoluções de melhoras de espirito só se podem vêr á luz d'aquella sagrada labareda, que para reduzir resistencias, e difficuldades a cinza, assim sabe atear-se nos troncos secos, como nas verdes plantas da vida, e da humanidade. Ardia agora n'aquellas varas menos verdes, illustrando-lhes os entendimentos, para responderem ás objecções, que lhes punha o mundo n'aquelle natural idioma, em que só discorre sobre os commodos da vida.

Assim parece respondião os Condes: «Que para seguir a Deos em clausura, e estreiteza d'ella, não erão inhabeis os que chegavão na undecima hora; porque o pai de familias, que satisfazia a estes, como aos que vierão ao romper do dia, lhes confirmava as capacidades na paga. Que deixar os filhos nos braços do mundo, pela pressa de fugir os enganos d'elle, tão fóra estava de parecer desatino, que o melhor Salomão o dera por conselho, a quem quizesse grangear muito. (Se deixares, não só os pais, mas a esposa, os filhos, e as herdades, por hum vos hei de dar cento, dizia Christo (1).) Que se o desamparo dos filhos era n'este caso dos pais da terra, não era menos que de Deos a tutoria.» E não se virão com menos admiração os effectos d'esta nestes filhos deixados; porque Dom Affonso, herdeiro da Casa, sahio varão clarissimo, luzindo sobre os reaes timbres do sangue com o esmalte de virtudes naturaes, e adquiridas; casou rico com a filha de Dom Christovão de Moura, Marquez de Castel-Rodrigo, privado grande de Filippe Prudente, e Vice-Rei n'este Reino, teve muitos filhos, desempenhou a casa, e satisfez ao empenho, em que os Condes seus pais estavam á do Sacramento, para poderem professar sem embaraço. Dom Fernando foi grande soldado, com procedimentos muito filhos de sua qualidade, e espiritos tão ardentes, e catholicos, que adiantando-se a pertender os premios da immortalidade, perdeu a vida, pelejando pela Fé, e ganhou a da fama (entre naturaes, e estranhos) como a que Deos costuma dar aos seus soldados. Dom Miguel avultou na modestia, nas letras, e na capacidade, e occupando lugares de que era benemerito o seu talento, se sentou na Cadeira Episcopal de Lamego, e passou a Roma Embaixador del-Rei Dom João o IV, que alargava a mão a premios, que merecia maiores, a não estender-se

(1) Matth. 19. 29.

a da morte a tirar-lhe a vida, que não mereceo tão curta. As filhas solirão ambas a thalamo de melhor esposo, porque se não queixassem suas prendas, e qualidade, que era pouco o que fosse menos, que aquelle. Professou huma no Mosteiro do Sacramento, onde a Condessa sua mãe foi filha, e Fundadora; outra em Santa Catharina de Sena em Evora: ambas exemplares, ambas n'estas escritos assumpto da nossa penna, e de maior memoria. Assim desempenhou Deos o officio de tutor com os filhos dos Condes. Mas atemos o fio ás repostas, que ainda vão dando ás objeções do mundo.

«Que não era inconSIDERAÇÃO dar principio a huma Casa recoleta, sem segurança nos subsidios da terra, quando estas, como todas do Ceo, correm por conta da Divina Providencia, sabindo de suas mãos o que se escacea nas humanas, e passando por ellas (sem as importunarem supplicas) não só o sustento das pequenas aves, que suspirão no ninho, que a gala dos graciosos lirios, que respirão no campo. Que resolução, que Deos sem duvida inspirara para melhorar de vida, elle mesmo a havia de adiantar por sua gloria, e honra; porque não era abreviada a sua mão, nem nas posses, nem nas piedades. Finalmente, que elles se punhão n'ella, como lugar, a que não podião chegar as calumnias dos homens mais que para melhora de seus interesses, e meritoria prova de suas vontades.»

Fomentava estas o veneravel Padre Mestre Frei João de Portugal, como quem andava destro em conhecer que aquelles estorvos erão o crisol dos espiritos, e enfurecidos ventos, que inclinando os ramos da planta, dão a conhecer a firmeza, com que entranhou as raizes na terra; só restava a difficuldade de haver quem se obrigasse ás dividas do Conde, impedimento, que lhes retardaria as profissões (tomada a nova vida): mas soltou-se o embarço, fazendo Dom Affonso, Conde herdeiro, a obrigação, e deixando os pais livres, assim para votarem vida religiosa, como para dotarem a n'ova Casa; acto, que se celebrou na fórma da seguinte escriptura:

«Em nome de Deos Amen. Saibão quantos este instrumento, doação, e doações entre vivos validouro, virem, que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo de mil e seiscentos e cinco, em vinte dias do mez de Outubro, na cidade de Evora, nas casas e aposentos do Senhor Dom Luiz de Portugal, Conde de Vimioso, ora morador nesta ci-

dade, estando o dito senhor presente, e bem assim a Senhora Dona Joanna de Mendonça, Condessa de Vimioso, sua mulher; e bem assim estando mais presente o Padre Mestre Frei João de Portugal, da Ordem, e habito de S. Domingos, ora aqui estante, que a isto disse intervir em seu nome, e por sua parte, e por virtude de huma patente, que logo apresentou a mim Tabalião, perante as testemunhas ao diante nomeadas, do Padre Frei Jeronymo Xavier, Mestre Geral da dita Ordem de S. Domingos, e por elle assinada, e sellada com o sello da dita Ordem, que no fim d'este instrumento irá tresladada, e incorporada; e logo pela dita Senhora Condessa Dona Joanna foi dito, que ella tinha tratado, e communicado muitas vezes com o dito Senhor Conde seu marido, de fazerem em Lisboa hum Mosteiro de Freiras da Ordem, e habito de S. Domingos, para o qual já tem havido auctoridade do dito Padre Geral, e estão já assinalados quatro mil cruzados, que se hão de empregar em cem mil réis de juro, em cumprimento dos legados da Senhora Dona Luiza, Condessa do Vimioso, que Deos tem em gloria, como mais largamente se contém em huma escritura, e instrumento publico, feito pelo dito Senhor Conde, e outorgado por ella dita Senhora Condessa. E por quanto ella Senhora deseja, que o dito Mosteiro tenha commoda renda, para melhor se poderem sustentar, e perpetuar no dito Mosteiro, por serviço de Nosso Senhor, que só he o que a isso a move, de sua livre vontade, e motu proprio, era contente de dar, e doar ao dito Mosteiro, como logo com effeito por este instrumento deu, e doou quatro mil cruzados, os quaes nomea, e declara, que são do seu dote, daquella parte, e porção do dito dote, que ella Senhora póde testar, por entender que esta he huma das obras pias, que ella póde fazer, e deixar de maior serviço de Deos Nosso Senhor. Pelo que desde agora para sempre quer apartar, e aparta para bem de sua alma a contia dos ditos quatro mil cruzados, por este instrumento, e contrato entre vivos, e no modo mais firme, que em direito possa ser, e valer, digo, se fundará na Cidade de Lisboa, em todo o rigor das Constituições da dita Ordem de S. Domingos, e que serão as gradês do locutorio fechadas, de modo que se não possam nunca nelle ver as pessoas, com quem fallarem, nem serem vistas, e assim mais serão obrigadas as ditas Religiosas a mandar dizer em cada hum anno para sempre doze Missas rezadas, e huma cantada de todos os Santos, todas em vida dos ditos senhores Condes, e Condessas, ditas por sua tenção, e depois de sua morte se dirão as ditas Mis-

sas por suas almas, e de seu pai, e mãe, e descendentes, e a Missa sollemne será de Defuntos, com o Officio de nove lições. E os ditos quatro mil cruzados, que por esta doação aparta da maior contia do seu dote, quer, e ordena a dita Senhora Condessa, que se empreguem em juro perpetuo, de dezaseis o milheiro, que vem a fazer contia de cem mil réis de juro perpetuo, os quaes quer, que sejam compra do dito Mosteiro, e que andem sempre nelle unidos em capella, com obrigação das Missas acima ditas. E porque esta doação, que ella dita Senhora Condessa faz, he para bem, e utilidade de sua alma, a qual utilidade deve preferir a todas as mais, pedia ao dito Senhor Conde, que presente estava, que estes quatro mil cruzados acima declarados, e os cem mil réis de juro, que com elles se havião de comprar, se dessem. e pagassem logo ao dito Mosteiro, porque com isso os ha ella Senhora por recebidos, e a elle, Senhor Conde, por desobrigado de lhos tornar a dar, e pagar para comprimento de seu dote: e desde agora para o tempo, em que as Religiosas do dito Mosteiro houverem os ditos quatro mil cruzados, e cem mil réis de juro, que com elles se houverem de comprar, dá quitação plenaria ao dito Senhor Conde da dita contia do dote, constando, que as Religiosas do dito Mosteiro estão satisfeitas delle, o que tudo assim cumprir, obriga todos seus bens, e rendas, e em especial hypothecava os ditos quatro mil cruzados, de que em todo o tempo podia testar. E logo pelo dito Senhor Conde foi dito, que era verdade, que muitas vezes tinha tratado com a dita Senhora Condessa todo o sobre-dito, e que pois ella de seu proprio motu, e livre vontade fazia esta doação, e obrigação: que elle declarava, que de tudo era contente, e a tudo dava seu pleno consentimento, e outorgava, e promettia de em tudo cumprir, e guardar esta doação, como pela dita Senhora Condessa estava dito, e declarado, por entender, que esta era humma das cousas de mais serviço de Deos Nosso Senhor, que elles podião fazer, e ordenar; e que para este contrato, e doação ser mais firme, elle Senhor Conde para tudo haveria provisão de Sua Magestade; e por quanto tinha hypothecado. para pagamento do dote da dita Senhora Condessa, o seu prazo de Palhacana, que está situado no termo de Alemquer, e Torres Vedras, elle Senhor Conde agora de novo torna a hypothecar, e obrigar por este instrumento toda a renda do dito prazo de Palhacana, para pagamento dos ditos quatro mil cruzados acima declarados, por serem, como são, bens dotacs, e por ser a parte, e porção d'elles, que precede todo o mais pa-

gamento do dito dote, e bens dotaes, pois he para proveito, e utilidade da alma. E disse mais o dito Senhor Conde, que elle desde agora para sempre, se obrigava logo dar, e pagar os ditos quatro mil cruzados, e comprar com elles os ditos cem mil réis de juro, situados na cidade de Lisboa, por padrões assinados por Sua Magestade; e que em quanto não dava os ditos padrões, pagaria a contia dos ditos cem mil réis, que n'elles se monta, dos bens, e rendas de sua casa, dentro na cidade de Lisboa; o qual pagamento começaria a fazer do dia em que as Religiosas do dito Mosteiro entrarem n'elle, o que para tudo assim elle dito Senhor inteiramente cumprir, e guardar, disse, que obrigava todos seus bens, e rendas, em especial o dito prazo de Palhacana, como está dito, e declarado. E logo pelo dito Senhor Conde foi dito, que posto que por esta doação, e por outro publico instrumento, que elle dito Senhor Conde fez, para comprimento dos legados da Senhora Condessa sua mãã, as ditas Religiosas hajão de haver em Machico cada anno duzentos mil réis de juro, conteudos no dito instrumento, e neste presente; e que posto que para o principio da fundação do dito Mosteiro seja bastante esta renda, que todavia lhe parece, que crescendo o numero das Religiosas, como confia em Nosso Senhor, não se poderão bem sustentar com menos de quatrocentos mil réis de renda; e tratando elle, Senhor Conde, com a dita Senhora Condessa muitas vezes, o que nisto podião fazer, para que esta fundação do dito Mosteiro, que ora pertendem fazer, vá sempre em augmento, ambos de mão commum consentimento, hão por bem, e são contentes de fazer de novo doação, além das duas, que já estão feitas, e acina referidas, de fazenda, e juros, que bem valhão duzentos mil réis de renda *in perpetuum* cada hum anno. A qual doação em effeito agora por este instrumento fazem elles Senhores ambos, e cada hum de commum consentimento. Declarando, que por quanto ao presente tem muitas dividas, com as quaes não pôdem com boa consciencia fazer obrigações, e doações, que elles Senhores hajão de pagar logo: E por quanto confôrme a traça, que tem dado para pagamento de suas dividas, confôrme a renda que hoje tem, e possuem, lhes parecia, e entendem que dentro de termo de oito annos poderão facilmente pagar todas as suas dividas: por este publico instrumento dizem, e declararão que elles não serão obrigados a dar, e pagar os ditos duzentos mil réis de juro, conteudos n'esta ultima doação, senão despois de oito annos compridos...»

Este o essencial da escritura, estendendo-se mais em seguranças, e clausulas tabaliõas. Foi feita em Evora, por Luiz de Pegas, publico Tabalião. Correrão logo facilmente as licenças, assim da Ordem, como d'el-Rei: só o que não teve effeito, forão os segundos duzentos mil réis, que diz a escritura, porque el-Rei Philippe III de Castella, que governava então esta Coroa, respeitando os serviços do Conde Dom Luiz, deu a este Mosteiro, em que estava, e professara sua filha Dona Filippa, duzentos mil réis de pensão na Mitra de Braga, notificada ao sen Arcebispo Dom Frei Aleixo, em Março de 615, e confirmada por Paulo V.

## CAPITULO II

*Impetra-se licença do Geral: escolhe-se sitio:  
dá-se principio ao novo Mosteiro.*

Via-se já o Mestre Fr. João desassombrado dos impossiveis, que tanto ameaçarão os progressos da empreza; queria dispor os meios para a felicidade da conservação della. Media com largas experiencias os caminhos, por onde pouco a pouco se arruinava a observancia: tinha entendido que o humor, e variedade das cabeças afrouxava, ou reprimia a que devia haver nas leis; almas, com que vivião as Monarchias, assim seculares, como ecclesiasticas; e resolveo, que o Mosteiro que tinha entre mãos, passasse immediatamente ás do Geral da Ordem, sem subordinação alguma aos Prelados da Provincia: ou porque aquelle (sem o risco de variar a lei com o governo) he entre nós perpetuo, ou porque nestes he talvez conveniente deputar Vigariõs, antes da devoção propria, que da utilidade da Casa; accrescentando, que as Religiosas desta fossem as que, examinados os talentos da Provincia, propuzessem ao Reverendissimo os que escolhião para o cargo, attendendo a que n'elle devião preceder os mais reformados, e os mais doutos, assim para auctoridade da Casa, como para zelo da observancia.

Era Mestre Geral da Ordem Frei Jeronymo Xavier, natural de Çaragoça (que depois foi Cardeal): achava-se a este tempo no Convento de S. Paulo de Valhadolid; representou-lhe o Padre Mestre Frei João, em nome dos Condes, com carta sua, os intentos de dar hum novo Mosteiro á Provincia (Casa de total reforma, e só a elle subordinada); o dote, que offerecião; a resolução, que tomavão de recolher-se (feito volunta-

rio, e santo divorcio) nos mesmos Claustros Dominicanos; noticias todas de estima para Deos, para a Ordem, e para o Mundo. Passou logo o Reverendissimo patente ao Mestre Frei João, com a comitiva do que lhe propunha, inteirado de sua auctoridade, zelo, e prudencia. Assim veio a ser o primeiro Vigario, que teve a Casa. Traduzida do Latim em Portuguez, diz assim a patente:

«Ao Reverendo Padre Mestre Frei João de Portugal, da nossa Provincia de Portugal, da Ordem dos Prégadores, Frei Jeronymo Xavier de Caragoça, humilde Mestre Geral de toda a mesma Ordem, e servo em Christo, saude. Como nenhuma cousa possa ser para nós mais agradável, que experimentar diante de Deos, e dos homens, que a nossa Religião, que foi instituida, e fundada para a salvação das almas, florece, e faz frutos suavissimos de virtude: estende, e dilata seus ramos no caminho do Ceo, pelos ministros, e fieis dispensadores da mesma Religião; de boa vontade, quando se offerecer occasião de dilatar nossa Religião, favoreceremos tudo quanto pudermos. Por esta razão, entendendo nós que os muito illustres Condes de Vimioso desejão muito fundar Mosteiro da nossa Ordem, dentro nos limites da dita nossa Provincia, dando-lhe bens proprios, que bastem para sua sustentação; por tanto, por auctoridade desta patente, e de nosso officio, damos licença a vós, Reverendo Padre Frei João de Portugal, para levantar, edificar, e instituir o dito Mosteiro de Freiras, como agradar ao zelo, e providencia dos ditos Senhores Condes; querendo, todavia, que nenhuma cousa se estabeleça nesta fundação deste Mosteiro contra as sagradas Constituições da nossa Ordem, nem fóra d'ella, nem que se introduza novidade alguma no habito, ou ceremonias. Mas declaramos sómente, que o dito Mosteiro se funde, levante, e institua com a observancia, e pura guarda de nossas sagradas Constituições, guardando-se inteiramente; advertindo-vos, que procureis que seja fundado o dito Mosteiro com bastante renda, para se sustentar sem pobreza, e falta das cousas necessarias, não encontrando a isto cousa alguma; para fé do que me assinei aqui ao pé d'esta, sellada com nosso sello. Dada no nosso Convento de S. Paulo de Valladolid, aos oito dias do mez de Julho, de mil e seiscentos e cinco.»

*Fr. Jeronymo Xavier.*

Supposta esta licença, applicou o Mestre Frei João as mãos, e os desvelos á obra: mas representavão-se-lhe (e bem) os vagares, com que caminha a que para huma grande duração se levanta dos primeiros fundamentos, ainda com promptidão de cabedacs. Via, que desejos de buscar a Deos não sabem esperar, porque se apagam tudo o que se não adiantão; que os da Condessa, sendo (como crão) verdadeiros, não saberião ser soffridos; que huma resolução contra o voto de todos, tudo o que tivesse de suspensão, se ajuizaria arrependimento. Estas razões lhe aconselharão a promptidão, como alicerce, sobre que crescem bem afortunados todos os edificios, fabricados para agasalhar desejos: não reparou assim, que fossem os principios antes imperfeitos, que retardados, sendo a humildade delles mais propria de gente, que vinha a professal-a, e que antes vinha a edificar com exemplos, que com artificios.

Arrendou humas casas, que abaixo do Convento de S. Vicente de fóra ficão junto ao postigo do Arcebispo, propriedade do Morgado dos Campos, Alvaro de Andrade, de que estava então de posse Ruy Vaz de Sequeira. Erão as casas a proposito para o que se pertendia, por despejos, e largueza: com que a pouca despeza se accommodarão de Ermida; repartirão-se as casas maiores em estreitas cellas; a este estylo as officinas. O enxoval para as primeiras povoadoras não deu muito em que entender, mais que no cuidado de se cercear ainda o preciso, como aquelle, que havia de ficar por molde ás professoras da pobreza, e estreiteza religiosa. Huma barra de taboas, enxergão, e chumaço, mantas de lã, e grosseiro cobertor, huma cruz de páo á cabeceira, cortiça, ou esteirão para assento; hum banquinho tosco de obra, e materia, para accommodar dous livrinhos devotos. Estas as alfaias de huma casa, antes sepultura, que vivenda. Este o ornato, que hoje com o mesmo rigor se continúa.

Preparada assim a hospedagem (para quem não queria achar nella cousa, que divertisse, ou não apressasse a jornada, que se fazia para melhor vivenda) reparou o Mestre Fr. João os inconvenientes, que tinha o conformarem-se as novas Religiosas com o canto da Ordem, porque nem seria facil entre poucas o juntarem-se vozes capazes, e scientes, e convinha menos o facilitar o trato com Mestres. Impetrou dispensação do Geral, para que podessem usar o canto da Capucha, facil, e devoto (como sem regras, ou artificio) usado commummente nas Recoletas do Reino. Foi passada a patente em 3 de Maio de 1626.

## CAPITULO III

*Referem-se alguns vaticinios de pessoas de reputação em virtude, sobre a fundação d'esta Casa: dá-se a razão de intitular-se do Santissimo Sacramento.*

São os vaticinios, e os presagios aquelles prologos, ou preludios, com que começam a dar-se a conhecer os effeitos, que o Ceo destinou para privilegiados; ou as primeiras luzes, com que costumão madruguar as futuras, e grandes singularidades: e aquelles talvez forão os primeiros tropeços da Gentilidade cega, e mal aconselhada ás vozes dos oraculos, em que o pai da mentira lhes auctorisava os enganos. Assim venerava Divindades a seus Monarchas, e Emperadores, anticipadamente promettidos pela boca dos fados, como venerou a Alexandre, vaticinado no ventre de Olynpia, em a figura de huma affouta, e destemida fera (I). Assim se jactava Virgilio da guerreira, e victoriosa gente Romana, augurada em a cabeça de hum bellicoso bruto, casualmente achada nas entranhas da terra.

Mas não nos detenhemos na supersticiosa observação gentilica; passemos á Catholica, donde verdadeiros vaticinios, e mysteriosos presagios começarão a fazer lugar no assombro, e estimação dos homens áquellas cousas, que por grandes ficão sempre fóra da disposição d'elles; dispondo muitas vezes o Ceo o anticipar-lhe a veneração na figura, ou dando a entender no desvelo a valia, a que sobem no seu conceito, ou doutrinando os homens, para que o não fação tão leve, do que talvez não sentem mais que humanamente. Precederão assim áquelles mais que homens (ou elegantes ou mudos) os brados da Providencia, abrindo-lhe caminho entre as estimações da terra. A Samuel, e ao grande Precursor nas vozes de hum Anjo: a Columbano, Santo Abbade, na figura de hum Sol, que illustrava o Mundo: a Villebrordo, Bispo, e Santo, na fôrma de huma Lua, que entre sombras resplandecia: a S. Domingos, antes de nascido, na fôrma de hum rafeiro (jeroglifico Apostolico) com huma tocha na boca, que accendida abrazava a terra; depois de nascido na brilhante estampa de huma estrella, norte para buscar o Sol, ou escondido ás sombras da culpa, ou perdido aos desatinos da cegueira.

Estes os desvelos do Ceo em dar a conhecer, e a venerar os seus

(1) Quinto Curcio, liv. 1.

mimosos, e os seus privilegiados ao Mundo; não faltando com os mesmos presagios á futura producção, e propagação de Religiosas Familias, como admirou o Mundo nas duas Imagens de animosos Athlantes (estes forão Francisco, e Domingos) applicando os hombros a todo o pezo da Igreja, inclinada a fatal ruina; visão permittida pelo Ceo a Innocencio III, Pontífice Maximo, dando-lhe a conhecer, que serião duas illustres Familias o duplicado arrimo, em que o mystico corpo da Militante Igreja descansasse, e se refizesse das forças enfraquecidas no combate das heresias, dos peccados, e dos tempos. Não menos cuidado parece, que custão á Providencia de Deos as fabricas sagradas, como berços, e como aulas em que se crião, e adestrão os espiritos seus mimosos, e triumphadores do Mundo. Com similhautes prerogativas havia este de admirar a nova Casa do Sacramento; e dispoz a Providencia, que começassem os vaticinios a ser recommendações para a veneração da terra, como testemunhos do que a estimava o Ceo. Foi hum delles o seguinte.

Ficara viuva do Conde de Atouguia Dom Luiz de Ataíde (o grande, o temido, o sempre victorioso com a espada, e bastão, que duas vezes empunhou no Imperio do Oriente) a Condessa sua mulher Dona Isabel da Silva, moça rica, e tão mimosa do Ceo, como desenganada de que valia mais huma mortalha voluntariamente escolhida, que toda, e a maior riqueza; e que huma voluntaria sepultura era verdadeira urna do Fenix, em que só se consumia a idade para melhor vida. Hum, e outro interesse, o da sepultura, e o da mortalha, pertendeo, e conseguiu, entrando no Mosteiro da Madre de Deos, bem celebre com o nome de ob-servante; mas ao tempo que esta senhora dispunha a sua entrada, ou praticava a resolução della, teve aviso de huma pessoa de grande espirito, que se dispuzesse a hum certo lucro de sua alma, esperando por huma nova fortuna, porque tinha Deos revelado a certa pessoa mimosa sua, que n'estes Reinos de Portugal se havia de levantar cedo hum Mosteiro do Patriarcha S. Domingos em fôrma de recoleta, e que as tres primeiras pessoas, que fossem auctoras da fundação, terião tres coroas no Ceo. Não tardou muito a fundação desta Casa em auctorizar a profecia. A mesma Condessa a tinha communicado; testemunharão as Religiosas do Mosteiro que assim lho tinhão ouvido; guarda-se o testemunho dellas (como de pessoas de tanta reputação) no deposito da Casa, ainda que sem noticia da pessoa, que crececo ao Ceo aquella anticipada; por

que secretarios de similhantes segredos fazem tanto pelos merecer, como por se não descobrir.

Achava-se em Madrid o Mestre Frei João de Portugal, no Convento de Nossa Senhora de Atocha; era já a tempo, que tinha commissão do Reverendissimo para a fundação d'este Mosteiro particular, que communicava com algumas pessoas de espirito; foi huma d'ellas o Mestre Frei Melchior Cano, Religioso da Ordem, de grande reputação em letras, e virtude (de cuja vida, milagres, e profecias, ha já historia impressa). Alegrou-se o servo de Deos, e com singulares demonstraçoens de alvoroço disse ao Mestre Frei João que nada lhe podia dizer de maior consolação, porque estas fundações novas erão como hums jardins de flores de inextimavel fragrancia. Não sabirião da boca de tão grande espirito similhantes palavras (e com taes circumstancias) só como conjectura; parece que as podião ter de profecia.

Caso de igual ponderação succedeo ao Padre Mestre com hum Religioso da Ordem Serafica, na sua recoleta de Villa Franca, na mesma Provincia de Castella. Via-se affligido com alguns embarços, que promettendo dilacões, parece que davão lugar á contingencia na importancia da fundação, não perdoando elle a desvelo para destruil-as; e communicando-o com o Religioso, elle lhe respondeo de sorte, que o Mestre Fr. João houve de entender mais da reposta; porque com resolução lhe affirmou que não haveria embarço, que impedisse a fundação do Mosteiro; passando a tocar algumas cousas futuras, que depois mostrou o successo o conhecimento, com que forão ditas: tudo pesou, e soube pesar o Mestre Frei João, assim pela destreza de saber avaliar espiritos, como porque o deste Religioso lhe tinha grangeado naquellas partes a reputação de Santo; chamava-se Fr. Francisco Malion. Assim parece que se agradava Deos daquelle pequeno rebanho, a que tinha promettido o Reino, dispondo tambem que cá na terra tivesse, como de casa, aquelle milagre, que he o penhor d'elle, como se vio no brazão titular, que teve o Mosteiro, chamando-se *Casa do Santissimo Sacramento*, com circumstancia não para esquecer.

Resolvía-se o Conde de Vimioso Dom Luiz a esta fundação a tempo que Dona Filippa sua irmã (que se recolhera em Santa Catharina de Sena em Evora) intentava (levada de interior impulso) passar-se á recoleta da Madre de Deos em Lisboa. Advertia-lhe o Conde seu irmão, que visto se resolver a abraçar vida austera, e mortificada, tinha de casa o

que podia desejar no novo Mosteiro, de que elle era fundador, e brevemente intentava pôr em execução: ao que respondeo Dona Filippa, que ella lhe dava palavra de não fazer outra escolha, se entrevisse huma circumstancia (para ella de maior estima) que era o intitular-se o Mosteiro do Santissimo Sacramento. Esteve pela condigão o Conde, não obstante o estar já divulgado o titulo *de Santa Catharina de Lisboa*, em reconhecimento de lhe dar aquella Santa para fundadoras as filhas da sua Casa de Evora.

Era Dona Filippa de Portugal (mostrou-o melhor depois no novo Mosteiro, para que veio logo) devotissima daquelle maior compendio dos milagres, pão dos anjos, e dos homens; e dispoz o Ceo pagar-lhe aquelle affecto, trazendo-a ao rebanho, a que com a singularidade do titulo parece que permittia, como mais proprio, aquelle soberano pasto para alimento de melhor vida, e singular patrocínio d'aquella Casa; como se desempenhara agora n'ella o que por boca de seus Profetas promettera ao seu povo mimoso (não já o Israelitico, mas o Catholico, e em todo elle a esta pequena parte da familia de Domingos) que o que fugisse dos grillhões do Mundo, viveria na Casa do trigo sagrado, crescendo como fecunda vinha, e derramando por todos os seculos as fragancias de sua memoria: *Vivent tritico, et germinabunt quasi vinea, memoria ejus, sicut vinum Libani* (1). Parece que este foi tambem hum dos vaticínios, que quizerão anetorizar esta Casa, descuberto no titulo, que lhe dispoz a Divina Providencia.

#### CAPITULO IV

*Vem para primeiras fundadoras do Mosteiro, e entrão n'elle Religiosas do de Santa Catharina de Sena de Evora; dá-se noticia de quem forão.*

Achava-se o Mestre Frei João de Portugal sem mais embaraço para hospedar n'aquella pobre clausura os espiritos, que se sacrificarão a ella, que a escolha de primeiras Mestras d'aquella nova vida. Tinha já do Reverendissimo Frei Jeronymo Xavier outra patente para poder tirar de qualquer Mosteiro d'esta Provincia aquellas Religiosas, que livre, e espontaneamente se offerecessem para a nova recoleta, e para poder pôr preceitos, e censuras a toda, e qualquer pessoa da Ordem, que lhe

(1) Osee cap. 14. v. 8.—Da Eucharistia e das almas, que buscão a Deos deixando os laços do mundo. *Et commum nos Expositores.*

embarçasse, ou impedisse, e com commissão para eleger primeira Prebenda. Com esta authoridade tirou do religioso, e reformado Mosteiro de Santa Catharina de Sena de Evora tres Religiosas, e huma Novça, de tanta capacidade, que criadas n'aquelle berço da observancia se achavão com espirito para estreital-a. Erão Soror Isabel de Jesus, não só huma das mais reformadas, mas tida por mulher de vida inculpavel, e santã; Soror Joanna Baulista, com tão bom nome de virtude, e zelo, que correndo o tempo, foi Priorosa; e Soror Filippa de Jesus, sua irmã, de não inferiores prendas, filhas ambas de André Bugalho Sodrinho, e de Dona Damiana Pereira de Savelo; era a Novça Filippa do Santissimo Sacramento, natural de Lishoa, filha de João Vaz Rebello, e de Maria de Lemos, tudo gente conhecida, e nobre. Acompanharão a estas Leonor Pires Rosada, já viuva, filha de Antonio Rosado, e Cecilia de Soure, lavradores honrados, e ricos em S. Miguel de Machede, no termo de Evora, e huma filha sua, Cecilia de Soure, assim mãi, como filha, para serem Conversas.

De Evora até Lisboa as acompanhou o Mestre Frei João, e outros Religiosos graves; as duas, que havião de ser Conversas, se recolherão logo na Casa nova para preparaçã, e aceio d'ella. As Religiosas ficarão no Mosteiro do Salvador, assim por mais visinho ao novo, como por Casa da Ordem, e merecedora de taes hospedas, por reformada, inda que já enfraquecido o primeiro vigor, em que tiverão poder os annos, grandes arruinadores de santos edificios. Alli estiverão o dia, que chegarão da jornada, até á tarde do seguinte, em que se recolherão ao novo Mosteirinho, deixando aquella Casa edificada, como saudosa; tal era o seu exemplo, tal o seu trato! He verdadeiro iman a virtude, attrahe com brandura, sem ainda lhe repugnar a dureza. Quanto mais, que não achava n'esta Casa estranhezas a primeira reforma, como a que já fôra centro d'ella; antes erão aquelles encontros poderosos fazis, que ferião frias pederneiras a tirar faiscas de santa inveja. Foi o dia em que se recolherão, o nono de Julho de 1607, e oitavo da Visitaçã.

Ao sabir do Salvador as Religiosas, deixados os habitos, que trazião de Evora (como mais mimosos, por serem de estamenha) e amortalhadas em hum burel branco, ou grosseira grizé, toalhas de linho estiradas, e sem artificio, lançarão compridos, e tapados veos sobre o rosto, com que não só servirão de novo spectaculo ao povo (que concorreo a vê-las) mas forão poucos os olhos, que lhe não pagarão em lagrimas aquelle

desengano, que lhe lião dando mudas. Com a Commuidade de S. Dominges concorreo muita uobreza a acompanhar-as, assim em obsequio do Conde, como em veneração de taes hospedas. Recollidas ao Mosteiro, foi a primeira acção lançar o Vigario o habito ás duas Conversas. Chamou-se a mãe Soror Leonarda da Assumpção, a filha Soror Cecilia dos Anjos, gente singela, e criada no campo, que depois se fez lugar no das virtudes, e agora o merecerá particular n'estes escritos. Assim principiou a nova recoleta com tres Professas, e tres Noviças.

Mas não deixe de entrar nas memorias d'este dia hum successo, que sem duvida o deixou mais glorioso, e o apadrinhia mais lembrado. Como toda a ancia d'aquella santa familia era vêr-se sepultada, nenhum cuidado lhe levou o tratar-se como viva. Assim se recolherão sem provimento para a mais limitada colação d'aquella noite; em casa não houve quem o dispuzesse, menos de fóra quem o advertisse, porque o Mestre Frei João se tinha recolhido ao Convento com a Commuidade. Mas já erão aquelles espiritos os castos lirios do monte do Sacramento, que crescião, e se alimentavão sem cuidado proprio, porque o Ceo era o que se havia de desvelar no seu sustento (1). Parece que assim o mostrou o successo. Não as assaltou aquelle, porque não tinha mais que ser anticipado aos que todas vinhão buscando; forão-se ao coro a dar graças ao Senhor por aquelle primeiro nimo; e continuarão-nas por outro; porque ao mesmo tempo acodindo ao sinal, com que chamavão á portaria, acharão a huma mulher de estado humilde, que visinha ao Mosteiro, e affeiçãoada á nova visinhança (tal era seu bom coração, e singeleza) vinha saber se necessitavão de alguma cousa. Soube da falta, e com boa diligencia lhe trouxe algum pão, acompanhado de cousa tão ligeira. como baseada aquella hora.

Assim hospedou Deos aquella noite as novas esposas em sua Casa, como dando-lhes a entender que já começavão a gastar do dote da pobreza. Chamava-se a mulhier Domingas Francisca, que (como se a penuria soubesse ser negaça) não sahio mais da portaria, deixando sua casa pelo interesse de servir nesta; o que fez em quanto lhe durou a vida, deixando ao Mosteiro por sua morte huma herança tão pobre, que só lhe deu aquelle nome a vontade. No dia seguinte á entrada se expoz o Santissimo na sua Ermida com Missa cantada, e Sermão, que servio as-

(1) *Acervus tritici vallatus lilus. Cant. 72.*—*Considerate Lilia quomodo crescunt, non laborant. Luc. 12. 27.*

sim de edificar os ouvintes, como de accender os corações das novas observantes, para dar graças ao Ceo de se verem no centro d'aquelles espinhos, que elle sabe trocar em flores, para immortaes grinaldas de espiritos penitentes.

Estes forão os pequenos alicerces, de que começou a crescer o grande edificio, que tão brevemente se avizinhou ao Ceo; este o mysterioso, e apoucado grão de mostarda, semeado naquelle cantinho da terra, de que brotou a fermosa arvore da observancia Dominicana, em cujos ramos começarão a fazer voluntaria habitação tantas aves celestes, ou tantos espiritos obedientes. Finalmente este, o pequeno, mas Real cubiculo em que o Esposo Rei introduzio as almas justas, banqueteadas com a mais suave das ignarias, dando-lhes seu Corpo para sustento, e a Casa da Eucharistia para domicilio, de que pôde jactar-se entre perennes jubilos este Sagrado Coro de esposas, lembrando-lhes este dia, como o em que receberão da liberalidade do Esposo tão sinalada fineza: *Introduxit me Rex in cellaria sua: exultabimus, et letabimur in te, memores uberrum tuorum* (1).

#### CAPITULO V

*Elege-se a primeira Prioriza do Mosteiro: acodem Religiosas de outros, tomão o habito Dona Filippa de Portugal, e a Condessa fundadora.*

Era tempo de dar cabeça áquelle corpo mystico (ainda que pequeno) para que começasse a respirar nelle a nova vida da observancia nos exercicios da obediencia. Havia de ser a primeira Prioriza creação do Padre Mestre Frei João, como verdadeiro, e absoluto Vigario da Casa n'esta Província; não lhe dava cuidado o buscar, senão o escolher: assim erão iguaes as virtudes, e as capacidades das novas subditas para a prelazia, que só a humildade religiosa, e observante, emmudeceria a queixa ao merecimento das deixadas, e só a obediencia levantaria a maior lugar a preferida. Foi esta a Madre Sor Isabel de Jesus, não só por mais antiga, mas por dotada de huma singular singeleza, e brandura, partes grandes fomentadoras de novas reformas, e muito a proposito para levar adiante o rigor dellas, suavizado no genio tratavel de quem mandando para desempear o cargo, accompanha para facilitar com o exemplo.

Já começavão de levantar-se as vozes do que davão as novas obser-

(1) Cant. 1.

vantes, não só espalhadas pelos ouvidos da Corte, mas recebidas, e bem aceitas nos dos outros Mosteiros, soando mais persuasivas nos corações das mais reformadas nelles. Virão-se notaveis effeitos; do da Annunciada (tambem da Religião, e hum dos mais graves, e reformados della) sahio Soror Victoria da Cruz, trazida de santa emulação de querer tambem pizar aquelle novo atalho, que na terra se tinha descuberto para o Ceo. Do de Aveiro trouxe a mesma resolução a Madre Sor Catharina dos Martyres; e não sendo menos efficaz nos pertos, que nos longes aquelle mudo pregão da virtude, apressou a Dena Filippa de Portugal, irinã do Conde fundador Dom Luiz, para entrar por aquellas pobres, mas venturosas portas, tão despida do que lhe podia offerecer, e tinha offerecido o Mundo, como acompanhada do muito que lhe dera o Ceo, não sendo o de menos valor hum claro, e comprehensivo entendimento, com bastante noticia da Latinidade, de que se valeo para a das Escrituras, de que tirou o thema, que nesta occasião deu ao Mestre Vigario para a pratica, que lhe fez na entrada. Foi o verso 13 do Psalmo 65. *Introibo in domum tuam in holocaustis: reddam tibi vota mea, quæ distinxerunt labia mea.* Como se dissera: *Entrarei, Senhor, a ser victima nos Altares de vossa Casa, e desempenharei comvoso a minha promessa.* A que tinha feito (atrás fica dito) de entrar nesta Casa, vinha cumprir agora com tanto alvoroço, como quem assim estendia os olhos á paga, que esperava, como os passos á que fazia.

Não soffrião os Condes fundadores ver que se lhe fossem adiantando aquelles espiritos, a que talvez a sua resolução dera exemplo; já lhes parecia omissão o não, tomar-o, sem se quererem valer para a desculpa de detidos, da de irem rompendo o caminho por entre embaraços. Parecia-lhes contemporizar com o Mundo, o escutar aquelles, ainda as mais reconhecidas difficuldades; romperão hum dia com todas, e mandando levantar antemanhã toda a familia, recolhidos com ella a hum Oratorio, e feita oração, abraçada a Condessa com huma Cruz, e nas mãos hum Rosario, voltando-se aos filhos com hum animo varonil, e espirito abraçado (de que parecião fâsceas as palavras) lhes disse as semelhantes palavras:

«Bem sei que o mundo chamará a esta resolução despegno: e não deixará eu de consentir na opinião do Mundo, se as luzes de Catholica me não ensinarem, que sendo Deos o centro das creaturas, nunca obrão

ellas com mais razão, que quando buscão este centro. Sei que vós outros sois pedaços da alma: e querer salvar este todo, nunca pôde ser violencia para as partes d'elle. Deixar-vos, por buscar a Deos, he pôr-vos nas mãos de Deos: e melhorar-vos de pai, não he privar-vos de mãe. Em não teres na mãe a assistencia, tendes no pai o remedio; e não hides a perder nada, se he á custa de grangear tanto. Deos, que vos tira dos meus braços, he para vos não tirar dos seus olhos; vede lá quanto mais valem os seus olhos que os meus braços. Não podeis duvidar aquelle mimo, se olhais para a minha resolução; porque, sendo Deos tão justo, e tão igual, nada perderei por amor d'elle, que elle não conserve por amor de mim. Lembrem-vos que vos eriei com todos os desvelos de mãe; só o vosso procedimento quero por paga deste trabalho; e se o vosso nascimento, e o vosso ensino vos executão a ser bem procedidos para o Mundo, hoje, para que o sejais para Deos, vos dá o meu exemplo melhor ensino. Não podia eu fazer mais com assistir-vos, do que o que faço em deixar-vos; que o que vai de ensinar-vos a agradar ao Mundo a servir a Deos, he o que vai do ensino, que já vos dei, ao exemplo, que hoje vos dou: e se vos deixo melhor ensino neste exemplo, muito melhor mãe vos escolho quando vos deixo. A Virgem do Rosario he vossa mãe; isto quero que vos lembre desta despedida: que com o Rosario na mão vos lancei a ultima benção. Faça-vos a minha lembrança devotos; que a sua devoção vos fará seus filhos. Lembrem-vos que sois irmãos, e Catholicos, para que vos ameis huns aos outros, e todos a Deos. Elle, que me leva dos vossos olhos, permittirá que os meus vos vejam em sua presença. Espero que façais por merecel-a, e que este sacrificio me facilite o caminho, por que a busco. Filhos, ficai, a Deos!»

Assim callou, que já os olhos se lhe começavão a humedecer aos gritos do sangue, escutados com estranheza da resolução, e da constancia. Com a mesma voltou ao Conde (que tambem a escutava) e despedindo-se d'elle com hum inclinação, passou a metter-se em hum coche com seus dous cunhados o Mestre Frei João, e Dom Nuno Alvares de Portugal. Era o caminho, que levavão, de Sacavem para Lisboa: e querendo o Mestre Frei João passal-o, confirmando a acção da Condessa, advertindo-lhe que parentes do Mundo (dizia-o especialmente por seu pai, e seu tio) sobejavão a quem lha buscar a fraternidade religiosa, onde se não reconhecia mais pai. que Deos, que o era verdadeiro, accendida ella em hum novo fervor, rompeo assim o silencio:

«Que me querem meus parentes? Satisfazel-os hei a elles, desobedecendo a Deos? A Deos, que me chama, e obriga com tanta efficacia, que sempre conhecia que era impossivel a resistencia; e não cuidei alguma hora em fazel-a, que me não assaltasse a medonha representação de hum grande, e escuro poço, que diante dos olhos se me abria com hum ameaçador, e profundo Inferno. Pois se a disposição he Divina, como chamão a isto culpa, e minha? Custe-me embora o passar a vida em desconsoações, e em lagrimas a representação inculpavel, e natural (que bem sei que sou humana) de deixar o Conde, e meus filhos (que emfim são pedaços do coração). Deos, que o está vendo, me dará constancia, e esta a coroa. Se viver chorando, morrerei rindo.»

Com semelhantes praticas, fomentadas do grande espirito do Mestre Frei João, chegarão a Lisboa, buscarão o Mosteiro, e entrou a Condessa recebida nos braços, e alvoroços daquella santa companhia, sendo mais poderosa a edificação de a ver, e a ouvir, para lhe soltar as lagrimas, que a dor, com que a natureza havia tão pouco a convidou a ellas. Mas antes que vejamos a Condessa abraçando esta suspirada mortalha, não he para esquecida a advertencia de que fundado, e dotado este Mosteiro pelos Condes, e pertencendo-lhes o titulo de Padroeiros, e a Capella mór delle, entendendo que esta superioridade seria embaraço para que algumas familias nobres se não recolhessem no Mosteiro, fizeram generosamente desistencia de tudo, como consta de humma escritura (que por dilatada a escusamos desta) feita aos 18 dias de Julho de 1607. e se guarda no Mosteiro; em que expiicão que a nenhuma pessoa, de qualquer qualidade, se dê o dito titulo, ou Capella mór, e sepultura nella; o que feito, tornará á Casa dos Condes. o padroado.

Dilatou-se por alguns dias que a Condessa tomasse o habito (erão esperanças de que se reduzisse ao consentimento o Conde seu pai, e o Arcebispo de Lisboa seu tio): mas, ainda que sem elle, começou logo a provar a mão nos empregos da humildade, servindo na cosinha, e mais officinas do Mosteiro com tanto gosto, como se andara merecendo o executal-o por preceito. Não lhe tardou muito: tomou o habito em 23 de Agosto de 1607. Chamou-se Soror Joanna do Rosario, e começou logo a tratar-se como escrava na mesma Casa, em que era Senhora: mas tão contente, e satisfeita, como quem alcançava que naquella mortalha, que a cingia, estavam as mantilhas em que começava felizmente a respirar

para a immortalidade. Já conhecia berço o que lavrara sepultura; porque já fóra do Mundo entendia ás vessas do que elle ensina. Como diria que fabricava berço para melhor vida quem visse a Fenix ajuntando os materiaes odoriferos para a fogueira? Aos raios do Sol fabrica este altar, como se feridos dos seus raios, se lhe abrissem os olhos, para conhecer, e diligenciar aquelle venturoso futuro. Sobre o altar, que Sor Joanna levantara ao Sol Eucharistico, se começava a abraçar Fenix entre as lavaredas, que o mesmo Sol lhe ateara no peito; e já parece que dizia illustrada, que no ninho, que edificara, acabaria a vida para multiplicar-a discreta, e venturosa Fenix (1). Permitta-se-me esta breve reflexão, onde o grande da materia podia dispensar com o despido da Historia, o raro suspender a velocidade da penna.

Não foi menos prompto, e exacto o Conde (já neste particular fica nestes escritos noticia delle) porque sem liberdade para pôr em execução o seu voto, como ligado á satisfação de algumas dividas, se retirou á recoleta de Bemfica. Compostas ellas, tomou o habito em Almada. Assim ficarão estes Senhores offerecendo a Deos hum Templo, e dous sacrificios. Aquelle de suas fazendas, estes de suas pessoas.

## CAPITULO VI

*Mostra-se a separação, que este Mosteiro tem da Provincia, com sujeição immediata ao Geral da Ordem.*

Supposto vêrmos já o Mosteiro não só povoado, mas correndo com toda a observancia, e a maior da Provincia, não parecerá escusada noticia (como circumstancia conservadora daquella observancia) o mostrar como he sujeito immediatamente ao Geral, com Vigario dado por elle, e independente dos Provinciaes da Provincia; esta singularidade, e privilegio lhe alcançou o Mestre Frei João seu fundador, em nome dos Condes, sendo elle o primeiro Vigario, que reconheceo a Casa, com poderes para fundação, e administração della, como consta da patente do Reverendissimo Xavier.

Assim começou o Mestre Fr. João a executar o officio de independente. Escolheo para Confessor das Religiosas o Mestre Frei Aleixo de Setuval (Religioso exemplar de conhecidas letras, e opinião de virtude)

(1) In nidulo meo moriar: et sicut Phenix multiplicabo dies meos. Job. 29. 11.

que depois de servir a Deos, e a Religião na conversão das almas na India, voltou para a Provincia, como benemerito filho d'ella. Fez Capellão; e como Prelado de todos, visitava assim Frades, como Freiras, punha preceitos, e censuras, ministrava todos os Sacramentos, recebia ao habito, fazia profissões, confirmava Preladas, e delegava poderes, como lhe succedeo em tres, annos. que foi Prior de Bemfica, e dous, que gastou na Corte de Madrid (a que foi a importancias maiores) deixando em seu lugar ao Confessor, com algumas limitações no poder, como não fazer outro Confessor ordinario, não visitar, não pôr preceitos, não receber ao habito; não fazer profissões.

Mas nada bastava a callar os escrupulos (guiados difficilmente de bom zelo, onde a materia trazia consigo, quando não lucro, ao menos respeito) que instavão em que já se devia entregar a administração do Mosteiro aos Provinciaes da Provincia, como fundado nos districtos d'ella; explicavão, que a patente do Vigario espirára com a fundação; que não tinha aquelle tantos poderes como exercitava, porque nem os Provinciaes os tinhamão tão amplos, e absolutos.

Estas as instancias; mas erão tão claras as repostas, que bem mostravão, que o escrupulo tinha mais de inveja, que de duvida, e o abraçar-se com ella, menos de zelo, que de teima. Quanto a que o Mosteiro pertencia ao Prelado da Provincia, por fundado nos districtos d'ella, era falso, porque Prelados de Religiões não tem districtos como Bispos, e estes muitas vezes são nacionaes, e não locaes. Mas melhor exemplo em Napoles, onde a Provincia de Lombardia tem Conventos, que governa. Espirarem os poderes da patente com a fundação, fôra a declarar-se assim n'aquella, e não vindo absoluta, quando não quizesse-recorrer o Vigario a que ainda restava a fundação do Mosteiro, porque até alli era huma Casa de emprestimo. Aos poderes amplos pôde dal-os o Geral, e aos delegados costuma dar todos os que pertencem á fundação, que se intenta, exceptuando os que expressamente limita.

Mas como o Padre Mestre Frei João não queria, que a virtude andasse em opiniões, e disputas, onde cada hum havia de sustentar a sua duvida, ou por capricho, ou por respeito, recorreo ao Geral (era o Mestre Frei Agostinho Galatino, successor do Xavier) que por patente sua, expedida em 29 de Dezembro de 1609, confirmou a passada, mandando, que continuasse com o mesmo estylo de governo até alli. Huma, e outra

patente confirmou o Colleiitor por huma provisão, que para maior prova vai aqui lançada, e traduzida vem a dizer :

«Octavio Accorombono, por mercê de Deos, e da Santa Sé Apostolica, Bispo de Fossombruno, Colleiitor Geral, e Apostolico, com poderes de Nuncio nestes Reinos, e Senhorios de Portugal. A quantos esta Provisão virem, fazemos a-saber, que havendo respeito ao que a Madre Prioriza, e as Religiosas do Mosteiro do Santissimo Sacramento dizem, e outro si, o que o Reverendo Padre Provincial da Ordem de S. Domingos, nesta Provincia de Portugal, dá em reposta, *auctoritate Apostolica* a nós concedida, e de que usamos nesta parte, confirmamos, e approvamos as patentes, que os Reverendissimos Padres Geraes da dita Ordem, em favor do Reverendo Padre Mestre Frei João de Portugal, sobre a fundação, instrucção, administração, e governo do dito Mosteiro passarão; e mandamos em virtude de santa obediencia, e sob pena de excommunhão *ipso facto incurrenda*, aos inferiores dos ditos Padres Geraes, a que pertencer, e a cada hum d'elles *in solidum*, não encontrem em modo algum as ditas patentes, por si, ou por outrem, *directe, vel indirecte*; antes em tudo as cumprão, e guardem, e fação inteiramente cumprir, e guardar, como n'ellas se contém. O que tambem o dito Padre Mestre Frei João de Portugal, debaixo das mesmas censuras, cumprirá, e guardará, como fez até o presente. Dada em Lisboa sob nosso sinal e sello, aos 17 dias do mez de Dezembro de 1615.

*Octavio Accorombono Bispo Fossombruno.*

Vindo depois o Reverendissimo Frei Serafino Silo visitar esta Provincia de Portugal, e celebrar Capitulo geral no Convento de Lisboa em 1618, tornarão alguns Religiosos a propôr as mesmas duvidas sobre este Mosteiro, e seu Vigario. Visitou-o o Geral, e tocando com a experiencia a reforma, e estylo de vida, e governo de seu Vigario, mandou pôr as duvidas em perpetuo silencio, e que o governo fosse continuando, acrescentando por nova patente, que succedendo falecer o Vigario, ou tirar-se por algum incidente, o Confessor continuasse no governo, até o Geral prover de Prelado novo. O Geral Marinis concedeo, e ordenou despois o mesmo.

Correndo o tempo, eleito Bispo de Viseu o Mestre Frei João, e suc-

cedendo-lhe na Vigairaria o Mestre Frei André de Santo Thomás, não bastarão todas suas letras (que erão grandes, e bem conhecidas) a resgatal-o dos antigos escrupulos na administração do Mosteiro, independente da Provincia; ou porque olhava menos para o que sabia, que para sua consciencia, ou porque a pouca ancia de governar o levava a reconhecer embaraços d'onde os não havia. Recorreo ao Colleiitor (era neste tempo João Bautista Paloto, que depois foi Cardeal) que satisfazendo-lhe ao escrupulo, o mandou continuar no governo. D'elle o tirarão para Lente de Prima da Universidade de Coimbra, e em seu lugar foi eleito o Veneravel Padre Mestre Frei João de Vasconcellos, por patente do Reverendissimo Rodulfo, em 27 de Março de 1635, estendendo-lhe o poder a reformar o Mosteiro, se fosse necessario, e a fazer (sendo assim conveniente) Visitadores alguns Religiosos graves.

D'estas resoluções, e patentes consta bem, como a eleição de Vigario, com poder amplo, isenção, e governo de Mosteiro, he tudo firme, como reconhecido, e confirmado por quatro Geraes, mostrando bem o acerto de se conservar neste privilegio a continuada reforma, e observancia, sem afrouxar por espaço de quasi hum seculo até o tempo, que escrevemos, antes avultando e florecendo como Seminario de virtudes, e fecundo campo de castissimas flôres, leito em que descansava o Sagrado Esposo das Virgens, horto fechado, em que se apascenta o Cordeiro Eucharistico, venerado dos tempos, como eterno deposito da primeira graça.

## CAPITULO VII

*Da Madre Soror Isabel de Jesus, huma das fundadoras,  
e primeira Prioriza d'este Mosteiro.*

Conhecida já a exacta observancia d'esta Casa (restauradora n'estes ultimos tempos d'aquella primeira, com que o grande Patriarcha d'esta familia deu principio á clausura de suas filhas de S. Xisto em Roma) segue-se a noticia das venturosas povoadoras d'ella, em quanto nos não chama a obrigação de descrever a em que se melhorarão de vivenda, por ser preciso o ir esta memoria no mesmo lugar, e anno, em que se lhe acabou a vida. Foi a Madre Soror Isabel filha do Doutor Francisco Nogueira de Brito, e de Cecilia de Soure Cogominha, nascida e criada em Evora, berço não menos de sua vida, que de sua virtude. Assim madra-

gou o Ceo a encaminhal-a para si, e por hum tão novo caminho, que dando-lhe hum genio brando, e afeiçãoado áquellas cousas, em que elle costuma criar huma estampa sua (na natural perfeição da fermosura) esta a levou a saber estimar a verdadeira.

Sendo muito menina, e vendo em casa a imagem de hum Christo crucificado (e notavel fermosura da imagem) assim se cativou d'aquella fermosurã, que nada lhe levava mais os olhos, e os agrados, que ella. Seria herança d'aquelle grande filho do mesmo pai, o Taunrurgo de Entre-Douro, e Minho, que dos braços da ama passava com ancia aos de hum Crucifixo, bebendo pelos olhos n'aquelle sagrado sangue melhor vida, que a que desprezava no leite. Cresceo com os annos em Soror Isabel o conhecimento: entrou o da Fé no da doutrina christãa, e alcançou d'ella, que aquelle era o retrato do mais fermoso entre os filhos dos homens, e que aquella era a representação da fórma, em que dera a vida por elles.

Passou-se a sympathia a razão, o genio a agradecimento, com huma tão santa tenacidade de querer, e contemplar a sobrenatural fermosura, que alli se representava, que fazia muito por estar só, ou em silencio (na occupação honesta da sua almofada) por se lhe representar, que alli merecia affagos, e favores d'aquelle esposo, que estava com os braços abertos para elles (assim o contou com singular singeleza, sendo já Religiosa, a huma de conhecido nome, com quem praticava cousas de seu espirito.) Não soffreo o de Soror Isabel o dilatar a mão de esposa a quem estendia o braço para lhe dar a sua, e n'ella a melhor corõa; celebrou os desposorios, tomando o habito em Santa Catharina de Evora. Alli começou a gostar com mais socego das suavidades da vida contemplativa: achava-se no centro, porque assim começãra a respirar a sua, e assim se lhe trocou n'ella a contemplação em natureza, porque tiradas as horas do coro, e precisas obrigações do Mosteiro, o mais do dia passava em oração, estendendo-a á maior parte da noite.

Com o cargo, e obrigações de Prelada (passada a este Mosteiro novo) perdia com magoa sua muita parte d'esta delicia de seu espirito, e assim se deixava levar d'este santo socego d'elle para o recolhimento, e pouco trato (inda do que tocava ao commodo humano da Casa) que advertindo-lhe o seu Vigario o Mestre Frei João (que sabia muito de sua consciencia): «Que era necessario, que a Prelada fosse menos recolhida, assim para examinar, e remediar defeitos, como para ser exemplar de

perfeições, para que as Religiosas ollassem, não só como subditas, mas como discipulas:» respondia ella com humildade, e singeleza: «Eu bem protestei a Vossa Paternidade, que era huma bruta: e Vossa Paternidade me disse, que á sua conta tomava o encaminhar-me; veja como sou incapaz, que não sei aprender, quanto mais ensinar?» Assim mostrava molestia, quando lhe lembravão o nome de Prelada, respondendo ás Freiras: «Andai, andai, que eu não sou Priora; sou huma brutinha.»

Raro sobre tudo era o seu silencio; o amor d'este lhe fazia ainda mais penoso o officio, que não só a tirava muitas vezes da cella, mas a obrigava a fallar em cousas pertencentes á Casa. Como para ella não havia mais vida, que a do espirito, não reconhecia mais idioma, que o do silencio. Caritativa, não havia miseria, ou desamparo do proximo, que lhe não ferisse o coração: assim parece, que lhe estalava este, ou lhe não cabia no peito, com a ancia de pedir a Deos por alguma necessidade, e muito mais de espirito. Dizia (e bem) que esta era maior importância. Se da parte de Deos se lhe pedia, toda a sua afflicção era o imaginar-se indigna de escutada, obrigada a não faltar ao respeito, por que se lhe pedia. Testemunhava o seu Confessor d'esta penosa batalha de sua alma.

Se compassiva, não escutava miserias sem lagrimas nos olhos, não os punha nunca sem ellas nas pinturas, ou sagradas imagens da Paixão de Christo; mas consigo tão esquivada, e austera, que costumava dizer, que não sabia como havia de morrer, porque não tinha necessidade alguma, em que Deos lhe provasse a paciencia; que o sustento era bom, e sem falta (este nome dava á pobre refeição religiosa de pescado, e herbas, aquelle communmente secco, estas poucas vezes mimosas) que andava contente, e abastada, que assim mal se podia consumir a vida. Era a sua ancia, que ella se lhe acabasse, e julgava, que naquella trato tinha largo arrimo, como se ella com o jejum, a oração, e a disciplina, tudo continuado, se não fosse enfraquecendo; mas pagava-lhe Deos esta alegria, com que vivia rica na pobreza de sua casa, com as espirituas consolações, de que sempre abundou esta.

Vivia ainda esta Madre na de Santa Catharina de Sena de Evora, onde tambem erão Religiosas as irmãs do Mestre Frei João de Portugal, que de huma grave enfermidade estava em Lisboa sem esperanças de vida. Choravão as desconsoladas irmãs, esperando cada hora a ultima noticia, quando entra por huma caza, em que estava huma dellas (a Madre So-

ror Joanna Bautista) a Madre Soror Isabel, que com extraordinaria alegria repetia muitas vezes: *Vida, vida, ha de river, ha de river*. Tinha-lhe pedido muito a Madre Soror Joanna, que encomendasse a Deos a saude de seu irmão; parecia-lhe estylo de quem lhe metia animo de não esperar más novas, mas instava com ella, que lhe explicasse a causa de tão alegre, e repentina promessa. «Sabei (lhe respondeo a Madre Soror Isabel mais de singela, que de importunada, ou porque permittio Deos, que se soubesse aquelle favor, que fizera á sua serva) que estando no Coro só, e em oração, ouvi dizer claramente: *Castigans castigavit me Dominus, et morti non tradidit me.*» (He o verso 18 do Psalmo 117, e val tanto como: «Castigou-me o Senhor, castigando-me; mas não me entregou nas mãos da morte»). Succedeo assim; melhorou o irmão Frei João desde aquelle dia, de que não tardou a nova.

Mas maior favor o que o Senhor lhe fez em outra occasião na mesma Casa. Achavão-se nella enfermas, e perigosas as duas irmãs do Mestre Frei João (que depois, como fica já advertido, vierão para Fundadoras deste Mosteiro) as Madres Soror Joanna Bautista, e Soror Filippa de Jesus; assistia-lhes na doença outra irmã, também Religiosa, a Madre Soror Maria Pereira. Lastimava-se Soror Isabel, e sentia o prival-a Deos de duas amigas de grande espirito, e com quem aliviava o seu; assim pedia ao Senhor com lagrimas, e larga oração pela saude de huma e outra, quando no maior fervor della ouve em espirito, que morreria Soror Joanna. Entristeceo-se muito, e com grande afflicção de sua alma instava com Deos, que o não permittisse; que lhe dêsse vida, allegando as grandes prendas de zelo, e Religião, de que era dotada. Respondeo-lhe o Senhor: «Que se vivesse Soror Joanna, morreria a outra irmã Soror Filippa.» «Não, Senhor (tornou Soror Isabel com anciosa efficacia) nem Soror Filippa ha de morrer, que com a sua voz (era fermosa, e suave a desta Madre) vos louva no Coro, e faz devoção a quem a ouve nelle.» «Morrerá logo Maria:» (tornou o Senhor). Era esta a outra irmã, que com boa saude assistia então ás duas doentes. Estava a Madre Soror Isabel afflictissima, e confusa das replicas, que tinha posto, e como convencida de sua humildade, lançando-se por terra, e pondo n'ella a boca, poz na disposição do Senhor tudo o que pedia.

Convalecerão logo as duas irmãs, e cahio gravemente a outra Soror Maria, que dentro em quinze dias falleceo. Entristeção-se muito as convalecidas, e praticando hum dia com a Madre Soror Isabel, lhes disse com

santa singeleza: «Andai, andai, não sejais simples (palavras suas) que vós ambas haviéis de morrer; dai graças a Deos, que vos deu vida, só para o servir.» Assim lhes contou o que lhe succedera, para consolação sua. Tal era a candidez de seu coração, e tal a opinião, que lhe tinha grangeado, que já entendião, que o que revelava, era porque Deos lh'o permittia, para gloria sua, e honra de sua serva.

Convalecia Dona Filippa de Portugal, irmã do Conde de Vimioso Dom Luiz (de que agora fallamos) ainda estava no seculo, e ao presente com o Conde seu irmão em huma quinta sua no termo de Evora. Fora arriscada a doença, era a convalescença vagarosa; escreveo-lhe a Madre Soror Isabel (conhecião-se, e tratavão-se com aquella grande sympathia de espiritos, que não tem commercio, que não seja para melhora d'elle) que esperava em Deos, que lhe continuasse a melhora, e a vida, como quem lha guardava para huma Clausura da Ordem de S. Domingos. Teve Dona Filippa por graça a circumstancia da promessa, porque se achava ao mesmo tempo com licença do Provincial de S. Francisco para tomar o habito no seu Mosteiro da Madre de Deos, e não menos o consentimento do Conde seu irmão, a quem ainda não vinha á imaginação o fundar este Mosteiro: mas ao que crê a piedade, e depois favoreceo o successo, tomando Dona Filippa nelle o habito, sem duvida illustrou Deos sua serva com este antecipado conhecimento.

Teve-o tambem de sua morte com não menos raras circumstancias: era já nesta Casa não só Religiosa, mas Mestra de Noviças a mesma Dona Filippa de Portugal, agora Soror Filippa de Jesus Maria, na segunda vez que a Madre Soror Isabel era Priora nella. Adoecerão ambas, e gravemente, quando amanhece hum dia a Madre Soror Isabel com huma desusada alegria, e chamando algumas Religiosas (erão as principaes as Madres Soror Joanna Bautista, e Soror Joanna do Rosario) lhes diz, que a Madre Soror Filippa ha de viver, porque ouvira claramente dizer aquella noite: «Filippa viva», a tempo que assim o pedia a Deos. O mesmo seguiu ao Vigario o Mestre Frei João, que aquella hora entrava a confessal-a, e perguntando-lhe elle, se ella viveria tambem, respondeu: «Que tres vezes ouvira: «Tu has de morrer.» Pedia-lhe o Mestre Frei João, que não desamparasse tão depressa aquella Casa, que para seus augmentos necessitava de sua vida, e que bem podia pedir a Deos com este fim a conservação d'elle. «Faça-se a vontade de Deos (respondeo) ainda que he verdade, que não desejo vel-o.» E suspendendo-se hum pouco, accres-

centou: *Per ignem, et aquam*, como se quizera mostrar, que não presunha de só passar áquelle gozo sem experimentar os rigores do Purgatorio; sendo, que na esperança de vêr a Deos (assim o referia, e testemunhava o Mestre Frei João seu Confessor) estava como certa, e fallava como segura, como se lh'o revelara.

Recebeo aquelle mesmo dia o Viatico com juizo perfeito, e demonstrações de grande jubilo. Pedião-lhe as Religiosas, que lhes dissesse alguma cousa, com que as consolasse, já que as deixava. Respondeo-lhes: «Que tinhão grande causa de consolação, porque aquelle seu Mosteiro cresceria muito, e brevemente, assim no temporal, como no espirital,» (e assim se vio). Ficou logo em hum socegado silencio, como se o Ceo lhe quizesse pagar o que tanto guardara em sua vida, representando-lhe as suavidades daquella, a que passava. Assim esteve, como extatica, dous dias, no cabo d'elles lhe derão a Unção, e ella a alma a seu Creator placidamente, em 21 de Dezembro de 1611, não tardando o Ceo em mostrar, que lh'a dera, e o Senhor a ella, a melhor, e verdadeira vida, que já vivia.

Era a irmã Conversa Soror Leonor da Assumpção, sobrinha sua, e boa discipula de seu exemplo; as obrigações do sangue, e do habito, as saudades da companhia, e do ensino, a levavão á sepultura da boa tia, pedindo a Deos, como podia, pelo descanso de sua alma, quando huma noite (poucos dias despois de sua morte) lhe apparece a mesma Madre, vestida não já em pano grosseiro, mas em hum habito branquissimo, lançado sobre a toalha, e escapulario hum Rosario, de que erão contas flores cheirosas, e exquisitas. Assustou-se Soror Leonor á primeira vista, mas cobrou animo com a grande claridade, e alegria da visão, escutando, que lhe dizia a venturosa Madre: «Dizei á vossa Mestra, que cave por onde eu cavei.» E suspendendo-se Soror Leonor, e perguntando-lhe o que vinha a dizer, porque como de singelo entendimento, não penetrava o sentido, lhe respondeo: «Dizei-lhe, que governe com brandura, como eu usei.» E desapareceo.

Era Mestra das Noviças sua grande amiga a Madre Soror Filippa de Jesus Maria, e assim a Soror Leonor, como ás mais, que estavam á sua obediencia, tratava com aspereza, por ser naturalmente fogosa, e austera. Servio-lhe este conselho para moderar ao diante os rigores de Mestra, e a visão ás Religiosas, para aliviar as saudades de tal Prelada. Duas vezes o foi nesta Casa, sendo de quatro annos o governo, conforme o

Breve de Julio II (estyllo, que durou até-os annos de 1629, em que o Mestre Geral Frei Nicolao Rodulfo determiniou, que se reduzisse a triennio). Derão-lhe sepultura em lugar separado; hoje a tem no Capitulo do Mosteiro novo, defronte do Altar.

### CAPITULO VIII

*Da Madre Soror Filippa de Jesus Maria, segunda Prioriza d'esta Casa; e da Mestra Sor Victoria da Cruz.*

No berço, escrevião fabulosos os Antigós, que Hercules, hum dos Deoses a que levantarão altares, despedaçava serpentes, como em feliz annuncio dos trabalhos, que o esperavão para a fadiga, e para a coroa, para o conflicto, e para o triumpho. Mas passou-se a verdade este encarecido fingimento no mais vigoroso, e invencivel Alcides, que os olhos humanos virão no berço de humas palhas, batalhando com a inclemencia dos elementos a poucas horas de nascido, como ensaio para os trabalhos, que vinha abraçar, e vencer na campanha do Mundo, deixando esta demonstração, para que por ella se conhecessem despois por seus discipulos, e mimosos, os que nascessem lutando com as miserias, e os infortunios.

Assim deu o Ceo a conhecer a Madre Soror Filippa de Jesus Maria, (no seculo Dona Filippa de Portugal) que em poucos annos se vio assim rodeada de trabalhos, que já começavão a ser exames da constancia, por não poderem ser castigos na sua innocencia. Presa se vio com sua mãe, e mais seis irmãs, por decreto d'el-Rei Philippe II, que as mandou recolher em Castella em o Castello de Santo Torcaz, sem haver nestas senhoras a mais leve culpa, como a não podião ter as que no retiro de sua casa, e commercio de sua grande qualidade, nem havião de entrar nos desmanchos do povo, nem podião ter parte nas direções do governo. Mas pareceo a este, que era aquella injustiça razão de estado: o em que estiverão as cousas d'este Reino, foi o motivo da prisão; humia breve noticia nos dará mais clareza.

Entre os pertendentes, que teve a Corôa Portugueza, por falecimento do Cardeal Dom Henrique (ultima cabeça, em que ella então descansou escassamente, como ameaçada das fatalidades, a que a destinava o Ceo, para castigo d'estes Reinos) foi hum, e que se fazia grande lugar n'elles,

Dom Antonio, filho bastardo do Infante Dom Luiz, que vendo, que lhe negavão (a seu voto) os ouvidos á razão, que gritava sua justiça, remetteo ás armas toda a negociação d'ella, como se não viera este estrondo a confundir mais aquelle grito. Favorecia, e sustentava este partido com mais calor, e desvelo Dom Francisco de Portugal, hum dos irmãos de Dona Filippa, e era publico (com pacto feito entre elle, e Dom Antonio) que chegando este a vêr-se com posse pacifica no Reino, daria a mão de esposo a Dona Filippa, que ajuntando as qualidades do sangue ás de humma fermosura rara, antes lhe vinha a parecer a corôa tributo, que ventura. Prevaleceo Filippe (Segundo de Castella) com os sopros d'esta, triunfando do partido contrario, que antes cedeo de desarmado, que de temeroso; e ordenou que a Condessa Dona Luiza de Gusmão fosse com sete filhas desterrada para Castella; assim postas em hum carro da Mancha, e acompanhadas de dous alcaides, passavão ao desterro, tratadas com tanta indecencia, como a promettião Ministros de humma Corôa tyranizada.

Passados tres annos, e examinada, e conhecida sua innocencia, forão restituídas a este Reino, com attenções reaes, desejosas de demonstração poderosa a satisfazer queixas de nobreza, e fazenda. Com este respeito a Dona Filippa, depois de estar n'este Mosteiro do Sacramento, se lhe fez a elle a mercê de hum juro de duzentos mil reis de pensão na Mitra de Braga, por tempo de vinte annos, que acabados, se lhe prorogou por mais quinze; acabarão estes depois da felice aclamação del-Rei Dom João o IV. Restituídas ao Reino, e á Patria, faleceo a Condessa em Santo Antonio do Tojal; causa, porque Dona Filippa, e Dona Estefania, irmã sua, se recolherão ao Mosteiro de Santa Catharina de Sêna de Evora.

Era venerada por milagre da Côrte a fermosura de Dona Filippa, e avaliada assim pelo mais copioso dote, com a grande circumstancia de sua qualidade, a que se ajuntavão partes, e prendas naturaes, como adquiridas, fazendo tudo junto tão grande harmonia nos ouvidos da mais qualificada nobreza, que muitas vezes foi buscada, e pertendida para esposa, com não menos padrinho, para facilitar o consentimento, que o Conde seu irmão, a que sempre deu por repostas aquelle illustrado genio, que dos primeiros annos a levava a mais superior estado.

Com esta resolução fez voto simples, entrando no Mosteiro de Santa Catharina; e como se fora pura noviça, acodia desveladamente ás obri-

gações da Casa, como a mais obediente subdita d'ella. Trazia estamemha junto á carne, usava-a na cama, que quasi sempre teve ociosa, porque no coro passava as noites, onde vencida do sono, lhe servia de leito o pavimento, e de travesseiro o degrão de hum altar; descommodo, que dissimulava mal a outro dia, divisando-se-lhe na face qual fora a almofada. Assistia, e rezava com edificação grande das Religiosas ao officio divino. Levava-lhe os cuidados, e o tempo a extremosissima devoção do Santissimo, esmerando-sê nas suas festas, até onde podião chegar as suas posses, e só este emprego santo lhe ensinaria a desejal-as mais crescidas, a não entender, que na estimação do Ceo, as maiores são as vontades. Este affecto, o que a trouxe para esta Casa (já fica apontado) porque chamando-a eficazmente a ancia de viver em estreiteza de vida, e tendo já licença para passar para a Madre de Deos (recoleta Franciscana) ao saber, que esta Casa do Sacramento o tomava por seu Orago, veio a ella como a descansar no centro.

Vinha já destra nos estylos, e costumes da Religião; achou com todo o calor a nova reforma, em materia disposta passou aquelle a levantar-se lavareda. Ainda era noviça, e já a chamava o cargo de Mestra; não menos outras occupações de peso, que logo nos primeiros tres annos confirmarão o seu grande prestimo, não sendo ainda este (mas só a obediencia) a que a introduzio n'elles. O zelo da observancia (que começava a respirar n'aquelle berço d'ella) era o seu estudo, o seu cuidado, o seu desvelo. Convencia com as palavras, porque as ajudava com o exemplo. Nem os mais leves descuidos a achainão sofrida; nem as muitas obrigações cançada.

Elegerão-na Prioreza, e começou a ser por officio o que era por genio, austera, e inflexivel zeladora da observancia. Assim o era nos santos estatutos da Casa, que pedindo-lhe a irmã Conversa da cosinha, que a dispensasse por aquelle dia da oração (que tem as Religiosas depois de Prima) porque o comer se perderia sem a sua assistencia, lh'o não consentio, accrescentando, que melhor lhe seria a todas ficarem hum dia sem sustento, que sem oração. Tinha muita authoridade, ainda que despida das humanas atenções do sangue; via-se que era zelo do cargo, em que, no que não tocava nos respeitos d'elle, era meiga, humana, tratavel, e sobre tudo compassiva. Na oração era continua, e no dom de lagrimas, que tinha n'ella, se mostravão as suavidades com que Deos enriquecia sua alma.

Tinha sufficiente noticia da Grammatica, e Latinidade, e lição proveitosa da Escritura ; assim applicava muitas vezes as palavras d'ella com o sentido genuino, e verdadeiro. Tivera grande amizade em Santa Catharina de Sena com a Madre Soror Filippa de Jesus, que veio para esta Casa por fundadora, mas no officio de Prelada nem esta estava para ella primeira (grande maxima para conservar subditas sem queixa). Disse-lhe esta Madre alguns dias antes de falecer: «Nossa Madre, assim se acabou, e acaba amizade de tantos annos?» Respondeo com inteireza, e segurança: «*Conversatio nostra in Caelis est. Acaba na vida, mas espero na misericordia de Deos, que a continuemos na gloria.*»

Se era austera no cargo, não o era menos comsigo (boa licção de Prelada, entender de si, que he a primeira subdita.) Assim estreitou o debil de suas forças com jejum, cilícios, e disciplinas, e sobre tudo, por se roubar o sustento do sono, que veio a romper o excesso em huma longa enfermidade, que não bastou a fazer-lhe levantar a mão do rigoroso trato, que a foi chegando ás portas da morte. Parece que teve anticipada certeza d'ella, porque estando ainda nos principios da doença, e festejando as Religiosas a noticia de que já junto a Alcantara se abrião os alicerces para o novo Mosteiro, ella se alegrou muito com ellas, mas suspendendo-se, disse logo: «Vossas Reverencias o hão de lograr ; que eu não.» E assim foi, porque n'aquelle doença faleceo.

Aggravou-se-lhe esta sem esperança de vida, mas já a achou desenganada ; pediu, e recebeu os sacramentos com piedade, e inteireza : e chamando algumas Religiosas, primeiro particularmente, e depois todas, lhes fez santas advertencias sobre a charidade fraternal, o paz religiosa, sobre o temor de Deos, e incerteza da formidavel hora de seu juizo, preparação anticipada para ella ; e accrescentou : «E se Vossas Reverencias me vem tão socegada, sendo em toda a minha vida atormentada de escrupulos (assim o tinha sido) não entendão, que nesta hora deixão de perseguir escrupulos da vida ; mas he misericordia de Deos, que por sua bondade usa com quem tão pouco a merece.»

Dous dias antes de sua morte, reparavão as Religiosas, que o Ceo a consolava com sagradas visitas, e assistencias, porque algumas vezes lhe ouvião dizer : «Anjos, e Santos», inclinando a vista, e a cabeça para parte determinada da cella. Pedio a Unção, e acabado o officio, dando-lhe hum Crucifixo a beijar, o tomou, e pondo tres vezes com suavidade a boca nos pés do Senhor, com hum longo, e enternecido suspiro, disse:

*Domine memento mei, dum veneris in regnum tuum.* E expirou nos braços das subditas saudosas, e compungidas.

Mas não deixou o Ceo de acreditar sua serva, e enxugar as lagrimas áquella santa companhia com sinais da que ella já para sempre lograva; porque estando a Madre Soror Filippa de Jesus no coro guardando o Senhor, e encomendando-lhe a moribunda, ouviu distinctas, e concertadas vozes (e ao que percebia, era o Officio de defuntos, e na enfermaria), estranhou a novidade, e sabindo a examinal-a, e dizendo a algumas Religiosas, que encontrou, como cantavão sem ella (era sua voz a alma do coro) lhe segurarão, que ninguem cantara, mas que expirara a Madre Soror Filippa. Não se duvidou, que fosse a musica d'aquellas aves do Ceo, que lhe tinham feito assistencia.

Poucos dias depois de sua morte, estando huma noite as Religiosas no coro em oração, e entre ellas a irmã Soror Leonor da Assumpção (mimosa do Ceo em semelhantes visões, como já vimos no capitulo passado, por sua grande singeleza, e candidez de espirito) vio esta que a mesma Madre Soror Filippa com alegre rosto, e em habito purissimo andava por todo o coro chegando-se affavel ás Religiosas, como reconhecendo e reparando no rosto de cada huma; e assim desaparecera. Faleceo esta Madre em huma quinta feira 23 de Dezembro (dia sempre festivo na Casa, como consagrado ao Santissimo Sacramento, de que era devotissima) no anno de 1614.

Dôus annos antes que a Madre Soror Filippa de Jesu Maria, faleceo a Madre Soror Victoria da Cruz; mas respeitando a precedencia das duas Preladas, e ser esta a unica subdita, que as acompanhou, falecendo nesta primeira Casa, a guardámos para os ultimos dias d'ella. Foi a Madre Soror Victoria huma das primeiras Religiosas, que convidadas da nova reforma, trocarão por este Mosteiro os em que tinham professado, em virtude da patente, que o Mestre Frei João tinha para tirar das Casas da Ordem as Religiosas, que quizessem nesta abraçar todo o rigor da observancia. Professara esta Madre no Mosteiro da Annunciada, mas com espirito tão ancioso de maior estreiteza de vida, que sendo muito reformada aquella Casa, pedia a Deos que dispuzesse a fundação de alguma de maior, e total reforma. N'estes desejos passava muitas vezes largas praticas com as Religiosas (assim o affirmarão estas ao Mestre Frei João) até que o Ceo lhe poz nas mãos o que pedia, podendo chamar-se fruto

de suas orações a esta Casa, ou entender, que aquelles desejos tiverão alguma cousa de profecia.

Alegre se passou á nova sepultura, e assim o andava com a experiencia d'aquelles rigores, e austeridades, que costumava dizer, que fora favor do Ceo não enlouquecer de alegria de vêr satisfeita a sua anciania n'aquella Casa, e n'aquella vida. Era a sua huma oração, e meditação continuada, ou estivesse no coro, ou fóra d'elle, porque não havia occupação, que lhe embaraçasse o subir por esta escada a buscar a presença de Deos, e o commercio dos bemaventurados. Esta era a sua mais commum doutrina, e esta praticava ás noviças, sendo Sub-prioressa, e sua Mestra, lembrando-lhes que erão Serafins, que andavão diante de Deos, porque acudindo ás funções, a que as chamava a obediencia (ainda que estivessem no coro, e ellas fossem do Mosteiro) sempre hião de Deos para Deos; porque Deos obedecido, tambem era Deos buscado; e tão destra andava n'este santo commercio, que bastava a eleval-a á contemplação do Ceo todo o accio, que via no culto divino, e concerto do Mosteiro. Assim era notavel a sua anciania, para que o houvesse em huma cousa, e outra.

Era a Madre Soror Victoria huma estampa viva da exacta observancia das Constituições, que como estão escritas, se guardavão, e guardão n'esta Casa; mas em algumas cousas parece que ainda as excedia. Na charidade, e no silencio mais que em tudo. O silencio tão raro, que ainda nas horas, que o dispensava a Prelada, era rara a palavra, que se lhe ouvia, valendo-se talvez de acenos, se a obrigavão a repostar: só huma industria havia para a facilitar na pratica. Grande discipula de seu Patriarcha, que só com Deos, ou de Deos fallava. No mais só o preciso, e esse raro. Grande confusão para a soltura das linguas, depois de conhecer, que he verdade irrefragavel, que até huma palavra ociosa ha de ser julgada; e onde hão de vir a juizo as ociosas, que será das pesadas! Não se admire quem vio aquelles grandes espiritos, retirando-se, e escondendo-se pelas covas da Thebaida, e da Palestina, antes como feras, que como homens; que quando não fugissem mais que ás liberdades da lingua, não era pequeno triumpho ter desarmado tão inevitavel inimigo.

Na charidade era tal o seu excesso, que sendo pobre por profissão, e em sua pessoa, ainda no Mosteiro da Annunciada (onde podia ter alguma cousa como em deposito na cella), o mesmo era chegar-lhe á mão, que andar examinando a necessidade para empregal-a n'ella. O mesmo

lhe succedia com a mesma roupa do seu uso, ficando muitas vezes sem ella até na cama, e sofrendo, e expondo-se aos incommodos do inverno, com o interesse de que alguma Religiosa não sentisse falta. A sua só a remediava a Prelada (chegando-lhe já tarde estes excessos á noticia) mas a poderes da obediencia, ou obrigando-a a que não dêsse o preciso, ou acudindo-lhe com elle, pelo ter dado.

Era devotissima de Nossa Senhora, e com singular affecto do mysterio de sua Assumpção; assim pedia a Deos a levasse neste dia, fallando muitas vezes n'isso, já com tanta certeza, como se tivera ouvido a resposta da sua supplica. Parece que mostrou o successo que assim fora. Chegava-se a festa de nosso Padre S. Domingos; resolveo-se a fazer huma confissão geral, com hum tal aparelho, e hum tal retiro, que causou reparo, ainda vendo-se-lhe cada dia em outras o mesmo. Á vespera a acabou, e logo se sentio tão mal, que a passarão á enfermaria, mas com huma alegria tão desusada, que nem li'a moderavão as dôres da molestia, repetindo muitas vezes com socego de espirito: «Seja Deos bemdito; que já não tenho mais que fazer.»

Parece que entendia fora aquella, a preparação ultima para esperar confiada o esposo, e passar venturosa ao thalamo. Descubrio-se-lhe pouco depois huma febre, que a privou do juizo, durando assim até o dia da Assumpção, em que acabou como sempre suspirara, permitindo Deos por seus juizos occultos o estylo d'aquella morte, ou por não permittir que a sua serva sentisse os horrores d'ella, ou para confundir o descuido dos peccadores, quando se veem aquelles assaltos ainda nos inculpaveis. Faleceo em huma Sexta feira 15 de Agosto de 1612.

## CAPITULO IX

### *Fundação do novo Mosteiro, entrada das Religiosas nelle.*

Por estarmos já no anno de 1612, em que se lançou a primeira pedra para a nova Casa do Sacramento, e por não havermos já de dar noticia das Religiosas do antigo, senão no de seu falecimento, he tempo de passarmos ás memorias do que precedeo á fundação, e da solemnidade della, apontando primeiro a Prelada, que se seguiu na serie das que teve esta Recoleta. Falecida a Madre Soror Filippa de Jesu Maria, segunda Prioriza, começarão a correr voluntarios os votos para onde vão mais

merecimentos (assim se procede nas eleições, onde os respeitos particulares não conhecem mais centro, que o bem commum). Fazião-se grande lugar os da Condessa fundadora, a Madre Soror Joanna do Rosario, que pizando o Mundo, avultava tanto com elle debaixo dos pés, que apezar de sua modestia, e humildade, se não podião esconder as vantagens de sua virtude. Com a mesma velocidade, com que fugira ao Mundo, se avishnara a Deos; e a quem assim tinha sobido, ainda lhe ficava inferior o lugar mais alto.

Assim interessado a buscava o de Prelada. Já resistira outra vez a esta bateria. Não a achava agora com menos constancia, reforçada com razões, que entendia bastantes para a resistencia. Propunha, que o seu retiro deixara dominios por abraçar sujeições; e que era genero de arrependimento deixar estas, por abraçar aquelles; que escandalizaria ao Mundo, ver. que deixando o governo de sua Casa, acceitava o da de Deos, como se as razões de fundadora forão a valia para esta melhora; que a não podia ter a Casa com huma Prelada, que passava a sel-o sem muitas experiencias de subdita. Finalmente, que era sem razão edificar a Deos a Casa, e deixar-se ficar com o dominio della.»

Mas erão facilissimas de soltar as objecções; porque o ser Prelada, antes era ser escrava, que senhora, porque esse he o estylo no governo, que desconhece o Mundo. Nem este, quando se conhecesse, deixaria de alcançar, que semelhante dominio nem era herança, nem escolhia, antes todo sujeição, abraçado com as da obediencia. Quanto á experiencia, ainda bastavão menos de subdita, porque nunca erão poucos os em que se contavão grangearias de muitos; que sacrificar a Deos a Casa, não era tanto, como sacrificar-lhe a pessoa, e agora em melhorada victima, exposta aos golpes das opiniões da terra. Accrescentavão, que dando-se principio ao novo Mosteiro, necessitava de huma Prelada, que com o seu respeito fomentasse aquelle principio, inclinando os animos da nobreza a favorecer a obra. Mas não havendo razão, que convencesse sua humildade, recorreo o Vigario ás armas da obediencia, que são as de Prelado, com que facilmente se triunfa da legitima. Não houve mais contenda; calou, e sujeitou-se Soror Joanna, com a consolação, de que não se resolvia ao cargo de Prelada, senão acceitando-o como subdita.

Elegida em Prelada, succedeo o que se tinha vaticinado; começarão as maiores qualidades do Reino a bater naquella pobre porta, a buscar

aquella humilde familia, ou já a acudir com o dispendio, ou já a acrescentar o numero (chegava já este a vinte e tres Religiosas) grande para aquella estreiteza, ainda accommodando-se com muita. Este descommodo deu calor á obra começada; mas vamos ao que precedeo a ella.

Como erão alugadas as casas, em que se principiou a reforma, e o Mestre Frei João (como pode crer-se de seu espirito) lançava os olhos a dilatados augmentos d'ella, creada a primeira Prioreza, os poz logo no lugar, em que hoje se vê a nova fundação, que he hum pedaço de terra espaçoso, e desafogado, que fica entre a Pampulha, e Alcantara, junto á estrada frequentadissima, que vai de Cascaes a Lisboa (rascunhado ficou já no fim da terceira Parte da Chronica) com todas as circumstancias, que podem desejar-se para noticia, assim do sitio, como de ares. Aquelle o mais alegre, porque alteado, senhorea o rio, em que se alarga a vista até a fermosa perspectiva da barra, ou dá de rosto com os montes de Almada, que defronte a boa distancia sobem desde a praia, povoados de boas quintas, e continua verdura; agora defendidos de fortes reductos, e bons muros, com que no anno de 1704 se fortificou, e ennobreceo a marinha de huma, e outra banda. Não he menos deliciosa vista a que se offerece da parte da terra, fresca, e viçosa das aguas saborosas, e cristalinas de dous celebres regatos (tem por berço, e nome os sitios da Pimenteira, e da Horta Navia) que juntos, e engrossados em pouco rio, correm entre Alcantara, e o Mosteiro, a buscar o mar pequeno tributo.

Este o sitio, que o Mestre Frei João, e pessoas de boa escolha destinarão para a nova fabrica; era Senhor delle Lourenço de Sousa, Apontador mór do Reino; offereceo-o ás Religiosas, celebrando contrato com ellas, assim de que alcançassem licença de Malta, a que era foreiro, como de que pagassem o foro, e se obrigassem a dar por huma vez quatro lugares na nova Casa a filhas, ou descendentes suas, com algumas condições, que constão da escritura, que em nome do Mosteiro fez o Mestre Frei João em 23 de Fevereiro de 1611. Alcançou-se a licença do Principe do Piemonte Victorio Amadeo, Commendatario, e perpetuo administrador do Priorado de Malta. Passou-se o foro a hum casal, que comprou o Mosteiro; consta tudo de escrituras, que estão no Cartorio, e não lançamos aqui, porque não escrevemos a alargar escritura, mas a dar noticia.

Feitas estas diligencias, determinou-se o dia de applicar a primeira

mão á obra, que foi a 7 de Janeiro do mesmo anno de 1612. Assistia na Corte Dom Frei Aleixo de Menezes, da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas, depois de o ter sido da Igreja de Goa, tambem Primacial da India, sujeito benemerito de hum, e outro cargo, pelas excellentes qualidades de virtude, e zelo, hombros, com que só pôde ser Atlante de sua Igreja o Prelado. Pedirão-lhe as Religiosas, que auctorizasse a função, lançando por suas mãos a primeira pedra daquelle santo edificio; o que aceitou, e poz em execução, com demonstrações de gosto. Foi geral o de numerosos, e graves assistentes, assim das Religiões, como da Nobreza, e Fidalguia da Corte. Levou a pedra gravada as letras seguintes:

*Jesu Domini verè Filii Dei, in bonæ gratiæ Sacramento, vivo Pani immortalitatis alimonie, vitalis mortis symbolo, Divinique amoris monumento: pauperes Sorores Dominicanæ primitivæ observantiæ voto, domum in solo puro sacrant, et nuncupant, devotorum Comitum de Vimioso fundatam retribibus. Adsit quæ Deum capit, Virgoque edidit Altrix Rosarii, et mundi utriusque Domina, ter Beata Maria, una cum Sponso Joseph, et loci Patronis, servo Dominico, Virgineque Senensi, et cum tota cœlitum aula numine propitio. Sacrat Illustrissimus Dominus D. Alexius Menesius, Orientis olim Ecclesiæ, et nunc Hispaniarum Primas, anno Domini milesimo, sexcentesimo, decimosecundo, Januarii die septimo.*

No nosso idioma valem o seguinte:

«Á Divindade do Senhor Jesus, verdadeiro Filho de Deos, Divindade encuberta, e encerrada no Sacramento de boa graça; ao Pão vivo, que he mantimento de immortalidade, symbolo da morte vital, penhor, e lembrança do Divino amor, as pobres Freiras de S. Domingos dedicação, e consagração esta Casa (com voto da primitiva observancia) em terra pura, e nova, de que são fundadores com sua fazenda, e rendas os devotos Condes do Vimioso. Acuda-lhe com seu favor, e ajuda aquella Senhora, que em si recebeo a Deos, e o pario, ficando Virgem, Mãi do Rosario, Senhora de hum, e outro Mundo, mil vezes bemaventurada Maria. E acompanhem-n'a seu Esposo Joseph, e os Padroeiros naturaes da Ordem, seu servo Domingos, e a Virgem Santa Catharina de Sena, com

toda a Corte Celestial. Faz o voto da Sagração o Illustrissimo Senhor D. Aleixo de Menezes, Primaz que foi da India Oriental, e agora o he das Hespanhas, em 7 dias de Janeiro, anno de 1612.»

Lançada a primeira pedra, começou a crescer o edificio, e foi-se lançando hum dormitorio de Nascente a Poente, em paralelo do rio, e boa distancia da praia, como ficou toda a obra, que correndo quadrada, dá lugar no meio a bastante claustro; só sobre o rio, e para a banda da barra, se abirão janellas. Da parte da estrada, em que se levantou em igual proporção Casa de Noviças, altas, e pequenas frestas, ficando assim desaforo algum para a banda da terra, como hospedagem de quem fugia aos seus commercios até com a vista. São capazes todas as officinas, airosas, e alegres as varandas, que cahem sobre o claustro (nellas, como nelle, se abrem devotas, e aceadas capellas) sendo centro d'este hum curioso jardim de artificiosas murtas, que cereão huma pequena, mas bem lavrada fonte de branco marmore.

Coro proporcionado ao numero das Religiosas; sobre a porta, que entra para elle, se vê em hum nicho a imagem do divino Esposo, que com a mão levantada lança a benção a suas esposas, que entrão a louval-o; e ao pé se vê a letra: *Sub umbra alarum tuarum protege nos*, como se ellas lhe estiverão dizendo: «Defendei-nos, soberano Esposo, com vossa protecção.» Sobre o ante-coro se levantou huma casa, a que sóbe huma escada, que tem a indulgencia da santa de Roma; sobe-se de joelhos para ganhal-a. He a casa capaz de cinco cubiculos, que lavrados ao Nascente, não tem mais luz, que a da casa, em que ha huma janella para o mar, e a propria de pequenas frestas, que se abrem sobre a porta do coro, de que se descobrem as duas capellas, que são collateraes á grade d'elle, e o sacrario, que sobre ella guarda o Santissimo, exposto por singular indulto para as Religiosas em alguns dias festivos, e com tal disposição, que os Religiosos, que sobem ou para expol-o, ou para renovar-o, nem podem vêr, nem serem vistos do coro. Edificou-se então a Igreja de huma só nave, levantada tambem ao nascente; cobrio-se de madeira; e com tres pequenos altares, que se levantarão n'ella, ficou até o tempo da Vigairaria do veneravel Padre Mestre Frei João de Vasconcellos, que a reedificou, e reduzio, com bem meditada idéa, á nova, e engraçada architectura, que hoje se vê, e se festeja entre as singulares de Lisboa. Não faltaremos a seu tempo á descripção d'ella.

Disposto já o Mosteiro em forma que podesse recolher as Religiosas, trasladarão a elle os ossos das que tinham falecido na primeira Casa, dando-lhes jazigo na do Capitulo. Seguiu-se a esta diligencia a mudança. Erão 5 de Setembro de 16..., quando as Religiosas, deixando com saudades aquelle sitio, e aos visinhos d'elle, metidas em coches (pela grande distancia do caminho, e debilidade, e descostume das que o havião de pizar) se recolherão ao Mosteiro de Santo Alberto de Rêligiosas Carmelitas da primeira observancia, por ser o mais visinho á fundação nova. Forão recebidas as hospedas com *Te Deum laudamus* ao entrar da Igreja, e logo na casa da portaria, com santo e caritativo alvoroço, e desculpas da Prelada, que as quizera hospedar na clausura, a ser-lhe facil a licença do Prelado em tão breve tempo. Não se esquecião estas Madres da liberal hospedagem, que vindo de Castella, tinham achado na Annunciada de Lisboa, Mosteiro Dominicano, em que estiverão até ter Mosteiro.

Não hião as nossas peregrinas com curiosidade de vêr outros, mas com ancia de sepultar-se no seu: aceitarão agradecidas a desculpa, e huma refeição mais limpa, que larga, mais bem servida, que preparada, porque á contenda servião as de dentro, querendo supprir nas vontades o que talvez faltaria nos pratos.

De tarde se ajuntarão as Communidades de S. Domingos de Lisboa, Bemfica, e Almada, e as dos Religiosos de S. Francisco de Lisboa, Xabregas, e dos Terceiros; o Arcebispo Dom Miguel de Castro (era então Vice-Rei) cõm o seu Cabido; convidou-o não só o ser tio da fundadora, e de mais quatro Religiosas, mas o zelo de grande pastor, e gosto de vêr recolher áquelle estreito aprisco tão santo rebanho. Ordenou-se a procissão. Precedião ás Communidades os Religiosos de huma, e outra banda igualmente sem precedencias, fraternidade herdada de seus Patriarchas. Seguiu-se o Cabido, logo o Arcebispo com o Sacramento de baixo de rico palio. Seguião-se a elle de duas em duas as Religiosas, lançados grossos, e tapados veos sobre os rostos, amortalhadas, antes que vestidas, em tosco burel. Fazião-lhe lados os Religiosos mais graves de S. Domingos, defendidos hum, e outro de duas fileiras do melhor da nobreza; não obrigava o tumulto a menos cautela.

Tinha a novidade abalado a Côrte (que amiga de novidades, com menos motivo rompe em maior abalo) estreitou-se o mais escolhido d'ella no caminho, que vai de Santo Alberto ao Mosteiro novo. O ornato das

janellas, a innumeravel copia das melhores qualidades, de que estavam povoadas, erão digna demonstração d'aquelle espectaculo (e poucas vezes visto) de humas mulheres, que pizando as maiores estimações da terra, hião fugindo ao mundo, sem lhe levarem mais alfaia, que huma mortalha, nem lhe pedirem mais vivenda, que huma sepultura. Assim erão pobres, e estreitas as das cellas do novo Mosteiro, que não servirão de menos edificação n'este dia ao mais escolhido do povo, a que estiuerão patentes, trocando-lhe em confusão a curiosidade.

Recollidas as Religiosas, experimentarão similhante falta á com que se virão ao entrar na primeira clausura; sendo agora na segunda assaz miuda a providencia de quem lhes fez os provimentos do preciso para a Casa: porque ainda que a liberalidade, e devoção de muitas Senhoras lhes tinha preparado o prato da cea, achavão-se sem luz alguma, e sem poder appellar se quer á pequena de hum rolo; assim se recolherão todas ao coro, a dar graças ao Senhor, e consolar-se com a vista da luz distante, e escassa de huma alampada, que allumiava ao Santissimo. Com esta desconsoação se vião já entrada a noite, quando ouvem tocar á portaria, e veem despois entrar a porteira com vinte e tres rolos (era o numero das Religiosas) esmola, que lhes fazia a Condessa do Basto. A falta, e o impossivel reparo d'ella, deu valor ao presente, e motivo a ajuzar mais que humana a providencia, que a deixou remediada.

Assim parece que o conhecerão as novas habitadoras, que agradecidas a este favor, como ao de se verem em Casa propria, assim começarão a estreitar as obrigações da observancia, como se a primeira Casa deixara que emendar na segunda. A oração mais continua, as disciplinas mais amiudadas, o jejum mais estreito, o silencio mais austero, como se na nova clausura se lavrasse mais facil escada para subir aos braços do seu esposo; ventura, que muitas merecerão, apoucando a industrias rigorosas de penitencia os dias da vida. Mas não malquistando a esta os extremos de penitente (com que se divulgava na Córte) assim era appetecida, e finalmente abraçada, que em breve tempo cresceo o numero de Religiosas a trinta e cinco. Não podia receber mais a Casa; taxou-o o Colleiitor Octavio Áccorombono. Assim persiste até o presente, desde o primeiro de Julho de 1620, em que foi taxado. Mas ficando ainda irresoluto, que Religiosas serião conversas, e que Religiosas do coro, determinou o Mestre Geral Frei Serafino Silo, que as sinco fossem conversas, e as trinta de véo preto.

## CAPITULO X

*Da Madre Soror Filippa do Santissimo Sacramento.*

Começando a respirar na nova vida da clausura os espiritos, que só para o Ceo tiverão vida, fica sendo nesta Casa a morgada a Madre Soror Filippa, como a que primeiro passou a lograr aquella immortal vida, que parecia herança n'esta Casa. Chamava-se esta Madre no seculo Filippa de Lemos ; foi natural de Lisboa ; seus pais João Vaz Rebello, e Maria de Lemos, gente nobre, e tão desvelada na boa criação de sua familia, que recolheo em Santa Catharina de Sena de Evora tres filhas, que antes lhe pedirão este estado, que lhe obedecerão, tomando-o. Era huma d'ellas a Madre Soror Filippa, a quem n'aquella entrada parece que advertira o Ceo, que ainda que a destinara para aquelle habito, não o fizera para aquelle Mosteiro; antes mostrando-lhe (como em enigma) este da nova reforma, lhe deu por sobrenome o do Santissimo Sacramento, brazão, e titulo d'ella.

Achava-se já (quando se recolherão as tres irmãs) em Santa Catharina a Madre Soror Filippa de Jesu Maria, e ainda secular; e contendendo as duas irmãs de Soror Filippa por se chamarem do Sacramento, acodio esta Madre, resolvendo com a sua authoridade, que só Soror Filippa tivesse aquelle nome, ou fosse afeiçoar-se-lhe por sua humildade, e nativa singeleza (em que ás duas excedia) ou por se chamar tambem Filippa como ella, e querer n'aquelle nome, de que era devotissima, vel-a aventajada ; ou (o que parece mais pio) como pessoa de tanto espirito (assim o era Soror Filippa de Jesu Maria) permittir o Ceo que com aquelle nome vaticinasse, ou dispuzesse como instrumento de superior providencia huma das grandes fundadoras d'esta reforma.

Parece que se não escondia o mysterio a Soror Filippa, porque este soberano nome lhe começou assim a afeiçoar a vontade, que levada das suavidades d'elle, suspirava (ao ouvir fallar na fundação da nova recoleta) o vêr-se assim como mimosa do nome, filha da Casa d'elle. Mas era ainda noviça, naturalmente encolhida, e acanhada, escondia no coração este desejo, como indigna na sua estimação de o vêr cumprido ; só na oração larga, e repetida, o propunha com lagrimas a seu esposo, efficazes lingoas, com que fallava seu espirito : não o erão menos as do seu procedimento, escutadas n'aquella Casa, em que agora se examinavão

fundadoras para a nova reforma. Ouvio o Senhor humas, fazendo que se attendesse ás outras ; porque pesando os Prelados os aventajados espiritos, que havião de abrir caminho pelas asperezas da nova observancia, e tendo tantas experiencias da de Soror Filippa, ordenarão que acompanhasse as fundadoras, como os que entendião que na classe da reforma, onde o exemplo he doutrina muda, já são grandes mestras as que sabem ser grandes discipulas. Assim passou Soror Filippa á nova recoleta, e levando-lhe em conta os mezes do noviciado de Evora, foi a primeira, que professou n'esta Casa.

Parece que se lhe seguiu novo espirito ao novo estado, e huma tão segura resolução de a não atemorizarem as grandes pensões d'elle, que o primeiro de que fez sacrificio, foi o entendimento, porque ás luzes d'elle não parecessem disformes os dictames dos que na sua obediencia tinhão tomado posse da sua vontade. Assim se vio. Succedeo mandar-lhe hum Prelado cousa repugnante á razão, e que as circumstancias fazião de todo impraticavel. Suspendeo-se Soror Filippa, advertindo algumas ; mas voltando logo com animo socegado, accrescentou : «Padre, nada he o que disse ; farei o que se me manda ; e esteja Vossa Paternidade certo, que se me mandar lançar no mar, não haverá razão alguma, que me suspenda.»

O aceio do culto Divino era seu quotidiano desvelo ; com este emprego a achavão nas mãos o tempo, que lhe sobejava das obrigações do Mosteiro. Era extremosa, mas geral a sua devoção aos Santos ; grande exemplo para convencer os abusos das que reduzem a devoção a argumentos, disputando com estylo humano maiorias nos justos, e abatendo huns para exaltar outros ; indecencia não só praticada entre Religiosas, indignas d'este nome, mas introduzida temeraria, e nesciamente nos pulpitos, das que sobem a elle sem mais capacidade, que a confiança. Era Soror Filippa devota de todos os Santos, porque olhava para todos como triunfantes, e advogados ; e sem se meter temerariamente em avaliar premios, lá deixava a decisão aos raios do Sol de justiça, que communicando sua luz soberana, faz differir huma de outra estrella.

Em o dia de cada hum dos Santos punha em hum dos altares do Coro a sua imagem, ou suppria hum resisto a falta della, e com flores, e perfumes lhe assistia, e o venerava alegre, devota, compungida. Assim a occupavão as festividades da Rainha dos Anjos, de que era devotissima. Roubavão-lhe os olhos, e os affectos as suas Imagens. Era So-

ror Filippa mui humilde; assim lhe arrebatava mais o coração aquella Senhora, que fez timbre de ser escrava, publicando que essa escravidão humilde a sobira ao throno de mais que humana magestade. Esta piedosa propensão lhe poz diante dos olhos huma imagem da mesma Senhora, de pequena estatura, antiga, e quasi desfigurada com o tempo, tendo devido pouco ao artificio. Era a materia marfim, e tradição que a mandara a esta Casa Dom Frei Miguel Rangel, sendo Vigario geral na Nossa Congregação da India.

Estava então esta imagem no Capitulo, como esquecida da devoção das Religiosas, occupadas em assistir a outras, que tinham em bem oradas Capellas. Aquelle desamparo, como a pequenez da imagem, fez grande harmonia no coração da devota; offerceo-se-lhe por escrava. Alli erão os seus desvelos, alli todos seus cuidados, alli gastava o tempo, que roubava ao seu descanso em viva, e fervorosa oração; merecendo esta, como aquelle cuidado, singulares mercês, que (he tradição) recebera esta Madre da devota imagem. Não se singularizão, porque ao tempo, que se examinava, e inquiria a vida da Madre Soror Filippa, erão já falecidas algumas Religiosas de grande opinião, que o dizião, e testemunhavam.

Na oração era esta Madre continua: e o perpetuo silencio, em que andava sepultada, era bom indicio de que nem as occupações do Mosteiro lhe embaraçavam aquelle exercicio angelico. Daqui lhe nascião fervorosos desejos de dar a vida por seu Esposo, comprando com seu sangue a coroa do martyrio. Assim se alegrava nas occasiões, que ou achaque, ou doença a obrigavam a sangria, ao ver correr o sangue, lembrada do que seu Esposo derramara, e do com que os Martyres responderão a essa fineza. Succedeo avisinharem-se á barra de Lisboa alguns navios de Turcos; assustou-se o Povo com a noticia; só Soror Filippa parece que se alvoroçou com ella. Estranhava-th'o outra Religiosa; e ella trocando-se-lhe o rosto de penitente, e palido em huma ascua de fogo, respondeo: «Madre, não hei de alegrar-me? Não vê que pôdem estes inimigos entrar para dentro, e nós, que somos aqui as primeiras, lograremos a felicidade do martyrio?» «A morte, e o martyrio, sempre atemorizão» (tornou a outra Religiosa). «Pois Vossa Reverencia (continuou Soror Filippa) não havia de ter mais gosto que temor? Digo-lhe que ajudando-me Deos, se eu merecera o martyrio, havia de olhar com grande alvoroço para o cutelo.»

Estas as lavaredas, que rompião daquelle coração, mas não ficavão só os desafogos em palavras, recorria às penitencias, a rigorosas disciplinas, achando no seu braço não meños cruel verdugo, nos seus golpes mais tyranno martyrio, quanto mais o he, o que conservando a vida, deixa em que continuar a pena. Abraçava gostosa as da penitencia regular; mas nas da voluntaria era tão excessiva, que pareceo aos Confessores, e Prelados que entrasse a obediencia a tirar lhe da mão a disciplina. Grande prudencia pede similhante resolução, porque nem sempre são acertados similhantes preceitos, devendo attender-se á capacidade dos espiritos, havendo talvez alguns, que já como livres das jurisdicções da carne, não escutão mais documentos, que os da vontade Divina, que parece os tem elevado a outra esfera! Se não, que rigor mais impio na avaliação dos homens, que ferir-se S. Domingos tres vezes em cada noite com huma cadea de ferro, onde se podia admirar, não a aspereza, e constancia dos golpes, mas que naquelle atenuado corpo houvesse sangue para elles! Huma Santa Catharina de Sena, huma Santa Rosa, sem largarem da mão a disciplina, ou fazerem acção, que a industrias da penitencia não fosse verdugo da vida! Conselho, e permissões erão estas do Ceo, e daquelle Esposo, que as tratava domesticas, e as queria mais ajustadas. Não he logo sempre acertado o prohibir penitencias. Meção-se primeiro as capacidades do espirito, que podem, ou não abraçal-as; e evitem-se só as indiscretas.

Não o podião ser nunca as da Madre Sor Filippa; dava-lhe pena ver-se com as mãos atadas, e as azas soltas. Soltas as azas do coração para buscar a Deos todas as horas como esposa; presas as mãos para não poder busca-lo com os abrazados desafogos de mortificada. Mas remediou-o o Ceo. Veio a esta Provincia o Mestre Geral da Ordem, Frei Serafino Silo ao Capitulo geral, que celebrou em S. Domingos de Lisboa; e visitando (como seu Prelado) este Mosteiro do Sacramento, achou Soror Filippa caminho para o seu socego, e desafogo, pedindo-lhe dispensação dos preceitos, que lhe tinhão posto Prelados inferiores; e impetrando licença (pertendida com repetida, e empenhada efficacia) para continuar as suas penitencias. Admirou-se o grande Prelado de tão pertendido indulto, quando são só favoraveis os que se pertendem de similhante Prelado: e ficou Soror Filippa com penitencia dobrada; porque, sendo esta licença concedida só de palavra, e publicos os preceitos, que tinha, para não alargar a penitencia, assim se andava furtando aos olhos

de todas, como quem temia scandalizal-as. Apertou o escrupulo com ella, declarou a licença.

A este rigor usado comsigo unia huma viva charidade, com que se havia com o proximo. A salvação das almas era o continuo emprego de sua oração; aqui encaminhava todas as acções meritorias de sua vida. A huma tão pura não havião de faltar mimos do Ceo. Assim parece lh'os concedeo o Senhor, tambem por aquelle estylo, com que os faz aos mais mimosos, dispensando com elles o conhecimento de futuros. Apontaremos hum caso; e foi, que estando esta Madre em oração no Capitulo (era este o lugar, em que a costumava ter) vio entrar por elle a Condessa do Basto com duas filhas nos braços, e chegando a certo lugar, desapareceo. Assustou-se com a vista, porque com os olhos vio aquella novidade, não como representação; mas continuou no santo exercicio, attribuindo aquella vista á fraqueza d'ella, e contando-o ás Religiosas com a mesma singeleza; mas veio tempo, em que pareceo profecia.

Passado hum anno, faleceo a Condessa do Basto, mulher de Dom Diogo de Castro; e mandando-se sepultar no Capitulo d'este Mosteiro, se lhe abriu a cova no lugar em que tinha desaparecido. Passou mais tempo, e faleceo sua filha Dona Paula Margarida de Tavora em Madrid, onde era Dama do Paço; e mandando que trouxessem seu corpe a este Reino, e se depositasse no Capitulo d'este Mosteiro, se poz o caixão sobre a sepultura da Condessa sua mãe. Correo menos de hum anno, e faleceo n'esta Casa sua irmã Soror Francisca da Encarnação. Mandou-se abrir a cova junto da mesma sepultura, e correo a terra de sorte, que de duas se fez huma, verificando-se a visão de Soror Filippa.

Favores de mais estima communicou o Senhor á sua serva. Souberrão-se alguns, praticados por ella a seu Confessor (era este o Padre Frei João da Piedade, Religioso devoto, e reformado, que depois foi Bispo da China). Perseguia-a o escrupulo de que serião illusões do demonio, e não favores do Ceo: tão abatido era o conceito, que formava do ponco, que merecia! Achava-se esta Madre gravemente enferma, pediu ás Religiosas que lhe trouxessem para junto á cabeceira a imagem de hum Crucifixo, e alli lh'a deixassem para alivio, e companhia. Erão as dores intoleraveis: voltarão depois as Religiosas; e cuidandò achar a doente afflita, como a tinhão deixado, a virão alegre, e contente, confessando que era tal a suavidade, que recebera da vista, e visinhança d'aquelle Senhor, que as ancias lhe estavão parecendo delicias, as dores doçuras,

sem mais desejo, que o de padecer mais; porque, figurandó-se-lhe que aquellas dores tihão sahido do sacrosanto Lado daquelle Senhor, estava com huma ancia de padecer tão acceza, como o que abrazado da sede suspira hum copo de agua fria. Era esta imagem aquellá, que a Madre Soror Isabel de Jesus, fundadora, e primeira Prioriza d'esta Casa, trouxe de Santa Catharina de Sena, e de quem recebeo aquelle extraordinario favor, que escrevemos em sua vida.

Recebido já o Viatico, instava com grande ancia pela Santa Unção, a noite precedente á sua morte. Não era esse o voto dos Medicos, que lhe alargavão mais a vida; mas ella tinha de melhor Medico noticia mais segura. Assim o devia de entender o veneravel Padre Mestre Frei João de Portugal, então Vigario, que entrou a satisfazer-lhe aquelle desejo; e perguntando-lhe antes de a ungir, se sentia de que se reconciliar, respondeu segura: «Que nenhuma outra cousa sentia mais, que hum intensissimo desejo de ver a Deos, sendo tão indigna de tão unico bem. Mas que era tal esta ancia, que parece que a instantes a acabava.» Ditosa alma lutando com os desejos de Paulo, de desatar-se, e estar com Christo! (1) Mas parece que adiantando-se a Paulo em lhe apressar a morte esse desejo. No dia seguinte (foi em hum Domingo 13 de Dezembro de 1620) passou a vèl-o premiado, deixando as Religiosas com tantas saudades, como invejas.

## CAPITULO XI

*Das Madres Soror Magdalena das Chagas, e Soror Barbara da Trindade.*

Grandes indicios do que seria a Madre Soror Magdalena, se podião tirar dos pais. que lhe deu o Ceo, sendo doutrina do mais verdadeiro Mestre, que de raizes santas são santos os ramos (2). Foi Soror Magdalena das Chagas (no seculo Dona Magdalena de Vilhena) filha de Francisco de Sousa Tavares, e de Dona Maria da Silva, illustrissimos em sangue, igualmente em virtude. Não degenerou a boa filha do bom genio dos pais. Ferosa he a virtude, mas junta com a nobreza não ha igual harmonia. Esta bemquistou a Dona Magdalena para esposa pertendida. Casou primeiro com Dom João de Portugal, neto de Doin Francisco de Portugal, primeiro Conde de Vimioso. Passára Dom João á infelice campanha de

(1) Desiderium habens dissolvi, et esse cum Christo Ad Philip. 1. n. 23.

(2) Si radix sancta, et rami. Paul. n. ad Rom. 16.

Africa, onde conforme as noticias, que então vierão a Dona Magdalena, morreo, acompanhando a El-Rei D. Sebastião, como grande vassallo, e pelejando como soldado valoroso.

Esta noticia deixou desembaraçada a Dona Magdalena para segundas bodas com Manoel de Sousa Coutinho, Fidalgo illustre, e dos bemquistos entendimentos d'aquella idade (que ainda n'aquella parece que não era odioso este nome.) Viveo com elle alguns annos, até que se resolverão a fazer divorcio, tomando ambos o habito de S. Domingos; ella n'esta Casa do Sacramento, elle na recoleta de Bemfica; resolução que abraçarão tão despídos do mundo, que nunca mais se virão em quanto viverão. Chamou-se ella Soror Magdalena das Chagas, elle Frei Luiz de Sousa, tão celebre pelos acertos d'esta resolução, como pelos de sua penna, acredora de toda esta Provincia. Dos motivos d'este divorcio deixamos já escrito em sua vida, no primeiro livro d'esta quarta Parte.

Recollida Soror Magdalena á clausura, nada lhe pareceo novo, mais que a exterioridade do habito, e o obrar por preceito os mais dos santos exercicios, que em sua casa frequentava livre. Entre as noviças fazia numero, tão igual com ellas, que só a differencava a madureza, dizendo talvez no coro os versos com Soror Barbara sua neta. Não podia parecer noviça, mas já veterana n'aquella vida, quem entrara aquellas portas com tanto gosto, e tanto desengano; quem occupara o tempo em sua casa, furtando-se á assistencia de sua familia, para as escondidas paredes de hum oratorio; quem tinha aberta a porta á necessidade do proximo, os ouvidos ás supplicas, e a mão ás esmolas. Já livre (antes agora debaixo de lei) para os actos da contemplação, e da charidade, não esperou tempo para ganhar em ambas grande nome. Assim era continua na oração, assim continua em servir, sendo a primeira occupação, que lhe poz nas mãos a obediencia, o ser enfermeira; passou-a o seu gosto, e o seu genio a escrava; tal era o fervor, e desvelo com que exercitava o officio. A igualdade, com que a achavão todas as doentes, lhe deu entre ellas o nome de mãe. Com este a chamavão, a este correspondia.

No trato, nas palavras tão humilde, como se lhe esquecera, não só o dominio de sua casa, e familia, mas todo o commercio, e parentesco, que tivera, e tinha com o melhor da nobreza. Assim sujeita, assim soffrida, que nenhuma reprehensão, por aspera, ou palavra, por desarrezoadas, lhe pode nunca alterar a brandura. Grangeou-lhe algumas doencas a mudança de estado, acharão-na com invencivel sofrimento, mais

que tudo raro, o com que se accommodava á extrema pobreza religiosa, abraçando com igual constancia as obrigações, e os desconmodos d'aquella vida. Não lhe durou ella na clausura mais que oito annos; mas tambem aproveitados, como o deu a conhecer a conformidade, com que recebeu o desengano da sua morte, tão placida, como ensaiada n'aquella vida. Recebidos com pijs demonstrações os sacramentos, passou a lograr a eterna, em dia de Santo Thomaz, 7 de Março de 1621.

Ainda que a Madre Sor Barbara da Trindade faleceo muitos annos depois, não parecerá desarrezoado admittirmos ao parentesco o privilegio de anticipar a noticia de sua vida, acompanhando-a de humna tão grande parenta. Era a Madre Sor Barbara filha de Dom Lopo de Almeida, e de Dona Joanna de Portugal. Foi esta filha de Dona Magdalena, de que acabamos de eserever, e passamos á vida de Sor Barbara como neta sua. De pequena começou a pizar o caminho da virtude, tendo por ensino, e por exemplo a piedade dos pais, que entendendo o bem que lhe negoçavão a melhor vida, a recolherão por pupila n'esta Casa. De sete annos entrou n'ella, acompanhando a Sor Magdalena sua avô, e em breve desmentio os poucos annos com a muita capacidade. Já lhe não sabião o nome de pupila, vendo-a occupada nas obrigações de Freira.

Tinha boa voz, e natural viveza, com que se capacitou em pouco tempo nas ceremonias do ordiuario, e cousas pertencentes ao Officio divino. Já as Noviças a reconhecião Mestra; como tal governou depois alguns annos o coro. Cresceo com ella hum piedoso affecto, e devoção ao Rosario, que com grandes lucros de sua alma conservou toda a vida. Nos mais exercicios imitava, e talvez excedia as mesmas Religiosas. Exacta na observancia do silencio, ninguém, especialmente de manhã, lhe pode ouvir palavra sem licença de sua mestra. Dava-se á lição de livros devotos, e com maior applicação aos que tratavão da Paixão de Christo, que ella suspirava esposo, contemplando já n'aquelles verdes annos com tanta madureza as circumstancias, com que crucificarão ao Senhor no lenho, as dôres, que sentiria, arvorando-se este no Calvario, que com compassiva ternura desfazia o coração em lagrimas, e tão sequiosa d'ellas, como se via na continuação com que meditava.

Não se contentava com sentir, quizera tambem padecer; assim applicava a esta contemplação muitas mortificações, e pedia á sua mestra azevre, e fel, que trazia na boca á sexta feira. Em algumas era servido o Senhor de a illustrar, e parecia-lhe que via tudo o que passou n'aquella

lastimoso acto : que via o Senhor banhado em sangue, cuberto de agónias, rodeado de ancias, levantando a enfraquecida voz ao Pai, e entregando-lhe finalmente nas mãos o espirito : a magoa da Mãe affligida ; a dôr do Discipulo anante ; as vozes do povo impio, e rebelde, tudo representado com tanta viveza, que banhada em lagrimas compassivas, ficava como amortecida. Confissão foi de pessoa fidedigna, com quem falava em materias de espirito com confiança, n'aquella idade, e depois de crescida.

Já professa, parecia-lhe que lhe accrescia nova obrigação á observancia das asperezas da Casa ; entregou-se a novas penitencias, jejuns, cilícios, e disciplinas ; tudo lhe parecia nada com as penalidades, que trazia continuamente no pensamento, vendo a seu esposo cravado em hum lenho ; espectaculo de que toda sua vida não tirou os olhos da alma, e com que não enxugou nunca os do corpo. De poucos annos a elegerão Mestra de Noviças, e grande mestra, porque ensinava o que seguia. Adiantava-se o exemplo á palavra, minorava-se o preceito na companhia, e assim a obedição Prelada, como as que a experimentavão companheira ; assim as trazia fervorosas, assim consoladas.

O rigor das penitencias a prostrou muitas vezes, e tão sofrida era nas doenças, como austera em não temer causal-as. Repartia o tempo de orar entre a oração mental, e vocal. porque todos os dias entoava o Rosario, furtando-se muitas vezes a hora (do pouco, que tomara para descânço) por não faltar a este proveitoso exercicio, quando as obrigações da Commuidade lhe estreitavão o tempo ; que assim lhe succedia sempre, por seu grande prestimo. Poucos dias antes de sua morte, estando já prostrada, pedia a huma Religiosa que a acompanhasse. e que ambas rezassem o Rosario ; e dizendo-lhe a Religiosa que socegasse, que já não podia com aquelle trabalho, respondeu : «Antes. Madre, este he o unico arrimo, que tenho para a hora de minha morte ;» e logo o rezou.

Para a certeza d'ella teve dons avisos. Entrava hum vez, antes da ultima doença, no coro ; vio n'ella huma Religiosa ; desconheceo-a ; chegou-se a ella, desapareceo-lhe, e o mesmo foi desaparecer-lhe, que entender, que estava visinha sua morte. Com esta certeza, de que estava convencida, começou de preparar-se, confessando-se geralmente. Passou-se logo a huma vida totalmente retirada, até d'esse pouco commercio das Religiosas. Accrescerão-lhe achaques ; entendeo-se que de novas pe-

nitencias; mas andava de pé, acodindo a todas as Communidades. Entrava huma vez com ella para o coro, a cantar a Ladainha de nossa Senhora, quando ouviu clara, e distincta huma voz, que lhe dizia: «D'esta has de morrer.» Com esta noticia foi maior o fervor de sua alma; com mais suavidade cantou a Ladainha, afinando como cisne os ultimos accentos, não em saudosas despedidas da vida, mas em vivos alvoroços de melhora-la.

No dia seguinte cahio enferma, e de doença tão penosa, que movia juntamente a lastima vel-a sentir, como a edificação vel-a sofrer. Recebeo os sacramentos com juizo inteiro, e suavidade de espirito; e sem fazer acção, que parecesse termo de morte, passou a melhor vida, ficando-lhe hum rosto bem assombrado, e risonho, que enxugando as lagrimas á pena, as trocava em outras de alegria. Com ellas nos olhos levantavão as Religiosas as mãos ao Ceo, sentindo piamente que de lá descião os reflexos da bemaventurança a ferir nas pallidezes d'aquella sombra. Falleceo em huma quarta feira 19 de Novembro de 1642, de idade de trinta e seis annos.

## CAPITULO XII

### *Da Madre Soror Margarida do Santissimo Sacramento.*

Parece que competião n'esta venturosa Casa a graça, e a natureza, povoando-a huma, e outra de sujeitos heroicos em virtude, e qualificados em nobreza; reflexão, que fez algum bom juizo, olhando para os claustros dominicanos, onde escassamente se achava gigante na virtude, que o não fosse tambem nas prendas do sangue. Assim provou sempre este, quando buscou hum pai, que unio em si excellentemente huma e outra qualidade. Seja agora boa prova (ou continuada) Sor Margarida, onde se achou huma e outra. No seculo se chamou Dona Margarida de Menezes, filha de Dom Fradique de Menezes (da casa dos Condes de Cantanhede, e Marquezes de Marialva, illustre, como venerada em Portugal, e Castella) e de Dona Isabel Henriques, senhora em que se virão competir as prendas naturaes com a qualidade do nascimento; assim erão aquellas grandes, assim este illustre. Com este parece que herdeu tambem aquellas sua filha Dona Margarida, nascendo com tanto extremo fermosa, que entre as primeiras mantilhas não foi só o emprego da admiracão, mas de piedosos vaticinios, que a destinavão toda ao Ceo, como

peregrina na terra; não sendo de menos ponderação o do Padre Frei Gaspar do Rosario, Religioso de S. Domingos, pessoa de grande reputação em virtude, e confessor de Dona Isabel, que vendo a menina a poucas horas de nascida, pediu a sua mãe lhe puzesse por nome Innocencia, para indício da muita, que haveria em sua alma; e ainda que então o não indicou o nome, disse-o depois a experiencia.

Cresco; e já nos primeiros annos o hia confirmando na devota inclinação ás cousas de Deos, com tanta, e tão continua applicação a ellas, e esquecimento de tudo o mais, como se renunciara a propensão dos poucos annos. Continua na oração, na veneração, e particulares devoções das imagens; mas no meio d'estes santos exercicios com huma notavel esquivança ao dizerem-lhe que se eria para Freira; e assim foi maior caso, que contando já dez annos, e succedendo ouvir praticar a sua irmã mais velha a resolução, que tomava de ser Freira na Madre de Deos em Lisboa, sentio em si hum abalo tão vehemente, que (segurava-o ella mesma já Religiosa) lhe ferira o coração, inclinaado-a com hum vivo desassocego áquelle estado, e com tão seguros propositos, que costumava dizer: «Que aquella fora a hora da sua conversão.» D'este dia fez sempre singular memoria, dando n'elle a Deos graças com demonstrações alegres, e agradecidas.

Já crescia com ella a estimação do toseco saial Capucho, de que tinha noticia, assentando comsigo, e praticando publicamente, que não abraçaria outra vida mais que a clausura da mais estreita recoleta. Com esta resolução lhe crescia fervorosamente o amor á pobreza, sem haver cousa que chegasse ás mãos da sua diligencia, e da sua industria, que não passasse logo ás dos pobres. Pareceo-lhe pouco o que lhe não custava mais que diligencias; meteo os pobres de partilhas na porção, que na mesa tinha nome de sua, e sempre era menor a que deixava, que a que repartia. Porém não podendo ser grande ainda toda, sem duvida a multiplicava o Ceo, porque com aquelle pouco soccorria a muitos.

Foi cousa notavel, que assistindo commumente com algumas criadas em huma torre alta, que havia nas casas, lá ouvia a voz do pobre, que pedia em baixo na sala, não succedendo o mesmo a quem estava com ella, e parecendo impossivel pela distancia. Então descia ligeira, e alvoroçada, e lhe dava esmola. Havia em casa huma criada (com o achaque, de que adolecem todas, e convalecem raras) que em sabendo que Dona Margarida tinha provisão para os pobres, fingida, e dissimulada, pedia

na sala, chorando huma mãe velha, entredada, e faminta: com este engano roubava á innocente caritativa o que grangeara para a verdadeira pobreza; e repetindo-o muitas vezes, não cahio n'elle nenhuma a verdadeira esmola, porque não costumava olhar para os rostos envergonhados, mas para as mãos vazias dos pobres; senão era, que corria cega áquelle santo exercicio, porque lhe davão nos olhos os resplandores da charidade, que lhe sahião do peito.

Não lançavão de si menos luzes as lavaredas, que se ateavão n'elle, de se vêr esposa d'aquelle Deos, que he fogo que suavemente consome. Já começava de alvoroçar-se para esta felicidade, porque passava com sua mãe para a cidade de Lisboa, e tinha havia tempos os olhos na recoleta da Madre de Deos, em que contava amigas, e parentas, que a suspiravão companheira; mas seu grande espirito, e partes já davão maior brado, acompanhada da resolução, com que vinha de sepultar-se em huma recoleta. Em todas as que havia na Côrte, começaram a avivar-se os desejos de a recolher nos seus claustros; mas era maior o santo commercio que tinha com a do Sacramento, como Casa Dominicana, por ter Dona Margarida já dous irmãos com o habito d'esta familia.

Resolveo-se em acompanhal-os na escolha, por mais que a fizera (estando ainda no Porto) do Mosteiro da Madre de Deos. Mas estava n'elle cheio o numero das Religiosas; e ainda que em Roma se pertendia já a dispensa para a receberem extranumeraria, não admittia dilatações hum desejo, que era fogo, e havia de consumir a constancia, em quanto senão desafogasse na resolução. Achava-se já com dezasete annos, e entendia que em vida tão breve, onde se não segura hum instante, já seriam menos os que desse ao Ceo, que os que tinha gasto com o mundo; como se fora gastal-os com o mundo, ter-se servido d'elle só no domicilio. Assentou em vestir a mortalha Dominicana n'esta Casa; mas sendo seus parentes os que tinham impugnado a fundação d'ella, começaram os embaraços a assustar-lhe os alvoroços; mas não os desejos; porque apesar das grandes batarias do inimigo commum, já do desgosto dos parentes, já dos rigores da Casa, já do desamparo de sua mãe (que não tinha mais que a ella) assentou consigo que nas difficuldades lhe queria o Ceo acrescentar o triumpho, e que seria ingratição não agradecer ao Ceo nas resoluções o que lhe grangeava nos embaraços.

Tinha vindo algumas vezes a esta Casa do Sacramento, como aquella

a que tinha, e em que achava o maior agrado, sendo o reformado d'ella o maior para o seu genio; mandou pedir grade, em que queria fallar á Prelada, e pediu-a com tanta instancia, que suspeitarão as Religiosas que sem duvida era mais que visita. Pedia a licença para huma vespera do Rosario. Acompanhou-a a mãe, vencida de rogos, e da devoção, que tinha ao Mosteiro; mas bem fóra da magoa de tornar para casa sem companhia. Dispoz Dona Margarida tudo de sorte, que estando na Igreja com sua mãe, acabadas vesperas, lhe desapareceo de diante dos olhos; e abrindo-se a portaria, se passou aos braços d'aquella alvoroçada, e santa companhia, com tanto gosto, que por ser o maior de sua vida, lh'o quiz o Ceo contrapezar com o sentimento de vêr a sua mãe entrada em hum desmaio, e logo cuberta de lagrimas, e formando queixas, nascidas estas do engano, que se lhe fizera, aquellas do desamparo em que ficava. Quiz a filha enxugar humas, e satisfazer outras; esteve com a mãe no locutorio; seguirão-se ás meiguices muitas razões cheas de grande espirito: mas nem a mãe se consolava, nem a filha se movia; porque a filha olhava para o seu acerto, a mãe para o seu desamparo, ou porque esta obede-cia á natureza, aquella ao Ceo.

Oito dias retardou Dona Margarida o noviciado, dando á mãe o alivio de a vêr em hum locutorio, e deixando ao costume do tempo o vela com mais alivio: mas não estava então ociosa, por mostrar que não era irresolução a detença. No coro acompanhava as Religiosas. Na oração e contemplação parece que as excedia, porque ainda gastava com Deos o que ellas nas occupações da Casa. De noite contrapezava o não hir a Matinas, com disciplinas rigorosas. Assim, ainda secular, era já noviça; ainda noviça, huma das Religiosas mais consummadas da Casa. Parece que o prova o que diremos. Erão passados dez mezes de noviciado, chamarão as vogaes, para a porem a votos, como he costume. Era pratica sua confessar-se indigna de companhia tão santa; assim deu a entender o abalo, e susto com que ouviu chamar a conselho. Retira-se a huma capella, lança-se por terra, ergue os olhos, e as mãos ao Ceo, pedindo a Deos que a não exelua d'aquelle ditoso rebanho, como incapaz de fazer n'elle numero. Atraz das vozes do coração, subio o espirito; assim ficou extatica, não só o tempo, que durou a função dos votos, mas ainda depois de chegarem a ella as Religiosas, a segurar-lhe, que estava accita. Julgarão o silencio, e immobildade por encolhimento natural, como sa-

bião o como era callada, e humilde; mas soube-se d'ahi a dias, que era mais mysterioso o silencio. quando inconsideradamente confessou, que não ouvira cousa alguma do que se lhe dissera. Sem duvida se applicarão os sentidos de sua alma a escutar de mais superior esfera as noticias da sua ventura. Esta era Sor Margarida, quando noviça.

Mas não permittio o divino Esposo, a que esperava dar a mão, que fosse só o noviciado da Religião, o que a dispuzesse para aquella felicidade; em outro noviciado a quiz approvar o Ceo no sofrimento, e paciencia com que abraçou huma cruel doença, entendendo, que era mimo d'aquella mão, que lhe promettia o Esposo. Assim não só sofria, mas festejava as dôres, sem que o rigor d'ellas lhe embaraçasse as horas de oração, em que sentia tal suavidade, que não havia molestia, que lhe não esquecesse. Apertavão-na rigorosas sedes; e recorrendo á oração, em que se suspendia, parecia-lhe muitas vezes que o Senhor a recreava com sua presença, permittindo que com os sequiosos beijos chegasse ao sacrosanto lado, e com tanta consolação, e doçura de espirito, que no mesmo instante lhe passava a sede, ficando-lhe só a de repetir aquella suavidade.

Continuava o embaraço da doença (erão humas crueis quartans) e prendia-a no leito em certo dia, que commungavão as noviças. Entrou-se de huma vehemente magoa, ou santo ciume, e inveja d'aquelle unico bem, que se lhe difficultava; e disse ao Senhor com hum suspiro sahido da alma: «Ah Senhor, que ahí vos estais regalando com essas vossas servas: e só a mim, como indigna, me repudiais, pois aqui me prendeis paralytica, para que vos não receba!» Logo lhe pareceo, que escutava ao Senhor, que brandamente lhe dizia: «Para que dizes isso, se sabes que te amo?» Seguiu-se-lhe huma doçura de espirito, que (derretendo-lhe o coração em lagrimas) lhe parecia que era a com que sempre commun-gava.

Em huma terceira Dominga (em que se costumava expôr o Senhor n'esta Casa) durava-lhe ainda a prisão da doença, e n'aquelle dia com huma accendida febre, que a tinha prostrada. Aggravava-se-lhe com a dôr de não poder se quer ter socego para contemplar n'aquella soberana iguaria, já que com os olhos mortaes não podia vel-a. Pedio ao Senhor, que já que lhe não permittia aquella vista, lhe reservasse o desassocego da febre para outra hora, porque o queria contemplar n'aquella. Sentio logo em si hum tão grande socego de espirito, como se forão alheas as

aflições do corpo. Levantou-se-lhe; e com admiração das que sabião o estado, em que havia pouco a deixavão, assistio no coro á Missa, e sermão, até se recolher o Senhor.

Chegava o dia de sua profissão; determinou a Prelada que fosse n'aquelle, em que o achaque a deixava livre, sem que mais se lhe dilatasse, porque era tal a sua ancia, que entendião que a convaleceria o gosto de professa. O conceito, que Sor Margarida se tinha grangeado, encheo todo o Mosteiro de alvoroço, armando-se as capellas com devotas figuras, em que se representavão alguns passos dos Cantares, em que melhor se exprimem os divinos desposorios. Tudo convidava a devoção, e santa e espiritual alegria. Mostravão-lhe tudo; e a nada do que se lhe dizia, ou se lhe mostrava, dava acôrdo; assim estava absorta n'aquelle bem, que via já proximo, e a que sempre levantou medrosa os olhos do merecimento humano. Assim suspendida, e como alhea (como a que em nada era já sua por aquella ditosa entrega) chegou aos pés da Prelada: e ao pôr as mãos no livro das profissões, lhe pareceo que alli estavam as de seu Esposo, e que como tal lh'a dava, e ao inclinar-se, hum amoroso abraço; tudo tão vivamente, que nunca mais lhe sahio da memoria, e menos do entendimento, hum conceito firme, e seguro de que aquelle acto fora a Deos aceito, e hum real. e legitimo desposorio.

D'esta viva, e continuada contemplação lhe nascia hum tal despego da materialidade do corpo, que vivia como esquecida de que ainda era peregrina na terra, levando-lhe o mais do tempo a doce lembrança d'aquella hora em que se desposara, ainda que lhe contrapezava o Senhor estas consolações com a continuação de achaques, repetidas dôres, e pezar vivo de se vêr sem saude, e forças para servir, e se atormentar. Mas antes que passemos a maiores noticias, ou para que melhor demos todas d'esta verdadeiramente extatica Madre, recopilaremos sua vida (como nol-a deixou expressa da sua mesma penna, tanto para edificação, como para doutrina, não fiando o Ceo tanto vôo de outra, que não fosse a sua.) Achou-se em hum papel de sua letra, fizera-o sendo noviça, com documentos para ocupar com lucros, e melhoras de sua alma todas as horas do dia. Como os escreveo, os observava, e observou toda sua vida. Dizia assim fallando consigo:

«Pela manhã em acordando, lerabrar-me, que começa o dia, e de-sejar gastal-o todo em serviço de Deos; e para bom principio procuro fazer as cousas melhor, que até alli. Até Prima gasto n'estes propositos,

pedindo a Deos graça para os pôr por obra. Depois de Prima, procuro aproveitar o tempo da oração, representando a Deos diante. Quando sahir do coro, pedindo licença, e favor a Deos, e procurando chegar até casa de Noviças, occupar o tempo em saudades suas; e para as aliviar, não sahir nunca de sua divina presença, imaginando no passo em que aquelle dia tive oração; e para tudo o que me mandarem, estar mui prompta. Se ensinar as outras Noviças, lembrar-me, quanto mais necessidade tenho eu de aprender, e assim fazel-o com humildade, e charidade. Se aprender, hir com gosto para louvar a Deos. Se fôr para o oratorio, agradecer a nosso Senhor, querer que esteja diante d'elle. Tangendo o sino para as horas, alvoroçar a alma para hir louvar a Deos, indo até o coro, dando-lhe graças por este soberano officio, que me deu. Em entrando no coro, pedir devoção para estar n'elle. Na Missa ter consideração dos peccados passados, pedir misericordia, dar graças por beneficios recebidos, encommendar a nosso Senhor a sua Igreja, renovar os bons propositos, e offerecimentos. Quando fôr á mesa, queixar-me a Deos de ser forçado sustentar o corpo: desejar ter muita mortificação, e escusar tudo o que não fôr necessario. Na mesa cuidar no fel, e vinagre, ou no dia em que se deu. Em acabando dar graças, e hir logo ajudar a lavar a louça, com contentamento de servir. Depois hir para casa de Noviças, fallar com as companheiras, porque m'o mandão; pedindo a Deos seu favor, para o não offender em alguma palavra, procurando que a pratica seja d'elle; as palavras poucas, sem porfia, e baixas, e menos diante da Madre mestra, desejando sempre o recolhimento. Tangendo, hir para a cella preparar-me para a oração de Noa, com o exame de consciencia, lição para a oração, meditação, o Passo do dia, peccados passados, e ruim vida presente, procurando até Vespera conservar a devoção, sentindo muito n'este tempo ter alivio em alguma cousa, pois he tão proprio para sentir os trabalhos de Christo. Depois de Vespera tornar para casa, procurando não sahir nunca da presença de Deos, e para isso usar muitas jaenlatorias. Á cea, ou colação as considerações do jantar, desejando, que se acabe, para hir para o coro, e procurar de estar então com devoção, por ser a derradeira hora do dia. Recolher-me fazendo primeiro exame, e sentindo haver de gastar o tempo em dormir sem louvar a Deos. Pedir ao Anjo da Guarda, que o faça por mim. Pedir perdão, licença, e favor a Deos. Ao despir lembrar-me, que em casa de Pilatos tirarão seus vestidos ao Senhor, e depois de Matinas, quando com

maior dôr no monte Calvario lhe fizerão o mesmo. Deitar-me considerando como estenderão o Senhor na Cruz, e ao levantar, quando o levantarão n'ella. Dormir com as mãos cruzadas.»

A esta repartição de dia, que trazia decorada, e cumpria á risca, não deixando instante livre ao pensamento, para poder deter os vôos do espirito, ou tropeçar nas fraquezas de humano, ajuntou outro papel, escrito tambem de sua letra que se lhe achou, a que chamava *Propositos*, e se soube. que escritos, e exercitados com resolução de os não quebrar em sua vida. Dizia assim o papel:

«Propositos, que determino cumprir com o favor de Deos. Lel-os todas as semanas. Rezar todos os dias pelo menos hum terço do Rosario com devação, e de joelhos. Fazer todos os dias exame de consciencia. Não passar nenhum, em que me não mortifique em alguma cousa. Quando me recolher, ler a meditação do outro dia, e ter alguma consideração quando me deitar, lembrando-me logo pela manhã de Deos. Não dizer palavras em meu louvor, nem de queixa, nem de desconfiança. Trazer os olhos sempre baixos; não fazer nada sem conselho. Nem fallando, nem escrevendo, dizer palavras, que mostrem curiosidade. Encomendar todas as semanas a Nosso Senhor todas as cousas, que nos mandão em Capitulo, e as pessoas, que me reprehenderem, ou aggravarem. Não me desculpar. Fazer o que me pedirem com muito boa vontade. Não fallar com minha Mestra por gosto proprio, senão por necessidade, e pertender na pratica só o maior serviço de Deos, e aproveitamento de minha alma. Não me rir das faltas alheias. Gastar bem o tempo, que leva o Officio Divino, procurando estar nelle com attenção, e recolhimento interior.»

Estes os propositos, que inviolavelmente observava Sor Margarida; aquella a repartição de tempo, com que o aproveitava todo; e assim se deixa ver, que era sua vida huma oração continuada, pois não havia instante, que não occupasse contemplativa. Não foi esta a sua maior occupação recolhida nos Claustros; já o tinha sido, vivendo ainda em sua casa, onde madrugava para o Oratorio, e nelle gastava quasi todo o dia. Passando sua mãe a viver em Lisboa (como depois dizia, e chorava) não foi algum tempo n'este exercicio tão continua por buscada, e tratada de algumas senhoras parentas; mas tanto do genio, e criação de Soror Margarida, que bem podia não lamentar de mal gasto aquelle tempo, em

que só se tratava de como se havia de occupar bem, seguindo-se a este santo commercio o povoarem-se algumas recoletas dos espiritos, que o fomentavão.

Abrazava-se no amor daquelle mysterio, que he por antonomasia de amor. Já em os primeiros annos erão fervorosos os mesmos desejos; porque subindo-se a hum logar alto de sua casa, corria com os olhos, e com o coração as Igrejas, que dalli descobria, venerando-as como sagrados celeiros, que guardavão o Pão dos Anjos. Diante delle exposto ficava tão alienada, e esquecida, que era necessario advertil-a, e compor-lhe o manto, quem estivesse com ella. Em levantando os olhos, e os pensamentos para o adorar, seguia-se-lhe á suspensão o atear-se-lhe o coração em vivas lavaredas, a estas o desafogo das lagrimas, e tão ardentes, como faiscas do coração; testemunhavão-no seus olhos nunca enxutos, por mais que sempre abrazados. Já no Mosteiro (onde para estes santos empregos tinha liberdade, e commodo) não lhe parecia, que descançava, senão no coro, e á vista do Sacrario, continuando este exercicio com tanto lucro, que o mesmo era por-se de joelhos, que esquecer-se de todas as pensões do corpo, sem mais memoria, que aquella em que seu Esposo se deixara.

No meio destas contemplações pagava-lhe o Senhor aquelle fervor, com que toda a hora se queria transformar n'elle, illustrando-a com soberana luz. Huma noite de Natal, ouvindo cantar na Missa o *Gloria in excelsis Deo*, e contemplando, que os Anjos entoarão aquelle cantico a hum Menino Deos, que por sua vontade vinha á terra a trazer a verdadeira paz á sua alma, assim se elevou, que não soube, nem deu accordo se se cantarão Laudes, parecendo-lhe só, que tinha dentro em si aquelle Deos, que para não estranhar a sua visinhança, tomára sua mesma natureza.

Cantava Completas em huma Dominga de Ramos, quando levantando a Deos o pensamento, se sentio interiormente levantar sobre si, pondo-se diante da Santissima Trindade, recebendo hum raio de luz, que lhe dava conhecimento do muito, que Deos era. Parecia-lhe hum mar immenso, que por todas as partes a tinha cercado, e como sepultada nelle, sentio perder todas as operações naturaes, como se n'ella vivera espirito mais soberano. Chamou-a huma Religiosa, que a vio transportada, e tornou em si com huma suspensão, e hum pasmo, como se se

lhe fizera novo o ver-se entre as baixezas, e debilidades do corpo humano.

Esta suave experiencia dos mimos do Ceo a trazia retirada de tudo o que não era a meditação d'elle, suspirando sempre a soledade para se transformar em Deos. Este mimo lo-grava especialmente nos dias de commenhão, parecendo-lhe, depois de commungar, que dentro em si tinha aquelle Senhor, em que divisava huma alvura, e claridade nunca vista, nem comparavel com as da terra: a esta luz lhe parecia, que se lhe abrião os olhos do entendimento, e alcançava mais, que o que podia o humano no mysterio profundo da união do Verbo: mas nada affirmava, sepultada logo em huma escuridade impenetravel. O que só segurava, era contemplar vivamente aquelle sustento das almas na sua, que com huma incomparavel belleza desterrava della toda a sombra de agonia; representação, que lhe ficava tanto na memoria, como se dos olhos corporaes lhe nascera aquella saudosa lembrança.

Igualmente viva era a representação dos mais mysterios, e passos sagrados, e tanto, que fallando ás vezes nelles repetia, e individuava as circumstancias com huma tal miudeza, como se a seus olhos passára o que repetia. Esta suavidade, em que trazia como encantado o espirito, a retirava de tudo, e em tudo a trazia como estranha, e molestada, como se lhe tirara as forças, e lhe enfraquecera o coração qualquer occupação, que não fosse estar contemplando; succedendo-lhe muitas vezes, que indo a ler na Comunidade, não podesse mover os beigos, como se com violencia lhe taparão a boca; assim estranhava as acções do corpo, como se alli não houvera já mais que espirito.

Mas porque este gemia ainda nas prisões da carne, sentia muito o haver de accomodar-se ás debilidades della, sendo-lhe preciso o tomar algum descanso. Succedia-lhe assim depois de Matinas, recolhendo-se huma hora antes de Prima, perseguida de insupportaveis dores de cabeça, que a privavão do alivio de ficar assistindo ao Santissimo Sacramento. Pedio, e tornou a pedir aquelle Senhor, que lhe tirasse aquelle embaraço; e assim ficou sem elle, de sorte que antes de Prima só se recolhia meia hora.

Na obediencia desempenhou os propositos, que tinha escrito, e decorado. Nem no justificado da acção lhe ficava voluntaria a escolha: suas Mestras, e Preladas lhe determinavão tudo o que obrava, tão despida de vontade propria, como se se lhe trocara em obediencia. Mas assim se

contentava o Ceo da sua, que o quiz mostrar para premial-a. Era ainda Noviça, achava-se a Madre. Soror Jeronyma de Jesus muito affligida com humma colica, e dores insupportaveis de cabeça (achaque, que muitas vezes a perseguia) e havia cinco dias, que não socegava. Chegou-se a ella a Mestra das Noviças, e levando consigo, como de acaso, a Soror Margarida, lhe disse, que puzesse a mão na cabeça á enferma. Bem entendeu a boa Noviça (por mais que interiormente o estranhava) que era esperar daquelle toque a mesinha; mas obedeceo mandada; applicou a mão, e no mesmo instante cessou toda a queixa, ficando a enferma como se até alli o não estivera. Isto achamos apontado por humma Religiosa de boa opinião, que o presenciou.

Era extremosa sua humildade, nada estimava menos que a si mesma. Todas lhe parecião capazes de mais respeito que ella. O conceito de que era a mais indigna creatura, a obrigava a hum rigoroso exame, que precedia á communhão, não o dando por sufficiente, em quanto as lagrimas lhe não seguravão, que estava ferido o coração. Assim se senteneava a si mesma, não achando em si venialidade, que lhe não parecesse crime, sendo tão humana com as acções alheias, que sempre chegavão a seus olhos com desculpa, se erão menos justificadas. e com confusão sua, se erão paras, sentindo bem de todas. As afflicções, e trabalhos alheios lhe parecião proprios: tal era a ambição de sentil-os; passava á de querer remedial-os; recorria á oração; e pagava-se Deos tanto deste desvelo, que a illustrava com o conhecimento de successos futuros: succedeo algumas vezes assim.

Tiverão humas Religiosas noticia, que em Castella estava enferma, e perigosa humma irmã sua, Dama da Rainha, pessoa de tantas prendas, que ainda fazião maior a perda. Desconsoladas, recorrião a Soror Margarida; instava ella na oração, compadecida das irmãs, como da enferma. Foi servido o Senhor de lhe dar a entender, que não viviria. Conforme com a vontade Divina, e magoadada da dor das irmãs, lhes pediu, que se puzessem nas mãos de Deos, porque terião noticia de humma grande perda. Tomarão o conselho, ainda que com o alivio de nova espalhada, que se achava melhor a enferma. Mas Soror Margarida estava mais segura no que se lhe tinha mostrado, que no que estava ouvindo. Succedeo assim, que veio brevemente noticia, que a enferma falecera. Fazia a mesma supplica na oração pela vida de Dom Miguel de Castro, Arcebispo de Lisboa, que estava perigoso, e importunavão-n'a parentas

suas, a que esta noticia trazia desconsoladas. Não tardou a que Soror Margarida teve de que faleceria o Arcebispo; mas occultou-a; e falecido elle, se entendeu que antes a tivera.

No sofrimento, e na paciencia, parece que desconhecia as pensões de humana, não conjecturadas, nem ainda no semblante. Assim se escutava reprehendida, como se se conhecera culpada. Lamentava o ver-se sem saude para maiores empregos de penitente. Erão tão asperos os das disciplinas, que tomava com cadeas de ferro, que seus Confessores lhe puzerão preceito, para que não fossem tão continuadas, e tão rigorosas. Obedeceo: mas com tanta dor das que lhe embarçavão, que veio a igualar as que lhe impedião. Só nas sextas feiras não podia exercitar penitencias, porque a atormentava huma rigorosa dor de costas, e cabeça, que a deixava sem alento para outra. Durava-lhe de pela manhã até ás tres da tarde. Mimo parecia de sen Esposo, que repartia com ella das delicias, que naquelle dia, e naquellas horas gostara no paraizo do madeiro.

Assim queria viver só com elle no da Religião, que o que lhe pedia no tempo, em que ainda não podia fallar a sua mã, e irmãos (porque ainda estava com a sujeição de Noviça) era, que os fizesse santos, mas que lhe embarçasse o alivio de communical-os. Assim lh'o permittio Deos, porque a sua mã só huma vez fallou, e a alguns de seus irmãos, nenhuma, prendendo-a huma grave enfermidade na enfermaria, de donde passou a melhor morada. Ameaçada do achaque, foi ao coro despedir-se do Senhor, e pedir-lhe, que se aquella era a ultima doença, a deixasse padecer nella; sem duvida entendeu que sim o seria, porque logo disse palavras, que o derão a entender, por mais que os Medicos facilitavão a doença, não na opinião das Religiosas, pela muita que tinhão da enferma, e dos fundamentos com que sempre fallava.

Aggravou-se o achaque, crescerão as dores (erão já insupportaveis) mas igual a constancia de quem as soffria; sabia que erão mimos, porque como taes os pertendera. Commetteeo-lhe a cabeça hum humor grosso, deu-lhe hum sono pesado. Não havia industria, nem medicamento, que a divertisse delle. Inventou hum quem a conhecia; fallavão-lhe em Deos, logo a tinhão esperta. A maior dor, que padecia, era no peito; e sendo facil a mesinha para alivial-a, ella lh'a não applicava, sem que a Prelada não só lh'o pedisse, mas lh'o mandasse.

Fizera Sor Margarida hum concerto com huma Religiosa, que a que

primeiro chegasse ao ultimo perigo da vida, desenganasse a outra. Não se esqueceo a boa amiga. Esentou-a Sor Margarida, respondendo-lhe com socego, que de parte mais certa tinha havia muito o desengano. Algumas vezes commungou, dilatando-se a doença; e algumas pedio a União; mas o dia em que falleceo, com tanta ancia, e tão repetida, que entenderão não devião dilatar-lh'a. Recbeo-a com paz, e consolação de espirito, e com ellas o deu ao Senhor, em huma segunda feira, 11 de Maio de 626, tendo de idade vinte e dous annos. Ficou com hum semblante alegre, e desassombrado da morte, que bastara a enxugar as lagrimas das Religiosas, se a saudade (ainda com os olhos naquelles bosquejos da sua gloria) não suspirara como humana a sua companhia.

### CAPITULO XIII

#### *Da Madre Sor Catharina dos Martyres.*

Entremos a ver o spectaculo, que a gentilidade cega achou digno das attentões de Deos; hum coração abraçado com as miserias da vida, sem ceder na tolerancia. E que dirá o conhecimento Catholico, encaminhado da luz da razão, e da Fè, entendendo, que semelhantes lutas são a officina de venturosas coroas; não aquellas, que fingia a vaidade nas immortalidades da fama; mas as verdadeiras, que no Templo triunfante de Deos hão de durar incorruptas?

Bem conheceo esta verdade a Madre Sor Catharina, como se estudara com S. Paulo aquelle tão claro, e importante conselho de se adiantar no trabalhoso estado desta vida, para conseguir huma immortal coroa (1) com muita mais razão, que os Athletas corrião com ancia para alcançar huma caduca. Nasceo Sor Catharina de pais nobres, mas tão queixosos da fortuna, que não alcançayão suas posses a inteirar hum dote á filha, para se recolher em o Mosteiro de Jesu de Aveiro, este patria sua, e aquella a resolução, com que se criava desde menina. Assim houve de accommodar-se (pois não havia reduzil-a a outra vida) entrando em o lugar de Freira Conversa, em que deu tal conta de si, que não só servia ás Preladas, e Religiosas antigas de gosto, mas a todas de exemplo. Professou; mas vivendo sempre com a mesma sujeição de Noviça, não

(1) Omnis, qui in ago ne contendit, ab omnibus se abstinere: illi ut corruptibilem coronam accipiant, nos autem incorruptam. 1. ad Cor. 9. n. 23.

só no serviço, e obrigações da Casa, mas na aspereza da vida, que via, e imitava nas mais reformadas della.

Neste tempo hum irmão seu, Religioso Dominico, que assistia no Convento da villa (eleito Bispo de Cabo-Verde) quiz augmentar o dote à irmã, que a estimava muito, e fazel-a Freira do Coro; mas foi cousa rara, que sendo Sor Catharina tão bemquista, se oppoz a isso toda a Casa, sem valer industria, nem valia, antes algumas pouco consideradas (que a virtude sempre tem emulos) começaram a tratar a Sor Catharina com desprezos, accrescentando affrontas, e injurias, como a incapaz do lugar, por que seu irmão fazia as diligencias. Era Sor Catharina bem nascida, criada com estimação, ainda que não com grandeza; escutava agora aquella repulsa, via-se desprezada, e perseguida; mas como se desconhecera as paixões de humana, estava immovel, sem que os vituperios, que lhe chegavão aos ouvidos, tivessem mais resposta que a muda, que costumavão dar os olhos. Este o espectáculo, em que se vio vencida a natureza das firmezas da tolerancia. Seguião-se ás injurias as falsidades, que lhe impunhão, e com que a desanthorizavão; e Sor Catharina emmudecida, recorria ao sagrado da oração, como se dissera com o Profeta: «Senhor, o odio se empenha em me perseguir: eu volto-lhe as costas, popho-me a orar (1).»

Este era o alívio, e o remedio, a que recorria o seu desamparo; buscava os pés de hum Crucifixo; banhava-os com lagrimas, dizião ellas o que callava a boca, e souberão dizer tanto, que vio em huma occasião, que despregando o Senhor o braço da Cruz, a estreitou com elle, deixando-a tão fóra de si o extraordinario do favor, que cahindo por terra, esteve muitas horas, fiando a sua confusão o saber agradecel-o, ficando de então com hum coração tão inteiro para as perseguições, que não só lhe parecião toleraveis, mas as julgava interesses. Neste estylo de vida sacrificada passou Sor Catharina alguns annos, anciosa sempre de se adiantar em padecer, porque tudo lhe parecia pouco para servir hum Senhor, que sabia dar tanto. Abrio-lhe o Ceo caminho na noticia desta nova Casa do Sacramento, e da grande observancia, com que se vivia n'ella. Pedio ao irmão Bispo, que lhe alcançasse licença para passar a viver n'aquella Clansura, não por fugir na de Aveiro ás perseguições, que já o tempo diminuira; mas porque desejava ver-se em maior estreiteza.

(1) Pro eo ut diligenter detrahchant mihi: ego autem orabam. Psalm. 103.

Foi facil ao irmão a licença; passou Sor Catharina para esta Casa do Sacramento por Freira do Coro, deixando saudosas, e arrependidas as que lhe tinham embarçado o mesmo. Via-se agora seu espirito em campo aberto para lançar mão das armas da penitencia, como a convidavão os exercicios da Casa, e o exemplo daquelles espiritos, que voavão na réforma. Mas o que mais avultava n'ella era huma viva, e desvejada charidade com os proximos, em que não podia ver miseria, que não remediasse, ainda que fosse á custa de ficar com ella, remediando-a. Assim era tão pobre, que não conseguia o gosto de dar, sem o sacrificio de pedir primeiro. Humilde, e obediente, não houve occupação de trabalho, a que não satisfizesse; mas o gosto, e alegria ainda excedião a pontualidade.

Achava-se já carregada de annos, que lhe grangearão huma cruel enfermidade, que cinco mezes lhe exercitou a paciencia, edificando a quem a via padecer emmudecida. Amanheceo hum dia com rosto alegre (foi o ultimo de sua vida) e perguntando-lhe huma Religiosa de toda sua confiança se se achava aliviada, porque o semblante o dizia, respondeu: «Não só aliviada, mas favorecida; porque a sua Senhora do Rosario a visitara.» Era devotissima da Senhora, e ao seu Rosario ajuntava todos os dias o seu Officio menor, por mais que viveo sempre occupada sua muita capacidade nos officios de mais trabalho, que havia no Mosteiro; mas, se lhe faltava o tempo, suppria o que se havia de dar ao descanso. Foi crescendo a doença, e ella entendendo, que chegava o do seu martyrio. Hum continuado fôra toda sua vida; e quem tambem entendia, que não podia haver n'ella outra cousa, e que tudo o que tivesse de breve, teria de apressar a ultima felicidade, como não trocaria os receios em alvoroços?

Com muito pedio, e recebeu os Sacramentos: e depois de demonstrações penitentes, acompanhadas das lagrimas das Religiosas, que perdão n'ella hum daquelles primeiros espelhos da observancia, e hum arrimo para a Casa, acabou com hum socego, e serenidade, que ainda depois lhe durou no semblante, admirando-se as Religiosas, que a escutavão sempre tão temerosa da morte. Mas essa he a importancia de morrer sempre na vida, sentir-se-lhe o socego de viver na morte. Desengano, e conselho bem importante, que deixou escrito o exemplar dos mortificados S. Paulo, que dizendo, que morria cada dia, disse depois, que

a morte estava tão fóra de lhe dar susto, que antes era o seu desejo (1). Só quem sabe entender, que a vida he morte, sabe alegrar-se com a morte, como principio da vida. Faleceo esta Madre em 14 de Setembro de 1626.

#### CAPITULO XIV

*Das Madres Sor Maria Magdalena do Santissimo Sacramento,  
e Sor Theresa de Jesus, ambas irmãs.*

Sendo todas as Virgens esposas d'aquelle Cordeiro, que se apacenta entre as fragrantas, e intactas assucenas da castidade, parece, que as que do jardim Dominicano paixão ao Celeste thalamo, são mais propriamente esposas do Cordeiro, porque o nome de Dominicás, que as dá a conhecer todas suas, as segura mais mimosas. Esse o enfase no nome de nosso Patriarcha, *Dominicus*, como se dissera *Todo do Senhor*; essa a maior preciosidade, com que este grande Pai as dota filhas, essa a circumstancia gloriosa, com que o Esposo as estima mais suas. Assim parece, que se desempenhou na Madre Sor Maria, mostrando-se não só no nome, que escolheo, do Santissimo Sacramento; mas no que lhe succedeo (vindo a ser Dominica) na resolução de tomar estado.

Foi a Madre Sor Maria (que no seculo, e até sua profissão se chamou Anna de Jesus Maria) filha de Antonio de Sampaio, e de Anna de Sampaio (da mesma familia devião ser os dous casados, como o mostra o appellido) gente nobre, e rica; duas fortunas, a que só podia avantar-se a de terem huma filha, que logo nos primeiros annos mostrou o Ceo, que lh'a emprestára, e não lh'a dera. Assim começou a reparar-se n'aquella idade (onde ainda preso o discurso, parece instincto) a devota propensão, com que abraçava tudo o que era de Deos; servindo muitas vezes de divertimento aos pais a ancia, com que se esquivava aos que lhe fallavão em estado, que não fosse de Freira, seguindo com tão notavel tenacidade as disposições para elle, que nunca acabarão com ella, que atasse huma fita, ou vestisse gala, contentando-a com a de hum habitosinho, que (pedido com lagrimas) chamava só a sua.

Crescerão os annos, e com a razão os desejos, e começarão aquellas meninices a conhecer-se como ensaios dos que agora já erão propositos. Assim se vio o que levava nas suas resoluções, pedindo a seus pais o

(1) Quotidie morior. 1. ad. Cor.—Desiderium habens dissolvi. Ad Philip. 1. 23.

exercício de esmoler, repartindo d'aquelles bens, que só passados pelas mãos da charidade pôdem ter esse nome. Queria ver bem empregado o que lhe cabia d'elles, e alargando a mão, mais com os olhos no remédio da miséria alheia, que nos augmentos de sua casa, escutava com magoa, e paciência as reprehensões de huma parenta, que a criminava com os pais de desperdiçada. Tornava-se ao que tinha nome de seu, e era de huma pobre (que todos os dias para isso convidava) ou tudo, ou quasi tudo o que se lhe punha na mesa.

Mas criava forças com aquelle exercício o fogo da charidade, e erão sopros, com que se augmentava aquellas impossibilidades, ou escacezes, com que despendia. Tudo lhe parecia pouco para sacrificio d'aquelle desejo. Queria passar ao que ultimamente podia, que era dar-se a si mesma. Encontrava embaraços: porque, ainda que tinha outra irmã, só de sua prudencia fiavão os pais o governo de sua casa. Queixava-se como Martha, Maria, porque Maria era aqui a occupada. Deixava-a a irmã com todo o peso da familia, e ella passava ao oratorio sem respirar da maior lida, porque aquella era a melhor parte, que escolhera.

Neste exercício era continua, e já n'elle tão ditosa, que gostando de suas suavidades, se deixava levar de hum novo genero de desmaios, ou de hum leve roubo de sentidos, em que adormecia, e de que nenhuma industria, mas só ella mesma se acordava. Não lhe embaraçava, antes lhe favorecia este suave sono, o continuo despertador do cilício, o sangue, que saliendo ao golpe da disciplina, enfraquecia, e debilitava as forças, que os jejuns tinham já caçadas. Nestas penitentes batarias, ainda queria desafial-as para mais largo campo, como se ainda duvidasse do triumpho; só no da clausura lhe parecia que o tinha certo. Esta incansavel ancia a obrigava a descobrir caminhos para conquistar a vontade dos pais, que com o interesse ou de a não desterrarem de seus olhos, ou de descangarem com ella os cuidados caseiros, resistião áquelles santos propositos, mais fervorosos, quanto mais rebatidos. Buscava pessoas de espirito, instava, pedia a seus Confessores que apadrihassem o justo d'aquella supplica, que nem o ser justa deixava descangar o escrúpulo, de que o absoluto da escolha pareceria desobediência.

Tirou-lhe finalmente o Ceo os embaraços na vida dos pais: bem entendeo, que assim o dispunha, para que com os sentimentos de filha, comprasse os alvoroços de esposa: não podia custar menos, o que valia tanto! Ficou em poder de seus irmãos, que com o interesse de se verem

absolutos senhores da casa, e da fazenda, começaram a escutar gostosos os intentos, que a trazião desvelada. Soavão por este tempo nos ouvidos piedosos as noticias da reforma, com que as discipulas do espirito de Santa Theresa hião restaurando as antigas austeridades do Carmelo; accendeo-se em vivos desejos de escutar aquella divina mestra na aula de seus claustros. Agradavão-lhe as noticias, que finha da Casa de Santo Alberto, Mosteiro de grande reputação.

Concertou-se com ellas o dote, e a legitima; e a promessa de grossas esmolas, parece que facilitavão a pertença em huma Casa, costumada a respirar d'ellas; mas sendo grande o desejo das Religiosas, a falta de lugar, começou a dal-o ás esperanças. Tinha Sor Maria hum claro entendimento, não se lhe escondia, que resoluções acertadas arriscão este nome, sem a industria de promptas. Vagares ao applicar da materia, perdem a chamma; antes he querer ver-lhe as cinzas, que as brazas. Bem conhecia Sor Maria, que o abrazado espirito, que a guiava, era aquelle, que sendo todo fervores, desconhece vagares. Determinou-se a obedecer-lhe, recolhendo-se logo ao Mosteiro de Corpus Christi da Ordem de S. Domingos, que na mesma cidade do Porto era classe de grandes espiritos.

Mas Deos, que sobre lhe embaraçar os outros caminhos, abrindo lhe só o de lhe chamar mais sua (sendo Dominica) ainda a guardava para lhe premiar aquella ancia, com que o costumava busear na mesa sacramentado, lhe trouxe por via de hum irmão seu, a noticia de como em Lisboa florescia já com grande nome huma Casa, que tinha aquelle, que ella escutava, e venerava com tanta suavidade.

Não houve detença, consultou a resolução com huma irmã, que a acompanhava não menos na casa, que no genero de vida. (Era a mais moça, chamava-se Theresa de Jesus). Achou-a não só prompta, mas alvoroçada. Dispuzerão-se com brevidade as circunstancias de hum, e outro dote, e no mesmo instante a jornada; nada valia a detel-as. Sabião os parentes, que era o Mosteiro do Sacramento, antes sepultura de vivas, que vivenda de mortificadas; era a ultima lisonja, que havião de fazer á seus olhos, e com o desengano de ultimas querião dilatar as despedidas. Mas nada valia, nem nos irmãos caricias, nem na familia lagrimas, nem na terra longes, nem no natural saudades. Assim corrião ao desterro de sua patria, como quem conhecia que não ha na terra nenhuma, que o seja como lugar, em que sempre se peregrina.

Em huma quinta feira fizeram a jornada com o feliz annuncio, em que a sua devoção fez reparo, encontrando ao sair de casa o Santissimo Sacramento, que hia a hum enfermo por viatico. Lanço pareceo, de quem lhe sabia ao encontro, como pagando-lhe n'elle o desvelo de buscado. Assim deixarão as contentes irmãs a casa, a familia, os parentes, a patria, e em fim a si mesmas, passando a sepultar-se<sup>a</sup> na ditosa clausura d'esta Casa. Mas dividamos as irmãs, que ajuntou o habito, a Casa, e o dia, e fallemos primeiro de Sor Maria, como mais velha.

Em huma quinta feira entrou esta Madre estas ditosas paredes, em outra professou, não servindo o nome do noviciado mais que de se conhecer o excesso, que fazia ás antigas no habito. Sempre foi Novicia na estreiteza da observancia, e mais que veterana no estylo, com que se portava noviça. Sobre as constituições, guardadas como estão eseritas, tem aquella Casa para mais individual exercicio, e bom governo d'ella, humas ordenações. dispostas pela prudencia, e espirito de seu primeiro Vigario o Padre Mestre Frei João de Portugal; e não só era exacta em tudo a Madre Sor Maria, mas ainda inventora de novos artificios de mortificar-se, não havia instante, em que se não andasse exercitando penitente.

Sobre os jejuns de pão, e agua, estreitos cilicios, e quotidianas disciplinas, sabia melhor huma notavel humildade, hum profundo jaizo do pouco que era, que lembrando-lhe algumas faltas (na verdade venialidades) da vida passada, chegava pedir ás irmãs noviças que esentassem o abysmo de suas culpas, onde verião como não as merecia por companheiras; antes que por incapaz de habitar aquella santa clausura, lhes pedia que a desprezassem, e tivessem pela mais inutil, e vil creatura, que permittia n'ella o Divino sofrimento.

N'estes, e outros actos de fervoroso, e verdadeiro espirito, a começarão a conhecer, e respeitar as mestras d'elle. Professou em huma quinta feira por devoção do Santissimo, a que este dia he consagrado, e n'esta sua Casa singularmente festivo, sendo o acto da renova celebrado n'ella em cada hum d'elles com o maior acao, a que pode chegar o desvelo da terra, exercitado por espiritos, que ainda n'ella parecem do Ceo. Pedio, que em reverencia do mesmo angustissimo mysterio, se lhe trocasse o nome. que tinha de Anna de Jesus, em o de Maria Magdalena do Santissimo Sacramento.

He uso do Mosteiro ficarem as professoras no noviciado, depois d'elle

acabado, mais dous annos. He alli maior o trabalho, porque descansão as Religiosas de mais annos, e menos forças, no que ainda podem, aquelles alentos novos, e menos caugados. Mas Sor Maria, que não buscava outra cousa mais, que ter novos empregos a que sacrificar a paciencia, fez voto sobre os dous, de estar mais quatro. Communicou-o com o Vigario (era então o Mestre Frei João de Portugal) que lh'o confirmou, sendo favor, que negara a muitas, como quem sabia conhecer aquelle espirito adiantado a todas.

Assim começou Sor Maria com os alvoroços de ter passado na nova sujeição de noviça a escrava; assim começarão a ser mais desvelados, mais fervorosos todos seus exercicios; nos do coro mais prompta, mais continua, mais empenhada, porque tendo huma voz alta, e sonora, assim a esforçava, como se fora a alma de toda aquella sagrada melodia. Assim a imaginava em huma occasião (que arrebatada em espirito, lhe parecia, que tinha motivos para esforçar mais os jubilos, que do coração lhe passavão á lingua) e foi tanta a vehemência, que sentio abrir-se-lhe huma intoleravel dôr no peito, e tão aguda, que não deixou de entender que bastaria a tirar-lhe a vida.

Venturosas contingencias (a que enganado o mundo costumava chamar desastres) tão achadas no espirito fervoroso dos filhos de Domingos, que ou reprehendendo vicios, ou repetindo a Deos jubilos, passão a tirar a vida nos excessos. Agora em Sor Maria no coro, como no Apostolo de Germania, o nosso S. Jacobo Saucedonio no pulpito, quando instando em convencer os usurarios, lhe estalou huma veia no peito. Não são menos poderosas as vehemencias do espirito, agitadas d'aquelle superior fogo! A huma Santa Theresa tirão a vida a intoleraveis ardores de charidade. A huma Santa Catharina de Sena fazem adoecer febricitante. A hum S. Filippe Neri fazem estalar hum osso, como alargando a estreita região do peito. A hum S. Pedro de Alcantara tirão a respirar no ar livre das angustias do cubiculo. Mas como não arriseará a vida hum fogo (não como os pintados, e fabulosos dos amantes da terra) tão vehemente, que não tem mais forças a morte!

Á dôr do peito sobreveio febre acceza, e cruel fastio: não havia reduzil-a a que levasse nada; deu a Prelada em huma santa industria, que foi mandar-lhe que comesse por obediencia. Aqui foi o tirar forças d'onde já não as havia, e vencer com as lagrimas nos olhos a natureza. Esta custosa traça lhe sustentou tres mezes a vida, ou lhe dilatou o martyrio

de sustental-a. Poucos dias lhe restavão já d'ella, quando chegava ás portas da morte outra Religiosa irmã da Mestra de noviças. Fora conselho dos medicos, que levassem esta Religiosa para a casa grande (assim chamavão a huma da Communidade) quando Sor Maria, mandando chamar a Mestra, e pedindo que a deixassem só com ella, lhe disse : «Madre Mestra, em huma casa grande me disserão, que a irmã de Vossa Reverencia ficava, e que eu morria?» — «Assim he verdade (lhe tornou a Mestra) que vós morreis.» — «Pois Madre (tornou Sor Maria revestida de huma nova e desusada alegria) que fazem as Religiosas, que me não vem dar o parabem d'esta ventura?»

Foi notavel, e pia conjectura que a doente teve revelação de que morria, e que não menos a teria a Mestra, pois lh'o confirmava com tanta segurança. Assim succedeo, que a desconfiada moribunda da casa grande escapou, e Sor Maria em breves dias acabou os de sua vida, sem ter mais que dous annos da que escolhera n'aquelle Casa. Não sirva de reparo o falecer tão moça, e o darmos-lhe o nome de Madre; que se o levão de justiça as veteranas para merecer respeito, não tem menor valor a prudencia, que os dias. Em prendas religiosas igualou, se não excedeo, Sor Maria os de todas.

Chegava dia da Ascensão, e não sofria o deixar de acompanhar seu Esposo, agora com o coração, e as vozes, como em breve tempo com o espirito. Pedia, suspirava ás Religiosas, ás irmãs, ás amigas, que a levassem ao coro; mas já n'aquelle attenuado corpo não havia mais alentos, que para aquelle desejo. Grandes, e incançaveis forão os que teve de que n'aquelle dia fosse a sua ultima hora. Sobre a tarde pediu o Viatico; foi a circumstancia, que lhe fez o dia festivo; já que não podia seguir a seu Esposo, não lhe esqueceo a forma em que ainda lhe ficara no mundo.

Já com todos os sacramentos, não só não temia, mas suspirava a morte, como quem alcançava o que lhe embaraçava a vida: assim entre os desejos de a deixar se lhe escutavão jaculatorias abrazadas em superior fogo, actos de constante Fé, e crescida confiança: suspendia-se n'elles, e logó esforçando a voz, se lhe ouvia dizer claramente: «Vai-te, vai-te d'ahi tinboso.» Assistia-lhe á cabeceira huma Religiosa amiga; perguntava-lhe se via alguma cousa? «Não, Madre (respondia Sor Maria) nada vejo, mas tenta-me o demonio com vangloria, cousa, que em toda a vida não tive por misericordia de Deos.»

Chegou hum sabbado, dia da trasladação de nosso Padre, estimou a circumstancia, entendendo que tambem teria a de ultimo para sua vida; fez chamar as Religiosas, e rendendo-lhes as graças de a terem em sua companhia, pediando-lhe perdão do máo exemplo, que lhes dera, lhes rogava que pelo amor de Deos esquecessem o detrimento, que tinham tido com sua doença, pois elle era já servido de a livrar das angustias d'ella, e a ellas de tão penosa assistencia. Pedia que lhe repetissem a muido o nome de Jesu, e acrescentava: *Nazarenus miserere mei.*

Com estas palavras já mais no coração, que nos beigos, deo placidamente a alma a seu Esposo em 24 de Maio de 1626, ficando com hum ar no rosto tão bem assombrado, e sereno, que (na suspensão, é reparo das que a cercavão) antes parecia gesto da que passava a eternos mimos de esposa, que de cadaver, que esperava os horrores da sepultura. Passando a esta o corpo, foi tal a suavidade, e cheiro, que ficou na cella, percebido, e admirado de todas, que accendeo mais as saudades das boas irmãs, como as que olhãvã com santa inveja para as sombras d'aquelle premio, a que as levava o mesmo caminho.

Parece que se copiarão as santas irmãs, excedendo a Madre Theresa de Jesus (que era a mais moça) a Madre Sor Maria só nos annos de Religiosa, porque forão muitos os que contou na clausura, de que sua irmã em tão poucos passes passou a melhor vida. Tinha professado ambas em o notavel (para a devoção de huma, e outra) dia da quinta feira, dia em que falleceo a Madre Sor Theresa, de que escrevemos agora. Assim cresceo com esta Madre o zelo, e o desvelo grande d'aquelle primeira observancia, que cada acção sua era huma regra viva; assim (em quanto ella o foi) poucas vezes conhecerão as noviças outra mestra; exercicio, em que se pesavão os maiores espiritos d'esta Casa; porque sendo verdadeiras, e exactas Religiosas as discipulas, que poderião ser as mestras? Sendo sempre o prototypo aquella idéa, a que as copias agradecem a singularidade de melhoradas.

Já querião, que aquellas prendas, que ornavão sua alma, ou servião de mais perto de espelho ás noviças, passassem a sel-o de todas as Religiosas no lugar de Prioriza; atalhou-a huma longa enfermidade, que passando se-lhe a achaque, a acompanhou alguns annos até a morte, privando as Religiosas de esperanças, como a ella de forças. Mas erã taes as de seu espirito, que nunca as achou menos para continuar o cõro; primeiro hia a todo, depois só ao de dia. Chegou finalmente o de

sua morte. Precedeo-lhe huma aguda febre, entendeo que seria a ultima, pedio os sacramentos recebidos com grande consolação de sua alma.

Assim esperou aquelle golpe naturalmente medonho, como violento, tão desassombrada, e segura, que abraçando-se com a devota imagem de hum Christo crucificado, depois de colloquios penitentes, e enternecidos, em que já fallava só o coração pelas enfraquecidas linguas dos olhos, chegando mais a elles a sagrada imagem, antes pareceo que adormecera, do que espirara, em huma quinta feira 10 de Fevereiro de 1666. Assim levantavão compungidas as Religiosas as mãos ao Ceo, vendo o socego com que aquella alma se desatara das estreitas prisões do corpo, como mostrando que só o Ceo era o seu verdadeiro centro: e porque não fosse só piedosa conjectura, permittio Deos para sua gloria, que se lhe não dilatasse maior noticia.

Entrara no ultimo a moribunda, quando huma das Religiosas, que via que não faria falta onde concorrião todas, recolhendo-se a ajudal-a, antes com orações, que com assistencias (assim era facil em levantar a Deos o espirito) vio que se lhe representava huma luzida escada, e que por ella sobia a Madre Sor Theresa com hum habito como a neve, não já de grizê grosseiro, mas fino, e apurado; não cuberta com manto preto, mas trocado este em hum vivo resplandor, em que se hia accendendo o ar, até que apagando-o huma nuvem, desapareceo a visão. Levantou-se, e banhada em espiritual gozo a Religiosa chegou onde Sor Theresa acabava de espirar, consolando as saudades de a não achar, com a venturosa certeza de a ter visto partir. Não ficou noticia de quem fosse esta Religiosa; nem as que tem semelhantes successos n'esta Casa, permittem de si outra.

Mas ainda o Ceo a quiz repetir em segundo testemunho da felicidade de Sor Theresa. Era esta Madre dotada de grandes prendas naturaes, como adquiridas, hum genio docil, e facil para aprender tudo o a que se quiz applicar. Tocara no seculo alguns instrumentos com destreza, quiz melhorar a habilidade na clausura, servindo a Deos com ella, e foi a primeira, que n'aquelle coro ajudou o devoto de sua musica com o fundamento da viola de arco, como a que escutara o conselho, e imitara o exercicio d'aquelle Rei (tão acceito a Deos) que ao seu Psalterio lhe entoava aquella discreta melodia, que hoje se escutava na Igreja, convidando aos justos, que o louvassem em variedade de instrumentos (1).

(1) Laudate eum in tympano et choro, laudate eum in cordis et organo. Psalm. cxlv.

Assim querem affirmar que estimou o Senhor aquelle sincero, e religioso obsequio d'esta Madre, porque falecida ao levarem seu corpo para a sepultura, e detendo-se a Comunidade no Officio d'ella no ante-coro, cantando como he costume, as vozes singelas, e tristes, foi ouvido entre ellas o instrumento, que tocara em vida, com clara, e distincta consonancia de tres Religiosas, que estavam na enfermaria. Parece, que assistião os Anjos, ou a pagar-lhe na mesma moeda o que merecera, ou a supprir a sua falta. Não se conheceo (n'este particular) depois de sua morte, nenhuma no coro, porque esta Madre deixara discipulas já destras para acompanhal-o.

### CAPITULO XV

#### *Das Madres Sor Jeronyma de Jesus, e Sor Maria da Piedade.*

Allegorizou sabiamente Santo Ambrosio, chamando á Igreja fertil campo, onde não só se achão as flores das sagradas virgens, mas tambem as plantas das santas viúvas, sendo aquellas victimas ao Ceo de intactas parezas, e espirituaes fragrancias, como estas com os frutos, que Deos para seu serviço quer multiplicados (1). E não menos afermoseão, e adornão o campo da Igreja estas arvores, que aquellas flores, por isso se não estreitou só a jardim, alargou-se a campo, em que dando lugar ao fragrante de humas, e ao fructifero de outras, sirvão ambas a hum, e outro estado de sempre verde, e immarcescivel esperança, assistidas, e fecundadas do copioso orvalho da graça.

Assim o mostrou o Ceo no sagrado campo d'este Mosteiro, ou n'esta estampa sua, como campo sagrado, onde não só se virão as mimosas, e intactas flores da virgindade; mas tambem as fructiferas plantas de estado conjugal, em que primeiro viverão exemplar, e sanctamente as Madres, de que agora fallaremos. Huma d'ellas foi a Madre Sor Jeronyma de Jesus, no seculo Dona Jeronyma Ferraz, filha de André Machado da Silveira, e de Jeronyma Ferraz. Teve nos primeiros annos o estado de casada, buscada como nobre, e como rica: prendas, que ella soube aproveitar para servir a Deos em estado, em que parece o faria só ao Mundo; porque a nobreza a aconselhou modesta, e a riqueza caritativa. Mãe dos pobres, não só lhe achavão a toda a hora as mãos abertas para a esmola, mas tambem o coração para a lastima.

(1) *Agrum hunc Ecclesiae fertilem cerno, nunc integritatis flore verrantem, nunc viduitatis gravitate pollentem. D. Ambr. de Viduis.*

Na piedade christã com que doutrinava, e compunha sua familia, antes parecia sua casa hum concertado Mosteiro, que vivenda de ricos da terra. Assim passou em paz, e socego conjugal muitos annos; já entrada n'elles, foi Deos servida de a soltar d'aquella prisão, deixando-a viuva; liberdade, que ella estimou, para melhorar de cadea, buscando-a (para esperar a morte) na ditosa mortalha dominicana. Não a atemorizava o entrar na vinha já na undecima hora, porque intentava supprir o tempo com a diligencia, ou não ignorava, que o premio não respeitava o tempo, senão o serviço. Conhecia, que costumando n'aquella idade convidar o descanso, não era menos natural o escutar o desengano de o não poder lograr muito. Nada lhe parecia mais a proposito para aquelles ultimos annos, que fazel-os primeiros, servindo, já que não podia vivendo; não se lhe representando muito caducos para trabalho, em que tambem havião de entrar os desejos.

Com os mais vivos de merecer, começou a pizar o caminho da observancia, tomando o habito n'esta Casa, e correndo o anno de approvação, com espirito, e com forças mais nascidas d'elle, que esperadas d'aquella idade. Parece, que escutara esta Madre, que erão os justos o Feniz da graça, em que ateadado o fogo do amor de Deos, sabe trocar as cinzas em novas forças; e como se a charidade a remoçara, assim se achava já com tantas, que a nenhuma Religiosa queria ser segunda, inda no mais custoso serviço da casa. Assim esquecida da que tivera, e d'aquelles annos, que agora tinha, se achava entre os poucos das que a cercavão, tão naturalizada, que pouco tinha que vencer n'ella a charidade fraternal, para a igualdade, que só desmentia em querer ser mais que todas humilde.

Era a Madre Sor Jeronyma destra no Latim, que pronunciava, e construia, como quem o estudara pela devoção de entender o que lia; emprego que devião tomar todas as Religiosas, por se não privarem das suavidades, e recreio de espirito que continuamente se offerecem na intelligencia da reza. Grande lucro, para tão pequeno trabalho! Assim erão as suas praticas com as noviças, antes classe espiritual, que conversação domestica. Assim as ensinava, assim as accendia em amor de Deos com aquellas palavras, que sahindo-lhe do coração, havião de vir accezas; e sendo effeitos da meditação continua das festividades, e mysterios, que propõe a Igreja, havião de confirmar a refórma das consciencias, e provocar a repetidas acções de graças.

Nas mais obrigações de Religiosa, e d'aquella Casa, nas disciplinas, nos jejuns, no recolhimento, na assistencia do coro, e mais exercicios tão desvelada, como quem vinha a vingar-se do tempo, que os não tivera. Assim, nem apertada de achaques, nem carregada de annos, deu ouvidos aos Medicos, que lhe aconselhavão o pedir, ou aceitar dispensações. Entendia, que não servião estas de mais que retardar na carreira da virtude, e receava bem, que assim retardada, antes que chegasse ao fim da perfeição, se lhe chegasse o da vida. A constancia, com que continuava os trabalhos della, lhe apressou mais huma larga doença, e tão penosa, que bem conheceo, que lhe queria o Ceo exercitar a paciencia; assim se lhe não ouvia huma queixa, antes pondo-se da parte das dores, as fomentava com os descommodos, pedindo á enfermeira, que nos remedios, e alivios fosse ella a ultima, antes talvez escusando-a das diligencias de enfermeira, como cousa, de que já se não devia fazer caso na vida.

Só huma cousa a tinha desconsolada, que era não poder commungar as vezes, que quizera; ardentissima devoção a levava áquella maravilha dos mysterios, insaciavel a ancia de gostar a miudo aquella suave ambrosia da Eucharistia. Assim presa, e como entrevada, pedia ás Religiosas, que hião para o coro, que da sua parte dissessem a seu Senhor, e Deos Sacramentado, que a sua escrava se lhe fazia lembrada: e que lhe trouxessem reposta. Conhecião as Religiosas, que não tinha Sor Jeronyma outra consolação na vida; cada huma lhe levava por reposta seu ramo de Psalmo do Officio do Sacramento; alegrava-se com elle, e explicava-o a todas com humas razões tão vivas, e genuinas, que parecião illustradas.

Não ficou sem premio conhecido este fervoroso, e ardente affecto. Aggravando-se-lhe a doença, e disparando em violentos vomitos, mandarão os Medicos sacramental-a; affligião-se as Religiosas, vendo a impossibilidade de receber aquelle soberano bocado, de que só se mostrava faminta, e que n'aquella hora lhe desejavão todas como a Catholica. Mas ella respondia a todas segura, que não partiria sua alma sem gostar aquella delicia. Nem bastava para desdizer-se, o ver aggravar o achaque, e tel-a a violenta continuação dos vomitos ás portas da morte; e já unguida, continuava na mesma esperança.

Veio o Viatico a outra Religiosa, pedio que o queria ver, e adorar, o que fez com grande suavidade de espirito, segurando a todas, que ain-

da que a vião tão atribulada, não desconfiassem, que ella esperava n'aquelle Senhor, que ainda lhe havia de fazer outra visita, e ella ainda em vida hospital-o em sua alma. Assim foi, porque ao seguinte dia cessarão de todo os vomitos, recebeu o Senhor como esperava, e logo lhe entregou a alma em que o recebera, em huma sexta feira 15 de Setembro de 1628. Ficarão as Religiosas trocando a lastima em inveja, porque do estylo de receber aquelle santo Viatico, bem se inferia o caminho, que levava seu espirito.

Suspendida tambem com o estado de casada, viveo a Madre Sor Maria da Piedade alguns annos no seculo, suspirando deixal-o. A obediencia dos pais lhe prendeo as mãos para aquelle laço. A nobreza, e o dote o fizerão mais appetecido. Derão-lhe em Balthasar de Sá hum nobre esposo. Pouco lhe parecia a ella o nobre, só o suspirava celeste. Não pode a resistencia sustentar a escolha; entrarão os pais a dispor da vontade, que não era sua. Ella na sujeição mostrou, que era filha; elles mal, que erão pais, na violencia. Grande desatino d'estes! Como se podessem adquirir mais dominio nos que gerão filhos, que o mesmo Deos nos que anima creaturas! A quantos desmanchos tem auctorizado este engano, sem nenhum d'elles passar a exemplo! Olhem os pais, que n'isso os dão aos filhos; porque de fazerem aquelles o que não podem, vem estes depois a fazer o que não devem,

Sujeitou-se em fim Dona Maria da Costa (que este foi no seculo o nome da Madre Sor Maria); mas conhecendo, que a cruz dos que seguião o verdadeiro Mestre da vida, não tinha materia determinada, d'aquelle estado fez a sua com taes circumstancias de catholica, caritativa, penitente, e reformada, que o mesmo Christo em huma occasião lhe appareceo com huma em os hombros, e tão pesada, que qualquer outra lhe pareceo leve d'alli em diante. Estava Sor Maria em oração, exercicio que com suavidade grande de sua alma lhe levava o mais do tempo, furtado ao preciso, em que dispunha, e governava sua familia. Bem entendeo, que o Senhor a convidava para a cruz da Religião; favor, que ella sabia merecer na continua dôr de o não poder executar.

Assim era sua vida hum quotidiano suspiro da melhor, que esperava, occupando esta em tão fervorosos, e repetidos actos de charidade, que o mesmo Christo lhe mostrou muitas vezes, que lhe não desagradava n'ella, succedendo-lhe algumas (ao acabar de fazer esmolos) achar em os braços da imagem de hum Crucifixo huma rosa, em tempo em

que não as havia. Aquella era a nova rubrica, em que acabava de entender o enigma da sua cruz, abraçada pelos meios de mortificada, e charitativa; isso lhe parecia, que indicavão os espinhos, e côr d'aquella rosa.

Por este estylo a exercitou o Ceo alguns annos, e sendo estes os em que se fundou, e povoou esta Casa, conhecida, e admirada de todos a reforma d'ella, logo Sor Maria resolveo comsigo, que não escolheria outra; assim já com amor de filha, lhe acodia com grossas esmolas; chegou finalmênte a colher o fructo d'ellas, vendo-se livre d'aquella cadea, de que o Ceo a aliviou por morte do marido, e de hum filho (tinha já outro de annos antes tomado estado): restava huma neta, que amava com ternura de duas vezes mãi, contentou-se com lhe deixar parte do que tinha, e passou a esta Casa com huma tal resolução de espirito, que nem annos, nem achagues, nem asperezas, a suspenderão nas do noviciado, passando a professar tão alegre, como senão reduzira a lei os empregos de penitente.

Nenhum tinha Sor Maria, que com mais gosto seu a convidasse, achando só no aspero d'aquella vida huma falta, que era a liberalidade de dar huma esmola. Mas o que faltava no exercicio das mãos, sobrava no dos olhos; com as lagrimas n'elles a achavão os pobres, e só lh'as enxugava o poder passar aquella ancia á assistencia dos doentes. Era Sor Maria commumente huma d'ellas, que os annos perseguidos de mortificação continua, podião mais que a sua resistencia; mas nada havia, que lh'a fizesse ao costume de gastar a maior parte do dia, e noite no coro; já a contemplação parecia natureza, porque desde menina a exercitara, e com tão vivo interior gozo de sua alma, que rebentava fóra em huma desusada alegria; assim sahia sempre do coro; e suspeitando as Religiosas o que seria, nenhuma lh'o perguntava, porque na sua candidez, e singeleza, mais se esperava o merecer favores, que a explicação d'elles.

Não a podia haver mais clara, que a de suas lagrimas, quando chegava á mesa da sagrada Communhão, tão copiosas estas primeiro, como depois abrasados os suspiros, e mal reprimidos os soluços, que parecia, que lhe não cabia o coração no peito, ou que lhe não cabia no peito aquelle suspirado bem, que hospedara em seu coração. Observantissima do silencio em toda sua vida, fóra das horas da licença se lhe não ouvio, nem por descuido, huma palavra, menos queixosa, não tendo parte

no corpo, a que os achaques lhe não tivessem repartido hum martyrio; assim podia dizer, que antes que vida achaquosa, era a sua huma doença continuada.

Mas aggravarão-se com a continuação os males; cahio de todo enferma; nem os annos, nem a casta da doença permittião esperanças de vida; pedio, e recebeo os Sacramentos com mostras, e misturas de contrição, e delicia de compunção, e suavidade. Com as mesmas repetia (não sendo de antes polida na pronuncia do latim) alguns versos de Psalmos com boa, e limada expressiva, e melhor accomodação para aquella hora. Particularmente: *Illumina oculus meos, ne unquam obdormiam in morte, ne quando dicat inimicus meus, praevalui adversus eum.* E talvez rompendo em demonstrações de sagrada, e desmedida alegria, levantava a voz, acompanhada com os meneios dos dedos, como se tocara orgão (n'elle tinha sido destra) e repetia com accento musico: *Post tenebras spero lucem.* Venturoso espirito, que imitando na vida a candidez do cisne, passava a seguil-o nos privilegios da morte! Assim cantava n'ella alegre, e festiva, sem que lhe entristecesse, e nevoasse os olhos o anoitecer-lhe o dia da vida; antes como se já n'elles lhe ferirão os raios da immortal aurora.

Entendeo-se, que teve esta Madre revelação do dia, em que havia de passar a lograr as luzes d'ella, porque sabindo de hum termo, disse com voz percebida de todas: «Sexta feira corpo á terra.» Pareceo então delirio, pelo tempo que hia da segunda, que então era, á sexta feira, de que parece fallava, quando já se lhe contava por horas a vida. Mas o successo fez despois pesar mais o dito. N'aquelle estado foi durando, sendo raras as horas, que se apartava da imagem de hum Crucifixo, e algumas vezes dando a entender, que a provocava o demonio (ou para lhe estorvar a devoção, ou para lhe enfraquecer a Fé) forcejava com a mão algumas acções, encaminhadas aos pés da cama, como em castigo de quem alli estava, e despreso do que lhe fazia. Assim chegou até a quinta feira, em que com as ultimas demonstrações de estreita união, e conformidade com Deos, lhe entregou a alma em 7 de Dezembro de 633, vindo a enterrar-se á sexta feira, e a julgar-se por ditosa a singeleza, com que o segurava.

## CAPITULO XVI

*Da Madre Sor Francisca da Encarnação.*

Está-se-me figurando ao lançar os olhos para a muita nobreza, que começou a povoar esta casa (e ainda hoje a povoa) que a escolheu Deos para seu palacio na terra; seria, a nosso modo de fallar, como obrigado do titulo de Monarcha, com que no Sacramento quiz que o reconhecesse o mundo, sendo aquelle homem Rei, que celebrando as bodas do filho, poz aos convidados hum banquete esplendido. Assim corria a nobreza a qualificar-se n'esta casa, sendo sem duvida a do espirito a verdadeira nobreza. Foi venturosa a dos Condes de Basto Dom Diogo de Castro, e Dona Joanna de Mendonça, que tendo seis filhas, só duas lhe roubou o mundo, passando-se as quatro a este santo palacio. Entre estas era a de menos idade a Madre Sor Francisca da Encarnação, que logo nos primeiros annos começou a pizar as esperanças, com que a lisongeava o mundo (em estado devido á sua qualidade, e ás suas prendas) suspirando só as estreitas, e pobres paredes de huma recoleta, a que convidando as irmãs, affirmava, que não querendo acompanhal-a, ella só abraçaria esta vida.

Á segurança de o propôr se seguiu a resolução de o abraçar com animo tão inflexivel, que nem a debilidade de suas forças, nem o continuo ameaço de seus achaques bastarão a suspendel-a, ou retardal-a, entrando pelas portas d'esta santa clausura, com tanto gosto de sua alma, que o dia de sua profissão teve pelo mais ditoso de sua vida. Começou a fazel-a tão rigorosa, e austera, que excedendo as custosas obrigações, não só da Regra, mas da Casa, na oração, nos cilicios, nas disciplinas, era outro novo martyrio a diligencia de occultal-as. Via que não chegavão a tanto suas forças, temia o preceito da Prelada, ou para melhor, os assaltos da vangloria, ladrão, com quem no caminho da vida se arriscão publicos os thesouros da alma.

Padecia rigorosissimas febres, sem que os incendios, que lhe trocavão a boca em huma chaga, lh'a abrissem para a queixa. Assim a trazia fechada no meio de grandes, e continuas molestias, que sem que estas lhe servissem de escusas, aceitou o officio de Enfermeira, de que antes podia ser servida, que occupada. Mas dobravão-lhe os espiritos os alentos da charidade, que podião diminuir-lh'os, sendo a charidade a que

faz os males alheios proprios, porque na sua debilidade viabão a ser insuportaveis unidos os proprios, e os alheios. Doia-se assim d'elles, que tendo n'esta casa as Enfermeiras por companheira huma irmã Conversa, ella se desvelava de sorte para o maior, ou todo o trabalho, como se antes lhe derão a irmã para testemunha, que para companheira. Ella era a que se adiantava a fazer as curas, mais ligeira para as mais asquerosas; ella a que tomava á sua conta a limpeza das enfermas, como se o delicado das mãos, e do estomago, não soubesse estranhar immundicias.

Mas agradava-se assim Deos das occupações de Sor Francisca n'esta officina, que sem duvida a acompanhava n'ella com huma singular providencia. Foi reparo, que fizerão algumas Religiosas bem intencionadas; porque lançando conta ao que se dava a Sor Francisca para o gasto de sua enfermaria em toda a semana, e sendo tão pouco, que não era bastante para acabal-a, havia continna experiencia, que as suas doentes não só não experimentavão faltas, mas ainda lhes sobejavão mimos. Assim crescia o sustento nas mãos d'esta mulher forte, desvelada, e charitativa dispenseira com aquella familia necessitada.

Exacta no silencio, nem nos exercicios de Procuradeira, em que he preciso o trato com toda a casa, se lhe ouvia palavra, que não fosse precisa; nem a occupação lhe embaraçava tomar os seus dias de retiro (sempre exercitados n'este Mosteiro) e costumava dizer, que entre as occasiões, que parece o destroem, se conservava mais meritorio; tal era a paz, e socego interior de seu espirito, ou tão pouco o que a apartava de Deos nenhum commercio. Fizerão-na Sacristãa, occupação, que aceitou mais gostosa, e com o alvoroço de assistir ao culto divino; mas segureu logo, que aquelle suave trabalho lhe não duraria hum anno, porque primeiro acabaria a vida, que o officio. O effeito mostrou de d'onde lhe viera similhante noticia. Não lhe tardou huma doença tão perigosa, que se lhe gerou no peito huma posthema; mas os desejos de servir na sua officina a enganarão, que convalecia d'ella. Era pela Paschoa, assim chegou ao Oitavario de Corpus, em que cahio de huma febre aguda.

Desenganarão-na logo os medicos, que se dispozesse para morrer. Respondeo segura: «Que nunca tratara de outra cousa.» Muito antes, andando mal convalecida, sonhou, que se via no Tribunal da verdade, e que lhe seguravão, que Deos tinha já dado a sentença de que morresse brevemente. Ao principio olhou para a imaginação como sonho; depois

entrando em algum reparo, disse-o ao Confessor (era o Mestre Frei André de Santo Thomaz, então Vigario n'esta Casa); respondeo-lhe: «Que semelhantes sonhos, era prudencia christãa tomal-os como avisos.» De então não fez acção Sor Francisca, que não fosse dispor-se para a ultima hora. Assim a achava agora o desengano d'ella; escutou-a antes alegre, que assustada; e dizendo-lhe huma Religiosa, que era tempo de tomar o Viatico, e a Unção, levantou ao Ceo as mãos, e olhos, e enchendo-se-lhe estes de lagrimas, disse, como se lhe chegara a noticia do seu resgate: *In te, Domine, speravi, non confundar in aeternum*: «Senhor, sempre esperei em vós, que não hei de ver-me em eterna confusão.» E voltando para suas irmãs, que lhe assistião, e ainda lhe propunhão esperanza de vida, respondeo: «Que ella sabia muito bem, que se não levantaria d'aquella cama, porque se não enganava quem lh'o dissera.» Mas tornando em si com dissimulação, deu a entender, que fôra huma Religiosa de bom nome n'esta casa.

Recebeo os sacramentos, estando tanto em si, e tão confiada em Deos, que não havia n'ella demonstração, que não parecesse alvoroço. Crescia a febre, e vencia-a o sono; pediu, que a despertassem, e lhe lessem a Paixão do Senhor, e que n'aquella cella se não fallasse mais, que em Deos; e esforçando a voz, como que sem reparo se valia d'aquelle desafoço, disse: «Ai meu Senhor Jesus, como póde ser, que devendo estar cheia de alvoroço para vos vêr, esteja dormindo como se fôra hum bruto? Em vossas divinas chagas confio que as portas do Inferno estão cerradas para mim; e que só o Purgatorio será estalagem, por onde hei de passar.» Ficou socegada, e voltando ás irmãs, lhes advertio, que na sacristia ficava hum vestido do menino Jesus, que não podera acabar, e algumas cousas de aceio dos altares; que lhes pedia acabassem tudo, porque queria dizer ao Senhor nas ultimas contas, que o vira nú, e que o vestira.

Era notavel a advertencia, e o acordo com que estava. Depois de pedir perdão á Communidade, voltou á Prelada, e com muita humildade lhe pediu, que feitos os officios da sepultura, dêsse huma recreação ás Religiosas, pelo muito trabalho, que tinham tido com ella n'aquella doença. Assistia-lhe huma Religiosa muito medrosa, a quem havia tempos dissera que lhe havia de apparecer depois de morta: voltou-se a ella, e disse-lhe: «Madre, não se assuste; que eu não hei de apparecer-lhe.»

Era morta Dona Paula, sua irmã mais moça (que falecera Dama da

Rainha em Castella) e como na morte se lhe seguia ella, que era a mais moça, reparou que estava mais suspensa Sor Fiiippa, que era das tres, que ficavão, a irmã mais moça, e disse-lhe: «Minha irmã, não cuideis, que me haveis de seguir a mim; que agora ha de começar a morte pelas mais velhas.» Vio-se despois a segurança com que o dissera, porque a primeira, que faleceo, foi Sor Marianna, que das tres era a mais velha; despois Sor Catharina; e Sor Filippa, que era a mais moça, faleceo a ultima.

Pedio logo a huma das irmãs, que rezasse com ella o nome de Nossa Senhora, que são cinco Psalmos, e cinco Antifonas, que principião conforme as letras, que no nome de Maria se vão seguindo. He devoção usada nas casas de mais reforma n'esta Provincia, quando á noite se toca a silencio; reza-se na casa, que commummente chamão das Horas, altar consagrado á Rainha dos Anjos, em que se lhe reza o Officio menor. Mas já se lhe hião quebrando os olhos, e enfiando o rosto. Entrarão os Padres para o Officio da agonia. Levantou os olhos, e disse segura: «Somos entradas na ultima batalha. *Dominus incepit, ipse perficiet*: O Senhor, que o principiou, esse mesmo o acabe.» Assim esteve com socego, ouvindo, e ajudando o officio, com perfeito e desembaraçado conhecimento. Acabado elle, poz os olhos no Ceo, e cerrando-os brandamente, passou a lograr n'elle a eterna felicidade. Ficou tão composta, e com tão boa côr no rosto, como se vivendo descansara em suave sono. Faleceo em huma terça feira, 9 de Julho de 1630.

## CAPITULO XVII

### *Da irmã Conversa Soror Victoria da Cruz.*

Grandes segredos os da Providencia Divina, expostos antes ao nosso assombro, que ao nosso conhecimento! Admiração, em que despois de extatico, e aborto, rompia aquelle grande argumento d'ella, S. Paulo, levantando os olhos aos desusados, e escondidos caminhos da misericordia. Grande sacramento d'esta, que huma creatura sem idade, e conhecimento para merecer, comece a pizar as estradas do mundo, já aconselhada do Ceo. Vio-se, e admirou-se em Sor Victoria.

Nasceo filha de pais humildes, e tão pobres, que para não deixarem o quotidiano trabalho, de que vivião, se valião da industria da filha (não

permittida ainda de seus annos) mandando-a á cidade, a comprar, e a vender o de que necessitava, ou adquiria seu trabalho, e sua pobreza. Vivião em Bemfica, d'onde erão naturaes; passava continuamente a filha a Lisboa; e com ser o trabalho como a distancia, assim negociava Victoria, que lhe sobejava tempo para o continuo exercicio da oração. Nem lhe servião as estradas de embarço para elle, menos o trafego, e tumulto da cidade, a que absorta na contemplação de Deos, tinha pela mesma Jerusalem triunfante, vivenda da gloria, e a gente, que via, e tratava por Anjos cidadãos d'ella.

Não se admirem os credulos das aereas, e industriosas transformações da Magia, das Circes, das Medeas, de supersticiosas hervas, de pedras encantadoras, trocando os homens em brutos, os montes em castellos, o dia em sombras, a serenidade em tormentas, e as mais metamorphoses, com que o artificio diabolico, ou fabuloso enganou a cegueira dos homens, ou barbaros, ou estultos; que maior poder, e verdadeira transformação he a que o amor de Deos sabe exercitar nas cousas creadas, e caducas, trocando em nada o tudo d'ellas, ou levando a ser tudo do Ceo o nada da terra, como usava com a singeleza santa d'aquelles poucos annos, e inculpavel oração de Victoria, transformando-lhe a cidade da terra em a de Sião, estavel, e venturosa, o tumulto em sonoros hymnos, e acção de graças, os homens, e creaturas humanas em angelicas.

Caso novo, mas referido, e testemunhado pelo seu Confessor, Religioso Carmelita descalço, sujeito de letras, e espirito, chegando a dizer, que aquella alma por singular mimo de Deos, andava sempre em sua presença. Já Victoria parece que gostava neste valle de miserias aquella ditosa segurança do monte das eternidades; elevada vivenda, a que não chegão as perturbações da terra. Assim se podia affirmar, vendo a familiaridade, que tinham com ella os domesticos de Deos.

Passava hum dia á cidade, encontrou-a acaso hum homem (desconhecido seria, pelo que mostrou o successo, d'estes que o são no mundo, mas não nos olhos do Senhor d'elle). Reparou n'ella, e chegando-se com assombro a saudal-a, lhe perguntou quem era? Não estava Victoria costumada a deter-se com praticas, nem a escutar perguntas; pareceo-lhe aquella demasiada de curiosa; respondeu que lhe não importava. Continuou seu caminho cuidadosa mais no pensamento, que sempre trazia, que na importancia que a levava; não reparou que o bom homem

a seguia: recolheu-se a Bemfica; soube elle a casa, inquirio sua vida, achou as noticias, que suppunha, e buscando maior clareza, alcançou, que em Carnide, lugar visinho, vivia o Religioso, que a confessava; esta era sua maior importancia; parte sem detença, procura o Religioso, lança-se-lhe aos pés, pede-lhe que o escute; e entre alvoroços, e submissões de compungido, e admirado, lhe diz assim:

«Padre, sei que tendes a vosso cargo huma alma mimosa de Deos: e porque elle sem duvida he servido de que se conheça o quanto o he sua, vos busco para dar-vos esta noticia. Seu nome he Victoria, sua vivenda Bemfica: basta para inteirar-vos de quem seja. No caminho da cidade a encontrei hoje, em campo só, e desembaraçado; ao longe me fez novidade vêr huma mulher entre dous mancebos com traje desconhecido, e pouco usado, tunicas brancas, e cabeças descubertas. Apressei-me assustado, achei maior prodigio, porque dos rostos de ambos graciosos, e modestos sabião vivos raios, como testemunhando que não serião menos que dous espiritos angelicos. Caminhavão compassados, e sesudos, sem que a ditosa montanheza, a que fazião companhia, dêsse fé da que levava. Saudei-a, e perguntei-lhe quem era, tão confuso, e admirado, como o pedia o que me estava succedendo; entendeo que seria em mim curiosidade de caminhante, passou sem deferir-me; segui-a, agradecendo ao Ceo o favor de buscar em mim huma tão vil creatura para testemunha dos que fazia áquella alma: assim permittio elle, que até de quem sabia tanto d'ella, tivesse eu noticia: só vós a podeis dar d'este prodigio, que sabeis de sua consciencia; que na minha boca parecerá loucura, como na dos que não achão ouvidos no mundo, por desauthorizados, e desvalidos.»

Assim callou o homem, admirando; mas não o ficou o bom Religioso do successo, como quem mais vezes os escutava semelhantes; e elle foi o que divulgou este, sendo culpavel a grande omissão de quem pondo-o em memoria, a não fez do nome do homem, e do Religioso, sendo crível quem não costuma o Ceo fazer lince de semelhantes segredos, menos que a espiritos, em que esconde muitos.

Quem assim vivia entre a familia de Deos, bem se entende que ainda na terra seria celeste a sua vida: esta continuou Victoria até os vinte annos, já tão conhecida, e venerada sua virtude, que não escutarão as Religiosas d'esta casa outra valia para a aceitarem n'ella por companheira. Assim entrou por irmãa Conversa; e com tão adiantado espirito, que

não só servia a todas de consolação, senão de exemplo. Não se seguia menos do estylo de sua vida passada, e da grande resolução com que abraçara aquella tão estreita, tão austera, não só com ancia de a observar, mas ainda de a exceder.

Os jejuns continuos, a razão não só apoucada, mas com novo, e rigoroso tempero, aspera, e amargosa, commumente fria, ou cuberta de cinza. Não se melhorava na bebida, talvez misturava fel na agua. O segredo com que queria continuar este sacrificio do gosto, a levava com muito a servir a cosinha, e de caminho aquelle exercicio de se vêr no ultimo grão do abatimento. Nas mortificações sofrida; apertava sobre o peito huma cruz cuberta de agudas pontas de ferro, do mesmo feitio era o cilicio, de que usou sempre, e nem este continuo tormento a dispensava de outro, tirando-lhe das mãos a disciplina; cada dia tomava huma.

A oração lhe levava todo o tempo, que o serviço da Commuidade lhe deixava livre, tirando de livros espirituaes os motivos da contemplação. Este o interesse, que a convidou a aprender a lêr, assim os do nosso idioma, como os do latino, de que entendia muito. D'esta lição tirava grande suavidade para as continuas meditações de seu espirito, mas em quanto este se deleitava, não descansava o corpo, achando industria para usar ao mesmo tempo de huma, e outra vida. Aprendeo alguns officios, em que podia ser de proveito á Commuidade. Corrião as Religiosas a occupal-a, achavão-na todas, como se forão huma, assim igual para todas. Trabalhavão as mãos, voava o pensamento, este sempre mais ligeiro em unir-se com Deos, aquellas não com menos ancia charitativa. Toda era para Deos, e n'ella para o proximo toda; d'aquella lavareda, que subia, era esta a braza que lhe ficava.

N'este estylo de vida se achava mui mimosa, e quiz o Senhor provar sua paciencia. Começou a sentir interiores desconsoações, aridez de espirito, despido de toda a suavidade d'elle. Entendeo o exame de sua constancia, na resignação livrou a maior delicia. D'alli começou a respirar já como triunfante d'aquelle combate, a arder em gostosa chamma de charidade, d'aqui em ardentissima ancia da salvação das almas, encaminhando todos seus exercicios a este unico bem d'ellas.

Entendia-se assim do fervor, com que talvez praticava esta materia, não por se lhe ouvir nunca palavra com a menor notícia do que passava no interior de sua alma, como quem sabia recatar aquelle thesouro dos

assaltos da vangloria. Huma unica Religiosa de conhecida virtude, a tratava mais familiarmente, e seus Confessores. Estes com tanta estimação, que dando-lhe hum accidente, de que entenderão, não escapasse, ao sahir de confessional o Mestre Frei André de Santo Thomaz (era então Vigario) disse para as Religiosas: «Não sabem Madres, o que perdem na irmãa, que está n'aquella cama.» Era o Mestre Frei André mui considerado, opposto ás licenças de apregoar virtudes, e canonizar espiritos no estado de viadores; mas entendeo, que não tardaria aquelle em pagar ao das eternas felicidades; este reparo o deixou alargar áquella noticia.

Mas nada luzia tanto nas acções de Sor Victoria (como cousa, que lhe não cabia no coração) como o zelo da honra de Deos, e observancia regular. Na minima particularidade das Constituições da Ordem, na menor circumstancia das ordenações dos Prelados, estava tão advertida, e andava tão resistada, que depois de observante, a achava o menor descuido zeladora. Assim era esta a materia, em que a escutavão affouta, sendo no mais humilde, e encolhiida; e não havendo para ella emprego de mais cuidado, que agradar as Religiosas, nem reparo mais advertido, que o de não exceder a esfera de Freira conversa, só aquelle era o ponto, em que aventurava o ficar bem aceita, ou o sahir estranhada.

Restava-lhe já pouco da vida, e quiz Deos dobrar-lhe o merecimento, para que lhe luzisse na coroa. Enfermou de hum cancro, que lhe nasceo no peito, e nem sendo a enfermidade tão arriscada, deixou de ser necessario o preceito da Prelada, para a tirar da occupação da cosinha. As dores mostravão, que não estava longe a morte, commetterão-lhe a cabeça humas, que ella chamava do inferno; só este nome as mostrava insofríveis, porque se lhe não ouvia queixa, de que se entendesse, que o fossem.

Pedio, e recebeo os sacramentos primeiro com tanto alvoroço, depois com tanto socego, como conhecendo (no do altar) que a vida, que alli gostava, era a que logo se lhe seguia; assim posta nas mãos de Deos, esperava a morte como estorvo de principial-a. Aquelles dias, e horas, que ainda lhe durou a da terra, esteve até ao ultimo espirito, com hum tal tranquillidade n'elle, que por muitas vezes servio de admiração ao veneravel Padre Mestre Frei João de Vasconcellos, que lhe assistia, vendo que nem o impeto de mortaes dores, que recolhendo-se-lhe o cancro, se lhe espalharão por todo o corpo, nem as sombras da morte, que já tomavão parte d'elle, podessem turbar o socego, e paz interior

d'aquella alma (que como se já pizasse o porto, desconhecia os sustos no meio da tormenta) fallando com juizo, e desembaraço até á ultima hora. Chegou esta, e com huma imperceptivel respiração passou a melhor vida, em 3 de Fevereiro de 638.

Este o estylo, com que acabão os inculpaveis. Nos peccadores, he o acabar, passar da vida para a morte; nos justos, passar da morte para a vida. Os peccadores morrem, sem saber se tornarão a viver; os justos morrem, sabendo, que não tornarão a acabar. Os peccadores morrem, sem saber se sua alma perecerá na morte eterna; os justos morrem, sabendo, que já não ha outra morte para sua alma. Por isso estes socegão, e aquelles se atribulão.

Assim ficou Sor Victoria com hum tão composto, e bem assombrado semblante, como se não fizera a morte mais que resgatal-a dos achaques, e restituir-lhe as cores, que perdera com elles. Testemunhava-o assim a veneração de alguns Religiosos da Ordem, que entrarão para o officio da sepultura, e entre elles dous (de que não ficarão os nomes) de mais authoridade, e opinião de virtude, que da de Sor Victoria tinham muita noticia, como os que muitas vezes a confessarão. Nem duvidou dizer hum d'elles, que o que se via n'aquelle corpo, erão reflexos de seu espirito glorioso, tão illustrado em vida de luzes do Ceo, que alcançara ainda vivendo o conhecimento, e revelação de muitas cousas futuras. Segurava o outro (pessoa de não menos credito) que dando-lhe huma vez a communhão, lhe vira, e admirara o rosto banhado em resplandores. A estes testemunhos, e venerações (supposta a melhor experiencia de sua vida) se seguiu a com que levarão particulas do habito, e o mais que se tocou no corpo da defunta, como joias d'aquelle thesouro, que lhe escondia a terra.

### CAPITULO XVIII

*Da Madre Soror Joanna do Rosario, Condessa de Vimioso,  
fundadora d'este Mosteiro.*

Quando estes nossos escritos não tiverão mais assumpto, que o que agora nos chama, e nos auctoris a penna, com a vida da Madre Soror Joanna, credito era d'esta Provincia, dar calor a esta escritura, pelos duplicados titulos, com que a esta Madre se confessa, e confessará sem-

pre devedora, fiando se quer aos fracos hombros do nosso desvelo esta tão devida demonstração do seu agradecimento, no que deixamos viva a memoria de huma heroína (verdadeiramente capaz de encher a boca da fama) como estribada nas duas grandes columnas de nobreza, e virtude, com que felizmente cresce o templo da immortalidade.

A esta Provincia deixou obrigada, e ennobrecida, porque de mais huma Casa sua (e a mais reformada) foi fundadora, e do seu instituto foi mais huma filha, e a mais reformada (se he que os espiritos, com que começou a respirar esta Casa, se consentirão precedencias na réforma). Mas vejámol-o em sua vida. Nasceo a Madre Sor Joanna do Rosario (no seculo Dona Joanna de Mendonça) filha dos Condes de Basto, Dom Fernando de Castro, e Dona Filippa de Mendonça, unico mimo de seus pais, porque sobre as razões de filha, avultavão nella muitas de prendas, que facilmente lhe davão o nome de milagre da Corte. Assim a tinha polido, e doutrinado, já n'aquelles poucos annos, a lição dos livros, dando-se com grande applicação á dos Latinos, lingua em que se fez destrissima, com a ancia de entender as Escrituras, e os Padres.

Para o divertimento, e partes, que estima o seculo, não sahio menos polida nos instrumentos da harpa, e orgão, a que destrissima musica accommodava huma fermosa voz, que lhe dera o Ceo, e que ella depois pagou agradecida, occupando-a nos louvores de quem lli'a dera. Sobre sahia a todas estas prendas huma viveza, e graça natural em tudo o que dizia, sem que a galantaria molestasse a minima attenção da modestia. Não teve mais que lhe dar a natureza; só o Ceo teve mais que lhe dar.

Começou a ver-se pertendida do melhor da nobreza do Reino, porque igualando a todas na qualidade, sempre as prendas a deixavão excessiva no dote. Casou-a seu pai com D. Luiz de Portugal, terceiro Conde de Vimioso, de que teve tres filhos, e tres filhas, até que o Ceo quiz que excedesse as prendas da natureza, de que a enriquecera, com a resolução, que agora lhe aconselhava. Abraçou-a logo, ajustando com o Conde seu marido hum santo divorcio, huma repulsa ás grandezas do Mundo, huma vida para sempre sepultada na clausura, e huma sujeição ao suave jugo da obediencia religiosa. Assim se apartarão, assim se recolherão. A Condessa n'esta Casa, que fundara; o Conde na de Almada, que escolhera. No principio d'este livro fica esta noticia.

Entrada nos sagrados claustros d'esta Casa, já não a Condessa de Vimioso, mas a humilde Sor Joanna do Rosario, nada da rigorosa, e es-

treita observancia da Casa se lhe fez novo, porque o que agora dictava o preceito, já o tinha exercitado a devoção; assim tinha sido sua casa huma voluntaria recoleta, e ella tão exemplar Prelada, que da sua ilharga passarão duas filhas suas, huma a tomar o habito n'este Mosteiro, que foi Sor Filippa Aurelia de Jesus (de que fallaremos) outra em Santa Catharina de Evora, que foi Sor Luiza de Deos, de que no segundo livro fica noticia. Não fez menos fruto na mais familia a doutrina, e exemplo da Condessa, que duas aias suas buscarão a mesma Casa de Santa Catharina de Evora. Estes os dictames, que se aprendião, e praticavão n'aquella casa.

Mas nem o ter sido Sor Joanna tão grande Mestra de espirito, lhe fez estranho, ou pezado o largo tempo, que depois foi discipula, porque quatro annos foi Noviça n'esta Casa, dilatando-lhe a profissão importantias grandes da sua de Vimioso, que se havia de compor para ella professar. Mas assim abraçava o trabalho, e occupações, que nas Noviças são maiores, como se agradecera á composição os vagares, e assim desconhecia a causa d'elles no estado, que deixara, que sempre era a primeira que a Mestra achava occupada, e mais contente, e satisfeita, quanto a occupação era mais vil, e mais penosa. Parece, que levava os olhos a Deos, assim na promptidão, como no gosto de se ver servindo; e quiz o Senhor acrescentar circumstancias a este spectaculo, porque lavando humas mantas de estamenha, serviço, que pedia mais forças, que as suas, torceo hum braço, achando-a as dores com tanto sofrimento, como a causa d'ellas com alvoroço.

Nascião estes extremos do infimo conceito, que em toda a materia formava de si, não havendo imperfeição, que não chamasse sua, ou acção sua, que lhe não parecesse imperfeita, achando sempre nas alheias que aprender, e que louvar. Mas mais no caminho da virtude, levando-se sempre de santa inveja das que via, e suppunha adiantadas n'ella, que na sua opinião erão todas, e ella só a descaçada, e vagarosa (assim o confessava) com mais annos de idade, e nem se quer hum passo na virtude. Erão palavras, que muitas vezes lhe ouvião repetir com magoa, e com que se confundia a si mesma.

Mas maior sacrificio, o que fazia do entendimento, porque tendo-o claro, e polido, e ella sciente na Latinidade, era a primeira, que acodia a prover a reza na hora de exercicio, que tem as Religiosas por estatuto, provendo, e ensaiando tudo, o que se ha de dizer no coro; provi-

dencia, para que as menos destras não faltem á perfeição da pronuncia. N'este numero se mettia dizendo, que hia aprender o que ignorava. Grande documento, estudado nas maximas do Sol das Escolas, Santo Thomaz, que huma vez se escusou de dizer as lições no coro, com a desculpa de as não ter provido. E já era Mestre, já era grande. Assim se emmudecia a si mesmo aquelle oraculo dos doutores; mas porque assim o emmudecia o seu conceito, se escutava depois como oraculo. Com que confusão o escutaria a ignorancia, sempre affouta, a não ser ignorancia! Só os nescios, que desconhecem as difficuldades, com que se logra huma acerto, se atrevem ao conceito, de que o desempenhão em tudo; e porque huma vez os favoreceo o acaso, em nenhuma os convenceo depois o erro.

Professou Sor Joanna, e não tendo, que innovar no seu estylo de vida, bastou para excessos o continual-a. Era opposta a penitencias indiscretas, por excessivas, dizendo, que era necessaria muita prudencia, para não consumir as forças, que perdidas com aquelles rigores, se restauravão depois com vagares, e mais valia demorar-se nas penitencias, que impossibilitar-se para continual-as. Levava-a a este conceito o receio de que algumas Religiosas se tratavão com excesso, e que por este respeito viria o Mosteiro a ser mal servido. Esta advertencia repetia, vendo-se no lugar de Prelada, em que depois de larga bataria a poz a obediencia; mas sendo aquella a maxima, que praticara, assim desconfiava do seu voto, que na sua ultima doença protestou publicamente, que o dissera, porque até allí era o que alcançava; mas que como ignorante, podia errar, e ser de mais utilidade o que impedira, que o que aconselhara.

Advertencia por certo digna do seu entendimento em materia, em que não pôde haver resolução absoluta, porque de huma parte pesa a razão da Madre Sor Joanna (porque aquelles excessos voluntarios, inhabilitão para os exercicios precisos) e da outra mostra a experiencia, que quem os praticou, não errava; se não reparem em hum S. Domingos ensanguentando tres vezes em huma noite (e fazia-o em todas) huma cadea de ferro em larga disciplina. Huma Santa Catharina de Sena, jejuando desde o dia de Cinza até o da Ascensão, sem outro algum sustento, mais que o pão dos Anjos, que só o he do espirito. Huma Santa Ignez de Monte Policiano, jejuando quinze annos a pão, e agua; e sem duvida não podião ser erro exercicios, que merecião regalos do Esposo Divino. O certo he, que em materia tão ardua só o Ceo aconselha; e que Sor Joanna

conheceo a difficuldade, e venceu a grande de se descontentar do seu voto.

No cargo de Prelada só lhe pareceo novidade o nome, porque sem occupar o lugar do exemplo, sempre foi a primeira para o trabalho. Tinha agora de mais o andar-se furtando ás pensões do governo, por não faltar ás horas do seu retiro. Não bastando o frequentar muito estas, para faltar á continua vigilancia, por mais que a podia descaucar a ce- leste harmonia, com que hia correndo muito a observancia da Casa. Ze- losa dos Estatutos d'ella, não houve occasião, por mais privilegiada, que a obrigasse a afrouxar na sua observancia.

Visitava as Religiosas em huma occasião o Colleiitor Castracani (gran- de venerador d'esta Casa, como o que a buscava, antes como Sacrario, que como Mosteiro do Sacramento). Levou-o o Confessor, que então era o Padre Frei Joseph da Conceição, á grade do coro. veio a Madre Sor Joanna, então Prioreza, acompanhando-a as mais antigas da Casa, que com os veos calidos lhe fallarão, e agradecerão a visita. Pedio o Collei- tor á Madre Sor Joanna, que levantasse o veo, mandando o mesmo ás suas subditas, que teria grande consolação em vel-as. Respondeo, que por Estatuto da Casa não podião apparecer com os rostos descubertos: e dando a mesma reposta ás mais instancias, concluiu o Colleiitor, que bem podião dispensar com elle, ou que elle dispensava por aquella só vez no Estatuto, como Nuncio do Pontifice, de quem tinha os poderes: «Por essa rasão (replicou a Madre Sor Joanna) que Vossa Illustrissima he Nuncio de Sua Santidade, e Prelado da Igreja, deve conservar-nos, e induzir-nos a maior observancia, e não permittir, quanto mais aconse- lhar, relaxações no rigor della.» Deu-se o Colleiitor por vencido, não aca- bando de admirar a santa inteireza, e constancia da boa Prelada, não esperando com tudo menos do que ouvia d'ella, e da observancia da Casa.

Tres vezes foi n'ella Prioreza a Madre Sor Joanna, que as experien- cias do primeiro governo a inculcarão para o segundo, e fora o seu con- tinuado, em quanto viveo, se na sua humildade não fora violento tudo o que parecia dominio. Nelle repartia com grande consideração o tem- po. Ficava depois de Matinas em oração no Coro, e com tão grande fru- to d'ella, que sem poder dissimular as lagrimas, as publicavão os solu- ços, que compungião as mais Religiosas, que alli ficavão. D'alli se reco- lhia a escrever, a dispor as provisões do Mosteiro, e quasi sempre o

mais tempo até Prima, com livros devotos, espelhos a que concertava sua consciencia. Mas nunca se achava mais a seu gosto, que quando gastava o tempo, pondo-a a obediencia em officio, e occupação de maior trabalho; aliviar a todas d'elle, era o seu desvelo. Assim era abrazada sua charidade.

A constancia, e sofrimento nos golpes, que mais sente a natureza, parece que a desconhecião filha sua. Assim escutou com os olhos enxutos mortes de parentes, e de filhos. Não admittia pezames, entendendo bem, que feita a vontade de Deos, não lhe ficava liberdade para os escutar. N'esta conformidade com Deos viveo nos Claustros, até idade de oitenta annos, tendo entrado n'elles de quarenta e tres. Cahio em fim de doença ultima, e assim segurou, que o era, como se se lhe revelara. Escreveo logo algumas cartas a parentes, e alguns filhos, que ainda tinha vivos, em que lhes pedia suffragios, e lhes advertia o cuidado com algumas pessoas necessitadas, que desejava ver com amparo, e fóra de perigo. Assim dispoz tudo, como quem sabia, que já aquellas cousas lhe não havião de dever outro cuidado, e perguntando-lhe as Religiosas, se tinha ainda cousa, que lhe dêsse pena? Respondeo: «Nada tenho, que me sirva de embaraço, porque os peccados, tanto que os confessei, os puz aos pés de Nossa Senhora, minha Mãe de peccadores, confiada, por não dizer certa, de sua grande piedade, que por meio de sua intercessão, e patrocínio, m'os havia o Senhor de perdoar. E bem estava, digo bem aviada estava a peccadorinha, se n'este transe lhe fora forçado lidar com peccados!»

Grande documento para os filhos da Fé, que esperão os frutos da immortalidade, disporem sua alma nos desafogos, e socegos da vida, sem esperar a ultima hora, onde tudo embaraça! As dores da doença, as angustias da morte, os remorsos da consciencia, as saudades do que fica, e duvida do que se espera, e as cavilações do inimigo, que não descansa. Assim he precisa a cautela christãa, por não chegar a hora, em que o arrependimento seja martyrio, e não remedio.

Este o socego, com que n'aquella hora se achava a Madre Sor Joanna; mas tal a providencia com que se anticipara para aquella hora. Em huma entrou o Medico, e dizendo-lhe, que não achava materia, que lhe fizesse desconfiar da doença, e que Deos lhe dilataria ainda a vida, respondeo: «Màs novas me dá, Senhor, ainda que eu, nem desejo morrer, nem viver, porque só Deos sabe o que nos está melhor.» Erão já os ul-

timos dias, crecião intoleravõis as dores, e perguntava ao seu Confessor, se seria culpa desejar morrer, por livrar-se d'ellas, accrescentando: «Ainda que eu não o peço a Deos.» E quando mais a apertavão, levantava os olhos ao Ceo, sem passar sequer ao desafogo de hum gemido. Sem duvida era imitação de seu Esposo, o espirar com sede de padecer.

Chegõu-lhe huma carta de seu filho o Marquez de Aguiar, em que lhe segurava o sentimento de a ter n'aquelle estado, e a consolava com verdades de filho. Ouvio-a ler, e disse, que aquella carta lhe dera grande pena, porque tinha muito alivio em experimentar em hum filho aquella lastima, e aquella lembrança; mas que pelo que se aliviava, o sentia, porque já não era tempo de alivios d'esta vida, mas de penas, que a dispozessem para a outra.

Chamou as Religiosas, e pedindo-lhe primeiro perdão do máo exemplo, passou a exhortal-as com palavras tão vivas, tão cheias de espirito, tão concertadas, e persuasivas, como se se esquecera da debilidade em que estava. Aconselhou-lhes a observancia, despersuadindo-as da magoa de sua falta, porque sobre ser inevitavel o tributo, já era o melhor tempo de pagal-o, porque Deos o tinha disposto. Abraçou-as, e lançou-lhes a benção, doendo-se de as ver chorar. Pedio logo á Prelada, que lhe mandasse abrir sepultura aos pés de todas, mas não junto á irmã Conversa Sor Victoria, porque tinha fallecido com opinião de Santa, e ella se achava indigna de tal companhia. Pareceo tempo de receber os Sacramentos, e foi grande a doçura, que sentio em seu espirito, percebida nas palavras, e no rosto.

Pedia, que continuamente lhe lessem a Paixão de Christo, pelo livro do Mestre Frei Luiz de Granada, sem duvida, porque á vista d'aquellas dores, lhe ficassem as suas menos sensiveis. Outras vezes, tomando nas mãos hum devoto Crucifixo, depois de penitentes supplicas, e ardentes jaculatorias áquelle sangue precioso, accendida em huma desusada viveza, e estranho modo de alegria, repetia, como desafogando o coração: «Que hei de ir ao Ceo! Sim, por certo, pelo sangue de meu Senhor Jesu Christo. Que hei de entrar pelas portas do Purgatorio, cantando muitas vezes Alleluia! Que entro no Purgatorio, Alleluia! Que já não temo o demonio, Alleluia! Que estou perto de ver a Deos, Alleluia!» Dizendo isto, ficava suspensa, e socegada.

Verificava-se n'isto o que esta Madre dissera na occasião, que se recolheo a esta Casa, e se ausentou da sua, que então deixava, e se des-

pedio de sua familia, chorando, mas que esperava em Deos, que havia de morrer rindo. Não succederia menos (promettera o Espirito Santo pela boca da Sabedoria) aquella providente, e desvelada mãe de familias, que dispondo bem sua casa, trabalhasse pelas verdadeiras grangearias da melhor vida, não descançando nunca entre trabalhos do mundo, para que no fim se risse ao sahir d'elle (1).

Succedeo assim á Madre Sor Joanna, estando já com poucas horas de vida, que tendo repetido as Alleluias da sua jaculatoria, ouviu, que no coro se cantava o verso do Psalmo 125. *Qui seminant in lacrymis*, e continuou: *In exultatione metent*. Accrescentando: «Será isto para quem fez boa sementeira de lagrimas.» Val tanto o verso, como dizer: «Os que semeão lagrimas, colhem alegrias.» Não fallou mais, tomada de hum repentino accidente, que abrandando, a deixou com livre, e perfeito juizo, ainda que muda; porque com grande advertencia, e consolação de espirito, recebeu o ultimo sacramento.

Choravão as Religiosas, que perdião n'ella mãe, conselho, e alivio. Não lhes esquecia a liberalidade, com que lhes dera casa, o amor, com que lhes viera fazer companhia, a brandura, e charidade, com que tantos annos as governara; e erão estas razões tão poderosas para a sua saudade, que fazião cara ás que tinhão de alegrar-se, vendo-a tão perto de entrar no ultimo, e verdadeiro descanso. Mas a boa Madre, levantando os olhos, e as mãos ao Ceo, dava a entender, que ao que elle dispunha só havia de responder a sujeição, e a obediencia, devendo ainda enxugar-se as lagrimas, por não parecerem niudas repugnancias.

Foi cousa digna de reparo, que estando já no ultimo termo, desfalecida, e sepultada n'aquella mudez, de que não tornou a sahir, chegando-lhe hum dos Religiosos a imagem de hum Crucifixo, e applicando-lhe a boca á chaga do Lado, advertindo-lhe, que o beijasse com muito affecto, rompeo o silencio, dizendo tres vezes com voz clara, e vigorosa: «Muito, muito, muito.» E assim ficou abraçada com a sagrada imagem. Era ardentissima a devoção, que tinha com a Senhora, com o seu Rosario; esse affecto lhe ensinou a escolher o nome para seu patrocínio; como estava com todos os sentidos, e espertos todos, lembrarão-lhe as Religiosas, que lhe assistião de mais perto, a maior delicia de sua alma, começarão a entoar o nome de nossa Senhora nos cinco Psalmos, e chegando ao quarto, e ao verso: *Qui seminant in lacrymis, in exultatione me-*

(1) Et ridebit in die novissimo. Prov. 31. 23.

teu, deu o espirito ao Senhor, passando ao Ceo, a colher a eterna alegria, fruto das lagrimas, que semeara na terra. Era o oitavo dia da Ascensão, 21 de Maio de 1643.

## CAPITULO XIX

### *Das Madres Soror Isabel de Jesus, e Soror Margarida da Resurreição.*

Ficara Soror Isabel orfã, e menina, e como filha de pais nobres, e ricos, em poder de irmãos poderosos, razão que fazia n'ella a sujeição mais precisa, e n'elles maior a liberdade de lhe darem estado a seu gosto. Mas quando o dispõe o Ceo, nem a nobreza estima grandezas, nem o ouro aconselha cobiças, porque nada ha na terra, que tenha valia, ou seja estimavel, se se olha com olhos livres do pó, que levantado do vento da vaidade, cega, para o conhecimento do pouco, que he tudo.

Era Soror Isabel rica, e nobre, dous privilegios, que mais estima o mundo, para grangear as idolatrias dos que crem, que o barro póde ser duravel materia para fabricar hum idolo. Mas já n'aquelles poucos annos tinha madrugado tanto o conhecimento, que lhe não servio o muito que lhe offerecia o mundo, mais que para a fazer avultar, pizando-o, e mettendo-o debaixo dos pés, artificio poderoso para a avisinhar mais ao Ceo, a quem devia o conselho, e a quem o pagava com a resolução de não escutar, nem seguir os que lhe podia dar o mesmo mundo. Já seus irmãos começavão a escutar as diligencias dos que a pedião esposa (fosse negaça o dote, ou a nobreza) diffirindo o ajuste só por razão da idade. Cessou com os annos o embaraço, entenderão seus irmãos, que não havia outro; propazerão lhe os commodos, e obrigações precisas de aceitar aquella vida; mas nada valeo com Sor Isabel para deixar a que já escolhera como mais segura.

Tomou o habito da Terceira Regra de S. Domingos com tanta resolução de se aproveitar das santas grangearias d'elle, que em breve tempo se conhecerão os acertos da escolha nas experiencias de sua virtude. Assim era sua vida como da mais apontada, da mais observante Religiosa, não lhe faltando mais que a circumstancia da clausura. Passados annos se passou a ella, tomando o habito n'esta Casa, como se se estivesse dispondo para as grandes obrigações d'ella, não fiando de seu es-

pirito o acertal-as sem aquelle ensaio. Mas idade crescida, gastada em voluntarias penitencias, não deixavão vigor nos hombros, para sustentar por muito tempo o pezo d'aquella cruz; houve de aliviar-se, dispensou-a a sua grande fraqueza de Matinas, porque não podia estar em pé; mas achou industria, para não perder o merecimento d'ellas, desvelando-se toda a noite para chamar as Religiosas, fazendo o mesmo a Prima; e assim vinha a concorrer para aquellas sagradas funções com a diligencia, mais que o que podera com a pessoa.

O mais do tempo lhe levava a oração, e lição dos livros sagrados; assim era sua vida hum continuo commercio com o Ceo. Meditava enternecida na Paixão. Arrebatava-a hum ternissimo affecto com a Senhora do Rosario, e huma suavidade grande, com que assistia á sua *Salve* de Completas, e já com tão poucos alentos, que antes parecia privilegio da devoção, que diligencia d'elles. Já contava vinte e tres annos de habito em venturosa velhice, quando cahio em huma larga enfermidade. Fora sua vida antes huma vital chamma de charidade com todas as Religiosas, mais ardente com as noviças (sempre o mais penoso cabe sobre os hombros d'estas) não queria desacomodal-as com assistencias, menos com desvelos de mesinhas; assim soffria as dores, e os incommodos, sem se lhe escutar huma queixa, tendo todo o corpo em huma chaga viva. Levantava os olhos para as de hum Crucifixo, que lhe fazia companhia junto á cabeceira; e quando se via mais attribulada, e dorida, dizia com voz branda, e mortificada: «Chagas de Christo crucificado», repetindo muitas vezes «crucificado», como se aquelle fôra o seu unico lenitivo.

Recebeo os sacramentos com vivas demonstrações de piedosa alegria; olhava para a morte como resgate; esperava no ultimo instante da vida o primeiro de seu descanso. Só tinha hum unico no que aquella durava, que era merecer melhor a que se lhe seguia. Parece que lhe fazia o Ceo essa lisonja, porque contando-lhe já o alento por horas, assim lh'o foi sustentando por dias, que chegou até o de Sabbatho da Alleluia. Pareceu a quem melhor reparou, cousa mysteriosa.

Corria o anno de 638, lamentava todo este reino o golpe, com que a espada da Igreja o ameaçava no interdicto em que o tinha deixado Monsenhor Castracane (Legado do Papa Urbano VIII), porque oppondo-se ás tyrannias de Castella (injusto jugo, em que vivia opprimida esta Coroa) não só lhe negarão a obediencia, mas ainda lhe ameaçarão a liberdade, e a vida. Era commum escandalo da Christandade o litigio,

que os Ministros Castelhanos sustentavão contra a immuniidade ecclesiastica, querendo, que nem esta ficasse fora dos exorbitantes tributos, com que avexavão os povos. Procedera com censuras o Legado, nunca obedecido, e finalmente ameaçado. Grande fatalidade ! Sel-o de vassallos de hum Principe por antonomasia Catholico ! E não menor satisfação para os Portuguezes (a quem aquelles chamarão despois rebeldes á Corôa) vel-os a elles rebeldes á Igreja, com tanta differença, que mostrou bem despois o successo, favorecido do Ceo, que a nossa rebellião foi justiça, e a sua inobediencia, contumacia. N'ella persistirão com tão desembuçada irreverencia á jurisdicção Apostolica, que o Legado escolheo por sagrado o retiro, d'onde já não conhecia outro sagrado. Partio occultamente para Roma, deixando interdicto o Reino, tão sujeito sempre ás leis Apostolicas, que só na voz de Castella, que então tinha, se lhe escutara esta inobediencia.

Assim lamentavão as Religiões, e Casas sagradas a pena do interdicto, emmudecidas em todas aquellas celebridades, com que costumão dar a Deos culto, quando por instantes acabava a vida a Madre Sor Isabel. Sentião as Religiosas (como as que sabião conhecer, e venerar sua virtude) o haverem de lhe dar sepultura sem aquellas solemnes demonstrações, com que a piedade christã se consola ; mas entrando a moribundo a semana de Ramos sem esperanza de passar do primeiro dia d'ella, chegou com admiracção de todas até ao de sabbado, em que com rara conformidade, e socego de espirito, antes com mostras de sobrenatural alegria, passou a lograr as suavidades da eterna; valendo-lhe a solemnidade da Paschoa, para que com toda se lhe houvesse de dar sepultura, o que se fez ao dia da Resurreicção de tarde, partindo a Igreja de seus privilegios com aquelle corpo, como já a Triunfante o fazia com o seu espirito ; ou permittindo o Ceo, que se misturassem as Alleluias com as exequias de huma vida, em que se virão os indicios de resuscitar gloriosa.

Não madrugou menos a piedade christã na Madre Sor Margarida da Resurreicção, que o fizera na Madre Sor Isabel, porque com as primeiras luzes da razão começou tambem a buscar aquelle caminho, para que só as do Ceo descobrem o passo. Mas as prendas da natureza, de que era dotada, a fazião tão conhecida, que começou logo a vêr-se, não só perseguida, mas perseguida de diligencias dos que a esperavão esposa, como se a executara a terra, pelo que tinha de sua; mas erão aquellas

prendas os engastes, com que o Ceo ornava aquella Margarita, buscada a maior diligencia, e destinada a melhor ventura.

Assim succedeo. Era filha de pais honestos; entenderão adiantar sua casa nas condições de honra, e fazenda, com que se aventajava hum dos pertendentes de Margarida; dispuzerão de sua liberdade, derão-lha esposa; mas em tão breve tempo perdeu este nome na vida do marido, que se desenganarão os pais, que mais poderosa mão a negociava sua, e a cstimava preciosa. Já livre d'aquella prisão, começou a agradecer ao Ceo a liberdade, nas ancias de a cativar aos seus conselhos; assim com lagrimas, e larga oração lhos pedia, para os acertos de ser toda sua. Começava então a povoar-se esta Casa, como Sacratio de Deos, de abraçados, e puros espiritos; convidava o angelico d'aquella vida aos que desprezavão a da terra; para aqui se declarou a vocação de Sor Margarida.

Buscou as Religiosas resoluta; pedia o negocio madureza; deixarão, que o tempo lhe provasse a constancia. Instava com supplicas, com lagrimas, derretidas humas, accendidas outras, áquelle fogo, que não admite detenças. Grande espectaculo para a confusão humana! Que mais farião os desejos impacientes, para os avanços, para os commodos da vida, que estes para o continuo martyrio d'ella? Que mais para os estados, que estes para os abatimentos? Que mais para a purpura, que estes para a mortalha? Mas erão já idiomas do Ceo, os com que Margarida pedia; entendião-no bem aquelles espiritos como n'elle versados; não houve outro embaraço; aceitarão-na no Mosteiro.

Não havia detença, porque já Sor Margarida não attendia a nenhuma da terra. Chegou o dia da entrada, e ella á grade do coro, a responder ás perguntas do Prelado, que (conforme as nossas leis) lhe propunha os rigores, e asperezas, a que voluntariamente se sentençaão as que com aquelle genero de vida se sepultão. Levantou acaso os olhos, e encontrou com elles a imagem de Christo, n'aquella forma em que Pilatos o mostrou ao povo, com huma inscripção, que dizia: *Ecce Homo*, val o mesmo que: «Eis aqui o Homem.» Mas assim se lhe figuravão vivas as chagas, fresco aquelle sangue, animada aquella agonia, que lhe pareceo, que via, não huma pintura, mas ao mesmo Christo vivo n'ella, como se n'aquella hora o acabara de ferir o flagello, e se levantasse a condemnal-o o povo.

Da vista se lhe estampou assim na memoria, que nunca mais o per-

deo d'ella. Testemunhava-o muitas vezes, accrescentando que com aquella vista lastimosa, interiormente representada, triunfara noviza de muitas occasiões, em que fraqueando a natureza, se intimidara aos rigores d'aquella vida, ou se resolvera ao desatino de deixal-a. Por espaço de quarenta annos a continuou Sor Margarida, com tão exacta observancia, como no primeiro dia em que a abraçara. Na charidade, na compaixão, no abatimento proprio, toda era excessos; e tal o de abatida, que sendo tão crescida em annos, tão venerada das que a olhvão como mestra, todo o seu emprego era misturar-se com as mais modernas na mais infima, e custosa occupação da Casa, não tendo (como dizia) hora de maior gosto, que a de maior trabalho.

No cilicio, disciplina, e jejum, bastando os do Mosteiro para o rigor, parece que deixavão ainda com sede aquella ancia penitente; assim os dobrava com escrupulos de viver mimosa. Dormia vestida, para que o coro, e a oração a toda a hora a achassem prompta; assim era sua vida huma continuada guerra com o corpo, que vencido mais de penitencias, que de annos, não tinha vigor para hospedar o espirito. Chegou-se a hora de o passar a melhor morada, recebeu os sacramentos com espirital doçura, esperou a morte intrepida, demonstrações da vida, que esperava. Passou a ella em 17 de Março de 645. Assim o testemunhou o seu cadaver, exhalando suavissimas fragrancias, acompanharão-no estas até á sepultura, ainda depois de muitos dias se perceberão n'ella. Não podia ser outro o fumo, que de si despedissem aquelles seccoos ossos, acabando de apagar-se n'elles o lume de huma vida, que a charidade conservou lavareda.

## CAPITULO XX

*Da Madre Soror Filippa de Jesus, huma das que derão principio a esta recoleta.*

Lavrado com dispendio, e desvelo o Templo material de Deos em esta sua Casa, antes venturoso Sacrario, em que se havia de hospedar sacramentado, dando-lhe em paga o seu nome, para eterno, e singular timbre, buscava a devota diligencia dos Condes de Vimioso racionaes bases, sobre que se levantasse o espirital Templo de Deos vivo, e doutrinados espiritos, com que começasse a respirar a angelica vida d'aquella recoleta. Era a Casa de Santa Catharina de Sena de Evora, sagrado, e

mais celebre Seminario, em que a Religião os criava, e era a Madre Sor Filippa a que assim se adiantava em prendas de Religiosa, que nem o retiro, e cautela da clausura a permitia desconhecida.

Entrara n'aquella Casa com mais duas irmãs, tão prendadas como virtuosas: venturosos pais, os que a Deos offerecerão taes victimas, furtando-as á contingencia de mal empregadas. Forão estes André Bugalho, e Dona Damianna Pereira, pessoas de conhecida nobreza, e virtude. Assim foi esta nas filhas herança, que perdendo a mãe, só á Religião quizerão dar este nome, recolhendo-se todas tres em Santa Catharina. Era a mais moça a Madre Sor Filippa, mas não só as irmãs, ainda as mais adiantadas em annos, e virtude, lhe desconhecião a idade; parece que não cabia tanto na de doze annos. Chegou aos quinze, entrou no de approvação, e passou aos de professa, com tantos augmentos de reforma da, e zelosa, que nas vozes, e admirações de todos chegou á noticia dos Condes, sendo a voto de todas huma das mestras de espirito, que pedirão, e alcançarão, e finalmente trouxerão para esta Casa, onde se começou a escutar como huma regra viva, do que se devia observar, e observou sempre n'ella.

Não houve occupação, em que não aliviasse ás outras o trabalho, e em que lhe não desse exemplo. No coro, antes se podia dizer, que vivia, do que, que o frequentava. Era alma d'elle, e singular suavidade de sua alma, entoar a Deos louvores. A todas animava, e sobre todas se ouvia; tal era sua voz sonora, clara, alta, vigorosa. Não havia função na casa, em que lhe esquecesse, que viera primeira, não para o respeito, para o cuidado; assim foi o lugar de Prioreza o unico, que a achou esquiua. Nem a negaça de ser aquelle dominio servidão, lhe tirava o horror de lhe parecer dominio. Fazia-lhe grande violencia hum profundo abatimento, de que tinha feito vida. Contava vinte e cinco annos, quando entrou a ser mestra d'esta recoleta. Já sua virtude parecia consummada em tão poucos; mas foi, que tinha madrugado nos primeiros.

Nos rigores, e exercicios da Casa, desvelada para exemplo, occultamente ainda excessiva para desafogo; só assim socegava seu espirito; não tinham para elle as leis mais de rigorosas, que o que de taxadas. Assim fugia aos olhos de todas, para o rigoroso das disciplinas, para a contemplação em que se detinha, banhada em lagrimas, corria hum, e outro sangue, que não erão mais executivos os golpes do braço, que os do sentimento, como mais sensivel o coração, que o corpo. N'aquelle

não havia mais que Deos, e só Deos se lhe escutava na boca; mas erão sempre os olhos os primeiros, que respondião n'esta pratica, fiando das lagrimas mais expressivo idioma. Não achava outro mais proprio para fallar com o Ceo; sabia que o Senhor d'elle costumava escutar no ruido das lagrimas a vida dos penitentes. Assim lhe succedia, quando chegava á confissão (sendo na de seus Confessores de inculpavel vida) como alli dava a Deos conta d'ella, entendia, que das lagrimas tomaria melhor essa conta; como se dissera com o Profeta: *Deus vitam meam annunciai tibi, posuisti lacrymas meas in conspectu tuo*. Vem a dizer: «Senhor, contei-vos minha vida, e para o que olhastes, foi para minhas lagrimas.»

Incançavel a achava sempre a occupação de maior aceio para o culto divino. Na Sacristia servio vinte annos; e só estes por cançados (advertencia compassiva dos Prelados) a tirarão d'ella; mas nem a impossibilidade lhe callou a queixa, porque a tinha de que não esperassem do seu gosto, o que já desconfiavão do seu alento. Assim dizia a Deos com muitas lagrimas: «Bei sei, que me lançais fôra de Casa, por inutil serva. Mas, Senhor, que vos fez esta serva, que a tirastes de vossa graça?» No tempo, que assistio n'esta officina, não perdoava a diligencia, que conduzisse á maior decencia, e pureza do que tocava a ornamentos, e mais pertencentes ao sacrificio da Missa, venerando assim tudo o que se costuma occupar n'ella, que a primeira vez, que no dia entrava na Sacristia, punha os joelhos em terra, inclinando-se especialmente para a parte em que guardava calices, e corporaes. Assim entendia, que se devião pôr os olhos em alfaias tão santas, que se não deixão tocar, senão de mãos sagradas. Grande reprehensão para o pouco reparo, e menos aceio com que se vem hoje tratadas em algumas sagradas officinas, sendo mais culpavel o pouco escrupulo nos Prelados d'ellas!

O gosto com que se applicava a semelhante trabalho, não se lhe via só na diligencia, tambem na alegria, sendo tão excessiva a com que acodia á principal solemnidade na Casa (que he do Sacramento) que a não sabia dissimular, como se lhe não coubesse no coração; assim applicava as mãos ao que era preciso, rompendo-lhe na boca abrazadas jaculatorias, derretendo-se-lhe nos olhos suavissimas lagrimas. O espirito alli assistia a animar aquellas piedosas acções; mas lá o levava a contemplação a tratar com Deos; tão continua, e facil nesta occupação angelica, que não era a vida d'esta Madre mais que huma contemplação continuada.

Em se desembaraçando das obrigações da Communidade, não tinha lugar mais seu, que o coro; aquelle era o seu centro, visitado com tanto alvoroço de seu espirito, que muitas vezes o desafogava em lagrimas. Tinha esta Madre este dom, e erão estas commummente a primeira attenção, que lhe devião afflicções alheias; assim a achavão todas maviosa, branda, compassiva. Já os annos, que as penitencias fazião parecer muitos, a tinhão reduzido a tal debilidade, que não podia continuar Matinas; mas já no coro ás tres da madrugada se vingava da falta, que fizera n'ellas. Outras vezes de Completas até á meia noite, a que se recolhia, como se enganara os achaques com o nome de dispensada, para lhe darem liberdade para maior assistencia.

Grande fé, igual efficacia a com que costumava pedir a Deos. Via-se no effeito de conseguir facil o despacho: Com a mesma confiança recorria em suas tribulações á Rainha dos Anjos, que amava com ternissimos affectos de sua alma. Não sentio n'ella maior afflicção, que a de ver sua irmã (era a Madre Joanna Bautista, e logo terá seu lugar n'esta escritura) prostrada de huma doença com sinaes de ultima. Mal ovio este desengano, corre ao coro (venerava n'elle com fé viva, e carinhosa huma imagem da Senhora da Assumpção) lança-se por terra, e fallando antes com o coração, que com a boca, antes em lagrimas, que em vozes, pediã á sua grande Advogada, que lhe não tirasse na da irmã aquelle unico arrimo da vida. Caso grande! Escuta, que lhe respondeo a Senhora: «Mulher de pouca fé, porque duvidaste? Havia-te eu de faltar? Tua irmã vive.»

Poz Sor Filippa a boca em terra, e metida no abysmo da humildade, não ousava a erguer os olhos em veneração de sua Bemfeitora; mas confusa, acanhada, e emmudecida, se deixou ficar por largo espaço, fiando d'alma, e do coração as graças, os agradecimentos, e os jubilos. Não devia Sor Filippa menos cuidado ao Ceo, e á Rainha d'elle; assim se lhe permittião, ainda em vida, favores, como a quem só com elle se commerciava.

Espirou a Prelada da Casa (era de seu mesmo nome, a Madre Sor Filippa de Jesu Maria) sentio a Madre Sor Filippa a falta d'aquelle santo commercio. Tinha deixado o corpo na enfermaria. Era então Subpriora, sahio a obrigações do officio, e occupando algum espaço de tempo, passava ao coro a protestar a Deos, o como na sua vontade se resignava n'aquelle perda, quando lhe suspendeo os passos, e os sentidos

huma peregrina, huma suave musica. Levou-a o primeiro discurso a imaginar, se sem ella levarião o corpo para o coro; desencanarão-n'a os olhos, sem lhe sair a melodia dos ouvidos. Levantou as mãos ao Ceo, dando-lhe graças entre aquella harmonia angelica, em que suppunha descançando a ditosa amiga.

Mas erão já muitos os annos; parece, que não queria o Ceo, que o dilatar-lhe a coroa, favorecesse a duvida de não estar merecida. Apanhou-a hum rigoroso accidente apopletico, que a privou de todos os sentidos. Affligião-se as Religiosas de a verem acabar sem sacramentos. Assistia-lhe o seu Confessor, pedia-lhes, que dessem a Deos graças, sem querer entender seus juizos, que Sor Filippa passava a logral-o com as circumstancias, que elle era servido: que trocassem a pena em santa inveja; que elle se alargava a dar-lhes aquelle seguro, porque não permitia o Ceo sentimentos em occasião de jubilos.

Não permittio elle, que ficasse em opiniões a razão de os haver; tornou Sor Filippa a seu perfeito juizo, recebeu os sacramentos com igual devoção, que socego; assim durou ainda alguns dias, gastados em fervorosos colloquios, seguidos de piedosas lagrimas, convidando a ellas as Religiosas, que agora as choravão de desconsoladas, como primeiro de affligidas.

Foi capaz de reparo, que a este tempo se tinha restituído esta Madre (a petição sua) á antiga assistencia da Sacristia (esta em toda sua vida a occupação mais gostosa): sahia d'ella, quando a apanhou o accidente, reduzindo-a a tal estado, que a conselho dos Medicos a recolherão dentro, e pelo risco, que corria no abalo, se lhe fez alli huma cama, d'alli se despedio sua alma para melhor vida, em hum Domingo, 19 de Agosto de 646, permittindo, e dispondo o Ceo, que se não escondesse o muito, que lhe estimara aquelle serviço, pois do lugar em que lh'o fizera, ordenava, que passasse a receber a paga.

## CAPITULO XXI

### *Das Madres Sor Margarida da Coroa, e Sor Magdalena do Espirito Santo.*

Parece que era Deos o mais empenhado em que se povoasse de espirituaes plantas este seu Paraiso, porque elle mesmo sacramentado ha-

via de ser a graciosa fonte, que lhes dêsse o alimento. Assim as criava viçosas, sendo a graça o orvalho, que as fecundava, quando mal lhes amanhecia o dia da razão. Assim o mostrou em muitas a experiencia; agora na Madre Sor Margarida. Nasceu na villa de Aveiro, de que erão naturaes Manoel Rangel Lobo, e Luiza Carreira da Costa, seus pais, nobres, ricos, e virtuosos. Como taes não desconhecerão o premio, que o Ceo lhes dava em huma filha, que antes nascia para elle, que para elles.

Assim começou ella a proval-o na piedosa inclinação com que foi crescendo, servindo aos pais, e parentes primeiro de edificação, que de alivio. Este raro genio a fazia estimada de todos, como melhor joia da familia, sendo o que com mais reparo a avaliava Dom Frei Miguel Rangel, seu tio, Religioso da Ordem, e Bispo de Cochim, pessoa de grande opinião, e espirito. Sabia (como tal) medir, e conhecer os proporcionados para austera vida de huma recoleta. Nenhuma lhe levava mais a veneração, e o agrado, que a d'esta Casa. Amava muito a sobrinha, achou que só recolhendo-a n'ella satisfazia ao que a amava. Tal opinião tinha da Casa! Tal indole descobria na sobrinha!

Aceita estava já para tomar o habito em Jesu de Aveiro; a pouca idade impedia a execução; entrou o tio a embaraçal-a; não houve em Margarida repugnancia. Trouxe-a para esta Casa, não desconheceo a melhora. Corria, antes voava, nos annos, assim de approvação, como de professa, nos rigores da Religião com rosto alegre, e resolução firme; mas quiz Deos dispor-lhe outro genero de cruz mais pesada, que a com que o seguia no caminho da penitencia. Começarão a perseguil-a doengas, forão-lhe ficando em achaques; o mais cruel, e mais repetido o mal de coração; assim era sua afflicção tão grande, que como perdendo o sofrimento, e o sentido, rompia talvez em algum desabrimento, de que logo tornando em si, pedia perdão, sentindo vivamente, que os desmanchos de dor (que ella queria só para o sofrimento) se lhe passassem a desatino.

Com esta grande cruz caminhava, não a dispensando as crueldades d'ella das asperezas, que por lei escolhiere, e das que por vontade inventava. Extremosa era na charidade especial com os doentes, commiserção, que lhe não ensinarão seus achaques; os albeios só lhe devião cuidado, este lh'os poz nas mãos por officio. Foi a melhor industria para se esquecer do que padecia. Como a mais robusta a tinham sempre as doentes á cabezeira; as mais trabalhosas, mais gostosa. Em nada acha-

va repugnancia nas doenças de mais asco, com o mesmo cuidado, o mesmo rosto. Quando a desembaraçava mais este trabalho, tomava algumas horas o bastidor por descanso. Era n'elle mui destra, e sahia de suas mãos com nova traça, com variedade vistosa o mais precioso, o mais aceado ornato dos altares, os panos ricos para servirem n'elles; assim pagava ao Ceo o grande genio, que lhe dera para este emprego.

Igualmente que de doenças, se via perseguida do demonio com escrupulos, com tribulações; assim era sua vida huma penitente batalha, sustentada com tão poucas forças, que ao mais leve accidente esperava a morte; d'aqui lhe nascia huma continua meditação n'ella, e huma cautela santa, com que todas as noites, antes de recolher-se, tomando nas mãos a imagem de hum Crucifixo, repetia actos de contrita, e catholica, com hum affecto tão verdadeiro, como se qualquer d'elles houvesse de ser o ultimo. O mesmo lhe succedia chegando ao confissionario. Sempre a hora da confissão lhe parecia a ultima da vida; grande industria para a trazer ajustada!

N'ella não tinha outra consolação mais, que o santo commercio do Bispo seu tio, escutando-lhe os conselhos, com que se animava a abraçar os males com tolerancia. Mas quiz Deos vê-la batalhar só com elles, dispoz, que passasse o tio á India, sem esperanças de voltar d'ella; não tardou maior desengano, perdendo lá a vida. Achou o Ceo, que não bastava no coração de Sor Margarida o golpe da saudade, quiz que sobre este ferisse o da morte. Não lhe dilatou a dor, anticipando-lhe a noticia; parece que a teve Sor Margarida na mesma hora.

Erão as de huma madrugada, quando sahindo da cella a buscar huma Religiosa amiga sua, com mostras igualmente de dor, e conformidade, lhe disse: «Madre, disserão-me agora, que falecera meu tio o Bispo de Cochim. Seja Deos louvado! Que para eu o sentir, foi elle primeiro.» Entendeo a Religiosa, que não passaria de imaginação, fomentada de melancolia; mas Sor Margarida esses poucos mezes, que depois lhe durou a vida, o praticava como cousa certa. Já era falecida quando a este Reino chegou a nova. Falecera o Bispo no mez de Setembro; no mesmo havia lembrança que o dissera Sor Margarida. Difficilmente dão credito espiritos timoratos a favores soberanos. Com os olhos na sua humildade, não se atrevem a leval-os ao que (a seu juizo) não cabe n'ella. Esta he em todos a mais commua pratica. Nem Sor Margarida explicou o segredo, nem entenderão as Religiosas, que se merecião semelhantes entre

ellas. Depois o repararão, seguindo-se ao reparo maior veneração d'esta Madre, e memoria mais saudosa do que perderão em sua vida.

Apressarão a perda d'ella continuas doenças, sobre ellas accresceo huma queda, de que ficou mortal. Começarão os remedios a ser antes martyrios: não se logrou a cura, exercitou-se a paciencia. Já faltava a vida, mas sobejava a constancia. Recebeo os sacramentos com tanta doçura de espirito, que já começou a parecer paga de sua grande tolerancia: sabia, que com ella trabalhava a immortal coroa; em sete mezes de continuas, e intoleraveis dores a grangeou em huma cama, de que subio placidamente a gozal-a em huma sexta feira, 11 de Abril de 647.

Não parece, que se desvelou menos a Divina Providencia nas acções da Madre Sor Magdalena do Espirito Santo. De tenra idade parecia já aconselhada d'elle. Foi filha de pais nobres, de nação Flamengos, de vida exemplares, de bens da fortuna abundantes. Querião que estes passassem ás mãos de Sor Magdalena, dando-a ella de esposa a hum mancebo de qualidade, acerto em que livrarão as esperanças de sua casa, e descanço de sua vida. Mas ella, que altamente aconselhada, tinha feito escolha de outra (mal entendida da terra) desenganou os pais, que nada d'ella lhe faria mudar de escolha; que seu esposo havia de ser Jesu Christo, seu dote a pobreza, sua vida a clausura, e essa a mais estreita, porque ella não havia de entrar na Casa de Deos a buscar a vida, senão a sepultal-a; que nenhum favor, nenhum mimo intentava fazer á natureza; mas protestava morrer em cilicio, e cinza.

Era o pai virtuoso, conhecia n'aquella inteireza superior impulso, achava-se viuvo, e entrado em annos, parecia-lhe duro deixal-os sem arimo; não resisua, mas assim foi dilatando por alguns a resolução da filha, que contando já trinta, entra n'esta Casa. Na dilacão se lhe dobrou a ancia; abraçou os rigores d'ella com tanto fervor, como se entendera, que a tardança fora culpa, e quizera vingar a tardança. Parece que despira as paixões de creatura; nenhuma aspereza a achava com repugnancia.

Derão-lhe a occupação da Enfermaria (tivera esse trabalho já dous annos): parece que sentio eta si algum dissabor, e foi tal a santa indignação, com que se sentenciou a si mesma, que com licença dos Prelados, fez voto de continuar o officio mais cinco annos. Assim pizou as rebeldias do genio, deixando tão senhor o sofrimento, que nenhum incommodo, ou molestia da vida, desde aquelle instante, a encontrou perturbada, ou a escutou queixosa. Branda, agradavel, caritativa, de tudo

queria servir a todas; nos males a achavão companheira, no serviço escrava.

Continuã na oração, que acompanhava com lagrimas; a suavidade d'alma, que sentia n'ellas, a fazia andar fugindo de todo o commercio (deixava o santo, por melhorar-se no divino) para dar-se a Deos, se furta-va a tudo o que o não era. Assim passava mezes, sepultada em silencio, sem que lh'o quebrassem mais que os gemidos do espirito, forcejado, e preso no cárcere do corpo. Crescia com a contemplação o despego de tudo da vida; pediu aos Prelados licença, para hum anno de deserto. Santa industria de o poder fazer de huma casa!

Ha n'esta duas, ou tres, tão escondidas, e retiradas, que fóra de todo o commercio, não podem ter mais que o do Ceo. Aquella he a pequena Thebaida, para que o espirito desafia o corpo, que desamparado de todo o humano soccorro, sustenta a dura batalha de continua penitencia. Os cilicios são as pezadas lorigas, que o cobrem. Humas hervas, e hum pouco de pão o alimento, com que se esforça; a disciplina, a arma offensiva com que pejeja, tão inexoravel, e profiada, que nem vendo o corpo banhado em sangue, a suspende, nem conhecendo a sua rebeldia trocada em fraqueza, a esquece; assim fica, e dura aquelle pequeno campo, sanguinolento theatro do rigor, e da aspereza; debuxando nas paredes o sangue, os triunfos, os trofeos do braço penitente.

Assim deu a ancia sequiosa d'estes mortificados espiritos, na estranha invectiva de reduzir a huma cella a vasta solidão da Palestina, tão imitada nos exercicios, como desconhecida nas estreitezas. Alli se retirão voluntariamente as Religiosas (supposta a licença da Prelada); huma taboa lhe serve de cama; hervas, ou pão, e agua de mesa; a oração de vida, as disciplinas de exercicio, o Ceo de companheiro. Aqui se ensaião para o ultimo desengano as que estão para professor. Aqui se adestrão sepultadas, para não terem mais que o nome de vivas.

Este o deserto, a que se queria retirar por hum anno Sor Magdalena, como se o nome a convidara com santa inveja, a buscar na estreiteza, e solidão d'aquella Casa as delicias da ditosa lapa de Marselha. Pol-o em execução resoluta, continuava-o constante, quando cahio doente a Enfermeira. Fora Sor Magdalena n'aquella occupação singularissima. Disse-lhe a Prelada: «Madre, adoeceo a Enfermeira, vá Vossa Reverencia para a Enfermaria.» Passou a ella tão prompta, como se de muitos dias

estivera advertida; ou como se não fora correndo atraz d'aquella delicia de sua alma.

Era sã, e robusta, começou a ver-se perseguida de achaques, e dores, com que Deos queria proval-a. Derribarão-lhe as forças, não a paciencia. Foi rara a com que levou hum achaque estranho, que pareceo lesão de<sup>s</sup>juízo. Era Sor Magdalena naturalmente concertada. Em hum pouco de burel, em huma toalha tosca, em hum véo grosseiro não podia haver aliubo: em andar direito, e limpo estava todo. Foi cousa notavel o desmancho, que se seguiu áquella queixa! Nada andava em seu lugar, nem para o pôr n'elle se podia ajudar da industria das mãos, que erão as mesmas, que o descompunhão, fosse o habito, fosse o toucado, fosse o véo, que commumente lhe varria o chão. Bem entendia Sor Magdalena, que aquelle genero de purgatorio viera a purificar venialidades. Punha-se na conformidade da parte do castigo; dava graças a Deos, de lh'o querer dar em tão pouco.

Entendeo, que já o seria, o que lhe restava de vida, começou tempos antes a dispor-se para deixal-a; achava, que não bastavão poucos dias para huma hora, em que se aventurão todos. Não tinha lugar mais continuo, que o coro; repartia os dias em novenas; ao Santissimo Sacramento, á Rainha do Ceo, a nosso Padre; o mais em contemplar a Paixão de Christo, em que com ternissimo coração se engolfava. Fora piedoso emprego de toda sua vida, no anno de approvação especialmente, ferindo-se cada dia a impiedados golpes de huma disciplina, dobrada no espaço do anno tantas vezes, que no cabo d'elle igualou o numero de cinco mil açoutes.

Similliantes exercicios lhe occupavão o mais do tempo, chegando a merecer n'este (ao que se julgou) revelação de sua morte. Não o dia, mas a circumstancia, segurava ás Religiosas, que lhe não seria pesada. Poucos dias antes chamou a Cantora, resistou com ella no Prossionario as orações, que se dizem na ultima hora; pol-o assim á cabeceira. Advertio a huma Religiosa o que pertencia á sua mortalha; tudo erão aparelhos de quem não tardaria em vestil-a. Repararão-lhe na providencia; parecia demasiada em quem se achava, ainda que achaquosa, sem sinal de moribunda: «Madres, respondeo, não me julguem apressada, que assim ha de ser a minha morte.»

Assim se confessava, assim se chegava á sagrada Mesa muitas vezes, como quem esperava, que cada huma fosse a ultima. Deteve-se hum

dia no coro mais tempo que o costumado (era huma segunda feira, 13 de Janeiro de 1648) passarão-se as horas de jantar; importanava-a para essa diligencia a Enfermeira caritativa, sahio como violentada, e em chegando á cella, rompeo em hum implacavel impeto de lagrimas; seguiu-se a estas hum accidente, que lhe tolheo a falla. Meia hora lhe durou o martyrio, passou d'elle ao eterno descanso.

## CAPITULO XXII

### *Da irmã Conversa Soror Maria do Rosario.*

Em Bemfica, logar pequeno nas visinhanças de Lisboa, nasceo Sor Maria do Rosario (no seculo Maria Rebella) seus pais Gonçalo Rebello de Lima, e Antonia da Silva, gente nobre, mas aponcada, e desvalida dos bens da fortuna, livrando-lh'a o Ceo toda n'aquella filha; assim a vião já nos primeiros annos bem inclinada, e devota. Já crescida, suspirava pelas paredes de huma recoleta. Propunha-lhe logo a do Sacramento a grande devoção, que tinha á Senhora do Rosario. entendendo, que tudo lhe ficava d'aquellas portas para dentro; mas crão tão limitadas as posses de seus pais, que não chegavão a poder dar-lhe hum dote inteiro para Freira do coro; porque o logar de Conversa (mais facil em meio dote) parecia estranho em pessoas da sua qualidade: venceo porém a devoção ao reparo do menos respeito, como gente, que entendia, que na casa de Deos fazem nobres as virtudes, e não os lugares, e que o prodigo, que escolheo o logar de mercenario, subio ao dos braços como filho.

Vencido, antes despresado, este embaraço, entrou Sor Maria no logar de Conversa, só com o receio de que o não merecia; e pedindo a Deos forças, para que nas suas diligencias mostrasse o quanto o estimava. Era delicada por natureza; mas parece, que se lhe dobrarão as forças com o gosto de as vêr bem empregadas. Nada estranhou, porque o que achou era o que pertendera; assim antes alvoroçada, que temerosa, abraçou os rigores, e trabalho da Casa. Na noticia d'aquelles he superfluo o reparo, e repetição, por ser já assentada a observancia das que entrão n'ella a abraçar esta vida. Continuas as Matinas da meia noite, as horas de oração; a estamenha junto á carne, o pescado na mesa, o

jejum de sete mezes no anno, o silencio perpetuo, dispensado só em algumas horas de tarde.

Isto o que pertence ás Constituições Dominicanas. Ás da Casa, ainda com novas asperezas, inviolavelmente observadas, sem a minima dispensação, até o tempo que isto escreviamos, e tão longe de a poder haver, que o trabalho dos Prelados, não he fazer observar os Estatutos, he embaraçar o verem-se excedidos. Este o emprego, e vida commua das Religiosas d'esta Casa, santamente invejosas humas de outras, só de verem, que dispensão os Prelados com algumas, para se alargarem nas penitencias.

Essa era a maior ancia de Sor Maria, porque crescendo na devoção de contemplar a Christo padecendo, desejava abraçar hums rigores, que de algum modo se assemelhassem áquelles. Assim pedia com vivas lagrimas (que erão o primeiro fruto d'esta contemplação) a seu Esposo, que repartisse com ella d'aquellas dôres, para que lhe dera a causa. Não ficou sem despacho a supplica: tanto se obrigou o Senhor d'ella. Vel-o-hemos-despois. Mas bem alcançava Sor Maria a grandeza do que pedia; quiz accrescentar merecimentos, e achou humia nova industria de reduzir-se a estado, que a tivessem por tonta. Assim o mostrava no desconcerto de sua pessoa, nas simplicidades do que respondia, não no que tocava ao serviço da Casa, e execução da obediencia.

Cousa rara, e certamente permissão divina, que todas a tivessem por fatua, ainda mais que por tonta, não havendo acção propriamente da Religiosa, em que se não mostrasse advertida, e perfeita, porque só no trato commum a vião como esquecida, e pouco atilada. Mas parece, que nevoava Deos os olhos ao discurso das companheiras, ou queria trazer aquelle thesouro escondido entre ellas, para confusão dos que examinão ao humano disposições divinas: porque muitas vezes disse ás Religiosas, especialmente ás Preladas, o Vigario, que era o Mestre Frei João de Portugal, e Confessor de Sor Maria, que a deixassem, que o caminho, que levava, era direito, e que mal sabia aquella Casa o que tinha em Sor Maria.

Não dormia em cama, passando as noites inteiras no coro, porque servindo, e incançavelmente todo o dia, não tinha outro tempo para orar, e contemplar com descanso. Encostada ao pé de hum altar, tomava algum pequeno, quando a vencia o sono. Achavão-na allí as Preladas, e sabendo o que servia, e que aquelle estylo de descanso não bastava, a

mandavão recolher para a cella: sem replicar, obedecia; mas recolhida a Prelada, tornava ao coro, e á oração, até que a chamava o dia para o serviço da Casa.

• Sempre se achava a primeira para o mais penoso d'ella, acarretar agua, e lenha, tomar pesos maiores em seus braços, e hombros, trabalho que admirou, e confundio as Religiosas, quando depois de sua morte se soube a impossibilidade, que tinha para o fazer. Foi o caso, que invejoso o inimigo commum do grande fruto, com que a serva de Deos entrava, e sahia do coro, lhe armou huma noite hum tropeço em huns ceirões, que estavam n'elle, por tal modo, que só podia ser seu o artificio. Entrou Sor Maria, e presa no laço, den huma tal queda, que o menos foi pizar-se-lhe o rosto, porque se lhe desconjuntarão os ossos de sorte, que lhe veio a ficar hum quadril fora de seu lugar hum palmo; successo, e lesão, de que não quiz dar noticia, porque pedia mãos de cirurgia, e o lugar em que era, menos composição para a cura.

Assim sepultou, e escondeo as dôres, e o estado em que a deixara a queda; e só ao amortalharem-na se soube, e pela noticia, que de mais particularidades suas se teve na vida, que d'ella apontou a irmãa Sor Cecilia dos Anjos, por preceito de seu Confessor. Incrível parece, que huma mulher debil por natureza, e por compleição, e attenuada com penitencias, suportasse por nove annos (que tantos houve da queda á sua morte) o maior trabalho das officinas do Mosteiro, sem se lhe ouvir queixa, sem se experimentar falta, sendo o desastre capaz de a deter em huma cama paralytica, ou ao menos de a deixar com a pensão de aleijada. Mas Deos, que para seu merecimento permittio a queda, sem duvida lhe dobron a força, e a paciencia.

O tempo, que lhe sobejava das occupações quotidianas, era inteiro para Deos, já assistindo no coro diante do Santissimo, já visitando altares, já diante da Senhora do Rosario, rezando-o de joelhos, devoção de todos os dias. Sabia que lhe prohibião os jejuns de pão, e agua: e do que se dava na Communidade, comia tão pouco, que ainda lhe ficava o jejum mais estreito. Em sextas, sabbados, e dias de Communhão, nada admittia no sustento, que podesse servir de gosto. Na semana santa pedia licença para não passar de humas hervas. Assim era sua abstinencia, que se admiravão de como se sustentava, e mais do calor com que servia.

As enfermas o fazia com tanto desvelo, que ao mais fraco gemido já a tinham á sua cabeceira, largando qualquer outra importancia. Fazia-lhes mimos do que podia alcançar da despesa por sua industria; e porque talvez as Preladas, achando-a com o furto nas mãos, a reprehendião, e vendo que ainda continuava, lh'o estranhavão, respondeo huma vez: «Madre, a mim leva-me a charidade, e por mais que me castiguem, a nossa Regra, nos ensina, que o amor de Deos, e do proximo a tudo se anteponha.»

Com este estylo, e rigor de vida passou nesta Casa trinta e nove annos. Cinco antes de sua morte, perdeo de todo o sentido de ouvir, e muita parte do de vêr; assim ficou escusa ao trabalho, mandando-a as Preladas recolher na cella; mas porque não tivesse nunca descanso, que era o que pedia a seu Esposo, aos trabalhos succederão tormentos. Incharão-lhe as costas, cubertas de vivos, e levantados vergões, que lhe tomavão do pescosso até á cintura. Duas grandes chagas, que lhe occupavão ambas as espadoas. O coração com dôres tão vehementes, como se lh'o estiverão atravessando com passadores. Aqui lhe faltava o sofrimento, gritando muitas vezes por Jesus crucificado; lastimava-se ao principio quem a ouvia, depois pareceo tontice da idade, porque queria seu Esposo, que nem a commiseracão lhe servisse de alivio. Mandavão-na callar, respondia soffrida: «Eu me emendarei, perdoem-me pelo amor de Deos.»

Dera-lhe o Ceo huma excellente voz, que sendo Conversa, a mandavão cantar no coro com as mais Religiosas d'elle. Agora a idade, e os achaques a tinham emmudecida. Era pelo Natal, pediu ás Religiosas, que a levassem á casa do Presepio, onde se ajuntão todas; e chegando-se ao Menino, lhe cantou huma cantiga com tal suavidade, e destreza, que as deixou admiradas, não faltando alguma, que entendesse, que como o cisne, cantara com mais doçura, porque se fora despedir da vida. Recolheu-se logo á Enfermaria, onde quasi hum anno lhe permittio o Ceo o purgatorio de suas dôres; e agradecendo com humildade o cuitado das enfermeiras, e a assistencia das Religiosas, costumava dizer: «Deos lh'o pague», acrescentando com confiança, e singeleza: «E eu me lembrarei, quando me vir no Ceo.» Com esta paz, e socego de espirito (por mais que as dôres combatessem o corpo) tomou o Viatico; e restituindo-se-lhe o sentido de ouvir, e attendendo inteira, e socegada a Unção, e Officio da agonía (em hum sabbado, dia para ella fermoso, 21 de De-

zenbro de 1647) levantou os olhos ao Ceo, como se quizera vêr o caminho, que levava sua alma, e em huma impereceptivel respiração acabou a vida.

### CAPITULO XXIII

#### *Da Madre Soror Catharina da Encarnação.*

Poderamos dizer, que a boa inclinação dos filhos nascia só do bom exemplo, e ensino dos pais, se não viramos alguns d'aquelles com exercicios maiores, que sua idade, não havendo ainda n'esta, capacidade para se aproveitar do ensino, ou se convencer com o exemplo. Assim nos obriga a novidade a levantar o discurso a mais soberano principio, contemplando os desvelos da Providencia nos escolhidos para venturosos empregos d'ella. Com esta advertencia vemos agora a Madre Sor Catharina (huma das quatro irmãs, filhas dos Condes de Basto, e entre as quatro, a mais velha) já nos primeiros annos com occupaões tão pouco d'elles, que não bastando a tanto o ensino, que sempre tem pessoas de semelhantes qualidades (e muito mais de huns pais tão piedosos, como os Condes) forçosamente havemos de levantar o conhecimento aos segredos do Ceo, entendendo, que já Sor Catharina procedia como aconselhada d'elle, voltando as costas á boa cara, que lhe mostrava o mundo com suas grandezas, e esperanças de aventajal-as.

Assim era a sua assistencia no oratorio, onde passava a maior parte do dia. Continuava com suavidade de espirito a oração, sendo o primeiro effeito d'ella o abraçar-se em aneias de buscar o deserto da clausura, a que seu Esposo a chamava, para fallar a seu coração, sem que os estrondos da terra lhe espedigassem huma palavra: mas não gostavão os Condes seus pais da pratica de recolher-se, com os olhos nas importancias de sua casa, que talvez se podião estribar nos parentescos, que traz consigo hum desposorio. Esta era sua pena, mas nada lhe desenganava as esperanças de triunfar do que l'ha motivava, continuando aquelle concertado estylo de sua vida. Occupado em oração, e particulares devoções o mais do tempo; no que lhe restava, se applicava a obras de bastidor, para que tinha grande genio, ou satisfazendo o maior, com que a achava a lição dos livros, entretenendo-a honestamente a da historia.

Mas queria o Ceo adiantal-a em caminho de mais importancia, e accommodando-se suavemente a seus annos, lhe hia abrindo mais os olhos,

entendendo, que devia trocar aquella leitura, que só divertia, pela que seguramente aproveitava: assim se deu á de livros sagrados, experimentando tanta melhora em sua consciencia, que levantado o seu conhecimento sobre tudo da terra, olhava já para esse tudo, conhecido por nada. Seguiu-se ao desengano o desprezo, ao desprezo a resolução de não admittil-o, e fazendo voto de castidade, começou a dispôr embaraços tão forçosos, como se se acautelara até contra a possível inconstancia de seus desejos. Ficou logo á sua industria o trocar o palacio em recoleta, resolvendo-se á vida da Religiosa mais reformada. Por via de seus Confessores alcançou cilícios, e mais instrumentos de mortificar-se. Destinou o melhor, que se lhe punha no prato, a hum pobre; e desvelada charitativa, no que podia alcançar suas posses, não quiz mais herança de sua Casa, que a de seu avô, o Conde D. Fernando, e de seu tio o Arcebispo D. Miguel de Castro, na assistencia, e desvelo com os desamparados, e desvalidos. Primeiro pareceo que os herdara; vio-se logo, que os excedia.

Esta era sua vida, mas desassocçada, por passar-se á mais estreita; esperava-o assim resoluta, dando-se os parabens do voto, que fizera, privilegio que o Ceo lhe havia de fazer bom, quando poderosa a violencia lh'o quizesse derogar, ou desconhecer. Nada lhe occupava com mais desassocego o sentido, que o caminho de passar a maior cativoiro; mas a sujeição, e amor, que tinha a seus pais, lhe tapava a boca, para que a resolução, e o sentimento não sahisses a publico; silencio, de que parece se desagradou Deos, porque a começarão a perseguir doenças prolongadas, com tão difficil remedio, como ás que se lhe ignorava o principio.

Assim viveo martyr alguns annos; contava já vinte e quatro. Ollhava para o incerto da vida, via o pouco, que (ainda a conjecturas humanas) lhe restava d'ella; entrava em pensamentos, de que os achaques erão golpes, com que o Esposo lhe batia á porta, para que acabasse de levantar-se do leito de sua suspensão, rompendo por respeitos de pais, e parentes, offerecida a injurias, a molestias, a feridas, só por se vêr em seus braços n'aquelle estado, e por aquelle estylo, em que fosse indissolvel o laço. Resolveo-se em propol-o assim a seus pais, e o mesmo foi tomar esta resolução, que largarem-na os achaques. Não o desconheceo Dona Catharina, e agradecida á celeste industria de se vêr castigada, e favorecida, descobrio aos pais sua firme resolução (edificio, que cada

hora lia avultando sobre o voto de castidade, que tinha feito) de que fora de huma mortalha de burel, e huma sepultura viva, não admittiria censa, que lhe offerecesse a terra, que já o Senhor lhe dava forças para entrar na venturosa escravidão das que com o timbre de suas servas, augmentão a felicidade de suas esposas, que só esta ventura lhe desassoccegava a esperança; e que esta só lhe faltaria com a vida, aquella nem com a morte.

Mas nada bastava com os pais, agora rebeldes com o receio, de que no rigor d'aquella vida lhe repetissem os achaques. Não desmaiou Dona Catharina, antes com valor, e resolução aconselhados de quem lh'os dava, decretou consigo exercitar em sua propria casa o que lhe embaraçavão na de Deos, como quem entendia, que o achar a Deos, não tinha mais industria, que a de saber buscal-o; e que alli assistia, onde lhe sabião fazer assistencia. Cortou os cabellos; deu-lhe o ornato (como áquella Feniz, que deseja o sabio) a lã e o linho; este huma toalha, aquella huma tunica; e recolhendo-se em huma casinha junto ao oratorio, achou no meio dos faustos de sua casa a hospedagem da Palestina, não menos que a Penitente de Bethulia.

Dormia poucas horas, e sempre vestida. Madrugava a tomar huma rigorosa disciplina; seguia-se larga oração; passava a rezar as Matinas, e Prima do Officio Divino. As mais horas d'elle nas que o costuma fazer a Igreja. A esta regra ajuntava todos os dias o Officio de nossa Senhora, o pequeno do Espirito Santo, os Psalmos penitenciaes, os graduaes, o Officio dos defuntos, Missa todos os dias, e frequencia dos Sacramentos. Se lhe restava algum tempo, cozia, e bordava as alfaias sagradas, que mandava a Conventos, e Igrejas pobres, para adorno de imagens, e altares. Assim estava no mundo tão alheia d'elle, que lhe não deverão nunca as suas novidades nem a diligencia de chegar a huma janella, nem para que o fizesse, valeo industria alguma.

Mas gemia seu coração cativo na terra alheia, lembravão-lhe as delicias de Sião, e suspirava o logro d'ellas, se quer no caminho da clausura, que he o que mais se lhe avisinha. Assim instava com seu Esposo com lagrimas, com a Rainha dos Anjos com supplicas, repetindo-lhe de joelhos o seu Rosario todos os dias; e continuando com mais fervor, lhe fez voto, de que chegando a vêr-se no estado de Religiosa, a serviria com especial culto, determinando logo as circunstancias d'elle em jejuar as vespervas de suas festas a pão, e agua, por quinze annos, exercitan-

do-se em cada hum d'elles n'aquella virtude, em que mais resplandeceo no mundo, contemplada nos mysterios de seu Rosario. Este voto cumprido inteira, e exactamente recolhida aos claustros sagrados; e levada das suavidades de espirito (com que a Senhora lhe pagou a pontualidade) acabados os primeiros quinze annos, renovou o voto por outros quinze, e assim o repetio de sorte, que em quanto viveo, o exercitou.

Nove annos contava já nesta aspreza de vida, inflexivel aos rogos. e conselhos com que os parentes a querião desviar d'ella, ou reduzil-a (apagando-lhe os desejos da clausura) a menos aspreza; mas enfraqueceo, primeiro que a sua constancia, aquella bataria (como a teima dos pais) dando-lhe licença para se recolher, e ir acompanhar a sua tia nesta casa do Sacramento, levando consigo mais tres irmãs, como se o Ceo lhe quizesse pagar o martyrio dos antigos embaraços na felicidade de ser ella a que os facilitava ás outras, em que já os exterminara, como triunfadora, a sua constancia. Assim vestirão todas a suspirada mortalha dominicana, no ultimo de Fevereiro de 1615, e escolhendo Dona Catharina sobrenome, se chamou Soror Catharina da Encarnação.

#### CAPITULO XXIV

##### *Continua-se a vida da Madre Sor Catharina.*

Começou esta Madre a respirar, como se se vira no centro, sendo o seu descanso não o ter em cousa, que lhe não exercitasse a paciencia. Nada havia já, que a adiantasse na perfeição religiosa, mais que o ser agora preceito o que até aqui gosto. Só nas penitencias alargava a mão com mais liberdade, porque aos exemplos, que tinha de casa, e á vista se convencia que não tinha feito nada. Apertou-se entre duas cruces, que cubertas de agudos bicos, huma lhe atormentava as costas, outra os peitos. Não havia mortificação, que a não achasse com ancia, e a não deixasse com sede. Era insaciavel a de chegar-se á fonte da vida; divisava-se-lhe na alegria com que commungava.

Como era já crescida, dispensou a Prelada com ella nos dous annos, que costumão estar em casa de Noviças as Professas, passando-a n'ella a Mestra de humas, e outras, porque passasse a ter exercicio o exemplo, que até alli ensina mudo. Assim passou a sua modestia, e a sua observancia de aprender a ensinar, com o grande avanço de quem já en-

sinava aprendendo. Era sua vivenda o coro, ou a cella; e averigou-se que fóra do tempo do Officio Divino, e particulares devoções, tinha de oração todos os dias oito horas, ou em pé abertos os braços, ou de joelhos. Não deixarião de ser extraordinarias as consolações, que a conservavão n'aquelle celeste commercio; mas estes são os thesouros, que esconde a cautela no caminho do mundo; só á noticia d'este os furtou o seu silencio.

De Matinas ficava no coro até ás cinco da manhã, tomando o breve descanso, que se permittia até hora de Prima. D'aqui lhe nascia huma grande tentação de sono, que a affligia; mas huma tal constancia, que ou se despertava ao rigor da disciplina, ou pingando os braços com a fervente cera de huma vela. Soube-se d'esta rigorosa industria, porque hindo á cosinha a ajuda voluntaria, ao serviço d'ella era forçoso descobrir os braços, que se lhe vião em chaga viva. Foi rara sua paciencia; sem chegar a remedios, dissimulava muito os achaques; aggravando-se-lhe, se lhe não ouvia a minima queixa d'elles. Nem os maiores bastavão a divertir-lhe o desvelo com que cuidava no seu rebanho; assim concertado, assim prompto a todas as obrigações da casa, que bem luzia nas discipulas a applicação da Mestra. Fazia-lhes praticas cheias de espirito, e doutrina; encaminhava-as com brandura, e em lugar de castigo com o exemplo, á exacta observancia, repartindo-lhe meditações para todas as horas do dia; ainda hoje se observão, e se observa n'ellas o bem, que repartia o tempo, aonde chegava seu espirito.

Levou-a a obediencia ao lugar de Prelada; as prendas a fazião unica para o cargo, e só o nome a differencava n'elle, e aspereza com que reprehendia o mais leve descuido na observancia de Constituições, Regra, e Estatutos da Casa. Mas nem toda esta inteireza lhe malquistava a suavidade, e brandura com que se fazia amada, tanto como obedecida, porque levada do seu genio, como doutrinada de grande Mestre, queria antes as sujeições do gosto, que do medo. Agora luzia mais n'ella a charidade, assistindo desvelada ás enfermas, e tão desvelada, e a taes horas, que antes parecião as suas diligencias pontualidades de enfermeira, que compaixões de Prelada. Sendo a doença perigosa, era a primeira, que desenganava a enferma, animando-a com palavras cheias de viva esperanza de melhor vida, e applicando por ella piedosos exercicios, em que então mais se affervorava.

Porque lhe não esquecessem os em que empregava todo o tempo, tí-

nhã rodeada a pequena cella com avisos para a memoria, e estímulos para a observancia, perguntando-se a si, para que viera para os santos claustros, lembrando-se o que devia a Deos em a trazer a elles: o que esperava d'esta caduca, e miseravel vida; que a unica importancia devia ser assegurar a eterna; e que o perseverar no estado, que tinha, devia ser o unico emprego de sua constancia. Com a mais inflexivel n'este genero de vida, contava já trinta e dous annos, quando quiz o Senhor pagar-lhe os empregos d'ella com o regalo de huma doença. Foi huma febre lenta, como a que se lhe permittia para exame da paciencia; e durou-lhe quinze mezes, como se se lhe pagarão n'este martyrio os quinze annos d'aquelle seu singular voto.

Não duvidava esta Madre, como destra no idioma do Ceo, onde só valem o mesmo que mimos, os que a terra chama trabalhos. De pé tomou constantemente este achaque, segurando logo, que seria o ultimo. Começou de dispor sua alma como aconselhada d'este conhecimento; tão segura n'elle, que bem se entendia que se lhe não communicara da terra, onde este era impossivel, e todos são falliveis. Mas assim vivia a Madre Sor Catharina ajustada, que sem o minimo sobresalto, não fez mais novidade, que a de ir continuando com este conhecimento. Parece que o teve tambem de sua morte, porque recolhendo-se á enfermariã ao preceito da Prelada (assim queria, imitadora de seu Esposo, abraçar a morte obedecendo) e dando-lhe a Communhão passados quatro dias, ao perguntar-lhe huma Religiosa, quando commungaria outra vez? Respondeo com socego: «Já agora esperarei pelo santo Viatico.»

Pedio logo, que alli se não fallasse em outra cousa mais que em Deos, e que por charidade lhe continuassem a lição das piedosas meditações de Fr. Luiz de Granada. Começou a medir o tempo, e a occupal-o em penitentes, e abrazadas jaculatorias, que a miudo repetia a hum devoto Crucifixo, que tinha á cabeceira. A força do mal, e as poucas, que lhe deixarão as penitencias, não lhe permittião continuar aquelle desafogo de seu espirito; e aconselhando-lhe huma Religiosa, que fizesse por tomar algum descanso, respondeo (cheia de alvoroços) que não era já tempo de dormir, mas de vigiar, até que o Senhor fosse servido de bater ás portas de sua alma.

Pedio hum livro de instrucções para bem morrer; por elle se dispoz; fez a protestaço da Fê, e se confessou geralmente; e por mais que os Medicos assentavão em que se não avisinhava tanto o ultimo perigo, ella,

aconselhada de mais seguro Medico, pedio o Viatico, e a Unção. Era sobre a tarde, entrou o Vigario, que era o veneravel Padre Mestre Fr. João de Vasconcellos, e ao vê-o entrar, revestida de huma subita alegria, disse para elle: *Padre, Flores apparuerunt in terra nostra*. E reconciliando-se, chamou as Religiosas, e com palavras cheias de amor, e humildade, lhes pedio perdão do máo exemplo, que lhes dera, e faltas em que cahira, assim subdita, como Prelada. Tomou o Viatico, e ao tomar a Unção, chamando para junto a si huma Religiosa, foi repetindo com ella os Psalmos penitenciaes, e respondendo a tudo com hum tal socego, como se antes assistira, que o recebera. Pedio logo ao Prelado, que postas em ordem as Religiosas, cantassem hum *Te Deum laudamus*, dando da sua parte graças a Deos, de a deixar receber os sacramentos como filha da Igreja, inteiros os sentidos, e o juizo. Assim ficou tão socegada, e alegre, como se o que lhe restava não fosse a morte.

Choravão as Religiosas, como as que perdião n'ella mãe, mestra, e prelada; e ella mostrando, que se lastimava de sua pena, lhes repetia: «Que não era razão que fosse tanto o sentimento», accrescentando logo com os olhos no Ceo: *Non recuso laborem, fiat voluntas tua*. Como se dissera: «Não me escuso a esta agonia; faça-se a vossa vontade.» Não admitia alívio huma Religiosa, que mais obrigada sua, se lhe não apartava da cabeceira. Voltou-se a ella a Madre Sor Catharina, e disse-lhe com segurança, e com brandura: «Não sintaes com tanto excesso o que he para mim de tanto ganho»: *Mihi vivere Christus est, et mori lucrum*. Vinha a dizer com o Apostolo, que com Christo, ou o viver, ou o morrer, sempre he lucro. Era vespera da Visitação, pedio a algumas que a ajudassem a rezar Matinas; disserão-lhe que as differisse para o dia, e respondeo que no dia haveria trabalho, que lhe tiraria o tempo. Rezon, e ao dia pela manhã as Horas; e por mais que lhe aconselhavão que depois bastava, repetia que hum successo lhe podia embaraçar esse gosto.

Passado meio dia, quiz rezar Vesperas, advertindo que despois não poderia. Embaraçou-lh'o a Prelada, vendo-a desfalecida, e mandou-lhe que não rezasse por obediencia: respondeo humilde: «Que primeiro que tudo estava esta.» Despedio-se logo das Religiosas, e foi-as abraçando. Chegou huma das mais antigas, e pedindo-lhe que lhe lançasse huma benção, que a deixaria com essa consolação, respondeo com encolhimento: «Que antes lh'a pedia, e que a encomendasse a Deos, pois a via em hora, em que tanto o necessitava.» Era então Prioriza huma irmã sua, e

chegando esta a abraçal-a, pedindo-lhe com lagrimas, que quando se visse diante de Deos, se lembrasse de encommendar-lhe aquella Casa, lhe respondeo enternecida: «Minha Prioriza, isso me ha de dizer? E poder-me-hei eu esquecer de cousa, que está á sua conta?» Mas suspendendo-se hum pouco, como arrependida do que dissera, accrescentou: «Mas que posso eu, sendo huma tão grave peccadora, que perece, que as engano com minhas hypocrisias?»

Pedio que lhe rezassem a Paixão de S. João; compungio-se, e enterneceo-se com ella. Advertio logo, que chamassem os Padres, que era tempo, e perguntando-lhe o Vigario se sentia alguma cousa, respondeo: «Que nada mais, que as ancias da morte»; e foi continuando com os Religiosos o Officio da agonia, acabando-o com algumas jaculatorias á imagem de hum Crucifixo; com que igualmente admirava, e enternecia. Faltou-lhe juntamente a voz, e o espirito, entregando-o nas mãos de Deos. Assim se entendeo piedosamente, ajudando a confirmal-o a compostura, e alegria do semblante, em que desconheceo as sombras da morte, com o testemunho do veneravel Padre Mestre Fr. João de Vasconcellos, que voltando-se ás Religiosas, disse, que lhe não ouvira culpa mortal na confissão de toda a vida, e que se achava admirado, e confundido de ver o que havia n'aquella bemdita alma. Faleceo esta Madre em dia da Visitação de 1648, dia, que parece tinha vaticinado, quando respondendo ás Religiosas (que não consentião que ás Vesperas rezasse Matinas) disse, que assim o devia fazer, porque ao dia seguinte estaria embaraçada; e bem podia ter revelação da hora, que seria a ultima, quando parece, que a teve de que o era a doença.

Mostrou-o com tanta segurança, que no dia, em que se lhe aggravou a febre, e se lhe abriu huma aguda pontada (era o do Bautista) disse ao applicarem, e disporem os Medicos mesinhas, e minorativos, que ella aceitava o que se lhe ordenasse, porque protestava morrer obediente, não porque entendesse, que houvesse remedio, que já a tirasse das mãos da morte. Não mereceo sua vida menos mimo a seu Esposo, nem o conhecimento d'ella menos credito em suppor este mimo. Engrandecido seja o Senhor, tão justo, que assim apressa premios; tão piedoso, que assim ajuda a merecel-os!

## CAPITULO XXV

*Da Madre Sor Joanna Bautista, das primeiras, que derão principio a esta  
recoleta; e de Sor Francisca da Madre de Deos, Conversa.*

O primeiro espirito, com que começou a viver, ou o espirituoso coração, que começou a animar o penitente corpo da observancia n'esta Casa, foi a Madre Sor Joanna Bautista, com suas irmãs, as Madres Sor Maria da Ressurreição (que com bom nome faleceo nos primeiros annos de professa), e Sor Filippa de Jesus, de que atraz fica noticia. Tomara a Madre Sor Joanna o habito em Santa Catharina de Evora. Poucos annos de idade, muitos esmeros de virtude, são raios do Sol vigorosos, que com o augmento do dia crião brios, para romper nublados. Por mais que os dissimule a modestia, os negue a industria, e os calle a singeleza, sahem á praça, fazendo grito do mesmo silencio, levados em hombros da veneração, e do assombro.

Assim succedeo (e assim tinha succedido a sua irmã, a Madre Sor Filippa) ao raro exemplo, com que de quinze annos começou a Madre Sor Joanna a ser espelho dos espiritos mais adiantados, que voavão para Deos no ceo recoleto de Santa Catharina. Custou pouco aos piedosos Condes de Vimioso o encontrarem esta noticia, antes lhes entrou pela porta dentro a aliviar-lhe o cuidado de começarem a povoar esta Casa, levantada com zelo, continuada com gosto, e agora perfeita com descanço, achando na Madre Sor Joanna, e em sua irmã a Madre Sor Filippa duas columnas, com que começasse a crescer o edificio espiritual, como alma do que já avultava em paredes, e architectura. Assim passou a Madre Sor Joanna para esta Casa da de Santa Catharina, com o cargo de fundadora, tendo de idade trinta annos, tão adiantados em prudencia, e doutrina religiosa, que só podião ter huma falta, que era a que ella sentia na saude, perseguida de achagues, pelo ter sido n'aquelles primeiros tempos de rigores, que continuados, e passados a costume, contentavão a natureza, com lhe ter feito companhia.

Deixou saudosa, e magoada toda a d'aquella Casa; mas valia mais com ella a negaça de maior estreiteza, como era a que se havia de usar n'esta. Assim vestio gestosa, mais grosseira, mais estreita gala em hum habito de grizê, despindo-o menos esquivo na estamenha. Mais tapado vêo lhe cobrio os olhos, mais rigorosa clausura a escondeo aos do mun-

do, e ficou no seu centro. Allí começou sua vida a ser huma regra animada, para que olhavão, e a que se compunhão, como a espelho cristão, aquellas ditosas almas, que entravão ás vodas do Cordeiro. A sua humildade confundia as subditas, a sua obediencia aos Prelados lh'as doutrinava obedientes. No silencio era oraculo mudo; na oração devoto, na paciencia sofrido; não havendo acção penitente, ou religiosa, com que não confirmasse as perfeitas, adiantasse as vagarosas, e confundisse as descuidadas. Assim podemos dizer, que ao grande espirito d'esta Madre deve esta Casa os que n'ella sustentarão, e ainda hoje continuão, ou adiantão a vida da reforma, para exemplar dos que a buscão, e reprehensão dos que a relaxão.

Quatro annos foi esta Madre Prioreza, com grande consolação das Religiosas, tirando-lhe os achaques o terem-n'a mais vezes. Assim era amada, e estimada de todas; assim as amava, e estimava a ellas; deu-lhe o Ceo todos os genios de cativar; com o exemplo as obrigava como subditas, com a brandura como filhas, com a commiseração como companheiras. Antes pareceo mãi da pobreza, que Prelada de pobres. Era-o muito a Casa; mas nem isso lhe fazia encolher as mãos, que liberalmente estendia aos necessitados, repartindo com elles do pouco que havia, com tanta largueza, que se queixava a Procuradeira, temendo que no Mosteiro se sentisse a falta. Foi cousa experimentada, e muitas vezes repetida d'esta mesma Religiosa (pessoa digna de credito) que não sendo o trigo, e talvez os legumes, bastantes a chegar ao cabo do anno, repartidos pela boa Prelada entre os pobres os mais dos dias da semana, não só vencião o anno, sobejavão para o outro. Era a Madre Sor Joanna pratica nos commercios da esmola, conhecia os avanços d'ella pela Arithmetica do Ceo, que elle não saberia menos multiplicar, que ella repartir.

Era rara a resignação, com que continuamente se punha nas mãos de Deos; d'aqui lhe nascia hum como esquecimento da natureza. Assim escutou constante a morte de seus irmãos, assim na de sua irmã a Madre Sor Filippa assistia com os olhos enxutos á sua cabeceira. Receou a Prelada não rompesse em algum accidente aquella dissimulação de sentida; mandou-lhe, que se retirasse; passou ao coro a rezar o Officio Divino (os annos, e os achaques a não deixavão já acompanhar n'elle a Comunidade). Espirou a irmã; chegou huma Religiosa a dizer-lh'o. Continuou rezando, e logo levantando os olhos, e mãos ao Sacratio, e dizendo: «Bemdito seja Deos», voltou á Religiosa: «Madre, perdoe-me, não

lhe responder logo, que estava acabando huma Hora da reza.» Assim foi seguindo até a acabar, sem que a precisa dor do sangue valesse a turbar-lhe aquelle santo socego, com que se estava commerciendo com o Ceo.

Não succedia assim quando a pena, ou a magoa era nascida de seu grande zelo; assim sentia no mais intimo d'alma qualquer offensa, que a Deos se fazia, que só aqui rompia a sua impaciencia. Lamentou este povo de Lisboa (corria o anno de 1630) o execrando desacato, com que na Freguezia de Santa Engracia se roubou o Santissimo Sacramento: culpa permittida em castigo das em que se engolfava o nosso descuido, e o nosso desatino. Escutou esta Madre a lamentavel noticia, seguiu-se-lhe a ella huma tão vehemente dor, que banhada em lagrimas, e prostrada diante do Sacratio, pedia com vivas ancias do coração ao Senhor, que venerava n'elle, que se vingasse n'ella sua ira, que em sua vida despicasse aquella offensa. Assim chorou, assim pediu huma vez, e outra, tão bem escutada do Ceo, que o não duvidarão as Religiosas no que agora vião, e no que depois experimentarão.

Queixosa, e nunca bem convalecida, passava já então a Madre Sor Joanna: mas d'aquelle dia em diante assim a apertarão novas queixas, tão estranhas, e rigorosas, que como a golpes da mão Divina, parecia milagre a resistencia. N'este rigoroso tormento sustentou largos annos a vida, prostrada já no cabo d'elles em huma cama, attenuada, e consumida, reduzida ao retrato da paciencia, antes esqueleto animado, que vivente desfalecido. Bem entendia, que aquelle era o despacho da sua supplica, premio da sua ancias, e maior mimo d'aquelle Senhor, que deu a hum Paulo, a hum Francisco, a hum Domingos, e a huma Catharina chagas por inestimaveis prendas. Bem sabia, que aquelle era o estado, em que o seu sofrimento lhe servia de desaggravo, podendo dizer com David: *Zelus Domus tuae comedit me, et opprobria exprobrantium tibi, ceciderunt super me* (1). Como se dissera: «Senhor, o zelo de vossa Casa me consumio: e a afronta, e desacato, que vos fizerão blasfemos, e sacrilegos, cahio sobre mim.»

Assim parece que foi, assim o pedira Sor Joanna, assim se via n'aquella cama consumida, assim a ancias de seu zelo, se reduzio ao estado da maior miseria, tomando de si o desaggravo d'aquella offensa. Nada a affligia mais n'aquelle estado, que a continua ancias de purificar sua alma, sendo tanta a singeleza, e candidez d'esta (com o privilegio de claro, e

(1) Psalm. 68.

agudo entendimento) que affirmava seu Confessor, que nunca lhe achára culpa mortal. Foi assim tão suave sua morte, que n'ella se esteve vendendo sua vida. Chegada aos ultimos d'ella, recebeu os Sacramentos conforme, constante, e alegre: e em hum sabbado, 25 de Abril de 648, deixou as Religiosas saudosas de sua companhia, e passou a lograr a dos Anjos. Assim parece, que o merecera na vida: assim o parecia no estylo com que a acabava.

Singular progenitora da virtude a pobreza, quando assistida da honra. Quando esta sabe aconsellar sofrimento aos desamparos, sahe a pobreza grande mestra da vida. Arriscado tropeço he a miseria, e a penuria, ensinada dos apertos a alargar a mão ao remedio d'elles, sem reparo de que, sendo illicitos, levão indevidamente nome de remedios. Estupendo espectaculo para a natureza, ver triunfar a honra da miseria! Não levanta menos trofeo, que a virtude. Agora veremos este em Sor Francisca da Madre de Deos.

Nasceo de pais pobres, mas honrados: e filha de hum pobreza honrada, não teria menos que a virtude por Mestra. Sahio tão boa discipula, que já de poucos annos estendia os olhos ao caminho da clausura, com a magoa, de que as poucas posses lhe prendessem os passos, propondo ao Ceo aquelles desejos, que elle talvez dilata satisfeita, ou para os examinar legitimos, ou para os adiantar fervorosos. Criara-se em casa de D. Diniz de Lancastro, assistia a Dona Isabel Henriques sua mulher; serião seus pais da obrigação da mesma, buscarão-lhe este honrado refugio, entre a magoa de a não poderem recolher a melhor palacio. Mas Sor Francisca, que não perdia hora de se aparelhar para elle, só com os olhos no interesse de viver mais pobre, seguia hum tal genero de vida, como se no meio do trafego da casa achasse o socego da mais apertada recoleta.

A oração industriada da lição de livros devotos; recolhimento, mortificação, jejum quasi continuo de pão, e agua huma Quaresma inteira: nos outros dous dias na semana, como nas vigalias dos Santos, de que era mais devota. Com este estylo de vida chegou a continuar vinte e dous annos de idade, merecendo sem duvida por elle o venturoso despacho d'aquella sua continua ancia, recolhendo-se n'esta Casa por irmã Conversa, não se estendendo a maior dote a diligencia dos pais, que a desejavão Freira do coro. Esta foi a brecha, que o demonio espreitou, para assaltar a resolução de Sor Francisca, que entrando com os alvoroços de

quem se via de posse do que já julgara impossivel, parece que começava a dar lugar, se não ao arrependimento, ao desagrado do estado de Conversa.

Figurava-se-lhe, que com menos trabalho poderia assistir ao coro; ou propunha-lhe o demonio como menos decente aquelle trabalho. Forão profiadados os assaltos: mas maior a constancia de Sor Francisca, fortalecendo-a com asperas penitencias, industria com que passou a gozar de tão inteira victoria, que offerecendo-lhe Dona Isabel Henriques o dote inteiro para Freira do coro, ella o não aceitou: antes com sagrada ambicção começou a temer, e a reccar, não pertendesse o Ceo tirar-lhe aquelle estado, em castigo da esquivaça com que o abraçara primeiro. Mas não queria Deos, que lhe durasse o gosto de continuar n'elle com tantas forças, como desejos: porque cortada das penitencias, antes que se recolhesse, não acharão as novas resistencias na sua debilidade. Com a pensão de achaquosa, e doente, seguia o trabalho, para que lhe faltavão os hombros: até que não podendo substituir por elles o espirito, a reduzio a obediencia a occupação menos penosa.

De dia ajudava na Sacristia com tanto gosto, como industria para todo o genero de aceio. De noite tomou por devocão as vigias do Santissimo. He este hum emprego, antes que de espiritos reformados, de Serafims humanos. De dia, e noite assistem orando diante do Sacratio as Religiosas; huma succede a outra, sem haver instante, em que se não ache huma. He grande n'este particular a vigilancia dos Prelados, aspera a reprehensão nos mais leves descuidos. Sagradas, e verdadeiras Vestaes são as Religiosas d'aquelle fogo, que vio, e venerou Isaias sobre o altar (1), que vê o venturoso Povo Christão, dissimulado em apparente neve, Mongibello do amor Divino, fogo verdadeiramente sempiterno, nunca extincto. Erão as Vestaes aquellas castas Religiosas, que com os naturaes dotes de nobreza, e fermosura fundou supersticioso Numa Pompilio, como quer Plutarco, ou Eneas, confôrme Justo Lipsio (2). Guardavão em successivas vigilias o sagrado fogo. Apagado, era horroroso vaticinio. Assim se seguiu fataes ruinas áquelle descuido, e ás Vestaes (pela mão do Summo Sacerdote) injurioso castigo. Escusão-se ainda os mais leves nos desvelos d'esta Casa, nas assistencias do Divino fogo, porque o que arde no peito das Virgens, que o guardão, atea-se do mesmo a que estão assistindo.

(1) Isaias 4.

(2) Plutarch. in Numa. — Justus Lipsius de Vesta et Vestalib.

Com esta devota occupação ficava Sor Francisca no coro até Matinas; então chamava a Communidade para ellas, e até ás tres se suspendia commummente diante de todo o emprego de sua alma, a Senhora do Rosario. Não gastava menos em rezal-o; tanta era a suavidade, que sentia na contemplação d'elle! Tal o vivo, e fervoroso affecto, que a Senhora accendia em seu devoto coração! Mas não lograva a suavidade d'aquellas rosas sem a batalha de perseguidores espinhos. Affligião-n'a escrupulos, salteavão-n'a duvidas de sua salvação. Conhecia, que o pai da inveja a tinha do socego de sua alma. Recorria com as lagrimas nos olhos, o coração nas lagrimas á sua Divina valedora. Instavão as agônias, não paravão as supplicas. Repetia-as huma vez, queixando-se desconsoada, affligindo-se chorosa; não tirava os olhos chorosos da imagem da Senhora (qual essa fosse, não ficou noticia); pareceo-lhe, que lhe via na cabeça huma capella de frescas rosas, e ouviu, que lhe dizia: «Francisca, n'estas se hão de tornar todos teus trabalhos.» Já os mais custosos lhe parecião suaves com aquella promessa. Já desejava todos, como caminho de se ver mimosa. Assim o era tanto da Senhora, que dizia com crível singeleza: «Que nada lhe pedia, que lhe não concedesse.» Sempre pedem os justos com a ventura de despachados; porque como não pedem pela sua, mas pela vontade de Deos, a mesma, que os aconselha, he a que os despacha.

A quem tambem lhe hia com a oração, como a Sor Francisca, todo o tempo pareceria pouco para ver n'ella bem empregado. Nem sempre era possivel a mental, a vocal sempre; na boca ardentes jaculatorias, como se andasse convidando o coração a accender-se em saudades do Ceo. Crescem estas no retiro, e solidão; por isso não havia para ella mais gostosos dias, que os que n'esta Casa se usão de deserto. Aquelle silencio desafia as vozes do espirito; he aquella solidão interior socego, aquelle retiro esquecimento de todo o commercio humano. Este o centro de Sor Francisca, as penitencias sem testemunhos na terra, a contemplação sem embaraços para o Ceo. Já só d'elle parecia a sua vida, entendendo as Religiosas, mais destras n'aquella, que a favorecia Deos com especiaes illustrações. Assim se vião muitas vezes cumpridas, e experimentadas cousas, que muito de antes se lhe tinhão ouvido praticar com singeleza.

Este reparo (que os successos fizerão preciso) a poz em grande reputação, e respeito, a que ella fugia, e se esquivava, escusando-se em

ocasiões, em que com algum se via buscada, como valia do Ceo. Assim se confundia a si mesma com o conceito da mais infima creatura; d'aqui lhe nascião os extremos de timorata. Era-o tanto na contemplação da ultima hora da vida, assim se affligia, assim se assustava medrosa, que bastava para a suspenderem, o fallarem-lhe n'ella. Não assim quando chegou, e se viò na sua. Succedeo-lhe o que aos que caminhão de noite, a quem as arvores ao longe assustão vultos, ao perto desenganão troncos. Trocarão-se os pavores em constancias, os sobresaltos em socegos. O que ao longe a assustara morte, já ao perto a convidavã passagem. De longe, como he contingente, até aos justos assusta a morte; de perto, onde já a vem coroados da perseverança, nada lhe achão de medonha. Quem não trabalhará toda a vida para estar seguro onde todos tremem!

Já não só não se assustava Sor Francisca, mas alegre esperava a morte; só a entristecia com dilatar-se. Assim fallava n'ella, não só affouta, antes assim a suspirava anciosa, que admiradas as Religiosas, lhe perguntavão, quem fizera aquella mudança. «Madres (lhes respondia) a minha Senhora (entendia a do Rosario) me deu este seguro no sangue de seu Filho; eu mesma ouvi, que lhe dizia: Filho, quero que Francisca se salve.»

Sem poder menear-se na cama, padecia muito. Havia alguns annos, que a atormentava huma hydropisia; agora a tinha ás portas da morte, sem se lhe escutar huma queixa, antes demonstrações de conforme, com que edificava. Recebeo os sacramentos com singular gosto, inteiro juizo, e tão alheia de escrúpulos, e tribulações de espirito, como se já o tivera livre d'aquelle corpo, em que a atormentarão tanto. Chegou o dia da Magdalena, no anno de 649, de que era devotissima. De algumas palavras, que antes dissera, entenderão as Religiosas, que seria aquelle o ultimo de sua vida; assim foi, e com demonstrações piedosas de ser o primeiro de sua felicidade.

## CAPITULO XXVI

### *Da Madre Soror Marianna de Jesus.*

Venturosa familia a de D. Diogo de Castro, Conde do Basto, que me-receo dar a esta Casa credito, ao Ceo gosto, ao mundo exemplo, em

quatro filhas, acreedoras justificadas d'esta escritura, destinada tanto á gloria de Deos, e familia Dominicana, como á edificação, e lucro espirital dos leitores, importantes fins, de que não deve apartar os olhos quem pega na penna para semelhantes escritos.

Foi a Madre Soror Marianna de Jesus entre as quatro filhas a segunda, mas igual com as outras em começar desde o berço a pizar os apparatus, com que o mundo costuma encher, e enganar os olhos, e os pensamentos a quem, antes que os discursos, lhe applica os olhos. Levava-lhe só estes tudo o que era em desprezo, e desengano d'elle. Assim lhe madrugou este com a primeira luz da razão, que escassamente de sete annos nada escutava com mais gosto, que a ancía da religiosa pobreza, com que se vivia na recoleta do Calvario de Evora (assistião então os Condes seus pais n'esta cidade). Suspirava, e abrazava-se em desejos de se vêr n'aquella venturosa penuria, mais rica que o palacio, que a prendia para não busca-la.

Não crescerão menos para a resolução os desejos, que para o acerto se adiantarão á idade. Obrigarão-na a pôr em execução o fugir de casa; esperou certo dia, que se descuidasse mais a familia, pizou a escada, mas suspondeo-se n'ella, reparando, que o primeiro embarço era não saber o caminho; mas tornou a elle lembrando-lhe, que nos brineos das orelhas levava peita para quem lhe servisse de guia. Já parece que alcançava que não tinha o ouro melhor prestimo, que negociar os desembaraços d'aquelle caminho, ou porque ainda lhe sabia barato o acerto, commerciado a tão pouco custo. Mas não media ainda o discurso d'aquelles annos o como aquelle fim dependia de outros meios, levada só d'aquella primeira luz, que confusamente a chamava, dispondo-a para mais madura, e considerada observancia.

Encontrou-a ainda na escada o Capellão de casa, que entrou acaso; estranhou-lhe o excesso, fazendo, que o conhecesse por desatino. Recolheu-se com maior sentimento de se lhe embarçar aquella ventura, que o que prometia a pouca consideração com que a dispuzera. Já com mais annos experimentou semelhante successo em segunda resolução; tinham precedido nas casas algumas obras de pedra, e cal; observou Dona Marianna, que ficara a porta de hum quintal (que tinha sahida para o caminho) de pedra em sonso; madrugou hum dia diligente a desembaraçal-a, para passar-se á mesma recoleta, destra já na estrada. Applicou as mãos á obra, sem que o fraco, e delicado d'ellas adiantasse mais a dili-

gencia, que a de deixar as pedras, antes banhadas em sangue, que movidas de seu lugar; mas nem a dôr, nem o pouco fruto d'ella bastavão a desenganar-lhe a constancia, a não entender que era sentida. Assim o ficou tanto, que só o ter que offerecer a Deos no martyrio das mãos, lhe suavizou a magoa de lhe não servirem no que pertendera. Contava-o assim a suas irmãs depois de Religiosa.

Mas não ficarão sem vingança os poucos effeitos d'esta diligencia, como se delinquira n'ella, condemnando-se a continuas, e asperas penitencias, supplicas mudas, com que importunava o Ceo, para que lhe franqueasse aquelle caminho, em que se lhe difficultavão as entradas, como se os seus progressos não fossem asperezas. Não tardou o Ceo em lh'as dispensar, em paga de as pertender como mimo, dispondo occasião, em que se lhe permittio licença de seus pais, para entrar nos sagrados claustros d'esta Casa, acompanhando as irmãs com igual ventura.

Já entendia bem, que não erão aquellas santas paredes, mais que huma sepultura, e reduzio sua vida a huma morte continuada; observando tanto á risca os effeitos d'ella na separação, e pouco trato com os vivos, que no Mosteiro não tinha mais commercio, que o a que a obrigava a obediencia nas occupações em que a punha. Fóra d'ellas assim desconhecia toda a communicação, ainda de pais, e irmãos, que nunca a poderão reduzir, a que lhes apparecesse, ou lhe fallasse. Assim lhe succedia estar por escuta de suas irmãs, que no locutorio fallavão a seus pais, e irmãos, sem se lhe ouvir huma palavra, por mais que a convidasse a visinhança, e ainda procurasse a diligencia, e a industria. Governava estes Reinos por Castella a Princeza de Mantua Margarita; houve no Mosteiro noticia, que a tinham huma tarde por hospeda; acautelou-se Sor Marianna pedindo á Prelada, que a dispensasse da assistencia, e a huma Religiosa, de quem se fiava, que em huma casa a fechasse por fóra, e não foi ociosa a diligencia, porque só assim escaparia às que depois se fizerão por ella.

Tal era em Sor Marianna o amor do retiro, e do silencio, como quem suspendia as operações do corpo, para dar todo o lugar ás melhores do espirito. Nem perseguida de achaques, abria a boça para a queixa, tomando no preceito da Prelada o sujeitar-se aos remedios, perdendo o interesse dos desconmodos. Desde a Septuagesima até dia de Paschoa era tão inviolavel o seu silencio, que nem o maior accidente, ou novidade, a obrigava a dispensar n'elle. Succedeo, que huma de suas irmãs

por molestia, que teve em hum pé, ao principio da Quaresma, se movia com difficuldade, e trabalho, que bem se percebia no exterior; mas nem encontrando-a, nem assistindo na Commuidade junto d'ella, lhe perguntou a causa, senão ao dia de Paschoa, nas horas de recreação, que costuma dispensar a Prelada depois da mesa.

Esta falta de communicação com a terra, bem mostrava, que era com o Ceo toda a sua. Antes parece que vivia, do que orava no coro, sentindo assim de dia, como de noite, a precisa pensão de comer, e descansar, como embaraço de continuar aquelle gosto. Assim lhe ouvirão alguma vez encarecer com graça, e singeleza, que de nada tinha inveja, como da alampada, que ardia diante do Santissimo, porque não necessitava de deixar o lugar, para continuar a toda a hora no officio do seu luzimento.

Erão asperas, e continuas suas penitencias; breves as horas de sono, e descanso, sempre amortalhada no burel da tunica, que já não cobria mais que hum esqueleto, em que os cilícios não apertavão mais que os ossos, já como desamparados do sangue da disciplina, com que todos os dias se sangrava. Assim parece, que vivia como milagre, ou não acabava de morrer, como privilegio, que o era grande, durar n'aquelle estylo de vida huma creatura, fraca por natureza, mimosa por criação, gustada por achaques, antes consumida por penitencias. Severa no jejum, alargava os da Constituição a quasi todo o anno. As vigílias das festividades de Nossa Senhora a pão, e agua. A Quaresma toda, ou herbas, ou algum peixe seco, fingindo (para se lhe permittir) que fresco não lh'o consentia o estomago. Com esta, e outras industrias se escusava de tudo o que podia ser regalo. Fazia o muito particular em o dia, que commungava, de deixar para hum pobre a melhor, e maior porção do que se lhe punha na mesa; para o que tinha alcançado licença da Prelada.

Assim attenuada voava já sobre si, tão triunfadora das pensões da carne, que não tinha maior gosto, que vêr-se desprezada, e tida pela mais inepta creatura: conceito, que queria grangear industriosa, com acções, e palavras, filhas só da rudeza, sem se saber a si outro nome, mais que o de bruta, acrescentando, quando lhe davão algum officio, que era Providencia Divina, occuparem-na sem ter prestimo, para que de algum modo merecesse o sustento. Este conceito infimo, que de si

tinha formado, lhe punha nas mãos continuamente as occupações mais servis, na cosinha as de menos aceio, na enfermaria as de mais asco.

Vivia assim socegada neste centro do abatimento, quando quiz Deos examinar sua constancia em mais arriscada palestra, dando licença ao príncipe das discordias, para que como a outro Job lhe turbasse o socego, pondo-a no ultimo conflicto. Começarão a combatel-a os ventos das tentações, e a querer submergil-a as ondas dos escrupulos, tempestade, que levantada em sua alma, a reduzio ao extremo da miseria, batalhando de dia, e de noite com a morte eterna diante dos olhos da desconfiança. Mas o Ceo, que a poz no naufragio, lhe começou a descobrir o porto, levantando-lhe os olhos a Maria, piedosa Estrella, que amanhece aos atribulados; fez-lhe voto de continuar toda sua vida a devoção de seu Rosario, rezando-o diante de sua imagem de joelhos. O jejum de todos os sabbados, as vespuras de suas festas a pão, e agua (o que já havia muito fazia por gosto) o aceio, e concerto de seu altar, por conta de seu desvelo: e em breve tempo se vio restituída á antiga, e melhorada tranquillidade de seu espirito.

Passou assim alguns annos antes de sua morte. Apressou-lhe esta hum pleuriz, que dissimulado (como era costume de seu grande sofrimento) rompeo depois implacavel, sem obedecer a remedio, e dando o ultimo desengano, que ella escutou com alegria, recebendo os sacramentos com os alvoroços de quem sabia, que aquelles erão os soberanos viaticos, com que o Ceo a provia para a mais venturosa jornada. Chegou a ultima hora d'ella, e entrados os Religiosos, voltando a huma sobrinha sua, que lhe assistia, lhe disse: «Que tocasse as taboas com pressa» (he temeroso sinal, com que para aquella função se ajunta a Commuidade) suspendeo-se a sobrinha, e ella tornou: «Ide, ide, não estejais suspendida; que se não agrada Deos de gente frouxa.» Erão ancias, erão saudades impacientes de se vêr com seu Esposo no thalamo das eternidades. Assim se vio; porque acabado o Officio da agonia, e durando-lhe ainda a vida, disse com hum profundo suspiro ao Crucifixo, que tinha na mão: «Meu hom Jesus, ainda isto não acaba de ser? *Fiat voluntas tua.*» E inclinando-o sobre o rosto, lhe entregou nos braços o espirito, aos 26 de Janeiro de 1649, de idade de cincoenta e nove annos, em hum sabbado, dia para a sua devoção de grandes privilegios.

## CAPITULO XXVII

*Da Madre Soror Joanna da Appresentação, e Soror Antonia da Columna, Pupilla.*

Filha de pais nobres, Manoel Alvares Camello, e Leonor Camella, nasceu Joanna Camello, depois Soror Joanna da Appresentação, em o celebre lugar de Belem, huma legoa de Lisboa, assentado em tanta visinhança do rio, que a elle, como a ella, serve de movediço espelho. Recolherão-na seus pais nesta casa do Sacramento, tanto que o permittio a idade, ou porque a sua indole dava já indicios de que o Ceo a escolhera, ou porque, conhecidas suas singularidades, querião seus pais dar ao Ceo, e aos mais o documento de darem a Deos o melhor, que lhes deu; porque se o melhor he data de Deos, sem duvida se lhe deve restituir o melhor.

Tomou Sor Joanna o habito com tanto gosto, como destinada para elle. Já professa, abraçou com mais ancia as asperezas d'aquella; mas começarão os escrupulos a fazer-lha mais aspera. Assim a cercavão, e perseguião, que sem admittir conselho, vacilava em hum continuo susto, e desassocego de espirito. Molestavão-se os Confessores, que lhe não podião applicar remedio, ou porque vião o pouco, que aproveitava o applicado; lastimavão-se as Religiosas, que a vião appellar ao das lagrimas, romper em gritos, que valião tão pouco como ellas. Recorria a Deos, recorria á sua piedosissima Mãi, e parecia-lhe, que aliviava na oração; mas acabada ella, achava-se outra vez na tormenta.

Parece que lhe occorreo á memoria o que lera, ou ouvira de S. Jeronymo, que aconselhando ao Monge Rustico, lhe advertia, que para resgatar o espirito dos laços do demonio, era santa, e proveitosa industria, exercitar-se no trabalho. Entendia, que aquelle exercicio era a vigilancia, que aconselhava S. Paulo, para resistir aos assaltos d'aquelle leão desvelado, e faminto. Começou a servir com tanta ancia, que parece, que se reproduzia nas officinas da Casa; assim a achavão em todas, como se não forão mais que huma; ou assim era diligente em cada huma, que podia abranger a todas; e o mesmo foi ir servindo, que ir convalecendo. Já não só os despedia de si, mas parece que ignorava escrupulos. Grande, quanto mais impropria, receita! Servir para sarar! Mas aforismo do Ceo.

Não só se achou melhorada com elle applicado ao espirito, tambem

entendeo, que se lhe deverião as melhoras do corpo; não tinha formado menos subido conceito dos interesses da escravidão voluntaria. Dispoz o Ceo, que lh'o confirmasse a experiencia. Cahio na cama de doença prolongada, contava já hum anno n'ella, e temião-na entrevada. Chegava-se o dia, em que nomeavão as Religiosas. que n'aquelle anno havião de servir nas officinas do Mosteiro, e era para ella desconsolação, em que não admittia alivio, o ver-se impossibilitada, ainda para o mais ligeiro trabalho. Quiz enganar o desejo, ou obedecer ao Ceo, que obrigado d'aquelle, lhe deu conselho semelhante. Chamou a Prelada, pedio-lhe humilde, e encarecidamente, que a nomeasse Refeitoreira; que ella esperava em Deos, que logo teria forças para assistir á sua officina.

Teve-o por delirio a Prelada, mas nomeou-a por contental-a, tendo tenção de encomendar a occupação a outra. Caso notavel foi! Que sabendo como a tinhão nomeado, pedio o habito, vestio-se com alvoroço, e encostada a huma muleta, appareceu no Refeitório, ministrando á Communnidade com tanto desembaraço, que em breves dias deixou até aquelle pouco arrimo. Seja louvado o Senhor, que levantou a sogra de seu Apostolo da cama, para lhe servir á mesa, passando-a do leito para o trabalho, como se este no enfermo fosse antes convalescença, que desmancho!

Mas nem os achaques, a quem dava Sor Joanna esta convalescença, lhe tiravão da mão a disciplina, tão rigorosa, como testemunhavão os lugares, em que as tomava. O cilicio de ferro, com que se cingia, muitas vezes lh'o acharão, estranhando-lh'o por enferma. Estas a trazião desvelada, sendo Enfermeira, e tão compassiva, que não só lhes curava as chagas, mas lh'as beijava, e as mais asquerosas com mais ancia. Nestes exercicios contava já vinte e sete annos, quando a chamou o Ceo com huma doença, que deu logo sinaes de ultima. Pedio confissão, e mais sacramentos; entrou o Vigario para ministeral-os. Era o veneravel Padre Mestre Frei João de Vasconcellos; chegou-se á doente, e perguntando-lhe, como se achava de tentações, e escrupulos? Respondeo: «Que pela graça de Deos, nem escrupulos, nem tentações sentia em sua alma.» Compungio-se, ouvindo-a, o Mestre Frei João; e confundido aos juizos de Deos, submergido no mar de suas misericordias, não pode ter as lagrimas. Estes forão os rios, que nascerão d'aquelle mar.

Acabada a confissão, e assistindo as Religiosas, levantou Sor Joanna a mão, e apontando com o dedo para o canto da cella, disse com segu-

rança, e como quem se surria: «Madres, heil-o alli está acantoado. Já não tendes que fazer; que já se vos acabou a licença.» Bem entenderão todas, que pelo demonio o dizia; e pasmadas do que ouvirão, levantarão as mãos, e o espirito a Deos, a dar-lhe graças, e a offerecer-lhe seu coração, para as espirituaes batarias, pois tão felices erão as vitorias. Recebeo a enferma todos os sacramentos, e despedida das Religiosas, que a cercavão saudosas, e compungidas, levantou cançadamente os olhos, e anciosamente o espirito a seu Esposo crucificado, e passou a gozal-o glorioso, aos 24 de Setembro de 1649 em huma terça feira.

Não deixa sempre o celeste cultivador das almas justas, que as flôres passem á produção dos frutos; será, que tambem são frutos as suas flores, ou tambem, porque o seu desvelo não gosta só as delicias na mesa, mas as fragrancias na grinalda. Esposo em fim d'aquella venturosa alma, que illustrada por elle, pedia em as vesperas de se vêr no seu thalamo tanto as flores, como os frutos, fossem huns para o sustento, outras para o adorno. Assim nesta sua mais propria, e mimosa vinha, em que o sagrado licor de seu sangue he quotidiano alimento da virgindade, ora escolhe, e collie na madureza da idade os sasonados frutos da virtude, ora as flores tenras, que madrugarão nos primeiros alentos da vida, a coroar-se com o orvalho da sua providencia. Essa a razão, porque depois da Madre Soror Joanna, Religiosa já adulta, se segue huma Pupilla, Sor Antonia da Columna.

Chamou-se no seculo Dona Antonia Henriques, foi filha de Dom João de Almada, a que sua natural gentileza grangeou o epitheto de fermoso, e de Dona Violante Henriques, irmã de Dom Thomaz de Noronha, familias illustres, e assaz conhecidas, passando d'estes Reinos aos estranhos. Dão-se facilmente as mãos a nobreza, e a virtude, porque a boa educação da primeira facilita muito os passos da segunda. Já ás primeiras luzes da razão, começaram Sor Antonia a descobrir o caminho, que pizaria mais segura, conhecendo, que o era só aquelle, que a levasse com mais desembaraço aos braços do melhor esposo.

Importunava os pais com as supplicas, e instancias de lh'o deixarem seguir. Atribuião elles ao principio a resolução á viveza de poucos annos bem doutrinados, mas a constancia os fez levar ao pensamento, a que seria conselho do Ceo. Com este conhecimento, junto á razão de lhe quererem dar esse gosto, a recolherão por Pupilla nesta casa, que foi escolha sua, acompanhando outra irmã mais pequena, que depois foi

Religiosa, e se chamava Dona Joanna, a que aconselhava, e reprehendia as saudades dos pais, com razões tão destrás, e concertadas, que já parecião mais que suas.

Mas não se achava Sor Antonia satisfeita em estado, em que a privilegiavão de tudo; e culpando a idade, a quem devia o privilegio, se escusou voluntariamente a elle, sendo Noviça, já que não nos annos, nos exercicios. Guardava silencio; cultivava a lição de livros devotos, e retirava-se na sua cella a orar diante da imagem de hum Menino Jesus. Alli se esquecia, como se tudo o mais fora incapaz de lembrança, ou cómo se até a lembrança se passára a ser vista. Espreitavão-na as Noviças, e foi confissão das mais prudentes, que em quanto Sor Antonia orava, se mostrava o Menino com semblante mais alegre. Seria este favor o que a prendia na cella, quando a chamavão para alguma recreação religiosa; e instando-lhe, que a terião por hypocrita, vendo-a n'aquelles annos tão retirada, respondeo huma vez com inteireza: «Digão, e fação quanto quizerem, e sirva eu, e ame ao meu Jesus.» Isto dizia com tanto assento, e madureza, que tinhão que aprender, as que hião a estranhar.

Toda sua instância com as Mestras, e com as Preladas era, que a deixassem continuar as Communidades, acompanhar as Noviças, fazer penitencias; e como apadrinhava estas supplicas com huma vida em tudo reformada, em muitas cousas alcançou a licença. Suspirava por commungar mais a miudo, que o que se permittia á sua idade; e era tal o aparelho, que se lhe não difficultou o despacho. Na vespera todo o dia, e no que commungava, até á noite, em oração, ou no coro, ou recolhida na cella, não havia importancia, que lhe merecesse huma palavra. Achava-a a reprehensão sofrida, o trabalho alegre, a perseguição constante, todo o accidente humilde; tanto a tinhão adiantado a sua idade, a lição dos livros, e os conselhos do Ceo.

Mas chamava-a o castissimo Cordeiro para o rebanho das Virgens, que o seguem no monte das perennes felicidades. Deu-lhe huma febre, leve na opinião dos Medicos, não na sua, porque pedio logo os sacramentos com instancia, sem duvida aconselhada de mais superior noticia. Erão 3 de Agosto de 1650, vespera de S. Domingos, que ella suspirava pai por preeceito, como o escolhera por gosto; confessou-se, e ao dia commungou com huma paz angelica, não o sendo menos sua alma, que da noticia de seus Confessores (como despois se soube) não perdeu nunca a innocencia baptismal. Seguiu-se á Communhão o excesso da febre, ma-

lignada logo com tanto, que passou a delirios, e tão continuados, que não houve mais lugar, que de lhe dar a Unção (reparou-se então na cautela com que quizera commungar anticipada; e não pareceo eleição sua). Chegou o oitavo dia de S. Domingos, como se neste a tivera. Fez o ultimo esforço a febre, e chegando o ultimo accidente, voou aquelle espirito a fazer numero com os Anjos, não chegando o de seus annos a quatorze completos.

## CAPITULO XXVIII

### *De Soror Cecilia dos Anjos, Conversa.*

Não mostrou a providencia do Esposo menos desvelo com outra esposa sua, infundindo em sua alma, antes de tempo, o dom de discernir entre o mal, e o bem, o nada, e o tudo; voltando áquelle as costas, applicando a este as diligencias. Foi esta Soror Cecilia dos Anjos, Religiosa Conversa. Forão seus pais Antonio Pires Varela, e Leonor Pires Rosado, lavradores honrados, e favorecidos dos bens da fortuna. Não teve Sor Cecilia a de que lhe vivesse muito seu pai, porque merecesse lograr a melhor de não ter na terra mais pai, que o do Ceo. Mas assim se mostrou filha d'aquelle pai, que desconhecendo a idade, a excedia nas capacidades, e nas occupações.

O seu gosto era escutar noticias de Santos, e virtuosos, praticas de Deos; a sua assistencia voluntaria o oratorio, e a igreja; o seu exercicio trabalhar para o accio, e serviço d'ella; porque não tendo ainda seis annos, devia já ao seu fuso (que he o honrado bastidor da gente de sua qualidade) huma boa tea de pano de linho para toalhas dos altares, offerecendo-a a elles em obsequio ao Menino Jesus, a quem com fervoroso, e ternissimo affecto tinha entregado sua alma em huma pia, e devota sympathia, com seu suavissimo nome, e a sua attractiva imagem.

Contava dezasete annos, quando em companhia de sua mãe se resolveo a deixar o mundo, convidada do novo caminho, que se lhe abriu para o Ceo n'este Mosteiro, com a ventura de serem ellas das primeiras que o pizarão. Mas Sor Cecilia, que se via das portas a dentro com seu Esposo n'aquelle thalamo, em que costuma examinar as constancias de suas esposas, já se não contentava com vir obediente, seguindo as attractivas fragrancias de seu nome, mas adiantava-se a correr para elle, tudo o que não erão excessos, lhe parecião detenças, só lhe agradavão

asperezas, que para aquelle vôo lhe parecião azas. Sobre o rigor das Constituições, e exercicios particulares da casa, inventava penitencias; mas tanto, como a aconselhavão os desejos, a desenganavão as forças, porque a começarão a cercar achaques, huns repetidos, outros continuados.

Entrarão os conselhos dos Medicos, e os preceitos dos Prelados, para que moderasse o estylo de vida, em quanto convalecia dos achaques, por se não impossibilitar de todo com elles; que usasse linho, não comesse pescado, e dispensasse no coro nocturno. Sacrificou-se Sor Cecilia aos dictames da obediencia, e este foi o maior rigor a que podia suggerir-se a ancia de padecer; mas assim se mortificava nos alivios, como se não mudassem mais o nome as penitencias. Assim passou algum tempo, vindo a resolver-se de conferencias, que teve com seus Confessores, que tornasse ao rigor da vida, que começara, porque era Deos servido que vivesse em perpetua molestia. Começou logo a viver penitente, e sem saude, tendo licença de Prelados para as penitencias, que lhe parecesse.

Caso maior pareceo, que obrigando-nos o preceito da charidade propria a conservar a vida, tivesse Sor Cecilia dispensação para poder arriscal-a. Não vinha a ser menos o viver, como vivia, achaquosa, e o tratar-se com aquella aspereza. Mas são segredos, que Deos frou aos seus Ministros, porque seus Confessores, que forão o veneravel Padre Mestre Fr. João de Portugal, o Mestre Fr. André de Santo Thomaz, o veneravel Padre Mestre Fr. João de Vasconcellos, varões de igual reputação em letras, e virtude, e tão destros em materias de espirito, que bem se podião suppor oraculos no confessorario, dispensavão, e permittião a Sor Cecilia este estylo de vida, que observava como milagre da natureza, sem que os achaques, ajudados das penitencias, apressassem a morte, ou as penitencias, sobrevindo aos achaques, enfraquecessem a constancia. Continuou Sor Cecilia, dobrando todo o genero de austeridades, e rigores, jejuns repetidos, disciplinas continuadas, crucificando o corpo em cruces de bicos, e cilícios asperos, mas tão prompta no serviço da Communidade, como a que tinha tirado aos achaques, e ás penitencias o nome de estorvo para elle.

No coro tinha oração com as Religiosas: recolhia-se logo á cella, onde estava todo o tempo de desoccupada. Reparavão as Preladas, que se fechava; e querendo prohibil-a, advertio o seu Confessor o Mestre Fr.

João de Portugal, que a deixassem recolher, e fechar na cella, que era mui bem empregado todo o tempo, que n'ella se recolhia. Alcançou-se depois de sua morte, que posta em oração era tão facil de arrebatarse, que lhe era preciso o estar-se divertindo, para se não suspender logo. Assim lhe aconselhava seu Confessor, que estando no coro, se acautelasse, applicando os olhos ás imagens d'elle, para divertir-se com aquella exterioridade. Era todo o seu desvelo, toda sua industria, esconder este thesouro aos olhos, e reparos do Mosteiro, e essa era a causa d'aquelle retiro.

Continuava com fervor, e alegria a vigia do Santissimo, que se usa n'esta Casa; e não faltavão testemunhas das lagrimas, e gemidos com que alli assistia; não rompia em menos extremos a doçura, e suavidade, que experimentava sua alma na assistencia, e na visinhança. Poucos dias antes de sua morte, chamando a Prelada, lhe disse: «Madre, encomende-me Vossa Reverencia ás Religiosas, que nunca deixem, nem se descuidem da vigia do Senhor, porque he assistencia, de que muito se agrada.» Grande consolação para a ditosa familia d'esta Casa, e grande incentivo para a inteireza, com que até o presente se continua esta occupação angelica.

Abrazava-se em vivos incendios de charidade (mais poderosa febre) que prostrava sua constancia, porque acometendo-lhe o coração, succedia muitas vezes não descançar em tres dias com intoleraveis dores n'elle. Recolhia-se á cella, e por mais que lhe quizessem acodir, não admittia mesinha; aliviava-a só com chorar, nem o coração tem outras sangrias para convalecer. Mas tinha mais mysterios a dor. Soube-se a qualidade d'ella por hum papel, que á Irmã Sor Victoria da Cruz mandava o Mestre Fr. André de Santo Thomaz, sendo Vigario do coro, ou fosse, que Sor Cecilia lh'o tivesse communicado, ou porque o conhecesse ella illustrada, como se podia crer de sua vida. Erão aquellas dores effeitos de vivos, e fervorosos actos de amor de Deos, em que ás vezes se accendia Sor Cecilia; seguiu-se vehementes dores no coração, como se com agudas settas lh'o estiverão trespassando, qual outra extatica Theresa, ou contemplativo Agostinho. D'aquellas invisiveis feridas erão copioso sangue as lagrimas, não admittindo remedio humano, como quem conhecia, que o não era o motivo.

Erão igualmente copiosas as lagrimas com que chegava á mesa da Communhão, sem haver industria para as esconder, ou as enxugar. Tal

era o impeto d'ellas, ou tal o descuido de si com que alli chegava! Ordenou-lhe seu Confessor o Mestre Fr. André de Santo Thomaz, que commungasse hum dia sim, outro não: entendeu, que era o unico remedio para temperar as saudades, em que estalava por aquelle soberano pasto. Alegrou-se seu espirito, mas confundia se de se ver singularizada entre gente tão boa; porém não tinha mais acção, que a obediencia. Quizerão examinar-lh'a outros Confessores, e mandarão-lhe, que não commungasse em os dias, que o fazia a Communidade; levantava-se do confessionario com igual semblante, hia continuar o serviço da Casa. Depois a mandavão chamar, para que commungasse. Tomava o véo, e manto, e hia obedecer com tanta paz de espirito, como quem, alhea de si, não sabia o que se passava com a sua liberdade, que só vivia nas resoluções de quem a mandava.

Era amorosa, e ternissima a devoção com que adorava, e servia a seu Esposo na fôrma de Menino: não podia passar por imagem sua, sem que a detivessem suavemente colloquios, e jaculatorias namoradas. Nestes extremos a apanharão hum dia as Religiosas, a que confessou, que não achava demonstração com que explicar a sympathia, que n'aquellas imagens prendia sua alma, mas com a magoa sempre viva de entender, que no Ceo não poderia ver o Senhor glorioso em aquella fôrma de Menino. Voltou logo sobre si com o escrupulo de fallar em materia, que não entendia; foi-se ao confessionario descontente, perguntou a seu Confessor (era o Mestre Fr. João de Portugal) a reposta da duvida, que ali a trazia, e sempre desconsolada. Respondeo-lhe: «Que o não estivesse, que no Ceo veria ao Senhor tambem na fôrma de Menino, porque aos bemaventurados se mostrava tambem n'aquella fôrma, em que mais o amarão em vida.» Fallava o Padre com grande conhecimento d'aquella alma; suspirava ella pelas delicias d'aquella visão soberana.

Ha n'esta Casa duas imagens de Meninos: em huma está o Senhor em pé sobre huma almofada; he o feito muito ao vivo, e magestoso; trouxe-o o veneravel Padre Mestre Fr. João de Vasconcellos de Castella: e he piedosa conjectura de bons espiritos d'esta Casa, que a tempos se lhe divisão no rosto effeitos differentes, ora de alegria, ora de severidade. Chamão a esta imagem o Senhor Siganinho, nome, que lembrada do desterro do Egypto, lhe poz Sor Cecilia, e que ainda hoje se lhe conserva. Na outra imagem está o Senhor sentado em huma cadeirinha de bordado; o feito pela antiguidade mete devoção; e respeito; trouxerão-n'o

as fundadoras d'esta Casa, da de Santa Catharina de Evora. Com estas duas imagens era mais singular o affecto, e assistencia de Sor Cecilia, que se não podia chegar a ellas, sem que sua alma lhe fallasse pelas mudas linguas das lagrimas: mas não ficou sem premio este estremecimento devoto; mostrou-o bem o successo.

Vião as Religiosas, que Sor Cecilia apressava fóra de suas forças o serviço, e occupaões da Casa, para se applicar á almofada, e exercicio de agulha, sem bastarem os achaques, para lhe aconselharem algum descanso no pouco tempo, que tinha menos embaraçado. Apparecerão depois as duas Imagens vestidas de redes, obra da sua agulha, e tarefa, que a trouxera tão trabalhada. Celebrarão as Religiosas a data, contarão o succedido ao Vigario, sem deixar de notar o desvelo (como nocivo á sua pouca saude) com que se entregara áquelle occupação, quando os Meninos tinham galas, e vestidos preciosos. Vio-se obrigado o Vigario a defender a serva de Deos, para gloria do mesmo Senhor, e credito d'ella; e descobrio, como os Meninos lhe tinham pedido cada hum sua gala, e propondo Sor Cecilia a sua pobreza para escusa do custoso d'ellas, se offereceo a que não tivessem mais custo, que o seu trabalho, porque suas mãos a havião de resgatar d'aquelle empenho. Assim aceitou os pobres vestidinhos de rede aquelle Senhor, que fez mais caso do ceitel da pobre viuva no gaziofilacio do Templo.

Outro cuidado, e novo ornato lhe deveo a imagem do Menino da Cadeirainha. Assistia Sor Cecilia no coro com as mais Religiosas, quando vio, que se lhe offerecia aos olhos o Menino no meio da Communidade, trazendo na mão huma cruz com hum estandarte branco, e n'elle as cinco chagas (diviza, que a imagem não tinha) e desapareceo a visão. Pedio logo Sor Cecilia ao seu Confessor com instancia, que lhe mandasse fazer huma cruz com bandeirinha branca, em que se estampassem as chagas. Fez o Confessor reparo na encommenda, como na instancia; tinha experiencia, que não seria curiosidade de Sor Cecilia, porque todas suas acções tinham maior causa; instou pela noticia; não poderão os rogos; entrou a obediencia, e veio a confessar Sor Cecilia a visão, que tivera. Fez-se a insignia, que hoje se vê na mão do Menino, e he muda lembrança d'este caso.

O mesmo fogo, que abrazava a serva de Deos no seu amor, estendia as lavaredas igualmente vivas para os proximos. Achavão-n'a os males de todos compassiva, os bens alvorçada, e os espirituaes de todo satis-

feita; mas os pobres, os affligidos, os enfermos, erão os primeiros, que tinhão lugar em sua grande commiseracão. Hum caso lhe succedeo, em qde se descobrem algumas d'estas circumstancias juntas. Estava gravemente enfermo o Confessor da Casa, era Procuradeira a Madre Sor Ignéz do Presepio, Religiosa de grande nome, e capacidade, que depois foi Prioreza. Mandara-lhe dizer o doente (por padecer hum rigoroso fastio) que só guizando-se-lhe hum pombo, comeria alguma cousa á cea, por não appetecer outra. Fez logo a Madre Sor Ignéz toda a diligencia; não se descobria o pombo nem a maior custo; fazia-se tarde, affligia-se a Religiosa, e subia já para cima desconsolada, quando encontra Sor Cecilia, que sabendo o motivo da afflicção, e desejando alivial-a, e acodir ao doente, voltou, sem responder palavra, para o dormitorio, e levantando os olhos a huma janella, que n'ella cahia para o mar, alta, e descuberta, vio, que n'ella descansava hum pombo. Volta ligeira, e alvorçada; dá noticia á Madre Sor Ignéz: duvida primeiro; desengana-se logo, e sem que a ave faça o menor desvio, chega, e lança mão d'ella, sem lhe dar lugar ao discurso o repentino do successo. Guizado o pombo, deixou ao doente totalmente livre do fastio. A muitas reflexões estava convidando este caso, se fora do nosso instituto, ou tiveramos mais liberdade, que para a simples narraçãõ d'elle. O facil, com que Sor Cecilia achou o remedio para a afflicção, que se valia d'ella. O achar-se o pombo, onde nenhum outro se tinha visto. Deixar-se apanhar ás mãos sem resistencia. Tirar ao enfermo o fastio, que foi facilitar-lhe a melhora. Não nos culparão o chamar ao successo prodigio, porque são muitas circumstancias juntas para acaso.

Encommendavão-lhe as Preladas, que pedisse a Deos pelos augmentos, e vida dos bemfeitores da Casa, e de pessoas de respeito, que as importunavão com a mesma supplica, em se vendo em afflicção, ou doença. Obedecia Sor Cecilia; e ainda que não dizia nada, já tinhão experiencia, que o seu semblante era a mais certa noticia. Alegre, era annuncio de melhorar o enfermo, ou o affligido; triste, evidencia do contrario. Sirva entre muitos de confirmação hum successo. Enfermou gravemente D. Miguel de Portugal, Bispo de Lamego, irmão do Marquez de Aguiar; era bemfeitor da Casa, filho dos fundadores d'ella; n'ella tinha parentas; era geral o sentimento, e igual a ancia, com que as Religiosas, e Sor Cecilia com ellas pedião a Deos sua vida. Chegou noticia, que se achava o enfermo com huma grande melhora, e fóra do risco em que se vira. Era

em dia de Jesus; entrarão, e estiverão as Religiosas na casa do Presépio, alegres da notícia, agradecendo ao Menino a melhora, como mimo feito áquella Casa. Só Sor Cecilia (sendo a que mais se alegrava n'ella) esteve callada, e suspensa; não deixou de ser reparada, ainda que mal entendida, a sua tristeza; mas soltou-se ao dia seguinte o enigma, chegando a nova de que o Bispo falecera.

Sentirão todas sua morte, mas com maior extremo (como a que mais lhe tocava) huma Religiosa sobrinha sua. Encontrou-se com Sor Cecilia, e disse-lhe (porque a serva de Deos a consolava) que o que sentia, e o que a trazia sem socego, era a duvida do estado, em que se acharia a alma de seu tio. «Alivie-se, Madre (lhe respondeo Sor Cecilia) deixe a molestia, e a tristeza; que a alma de seu tio está em estado de salvação.» E proferindo isto, se lhe accendeo em huma viva, e alegre cor o rosto, como se se lhe estivera representando o que lia dizendo.

## CAPITULO XXIX

### *Continuão-se as noticias da vida, e morte de Sor Cecilia.*

Grandes cousas nos sepultou o silencio, e santa modestia de Sor Cecilia, que podião servir de consolação ás que seguem seu mesmo instituto, como aos que lerem estes escritos, de edificação, e exemplo. Mas na virtude sincera, e purificada, pesão mais os riscos de vangloria, que os interesses de exemplar. Em todas suas acções o foi Sor Cecilia. Assistia singularmente ás Preladas, servindo-as com maior desvelo, tão longe do abuso de lisongear o governo, que era pratica sua, que aos Prelados se devia assistir com mais cuidado, porque n'elles carregava o maior peso. Assim sabia trocar em lanços da charidade as maximas da lisonja. Outro interesse tinha em communcial-as, que era o poder advertir-lhes as necessidades das subditas, porque nenhuma se atrevera a negocear o remedio das proprias. Aconselhava-as para as provisões, e governo temporal da Casa, e nos apertos d'ella, e sempre era tai o seu conselho, que parecia remedio.

Assim repartia com todos dos acertos, com que Deos illustrava seu entendimento, alcançando mais, que ao que costuma chegar o humano. Em maiores importancias o aconselharão as luzes do Ceo para o acerto. Poucos annos contava Sor Cecilia de Religiosa, quando certa pessoa se-

cular de maior esfêra lhe pediu, que alcançasse a certeza de huma cousa futura, aconselhando-lhe para o conseguir huma devoção prohibida, mas nas palavras tão pia, e devota, que não foi muito enganar-se a innocencia de quem ainda de suspeitosos exteriores não inferiria malicia. Perguntou comtudo á pessoa, que julgava timorata, se havia n'aquillo circumstancia de suspeita; e ouvindo repetidos seguros, em quem não suppunha menos, se resolveo a fazer a devoção o primeiro dia; mas na mesma noite d'elle, sepultada em hum somno profundo, se lhe representou, que via a seu Esposo, que com rosto severo lhe advertia o mal, que fizera, mandando-lhe, que o não repetisse como offensa sua. Acordou assustada, pediu perdão arrependida, e ficou com advertencia de não fiarse de si propria, nem obrar acção desaconselhada.

Assim a começou a illustrar o Senhor então, para a ensinar depois, para a dar a conhecer. O que se sabe he, que teve muitas visões; de poucas ficou individual noticia, mas para confirmação as que bastão. Falecerão dentro em dez dias n'esta Casa duas Religiosas, iguaes por filhas da mesma terra, a idade pouca, e as virtudes maiores, que a idade. Aventajava-se huma na nobreza, e qualidade, como em maior reputação de virtude; singularizava só esta a segunda, como a que vivia entre gente, donde só ella sabe dar nome. Costumava Sor Cecilia com mais devota ancia, encommendar a Deos as que falecião, como irmãas no habito, e no amor; e entendendo, que esta, que falecera com maior opinião, não necessitaria já de suffragios, por ter passado á ultima felicidade, empregava-se em orar pela que acabara com menos nome. Eis-que orando huma vez, sentio, como se fallasse a seu coração a voz de Deos, que lhe dizia: «Não te occupes em rogar por essa, que julgaste menos justificada, porque já goza de minha gloria; pela outra applica tuas orações, que ainda necessita.»

Suspendeo-se Sor Cecilia, e entre gozo, e pavor, disse: «Como he isto, Senhor? Pois não era aquella Religiosa a mais qualificada na vida?» «Assim foi (tornou o Senhor) mas de sua maior virtude nasceo a sua estimação, e o seu applauso; e talvez esquecida a humanidade, cahio na fraqueza de se contentar lisongeada.» Callou a serva de Deos, e poz a boca na terra, confundida em sua ignorancia. Singular caso! que pôde mudamente reprehender aos que desinquietando a virtude, a desenterrão do seu retiro, para a exporem aos riscos do applauso, sahindo talvez a inconsideradas, e appetitosas instancias do canto de huma cella para a

frequencia de hum palacio, do solitario de hum convento para o populoso de huma cidade, com o achaque de assistir ao doente, ou a consolação de se ouvir praticar na virtude; não advertindo os que o pedem, ou os que o consentem, que com a observancia mais acutelada são mais subteis os assaltos da vangloria. E se das portas a dentro da sua clausura pôde talvez o Religioso, ou a Religiosa, entre poucos votos, perigar neste assalto, que será exposta á estimação propria, no lisongeiro theatro do mundo? Se talvez se acha o risco nas tranquilidades do Oceano, que será entre as soberbas correntes do Jordão!

Detinha-se hum vez Sor Cecilia (pouco tempo antes que falecesse) no confessorio com o veneravel Padre Mestre Frei João de Vasconcellos. Mandou-lhe elle, que fizesse particular oração pelo estado da Igreja, e pelo Tribunal do Santo Officio, especialmente d'este Reino, porque andavão os seus Ministros cuidadosos, e atribulados com materias de grandes consequencias. Dilatou-se o Mestre Fr. João, e foi tocando alguns pontos de fê em gloria da Igreja, e de Deos. He subtil o inimigo; vio a difficuldade da pratica, começou a representar no entendimento de Sor Cecilia alguma duvida; mas não permittio o Senhor, que cahisse n'ella sua serva; porque ferindo-lhe de repente nos olhos hum activo e fermoso raio de luz, que da parte de fóra penetrava o confessorio, vio que se lhe representava a imagem de hum Christo magestoso, com chagas, e coroa de espinhos, entendendo em seu coração, que lhe dizia: «Que no que allí ouvira não tivesse escrupulo, porque erão verdades tão claras, como aquella luz que tinha visto.» Ficou confusa, e confundida Sor Cecilia; e sepultada em silencio, cahio por terra, adorando o Senhor. Acabou o discurso o Mestre Fr. João, esperando reposta; e vendo, que nem o minimo rumor se percebia de quem o escutava, bateo no ralo hum a, e outra vez Tornou em si Sor Cecilia, e levantando-se, e respondendo com turbação, lhe poz o Padre hum a obediencia, para que lhe explicasse a causa, que a tivera muda. Não podia resistir ao preceito; referio tudo o que tinha visto, e passado. Testemunha d'esta verdade foi o mesmo veneravel Padre Mestre,

Ao dia seguinte cahio enferma Sor Cecilia: a idade, os achaques, e as penitencias, lhe podião segurar, que era a ultima doença, se ella, muito anticipadamente a este accidente, não tivera alcançado, que o primeiro seria o ultimo. Esta noticia teve em sonhos; constou depois de sua morte, achando-se-lhe escrito de sua propria letra. Apareceo-lhe o

Menino Jesus (premio da ancia com que o servia, e adorava) e dizendo-lhe ella: «Senhor, quereis levar-me para vós?» Inclinou o Menino a cabeça, segurando-lhe, que sim. Tornou ella: «E será logo?» Sorriu-se o Menino, e ao mesmo tempo desapareceu a visão, e acordou Sor Cecilia tão certa de que seria o fim da sua vida a primeira doença, que logo deu a entender, que esta era a ultima.

Com este conhecimento se dispoz com tanto socego, que só li'o embaraçava o alvoroço. Assim passou alguns dias; e chamando hum d'elles a Prelada, lhe disse com desusada alegria: «Que visto ella se achar em huma cama, e incapaz d'aquella diligencia, lhe pedia, que fallasse ao Padre Vigario (era o veneravel Padre Mestre Fr. João de Vasconcellos, na occasião em que tinha acabado com igual felicidade, que industria, a obra da igreja) e lhe pedisse da sua parte a benção, e que lhe rogava tratasse muito de sua saude, que era sua vida de muita importancia á Igreja Catholica: e que estivesse certo, que agradara muito a Deos no dispendio, e cuidado, com que edificara a Igreja d'aquelle Mosteiro; pelo que não tardaria o mesmo Senhor muito em lhe dar hum grande premio.»

A Prioriza, que (como era commum n'aquella Casa) tinha experiencia, que não carecião de mysterio as palavras de Sor Cecilia, instou com ella, para que lhe explicasse o que n'aquella particular alcançava, ameaçando-a, que a obrigaria o Vigario com huma obediencia. Rendeo-se a boa subdita, e continuando com alvoroço, disse: «Que estando (havia pouco) orando, e pedindo a Deos pelo augmento, e conservação da observancia d'aquella Casa, vira ao Senhor em hum throno de inexplicavel magestade, que com alegre semblante lançava huma benção ao Padre Mestre, dando-lhe a conhecer a ella, que aquella benção era premio da obra da Igreja acabada com tanta perfeição, como forão as contradicções com que se intentou, e finalmente se conseguiu. E saberá, Madre Prioriza (acrescentou Sor Cecilia) para consolação sua, e das ditosas filhas d'esta Casa, que todas as que até aqui tem falecido n'ella, se salvarão por misericordia de Deos.» Grande felicidade, piedosamente crida, d'este Seminario da observancia; e não menor ventura para as que o habitão, viver antes em hum Santuario, que em hum Mosteiro!

Tinha sem duvida alcançado Sor Cecilia, por mercê de Deos, a fortuna, que indicava aquella benção ao Mestre Fr. João; não a explicou então, mas vio-se brevemente. Cahio o Padre em huma doença ligeira, convaleceo depressa; e indo á Igreja a dizer Missa, forão as Religiosas

ao coro, alvoroadas, a dar graças a Deos pela melhora, e a ter o gosto de o ver com ella. Forão dar logo esta noticia a Sor Cecilia, entendendo que lhe não podião fazer maior lisonja, nem applicarem ao que estava padecendo melhor mesinha. Assim sabia estimar esta subdita tal Prelado, mas não menos elle a ella, como o que tanto a conhecia. Ouvio ella, que dizião: «Já o Padre Mestre está são; e respondeo com semblante triste: Sim, está são.» Repararão no pouco, que a alegrara cousa para todas de tanto gosto; e disse huma: «Que deva esta Leiga tanto ao Padre Mestre; e que se não alegre, nem estime vel-o restituído á sua saude?» Mas como vão lorge os discursos dos justos dos puramente humanos! E que pouco percebido he o seu mysterioso idioma dos ouvidos da terra! Alegravão-se aquellas pelo que vião; entristecia-se Sor Cecilia pelo que alcançava. Ellas vião huma saude, que lhe parecia milagre; ella estava vendo o pouco, que distava da morte. Ellas parecia-lhes agradecimento o alvoroço; ella só na sua tristeza conhecia o seu agradecimento, porque bem alcançava, que aquella melhora era huma despedida da vida. Succedeo assim, porque brevemente reçalho o veneravel Padre, e faleceo brevemente.

Mas não tardou muito Sor Cecilia, que se não adiantasse a reconhecer a corôa, que o esperava, porque era já tempo de se lhe não dilatar a sua. Tinhão-na disposto para ella muito anticipados, e continuos martyrios. Foi hum d'elles huma rigorosa dôr, com que o Senhor quiz por todo o tempo que viveo na clausura, provar sua paciencia, mostrando-lhe, que fora data da sua mão, onde não se ignorava o motivo de quereí dobrar-lhe o merecimento. Vivião ainda as Religiosas junto ao postigo do Arcebispo, no Mosteiro novo; cahio hum\* noite hum raio n'elle (sem damno de pessoa, e só do edificio) mas com hum prodigioso effeito, porque cahio a tempo, que Sor Cecilia ou sonhava, ou via, que vinha hum raio sobre ella, e que lhe alcançava a parte direita. Acordou estremecida, e molestada, não só do estrondo, mas de huma dôr tão aguda, que tomando-lhe hum pé, lh'o não consentia pôr no chão. Esta dôr, ás vezes menos intensa, a molestou toda a vida, e nas occasiões de trovoada, anticipando-lhe com mais vivo effeito a noticia d'ella. Esta foi a origem, e causa de sua morte, sem que lh'a dispuzesse outro achaque.

Aggravou-se-lhe este com intoleraveis dores, mas sofridas com tão igual semblante, como se nada a molestara; estando-se vendo na exterioridade da inflammação d'aquella parte o que padecia, e o que dissi-

mulava. Assim se lhe dilatou dous mezes este purgatorio : e como sabia quando havia de ter termo, pediu os Sacramentos, quando vio, que erão precisos. Foi a devoção igual á advertencia, e socego com que os recebeu, passando o dia seguinte inteiro em hum silencio socegado; seguiu-se todo o outro, de huma desusada, e estranha alegria. Pareceu ás Religiosas, que erão effeitos de melhora, e (no que colhião do exterior) que aquella vez escapava; mas atalhou este pensamento a resolução com que pediu, que lhe chamassem os Padres para o Officio da ultima hora. Entrarão; pediu a véla; e acompanhou o Officio com inteira advertencia; e logo correndo os olhos com agrado por todas as Religiosas, levantou o braço direito, e foi-o recolhendo, como se as abraçara, e se despedira. Cerrou placidamente os olhos, e sem fazer outro termo, deu a seu Creador o espirito, em huma terça feira de Novembro de 1651.

No instante que espirava, vio a Madre Sor Clara do Sacramento, pessoa de tanta capacidade (saber-se-ha melhor adiante) que fiava o Ceo d'ella semelhantes segredos; referindo este, como de outra pessoa, que sobre o Mosteiro subia hum resplandecente globo de luz entre as duas Virgens, e Martyres insignes, Santa Cecilia, e Santa Ignez, protectoras da Ordem Dominicana, e singulares empregos da devoção de Sor Cecilia. Poucos dias depois de seu ditoso falecimento, fazia o veneravel Padre Mestre Fr. João de Vasconcellos huma pratica em a profissão de huma Noviça, e tocando (como quem dava pouco desafogo ao muito, que callava seu espirito) na observancia, e virtude d'esta Casa, disse, que havia pouco falecera n'ella huma irmã Conversa, por nome Sor Cecilia, em cuja vida havia cousas tão grandes, que não era possivel publicarem-se, sem consultar primeiro o Oraculo da Igreja, o Summo Pontiffee. D'aqui se pode inferir que seria o mais, e o maior o que se nos escondeo de sua vida, sendo hum tão grande voto o que approvou este silencio; mas nem menos este silencio para grande credito.

### CAPITULO XXX

#### *De Soror Leonor da Assumpção, Conversa.*

Muitas proporções tem a graça com a natureza, ficando cada huma em sua esfera, porque tambem na linha espiritual he natureza a graça, como principio da vida, com que se vive para Deos; e sendo hum dos

effeitos da natureza o conservar, nos que tem a mesma, a semelhança, esse sem duvida se achará tambem na graça. Isso quiz dar a entender S. Paulo, quando escreveo, que predestinando-nos Deos para a sua graça, nos fez conformes a seu Filho na semelhança. Porque a graça assemelha na sua linha, como a natureza assemelha na sua.

Bom exemplo temos entre mãos na vida de Sor Leonor, mãe de Sor Cecilia, de quem agora acabamos de fallar. Grande harmonia fez em ambas a graça, como se competira com a natureza; porque se a natureza as fez ambas a mesma carne, a graça as fez ambas o mesmo espirito; se a natureza fez que aquella filha fosse semelhança d'esta mãe, fez a graça que n'esta mãe se achasse toda a semelhança d'aquella filha. Assim foram ambas n'esta Casa Religiosas, ambas Conversas, ambas observantes, ambas minosas de Deos; e ambas grande assumpto d'este nosso venturoso trabalho.

Dilatou o Ceo o de sua peregrinação a Sor Leonor, mais que a Sor Cecilia, porque falecendo esta de perto de sessenta annos, chegou sua mãe aos oitenta, tão bem gastados todos, que perguntando-lhe huma pessoa de respeito (já então vivia Sor Leonor n'esta Casa) que vida tinha sido a sua? Respondeo com sinceridade discreta em só tres palavras, o que se não diria melhor em muitas: «Donzella, tudo foi innocencia; casada, tudo molestia; e Freira, tudo gloria.» Bem nos podia poupar esta reposta o cuidado de mais escritura, porque não pôde haver mais que dizer de sua vida; mas não será o que dissermos mais que huma exposição d'aquella reposta.

Ficou só noticia do sobrenome do pai de Sor Leonor (que foi o de Varela) e do grosso tratô de sua familia, e casa, como dos lavradores mais ricos no termo de Evora, não menos que de sua vida, por homem timorato, e de sã, e limpa consciencia; mas sobre tudo com tantos extremos de caritativo, e desvelado com os desamparos do proximo, que com a porta, e as mãos abertas, a todas as horas era segundo Abraham nos empregos da hospitalidade, mandando como outro pai de familias a seus servos, e criados, que trouxessem, e encaminhassem para sua casa os que encontrassem pelas estradas desencaminhados, e famintos; e como esta era para elle a maior lisonja, não havia noite, que a não achasse na mesa, sentando-se a ella tão honrado, e contente, como quem tinha ao mesmo Deos por hospede.

Cerrou-se huma noite carrancuda, continuou-se tempestuosa, achava-

se o bom lavrador em sua casa (como situada em o meio de huma campina) sem companhia, que lhe fizesse appetecer, e estimar a mesa, costumado em todas a t er a necessidade, e a pobreza por convidada. Continuava a tormenta, foi perdendo a esperança. Chama os servos, manda-os, que com fachas acezas sa o ao campo, e ao caminho, a bradar por quem quizesse gasalhado. Não podia deixar de ter hum grande encontro de interesse, hum tão grande lanço de charidade. Eis que guiados pelo norte dos brados, e da luz, respondem, e se vem chegando dous Religiosos Capuchos, que perdida a estrada, e sem tino, e alento para a buscar, com o escuro da noite, e rigor da tempestade, se sacrificav o a ella sem mais abrigo, que o campo descuberto, e hum pouco de burel tão molhado, que antes ajudava a tormenta, que valia contra ella, antes vinha a servir de carga, que de cobertura. Já se appress o alvoroados, já chegão atropelando descommodos, já entendem, que os que estão vendo, não serão menos que Anjos, e nem os desenganava o idioma humano, com que da parte do seu senhor lhe offerecem gasalhado; todas as circumstancias seguravão o soccorro do Ceo. Levantão os peregrinos as mãos, e os olhos a elle, dando em seu corao graças ao Pai das misericordias; seguem o caminho, entrão as portas do bom hospedeiro, que tomando-os nos braços, e embaraçando-lhes agradecimentos, os soccorre ao fogo contra o frio, na mesa contra a necessidade, agradecendo a Deos o honral-o aquella noite com taes hospedes, e os hospedes o acharem n'aquella casa a sua providencia.

Bastara este caso para sabermos quem foi o pai de Sor Leonor, se a criao, e boa indole da filha não houvera de ser argumento do que fora seu pai. Chamou-se ella Leonor Pires Rosada. Já nos primeiros annos era notavel seu retiro; a inclinao  s cousas sagradas, como a de viver em clausura recoleta, porque costumava dizer (pelo que ouvia, e alcançava n'aquelles poucos annos) que não havia de ter outra vida mais, que a de Freira do Calvario de Evora; assim lhe chamavão os pais a sua Capucha do Calvario, estimando na filha aquella propensão devota. Foi esta crescendo com os annos: e parece, que já merecia ao Ceo cuidados, porque destinando-a a outra clausura, que ainda não existia, lh'a quiz representar em hum emblema, que Leonor não pode entender então, mas assim lhe ficou impressa na lembrança, que correndo os annos, conheceo n'ella o que devia ao Ceo, que lh'a representara.

Foi a visão em sonhos; representando-se-lhe, que via hum grande

monte de trigo muito limpo, cercado de assucenas, e que desejava com vivas ancias chegar a elle, e descansar entre ellas. Com este desasocego acordou, perdendo a visão, mas nunca a lembrança, e o desejo com que a vira. Depois de Freira alcançou, que aquelle era o emblema, em que o Esposo divino decifrara a fineza do Sacramento, de que fora, e era sacrario o ventre de sua Mãi soberana, e o coração da Igreja Catholica, dizendo, que elle era pão cuberto de flores; ou monte de trigo, cercado de candidas assucenas (1); que decifrado no sentido tropologico, he a figura, e timbre d'esta Casa, porque he o Sacramento pão assistido de assucenas, que são as filhas d'ella.

Não podião duvidar-se estas providencias do Ceo, e anticipados emblemas da vida, que Sor Leonor abraçaria em maior idade, porque era rara sua simplicidade, e importancia (testemunhavão-no assim seus Confessores) sendo estas as disposições, que busca o Ceo nos espiritos, a quem ha de revelar seus segredos. Não desconhecião seus pais que n'aquella filha não tinham mais que o nome de sua, porque já experimentavão em seu estylo de vida o para que Deos lh'a dera; mas os grossos cabedaes de sua casa, o desejo natural de dilatar nos filhos a segunda vida, e o verem-na já contando dezaseis annos, os fez entrar em pensamentos de lhe dar estado, que em sua velhice lhes servisse de arrimo. Assim dispuzerão o desposorio, sem lhe darem noticia, ou por lhe pouparem o dissabor, que teria com ella, ou por conhecerem na sua sujeição que não lhes daria outra reposta mais que a obediencia. Succedeo assim; escutou, e obedeceo Leonor a seus pais, entendendo, que Deos assim o dispunha, mas que não permitiria se lhe frustrasse a esperança, que até alli a entretivera, de differente vida.

Inculpavel passou á de casada, merecendo n'ella a que suspirava de viuva, para se dar toda a Deos, que assim lh'o concedeo, ficando com tres filhos, e duas filhas, não sendo estes embaraços, para lhe sahirem, e a conquistarem bons casamentos. Mas já sua esperança levantava os olhos ao Ceo com liberdade, para suspirar melhor cadea; recolheo-se com sua mãi, e desenganou os pretendentes com o estylo, que tomou de vida, antes retiro de todos os commodos, e interesses d'ella. Não tardou o Ceo em lhe diminuir os embaraços, levando-lhe os tres filhos; menos tardou Leonor em lhe agradecer a providencia, sacrificando-lhe a liberdade em que a punha, e dando a huma das filhas o mais precioso de

(1) *Acervus tritici rollatus* Illiis. *Cantar. 7.*

sua casa, e fazendas, e pondo-a debaixo do cuidado de huma tia, com Sor Cecilia (que era a outra filha, herdeira de seu mesmo genio, e espirito) se resolveo a buscar esta nova Recoleta, com as fundadoras, que sahião de Santa Catharina de Evora, por ser huma d'ellas, (e a que se escolheo para Prioreza) a Madre Soror Isabel de Jesus, sua tia.

O menos, em que reparou Leonor, foi em haver de ser Freira Conversa (ella, como sua filha Cecilia) em casa adonde tinha a tia Freira do Coro, e Prelada, porque doutrinada por Christo, que buscava Esposo, vinha a servir, e não a ser servida; para confusão das que nos claustros sagrados reparão tanto n'estes pontos, sem advertirem, que na monarchia da Igreja se só o servir faz benemeritos, só os servos tem melhores officios. Assim aconselhada do Ceo, do que grangearia no que tomava, se partio Leonor Pires Rosada, com sua filha Cecilia de Sousa, acompanhando as Religiosas, que vinhão para a nova fundação.

Mas o demonio, a quem ella desagradava, dispoz na noite que precedeo á jornada para Lisboa, que junto ao aposento, em que se recolherão a mãe, e filha, se achasse hum cabritinho (ou seria a fórma do mesmo inimigo, de quem foi a industria) que nunca se callou, bradando pela mãe. Despertou o grito importuno, que não permittia socego, em Leonor Pires a lembrança, imaginando, como doía, e custava, ainda nos brutos, a separação entre pais, e filhos, e passou com a imaginação a buscar a filha, que deixava no Mundo, e n'aquella terra, de que se apartava para toda a vida: foi-se a natureza levando da lembrança tão poderosamente, que rompendo em vivas saudades, parece, que já lhe aceitava o conselho, se não da suspensão do proposito, se quer na dilação para melhor tempo. Mas não valeo a industria do demonio, porque começou a saudade não obedecida a ser o primeiro sacrificio, e a dobrar-se o merecimento d'onde se esperava enfraquecido. Enxugou Leonor as lagrimas com os interesses do bem, que hia comprando com ellas. Passou a Lisboa, entrou com a filha n'esta Casa, professarão ambas n'ella. Já em seu lugar fica esta noticia.

Vio-se Sor Leonor Freira Conversa, e como se sempre vivera servindo, não tinha mais gostoso emprego. Da sua occupação passava ao coro, e o que se detinha n'este, devia-o á boa diligencia, com que se apressava n'aquella. Era grande a delicia, e interior o contentamento, com que se dilatava diante do Santissimo; com a sede de o repetir, hia para o coro huma quinta feira maior, em companhia da mais Communidade,

a assistir ao Officio Divino, deixando já satisfeito tudo o que estava a seu cargo; quando chegando-se a ella a Prelada, a manda, que volte á cosinha, a adereçar hum pouco de peixe, que chegara. Sem levantar olhos, vultou Sor Leonor para donde a chamava a obediencia, por mais que lhe ficavão donde a levava a devoção. Mas não tardou o premio a este sacrificio. Entra na cosinha, eis-que de repente vê voar sobre a cabeça hum candida pomba, que fazendo a seu modo festa, e agasalho com o bater das azas, desapareceu, sendo tão difficil averiguar por donde sahira, como o por donde entrara, sabendo-se só, que succedera, porque fallando Sor Leonor nos premios da obediencia, contou o successo, pondo-o em terceira pessoa.

Se era esta a obediencia de Sor Leonor, facil fica de conhecer a sua humildade, a sua mortificação; mas sobre tudo parece, que voava sua charidade, mais entranhavel com os pobres. Faz-se no Mosteiro comer particular para elles com o da Communidade: aquelle era o primeiro, que adereçava, e punha ao lume, repetindo com gosto: «Deos diante.» Acrescentava a esta porção a maior parte da que lhe cabia na mesa, e levava-a, e o mais que grangeava sua industria, á Rodeira, que era a que o repartia, com tanto alvoroço, como quem lhe não duvidava o rendimento. Guardava inviolavel silencio, que nunca a ouvirão, não só em lugares prohibidos, mas nas officinas em que assistia, sem se lhe ouvir palavra desnecessaria. Ainda foi mais; que não havendo commodos no Mosteiro novo, mandou a Prelada, que ella, e sua filha Sor Cecilia se recolhessem em hum cella. Entendeo a Meçtra de Noviças, que dispensarião na lei do silencio a familiaridade, e o sangue, e examinando-o repetida, e acuteladamente, as achou sempre occupadas, com tal separação, e silencio, como se em tal estreiteza podessem desconhecer a natureza, e a visinhança.

Assim trazia sujeitos, e dominados os sentidos, de que se lhe seguiu a grande constancia de sua paciencia: sem haver contrariedade, que a não achasse igual, e muito mais entrada já n'aquelles annos, em que he difficultoso o soffrimento, como facil o motivo d'arriscal-o. Faltavão-lhe já os dentes, e succedendo algumas vezes porem-lhe reção de pão duro, nem por isso pedia outro; molhado aquelle na agua, lhe servia de sustento. Apanhava-a talvez o inverno pouco enroupada, assim o hia passando, se a vestia o não reparava, e lhe acodia. Não houve palavra, por aspera, ou impertinencia, por repetida, que lhe mudasse o rosto, ou

lhe alterasse o socego, nascendo-lhe d'este o estar sempre prompta para a confissão, e communhão de duas vezes na semana, como he estylo da Casa; e o que mais era, sem dar aos Confessores molestia. E perguntando-lhe: «Como era tão breve n'aquelle lugar?» Respondeo: «Que por chegar a elle sem duvida. Porque, em se me offerecendo alguma (continuava com segurança) rezo hum Padre nosso, e logo o Senhor me pte tudo claro.» Assim era pura sua consciencia; nem se podia crer menos do socego d'ella; mas nem assim bastava a lhe enxugar as lagrimas com que alli chegava. Seria, que se lhe derretia o coração nas visinhanças do Sol, que queria recolher n'elle.

Na oração era tão continua, que não havia em sua vida mais que huma alternativa de orar, ou servir. Recollida á noite na cella, orava duas horas. Dava tres ao descanso; levantava-se logo, e até que o dia a chamasse para a sua officina, orava. Nas Matinas, a que assistem as Conversas, ficava no coro até o mesmo tempo. Nas occupações, em que a punha a obediencia, servia, e orava, porque, se podia desoccupar huma mão do serviço, trazia n'ella o Rosario: se occupava ambas, punha junto a si hum monte de pedrinhas, e como podia, as hia passando como contas. Reparou nas pedras huma Religiosa, e perguntando-lhe para que erão, respondeo: «Que para apedrejar o demonio, e tel-o em distancia, que não chegasse a tental-a.» Se era tal o trabalho, que lhe não permitia nem as contas, nem as pedras, valia-se de jaculatorias, humas que lhe dictava o espirito, outras de que tinha feito estudo, repetindo muitas vezes: *Misericordias Domini in æternum cantabo.*

Feito sinal para a oração, era a primeira que voava para o coro: e advertindo-lhe alguma Religiosa, (que via o muito, que tinha que trabalhar aquelle dia) porque não ficava, respondeo: «Que todas as vezes, que a Prelada a mandava ficar da oração, experimentava o trabalho mais penoso, e dilatado; e deixando-a ir a ella, ou mui aliviado, ou de todo feito.» Da sinceridade com que o dizia, e do que as Procuradeiras vião por experiencia, se entendeo bem, que era mais que humana a diligencia, e companhia, que a aliviava; e confirmava-se na ancia, com que persuadia ás que vinhão para o Mosteiro, que nunca deixassem a oração, porque era infallivel a experiencia do que se merecia com ella. Não se soube caso individual, porque os espiritos mais capazes de lhe succederem, são os mais advertidos em os occultarem.

Sendo muitas suas particulares devoções (que lhe levavão algumas

horas entre noite, e dia nas capellinhas do Claustro, e varandas) era no Capitulo maior a detença, orando pelas defuntas, e em especial pelas que conhecera mais benemeritas d'aquella lembrança. Foi humma Dona Maria de Tavora, Condessa do Basto, falecida de pouco, e enterrada por escolha sua n'aquelle Capitulo. Orava por ella humma noite, quando vio, que de sua sepultura se levantava hum vulto resplandecente, que subindo vagaroso ao alto da casa, desapareceo, lançando mais viva, e copiosa luz. Foi grande sua alegria, que os primeiros dias não soube dissimular-a entre as mais Religiosas, e filhas da Condessa, que choravão a falta, que lhes fizera a ellas, e à Casa; e importunando-a com a pergunta, de por que as não acompanhava, relatou o que lhe succedera. Seria licença, ou preceito do Ceo, o dar aquella noticia; e grande argumento para se crer a novidade de se ouvir.

Mas dispunha o Ceo a ultima corôa de seus trabalhos, por hum tão raro caminho, que a não prostrarão os achaques, nem os annos, sendo estes incuraveis achaques, quando já crescidos. Contava já Sor Leonor os ultimos dos oitenta com que faleceo, quando em humma sexta feira da Quaresma (em que acompanhava a Communidade na procissão dos Passos) pondo os olhos no Senhor, vio com os olhos corporaes em sua cabeça vivas as chagas dos espinhos, e o sangue, que banhando o rosto sagrado, lhe ensanguentava os cabellos. Atravessou-lhe humma dôr veemente o coração compassivo, e tão veemente, que segurando que morria, cahio em humma cama. Alegrava-se de vêr que acabava ás mãos d'aquella dôr, mas era ella tão aguda, que entre as ancias lhe mortificava a alegria. D'ahi a poucos dias lhe appareceo em sonhos o Senhor, e vestindo-lhe humma tunica preciosa. lhe accrescentava não menos custoso ornato em humma parte, deixando-lhe a outra sem elle. Assim desapareceo a visão, deixando-a illustrada, para conhecer que então não acabaria, porque ainda lhe restavão mais trabalhos, para aperfeiçoar o ornato dos merecimentos.

Este conhecimento lhe dobrou o valor para continuar com mais fervorosa ancia os seus exercicios; mas passado algum tempo, faltarão-lhe as forças, e desoccuparão-na das officinas, que lh'as tinhamo cançadas. Começou a viver no coro, de que só sabia a tomar algum sustento, e pouco descanso. Como já suspirava, ou via visinho o termo, contava os dias, e as horas, que se lhe dilatava a peregrinação. Conheceo finalmente o fim d'ella, e disse ás Religiosas, que morria. Parecia-lhes delirio da

idade, porque a vião sem outra molestia. Pedio instantemente os sacramentos, e recebidos com veneração, e gosto, sem mais achaque, que os annos, sem mais dôr, que huma ardente ancia de acabar, passou áquella vida, porque viveo morta, e morreo mortificada em quarenta e seis annos de clausura, com perto de oitenta de idade, em hum sabbado, 10 de Março de 1653. Podendo bem chamar-se Feniz Dominicana, que os annos, e o fogo, a idade, e o amor a reduzirão á sepultura para resuscitar a melhor vida.

### CAPITULO XXXI

#### *De Sor Isabel da Visitação, Conversa.*

Quiz povoar-se o Ceo das Religiosas Conversas d'esta Casa, levando d'ella quatro em trez annos, como segurando o quanto lhe agradava aquella harmonia com que as experimentara desveladas n'esta mortal vida, ajuntando as contemplações de Maria aos exercicios de Martha. Foi esta ultima Soror Isabel, que em menos annos de clausura, que as outras (pois não contou mais que seis) voou a emparelhar-se com as que em larga vida grangearão mais commodos para a ultima jornada d'ella.

Nasceo Sor Isabel no lugar de Bemfica, termo de Lisboa, de pais humildes nos olhos do Mundo, nos de Deos mimosos, como pobres, e seus tementes: premiados com aquella filha, que com o inculpavel de sua vida mereceo, que seus Confessores (serião os Religiosos da Recoleta Bemficana) a trouxessem á noticia das Preladas d'esta Casa do Sacramento, com quem a virtude era o mais precioso dote, e poderosa valia a vontade, que Isabel mostrava de recolher-se. Tomou o habito, e côm tal resolução, que parece desafiou o inimigo, sempre invejoso, e agora menos soffredor do que n'esta Casa hia perdendo.

O primeiro combate com que a quiz amedrentar, foi, cobrindo-lhe todo o Mosteiro de sombras, vindo a persuadil-a, que escolhera por venda huma Noroega, porque não havia luz em toda aquella Casa; assim lh'a representava hum escuro abysmo na mais clara hora do dia. Dispoz-lhe logo huma profunda melancolia, offerecendo-lhe aos olhos, e á imaginação continuas imagens de tristeza, que tirando-lhe o gosto de tudo, nem comia, nem descansava, sepultada sempre em hum silencio pesado, sendo alegre e tratavel de genio. Passou a por-lhe horror nos

lugares sagrados, tirando-lhe o animo de chegar aos do confessorario, e commungatorio; e finalmente reduzio-a a hum tal desabrimento, que assentou em seu animo que não podia continuar vida tão rigorosa.

Entrarão os conselhos dos Confessores, que conhecião bem a causa d'aquelles effeitos, e que só se havião de destruir com a constancia nos bons propositos. Valerão as advertencias, foi-se sustentando o soffrimento nas esperanças de victorioso; mas era incauçal o inimigo. N'esta batalha passou Isabel o anno de approvação, merecendo com a resistencia o chegar ás venturas do dia de professa. Mas o demonio, que via desperdiçadas as astucias de hum anno em huma hora, apertou com todos seus esforços a bataria; cahe por terra a constancia; cede a miseravel combatida, vai-se á Mestra, e com ella á Prioriza; depõe, que são fracos seus hombros para aquella carga, a que se offerecera sem experiencia; accrescenta: «Que traz arriscada a vida em huma Casa, em que tudo são tropeços por escura. Que se lhe fazia intoleravel hum serviço, que feito ás escuras, erão tantos os passos como as quedas. Que mandassem chamar seus pais, que a levassem, já que a não ajudavão suas forças, ou tinha tantos embaraços para se não valer d'ellas.»

Suspendeo-se, admirou-se a Mestra; admirou-se, suspendeo-se a Prelada, não tanto da escusa como do motivo d'ella; não tanto de parecer intoleravel o trabalho, mas de que o fizesse o escuro da Casa, sendo o Mosteiro, como todas suas officinas, claras, e alegres, como pôde testemunhar quem as vê, e as vio. (De que antes que isto escrevessemos, fui eu boa testemunha, com grande gosto, e consolação minha.) Erão prudentes as Preladas, não ignoravão as astucias do conselheiro das sombras; responderão com brandura á Noviça, que se deixasse estar mais huns dias, e mandarão ás Religiosas em Communidade, que rogassem a Deos por ella.

Chegava o dia de nesso Patriarcha S. Domingos (he costume pôr-se em hum altar do coro huma reliquia da capa do Santo). Chegarão a beijar as Religiosas, chegou a Noviça com ellas, e foi o mesmo chegar os beijos á reliquia, que levantar os olhos com alegre semblante, como os que n'aquelle instante se banharão de luz tanto do Ceo, como da Casa em que estava, conhecendo o engano de a ter por escura, pois a via tão clara, e alegre como já o estava sua alma, representando-se-lhe suave a vida religiosa, que até alli recusava, e trocada em jubilos a tristeza, que até alli a perseguia. Suspendeo-se, pondo os joelhos no chão, e levanta

tando a Deos o coração, que não soffrendo tão incomparavel gozo, rompeo pelos olhos em duas correntes de gostosas lagrimas. Repararão as Religiosas, que Sor Isabel se detinha: vião que chorava, que as lagrimas crescião com excesso, e que alli a hião esquecendo; chegão a ella, perguntão-lhe a causa; não póde responder, porque os soluços lhe prendem a voz na garganta; só se lhe entende com ella interrompida: «Que quer ser Freira». Alegião-se todas, divulga-se o caso, dão graças ao Senhor, e ao nosso Patriarcha; mas dilatão-lhe a profissão para exame da persistencia; professa finalmente dia de Todos os Santos, com grande alvoroço do Mosteiro, maior o de seu espirito.

Enriqueceo-lh'ò o Senhor com dobrada luz para as importancias de sua alma, e conhecimento das disposições da vontade divina; podendo dizer com o Mestre da paciencia em a noite, que lhe precedeo a este dia: *Rursum post tenebras spero lucem*. Espero outra vez luz depois das sombras. Assim se via restituída á primeira alegria com que entrara n'esta Casa, e tão illustrado seu conhecimento nos exercicios d'ella, que já servia de oxemplo nos dias em que todas necessitão de ensino. A mais reformada, a mais obediente, a mais pobre, a mais humilde; mas com excellencia a mais soffrida, descobrindo-se a cada passo os quilates de sua paciencia, porque levando-lhe só Deos o pensamento, e indo-se atraz d'este suavemente os sentidos, succedia descuidar-se de cousas, que estavão a sou cargo, e reprehendendo-a, e castigando-a asperamente as Preladas, não se lhe ouvio nunca palavra, que ou parecesse impaciencia, ou fosse desculpa. Andava buscando talvez as cousas, e estava com as mãos sobre ellas; pareceo primeiro isto tontice, como-aquel'outro descuido: mas desenganou a todas hum caso.

Costumão as Religiosas nos dias, e depois que commungão, fazer a venia, prostrando-se diante d'aquellas, que suppõem suas queixosas, ou offendidas; he este o estylo de pedir perdão, e de se restituirem á mutua charidade humas com outras, sendo obrigada em boa lei, aquella a quem se faz a venia, a levantar logo a que está prostrada. Succedeo, que huma Religiosa buscando, e achando a Sor Isabel no coro, lhe fez a venia por certo escrupulo. Não se moveo ella, advertio-a a prostrada, pedindo-lhe, que lhe perdoasse, e continuando Sor Isabel immovel, e muda, levanta-se a Religiosa, e vò, que está extatica com os olhos abertos e pasmados, sem dar á nada fmo. Assim a deixou, advertindo ás

outras, que sem duvida erão aquelles os motivos dos seus esquecimentos, passando estes de reprehendidos a invejados.

De trazer sempre em Deos o sentido, lhe nascia o não fallar mais que com Deos, ou de Deos; documentos, que lhe dera nosso Patriarcha, de quem se lê o mesmo. Mas era ainda mais o estylo com que fallava, porque criada no campo, em casa donde a doutrina não passára da cartilha, filha de pais humildes, de que não aprenderia mais que a sinceridade catholica; nenhuma lição de livros, como a que não sabia ler, nem escrever; pouco tempo de casa, para que a continuação a fizesse destra; era contudo tal a clareza, e acerto com que propunha os mysterios de nossa Fê, as mais miudas circumstancias dos aproveitamentos espiritaes, e por hum estylo tão concertado, e genuino, que bem se conhecia o mestre que a doutrinará, e a classe em que aprendera.

Incançavel no trabalho da cosinha, sobreveio-lhe hum estilicidio continuado, e tão forte, que brevemente a fez tísica, e d'elle morreo. Alguns mezes lhe durou a enfermidade para exame de sua paciencia, ou augmento da coroa d'ella. Não tinha mais alivio (sinceramente o confessava) que ouvir fallar em Deos, ou hir ao coro visital-o, e assistir-lhe no Sacrario. Detinha-se huma noite fóra de horas no mesmo coro, achava-se tambem huma Religiosa na vigia do Sacramento, quando forão ouvidos n'elle tres grandes golpes; assustou-se a Religiosa, mas ella sorrindo-se, lhe disse com segurança: «Madre, não tenha medo, que só comigo falla aquelle aviso. Bem sei que hei de morrer muito cedo.»

Seguiu-se a este desengano huma confissão geral, que fez logo. Já não havia n'ella acção, que não fosse aparelho para aquelle ultimo, e ignorado caminho. Permittindo-lh'o o achaque, só a achavão no coro, Mas quiz o Ceo, já que se lhe revelara (ao que se entendeu) sua morte, que se lhe não escondesse a circumstancia de que seria ditosa; succedeo, que estando no coro (orava tambem n'elle outra Religiosa) ouviu ao que lhe parecia na Igreja bem temperados, e suaves instrumentos, acompanhando finas, e afinadas vozes, de que se resultava (como acima era) huma celeste harmonia. Levantou-se, chegou á outra Religiosa, perguntou-lhe com singeleza: «Que festa havia na Igreja, porque estava ouvindo huma mui concertada musica?» Não ouvia a outra nada; via, que estava fechada a Igreja, entendeu, que a pergunta, ou era loucura, ou galantaria. Voltou, e mandou-a para o seu lugar, com enfado, e desabri-

mento. Tornou em si Sor Isabel, o entendendo, que se avisinhava muito sua jornada, se recolheu de todo á enfermaria.

Era dia de Natal. foi ao coro a Enfermeira (ficara só Sor Isabel, que já se não podia levantar da cama) e voltando, e querendo-a consolar; (porque sabia a inveja com que via ir a todas a louvar a Deos) lhe respondeu: «Seja louvado o Senhor, que n'esta cama me tem consolada com sua assistencia». Entendeo-se, que teria recebido algum mimo singular do Ceo. Não se lhe perguntou nada, porque se respeitava muito sua modestia. Só a Religiosa, que lhe respondera aspera, quando no coro lhe perguntou da musica, vendo a segurança com que estava contando as horas de sua vida, e o igual, e desassombrado semblante com que esperava o ultimo assalto da morte, se chegou a ella, e lhe perguntou: «Que musica fôra aquella, que aquelle dia ouvira na Igreja?» Não sei mais (respondeo) que ouvir vozes, e instrumentos concertados, e suavissimos.»

Como o mal a apertava muito, não podia rezar os Padres Nossos, que costumão todos os dias as Conversas; pediu ás Religiosas, que quizessem tomar por ella esse trabalho, até os principios de Março, que se lha chegando. Assim media o tempo, mas parecia-lhe, que caminhava vagaroso, e que se lhe alongava o praso, e entrava em desejos anciosos de se ver com Deos, repetindo com segura confiança: «Deos está em mim, e eu estou n'elle.» Recebeo os sacramentos com alegria, e compunção de espirito; e continuando o Officio da agonia, repararão as Religiosas, que se suspendia; benzia-se logo, e formava huma figa para certo lugar da cella. Bem se via, que ali estava o inimigo, de que triunfava. Acabou-se o Officio, e pondo os olhos no Ceo, encaminhou para elle o espirito, em huma terça feira, dia na Religião consagrado a S. Domingos, estrella, que a livrou d'aquellas primeiras sombras, e agora a encaminharia para as perennes luzes, em 10 de Março de 1634. Seu corpo se achou organizado, e inteiro, ainda que mirrado, seis annos depois de seu falecimento.

### CAPITULO XXXII

*Da Madre Soror Maria de S. José; primeiros passos de sua vida,  
e progressos na de Religiosa.*

Podemos dizer, que de hum Mosteiro a outro, de huma a outra observancia (sem accrescentar mais que o voto da clausura) se passou

a Madre Soror Maria; porque não era a casa de seus pais menos reformada, nem elles menos piedosos, e austeros em sua vida, que os Prelados da maior recoleta. Forão elles Antonio Froes de Aguiar, e Dona Isabel da Camara, naturaes de Lisboa, onde era bem conhecida sua nobreza, como o estylo reformado de sua casa. Tinhão quatro filhas (dos filhos não ficou memoria): a todas poz sua mãe o nome soberano, e venturoso de Maria, porque todas lhe nascerão ao sabbado, dia de que era devotissima, como da Senhora d'elle.

N'este dia se jejuava em toda sua casa a pão, e agua, com que já era sabido, que se não accendia fogo n'ella n'aquelle dia. Em todos se rezava o Rosario, e outras devoções, como nas festas da Senhora, tendo ás Vesperas o mesmo jejum. Das filhas, falecerão duas de pouca idade, a terceira tomou o habito no Mosteiro da Annunciada em Lisboa, e chamou-se Soror Maria da Cruz; a quarta foi Soror Maria de S. José, que entrou n'esta Casa do Sacramento em hum sabbado, em outro faleceo, e tinha nascido em outro, como fica dito. Venturosa Maria! que em tres sabbados nasceo para o mundo, nasceo para a Religião, nasceo para o Ceo!

Com o exemplo de tal mãe, com os exercicios espirituaes, em que se occupava tímorata, e era que lhe servia de mestra, madrugou tanto Sor Maria para as importancias de sua alma, que de seis annos passava inteiras as noites, não lhe permittindo descanço os desejos de merecer a coroa do martyrio. Efeito era da lição dos livros das Virgens Martyres, em que sua mãe a adestrava; nem fazião menos effeito n'ella as ancias de se unir a Deos no laço de esposa, illustrando-a o Ceo para mais altas contemplações, que as que se permittião á sua idade. Mas essas são as actividades do calor do Sol Divino, que as mais tenras flôres troca em frutos, sem esperar as estações do anno, os vagares do tempo.

Tinha Sor Maria seu Confessor em S. Francisco da Cidade em Lisboa; era o mesmo de toda a familia. Chegou-se huma noite de Natal, levou-a a devoção a confessar-se; e fel-o com tanta Sor Maria, que o Confessor se admirou, e compungio. Era este o Padre Fr. Francisco dos Martyres, pessoa douta, e reformada, prendas, que lhe derão a mitra de Goa, e Primazia da India. Tinha este Padre singular dom para encaminhar espiritos, e cultivar bons propositos. Conhecia os d'aquelle tenra planta, que o Ceo já parece, que tinha destinado para as perennes amenidades do Paraíso. Ouvio-a, e com aquella applicação, de quem tinha

tanta noticia do thesouro, que se começava a descobrir n'aquella consciencia. Exhortou a com a occasião que lhe dava a Igreja, no que aquella noite representava. Dispol-a, para que recebesse em sua alma aquella Menino, que deixara o Ceo por ella. E accrescentava com efficaz persuasiva, que a noite estava desabrida para os desamparos de huma lapa; que em seu coração lhe dêsse abrigo, d'onde os suspiros o defendessem das inclemencias do tempo.

Enterneceo-se a menina, e começarão as lagrimas a ser mudas linguas, que convidavão o esposo para o seu florido leito. Assim chegou á mesa da Communhão, figurando-se-lhe, que recebia o Senhor na tenra fôrma de menino. Assim foi para casa, sem contemplar em outra cousa; assim se começou a desviar, e esconder da familia, e das mesmas irmãs, que a convidavão com o mimo, e passatempo da consoada. Fingio que estava indisposta, e que a escusava a molestia, e desceudo a huma casa terrea, e retirada, em que estava arrimada a huma parede huma grande pia de pedra, se accommodou, e escondeo no concavo d'ella, considerando, que não seria menos desabrida a lapinha, e entregando-se a huma viva contemplação do que aquella noite se vira n'ella, mereceo que o Senhor na fôrma de menino se puzesse em seus braços. Que fosse visão, ou realiade, não soube nunca resolver Sor Maria, perguntada muitas vezes de seus Confessores: mas assim lhe ficou em toda sua vida viva aquella lembrança, que jámais a repetio sem lagrimas, e piedosa ternura de sua alma.

Eleito em Arcebispo seu Confessor Fr. Francisco dos Martyres, buscou sua mãe outro em S. Domingos de Lisboa. Tinha-lh'o inculcado seu grande talento (era o Padre Fr. Francisco de Tavora); Religioso de tão conhecida observancia, que faleceo Prior na recoleta de Bemfica; sendo em tempos em que bastava aquella cargo, para recommendação muda do que o occupava. Já com os annos tinha crescido, e hia avultando Sor Maria nos exercicios santos. Muitas horas de recolhimento, e oração; penitencias exquisitas, e dissimuladas; cilicios asperos, disciplinas repetidas. Não era menos a industria com que as fazia, que o rigor com que as dobrava. Inventou huma de cordeis nodosos, e poz-lhe huma grande agulha de fazer rede, voltando-a, e trocando-a com tal arte, que com ambas as pontas ferisse. Á repetição, e violencia dos golpes cedeo o ferro; estalando-lhe, deixou boa parte de huma das pontas entranhando-as nas costas. Affligia-a a ferida, que promettia maior damno; mas a sua maior an-

cia, era o haver de descobrir-se para remedio. Fiou-se de huma prima sua de sua confiança, e de semelhante vida; mas não aproveitou nenhuma diligencia. Volta-se á Senhora do Rosario, singular protectora, e mãe sua: propõe-lhe a desconolação em que se acha: espera com viva fê ver-se soccorrida. Assim orava, quando levada de hum leve, e suave somno, se lhe representa que a Senhora a animava, e lhe dizia: «Maria, tem confiança, que serás sãa: e sabe que terás o estado de Freira, e esposa de meu Filho.» Acorda alvoroçada, acha aos pés a ponta da agulha, e sem dór a ferida.

Na abstinencia rigorosa, passava tempos sem beber agua, ardendo em sede viva. Passou assim huma Quaresma inteira. Tomava azevre na boca, antes de se sentar á mesa, para que inficionando-lhe o paladar, tirasse o gosto a tudo o que se lhe puzesse no prato. Mas já começava a dar cuidado ao inimigo das almas este estylo, com que a innocente donzella cultivava a sua. Quiz, já que não podesse divertir-a, ao menos assustal-a, porque talvez temeroso de se ver vencido nas armas da penitencia, banhadas em sangue victorioso, contenta-se de amedrentar a quem desconfia de vencer.

Tinha ella em huma arquinha os livros em que meditava, e o thesouro dos instrumentos de sua penitencia; deteve-se huma tarde junto á arca com ella aberta; assim a deixou, hindo a buscar luz (porque já não enxergava) quando ao voltar com ella, vê a arca cheia de bichos immundos, estranhos, e medonhos, todos negros, como a idéa do artifice, que alli os formara. Conheceo-o assim Sor Maria, e sem se assustar, fez o sinal da Cruz, e ao mesmo instante vio que todos sahião de tropel, desaparecendo por huma janella, que havia na casa.

Mas não se contentava Sor Maria, de ter a sua por clausura, não lhe faltando n'ella o maior concerto, e reforma de vida; suspirava pelos interesses da obediencia, pobreza, e humildade religiosa. Praticava com seu Confessor esta ancia, pedindo-lhe noticia da mais estreita recoleta. Segurou-lhe elle pelas experiencias, e conhecimento, que tinha (como Religioso da Ordem) a aspereza, e trato d'esta Casa do Sacramento. Foi accrescentar materia ao fogo. Não parou Sor Maria; fallou, importunou seu pai, que a recolhesse n'aquella Casa. Não se resolveo elle a privar-se de sua companhia, e desenganou-a. Recorreo ella ao Ceo, poz a supplica nos ouvidos de Deos. Lembrou á Virgem Mãi, sua Divina Bemfeitora, a palavra, que lhe dera. Passou algum tem-

po, e faleceu seu pai, não sendo a primeira vez, que quiz mostrar o Ceo o quanto se desagradava, de que estes estorvassem nos fillios o acerto de semelhantes propositos. Vio-se Sor Maria com mais liberdade; corta os cabellos, lança-lhe huma toalha; e vestida em trage humilde, repete á mãe a instancia, não só de que lhe permita o estado religioso, mas na recoleta do Sacramento. Concedia a mãe o primeiro como timorata, negava o segundo, porque já não tinha mais alivio, que a assistencia da boa filha; e queria vê-la em hum Mosteiro, d'onde a tratasse com menos prisão, e embaraço. Esta foi a resposta, este o ultimo desengano.

Mas Sor Maria, que nos embaraços se lhe dobravão os espiritos, recorria á Rainha dos Anjos, acompanhava a supplica com lagrimas, com jejuns, com disciplinas; e buscando seu Confessor resoluta, pediu-lhe, que ajustasse a entrada no Sacramento; que alcançasse a licença do Prelado. Não tinha o dote duvida, que era a Casa abonada. A noticia do que era, e de quem era a Noviça, facilitou o animo das Religiosas, e Prelada; e em breves dias estava tudo sem duvida. Não a tinha Sor Maria de como sahiria de casa; esperava ver algum dia a mãe fóra d'ella. Não tardou elle; pediu a huma prima sua (mulher já madura) que a acompanhasse com huma criada, que era importancia de sua consciencia. Era pessoa de que muitas vezes fiara materias d'ella, por ser de capacidade grande, e boa vida; mas nem assim lhe descubrio d'onde a levava. Chegão ao Sacramento, abre-se-lhe a porta, já a esperavão n'ella, lança-lhe a Prelada os braços, e o habito; levanta ella as mãos, e olhos ao Ceo de se ver no centro, como as Religiosas de a terem comsigo. Tem Dona Isabel sua mãe noticia do caso; nega-lhe o dote teimosa, pondo-lhe a magoa nas mãos a vingança; e deixando-se levar de sua impaciencia, deixa passar a filha dous annos de Noviça, até que a constancia da filha, ou o conhecimento do bem que fizera, lhe abrião os olhos, e lhe aconselhariaõ a verdade. Deu-lhe o dote, e vio-a professar em dia de S. Francisco, dia, que Sor Maria teve em todos os de sua vida por alegre; e Santo de que era devotissima, e o foi mais d'ahi em diante.

Porém não passaremos em silencio os dous annos de seu noviciado, ainda que d'elles não ficasse noticia de tudo. Via-se já Sor Maria d'aquellas ditosas portas para dentro; e forão taes os jubilos de sua alma,

que costumava dizer: «Que por segurar aquella ventura, viria de joelhos de maior distancia, comprando-a com os maiores trabalhos da vida.» Mas logo o Ceo quiz apurar a sua, vendo-se sujeita a huma Mestra, que lhe não dava licença para penitencias particulares. Porém deu em huma industria, que equivallesse a todas. Cortava continuamente pelo somno, tormento, que na hora da morte confessou, que fôra para ella o mais pesado. (Grande consolação para os Religiosos, que profissão coro nocturno, terem que offerecer ao Ceo hum quotidiano martyrio; e grande confusão para os soltos da lingua, e consciencia, que criminão, ou mote-jão a vida religiosa de descaçada.) Tinha Sor Maria oração na cella, e para ella se despertava cuidadosa, de sorte, que quando a hião chamar a Matinas, já a achavão orando, e algumas vezes tão transportada, que com menos diligencia a poderião divertir do somno, que da suspensão.

Mas ainda era maior a em que se sepultava depois de chegar á mesa da Communhão. Fez em huma occasião sinal a Prelada depois da oração, que tem toda a Comunidade; recolherão-se a suas cellas as Religiosas; fez Sor Maria o mesmo em casa de Noviças. Tocou-se depois á Missa; vio a Mestra, que estando todas n'ella, só faltava Sor Maria; buscou-a na cella, parecendo-lhe que adormecera, porque a achou de joelhos, e inclinada sobre a cama. Chega-se a ella, levanta-lhe o véo com que cobria o rosto, e vê-lhe os olhos abertos, e suspensos; e de todo immovel, e desacordada. Abalou-a huma vez, e outra; e levantou a voz, dizendo-lhe: «Que acudisse ao coro, que estavam já na Missa.» Acordou, e ainda pouco desembaraçada da suspensão, rompeo em hum suspiro, que mostrava sahir-lhe do interior da alma, dizendo-lhe: «Minha Mestra, ha tanto que vivo! «Quanto ha que viveis?» (lhe perguntou a Mestra.) «Ha muito que vivo» (respondeo ella) e foi para o coro, d'onde occupando-a a mesma contemplação, a nada do que se fazia, e ainda tocava ao seu cuidado, dava tino. Reparou-o a Mestra, e advertio-lhe depois, que evitasse semelhantes suspensões, e muito mais d'onde tantos olhos podião ser testemunhas, porque o demonio era industrioso, e aquellas demonstrações tinham risco.

Escutou Sor Maria o conselho, e observou-o como lei; e assim começou a recatar sua vida, que parou entre as Religiosas aquella grande opinião, que tinham recebido d'ella. Grande discipula da doutrina da Sabedoria increada, que mandou dissimular as abstinencias com exteriores

composturas, e aconsellhou furtar aos olhos da terra os commercios do Geo!

### CAPITULO XXXIII

*Continua-se a vida da Madre Soror Maria; dá-se noticia de seu ditoso transitio.*

Professa, e obrigada já Soror Maria aos institutos da Religião, na observancia d'elles foi exacta, no que se lhe adiantava, excessiva; não sendo o menor prodigio, que hum trato tão rigoroso, por mais que de todo lhe não debilitasse as forças, lhe não arriscasse sequer alguma vez a saude, porque não padeceo nunca enfermidade, mais que a que precedeo á sua morte. Sobre os sete mezes continuos de jejum das Constituições, accrescentava nos mezes livres tres dias na semana da mesma abstinencia. Quintas, sextas, e sabbados. Ás festas de nossa Senhora, e nosso Padre S. Domingos, precedião nove dias de jejum. Na Quaresma as sextas feiras a pão, e agua. O mesmo toda a semana da Paixão, e semana santa; e n'esta á quarta, sexta, e sabbado não comia nada.

Nas vespéras de Communhão comia huma só vez ao jantar, e isso, ou hervas, ou legumes sem outra cousa. De ovos, e laticinios se abstinha em todo o anno, e de todo o prato, que promettia regalo, deixando-o para os pobres entre os sobejos, que na mesa se tirão para elles. Muitos dias continuados não bebia. Era martyrio, a que havia muito se tinha senteneado, e como a occupavão em officios de trabalho, e continuamente trazia azevre na boca, erão ardentissimas as sedes que padezia. Ajuntou a este tormento o de não perdoar ao somno; assim andava tão seca, e mirrada, que só o movimento a testemunhava viva.

Mas digamos, ou individuemos alguma acção de sua abstinencia, e parcimonia. Costuma-se na Communidade, ou por festas grandes, ou por entradas, ou por profissões de Noviças, accrescentar o prato ás Religiosas. Avisarão a Prioreza, que Sor Maria n'aquelles dias não comia nada, e tudo repartia com as doentes, e com os pobres. Poz-lhe a Prelada hum preceito, que comesse de tudo, e vio-se a boa Madre em hum grande aperto; mas sahio d'elle seu espirito com huma notavel industria, para compôr o seu gosto com a obediencia. Tomou de tudo o que em semelhante occasião lhe veio á mesa, hum pouco, e junto em prato, e revolido n'elle, fez hum tal mixto, que não só podia offender o gosto,

mas ainda só visto metia asco! Isto comeo, satisfazendo ao preceito, e achando caminho para ser maior a mortificação, comendo, que jejuando: porque houve occasião em que confessou o que padecera comendo.

Já invejava o demonio as circumstancias com que sempre sahia victoriosa a sua abstinencia, e buscou occasião de armar-lhe huma cilada. Cahio hum anno a festa da Natividade da Senhora em huma segunda feira, e deliberou Sor Maria, por devoção, e não por voto, jejuar todas as d'aquelle anno. Seguiu-se pouco depois o haver huma Procissão em huma segunda feira, e foi dia de Communhão, como n'aquelles he costume da Casa. Havia aquella noite huma colação mais aventajada, que com mão larga tinhão mandado os pais da professa. Tem isto o nome de recreação. Passadas Completas, vierão para o lugar d'ella as Religiosas, e Sor Maria com ellas. Estava debilitada. Jejuara estreitamente o dia de antes, como nas vespersas de Communhão costumava; mas era aquella dia, como segunda feira, o da sua promessa. Não se escondeo ao demonio, que tinha occasião para o assalto, com huma antiga astucia, com que já no deserto lhe dera a fome ousadia para aconselhar a gula. E parece, que propunha agora a Sor Maria (vendo-a reduzida a hum extremo de fraqueza) «que dispensasse com o jejum, que era devoção, e não voto, e o podia satisfazer em qualquer segunda feira de outro anno. Que estando tão debilitada, antes era remedio, que regalo; e na lei da charidade propria estava obrigada a evitar hum desfalecimento. que depois a podia reduzir a faltar ao instituto. Que mais meritorio era fomentar as forças para as sacrificar á obediencia, que apoucal-as por satisfazer á devoção.» Assim se vio atribulada, e combatida Sor Maria; mas assim esteve constante, e continuou resoluta. Acabada a colação, forão as Religiosas (assim he estylo) ao coro cantar hum hymno, e outras commemorações ao Sacramento; e ao recolherem-se, pedio a Madre Sor Maria á Religiosa, que se seguia pela vigia do Senhor, que a deixasse em seu lugar; e posta em oração, sentio improvisamente huma tal suavidade em seu espirito, que totalmente esquecida da fraqueza, de que se vira combatida, passou orando a noite inteira. Assim ficou o demonio envergonhado de o vencer a fraqueza, como Sor Maria novamente victoriosa em triunfar com ella.

Acompanhavão a estas abstinencias iguaes vigalias, passando muitas noites sem tomar algum genero de repouso. Quando pelo verão são as Matinas de tarde, vigiava no coro quasi sempre toda a noite. Se descançava n'ella, erão tres, ou quatro horas, e vestida sobre a cama, ou

ao pé de hum altar de nossa Senhora. Havendo Matinas, não se deitava depois d'ellas; passava orando, ou na cella, ou no coro. A tunica de lã, que trazia junto á carne, mudava poucas vezes. Sobre as costas trazia huma cruz de bicos de ferro, que lh'as andava sangrando. Apertava-se rigorosamente com cilícios de ferro, e nas partes mais sensiveis do corpo se martyrizava com huns ferros, que chamão despertadores. As disciplinas de grossas cadeas de ferro, que não resistião á força do braço, porque antes se quebravão ellas, que cançasse elle. Pela Quaresma se sangrava com ellas cruelmente todas as noites, e não sei se podia admirar o haver lugar para tantos golpes, ou o haver sangue para todos elles. Mas a maior, e mais penosa circumstancia n'este, como em outros martyrios era para Sor Maria o occultal-os. Lá se retirava, e se escondia em huma casa de despejos, escura, e escusa; mas se podia esconder o sangue, não sabia callar o golpe. Mas digamos tudo (com o que achamos apontado do Mestre Frei Antonio da Encarnação) d'esta grande penitente, porque fazendo reflexão no que sabia d'ella, resolveo, que mais prudencia seria occultal-o, porque não caberia na escritura, nem no credito. Mas tocaremos só huma cousa sua individualmente n'este ponto de mortificada, e ficará, ou inferindo, ou facilitando o que se dissimula.

Achava-se huma Religiosa velha, e muito achacada, na casa dos lavatorios de pés, lugar a que se retirão as Religiosas, quando o pede a necessidade; era grande a d'esta, por trazer aquella parte cheia de unguentos, feridas, e miserias. Tinha-se acabado de lavar, e não a ajudavão as forças a lançar fóra a agua. Sentio, que passavão, e pedia a que a aliviassem d'aquelle trabalho. Era Sor Maria a que hia, e com importancia, que não admittia detença; passou adiante, sem dar reposta; mas voltando d'ahi a algum espaço, e não achando já a doente (que como pôde, sahira, e se recolhera á enfermaria, deixando alli a agua immunda, e asquerosa) se suspendeo hum pouco, e entendendo, que faltara á charidade de algum modo, foi tal a sua dôr, que querendo vingar-se de si mesma, poz aquella agua immunda á boca, e levou hum golpe d'ella. Lançou a mais fóra, e assim ficou socegada. Bom exemplo para provar em huma só acção dous excessos bem desempenhados, de mortificada, e caritativa!

Assim ao passo de sua mortificação era sua charidade tão intensa, que como se trouxera o coração em humia viva braza, ou huma acceza lava-reda, bastava ver huma imagem, ou ouvir fallar em Deos huma palavra,

para subir logo a elle, como a centro d'aquelle fogo, sendo-lhe precisa muita vigilancia, para não ficar a cada instante transportada. Assim se acautelava, se havia de hir para preciso trabalho de alguma officina, não hindo por junto ao coro, porque sem duvida esquecida de tudo, ou ficava, ou ao menos se detinha. Nascia-lhe d'esta continua ancia de estar com Deos, huma continua, e santa inveja das que logravão esta delicia sem embaraço, nos seus dias de retiro. Erão estes (como já dissemos) os em que se apartão as Religiosas com licença da Prelada, para os exercicios da contemplação, e penitencia.

Sucedeeo passar por diante de Sor Maria huma Religiosa com o véo pelo rosto (sinal de que estava nos seus dias de deserto) e bastou esta vista para se lhe atear o coração em vivos desejos d'aquella occupação angelica. Suspirou, encherão-se-lhe os olhos de agua, e levantou-os ao Ceo, com huma saudosa e enternecida ancia, mais bem escutada, quanto mais muda. Não lhe tardou a reposta, porque começando a sentir huma suavidade grande em sua alma, se suspendeo a ouvir no mais interior d'ella, que lhe dizia: «Não te desconsoles; que mais me agradas aqui.» Estava então na Vestiaria, officina, e occupação, em que nenhum tempo basta para acodir, e enroupar as Religiosas, em especial as enfermas.

Outro caso lhe deu experiencia do que o Senhor gostava de a ver desvelada por caritativa. Era enfermeira, e porque as doentes não padecessem alguma falta nas da sua assistencia, servia-lhe commumente de cama o pé de hum altar de nossa Senhora. Aqui se encostou huma noite com advertencia de acodir com pressa a huma velhinha, que padecia muito entevada; e mal pegou no somno, quando se lhe apresentou, que via com mais clareza, que a de quem sonha, que a Senhora lhe dava o Menino, que tinha nos braços, e que elle estendia graciosamente os seus, e se chegava a ella, e a abraçava. Suspendia-se n'esta delicia grande de sua alma, quando a acordou (se he que dormia) a queixa da enferma. Levantou-se ligeira, acodio-lhe com o que pedia, e agasalhou-a de sorte, que a deixou dormindo. Volta ao lugar do seu descanso, com saudades do que n'elle se lhe tinha representado, quando vê acordada, e advertida ao Menino, que deixando os braços da mãe, estava em pé no altar com os seus abertos. Estende-os Sor Maria, e beijando-lhe os pés, prostra-se por terra, rebenta-lhe o coração em doces lagrimas de alegria, e não se atreve

a levantar-se em grande espaço, sepultada no abysmo do conhecimento proprio.

Iguaes mimos mereceo por muitas vezes esta Madre, mas nas occasiões de Communhão mais singularmente, de que se lhe seguio com Deos huma tal familiaridade, que lhe parecia, que sempre andava junto a ella, que a escutava, e lhe respondia. Tirava hum dia o manto, vindo de commungar, lançando-o na cella com magoa de o não haver mister tão cedo, para aquella occasião de seu maior gosto, e dizia-lhe: «Abi estarás estes oito dias.» Ouvio logo clara, e distinctamente, que lhe dizião: «E eu contigo.»

Orava em semelhante occasião; e entrando-se do conhecimento do nada, que era, e o tudo, que recebera em sua alma, formava juizo de que o Senhor estaria alli violentado. Foi-lhe respondido: «Não estou senão por meu gosto.» Levantava-se sempre d'aquella mesa sagrada, e entrava na contemplação de que se abraçava com os pés de Christo, e lhe beijava suas divinas chagas. Atearão-se huma vez mais estes desejos, e estalando com a sequiosa ancia do Apostolo, de deixar, ou romper os laços do corpo, e estar com Christo, pedia ao Senhor: «Que a levasse consigo, que o viver lhe era violento.» E ouvio logo em seu coração, que se lhe dizia: «Por hora não pôde ser; mas eu ficarei contigo.»

Contemplava em huma dominga do Advento, que se via aos pés do mesmo Senhor, e dizia-lhe: «Que para o Natal o havia de receber em sua alma em fórma de menino, e contentar este desejo, com que todo este tempo o estaria suspirando.» Mas satisfez-lh'o o mesmo Senhor; porque ouvindo que lhe dizia: «Aqui me tens já feito menino; «vio na mesma visão, que nos braços, e debaixo do véo o tinha na mesma fórma. Mas assim ficava em semelhantes occasiões transportada, e alheia, que tinha escrupulos de que não assistia á Missa, e Officios Divinos. Mas andava advertida em fazer reflexão na publicidade em que estava, e no que havia annos lhe aconselhara sua Mestra, sendo ainda noviça, que semelhantes singularidades só escondidas estavão seguras.

Observava-o assim a Madre Sor Maria, e com huma dissimulação, e cautela tão prevista, que só sua morte, e seus Confessores, tirarão sua vida das opiniões de commua, porque nos exteriores em nada a vião singularizada. Mas chegava-se o tempo dos immortaes premios d'ella, e precedeo huma doença tão cruel, como se agora os começara a merecer de novo. Em toda sua vida (como já advertimos) não padeceo a Madre

Sor Maria achaque, ou doença, suspirando sempre por tudo o que fosse martyrio (que este desejo parece, que trouxe do berço, pois de seis annos não tinha outro mais vivo). Agora lhe queria o Senhor fazer esse mimo, como se em toda sua vida lh'o andara merecendo, ou como quem nas vespas do premio apurava as industrias de lh'o arzoar augmentado.

Entrou a Quaresma de 1657, e começou a sentir hum pejo na garganta, que sem lhe impedir a respiração, e a voz, lh'e embaraçava o engulir; e assim foi crescendo, que em breves dias levava pouco sustento, e á custa de grande martyrio; mas costumada á sua abstinencia, não estranhava o pouco sustento. Tudo occultava penitente industriosa; mas soube-o a Prelada, poz-lhe obediencia, que se sujeitasse á enfermaria, e foi o mesmo, que cahir nas mãos de algozês rigorosos, que não são outra cousa remedios sem effeitos. Recorrerão os Medicos a hum, que foi abrir-lhe fontes; e era este o remedio, a que a Madre Sor Maria em toda sua vida mostrara inflexível repugnancia; mas diremos brevemente a causa, porque se sacrificou a ellas sem nenhuma.

Algun tempo antes d'este achaque, affervorando-se hum dia na oração, e abrazando-se em desejos de padecer por Deos os mais desusados, e exquisitos tormentos, se lhe representarão muitos, e os que mais repugnancia fazião á sua natureza. Entrou aqui o das fontes. Não nascia só da dôr a repugnancia, mas da honestidade, e modestia. Sabio a natureza com o primeiro impulso de rebelde; mas assim lh'o rebateo com hum acto de resignação, que não só se offereceo para aquelle tormento, mas pedio a Deos, que a não deixasse acabar sem experimental-o. Via agora, que lhe dispensava Deos esse mimo, e sujeitava-se gostosa; porque entendendo que era aquelle achaque ultimo, já se alcançava, que não vinha a remediar-lhe a queixa, mas a satisfazer-lhe a supplica.

Foi assim, que nada aproveitarão as fontes, mais que em dar exercicio ao sofrimento, antes se lhe aggravou o mal de sorte, que já nem commungava, nem levava para baixo mais que cousa liquida; e até esta (como a agua) lhe entrava no estomago com huma tão vehemente resistencia, que foi tormento, que de nenhum modo soube explicar ao seu Confessor. Assim estava penando martyr de fome, e sede. Levantou-se, ainda que com difficuldade, para ir á Kalenda do Natal; mas assim se recolheo sem alento, que o não teve para ir no dia ao coro. Chegou a segunda oitava, dia do Evangelista; disse, que queria ir commungar.

Lembravão-lhe o como estava; porque para ir não tinha alento, e para commungar, não levava nada para baixo: «Deixem-me ir (repetio com segurança) que sim terei forças para chegar ao córo, e licença para commungar sem estorvo, porque eu vou tomar o Viatico. A resolução com que o pedia, e o conhecimento, que já se espalhava do thesouro de sua consciencia, facilitarão huma cõusa, e outra; foi ao coro, arrimada a huma muleta, recebeo o Senhor sem embaraço (como se nunca o tivera) e voltou para a cella, deixando a todas edificadas, e suspensas.

Como se lhe impedio de todo a via do sustento (que em quinze dias, que durou, não levou nada) pareceo ás Religiosas, que lhe ficasse de noite assistindo huma. Respondeo: «Que escutassem aquelle trabalho; que ainda não era chegado o tempo.» A outra, que a consolava com esperanças de alivio, disse: «Já, Madre, não ha lugar para consolação, nem alivio; que estou posta em padecer, porque assim he vontade de Deos.» Callava assim as dores, e trocava os gemidos em soliloquios (que repetia continuamente) beijando os pés de hum Crucifixo, que tinha junto á cama, admirando todas, como tinha espirito para lançar huma palavra, estando destituida dos alimentos da vida. Repetia com devoção, e pausa o *Miserere*; e chegando ao verso: *Tibi soli peccavi*, crescião tanto as lagrimas, que só dizia o mais com ellas. Já desembaraçada, repetia o verso: *In manus tuas Domine commendo spiritum meum*, acrescentando: *Alleluia*; erão sem duvida seguras esperanças das eternas alegrias.

Menos duvidarão as Religiosas, que serião reflexos d'ellas, a com que tôdas as manhãas achavão a doente com hum tão desassombrado, e aprasivel semblante, que lhes parecia, que algum milagre a tinha já livre do achaque. Serião talvez raios da visão matutina, que lhe começavão a ferrar no rosto, enxugando-lhe as lagrimas, com que lh'o banbara a noite do tormento; que essa foi a promessa, que David fez, em nome de Deos, aos justos, anoitecer chorando, para amanhecer rindo: *Ad vesperam demorabitur fletus et ad matulinum letitia*.

Não se fez menos reparo em outro prodigio, não menos averiguado, porque não achavão só as Religiosas pela manhãa alegre a doente, mas cheia a cella de huma desusada fragrancia, que despertou os reparos, tanto por continuada, como por exquisita. Inquirirão com miudeza, se se tinha feito algum perfume, ainda em lugar distante; se se accendera, ou entornara alguma caçoula: achou-se que não; e continuando, entendião já que não seria outro o cheiro, mais que a oração, precioso fumo,

que do abraçado altar do peito da venturosa moribunda subia á presença de Deos em toda a hora.

Acompanhavão a este sacrificio implacaveis ancias da fraqueza, e debilidade do estomago, que a cada instante a cobrião com suores de morte. Desenganáo-se os Medicos de continuar com as sangrias; foi hum de voto de ventosas sarjadas. Respondeo ella : «Que era escusada diligencia;» mas entrando em escrupulo de que era escusar-se áquelle martyrio, fez que se obedecesse ao voto do Medico, advertindo, que nada teria effeito. Cercavão-a as Religiosas, admiradas de sua paciencia, confundidas de sua confiança, e persuadião-a com lagrimas, que fizesse rogativas, e votos aos Santos; segurava-lhe a Prioieza, que tinha alli a Comunidade para desempenhal-os; respondeo : «Que já não era tempo de votos, nem de diligencias por sua vida, porque a vontade de Deos havia de ser feita.» E tornando a Prelada: «Que visto estar tão debilitada, seria conveniente dar-lhe a Unção,» disse : «Que não era ainda necessaria; porque ainda havia de viver mais de hum dia; e assim foi, porque faleceo ao sabbado, succedendo isto á quinta feira. Mas vendo, que a Prelada instava, disse : «Que alli estava sujeita a tudo, ainda que era cedo;» e lançando mão de huma pequena lamina da Senhora da Piedade (n'aquella extrema agonia, em que teve a seu filho morto em os braços) que tinha á cabeceira, e tivera sempre na sua cella, pondo-a sobre o coração, na boca, e nos olhos, com elles cubertos de lagrimas, convidando as Religiosas a que a acompanhassem com as suas, lhe propunha semelhantes affectos :

«Bem dita seja, Mãi soberana de misericordia, a hora, em que tive uso de razão para vos conhecer, e adorar. Louvem-vos os Anjos, que sendo vós minha Advogada, já tenho confiança de ir acompanhar a sua melodia. Seja bem dito o dia em que entrei n'esta Casa, para fazer em vosso serviço a minha escravidão venturosa. Conheço, e confesso, que sois Mãi de Deos, seu Sacratio, que o trouxestes no ventre; seu throno, que o tivestes, e tendes nos braços; e tambem conheço, que nem o seres Mãi de hum Deos, vos esquivou, para que o não fosses dos homens, porque pode mais em vós a piedade, que o privilegio; ou antes estimastes o privilegio, por ser maior a piedade; e quem escolhida para mãi se reconheceo escrava, não havia de desconhecer filhos escravos, por se vêr Mãi do Senhor. Mas deixai-me, soberana Senhora, ter esta gloria, que vos adoro singularmente por mãi, e por senhora minha. O

título da Piedade me deu a confiança; que se he título, que vos pöz nos braços hum Filho sem vida, tambem será o que vos consinta aos pés huma filha quasi sem ella. O vosso amparo experimentei sempre, vivendo; e nos vossos dias contei sempre as minhas maiores venturas; e se vivendo, vos experimentei sempre protectora, morreado, não deixarei de achar-vos advogada. Agora, que he maior o meu risco, será maior piedade o vosso amparo; e se estais com os braços abertos, sustentando em vosso Filho os desmaios da morte, aonde recorrerão os da minha, mais que aos braços da vossa piedade? Valei-me, soberana, Senhora; que se eu na vida escolhi o vosso nome para valia, na morte o faço a essa imagem para segurança. Quem mereceo o vosso nome, já começou a merecer a vossa piedade.»

Com semelhantes supplicas, e ternuras piedosas, se foi engolfando a Madre Sor Maria de sorte, que foi preciso advertil-a huma Religiosa, para que algum desmaio a não privasse do sentido, embaraçando-a para receber o ultimo sacramento. Voltou a quem lhe fazia a advertencia, e disse-lhe; «Deixe-me Madre, que com o aviso, que me derão, parece que me não cabe a alma no corpo de alegria.» Recebeo a União com grande socego, com os olhos suspensos, e pasmados, como sepultada em huma contemplação profunda. Hidos os Padres, chegarão as Religiosas a despedir-se d'ella, e ella as hia abraçando com tanto socego, e agrado, que antes parecião parabens, que despedidas.

Pedião-lhe todas, que as encommendasse a Deos, e cada huma em particular ao Santo de sua devoção; e ella respondia com segurança: «Que assim o faria», como se estivera já com os pés na porta do Ceo. Assim era tal o socego das palavras, e a alegria do semblante, que disse huma Religiosa: «Se isto succede por este estylo, quem já temerá a morte?» E chegando-se a Prelada a ella, e pedindo-lhe, que para edificação de todas, e alivio das saudades, que lhes deixava, lhes dissesse alguma cousa, respondeo: «Que póde dizer huma tão grande peccadora, carregada de culpas, e com o tribunal á vista, para dar o descargo d'ellas? Mas pois me mandão, digo (e o mais importante) que sejam obedientes, sem mais vontade, que a dos Prelados, e Preladas; porque não ha mais direito caminho para subir ao monte da perfeição, nem melhor norte para acertar, e seguir esse caminho. Sejam muito devotas de nossa Senhora, que he boa, e verdadeira mãã; e pois desejão boa morte, entre as mais devoções, rezem-lhe todos os dias tres vezes a oração da Salve

Rainha, offerecida ás angustias, que padeceo ao pé da Cruz; e lembrem-se, que ha de chegar esta hora, e que duas cousas importão muito nella, ter esta grande advogada, e tel-a merecido na vida.»

Voltou-se depois á enfermeira, porque as Religiosas forão para o coro; e pediu-lhe, que lhe trouxesse para junto á cama tudo o que pertencia á mortalha, ensinando-lhe o que havia de fazer com muita miudeza, porque era a enfermeira nova no officio, e ainda na casa. Dispunha assim sua jornada, como a que tinha (ao que parece) noticia do venturoso termo d'ella. Grande conselho a vida da Madre Sor Maria, para ensinar a não temer a morte! E grande consolação a sua morte, para esperar premiada a boa vida!

Pareceo tempo de entrarem os Religiosos para o officio d'aquella hora, porque a fraqueza era extrema. Acabado elle, disse a huma Religiosa, que alternasse com ella o *Te Deum laudamus*, e no fim o verso: *In manus tuas Domine* com *Alleluia*. Trouxerão-lhe o Menino Jesus, que na profissão entregão ás Religiosas, e dizendo-lhe: «Que aquelle era o seu Esposo,» continuou (alegrando-se com sua vista) «Sim he, e confio, que o ha de ser por toda a eternidade.» O mesmo repetio, chegando-lhe a boca aos pés de hum devoto crucifixo; e advertindo-lhe, que lhe pedisse, que a levasse consigo para o seu Reino, disse: «Para lá vou, e comigo o levo na minha alma.»

Passou a noite (era a em que estava de huma sexta para o sabbado) em protestação da Fé, colloquios com Deos, supplicas com os Santos; descansando logo com os olhos fechados, como que contemplava, e abria-os, dizendo com viveza, e alegria: *Alleluia*. Chegou a noite do sabbado, fez hum termo, e tornarão a rezar-lhe o Officio; e dizendo-lhe, que se valesse de nosso Patriarcha S. Domingos, de quem era filha, e dos Santos de sua devoção, os começou a invocar, principiando por nossa Senhora, depois S. Domingos, S. José, Santa Catharina de Sena, S. Francisco, Santo Thomaz, Santa Theresa. Levantou n'isto repentinamente os olhos (como sobre os pés da cama) para o mais alto da cella, e sem dar acôrdo de mais nada, gritou com grande ancia huma vez, e outra: «Esperem, esperem.» E perguntando-lhe, por quem havião de esperar, respondeo apressadamente: «Nossa Senhora;» e continuou: «Esperem, esperem;» e com tanta violencia, que affirmou quem estava junto da cama, que chegou a levantar meio corpo d'ella.

Cabio logo sem alento, como que lhe desaparecera a visão, cercan-

do-a de repente as sombras da morte; e tornando a perguntar-lhe: «Por quem havião de esperar, que tanto gritara? Respondeo (abaixando os olhos, como alcançada do que tinha dito): «A misericórdia do Senhor.» Pedio logo a imagem de Christo crucificado, apertando-a com os braços sobre o rosto, repetio o verso: *In manus tuas Domine commendo spiritum meum*; e fez em sua alma, o que se lhe escutava na boca, em hum sabado 12 de Janeiro de 1658.

## CAPITULO XXXIV

### *Da Madre Soror Clara do Santissimo Sacramento.*

Resolveo altamente o Sabio (I), quando ensinou que era reciproco o interesse da boa fama entre os pais, e os filhos, que os filhos servião aos pais de coroa, os pais aos filhos de gloria. Os filhos aos pais, porque estes gerarão filhos, que forão justificados; os pais aos filhos, porque estes forão gerados de pais, que forão virtuosos: *Coronam senum filii filiorum, et gloria filiorum patres eorum*. Agora temos entre mãos o proverbio nas vidas da Madre Soror Clara, e de sua mãe Joanna de Salinas, porque as virtudes da filha nos obrigão a fallar nas da mãe, as da mãe nos advertem que forão os mudos documentos da filha, ficando huma sendo reciprocamente gloria de outra. A filha coroa da mãe, por esta ser mãe de huma filha, benemerita de avultar entre as grandes d'esta Casa; a mãe coroa da filha, por ser esta filha de huma mãe, benemerita da opinião de justa. Porém como Joanna de Salinas foi Freira da Terceira Ordem Carmelitana descalça, não roubaremos no assumpto a gloria ao Chronista d'aquella grande familia, tocando só da mãe o que basta para conhecimento do que n'ella imitou a filha.

Tomou estado de casada Joanna de Salinas com Pedro Nidrofe, e deu-lhe Deos a benção de muitos filhos, que forão treze. Seis sem chegarem ao uso de razão, lhe levou o Ceo, como se fizera partilhas, deixando-lhe os sete, como por emprestimo, porque todos estes começarão logo a pisar o caminho, que os outros passarão voando. Dous filhos tomarão o habito Carmelitano dos descalços. Duas filhas o de S. Francisco da Primeira Observancia, no Mosteiro de nossa Senhora da Quietação, vulgarmente chamado das Flamengas em Alcantara, lugar entre Belem,

(1) Proverb. cap. 17. v. 6.

e Lisboa. Outras duas o de S. Domingos na nova Recoleta d'esta Casa do Sacramento, de que huma foi a Madre Sor Magdalena do Espirito Santo, de que já fallamos, a outra a Madre Soror Clara do Sacramento, de que agora fallaremos. Outro filho, finalmente, seguiu as armas, experimentando nos casos d'ellas a maior inconstancia da fortuna, e risco da vida, especialmente em hum cerco de Tarragona, de que se retirou a hum hospital, em que o fez escravo a charidade, começando a premial-o com huma placida, e venturosa morte.

Estes forão os caminhos, por onde os filhos de Joanna de Salinas, irmãos de Soror Clara, se forão chegando ao centro, a que os chamava seu espirito, de que parece lhe quiz o Ceo dar anticipada noticia, porque falecidos os primeiros seis, estando hum dia com o cuidado de que vida terião os sete, com que se achava, pegou no *Flos Sanctorum*, lição sua quotidiana, e mais gostosa, quanto mais se cultivava, quando a poucas folhas encontrou com a vida de huma Santa, que tivera sete filhos, todos merecedores do mesmo titulo da mãe. Seguiu-se a este bom annuncio a confirmação do que tivera de mysterio, mais que de acaso; porque querendo a outro dia repetir a mesma lição, buscou a vida da Santa, e não foi possível descobri-la, corrido o livro folha por folha da sua, como de outra diligencia.

Pagava Joanna de Salinas ao Ceo estes piedosos desvelos com os seus devotos, e quotidianos exercicios, sendo em todos elles aquella varonil mulher, que encarecia o Sabio, verdadeira mãe de familias na educação dos filhos, e no cuidado dos servos. Mas queria-a o Ceo toda para si; soltou-a, por morte do marido, das prisões do matrimonio, ficando em sua liberdade, para poder sacrificar-a à Terceira Regra Carmelitana descalça, tão observante em todas as obrigações d'ella, que em breve tempo servio de exemplar da observancia, como de edificação a quem a conhecia, e tratava. Penitente, e humilde, mereceo sinalados mimos da mão de Deos, sendo hum d'elles a luz, e conhecimento de cousas futuras. Outros maiores logrou de sua divina liberalidade, especialmente n'aquella sagrada Mesa, em que sempre suspirava iguaria do Ceo para sustento de huma vida, que já não era da terra. Assim por ordem de seus Confessores commungava tres vezes na semana.

Padeceo muito, assim nas sem-razões da fortuna, como nas perseguições do inimigo, e sempre constante, entre humas, e outras, veio a falecer coroada com os triunfos de ambas, recebidos os sacramentos com

demonstrações piedosas, sem se lhe ouvir mais que este gemido (repetido com grande ternura de sua alma): «Ai amor!» como se lhe tirara a vida aquella setta abrazada, que passou o coração a sua mestra, a grande Theresa. Faleceo a 12 de Setembro de 1650 em huma segunda feira, as tres horas depois da meia noite, e na quinta seguinte á mesma hora foi deseuberta a gloria de sua alma a huma serva de Deos, amiga sua, que orava por ella, que a tratara em vida, lhe assistira na doença, e a acompanhara á sepultura. Derão-lh'a seus irmãos, os Religiosos descalços, na sua Casa da Senhora dos Remedios. Não pareça esta digressão escusada, porque sobre pagarmos a esta virtuosa mãe com huma memoria o darnos duas filhas tão merecedoras d'ella, he razão, que se saiba, que toda esta familia foi santa, pois temos tão grande parte n'ella.

Assim foi Joanna de Salinas a mestra igualmente, que mãe de Sor Clara. Aquella vida foi o espelho, a que Sor Clara compoz a sua; de sorte, que se verificarão em Sor Clara as maximas da graça pelo estylo proporcionado das da natureza, que ensinão, que são as filhas mais proprias imagens das mãis. Agora prevaleceo o espirito ao corpo, sabindo Sor Clara huma viva copia de sua mãe, mais viva nas harmonias da virtude, que do sangue. Já nos primeiros annos lhe parecia pouco todo o tempo para exercicios piedosos, levando mais a charidade com as almas do Purgatorio, afflicção, e tormento, que nunca lhe sahia do sentido.

Mas começarão a affastar-lhe o socego d'aquella vida os pertendentes de sua fermosura, tão rara, que ainda á vista dos que attendião a todos os commodos do matrimonio, sahia com valor de dote pertendido. Não era sua mãe de voto d'aquelle genero de vida, mas vinha n'elle forçada, porque os achaques, que Sor Clara padecia, não lhe permittirião o estado da clausura, menos as da observancia, que erão as a que mais se inclinava, e com tenacidade tão considerada, que se defendia com boas razões de alguma, que a despersuadia, como dizendo: «Que a Deos se devia sacrificar o melhor: e que, já que não tinha forças, offereceria a Deos aquella, que a estimação humana tinha por preciosidade da natureza, e chamavão fermosura. Que os achaques terião respeito áquelle ditoso estado, porque Deos não podia deixar de os moderar em quem só desejava saude para o servir: e que quando não fosse servido de lhe dar remedio, teria que lhe offerecer n'elles mais esse sacrificio; e finalmente, que melhor se havia de achar Freira achacada, que em qualquer estado sãdia.»

Apoiava estas razões com não dar ouvidos a nenhum partido, ainda que não tinha determinado escolha de Mosteiro. Convidavão-a as irmãs, que tinha no das Flamengas; duas vezes foi em companhia de sua irmã Sor Maria Magdalena visital-as com tenção do ajuste; de ambas houve desvios para elle, como depois causa maior que as deliberou a buscarem a Recoleta d'esta Casa. Seria conselho do Ceo; assim o parece, porque foi o seguinte.

Estava Clara Nidrofe em casa de huma tia sua; costumava subir a huma varanda alta, que descobria todo o bairro de Alcantara, e os dous Mosteiros, o das Flamengas, e o do Sacramento, ainda que mui distantes hum do outro. Detinha-se n'esta vista huma noite de luar das mais claras, e serenas, quando lançando os olhos para a parte do Sacramento, vê sobre o Mosteiro huma grande Cruz, que se formava de huma sombra. Reparou, suspendeo-se, e ao mesmo instante sentio hum interior abalo, a que se seguiu huma inspiração efficassissima, em que conheceo estava a cruz da sua vida n'aquella Casa. Communicou o successo com sua irmã, e derão ambas pressa a recolher-se n'ella com tanto alvoroço, como se poderão desconhecer que a cruz, que as chamava, era hum claro emblema da vida mais penosa. Foi a sua entrada n'este Mosteiro em 30 de Outubro de 1632, e succedeo a Sor Clara o que se vaticinara de que Deos lhe daria saude para ser Freira; porque em todo o anno do noviçado (sendo o de maior trabalho) não teve queixa que a obrigasse a ficar hum dia do coro, sendo depois tantos seus achaques, que bem se póde chamar martyr d'elles,

Não tardou o martyrio, porque a pouco tempo de professa cahio de huma febre aguda; logo começou a ir a cura errada, e começarão as mesinhas a ser tormento, e não ser remedio. Chegou a mais, porque receitando o Medico hum minorativo, em que havia de vir hum particular ingrediente, fosse erro da penna, que por mais huma letra, poz outro, que era pouco menos, que peçonha; seguiu-se á inadvertencia do Medico a do Boticario: tomou Sor Clara a bebida, e forão taes os effectos, que inquirindo o Medico a receita, e visto o engano d'ella, teve a prodigio o achal-a com vida: mas inchando-lhe huma face, e apertando-se lhe a garganta, foi tal o fastio, taes as dores, que sem ter hum instante de socego, nem levar sustento de consideração para baixo, se resolveo em breves dias sua fermosura á verdade do que era, trocando

suas flores em o seco fruto de huma caveira, que se não colhe outro das flores da fermosura.

Mas era tal seu sofrimento, sua paciencia no meio de dores, que ameaçavão a vida, que sem se lhe ouvir hum ai, ou huma queixa, vierão as Religiosas a chamar-lhe «a nossa Cordeirinha», lembradas do innocente Cordeiro, que caminhou ao lugar do sacrificio, tão atormentado, como emmudecido. Não podia Sor Clara levântar-se da cama, porque não havia parte em seu corpo, que não sentisse especial tormento. Assim chamava ao leito o seu purgatorio: lembrava-se ella mais n'este dos espiritos, que padecião no fogo d'aquelle. Assim rezava por elles tres vezes na noite, e em se achando com algum alento, que se podesse vestir, ainda que com trabalho, levantava-se, e posta de joelhos, encostada na cama, se detinha em oração.

Esta era sua vida, padecer, e orar, porque nada lhe lembrava da que deixara, tal foi a resolução, e despego com que a deixou, e se sepultou n'esta Casa. Morrerão os parentes para ella, e nem de sua mãe sabia, se quer por letra, de sorte, que escrevendo muito bem quando entrara, depois escassamente punha a sua firma, como (sendo preciso) se vio por experiencia.

Hum dos pactos, que fez com seu Esposo, quando recebeo como da sua mão aquelles aclaques, foi de não haver de lhe pedir remedio, nem alivio n'elles, menos vida, senão para sofrer, ou se fosse sua vontade, o alento que bastasse para o ir buscar, e receber; assim pedia, que a levassem em hum carrinho, que havia no Mosteiro, ao confessorario, d'alli ao coro, e commungatorio, que era o unico alivio, que lhe fazia esquecer o que estava padecendo. Não deixou o Senhor de communicar muitos a sua alma, em quanto o servio com este genero de vida; mas porque o nosso emprego he historia, e não revelações, só apontarei duas entre as muitas, de que fizerão memoria seus Confessores.

Suspendia-se Sor Clara hum dia orando depois de commungar; e representando-se-lhe vivamente, que tinha na boca huma memoria de metal desconhecido (mas precioso) se lhe propuzerão logo os desposorios, que o Senhor celebrava com as almas justas, entendendo, que aquella memoria era huma segurança dos que tinha feito com a sua. Estava gravemente enferma huma Freira Conversa, mui entrada em annos, e de grande opinião, e virtude; e orando Sor Clara por ella, se lhe representou, que via no mar huma barca destroncada, e velha, que cercada de

repetidas, e furiosas ondas, se via perigar entre ellas, e no mesmo tempo divisava no Ceo huma grande estrella, que desappareceo, despedindo copiosas, e scintilantes luzes. Entendeo logo, que a Conversa decumbente havia de falecer d'aquella doença, e que sua alma havia de passar na mesma hora a ser estrella do Firmamento da Bemaventurança.

Mas para passarmos á noticia da mudança de vida de Sor Clara, ha de preceder a de duas visões, que tiverão ella, e sua mãe (quasi ao mesmo tempo) por darem mais luz, e clareza ao que vamos historiando. Tinha Joanna de Salinas noticia do que Sor Clara, sua filha, padecia; e como mulher que abstrahida da terra, não escutava já as vozes do sangue, ou as queixas da natureza, não pedia a Deos mais, que o que dispuzesse sua vontade; e tolerancia, para que a enferma se abraçasse com ella. N'esta supplica estava huma noite, quando se lhe representava sua filha Sor Clara vestida de bordadura custosa, mas ainda imperfeita; e entendeo logo a serva de Deos, illustrada pelo Senhor, que ainda restavão tormentos para coroar a paciencia da filha: assim lhe pedio, que a confortasse com o dom da tolerancia, e aperfeiçoasse o inextimavel feitiço d'aquella gala.

No mesmo tempo quiz o Senhor (seria pelas supplicas da mãe, bem escutadas, por serem por tal filha) ensinar a Sor Clara o como se devia de haver sua constancia nos tormentos, que lhe permitia, não se valendo de arrimo, ou soccorro da terra, mas recorrendo só ao que fosse disposição divina; e representou-se-lhe em visão, que se achava em hum campo desembaraçado, e que n'elle se levantava direita huma escada, que escondia no alto o cume, cançando a vista, e junto á escada hum loureiro; é que indo a subir por ella, se valia dos troncos d'elle, por segurar a subida, e temer a queda; mas não lhe valendo a industria, vinha com ella o loureiro a terra. Conheceo logo, que era documento do Ceo, para que em seus trabalhos não recorresse a alivios humanos: e assim o fez; porque ainda por mais perseguida de dores, de molestias, nem chamava enfermeiras, nem procurava medicinas, nem em suas afflições recorria ao conselho, e companhia das Religiosas; mas, sepultada em sua paciencia, era victima do silencio, e da tolerancia.

Doze annos havia, que Sor Clara continuava o seu martyrio, quando faleceo sua mãe Joanna de Salinas; e parece, que alcançou de mais perto a piedade do Senhor no alivio da filha, porque d'alli em diante convaleceo esta de alguma sorte. Continuava o coro de dia; tinha os seus

de retiro: só a Matinas faltava, porque lhe poz a Prelada huma obediencia, mandando-lhe com a mesma, que se tratasse como tão achacada, não usasse de lã, nem comesse peixe, e fizesse assistencia na enfermaria: cuidado, e continua advertencia das Preladas d'esta Casa, onde só a obediencia retira as Religiosas dos excessos da penitencia, por mais que os achaques lhes desenganem as forças, e a constancia. Assim obedeceo Sor Clara, seguindo novo modo de vida nos particulares, em que podia dispor d'ella.

Trez vezes se levantava de noite a rezar pelas almas. Pelas trez horas de madrugada entrava para o coro (rezando o *Miserere* pelo caminho, como disposição para entrar n'elle): prostrava-se em venia, repetia a confissão, invocava a Senhora, logo os Santos de que era devota, e os espiritos Angelicos, para que supprissem suas faltas, e accendessem sua frieza para louvar a Deos como devia, e estar decentemente em sua presença. Rezava logo suas particulares estações, especialmente ás Chagas de Christo, ao Espirito Santo, a nossa Senhora. A estas vocaes se seguia a oração mental até Prima: gastava depois no coro quasi a manhã inteira. No dia rezava trez vezes o Rosario, hum com os braços em cruz, valendo-se de sustentar as mãos em prégos, porque a sua debilidade não podia sustental-os.

Mas não socegava seu espirito com este modo de vida, porque a que sempre desejava, fôra a mais austera; nem a grande innocencia, que havia em sua alma, a despersuadia de viver com mais aspereza. Eis que levada hum dia d'esta ancia, vai-se ao confessorario, em que soube estava o Prelado, diz-lhe, que o que lhe vem pedir he, que lhe ponha huma obediencia, para que deixe a casa da enfermaria, e vá para o dormitorio viver na sua cella; que traga tunica, e use de mantas de lã; que continue Matinas á meia noite; e que finalmente se não trate como achacada. que se lio mandar a obediencia, o ha de observar sem duvida. O Vigario, que sabia a sua debilidade, e o como passava mal convalescente, admirava-sé, e suspendia-se; lembrava-lhe logo o impossivel, que pedia; instava ella pela obediencia, até que elle (que não tinha pouca noticia de seu espirito) entendendo de quem podia ser o conselho, lhe poz a obediencia, e ella d'alli em diante a observou sem falta.

Assim começou Sor Clara a sua refôrma dous annos antes de sua morte, tendo revelação muito antes de que seria apressada. Descobrio-a a sua irmã a Madre Sor Maria Magdalena, mas nem o tempo, nem o modo

em que seria: porque querendo dar-lhe esta noticia, e tendo já dito, que estando huma noite na cella, lhe entrara dentro huma nuvem, lhe veio escrupulo do que tinha dito, e suspendendo-se hum pouco lhe disse: «Estai certa, que a minha morte ha de ser apressada: assim vos peço que tenhais cuidado de mim.»

Outra noticia teve; e esta, ainda que mais commua, mais proxima, para se dispor, e aparelhar, ainda que o seu cuidado não era outro, nem podia haver aviso, que não encontrasse com o seu cuidado. He reparo antigo n'esta Casa, que o fez fazer a continuação, e crel-o a experiencia, que havendo de falecer alguma Religiosa, se vem, ou ouvem sinais, sendo mais vulgares, repentinos e repetidos golpes. Estes ouviu a Madre Sor Clara; forão trez, e dados na porta da sua cella com tanta força, que não se fiaria da fraca mão de huma Freira, nem semelhante estrondo se permitia no dormitorio. Abre assustada a porta, não vê niuguem; busca sua irmã a Madre Sor Maria Magdalena, refere-lhe o successo, acrescentando, que lhe vinha á imaginação, que serião aquelles golpes pela Madre Sor Maria do Sacramento (Marqueza que foi d'Aguiar), que estava enferma, e perigosa. E dizendo-lhe a irmã: «Olhai, minha irmã, não vades vós primeiro»: respondeo sem susto: «Faça-se a vontade de Deos». Succedeo assim, porque primeiro faleceo a Madre Sor Clara, que a Marqueza; mas verificando-se que forão os trez golpes trez avisos, porque quasi em hum mez falecerão trez Religiosas.

Mas chegava-se o tempo da Madre Sor Clara, não fazendo outra cousa na dilacão d'elle, mais que dispor-se para quando Deos a chamasse; e hum dia acabando de commungar, lhe deu subito huma febre tão vehemente, que lhe tirou a fala, e cerrou os olhos; mas dando em alguns sinais mostras de grandes ancias. Assim passou trez dias, esperando todas, que tornasse para lhe dar o Viatico, e a Ungão; resolverão, que se lhe dêsse esta por não haver lugar para aquelle; mas antes para ver se tornava, lhe mandarão os Medicos dar huma sangria. Fugio com o pé, acodio a Prelada, mandou-lhe que o dêsse, e se sугeittasse; e como se a obediencia, que a fez viver morta, a fizesse morrer, respondeo só a ella, e deu logo o pé sem repugnancia.

Foi logo absolta sacramentalmente, dando materia; depois unguida; e rezado o Officio, repararão, que socegava, e estando assim hum pouco, abriu os olhos, como se descobrira duas estrellas, ou se se lhe restituiria a belleza, de que o Ceo a dotara; e surriado-se, espirou. Assim

havia de succeder a quem das portas da morte sahia a pizar o caminho da eterna felicidade. Morre rindo quem viveo gemendo; sem duvida, que a estrella matutina da bemaventurança madrugava já, ferindo-lhe nos olhos, e abrio-lh'os agora para as luzes, porque até aqui se não tinham fechado para as lagrimas. Este foi o riso, que os justos comprão á custa d'ellas: *Beati, qui nunc fletis, quia ridebitis*. Ficarão as Religiosas emmudecidas, e affirmarão logo humas ás outras, que quando a Mãre Sor Clara abrira os olhos, lançara dous resplandores tão vivos, como se de repente se accenderão duas tochas, ou correrão duas exalações luzidas. Faleceo em os primeiros de Setembro de 1659.

### CAPITULO XXXV

*Da Madre Soror Maria do Sacramento, no seculo Marqueza de Aguiar; e da Irmã Conversa Sor Margarida do Espirito Santo.*

Muitas vezes nos tem occorrido (especialmente nas memorias d'esta Casa, com grande gloria sua) o como a virtude se fez sempre bemquistada com a nobreza (diga-se sem offensa das mais nações) especialmente no heroico sangue Portuguez, hospedando-se nos palacios, nas casas dos Principes, e dos grandes, deixando-se ficar tanto de assento n'ellas, que desde os principios do Reino as fez classes do espirito, e venturosos Seminarios, de que tem sahido tantos a occupar os altares, mais venerado throno, que os que lhes grangeou o nascimento. He claro argumento huma Rainha Santa, amortalhada no precioso burel Franciscano, huma Santa Princeza no Dominico; hum Dom Affonso Henriques, Rei reconhecido por Santo, hum Dom Fernando, Infante Santo por antonomasia. Com estes, e semelhantes exemplares, parece, que consultavão os acertos de sua vida os espiritos mais illustres; assim se continuou sempre até o seculo em que isto eserevemos, e não temos poucas provas do que está escrito d'esta Casa, que a Condessa de Vimioso trabalhou para tantas como coroa, sendo agora a Marqueza de Aguiar hum grande esmalte d'ella.

Nasceo esta senhora, filha de Dom Christovão de Moura, Marquez de Castel-Rodrigo, e de Dona Margarida Coutinha Corte-Real, (titulos, e appellidos de que estão cheios os Nobiliarios d'este Reino): no seculo se chamou Dona Maria de Mendonça, nasceo com ella a inclinação ás cousas

sagradas, piedade com os pobres, especialmente encarcerados, e rigor, e austeridade grande consigo em exercicios penitentes, que se deu de doze annos em diante. Cingia-se de hum aspero cilicio, jejuava certos dias na semana, em que tomava rigorosas disciplinas de sangue, a oração, e lição de livros devotos erão seu exercicio quotidiano; branda, e affavel no trato, modesta, e considerada no adorno, humilde, e sugeita no genio, era huma muda reforma de toda sua Casa. Contava já dezoito annos, quando lhe faltou sua mãe, golpe, que a achou com a constancia de quem entendia, que semelhantes trabalhos vem a examinar, e enriquecer a paciencia.

Ausentou-se o Marquez seu pai para Madrid, e ficou ella em companhia de seu irmão; pareceo-lhe occasião de sahir a publico com a resolução, que tinha tomado consigo de deixar o mundo, e foi dispondo o seu retiro para o Mosteiro de Santa Martha, Casa reformada da Ordem Franciscana, nos arrabaldes de Lisboa. Teve o irmão noticia da diligencia, e mostrou-se com ella tão queixoso, e desabrido, que embaraçando-lhe os commercios rompeo em ameaças, sendo preciso a Dona Maria, não só desistir da empreza, mas reconciliar-se com elle, segurando-lhe, quo já não teria vontade propria. Tanto se podia temer da resolução de hum poderoso (na sua opinião aggravado) que até ás paredes sagradas não guardaria respeito. Assim serenou a tormenta, levantando-se outra maior no coração de Dona Maria, vendo, que não só não conseguia o sacrificar a Deos na clausura a primavera de seus annos, mas que era forçada a sugeital-os a esposo de inferiores prendas ás que suspirava seu espirito.

Casou-a seu irmão com Dom Affonso de Portugal, Conde de Vimioso, que foi Marquez d'Aguiar depois da aclamação d'el-Rei Dom João IV, e parece que quiz o Senhor pagar os grandes desejos, e finos propositos, com que a Marqueza o buscara, dispensando-lhe as felicidades do desposorio humano em filhos, e filhas de generosas prendas, e grandes esperanças, devidas humas, e outras ao disvelo com que sabia ser mãe de familias, antes Prelada da mais composta, e reformada recoleta: não era outra sua Casa. Levantava-se de madrugada, antes excedendo, que imitando aquella heroica matrona do Sabio, porque não era o seu disvelo para a provisão da família, senão para consultar com Deos importancias de sua alma. Assim se detinha no oratorio em oração até horas de Missa, a que vinha toda a Casa. Havia no dia hora deputada, em que todos d'ella se ajuntavão

no oratorio a rezar o rosario; outra para lição de livros devotos, a que seguia oração, assistindo a tudo a Marqueza com igual devoção, que vigilancia, não faltando castigo, e advertencia para os que assistião sem ella. Trez dias na semana jejuava a pão, e agoa, commungava com frequencia, e já nos ultimos annos havia communhão no oratorio duas vezes na semana, para algumas criadas, que seguião sua vida.

Esta foi a da Marqueza até o falecimento do Marquez seu marido, e contando já então sessenta annos (que antes pedião descanso, que promettião vigor para novo trabalho) descobrio aquellas brazas, que o Ceo accendera em seu coração, cubertas com a cinza de tanta idade, mas agora vivas para continuar o sacrificio, que o mesmo Ceo permittira embaraçado. Estavão já casados seus filhos, suas filhas Freiras. Nesta Casa tinha duas, e muitas experiencias do rigor, e estreiteza de vida, que se professava n'ella. Não houve mais consulta; que a resolução era já antiga, e levando consigo trez criadas (gente nobre, que com ella tomarão o habito, discipulas de sua resolução, e espirito) só recolheo em dia da Apresentação de nossa Senhora. Deteve-se hum pouco na portaria entre muita nobreza em quanto lhe beijavão a mão os filhos, e a nora, e vendo-se logo da parte de dentro, levantou os olhos ao Ceo, dizendo: «Graças a Deos, que já isto está arrancado!»

Era a Marqueza já Freira no mundo, que seria no Mosteiro, senão exemplar das Freiras? Chamou-se Sor Maria do Sacramento. E como se o nome lhe dera antiguidade na Casa, pareceo logo veterana nos exercicios d'ella. Nos da humildade a todas excedia, como no conceito, que de si finha de ser a mais defeituosa, sendo tão pontual, e disvelada, que ou parece que desconhecia os annos, ou o gosto lh'os aliviava renovados. Era Mestra das Noviças huma de suas filhas, e era sua Mestra: a esta pedia, que a mandasse trabalhar, e vendo, que reprehendia as outras, lastimava-se, queixando-se porque a não reprehendia a ella, que só era a culpada, por mais remissa, e custando-lhe lagrimas o castigo das defeituosas, e a pena de o não levar entre ellas, foi necessario advertir a Mestra, quando havia de fazer Capitulo a alguma, o mandal-a primeiro a ella para o coro, a guardar o Santissimo.

Já professa, porque só se queixava do pouco, que servia; a fizerão Enfermeira. Avisou a seus filhos, e tudo foi abundancia na enfermaria, mas nada avultou mais que a sua charidade, não só prompta nas mesquinhas, mas nas lagrimas, com que tomava sobre si as molestias alheias.

Assim assistia a todas, que parece, que se reproduzia para não faltar a nenhuma. Na occupação mais abatida andava mais satisfeita, porque nada excedia ao infimo conceito, que de si fazia. Succedendo muitas vezes estar em praticas de Deos com as Religiosas, assim ouvia callada, e emmudecida, que alguma lhe perguntou a causa. Respondeo: «Que achava e conhecia de si, que não podia fallar com o acerto, com que o fazião todas, já mestras, e adiantadas nas cousas de espirito, e não ella, huma mulher sepultada toda sua vida em as rudezas do mundo, que só devia ouvir para aprender, já que Deos lhe não dera juizo para fallar.» Sendo que em todas as materias, e singularmente n'estas, era destra Sor Maria, por exercicio, como por inclinação, e genio. Mas já entendia, qual era o caminho dos sabios do Ceo, d'onde só sahia graduada, a que o mundo chamava estulticia, como ensinou S. Paulo (1).

Achou-a hum dia sua filha, Sor Margarida da Cruz, na cella chorando amargamente. Perguntou-lhe compassiva, que causa tinham aquellas lagrimas. «Chóro (respondeo) porque sem duvida estou douda.» «Douda, não póde ser (replicou a filha) porque os doudos, por isso o são, porque o desconhecem.» E instando mais, mostrando-lhe com evidencia, que estava em seu siso, e não douda, disse Sor Maria: «Não se canse, nem me martyrise, Madre, que bem douda estou, pois não amo a Deos como devo; que quem não ama a Deos, não tem juizo.» Grande maxima, digna de eterna, e catholica lembrança! Mas venturosas lagrimas, nascidas de tão grande pensamento, e pensamento unicamente digno de tão amargas lagrimas. Mas grande argumento de que se abrazava em amor de Deos o coração de que ellas sabião: que semelhantes suores não vem a aplacar menos ardentes febres.

Pouco mais de hum anno antes de sua morte, cahio a Madre Sor Maria em huma tal fraqueza, que com grande trabalho se levantava, e encostada em huma Freira, lia para o coro, onde gastava quasi o dia inteiro. Mas estendeo-se-lhe esta fraqueza á memoria, e á vista; e não alcançava do coro a ver a hostia na Missa. Este era hum quotidiano incentivo de suas lagrimas, respondendo a quem a consolava: «Se eu não tenho memoria, como me poderei confessar bem de tão mal passada vida; e n'ella como posso ter gosto, se não vejo a meu Deos sacramentado?» Bemaventurados olhos, que como os de Tobias, não tinham alivio, porque não vião a luz do Ceo, a do Sol sacramentado! E como os de

(1) Is fiat stultus, ut sapiens efficiatur. 1. ad Corinth. 3. vers. 18.

David, choravão, pôr ver o seu Deos escondido! Mas assim se conformava com esta magoa, como quem sabia, que lh'á permittira Deos para merecer com ella.

Alguns dias antes de morrer, lhe deu huma febre ardentissima com ameaços de ar; e levando algumas sangrias, ficou como se de todo perdera os sentidos; mas era notavel, que em se lhe fallando em Deos, respondia com tanto accordo, como se estivera em seu inteiro, e socegado juizo. Assim lhe perguntarão, se queria receber todos os sacramentos para morrer? Respondeo: «Que só isso desejava:» ministrarão-ll'os, e no cabo d'elles espirou placidamente, sem fazer mais termo, que o de huma imperceptivel respiração, em 10 de Outubro de 1659. Suspende-rão-se as Religiosas, porque ao mesmo instante que espirou, tendo Sor Maria já sumido, e seco o rosto com os annos, e as penitencias, de tal sorte se lhe restituiu a huma fermosa compostura, e magestade tão serena, que podia dizer com David (1), que tornara a florecer sua carne, anticipando no estio d'aquelles secos ossos a eterna primavera dos bem-aventurados.

Não foi digno de menos reparo o que depois succedeo no Capitulo: porque entoando as Religiosas o Psalmo 131 antes de se recolher o corpo na sepultura, chegando ao verso: *Vidua ejus benedicens benedicam, pauperes ejus saturabo panibus* (sem haver embaraço, que turbasse o alternado de hum. e outro coro) o repetirão tres vezes; fazendo logo reflexão, e reparo de que o tinham repetido, levantarão mais o pensamento, porque para a defunta vinha muito de molde o verso, que vem a dizer: «Abençoando, darei a benção á sua viuva; e com o sustento de pão taparei a boca aos seus pobres.» E como vimos na vida da Mar-queza, parece, que mereceo ao Ceo o panegyrico de se abençoar santa rviuva, quando se lembravão os soccorros da pobreza.

Mas a maior estabilidade, com que o Senhor quiz recommendar as circumstancias d'esta morte, foi huma, já repetida de sua Providencia, e reparada em o falecimento de pessoas maiores em virtude, e qualidade; e foi o seguinte. Mandara a Marqueza, estando ainda no seculo, a este Mosteiro huma planta de jasmims, que chamão de Valença. Plantou-se no claustro; predeou, e avultou, dilatando-se tão viçosa, que ainda na vespera de sua morte se colherão d'ella muitas flores. Mas ao tempo que a sepultarão, cahindo-lhe todas murchas, e secas, succedeo o mesmo ás

(1) *Et reffloruit caro mea. Psalm.*

folhas, e ao tronco de sorte, que até a raiz se esqueceo na terra, como sepultura, porque depois se lhe não vio brotar mais vara.

Da Infante Margarita se lê, que em sua morte se secou huma arvore, que ella plantara por sua mão propria; e da Princeza Santa Dona Joanna, Religiosa professa (como he tradição mais segura, de que á hora da morte professara, e não fora só Religiosa Terceira) da nossa Ordem Dominicana na Recoleta de Aveiro d'esta Provincia, se lê nas nossas Chronicas, e escrevi eu já com mais concertado estylo, e penna desembaraçada das estreitas leis da Historia, que na hora, que pelo claustro foí passando seu corpo para a sepultura, se murcharão as flores, e as plantas na pouca terra, que cultivada da sua diligencia, servia ás Religiosas de jardim, e de pomar, como se imitassem todas o genio ao girasol, que seguindo a inclinações os passos do Sol, igualmente se vê aquelle murecho, quando este sepultado. Não podemos negar, que estas demonstrações no insensível, se forão na morte do mesmo Christo argumentos da divindade, o serão nas dos justos de sua virtude, com seguros do premio, que se segue á sua morte, podendo entender-se que aquellas flores, que calhirão secas a cobrir o cadaver, renascerão estrelas a coroar o espirito.

Não merece ficar em esquecimento o muito, que mostrou Soror Margarida do Espirito Santo, Freira Conversa, que no mesmo anno, ainda que antes hum mez que a Madre Sor Maria, faleceo ella tambem n'esta Casa, razão porque se lhe dá lugar, ainda que segundo, n'este capitulo. Foi Sor Margarida natural do lugar de Bemfica, notavel, e venturoso, por fecundo de Religiosas Conversas, que deu a esta Casa para a servirem, servindo ainda melhor para a illustrarem. De pequena ficou sem mãu, e logo em poder de huma madrastra, tão esquiva com ella, como o nome o promettia, porque de enteada a passou a serva, carregando sobre aquelles tenros annos todo o peso da casa; a boa inclinação á virtude, com que nascera, lhe abria já os braços para receber os trabalhos como mimos do Ceo, que parece lhe adiantava a razão, para conhecer que o erão estes, e lhe dobrava as forças para poder com aquelles.

Desejava resgatal a d'aquelle cativoiro huma tia, que olhava para ella como desamparada, e lhe queria melhorar as occasiões de sofrida, suspirando vel-a n'esta Casa do Sacramento, d'onde aproveitaria as mostras que dava de seu prestimo, e seu espirito. Rogou, pedio, importouno; e finalmente conseguiu, que as Religiosas lh'a aceitassem contra a von-

tade do pai, e madrastra, que perdião n'ella huma escrava; e na humildade mostrou ella, que o era depois (e com muito gosto) do Mosteiro, costumando dizer, ainda depois de professa: «Que ella não era Freira, mas huma pobresinha, que as Religiosas pelo amor de Deos receberão, e sustentavão.»

Era continua no trabalho, como na mortificação; e caritativa tão desvelada, que a esse emprego se attribuiu o viver quarenta annos n'esta Casa, sem nunca ter doença. Dormia vestida, para que a oração, e o trabalho a achassem mais prompta; poucas vezes sobre a cama, as mais ao pé de algum altar. Levantava-se de madrugada, e no coro gastava em oração todo o tempo, até á hora de ir para a sua officina, donde erão iguaes n'ella o silencio, e a diligencia. Á noite, acabado o serviço, tornava ao coro, donde era a oração mais larga; e com tal suavidade, e consolação de seu espirito, que costumava dizer, que aquelle era o seu centro; e assim o mostrava, porque acabado o trabalho, alli hia buscar o descanso.

Em toda sua vida foi rara sua abstinencia, porque quasi sempre passava com pão, alguns grãos, e algumas hervas; e o dia, que se alargava a regalo, era de algum bocado de peixe secco. Parcimonia notavel, em quem andando pouco abastada, é trazendo varios comeres entre mãos, não haver occasião, em que a convidasse o appetite, ou a obrigasse a fome! Commungava duas vezes na semana, e este era o sustento de que mais vivia. Hum martyrio grande padeceo muitos annos, que sendo o seu genio de responder, assim andava acutelada para o reprimir, que só se lhe divisou, que no interior trazia aquella contenda, pelo natural, que tinha de fogosa.

Tinha juizo claro, de que lhe nascia o ser recatada em cousas de sua consciencia; mas parece, que dispensou o Ceo huma vez com ella, chegando a contar com singeleza, que descansando huma noite sobre a cama, quasi como que dormitava, ouvira huma voz clara, que lhe dizia: «Levanta-te, e vai rezar pelo Conde do Basto.» Era n'aquelle tempo Dom Diogo de Castro. Espertou, segurando-se no que tinha ouvido; mas parecendo-lhe illusão do somno, e tornando a encostar-se, tornou a ouvir a mesma voz. Levantou-se logo, e foi rezar ao coro, e d'ahi a tres dias veio noticia ao Mosteiro, que era o Conde falecido. Parece, que erão bem ouvidas no Ceo as orações de Sor Margarida, e seria aquella advertencia do seu Anjo da guarda.

Mas chegava-se o termo a seus trabalhos; cahio doente de huma grande febre, que tardou pouco em ameaçar-a de morte. Não se assustou Sor Margarida com o ameaço, ou fosse que o Ceo lhe anticipasse o aviso, ou que depois de vestir aquella santa mortalha, lhe não foi necessario outro. Assim o mostrou, porque no primeiro ameaço da doença juntou na cella quanto pertencia á sua mortalha; com a mesma conformidade, e socego (antes alvoroço) ouviu depois aos Medicos o desengano; porque advertindo-lhe, que se dispuzesse para a ultima hora, levantando as mãos ao Ceo, deu graças a Deos, e voltando-se ás Religiosas, lhes pediu, entoassem por ella o *Te Deum laudamus*, pois era chegada a hora, que suspirara em toda sua vida.

Mas foi cousa de reparo, que não se lhe ouvindo nunca n'ella palavra, que soasse a galantaria, algumas se lhe escutarão agora, ditas com alegre semblante, e boa graça (por mais que a consumisse a febre em huma viva lavareda) porque sendo curta a cama, em que a deitarão, disse sorrindo-se: «Basta, minhas Madres, que tantos annos me não deitei em cama, para vos servir; e agora que foi forçado deitar-me, he em huma, em que me não posso estender! Ora mandem ao coveiro, que me faça a cova mais comprida, que he cama, que a ninguem vem curta, que todos cabem n'ella.» Como a febre crescia, e huma Religiosa, que a via estar abrazando, lhe dissesse: «Que se conformasse com o que Deos dispunha, pois era servido de lhe adiantar n'aquella cama o Purgatorio», respondeo com igual viveza, que segurança: «Admiro-me, minha Madre, de Vossa Reverencia me dizer tal! Isto he Purgatorio? Folgara eu de padecer por meu Senhor até o dia do Juizo!

Recebeo todos os Sacramentos com elle inteiro, e socegado, e grande consolação de sua alma; e vendo, que era tempo de lhe rezarem o Officio da agonia, perguntou se tinham já entrado os Padres: e dizendo-lhe huma Religiosa: «Para que perguntava por elles? Se se queria confessar»? Respondeo: «Confessar não: que pela misericordia de Deos não o reservei para este tempo, mas para acabarem já de me mandar para meu Senhor Jesu Christo»; e abraçando-se com elle crucificado, depois de acabado o Officio, pediu a véla, e com hum suspiro, e algumas palavras, que lhe dizia, e lhe sahião da alma, a poz em suas mãos com socego, e confiança, em 15 de Setembro de 1659, dia para a Ordem fortunado, em que celebra a thaumaturga imagem de nosso Patriarcha, que

a Virgem Senhora trouxe do Ceo á terra ao Nosso Convento de Soriano em Calabria.

### CAPITULO XXXVI

#### *Da Madre Soror Maria de Jesus.*

Grandes vozes são as do exemplo; não só aconselhão, parece, que obrigão. Aquella acção, que se toca com a mão da experiencia, não se pôde negar, e aquella irrefragavel verdade, que está sempre testemunhando o que he, se he boa, sem duvida affeição contemplada, d'alli lhe vem o obrigar para seguida. Esse foi o conselho do Senhor, quando quiz ensinar seus Discipulos a reduzir: encommendou-lhes a obra primeiro que a doutrina (1): que antes propuzessem a vida, que expuzessem a palavra; porque o exemplo é mais rhetorico que a lingua, por ser todo huma persuasiva muda. Vel-o-hemos agora. Entrou Sor Maria por morte de sua mãi com mais duas irmãs no serviço de Dona Maria de Mendonça, Marqueza de Aguiar: e ainda que de tenra idade, com tal genio, e capacidade, para saber escolher, e seguir o melhor, que reparando na vida da Marqueza (a que não excedia a da mais timorata Religiosa) se convenceo tanto com seu exemplo, que desconhecendo as desculpaveis verduras dos poucos annos, se adiantou a elles em hum modo de vida, que parecia meditado na maior madureza da razão. Despio, e deixou as galas, por mais que n'ella antes erão costume, que vaidade, e começou a tratar-se honesta, e singelamente. Jejuava tres dias na semana, e com estreiteza. Nas sextas feiras da Quaresma, e outros muitos dias, assim em todo o anno, como n'ella, a pão, e agua. Deu-se á lição dos livros de espirito, de que tirava grande fruto.

Levantava os olhos, via recolher a Marqueza, e o Marquez a seus quartos, gastar horas na oração em seus Oratorios: enchia-se de santa inveja, vendo aquelle retiro entre o fausto, atenções, e correspondencias do Mundo; e fugindo aos olhos de todos (em ficando livre da occupação, que tinha a seu cargo) trocava seu aposento em o mais retirado deserto: esquecia-se orando, até que a natureza a obrigava a pagar pouca pensão ao somno, e quasi sempre ou encostada na cama, ou sobre humana cortiça: inflammava-se no amor de Deos, e muitas vezes de sorte, que para desafogar aquella febre da alma, appellava á larga sangria da

(1) Qui autem fecerit, et docuerit. *Math.*

disciplina. Depois de breve descanso (como se tivera passado a noite com muito) madrugava para a oração vocal do Rosario, e Officio de nossa Senhora, a que a levava hum singular ternura. Assistia depois á Missa, que era o seu pasto quotidiano, commungando com o desejo, que sempre trazia faminto d'aquella angelica, e sagrada iguaria, por mais que frequentasse a sua Mesa.

Vinte e sete annos contava já com este estylo de vida: mas chamava-a o Ceo para outra mais estreita. Resolveo-se a busca-la na clausura d'esta Casa do Sacramento, por mais que intentarão embaraçal-a, achau-do só da sua parte o voto da Marqueza, que antes a invejava, que a despersuadia. Recolhida já n'estes santos Claustros (em que, só accresceo á sua vida a pensão da obediencia) começou a gostar hum socego d'alma, como despida dos cuidados da terra. Em nada disvelava os seus, como em agradar a seu Esposo, e desfazer em si tudo o que podia servir de agrado. Era, ou fora destra na guitarra, e em se acompanhar com ella com boa voz, e melhor gala, prenda, que tivera de mui menina: já em casa da Marqueza havia annos, que a não vião usar d'ella, nem rogos, nem industria: agora ajudava o coro com gosto, e gabos de todas as Religiosas: sentia ver-se singular entre todas: pediu a Deos, que lhe escurecesse o metal da voz: inferio-se assim do que a discontentava ver-se estimada, e da brevidade, com que hum estilicidio a deixou rouca, e satisfeita. Mas como era destra na solfa, aprendeo logo viola de arco, com que ficou servindo o coro.

Era elle o seu centro: alli descansava da penalidade continua, a que a sentenceava sua penitencia, porque a oração era o sustento, e o recreio de sua alma. Alli acabava de conhecer o quanto fora vão o receio de seguir aquella vida, porque estando ainda no seculo, levantava os olhos com horror aos apertos d'esta Casa, obrigando-a elle a entrar em pensamentos de buscar outra de menos estreiteza: mas já esta não só lhe não parecia rigorosa, mas muitas vezes frouxa. Assim carregava a não nas penitencias, temerosa nas representações do Inferno, com que a perseguia o inimigo, em que padeceo muito. Recorria á oração, que era o seu sagrado; e entendeo-se, que n'ella recebia particulares mimos de Deos, de alguma palavra, que chegou a dizer com inadvertencia. Achava-se hum vez na oração, banhada em celestial complacencia, e elevada a hum familiaridade, e união grande com Deos: aproveitou-se da occasião, e disse-lhe: «Senhor, façamos hum contrato, eu me não quero

affligir mais com estes receios, que sempre trago diante dos olhos. Tomai vós á vossa conta a minha salvação, e eu ficarei com o cuidado de me empregar em vos servir, de sorte, que eu não tenha cuidado em mim.»

Foi tão poderoso este acto de resignação, que, cessando logo a bataria do inimigo, a não perseguio mais semelhante receio. Parece que escutara a Madre Sor Maria o conselho de hum grande experimentado na Providencia de Deos, como foi David, ensinando, que nos puzessemos nas mãos de Deos, que elle disporia a nossa melhora: que quando nos apertasse o inimigo, commettessemos a Deos todo o cuidado, porque elle não permitiria que fluctuassemos nos receios da eternidade: *Jacta super Dominum curam tuam, et ipse te enutriet: non dabit in æternum fluctuationem justo* (1). Foi correndo o contrato: e como o Senhor teve cuidado de livrar a Sor Maria do martyrio do seu receio, ella não tinha outro cuidado mais, que servil-o com tanta ancia, que tudo lhe parecia pouco para o a que se obrigara.

Supposto o jejum dos sete mezes, em todo o anno levava tres dias na semana de pão, e agua. Da porção, que lhe dava a Communidade, por mais que limitada, tomava o menos, dizendo (para lhe ser permitido) «que o mais lhe fazia damno.» Qualquer prato, que se accrescentava na mesa, escusava como regalo: sentindo muito, quando os achaves a obrigavão a sustento mais delicado. Abrazava-se em amor do proximo; entravão os seus inimigos na primeira supplica, que fazia a Deos, depois os parentes: e não deixou de ser digno de reparo o que succedeo a hum seu irmão, por quem continuamente orava com instancia. Ardião por este tempo em guerras as duas Coroas de Portugal, e Castella. Era o irmão bom soldado, e achava-se por Cabo em Barbacena, lugar pequeno: pedia Sor Maria a Deos com grande ancia, que lhe guardasse a vida, por serem tão arrebatadas as mortes da guerra. Succedeo cercar ao lugarejo o exercito Castelhana, resistindo, e não querendo entregar-se o Cabo: durou pouco a contenda, foi entrado com ira militar, e passando tudo a ferro, tomarão o Cabo vivo, sentenceado logo a ser arcabuzeado, por ter resistido a hum exercito Real, pondo-se em defenza em hum lugar sem ella. Oppoz-se á sentença hum Castelhana de respeito, concedeo-se-lhe a vida, quando ninguem a esperava, e foi remetido a este Reino, donde depois acabou com demonstrações de predes-

(1) Psalm. 54. n. 23.

tinado. Contava-o assim quem teve noticia do successo, e tinha razões para formar juizo de que ás supplicas de Sor Maria se deveo aquelle effeito.

Seguida de rigorosos achaques, entrava continuamente com seu Esposo n'aquella demanda de Agostinho: «Senhor, aqui quero, aqui vos peço, que me afflijaes, para que depois me perdoeis.» No meio de continuadas, e agudas dôres (que abraçava com inteireza) não admittia remedios, sem o preceito da Prelada, menos alivios das Religiosas, que lh'os querião inventar compassivas, dizendo: «Que não tinha, nem queria mais refrigerio, que contemplar na Paixão de Christo.» Suspende-rão-se-lhe de improviso as dôres, depois de a chegarem ao ultimo extremo no martyrio de tres dias, dizendo ella a Deos no fim d'elles: «Que alli estava a sua constancia; que só lhe pedia paciencia.» Tornarão a perseguil-a, e a prostral-a d'ahi a tempo; desenganarão-n'a os Medicos que erão mortaes. Escutou-o com alvoroço, e respondeo a quem lhe fazia n'elle reparo, e lhe dizia, que sua irmã (Religiosa na mesma Casa) o sentia muito: «Digão a Soror Francisca, que viva com gosto, porque me hei de salvar pela misericordia de meu Senhor.»

Esperava já o ultimo instante sem alento, quando, movendo-se entre as Religiosas, que lhe assistião, a pratica sobre o infinito preço do sangue de Christo, e como nos valia n'aquelle ultimo aperto, em especial o do lado; levantou a cabeça a moribunda (admiradas as que cuidavão, que a nada attendia) e disse: «Sim, esse sangue já o Senhor m'o tem dado.» Achava-se alli a Prioieza, perguntou-lhe o que dissera, e ella como alcançada, tornou: «Digo que muitas vezes tenho pedido ao Senhor a valia d'esse sangue.» Entrarão a rezar-lhe a Ladainha, porque já com os olhos fechados espirava por instantes, chegou-lhe então huma Religiosa a imagem de Christo crucificado, e poz-lhe o lado do Senhor na boca. Abrio os olhos, e com tanta viveza, que se suspenderão todas, e ella pondo-os no Senhor, lhe entregou a alma, podendo entender-se a gloria, a que passou, acabando com o privilegio d'aquelle domestico, e familiar de Deos, que em o seu osculo, e a sua obediencia acabou a vida. Favorecerão a conjectura seus Confessores de muitos annos, que em toda ella lhe não acharão culpa mortal, nem venial grave, com advertencia, ouvindo-se-lhe ao mesmo tempo dizer a ella fallando com muito pezo: «Que os peccados, que ella tinha, não os teria nenhuma Religiosa.» Tal foi sua humildade! Tal sua morte, em 17 de Julho de 1660.

## CAPITULO XXXVII

*Da Madre Sor Theresa de Jesus, e de Sor Mariana de São Joseph.*

Irmã inteira da Madre Sor Maria Magdalena do Santissimo Sacramento, foi a Madre Sor Theresa de Jesus, conseguindo ambas aquella benção da fraternidade unida, e consagrada a Deos, como cantava o Rei Profeta do Povo de Deos junto em o templo (que edificara Zorobabel) á vista da arca, em que se guardava o maná(1); e dizendo, que a Deos era agradável, e jucunda aquella fraternidade (que diante da sua arca o levava) seguiu logo, que assim conseguia huma benção graciosa, e huma vida eterna: *Ecce quam bonum, et quam jucundum habitare fratres in unum . . . quoniam illic mandavit Dominus benedictionem, et vitam usque in sæculum.* Mas não tomemos a penna da mão aos Expositores, bastenos apontar, que na Casa de Deos, e á vista da arca (onde com especialidade se venera o maná verdadeiro) se ajuntarão estas duas irmãs, a que depois do sangue tornou a unir a virtude, grangeando com esta fraternidade sacrificada o agrado de seu Esposo, e lograr com elle as delicias do eterno thalamo. Bastava esta circumstancia para noticia do que foi Sor Theresa, tendo já examinado (como fica escrito) a de sua irmã Sor Maria; mas vejamos os passos com que se chegou, e unio a ella.

Juntamente com sua irmã tomou Sor Theresa o habito n'esta Casa em huma quinta feira. Correo suavemente o anno de approvação, dando tantas, e taes mostras de sua capacidade, e reforma, que poucos annos depois foi Mestra de Noviças, assistio na sacristia, e na roda, lugares mais publicos, em que se conhecia a boa intelligencia com que dava expediente a tudo o que se applicava. Instava n'esta Casa a eleição de Prioreza, e já nos animos de todas era ella a Prelada, quando lhe embaraçou esse trabalho o de hum achaque repentino, que a deixou impossibilitada para o cargo, porque sendo até alli sã, o que mais teve de vida, teve de achacada.

Não bastou isso, para faltar aos exercicios da Casa, e n'elles tão adiantada, que foi necessario, que o preceito lhe tirasse da mão a dis-

(1) *Cantentis coram Arca reperta in Templo à Zorobabel ex structo. Thom. le Blanc super Psalm. 132. v. 1.*

ciplina. Mas parece que lhe pagava o Ceo a resolução de o querer buscar pelo caminho mais aspero, illustrando-a com alguns conhecimentos do futuro, como se pôde colligir de hum caso, que lhe succedeo, sendo Mestra de Noviças, que para melhor se ajuizar, contaremos com todas as circumstancias.

Entrarão duas moças de pouca idade no Mosteiro a tomar o habito; chegando ao coro, e vendo huma, que metia a Prioriza a tesoura nos cabellos da outra, levantou a voz, e disse: «Que lh'os não cortassem a ella, porque estava resoluta a não ser Freira.» Assustarão-se as Religiosas; chegou-se a ella a Prioriza, a Mestra, e algumas das mais antigas, propondo-lhe razões, que rebatessem aquelle desatino, segurando-lhe de quem podia ser o conselho. Passarão a persuadil-a ao humano, com o que estranharia o Mundo, e não conseguirão outra reposta, mais que a mesma resolução obstinada. Mas nem assim mereceo menos piedade na Prelada, e mais Religiosas, antes accommodando-se ao seu gosto, vierão em que vestisse o habito, e lhe não cortassem o cabelo; esperando que o Ceo lhe abrisse os olhos do conhecimento, para voltar ao primeiro proposito.

Veio no partido; vestio o habito, mas continuando na resolução de não querer ser Freira; chamarão seus parentes, e tirando-lhe a Madre Sor Theresa o habito para entregal-a, para maior castigo lhe quiz tambem tirar o Rosario, que todas trazem ao pescoço. Resistio a moça, instou a Mestra, até que vendo o pouco que valia contra a resistencia, lh'o deixou levar. Pouco depois, achando-se com algumas Religiosas, disse a Madre Sor Theresa: «Que aquella moça havia de tornar para o Mosteiro, e n'elle havia de morrer Freira.» Alterarão-se as Religiosas; e reprovando-lhe o dito, assentarão, que só inimigas da Religião darião tal voto; que tão difficil seria o receberem-n'a, como fora o reduzirem-n'a. Não respondeo palavra a Madre Sor Teresa, mas o successo favoreceo a sua: porque não passarão sinco mezes, quando a moça, tornando a pedir o habito, teve os votos, e entrou no Mosteiro, e com graudes mostras de espirito. Diga o leitor, se he digno de reparo, e se pôde ajuizar o que temos dito.

O em que mais sobresaheo o espirito da Madre Sor Theresa, foi nos empregos de caritativa; e com as doentes mais extremosa. Em hum caso raro diremos tudo o que toca a este pouco, e ficará entendido, assim o que a Madre Sor Theresa obrava, como o que merecia. Era Enfermeira,

e tinha na Enfermaria a Madre Sor Isabel de Jesus, martyr das suas chagas, e já visinha á morte, com grande inflammação, e purgação asquerosa n'ellas. Chegou-se hum dia para lh'as lavar, e hindo-as a descobrir, lhe fez hum tal asco, e repugnancia (ainda só á vista) que lhe vierão impulsos de deixar a doente, e pedir a outra Religiosa, que executasse aquella piedade. Mas ao mesmo instante sentio abraçar-se seu coração em huma viva lavareda de charidade; e lançando-se como sequiosa, a pôr os beijos nas chagas, não só lh'as beijou, mas chupou, e engolio o asqueroso humor, que havia n'ellas. Cresceo mais a sede, como se fosse cristalina a fonte, sem poder fartar os beijos dos fervorosos osculos, porque em quanto os repetia sentia banhar sua alma de huma extraordinaria consolação, que não cabia n'ella. Heroico acto de mortificação, e charidade! Lido, e imitado de sua Madre Santa Catharina de Sena; e melbor testemunho do que obrou, e do que mereceo, caritativa, e mortificada.

Soube-se este caso, por permissão do Ceo, que não quiz, que a acto tão heroico lhe faltasse, nem o premio de publicado. Ao tempo em que Sor Theresa estava engolfada n'aquelle abysmo da charidade, estavam tambem as Religiosas no coro, assistindo ao Senhor, que n'aquelle dia estava exposto, e entre ellas a Madre Sor Maria de São Joseph, de que já atraz deixamos noticia; lembrou-lhe a esta Madre, como por inspiração, que a Enfermeira (era como fica dito a Madre Sor Theresa) não tornara a entrar no coro, depois que commungara (sinal de que a tinha presa a sua lida) e resolveo-se a sahir do coro, para que assistindo ás doentes, viesse a Enfermeira lograr o alivio de assistir ao Senhor Sacramento, e alivio tão suspirado de toda a Casa, que essa circumstancia lhe costuma dar aos dias o nome, e a estimação de festa.

Com este pensamento sahio Sor Maria do coro, entra pela Enfermaria, quando vê a Sor Theresa com os joelhos em terra, e a boca nas chagas da enferma. Suspendeo-se á vista d'aquelle espectáculo, e muito mais da ancia com que continuava, e retirando-se sepultada em silencio, o não rompeo, senão ao fim de sua vida, contando o successo á Madre Sor Antonia da Magdalena (que hoje vive, quando isto escrevemos) que guardando esta noticia, a teve muito casualmente, com as circumstancias mais occultas, pela mesma Madre Sor Theresa, que ignorando, que se sabia o sujeito, contou o caso, em prova de que o Ceo estimava semelhante sacrificio.

Trez annos antes de sua morte, teve huma doença, que lhe durou com a vida. Escusou-a este martyrio continuado de ter mais officio, e vendose livre, entregou-se toda ás importancias de sua alma, e disposições para a ultima hora, entendendo que não podia haver cousa mais proxima, que a que todo a instante devia ser esperada. Não lhe permittião que fosse a Matinas, dispensação, de que se vingava, assistindo no coro quasi todo o dia, e grande parte da noite, assistencia, de que só a tirava a charidade com as doentes, que a levava á Enfermaria.

Com este estylo de vida passou os trez annos, cahindo ao cabo d'elles de huma febre, a que logo chamou ultima, dizendo, que já se não levantaria da cama, mais que para a sepultura, e que a jornada não tardaria muito, porque aquelle era o ultimo aviso. Assim pedio os sacramentos, quando lhe parecerão necessarios, recebendo-os com vivas demonstrações de fé, e esperanza na Divina Misericordia, gastando o mais tempo, que lhe durou a vida, em piedosos colloquios com as imagens de hum Crucifixo, e da Senhora do Rosario. Admiravão-se as Religiosas de a verem com tanto socego, e paz de consciencia, sendo que fôra perseguida de escrupulos toda sua vida. Chegava o ultimo espirito d'ella; confessou, que hum Crucifixo que trouxera, e tinha ao pescoço, era de seu irmão o Padre Fr. João da Cruz, que para o ter n'aquelle hora comsigo, lh'o tinha emprestado. Assim se abraçou com elle, entregando-lhe sua alma n'aquelle thalamo, em que estendeo a mão para a receber esposa.

Foi seu falecimento em huma quinta feira (dia todo de seu gosto, por consagrado ao Sacramento, e dia em que entrara n'esta Casa a acompanhal-o, e servil-o) 10 de Fevereiro de 1661. Mas não mereceo só o reparo a circumstancia do dia; tambem podia haver algum na hora, porque faleceo pelas quatro da madrugada. Tinha-se observado, que recolhendo-se a Madre Sor Theresa de Matinas, ou gastasse o mais tempo em oração, fugindo os ollios, que a podião testemunhar no coro, ou no tempo, que não hia a elle, despertando ás quatro horas, infallivelmente a ellas sahia da cella, e hia espivitar a alampada, que no coro arde diante do Santissimo; e d'ahi até Prima gastava orando. Vião agora, que á mesma hora falecera, e querião entender o que aquelle pequeno serviço obrigava a quem se fazia, pois na hora d'eile a chamava á eterna felicidade.

Não deu menos mostras de a merecer Soror Marianna de S. Joseph,

em que a brevidade da vida nos roubou maior assumpto para larga escriptura, mas se em poucos annos couberão muitos merecimentos, em poucas regras podem caber grandes noticias. No seculo se chamou Dona Marianna de Almeida, por filha D. João de Almeida; sua mãe Dona Violante Henriques. Os appellidos testemunhão bem sua nobreza, de doze annos entrou n'esta Casa em dia da Purificação de nossa Senhora: chamou-se Soror Marianna de S. Joseph; e entrando n'esta idade, se lhe dilatou a profissão até os dezanove annos, não porque em alguma cousa desmerecesse, porque era sua vida hum exemplo de innocencia, humilde, obediente, sofrida, e retirada: virtudes que lhe grangearão tanta opinião, que unidas a huma rara compostura, de que era dotada, obrigava a ella d'onde quer que fazia assistencia.

Na do coro edificava a quem lhe punha os olhos, encontrando n'ella huma mortificada estatua da modestia; assim recolhia ao interior todos os sentidos, que nunca vio, nem attendeo fóra do Officio Divino, a cousa que se fizesse no coro; os olhos, ou no chão, ou no livro. Voltados á Igreja, só ao rezar ás imagens, ou ao assistir á Missa. Era grande sua singeleza, mas de espirito, e não por defeito de entendimento claro, porque nas cousas de Deos era tão destra, que não necessitou de Mestra, para compôr sua vida. O principal emprego de sua devoção era o Santissimo Sacramento, a Paixão de Christo, a Senhora do Rosario, a quem depois d'este rezava o Officio pequeno, e outras devoções quotidianas, de que se teve noticia, porque se acharão em hum quaderninho apontadas da sua letra: A nosso Patriarcha com affecto, e veneração de verdadeira filha, rezava todos os dias o seu Officio menor, sendo todo o seu disvelo o ornato das suas imagens, occupação para ella de grande alegria, como o fazer o mesmo obsequio a S. Joseph, seu grande tutelar, e escolhido padroeiro.

Tomara de memoria hum quaderno, que lhe veio á mão, em que estavam escritos os tormentos da Paixão de Christo, repartidos pelas horas do dia, e da noite. Assim não dava hora, em que não repetisse com hum vivo affecto da alma: «Bem dita, e louvada seja a hora, em que meu Senhor Jesu Christo padeceo tal tormento,» e dizia o que pertencia áquella hora. Isto fazia, por mais que se achasse com companhia, ou com occupação, que a tivesse applicada. Póde d'aquí crer-se, que andava em huma meditação continua do que repetia tão continuada, e infe-

rirem-se os effeitos, que causaria em sua alma aquelle doloroso espectáculo, de que não divertia as atenções da memoria.

D'aqui sem duvida lhe nascia hum desprezo, com que se desejava tratada, sem reparo de estimação, ou menos preço, que se fizesse d'ella, sinal de huma alienação de todas as humanas pensões da natureza, e de huma vida já espiritualizada. Assim não houve successo, ou sem razão, que alterasse a paz de seu espirito. Baste para prova este caso. Deixou huma Noviça cahir hum candieiro no oratorio, achava-se n'elle a este tempo Sor Marianna; sahio a culpada a fazer diligencia para tirar a nodoa, e entrou logo a Religiosa, que tinha a cargo o azeio d'aquella Casa. Molestada do que via, e achando a Sor Marianna, a reprehendeo com demasiada, e repetida aspereza, entendendo, que era a culpa sua. Escutou ella o que se lhe imputava. e o como se lhe reprehendia; e pondo os olhos no chão, disse com brandura: «Seja pelo amor de Deos.» Entrava n'isto a Noviça culpada, e confessando, e affirmando, que ella só o fôra, ficou confusa a Religiosa do que ouvira, como arrependida do que excedera, e com a mesma admiração o contava.

No tempo que foi Pupilla, se lhe dilatou o noviciado cinco annos; já Noviça, se lhe dilatou a profissão tres mezes, e não sendo sua culpa, e mui clara a sem razão de quem a tinha, nunca se lhe ouviu queixa. Tão conforme estava com o que Deos dispunha, ou permittia! Professorou em dia da tresladação de nosso Patriarcha S. Domingos, e cumprio-lhe o Ceo o desejo, que tinha de que fosse em festa sua. Antes d'ellas, como das de nossa Senhora, fazia novenas de jejuns, disciplinas, e outras penitencias. Depois de professa, lindo confessar-se, lhe deu o Confessor o parabem, e perguntando-lhe: «Se sabia, que cousa era ser professa.» respondeu com muita singeleza (mas não dissera melhor a maior saberia) «Que era ser Esposa de nosso Senhor.» Quem assim o entendia, não o faria para o desmerecer no que obrava.

Trez mezes tinha só de professa, quando lhe deu huma inflammação na cabeça, causada de huma postema, que se lhe gerou em huma parte d'ella, com tão agudas dôres, que descendo-lhe ao pescoço, hombros, e costas, não fazia movimento, que não fosse martyrio. Nem a repetidas sangrias, nem a medicinas mais custosas obedecia o mal. Já não havia remedio, mas ao desengano era n'ella igual o sofrimento, offerecendo tudo á Paixão de Christo, e accomodando as dôres ás partes, em que o Senhor as padecera em seu sacrosanto corpo. As da cabeça ás chagas

dos espinhos, as dos hombros ás do peso da Cruz, as das costas aos açoutes, e assim as mais; acompanhava estes sacrificios com humna tal conformidade, e constancia, que levantando os olhos ao Ceo, rompia em fervorosos actos de amor, dizendo muitas vezes: «Senhor, e que tormentos são estes, para igualar meus peccados? Se sois servido de me dar outros mais cruéis, que me atormentem até o dia do juizo, que maior gloria, que padecer por gosto vosso? Dobrai embora as penas, mas dobrai o sofrimento; que tudo o que dispuzeres, será sempre para mim de maior lucro. Pasmavão as Religiosas, porque sempre tiverão a sua singeleza por menos judiciousa.

Derão-lhe o aviso de que os Medicos lhe mandavão dar o Viatico: e foi tal o seu alvoroço, como de quem sabia, para d'onde seria a jornada. Assim parece, que podia dizer com o Profeta Psalmista: *Lætatus sum in his, quæ dicta sunt mihi; in domum Domini ibimus*: «Senhor, grande he a minha alegria, porque me disserão, que estava em vespuras de hir á vossa Casa.» E assim deu a entender, que o esperava com segurança, porque tendo pedido que lhe chamassem o Confessor, e vendo que tardava, disse: «Como tarda este nosso Padre! Se elle houvera de caminhar para onde eu vou, elle se apressara mais.» Chegado o Confessor, e perguntando-lhe o que queria, respondeo: «Quero hir para o Ceo.» Singeleza santa! mas resolução de quem na vida não fizera diligencias por outra cousa.

Recebido o Viatico, começaram a esperar a morte, não só constante, mas contente. Poucas horas antes que ella chegasse, lhe derão huns gomos de limão doce, para poder mover a lingua seca ao rigor da febre. Levou o primeiro, e o segundo, mas chegando ao terceiro, e achando-o amargoso, e que lhe renovava as dôres da boca, que tinha em humna viva chaga, disse: «Que não carecia de mysterio.» E accrescentou logo: «Eu só ao fel, que gostou visinho á morte meu Senhor Jesu Christo, não tinha offerecido tormento. Agora foi este o meu fel. Não comerei mais limão: tudo está consummado.» Pedio logo a Unção, e attendendo a ella, e ao Officio da agonia com piedosas demonstrações, inteiro juizo, e admiravel socego, entregou o espirito nas mãos de seu Esposo, a quem imitara espirando como vivera com elle padecendo.

Faleceo em humna terça feira, em 27 de Setembro de 1663, que era hum dos dias, em que pedia a Deos a sua ultima hora. Alguns sinaes precederão a ella, porque não estando ainda dada a sentença pelos Me-

dicos, de que Soror Marianna morria, bindo sua irmã Sor Magdalena das Chagas huma noite, e já tarde, recolhendo-se para a cella, e com os olhos em huma alampada, que dava huma luz clarissima, vio que de repente se apagava, e no mesmo instante assaltada de hum grande pavor, lhe veio no sentido, que morria sua irmã Sor Maria. Outro sinal houve, e este só a ella parece que foi manifesto, porque dous dias antes que espirasse, sentio hum suavissimo cheiro, que lhe cercava a cama. Perguntou ás Religiosas: «Que perfume era aquelle tão suave;» e respondendo todas, que nem alli, nem mais distante, havia perfume. se callou, como alcançada do que dissera. Parece que já se avisinhavão a seu espirito as fragancias, de que se hia avisinhando ás amenidades eternas.

## CAPITULO XXXVIII

*Das Madres Soror Joanna do Rosario, e Soror Catharina  
de Jesu Maria.*

Bem afortunadas familias, que com tão conhecidos avanços, soberão commerciar com esta Casa, dando-lhe filhas, que ella lhe melhorou Santas; mas não tem menos lucro tão bem assentado commercio. D'elle lançarão mão D. João de Almeida, e Dona Violante Henriques (de que já fallamos) mas merecidas memorias dos repetidos assumptos, que nos derão para estas. Hum, e outro appellido assaz celebre, como illustre n'este Reino, levando consigo as casas de Portugaes, Vilhenas, Menezes, e Noronhas, de que os Nobiliarios Portuguezes estão cheios, e authorisados; mas muito mais sua casa, por fecunda, não só de filhos, mas de filhas, que forão quatro, e vierão povoar esta do Sacramento. Foi huma d'ellas a Madre Sor Joanna do Rosario, que de seis annos se sepultou n'estes claustros, deixando a seus pais tão saudosos, como satisfeitas as Religiosas, porque depois das prendas da natureza, de fermosura, e graça, sobresabia n'ella a boa inclinação, e indole para o caminho da virtude; acertos, que ainda lhe não podia aconselhar a idade; mas por isso mais estimados, como presagios, que adiantava o Ceo a prometel-a toda sua.

Era rara sua modestia, com circumstancias mais que dictadas da natureza, sem haver n'ella acção, que lhe podesse testemunhar a idade.

Assim passou á de Pupilla, sem a distinguir entre as Novicas mais

que o nome, como depois Noviça, sem se distinguir da mais reformada da Casa. Já professa, e fóra da de Noviças, era espelho, a que se compunhão todas. Assim succedia, chegando ella, hir com grande reparo a pratica, em que se entretinhão algumas, porque em ouvindo palavra menos sesuda (proferida talvez para despertarem a sua boa graça, que em tudo tinha muita) dizia logo: «Que não desaceiassem a casinha;» este nome dava á consciencia. Já de Pupilla adiantada aos exerciçios da Casa (que bastão a fazer a mais reformada Religiosa) tinha alguns particulares, que conservou, e ainda augmentou em toda sua vida, especialmente na austeridade dos jejuns, e na severidade das disciplinas.

Desde a quinta feira até ao domingo continuava na meditação do que o Senhor padecera, e obrara da Cea até a Resurreição. D'aqui lhe nascia huma paciencia nunca vencida, ou alterada. Mostrava-a melhor nas doenças, porque necessitando de alguma cousa, vendo-se presa na cama, ou a não pedia, ou a esperava da mão de quem reparasse mais n'ella. Pagava-se o Ceo tanto d'este sacrificio, como o mostrou este successo. Estava gravemente enferma, e desejava (como medicina) hum pucaro de agua, a tempo que estavão as Religiosas na casa da recreação; não se resolvia a chamar nenhuma, só desejava, que viesse sua irmã a Madre Sor Magdalena, e com este desejo a chamava, como fallando comsigo, quando a vê entrar na enfermaria. Perguntou-lhe: «Quem a chamava?» Respondeo: «Que o coração lhe estava advertindo, que viesse, e o fizera com tanta força, como se alguem a chamara.» Foi cousa digna de reparo, porque em semelhantes occasiões lhe succedeo o mesmo.

No trabalho, e serviço da Casa, era a Madre Sor Joanna a mais prompta; e como era grande sua capacidade, governo, e providencia, tudo na sua mão lizia, e avultava. Fizerão-na Procuradeira, e assim se virão assistidas as Religiosas, que não só se não conhecia falta, mas muitas vezes abundancia. Reparava-o de mais perto a irmã Conversa, que era sua companheira, admirando-se de ver, que em muitas occasiões tocava á mesa, faltando o necessario, e depois se experimentava de sobejo. Não podia succeder menos a quem movendo as mãos para o trabalho, levantava o coração ao Ceo, porque era sua vida huma contemplação continuada. Verdadeira discipula de seu Esposo, applicava-se ao trabalho, mas não se desvelava na falta do sustento. Tinha percebido a intelligencia do preceito evangelico, não faltou o premio de exercital-o.

Houve na Casa falta total de azeite (genero mais precioso em com-

munidade, onde são pasto principal aservas, e o peixe.) Não havia aonde recorrer, porque a necessidade sempre curta achava mais barato fechar a boca para o sustento, que abril-a para pedil-o. Tinhão-se esgotado as talhas, já as diligencias as achavão antes secas, que vasias; eis que hum dia tornando a irmã Conversa a buscar n'ellas, antes desengano, que remedio, vê hum pequena, e cuberta; e chegando-se a ella, a acha cheia. Suspende-se, considera, que em tantos dias, e tal aperto, não a podia ter deixado, ou a desattenção, ou o descuido; dil-o á Madre Sor Joanna, culpando-se a si mesma, que seria tontice sua; mas não tardou muito o desengano, obrigando-as a levantar mais o pensamento. Torna o seguinte dia á dispensa, e lançando os olhos a hum talha grande, que por suas mãos alimpara o dia antecedente, a vê igualmente cheia como a outra. Então não teve liberdade para fechar os olhos á evidencia, antes os abriu, chorando de confundida, e segura do cuidado com que Deos tratava aquella serva sua, lembrando-lhe o mal, que duvidava no que cada dia lhe estava succedendo na sua officina; tudo mimos, com que o Ceo assistia, e honrava a Sor Joanna. Contou o successo á Prelada, porque encontrando-a ao sahir chorosa, lhe perguntou a causa; levantarão ambas as mãos ao Ceo, e correndo a noticia por todo o Mosteiro, foi a Commuidade ao coro, entoando o *Te Deum laudamus*, e dando a Deos as graças pela Providencia com que lhe assistia; não sendo menos desvelada a que occupava com Sor Joanna pela charidade, com que desejava remediar aquella Casa, que a com que acodio á viuva de Sareptha, por soccorrer o seu Profeta, não lhe faltando o azeite na talha(1).

Não valião diante de Deos menos as suas diligencias, nem erão escutadas, e deferidas com menos presteza as suas supplicas. Vio-se em outra occasião. Acabava a Madre Soror Joanna hum vestido rico de côr nacarado a hum Menino Jesus, de quem era muito devota, e desvelada no accio com que sempre o trazia: eis que pegando n'elle, lhe acha hum grande nodoa. Foi igual a que se lhe poz no coração, pelo grande alvoroço com que estava, de pôr ao Menino de gala ao outro dia. Fez publica a magoa, virão todas a nodoa, recolheo-se Sor Joanna, e queixando-se aquella noite ao Menino, por permittir em cousa sua aquelle desaceio, mal rompeo a manhã, acha o vestido sem nodoa, nem sinal de que alli a houvera; como ainda hoje se vê, e então o virão todas as

(1) 3. Reg. cap. 17.

Religiosas, que o preciso da publicidade as fez em huma, e outra cousa testemunhas.

Faleceo huma irmã sua (Sor Marianna de S. Joseph, de que já fallamos): recolhia-se do enterro a Madre Sor Magdalena das Chagas, tambem irmã de ambas; e perguntando-lhe huma Religiosa por Sor Joanna, que estava enferma, e como sentira a morte da irmã, respondeo a Madre Soror Magdalena com rosto enxuto: «Sim he para sentir a morte de huma irmã; mas Deos não nos deixa padecer.» Bem se vê, que venturosa seria a morte de Soror Marianna, e participada as irmãs a venturosa noticia do lugar a que passára sua alma, porque assim se desvelava o Ceo em consolar a Sor Joanna. Mas assim o sabia grangear a sinceridade, e pureza de sua vida, e a grande conformidade, com que se havia nos golpes d'ella, sem romper em outro desafogo mais que em o de louvar a Deos; lembrança, que ainda nos casos de mais sentimento a encontrava com a boca cheia de riso.

Deu-lhe huma febre aguda, da que disse logo, qual morria. Teria maiores certezas, que huma que apontava, porque nos primeiros dias que cahio na cama, voltando-se huma vez para a parede, vio n'ella huma grande sombra; causou-lhe primeiro susto, socegou-se logo, e disse com segurança, que morria. Não tardou muito a evidencia de que se não enganara, porque recorrendo-se ao remedio das sangrias, e achando-a debilitada a repetição d'ellas, começou a viver por instantes. Pedio os Sacramentos, e recebendo-os com socego, e suavidade de espirito, o poz nas mãos de seu Esposo, em hum dia de S. Jacintho, 16 d'Agosto, ás duas horas depois da meia noite, anno de 1665.

Muito semelhante á Madre Soror Joanna em qualidades de sangue, e virtude (e não menos na criação n'esta Casa, onde tambem entrou de sete annos, e com duas irmãs) foi a Madre Sor Catharina de Jesus, neta do Conde do Basto, como filha de Duarte de Albuquerque, e de Dona Joanna de Castro, filha do Conde. Continuou a mesma semelhança nas sugeições de Pupilla, começando já d'este estado a avultar nos exercicios da oração, e penitência, recusando o deseajo da cama, especialmente nas vespervas de Communhão, e noites de sextas feiras, não permitindo ao corpo mais que o agasalho, que promettia huma taboa nua.

Com a profissão crescerão as obrigações, com os annos o excesso n'ellas, chegando Soror Catharina em breve tempo ao grão de virtude, e opinião de verdadeira filha d'esta Casa. Taes são as qualidades, com

que se grangea este nome! Incançavel na continuação das Matinas, até ás quatro da madrugada se detinha no coro, não a embaraçando para a regular assistencia d'elle, nem os officios em que a punha sua muita capacidade. Assim dispunha, e media o tempo, que acodia a tudo; e nem o trabalho da enfermaria lhi'o occupava todo, só a assistencia de alguma doente de perigo. Aos jejuns da Constituição accrescentava muitos; erão continuados os de vespervas de Communhão, e sabbados. O mesmo em vigalias de alguns Santos, mas em todas de nossa Senhora a pão, e agua. Muitos dias se abstinha d'ella; continuava-o mais pela Quaresma: e aggravando a mortificação, trazia azevre na boca. Usava asperos cilicios, tomava rigorosas disciplinas: e sobre tudo, antes parece que se esquecia, que se dilatava na oração. Tal era a ancia de não ter outra occupação na vida; ensinar-lhe-hia a experiencia, que a não havia mais deliciosa. Taes erão os favores do Ceo, com que a frequentava.

Huma noite se lhe representou, que hum Religioso, seu Confessor, que assistia com o da Casa na Vigairaria, estava mui apertado com hum estupor, que áquella hora lhe dera, mas que não morreria. Rompeo-se a manhã seguinte a noticia no Mosteiro, e que o Religioso, sem esperanza de remedio, não admittia alivio. Soube-o a Madre Sor Catharina, e chamando o Confessor da Casa, lhe propoz o que lhe succedera, para que o doente estivesse com confiança. Pareceo disposição do Ceo a felicidade d'esta noticia, sendo esta Madre mui recolhida em materias de sua consciencia. Seguiu-se logo no doente perfeita melhora, e depois larga vida, e em Sor Catharina confirmada a opinião, que já tinha na Casa.

Sendo Mestra de Noviças, e tendo huma gravemente enferma, vio em sonhos huma Religiosa (amiga de ambas, que havia pouco falecera) e ouviu, que lhe dizia: «Levanta-te, e faze com que se dêem os sacramentos a essa menina, que certamente morre.» Acordou, e sem dar credito ao sonho, tornou a dormir, e logo a ouvir o mesmo, que primeiro. Tornou a acordar, e continuando no pouco reparo, dormio. e terceira vez ouviu o mesmo, e pelo mesmo estylo. Então acordou com sobresalto, convencida já de que antes era aviso, que sonho; vai-se á Prelada, pedindo, que se dê logo o Viatico á Noviça. Era alta noite, recusava ella desasocegar a Casa, e sem resolução de Medico, parecendo-lhe antes loucura, que cautela. Insta cada vez mais resoluta a Mestra; não costumava sem fundamento fallar com tanta confiança; conhecia-o assim a Prelada, chama-

se a Communidade, entrão os Religiosos, e dando-se á doente os sacramentos, perde logo a falla, e em breves horas a vida.

Commungava duas vezes na semana (sendo só huma a obrigação da Casa) e acompanhava este acto com copiosas lagrimas; seria, que se lhe derretia o coração no peito com as visinhanças do Sol, que recolhia na alma. Não havia occupação pertencente ao coro, em que não fosse destra, como continua. Na de cantora se empregava com grande gosto, quando lhe deu hum forte estilicidio, de que não fez caso, porque se não resolvia a deixar o serviço do Mosteiro. A falta de remedios a foi pondo em estado de tísica, e a de respiração em huma agonia continuada, em que se apurou sua paciencia, e o conhecimento do pouco caso, que fazia da vida. Rodeavão-lhe a cama duas irmãs, e algumas parentas; e vendo, que fazião huma devoção pela sua melhora, disse: «E que despropósito fora tornar eu agora a desejar a vida! Meu Senhor, seja antes pela minha alma.»

Foi-se-lhe aggravando o achaque, e chegou-a ás portas da morte. Sacramentaráo-na, pedindo-o ella com instancia, e devoção, repetindo com muita: «Louvado seja Deos, que não he só para os bons, e santos, mas tambem ouve os máos, que estando tremendo do Inferno.» A espaços dizia as palavras do Psalmista: *Ad te levavi oculos meos, qui habitas in cælis.* «Levantei os olhos a vós, Senhor; vós, que tendes o Ceo por Palacio.» Estava com este socego, quando alterando-se hum pouco, disse: «Parece que estou para entrar em hum termo;» e sobrevivdo-lhe hum accidente, repetio: «Santissimo Sacramento.» Foi a ultima palavra que se lhe ouviu, porque brevemente passou a gozar a bemaventurança, como a que acabava de repetir, que a pertendia, recorrendo ao penhor d'ella. Assim se podia conjecturar, advertindo, que nem os horrores da morte poderão dissimular as luzes, em que já vivia seu espirito, percebidas em huma compostura desassomburada, e risonha, que lhe ficou no rosto. Faleceo em dia do Anjo da Guarda, 1 de Outubro de 1666.

### CAPITULO XXXIX

*De Soror Maria Josefa, e Francisca do Rosario, Pupilla,  
ambas irmãs.*

Duas irmãs com tantas igualdades (como promettia a harmonia do sangue) na inclinação, e no genio, e tantas na virtude, como se a graça

seguira os passos da natureza, deu a casa dos Condes de S. Lourenço a este Mosteiro, para o deixar enriquecido, como saudoso; taes forão suas prendas, e tão breves suas vidas! Forão ellas Sor Maria de S. Joseph, que entrou de nove annos, e Soror Francisca do Rosario, que entrou de sete. Erão as delicias dos Condes seus pais, Martim Affonso de Mello, e Dona Magdalena da Silva, que sem escutarem os soluços a suas saudades, se despojarão dos maiores alivios da vida, sacrificando dous corações em os altares da clausura; victimas tão agradaveis a Deos, como o mostrou a experiencia do pouco, que as permittio á terra. Mas digamos primeiro de Soror Maria.

De nove annos entrou n'esta Casa, desmentindo-os no modo com que se começou a portar n'ella, sem esperar, que as obrigações de Noviça a puzessem no caminho de servir, e obédecer; assim era humilde, assim diligente! A todas excedia na modestia, e compostura: e cativava a todas com notavel meiguice, e boa graça, favorecida em tudo o que dizia, e obrava, de summa esperteza, e fermosura. Chegou aos quinze annos, tomou o habito com tanto alvoroço, como se não principiara o seu cativeiro: mas tal era o gosto com que viera buscar-o! Este a fez voar no anno de approvação, não havendo emprego de mortificação, e trabalho, em que se não adiantasse a sua diligencia, e a sua observancia. Não ouvia austeridades das que usarão as primeiras Noviças da Casa, que não exercitasse com igual rigor, por mais que lh'o culpava a compleição delicada, e já reduzida a grande fraqueza. Para o exercicio da oração, e para os mais de penitencia, que se usão na Casa, assim era desvelada, como a que vingava a sede, que nunca lhe deixarão satisfazer em Pupilla, tanto na assistencia das Matinas (que por favor lhe deixavão n'aquelle tempo ir a algumas) como na frequencia das disciplinas, que a Mestra lhe tirava da mão, esperando, que com o tempo criasse forças para aquelle exercicio.

Mas já agora tinha mais justiça para os actos de mortificada, ainda que escondia os que excedião a sua debilidade, como era hum aspero cilicio de ferro, com que rigorosamente se cingia, em podendo livrar-se dos reparos da Mestra. Já em Pupilla usava esta penitencia, e a mesma cautela. Professou, que foi o dia mais alegre, como suspirado de sua alma, como quem não ignorava o Esposo, que conseguia, dispondo-se assim para o desposorio, como quem conhecia o ornato, de que se agradava seu Esposo. Mas não permittio elle, que ella o suspirasse muito

na terra, porque dentro de dous mezes a chamou para o lugar de esposa. Precedeo huma febre, que exasperada com os remedios, desenganou a todos: mas era tal sua paciencia, que (recorrendo-se aos mais rigorosos, que nem assim davão esperanças de melhora) não se via n'ella a menor repugnancia: antes com semblante alegre ao dizerem-lhe, que os Medicos davão o ultimo desengano, respondeu: «E porque? Eu não o conheço?» Sacramentarão-n'a, sendo n'ella tanta a devoção, e inteireza, como nas Religiosas a lastima. Despedio-se de todas: e depois de demonstrações de huma alma pura, perdeu a falla, e d'alli a pouco a vida, passando a restaurar huma, e outra na companhia de seu Esposo, para a lograr eternamente, vivendo, e louvando-o. Faleceo em 17 de Julho de 1666.

Seguiu os mesmos passos sua irmã Soror Francisca do Rosario, entrando n'esta casa de sete annos, já tão adiantados em modestia, e concerto de vida, como se se anticipara a desempenhal-a perfeita, o conhecimento de a não ter dilatada. Consentia ainda a sua idade (porque não erão ainda completos os sete annos) o entrar n'esta Casa a ver sua prima a Madre Sor Antonia da Magdalena, que levada do amor, que lhe tinha, quiz esta vez, que ficasse de todo n'ella, pois os Condes seus pais não tinham outro intento, por mais que sentião, que a roubassem a seu gosto. Valeo-se a natureza dos poucos annos: sentio a menina saudosa o mimo, que deixava em seus pais, e sua casa. Mas já a razão madrugava a enxugar as lagrimas culpadas da inclinação, que nascera com ella, de escolher aquella vida. Assim lhe deu principio com tanto fervor, que servia ás Religiosas juntamente de confusão, e de gosto.

Levava-a hum singular affecto á Virgem Senhora do Rosario. Mostrava-o na assistencia, que fazia em huma capella sua, onde muitas vezes a vião occupada com flores, e perfumes, acompanhados de grossas lagrimas, como se invejoso o coração quizesse fazer numero entre aquellas victimas. Acompanhava esta devoção com a de jejuar os sabbados. Outros dias mais, que para ella tinham particularidade, usava a mesma abstinencia, occultando a com industria, porque o debil de suas forças culpava o exercital-as. Levava a huma Irmã Conversa, que assistia na cosinha, o que lhe davão, e guardava da cea; e advertindo-lhe esta huma vez, que guardasse os jejuns para quando fosse Noviça, respondeu: «E sabeis vós, se chegarei eu lá?» Parece que podia ajuizar-se, que alcan-

cava a brevidade de sua vida. Assim parece que a conhecia no muito que aproveitava.

Começou hum anno a jejuar a pão, e agua os nove dias antes do Natal, consagrados á Expectação da Senhora; passados alguns, divisava-se-lhe já no rosto a fraqueza: deu parte á Mestra huma Noviça, que o sabia: e n'aquelle martyrio lhe embaraçarão o maior gosto. A pão, e agua jejuou as vespervas de nosso Padre esses poucos annos, que viveo, não sendo a menos custosa circumstancia d'esta penitencia o occultal-a. Tomava disciplinas, e usava cilícios com a mesma cautela. Recollida na cella, tinha larga oração, não se contentando com a que em Communidade tinha no coro. Nella, como nas occasiões de Communhão, erão tão copiosas suas lagrimas, que na toalha se lhe representavão as nodos.

Tinha todos os dias com a Senhora huma particular devoção, vestindo-a, e ornando-a com orações tão devotas, como bem accommodadas. O Rosario era o vestido: o Officio menor da Senhora o manto: o seu nome (que se reza na Ordem com Psalmos, e Antifonas, pelas letras) o toucado: a coroa, a que se reza á mesma Rainha: o calçado, nove Padre Nossos, e nove Ave Marias. De noite continuava as Matinas, que lhe permittião, que não erão poucas: tal industria tinha para o conseguir das Preladas! Humilde, sofrida, e callada: não havia acção religiosa, que não anticipasse em Pupilla. Suspirava com continua ancia por acabar a vida. Raros desejos n'aquelles annos! Consultou o Confessor com escrupulo, se seria culpavel este desejo. Aconsellou-lhe elle, que o mais seguro era resignar-se, porque ainda que fossem suspiros por ver a Deos, devia huma alma por-se em suas mãos, porque só no seu decreto era infallivel o acerto.

Neste estylo de vida contava sete annos e meio d'esta casa, e quatorze e meio de idade, quando lhe derão humas bexigas, que resolvendo-se-lhe, a reduzirão a ancias mortaes, e faltas de respiração, que não podia dar hum suspiro; tormento, em que soffreo muito. Mandarão os Medicos, que se lhe dessem os sacramentos. Magoadas as Religiosas, não havia huma, que se resolvesse a dar-lhe esta noticia, temendo, que o sobresalto lhe aggravasse a doença; mas a Madre Soror Antonia da Magdalena, como parenta, e inteirada do espirito da Pupilla, lhe propoz o desengano, accrescentando razões para a conformidade do que Deos dispuzesse. A que respondeo Soror Francisca sem perturbação: «Agora vejo o que devo de amor a Vossa Reverencia, pois assim trata da mi-

nha alma: se esta he a vontade de Deos, quanto mais cedo, tanto melhor.»

Derão-lhe os Sacramentos, que recebeu com inteira advertencia, e devoção, que compungia as Religiosas, e juntamente as admirava, vendo aquella idade tão destemida, e tão conforme. Ameaçou-a huma modorra grande; e voltando ás Religiosas, pediu, que tivessem cuidado de a acordar; que não queria, que a morte a achasse dormindo. Era vigilante, era sabia esposa; e não ignorava, que aquella era a hora de chegar o Esposo, e contingente subir ao thalamo a que o não esperasse com disvelo. Poz os olhos em hum Christo crucificado; e perguntando-lhe huma Religiosa o que via? Respondeo: «Vejo-me a mim mesma»; e continuando algumas palavras, cheias de confiança, e espirito, espirou, passando-o áquelles braços, que via abertos, para a receberem nos eternos descãos, em 20 de Abril de 1688, dia de Santa Iñez de Monte Policiano, festivo para a Ordem, como ditoso para Soror Francisca. Affirmarão Religiosas dignas de credito, ouvirem n'este dia continuada e repetida musica, percebida a suavidade d'ella, mas ignorado d'onde nascia.

## CAPITULO XL

*Das Madres Sor Leonor do Evangelista, Sor Iñez do Presepio;  
e da Irmã Conversa Sor Domingas de S. Jacintho.*

Entrou n'esta Casa a Madre Sor Leonor do Evangelista, prometendo o que logo começou a desempenhar a experiencia; porque sendo muito nobre por nascimento, abraçou a humildade religiosa com tanto espirito, que a diligencia sua não houve officio, ou occupação abatida na Casa, em que não empregasse toda sua vida. Assim a tinham sempre por companheira as Irmãs Conversas nas suas officinas. No essencial de Religiosa, e observancia nos exercicios da Casa, era inculpavel. Nem os muitos achaques a fazião frouxa. Era de condição inteira, e fogosa; e o dominal-a, foi o continuo martyrio de sua vida. Ella lhe fazia accrescentar os jejuns, dobrar mais a miudo a disciplina, e apertar o cilicio com mais aspereza.

Devotissima da Senhora do Rosario, sem duvida lhe mereceria o anticipado aviso, com que começou a esperar a morte, de huma doença, que a não promettia. Seguiu-se ao conhecimento a conformidade, e hu-

ma paz grande em seu espirito, acompanhada de brandura, em que se lhe trocou a aspereza do genio. Recebidos os Sacramentos, advertio ao Confessor, que o demonio a havia de inquietar na ultima hora, e que tivesse cuidado de a absolver, se a visse inquieta. Succedeo assim; porque perdendo logo a falla, e continuando o Officio da agonia, se inquietou muito, fazendo sinal ao Confessor. Absolvida, cerrou placidamente os olhos, como em hum suave somno, passando a abril-os em o eterno dia, que amanheceo á sua alma, em hum sabbado, 2 de Julho de 1668, não deixando de merecer reparo a concorrencia festiva, que houve esse dia na Casa, por ser em hum sabbado da dominga infra octava do Sacramento, com que foi o corpo para o coro, quando na igreja se escutavão os instrumentos de trombetas, e charamellas. Ao domingo se deu á terra, estando tudo ornado de branco, como pedia o Oitavario. Seguiu-se motivo de maior reparo (e de sentimento para as Religiosas, que sempre tiverão os seus claustros por sepultura dos grandes effeitos de sua observancia) porque soou logo na Corte huma voz, que falecera no Mosteiro do Sacramento huma Religiosa santa, a quem nossa Senhora revelara o dia de sua morte, sem se averiguar donde este rumor se originasse.

Nem no nascimento, nem na virtude inferior abraçou a mesma vida, e buscou esta casa a Madre Sor Iñez do Presepio. Forão seus pais Ruy de Mendonça de Vasconcellos, e Dona Jeronyma de Moura, naturaes de Lisboa. Nasceo com ella a inclinação aos Claustros da observancia, porque chegando a uso de razão, não havia nenhuma, que a despersuadis-se de busca-la. Já contava os annos de o pôr em execução; venceo os pais com a supplica, e com a instancia; e tomou o habito com tantos alvoroços, como tinhão sido os desejos, e começarão a ser as promptidões nas obrigações d'elle. Assim foi hum vivo exemplar das Constituições, e exercicios d'esta Casa, contando-se entre as primeiras Noviças d'ella, porque vivião ainda as Religiosas na primeira.

Obediente exercitou todos os officios, observante o de Prioriza, e em todos como perfeita Religiosa. Nos jejuns, disciplinas, e mais penitencias, o que mais se sabia, era pelos effeitos; assim era acautelada. Na oração continua; assim era recolhida. Dispensarão-n'a os annos muitos, e achaquosos, de seguir a Communidade nas Matinas; mas assim madrugava para a vigia do Sacramento, que ainda as Religiosas estavam na oração d'ellas, quando vinha para o coro, onde as mais das vezes contava

as tres horas, gastando em oração até Prima, d'alli a despertar as Religiosas para ella. Seis, ou sete annos antes de sua morte, a affligio huma doença, em que padecio muito; mas entendendo com invencivel fé, que no meio d'aquella afflicção lhe estava Deos assistindo, como pelo seu Profeta promettera ao attribulado: *Cum ipso sum in tribulatione*: «Eu vivo junto do affligido.» Assim dizia com paciencia, e confiança: «Senhor, folgo, que estais aqui, e vêdes o que padeco, porque, se assim não fora, quem me daria tanta paciencia?» E algumas vezes continuava (voltando-se a quem lhe assistia) segurando, que desejava acabar a vida, e padecer o golpe da morte, pois o mesmo Deos morrera por nós á força de dores, e aos olhos de sua affligida Mãe.

Teve a occupação da Sacristia muitos annos, com igual aceio, que disvelo, em que a não deixava para o conhecimento do Senhor, a quem servia, e a experiencia dos excessos, e pontualidades, com que pagava, mostrando muitas vezes na sua Providencia o que se agradava d'aquella officina. Erão-lhe precisos dez mil réis para obra, que o não era menos, e estava a seu cargo; andava com a afflicção de não ter a quem recorresse; eis-que hum dia, abrindo hum almario, acha n'elle pontualmente o dinheiro. Põe os joelhos em terra, levanta ao Ceo os olhos, cheios de lagrimas, repete entre devoção, e alegria o *Te Deum laudamus*; e porque presenciara o caso outra Religiosa, que a ajudava, lhe disse: «Graças serão dadas a Deos, que não he esta a primeira vez.» E sem duvida lhe succederia muitas, porque reparando huma Religiosa em hum quadro de nosso Padre, que estava na Sacristia, e notando-o de mal affigurado, respondeu Sor Ignez com singeleza, e graça: «Sim, mas dá dinheiro.»

Com outros favores a tinha o Ceo mimosa, porque em muitas cousas futuras fallou com segurança, e mostrou-as depois a experiencia. Erão isto luzes participadas a seu espirito do commercio continuo, que tinha com o Ceo por meio da oração. Detinha-se huma noite n'ella em o coro, a tempo que huma Religiosa (chegando a huma varanda) vio arder huma fermosa lavareda sobre o telhado d'elle. Foi examinal-o, e na parte a que correspondia o fogo, achou a Madre Sor Ignez orando; assim se não estreitava o de sua charidade na esfêra do peito, subia rompendo embaraços a buscar o centro, de que cahira faisca para se levantar lavareda. Tão viva era a da charidade, com que amava a Deos, e abraçava seus preceitos, que até em padecer as penas eternas estava conforme, dispondo-o assim sua Divina vontade. Praticou-o algumas vezes re-

soluta com pessoa de espirito, a quem devemos esta, como as mais noticias de sua vida. Foi ella tão inculpavel, que muitas vezes lhe ouvirão dizer: «Que nunca á noite se recolhera, entendendo, que chegasse ao outro dia; nem se levantou n'elle com esperanza de que chegasse á noite.» E memoria tão bem occupada, como o não aconselharia a vida, se a industria de a conservar inculpavel, he não perder nunca de vista os fins d'ella, como he documento do mais verdadeiro Oraculo (i).

Contava setenta annos, quando a chamou Deos com huma rigorosa doença de terças malignas. Como toda sua vida foi huma continua preparação para deixal-a, tomarão os alvoroços o lugar dos apparelhos. e já sacramentada, e amanhecido o dia, em que o Ceo dispoz sua jornada, chegando-se a vê-la as Religiosas, ouvirão, que fallava consigo, e com voz clara se pedia alviças de chegar já aquella hora. Voltou-se logo a ellas, e disse: «Que nunca amanhecera com tão grandes saudades de Deos, como aquella dia.» N'elle, que foi em 20 de Julho de 1668, passou tão ditosamente a alivial-as, como se lhe mostrara o Ceo, que se acabava para sempre o tempo de padecer-as.

Mas dêem lugar estas duas Madres a huma Religiosa Conversa, que seguindo-lhe as pizadas na vida, o merece tambem fazer na memoria, ainda que a que nos chegou ás mãos, he assaz escassa, como vinda por algumas, mais advertidas em esconder, que em apontar. Foi esta Religiosa filha de pais honrados, e virtuosos, prendas unicamente estimaveis, e bem conhecidas em toda esta familia, mas com maiores augmentos a da virtude em Soror Domingas, divisada já em sua meninice, que bem doutrinada dos pais, e melhor illustrada do Ceo, não tinha já mais emprego, que pizar o seu caminho. Contava onze annos, quando já se achava mui adiantada n'elle com os exercicios de contemplação continua na Paixão de Christo, a que offerecia muitos de mortificação, e penitencia, com grandes lucros de sua alma. Aos olhos d'ella começou o Senhor a permittir a suavidade de sua presença, de que lhe nascia hum tal respeito, que nem no tempo, que precisamente havia de dar ao descanso, ousava descompor-se, nem ainda tirando a toalha depois de Religiosa; assim dormia vestida.

Bem se infere qual seria a pureza de huma consciencia, que tinha sempre Deos á vista, sem se atrever a obrar acção menos decente de sua attenção soberana. Com essa fraze nos dá noticia a Chronica Sagra-

(1) Memorare novissima tua.

da das vidas dos mimosos de Deos, dos Patriarchas, dos Profetas, dos Monarchas piedosos, e justificados, dizendo: «Que viverão na sua presença; que lhe aconselhou, que andassem sempre n'ella.» Venturosa alma na estimação de Deos, donde reproduzio, e achou o seu agrado as sinceras semellanças d'aquelle primeiro seculo!

Amiudava as Communhões, por conselho de seu Confessor, pessoa douta, e que conhecia o como devia conservar-se a pureza de sua consciencia. Recollida em si mesma, antes parece, que ignorava, que fugia os commercios da vida. Com o estylo d'esta chegou á idade de vinte e sete annos, em que entrou n'este Mosteiro, tomando o habito de Conversa, e avultando tanto na pontualidade das obrigações d'elle, como promettia a ancia com que buscara o caminho de se adiantar mortificada. Era o seu prestimo igual ao seu cuidado: via-se a Casa bem servida, e edificada; assim era diligente, assim observante. Não tardarão os achaques, precisos companheiros dos annos; mas nem o seu rigor a fez afrouxar no das Constituições, menos nos que inventava, nunca satisfeita do que se perseguia.

O seu comer era quasi sempre hervas; o maior mimo dous ovos; pareceo-lhe regalo, e absteve-se d'elles. Nem as occasiões de festas, ou profissões, em que se augmenta, e melhora o prato ás Religiosas, a obrigavão a dispensar n'esta austeridade. Despertava a Matinas, e ou antes, ou depois d'ellas, corria por sua conta a vigia do Santissimo; favor, que procurado, com instancia, alcançara da Prelada. Commungava duas vezes na semana, que sempre a meditação, e penitencia a trazia disposta. Com esta frequencia se accendião os desejos em sua alma, de chegar a lograr seu Esposo na visão eterna, e união mais intima, e segura.

Seguião-se a estes desejos desprezos da vida, e a repetida confissão de que nada lhe agradava n'ella mais, que a esperanza de que chegaria a sua ultima hora. Precederão a ella doencas rigorosas; e contando já sessenta annos a ultima, e tão cruel, que as dores lhe tiravão o juizo, e ficava como frenetica. Passado o accidente, erão grandes as demonstrações de sua conformidade. Foi-a enfraquecendo o achaque, derão-lhe os Medicos a certeza de sua morte, e escutou-a com tanto alvoroço, que voltando-se ás Religiosas, e levantando as mãos ao Ceo, dizia com o rosto banhado em lagrimas: «Que nunca tivera nova, que lhe desse tanta.» Recebeo os Sacramentos devota; e dizendo-lhe, que tinha o pulso muito fraco, que já não poderia durar muito, respondeo com socego: «Pois

isso assim he, ponhamo-nos a morrer.» Despedio-se das Religiosas com alegre semblante, e entre outras cousas, que disse, accrescentou: «Que n'esta miseravel vida lhe tinha Deos feito muitas mercês»: e dando-lhe graças por ellas, como por lhe apressar a hora em que se via, tão alegre para ella, acabou com o nome de Jesus na boca, passando a contemplar n'elle a verdadeira, e eterna alegria, em dia de nossa Senhora da Appresentação, 21 de Novembro de 1668.

## CAPITULO XLI

### *Da Madre Soror Magdalena das Chagas.*

Venturoso nome, e appellido, que duas vezes se lê nas memorias d'esta Casa em duas filhas d'ella, no nome parecidas, no sangue parentas, nos claustros reformadas, e ambas digno assumpto do nosso trabalho, e grande credito d'este Mosteiro, renovando agora n'elle a lembrança da Madre Soror Magdalena das Chagas, de que já escrevemos, visavó d'esta, de que escrevemos agora. Chamou-se esta Madre no seculo (até n'isso semelhança da parenta) Dona Magdalena de Vilhena. Entrou a ser Pupilla n'esta casa de oito para nove annos de idade, em que se fazião maior lugar as prendas, que lhe deu a natureza, e já madrugavão, fazendo-a privilegio d'ella. Com excellente voz acompanhava as Religiosas no coro, admirava-as com repostas de vivo, e prompto entendimento, e edificava-as com a composiçãõ, e modestia de seu trato. Assim como se adiantava á idade, o fazia tambem á obrigaçãõ, porque ainda nas liberdades de Pupilla se vião n'ella as observancias de Noviça voluntaria: e gostava tanto o Ceo de a vêr já a braços com o trabalho, que lh'o apressou em huma rigorosa doença, como apalavrando-a para os muitos, que a esperavão na vida.

Dilatou-se-lhe o noviciado alguns annos, sacrificio, em que luzio mais o seu soffrimento: tão vivas erão as ancias de se ver n'aquelle estado! Mas nem toda aquella sede embaraçada, a escutou queixosa, nem todos aquelles embaraços a acharão menos resoluta. Chegou finalmente o dia de tomar o véo de Noviça, que foi em huma quinta feira, oitavo dia da Ascensão, 17 de Maio de 1657, e testemunhou a Madre Soror Filippa da Encarnação (então Priora, que fazia a funcão) que assim lhe vira transformado o semblante, e banhado, não só em huma desusada alegria,

mas em huma luz tão peregrina, e soberana, que entendendo-a mysteriosa, não acabava de entender como era. Testemunhou-o assim a mesma Prelada ao Vigario, o Padre Mestre Fr. Antonio da Encarnação.

Já Noviça, edificava em tudo o que fazia humilde, obediente, prompta, e desvelada, mas ainda mais com sua modestia, e compostura: tanto, que chegou a affirmar huma Religiosa antiga, e de grande opinião na casa, que não punha nunca os olhos em Soror Magdalena, que os não voltasse a pôr em si, confundindo-se, como se se reprehendera: e rompendo em lagrimas de compungida. Mas que menos commoção faria nos olhos pios o retrato da penitencia! Não trabalhou este só com as cores do sangue (que corria copioso de largas, e rigorosas disciplinas) passou ao excesso de o querer ver em si mesma aberto de estampa. Alcançou com segredo, e industria hum ferro, e feito em braza, o poz sobre o peito esquerdo, abrindo n'elle huma chaga, como se obedecera ao Esposo, que alli se desejava estampado. pedindo-lhe, que com hum sinete o imprimissem no braço, e no peito (1). Bem parece que o escuton, e lhe deferio Soror Magdalena; porque se o Esposo he fogo, foi sinete o ferro, e d'este sinete em braza lhe ficou no peito essa estampa. Assim lhe deu a estampa o nome de esposa, que suspirava, e se lhe confirmou na chaga o sobrenome, que tinha. Mas porque se não gabassem o fogo, e o ferro, que só elles a assinalavão escrava de seu Esposo, com seu mesmo sangue fez huma firma, em que se segurava sua; de que ao diante daremos mais particular noticia.

Era continua a sede de oração, para o que a adestrarão muito os livros de exercicios espirituaes, formando (doutrinada d'elles) hum retiro em seu coração, onde se escondia; e abstrahida de tudo do Mundo, só em Deos achava o seu centro; delicia, que primeiro comprara á custa de muitas afflições, mas seguio-se a ellas a paz de espirito, com que depois lograva a assistencia de seu Esposo, em se recolhendo áquelle retiro. Descobrio-o assim a seu Confessor. Chegou-se o dia de sua profissão. Moverão-se alguns embaraços sobre ella, por pessoa maior, que estava no locutorio com o Vigario, e Prelada; cresceo a disputa, e veio a por-se em pratica, que a Noviça largaria o habito, e o Mosteiro, e ao menos a certeza de que não seria a profissão n'aquelle dia. Lastimavão-se as Religiosas, que amavão, e veneravão muito a Noviça; e buscando-a para animal-a, lhe derão (achando-a em oração no coro) a noticia, e o conse-

(1) *Pone me ut signaculum super cor tuum. Cant. 3.*

lho de não descorçoar com ella. Nada se sobresaltou Sor Magdalena, antes respondeo com socego, e segurança: «Madres, não se molestem Vossas Reverencias; que eu hei de professar hoje.»

Estava assentado o contrario: pareceo a todas profecia do desejo. Mandou-lhe a Mestra, que se recolhesse para casa de Noviças, e indo com ella sua irmã, a Madre Sor Joanna do Rosario (que inteirada do embaraço chorava sem alivio) lhe pedio Sor Magdalena, que não se affligisse, que estivesse certa, que ella havia de professar aquelle dia. Não passarão muitas horas, que compondo-se impensadamente a demanda, se dispuzerão de sorte as cousas, que n'aquella tarde professou; tão satisfeita agora, como até alli estivera segura: e as Religiosas tão confusas do que vião, como do que lhe não crerão, entendendo (e bem) que aquella segurança não podia ser aconselhada da terra.

Já n'ella não esperava Soror Magdalena maior dita, e como se até alli não fizera mais que suspiral-a, entendeo, que ainda devia merecel-a. Assim voava nos exercicios penitentes, alargando o coração, e a industria a maiores rigores, e muito mais quando se vio fóra de casa de Noviças, onde não erão tão immediatas as testemunhas. Accrescentou jejuns, accrescentou retiro, e silencio: mas tudo parecia pouco, porque hia muito diante seu desejo, e não podia acompanhar-o a debilidade do corpo; porém via, que já este, e seu espirito estavam consagrados a seu Esposo, e resolveo, que não bastavão para as obrigações de professa os desempenhos de Noviça: via-se em mais superior estado, desvelava-se por merecel-o. Entendia, que o desposorio pedia igualdades, e as que não podia conseguir por humana, intentava na sua esfera por compassiva. não se contentando com a chaga, que ainda lhe durava no peito, sendo cinco as de seu Esposo.

Já tinha mais commodo para conduzir á cella os instrumentos do seu martyrio; tomou hum ferro em braza, e abrindo mais a chaga antiga, a acompanhou com outras quatro em pequeno circulo, onde ajudando-se humas ás outras as dores, passavão a intoleraveis. Começarão a sangrar-se, como o prometia a violencia, que as abrira: e começou a ameaçar corrupção a visinhança, que hia de huma a outra. Não se resolvia Sor Magdalena a fiar o segredo, via-o arriscado, porque já era preciso recorrer a algum remedio; buscou o da oração, sempre bem succedida com elle, e agora melhor: porque estancando-se o sangue, sem mais medicina, que alguns fios, que lhe applicava, pouco a pouco se lhe forão

todas cerrando. Mas não permittio seu Esposo, que sepultasse o silencio extremo tão heroico; e não fiou só do Confessor o testemunho d'elle (que assim divulgou depois de sua morte) mas com seus olhos vio os sinaes das chagas Sor Anna Maria, Irmã Conversa, na occasião de amortalhal-a. Vião-se sobre o peito esquerdo, cercavão as quatro a maior, tendo cada huma o tamanho, e circulo de hum tostão.

Assim se sinalou Sor Magdalena esposa, ficando a mesma carne (que nos esposos he huma) tanto a mesma, que até o parecia no chagada: ou assim ficou verdadeiramente merecedora do seu nome, porque no peito lh'o escreveo o seu sangue; imitação soberana de seu Esposo, que chamando-se Jesus, que val o mesmo que Salvador, ao mesmo tempo, que se lhe via correr o sangue, se lhe escutava o nome. Grande argumento de que o merecia quem já o exercitava, como ponderou S. Bernardo: *Circumciditur Puer, et vocatur Jesus... Nec meus iste Jesus nomen vacuum, aut inane portat.* Não se me culpe a digressão, que está convidando a muitas acção tão desusada, que prende a velocidade á penna, dando lugar ao preciso reparo de ver esta Madre fazendo numero com hum Francisco penitente, hum Paulo transformado em Christo, e huma Catharina de Sena extatica, que sendo todos vivas estampas de Christo chagado, parece que ainda se lhe adiantou Sor Magdalena, fiando ás resoluções do seu mesmo braço as execuções d'aquelle martyrio.

Mas se Sor Magdalena era legitima esposa nos sinaes, não menos o começou a confirmar com as acções, não havendo nenhuma, em que não sobresahisse sua rara humildade. Era Enfermeira com outra Religiosa; e largando-lhe tudo o que a occupação tinha de privilegio, e dominio, não lançava mão, mais que ao que tocava ás irmãs Leigas em semelhantes officinas, querendo ser a primeira só no disvelo com as enfermas. Apressarão-na antes as penitencias, que os annos, a entrar no numero d'ellas, obrigando-a só a obediencia a admittir mesinhas, e respeitar molestias. Poz-lhe a Prelada preceito, que não fosse a Matinas; recolhia-se na cella obediente, aonde em tocando a ellas, gastava orando, o que as Religiosas no coro. Assim satisfazia ao preceito, e contentava o desasociego de seu espirito. Achava elle, que ainda era viver com liberdade o tel-a só na mão da Prelada; quiz deposital-a na do Confessor, e prometter-lhe tambem obediencia. Escusou-se elle repetidas vezes a esta supplica, até que hum dia lhe disse Soror Magdalena: «Que ella sabia, que aquella sujeição importava ao bem da sua alma;» e consentindo o Padre

servio depois para muito, porque o seu preceito lhe tirou muitas vezes da mão a disciplina, lhe fez aliviar o cilicio, e mais austeridades, com que de todo se hia attenuando.

Sobre esta rara obediencia crescia, e avultava cada vez mais o edificio da observancia, antecipando-se, ou sobrecrecendo n'elle o da charidade. Esta a empregava toda no remedio das affligidas, supprindo as lagrimas onde não chegavão as diligencias. As doentes a achavão á sua cabeceira a toda a hora, que nem á do descanso preciso perdoava. Ás decrepitas, e impossibilitadas, para se servirem das cellas para dentro, lh'as varria, e aceava, obrigando-as com agrado, para que lhe permittissem repetir aquella diligencia. Achava-a mais desvelada a necessidade de maior importancia, como erão as da alma; as dos inimigos, e apostatas da Fé, por quem applicava exercicios penitentes. Por hum, de que teve particular noticia, andou muitos tempos afflicta, e penitenciada. Aqui carregava a mão nas disciplinas, sempre tão rigorosas, que lhe era necessaria toda sua industria, para que a não descobrisse o sangue, quando as tomava.

Com huma cadea de ferro cheia de bicos cingia o pescoço, e levada pelas costas, lhe descia a fazer o mesmo ao peito. Outro cilicio, e huma cruz de ferro com grandes bicos se lhe acharão por sua morte. Mas nada bastava a satisfazer aquella ancia penitente; nem o que já fizera, nem o que agora fazia, lhe parecia satisfação para huma peccadora, qual se imaginava. Resolvéo-se a fazer huma petição a Deos, arrezando que já que ella não sabia doer-se de suas culpas, lhe permittisse dores, e doenças, em que podesse purgal-a. Ouvio o Senhor o seu requerimento: porque d'alli em diante se lhe ajuntarão, e as dores, e afflicções, que a perseguirão, vinhão por tão estranho caminho, e continuavão por tal modo, que se não duvidava da causa, que as dispunha; porque tendo Sor Magdalena muitas parentas na Casa, e sendo o mimo d'ella, em todas as suas doenças se via hum certo desamparo, assim nas medicinas, como nas assistencias; que não deixando algumas Religiosas de fazer esse reparo, nem por isso se lhe poz remedio.

Ainda passou a mais aquella grande confusão, a que a reduzião suas culpas (por este estylo o segurava a seu Confessor, que conhecia a innocencia de sua alma) que reprehendendo-se a si do muito que era ingrata a seu Esposo divino, lhe disse: «Senhor, já que eu não faço penitencia, nem para apagar a minha culpa, nem para corresponder ao vosso

amor, desde agora vos peço, que se eu merecer por vossa misericórdia a ventura de escolhida, me dilateis o purgatorio, para me vingar de mim mesma.» Muitas vezes, e nunca sem lagrimas, repetio esta supplica.

Faleceo sua irmã, a Madre Sor Joanna do Rosario, e tomando por pretexto este sentimento, fez hum total retiro de todo o commercio, que as Religiosas tem nas horas dispensadas para ativo. Tiradas as funções da Commuidade, e assistencias do coro, niuguem a via no Mosteiro. Era sua cella huma sepultura viva, porque era sua vida huma morte animada. Valia-lhe muito este recolhimento, para continuar o exercicio da oração; e porque ainda lhe parecia pouco o tempo que tinha livre no dia, se valia do da noite, ou do da madrugada, advertindo a huma irmã Conversa, de que se fiava, que a chamasse, porque (talvez de cançada) não adormecesse; sendo que rara vez acodio a Conversa a esta diligencia, que a não achasse, não só acordada, mas prostrada em venia aos pés da cama. Madrugava assim Sor Magdalena para buscar seu Esposo: proprios disvelos de Magdalena, buscal-o de madrugada; e succeder-lhe-hia o mesmo venturoso encontro, que à primeira, porque não parecia inferior a sua ancia.

#### CAPITULO XLII

*Continua-se a vida da Madre Sor Magdalena; dá-se noticia de sua morte.*

Mais dilatados, e miudos apontamentos do procedimento d'esta Madre nos chegarão á mão, mas não faltando ao essencial da notícia, dispensaremos com a miudeza, antes embaraço, e fastio, que clareza da historia. Levava docemente os cuidados a Sor Magdalena a imagem do Menino, a que chamão na Casa o «Senhor Siganinho,» de que já atraz fica tocado. Em quantô lhe offerecia orações, e lhe dizia jaculatorias, applicava as mãos a ornal-o de galas, e enriquecel-o de insignias, deixando-lhe huma vez huma mão prendada com hum anel, confirmação de esposa, e demonstração da ternura com que o buscara, tratando-o por hum nome tão suave para ella, como facilmente se lhe percebia, quando o repetia, ou o escutava.

Meditava todas as semanas a Paixão do Senhor, desde a quinta feira até o domingo; exercicio, que tambem tiverão suas iriãas Soror Joanna do Rosario, e Soror Marianna de S. Joseph, com igual lucro de sua alma

ao de Soror Magdalena, que era tanto, que chegou a dizer muitas vezes a seu Confessor: «Padre, não sei explicar os favores, e mercês, que Deos me faz quando me chego a elle na oração; porque sempre me parece que está benigno, e agradável, e que assim me escuta, e alenta, por mais que o meu conhecimento me retira ao abysmo do nada; mas sou eu tal, que devendo tanto a este Senhor, e não havendo maior delicia, que a que suspiro na sua assistência, ainda assim o offendo a todas as horas.» Quiz dizer mais, mas emmudecerão-na os soluços, e as lágrimas.

O estylo com que se entregava á contemplação, fica já apontado, onde dissemos que fabricara em seu coração huma casinha, em que se recolhia, afastada de tudo da terra. Entrava n'ella com o pensamento, e antes de meditar o que convidava a sua devoção n'aquelle dia, se prostrava aos pés de Christo, beijando-lhe as chagas devota, e enternecida. O nome de Magdalena lhe ensinava o lugar dos osculos, e que alli devião parar as ancias, e correr as lagrimas. Roubavão estas assim os olhos a seu Esposo divino, que se lhe representava muitas vezes intellectualmente, que o mesmo Senhor, vendo-a cahida a seus pés, a levantava benigno, chegando-a estreitamente a seu sacratissimo lado. Entendia outras vezes, que a acompanhava, e lhe assistia huma pessoa, attendendo a todas as acções, que obrava. E perguntando-lhe o Confessor, se a via, respondeo: «Que não: mas que não duvidava de que fosse o mesmo Deos, ou Ministro seu; porque d'aquella companhia lhe resultava hum gozo interior, o mais excessivo, e huma lavareda de amor, que lhe não cabia no peito.» Isto explicava a seu Confessor com razões tão subidas, que bem mostravão, que não erão só suas. Em particulares semelhantes teve com elle muitas conferencias, que deixamos, como peregrinas ao nosso estylo de historiar ligeiro, e preciso.

Tinha esta Madre muito prestimo para o coro, e canto, que se usa na casa. Continuamente era occupada n'elle; mas nem o attender ás clausulas d'aquella devota harmonia lhe embarçava o applicar-se á gostosa de seu espirito, que era a contemplação, de que se seguia o verem-se n'ella ao mesmo tempo dous oppostos effeitos, a harmonia na boca, as lagrimas nos olhos. Pagava-lhe o Senhor na doçura d'estas a suavidade d'aquella; e ella se pagava tanto de repetil-a, que nem os achaques, nem as dores a tiravão de continual-a; antes entendia, que era a sua musica medicina da sua molestia. Sem duvida he medicinal a musica, destruindo (ora com antipathia, ora com industria) muitos contrarios da vida

humana. Vê-se com experiencia nos mordidos das viboras, e das tarantulas, como ensinou Theophraste; nos perseguidos de ciatica, e da gota, como diz Aulo Gelio. E se havemos de crer o que sinceramente nos deixou escrito a antiguidade, assim de dores, como de enfermidades curava Esmineas (destrissimo na fruta, e semelhantes instrumentos) sem mais industria que tocal-os. Mas não se jacte d'estes prodigios a melodia humana, que melhor os sabe desempenhar a sagrada. Achava-se a Madre Soror Magdalena apertada de dores, entrada a semana santa; doeu-se d'ella seu Confessor, e pedindo-lhe, que se escusasse áquelle trabalho, que lhe seria nocivo, respondeu: «Padre Confessor, não se moleste; que eu vou cantar ao coro, e hei de melhorar em cantando.» Foi, e succedeo como tinha dito.

N'esta, como em outras occasiões parece, que a illustrava superior conhecimento; e nem sempre era só em representações, muitas vezes em sinaes sensiveis. Pedia em huma occasião á Senhora do Rosario (de quem era devotissima) soccorro para pessoa, que estava em aperto; e ouviu huma voz, que claramente lhe advertia, que fizesse certa devoção, e conseguiria o que desejava. Succedeo assim nas petições, que fazia a Deos, quando estava em oração, conhecia pela suavidade, ou desassocego, com que a continuava, o despacho da sua supplica qual seria. Pedia huma vez a vida de sua irmã, Sor Joanna do Rosario, que estava enferma, e perigosa; e por mais que começava a supplica, não a concluia. D'aqui entendeo (e foi assim) que acabaria a irmã d'aquella doença. Apagou-se-lhe de improviso huma alampada, que ardia no dormitorio, huma noite, que se recolhia, levando os olhos n'ella. Assustou-se, entendendo logo, que sua irmã Sor Marianna de S. Joseph duraria pouco; achava-se esta então enferma, mas sem risco. Compadecida d'aquella inexplicavel rigor, com que são atormentadas as almas do Purgatorio, applicava por ellas muitos exercicios devotos, e penitentes. Rezava huma noite por defunta conhecida os Psalmos penitenciaes; era tarde, estava cansada, venceo-a o somno ao principiar o *Miserere*; mas acordou logo, porque sentindo, que lhe pegavão em hum hombro, ouviu, que lhe dizia: *Miserere*. Principiou-o outra vez, e deixando-se adormecer, sem o acabar, lhe succedeo o mesmo, acordando, e ouvindo *Miserere*. Então se poz em pé, e acabou de rezar.

Outra noite, recolhendo-se da oração do coro para a cella, ao abrir a porta, a vê trocada em huma accendida fornalha de implacaveis lava-

redas, que rodeavão hum vulto de pessoa, que conheceo logo, como cousa, que lhe tocava muito; e sabindo de entre as lavaredas huma voz sentida, e lastimosa, que lhe pedia soccorro diante de Deos com orações, desapareceo a visão. Assim lhe dava a entender o Ceo, como erão valiosas, e bem ouvidas suas supplicas. Mas queria já o Senhor, que as repetisse fóra d'este valle de miserias, e dispoz, que padecesse a ultima em huma doença, que ella entendeo logo que o era, contra os votos dos Medicos, que resolvendo que alli não havia risco, fizerão com que a doente não foi ouvida, pedindo por vezes que lhe chamassem o Confessor. Entendião as Religiosas, que erão escrupulos de imaginação melancolizada: com lhe não deferirem, quizerão divertil-a. Callava ella compaciencia; e hum dia, que se vio mais apertada, e que lhe não escutavão a mesma instancia, levantando os olhos, e as mãos ao Ceo, disse: «Senhor, não permittais que morra eu sem sacramentos.»

Mas continuando o descuido (antes o mysterioso desamparo) chegou a tão grande aperto, que vendo-a n'elle algumas Religiosas, correrão apressadas a advertil-o á Prelada, e veio o Confessor, mas já achou sem falla a enferma, e sem movimento nas mãos, sequer para lhe apertar huma. Não he possivel passarmos d'aqui, sem fazer huma breve reflexão, recorrendo ao que d'esta Madre temos escrito, que em todas suas doenças se experimentou hum novo desamparo, e só advertido já entre os desenganos do remedio. Agora o veremos milagrosamente permittido por quem o permittio duvidoso; que não he crível outra cousa de se descuidarem do ultimo remedio da alma com huma Religiosa, que instantemente o pedia, e em vinte e seis dias de doença. Mas assim se divisava melhor a especial permissão divina, consentindo nas doenças, e molestias, que lhe pedira Sor Magdalena, e confirmou-se agora.

Posta n'este aperto de muda, e paralytica, e desviadas algumas Religiosas com o Confessor na Casa do Capitulo (conferindo esta pena) eis que de repente se lhe restitue o movimento, e a falla. Confessa-se com vagar, e clareza; recebe o Viatico satisfeita, e devota; pede, e dão-lhe a Unção, a que attende com acordo, e quietação de espirito, entregando-o a seu Esposo fão suavemente, como se pôde inferir do que advertirão as Religiosas, assentando-se no voto de todas, que alguma visão celeste recreara a moribunda, porque antes da ultima respiração lhe virão abrir os olhos com huma nova fermosura, e inexplicavel alegria, que a bom juizo, não podia ter outra causa. Faleceo de idade de trinta annos, e

alguns mezes, em huma sexta feira, 9 de Novembro de 1668, ás tres horas da tarde, horas, e dia mysteriosos em sua morte, porque as horas forão as em que Christo deu por nós a vida; o dia, o em que esta sua esposa o meditava.

Mas porque não foi só este o mimo, com que o Senhor a chamou para contemplal-o glorioso, como até alli chagado, tocaremos alguma noticia das que precederão á sua morte, como as que lhe mostravão o pouco, que lhe tardaria a eterna felicidade. Detinha-se huma noite no antecoro rezando (poucos dias antes da ultima doença); estava o lugar solitario, e algum tanto escuro, quando sentindo, que pegavão n'ella, vio diante de si huma caveira. Das mais circumstancias não estava lembrada a Religiosa, que apontou esta noticia, participada da mesma Madre Sor Magdalena. Servia esta Madre com charidade desvelada á irmã Conversa Sor Domingas (que havia tempo estava enferma) e assistindo hum dia com algumas Religiosas, que lhe rodeavão a cama, disse humá: «Que já a doente não podia ter muitos dias de vida.» Acodio Sor Magdalena, e repetio com segurança: «Primeiro hei de morrer eu, que Sor Domingas.» Não se alcançou o fundamento com que o dissera, mas faleceo primeiro que Soror Domingas; e o successo fez o dito mysterioso.

Dous dias antes que falecesse esta Madre, passava huma Religiosa pelo dormitorio, e emparelhando com a sua cella, ouviu cantar com huma peregrina suavidade. Suspendeo-se, e firmando-se em que era aquella a cella de Sor Magdalena, como no que ouvira, tornou a perceber a voz, mas não o conceito, e entendeo logo, que não tardaria muito sua morte, pois o Ceo a convidava com aquella delicia, que sem duvida a estava escutando a enferma. Ao testemunho d'esta Religiosa se seguiu (quasi ao mesmo tempo) outro da irmã Domingas, que como já dissemos, estava enferma, e em huma cella visinha á da Madre Sor Magdalena, que só hum tabique as dividia, quando ao voltar-se para a parede, em que se encostava a cama da moribunda, sente huma tão preciosa, e activa fragrancia, que como depois testemunhava, até a fez alheia das dores, e as mais agudas, que então padecia. Segurou logo esta irmã a huma Religiosa de sua confiança, que infallivelmente morria Sor Magdalena, porque não podia ser aquella fragrancia menos que do Ceo, que já lhe assistia na terra.

Mas resta-nos huma circumstancia, para que já convidámos o leitor ao principio da vida d'esta Religiosa, quando abrindo em seu peito as cinco

chagas para estampa, e copia de seu Esposo, firmou com o sangue d'ellas a segurança de esposa sua em hum papel, em que declarou esta venturosa entrega de si mesma. Servirá sua leitura de edificação, estímulo, e exemplo ás que com limpo coração se quizerem consagrar ao Esposo divino, pois elle permittio para mais inteira noticia de sua serva, que escapasse o papel do fogo, a que a sua advertencia o deixara decretado, fiando de huma Religiosa, que falecida ella, o reduzisse a cinza. Era esta Religiosa pessoa de reputação, parenta, e de grande confiança da Madre Sor Magdalena; conhecia bem a limpeza de sua consciencia; entrou em discursos, que não esconderia o papel peccados, antes noticia de credito para a defunta, e consolação para quem a desconhecera, e a suspirava.

Levada d'este pensamento, deu conta ao Vigario (era então o Padre Mestre Fr. Valerio de S. Raymundo, que depois foi Bispo de Elvas, talento grande, e benemerito de que se espalhe repetidas vezes seu nome n'estes escritos.) Conferio elle o ponto com outro Mestre em Theologia da Ordem, que acaso se achava em sua companhia, e resolverão ambos que hum abrisse o papel, e que divisando-se cousa digna de segredo, se entregasse ao fogo, quando não se puzesse na mão da Prelada; e sendo para edificação, se participasse ás subditas. Abrio o Vigario, e achando n'elle huma resignação, que de si fazia a Deos a Madre Sor Magdalena, escrita por sua mão, e firmada duas vezes, huma com o seu sangue, se leu ás Religiosas, guardando-se o original no deposito da Casa, d'onde se tirou esta copia.

#### J. H. S. MARIA.

«Eu Sor Magdalena das Chagas, escrava que sou de Maria Santissima, hoje a nove de Julho, anno de 1658, protesto de toda a minha vida, em quanto em mim for, negar para sempre minha propria ventade, offerecendo-me á Santissima Trindade por perpetua escrava, confiada no amor, que vós, meu amantissimo Jesus sacramentado, a todas as horas me estais mostrando. Particularmente o conheci hoje na paz, e suavidade, que me dèstes a sentir depois da Communição. Fazendo eu esta entrega de mim toda em vossas mãos, espero nas vossas misericordias, que me ajudareis, para que vos não usurpe o que já huma vez vos heido. E para que esta resignação vos seja mais aceita, torno a renovar o voto de castidade, que já vos heido feito, tomando por testemunhas de que isto he assim, a Virgem Maria, minha Senhora, o meu Patriarcha

S. Joseph, meu Padre S. Domingos, S. João Evangelista, Santa Catharina de Sena, a cuja imitação o hei feito. E a vós, meu castissimo Jesus, offereço, e entrego meu coração, protestando d'aqui por diante não consentir que cousa da terra me occupe, porque fóra de vós, nada me satisfaz; e por isso já toda sou vossa, e vós todo meu, e só o ser vossa me deleita. Tomara, meu Jesus da minha alma, morrer mil mortes ao dia por vosso amor: tomara nunca offender-vos: tomara sempre amar-vos. Fazei vós, meu Senhor, que se até agora fui cova de basiliscos, agora seja Templo vivo, e Casa de vosso descanso. Guardai, meu amor, de todo esta vossa Casa, que já he de todo vossa. Deitai-me prisões de vosso amor. Guardai todos meus sentidos, para que com nenhum d'elles vos offenda. Sede vós todo meu; que eu já toda sou vossa. E para que me não esqueça nunca esta entrega, que de mim hei feito em vossas santissimas mãos, faço este firmado de minha mão. Hoje 9 de Julho de 1658.

*Sor Magdalena das Chagas, escrava.*

Abaixo d'esta firma se lê em hum papelinho, pegado no papel outra, que escrita com sangue, diz:

*Vossa escrava,*

*Sor Magdalena.*

## CAPITULO XLIII

*Da Madre Soror Paula do Espirito Santo.*

Que cousas mais repugnantes, que as soberanias, e as humildades? e sendo toda humildades a virtude, e a nobreza toda soberanias, parece notavel simpathia esta, que tem a nobreza com a virtude, como novidade o resultarem as harmonias das dissonancias. Mas sem recorrer a segredos da Providencia, no melhor voto da politica ninguem sabe ser mais humilde, que o que he legitimamente nobre; e na politica christã ninguem se pode chamar verdadeiramente nobre, sem pôr em practica os dictames da virtude. D'aqui nasce conduzirem muito os nasci-

mentos para os progressos virtuosos, especialmente no nosso Portugal, onde parece que se herda a piedade com o sangue. Assim era illustre o da Madre Soror Paula, que começou a respirar com elle a vida de sua virtude, parecendo esta herança, que lhe competia de huns pais, que lhe não derão menos que imitar em sua vida, do que herdar em sua nobreza. Chamou-se seu pai João de Brito Casão de Mendonça, do illustre sangue dos Condes de Villa-Nova. Sua mãe Paula da Fonseca de Araujo, que ficando viuva, passou á Córte com toda sua familia, sendo Soror Paula entre seus irmãos de menor idade, mas de tão venturosa indole, que ou parece, que a negava, ou a excedia. Com os annos cresceu a inclinação, dando o Ceo maior luz a seu entendimento, para adiantal-a em mais penitente exercicio.

Começou logo a despir-se de tudo, o que aquelle sexo chama galantaria, á calidade deeenia, sem que a calidade, ou o sexo (valias com que a desinquieta sua familia) a fizessem alterar hum trage honesto, tão fóra de artificios, e enfeites, que antes parecia habito, que vestido. Nos lances da pobreza hia já tão adiantada, que ainda das licitas alfaías, que determinou para seu uso, nenhuma tinha o nome de sua, excepto hum escritorio, de que trazia a chave comsigo. Não deixavão de reparar suas irmãs no grande resguardo: e logrando a occasião de o acharem aberto, trocada em confusão a curiosidade, virão que as joias, e brincos que guardava, erão cilicios, e disciplinas, obrados aquelles, e estas com industria, e sem piedade; e indicios bastantes da pouca, com que se usava d'elles; e humas pevides amargosissimas, porque não ficasse a boca de melhor partido, que as mais partes do corpo. Atenuava-o com jejuns continuos, e apertados. Na semana trez dias, hum a pão, e agua, que vinha a ser (pòr todo o anno) o em que cahia a Exaltação da Cruz. Industriava-se já para entrar na milicia Dominicana, que com aquelle sagrado estendarte diante começa a penitente bateria de sua abstinencia.

«Na Quaresma trez dias na semana a pão, e agua. Pelo mesmo estyto celebrava as vigílias dos Santos de sua devoção, sendo no mais tempo tão pobre o seu prato, que commummente se não alargava á mais que a huns legumes, por mais que na mesa estivesse encontrando accepipes. Levavão-lhe o mais do tempo ou a lição dos livros de espirito, ou a oração; grande suavidade do seu! Era excessiva a que recebia com o verdadeiro Maná, e sustento dos Anjos, desejando a pureza d'elles, para chegar á sua mesa. Assim se preparava para elle com rigoroso

exame, sendo-o igualmente o golpe da disciplina, mais a observancia do retiro, e do silencio. N'elle escondia as delicias, que alli gostava, e merecia sua alma, não se percebendo mais, que no recolhimento, na suspensão, e violencia para tudo o que não era estar orando, sem gastar em outra cousa todo aquelle dia, salvo a noite d'elle, mais a petições de sua mãe, que a desejo de algum commercio humano.

Mas nem toda sua cautela bastou a esconder-lhe no coração aquella divina brazã; e rompendo talvez (como se passára a lavareda reprimida) se percebeo como em faiscas, alguma luz, da com que se illustrava sua alma n'aquella divina mesa. Orava Sor Paula hum dia (que tinha chegado a ella) diante do mesmo Senhor, que alli recebera, e estava exposto em certa Igreja, a que a levava a devoção, quando se sentio banhada em huma copiosa chuva de sangue do mesmo Christo, enchendo-se-lhe d'elle a boca, com inexplicavel suavidade, e doçura, e paréndo-lhe, que com a mesma se lhe passava da boca ao deposito do coração. Succedeo-lhe o mesmo na delicia, e suavidade, em outra occasião, que tendo commungado, e estando o mesmo Senhor exposto, se affligia, porque o não via de mais perto, que lhe ficava em muita distancia o Throno. Orava com este desejo, quando lhe pareceo, que sabindo a Hostia Sacrosanta da custodia, se lhe punha diante dos olhos em breve distancia.

Estes mimos, que a trazião alienada, e subião a hum grão tão intenso de affecto com aquelle mysterio soberano, que até no nome quiz esculpir os protestos de sua veneração, e ennobrecer as sugeições de escrava, mostrando de quem o era, com o nome de Soror Paula do Sacramento (brazão, que escolhia para a vida religiosa, que esperava.) Assim o propoz ao seu Confessor, o Padre Manoel Dias, pessoa de grande opinião. Mas parece, que o dispoz de outra sorte o mesmo Senhor Sacramentado. Diante d'elle se suspendia Sor Paula, em occasião em que junto ao altar se aclava seu Confessor; levantou-se este, e chegando-se a ella, lhe disse: «Que o Senhor Sacramentado lhe dera alli o nome, dispondo, que em vez do Sacramento, se chamasse Paula do Espirito Santo.» He esta Divina Pessoa, Pomba immaculada; e parece que ordenava o mesmo Christo, que com as azas d'aquella Pomba se remontasse Paula a beber os segredos d'aquella mesa.

Assim começarão a ser mais vigorosos os vãos de seu espirito, e animando-a a remontar-se ao mais elevado da perfeição, suspirava a da

vida religiosa, porque já morta para a terra, só lhe faltava huma sepultura para a vida. Pedia com larga, e repetida oração á Mãe de Misericordia, que a fizesse digna de huma illustração celeste, para escolher a vida, que a seu bento Filho mais agradasse, como o dispensara ao seu grande devoto, o Thaumaturgo Dominicano S. Gonçalo; e assim como para o favor o propunha para exemplo, assim seguia o seu nos jejuns e penitencias, com que acompanhava a supplica. Não socegava n'ella, quando lhe escreveu seu Confessor, com quem a praticara, advertindo-lhe, que o Espirito Santo, que lhe permittira o sobre-nome, a havia de illustrar com hum raio seu n'aquella perplexidade.

Succedeo assim: porque dous annos antes de se recolher, orava em o seu óratorio huma vespera do Espirito Santo. Tinha esperado aquelle dia (devoção de todos os annos) jejuando treze, e tão apertadamente, que forão alguns a pão, e agua. Com o espirito assim purificado suspirava as illustrações d'aquelle Divino Paraceto; eis que ouve huma voz que claramente lhe dizia (como em resposta do que então perguntava) «Em o Sacramento.» Lançou-se Sor Paula por terra, dando graças a Deos em sua alma, por aquelle mimo de sua Providencia; e repetindo-as ao Santo seu Advogado, a quem confessava dever aquelle conselho, pois acabava de o escutar na mesma noite, em que Maria Santissima lh'o dera a elle.

Não posso deixar de suspender-me a ponderar, que quiz o Ceo, que n'esta venturosa casa do Sacramento se reproduzissem as glorias dos primeiros seculos, que illustrarão não só esta Provincia, mas toda a Religião Dominicana; porque acabo de escrever de huma filha sua, e d'esta casa, a Madre Sor Magdalena das Chagas, que abrindo-as em seu corpo (qual outra Catharina Senense) foi estampa do mesmo Christo; e agora passo a escrever de outra (a Madre Soror Paula do Espirito Santo) que, qual outro S. Gonsalo, merecco o celeste conselho para vestir este habito. Na verdade me parece, que escrevendo a Historia d'esta casa, trabalho hum epitome da Religião inteira.

O Espirito Divino, que deu o conselho, foi tão suavemente descobrindo o caminho, que não tendo Sor Paula conhecimento particular n'este Mosteiro, e estando com os olhos na Madre de Deos (assaz conhecido, e de que tantas vezes temos fallado) assim se dispoz a vontade da mãe com as noticias d'esta casa, assim forão bem ouvidas de Sor Paula as de sua exacta observancia, que sem embaraço, antes com alvoroço,

entrarão ella, e huma sua irmãa, em que o espirito fez maior parentesco, estas sagradas portas, vestindo logo o habito com tão anciosa resolução de abraçarem as pensões d'elle, que não houve alguma, que lhe não parecesse suave. Assim começou Ser Paula o anno de approvação, continuando-o como se cada dia o começara, e acabando-o, como no dia em que o começou. Assim era professa, como fora Noviça; assim tinha sahido Noviça, como fora secular, porque as penitencias, a charidade, o recolhimento, a sujeição não podião n'ella ter mais augmento, que passarem a ser voto.

Mas começarão os achaques a perseguir-lhe a constancia. Tivera esta Madre em secular a perigosa queixa de lançar sangue pela boca; agora se aggravava, com o maior fervor nos rigores d'aquelle vida, tornando a huma continuação, que lh'a ameaçava. Mas não a atemorizou a noticia, porque assim veio acompanhada com mimos do Ceo, que estando em oração huma noite (resignando-se no que Deos dispuzesse) ouviu claramente, que lhe dizião: «Aqui has de ser Martyr.» Seguiu-se infallivelmente o effeito; cresceu o achaque, com a novidade de huma implacavel febre. Recorrerão aos remedios, que antes adiantavão a paciencia, que a cura; e entre el'es hum tão activo, mas tão mal applicado, que occupando-lhe com dores a garganta, e com chagas a boca, lhe impedio o sustento, achando até a bebida tanta resistencia, que só misturada com a das lagrimas, se lograva alguma. Continuou a rebeldia do achaque, e pol-a em estado de tísica. Não havia n'aquelle atenuado corpo parte sem martyrio; aceitou-a, como mimo do Ceo, entendendo, que aquella era o mais destro buril, com que o Esposo das almas se estampava n'ellas.

Assim o pregoarão seus favorecidos, em Paulo chagado se via Christo vivo. Assim o leu a Madre Sor Paula em huma carta, que n'esta occasião lhe escreveu seu primeiro Mestre de espirito, e seu Confessor, o Padre Manoel Dias, em que lhe dizia, confirmando-a no sofrimento: «Que era vontade de Deos, unil-a com a Paixão de seu Filho.» Confirmou-se com o novo accidente, em que rompeo o achaque, em sexta feira da Paixão, que se séguiu. Não se entendeu o que era; precederão dores, e fechando se-lhe a garganta, como se lh'a apertarão com violencia, se lhe punha o rosto de huma côr roxa, e com huns sinaes tão medonhos, que se affligião as Religiosas, suppondo, que espirava sem sacramentos. Por este estylo lhe repetio cinco vezes, durando-lhe algumas mais de cinco horas. Atribuladas as Religiosas, e desenganadas de remedios humanos,

correrão ao coro, e levando-lhe huma reliquia de nosso Padre S. Domin-  
gos, lh'a applicarão á garganta (foi cousa prodigiosa, e da confissão da  
mesma Madre Sor Paula) que no mesmo instante sentio, que se lhe re-  
solvera hum tumor, que lh'a apertava; abrandarão-se-lhe as dores, res-  
tituio-se-lhe a voz, confessou-se logo sem embaraço.

Mas continuavão os mais achaques, e pondo-a em tal aperto, que o  
sustentar a vida não parecia mais que hum vagar de perdel-a, não se  
ouvindo na boca de Sor Paula no meio de tantas, e tão desusados ago-  
nias, mais que huns eccos da paciencia, pedindo ás Religiosas, que a ajuda-  
assem a dar graças a Deos por aquelles mimos, que não merecia, como  
a ventura de a trazer o Senhor a morrer n'aquella sua Casa. Dilatou-se-  
lhe o rigor d'este martyrio de dores, e aperto na garganta, desde os tre-  
ze de Abril, até cinco de Julho, sendo a ultima vez, que se levantou a  
commungar na tribuna da Enfermaria, o ultimo de Maio. Voltando para  
o leito, disse a sua irmã, que a trazia pela mão: «Já d'aqui me não le-  
vantarei outra vez; tomai este habito, e o mais que me ha de servir de  
mortalha, e ajuntai-o na nossa cella.»

Sobreveio-lhe huma cruel sezão, accendia-se-lhe a palidez do rosto,  
como se n'aquelles secos ossos se ateara hum incendio, que por horas  
lhe hia consumindo a vida. Pedio o Viatico, que recebeo com tanta sua-  
vidade de espirito, e exterior socego, como se então se apagarão aquel-  
las lavaredas, em que ardia, com as grossas lagrimas com que o rece-  
bera. Por vezes a tinhão unguido: assim começou a esperar o ultimo ter-  
mo, sem mais desafogo nas agonias, em que se cobria de mortaes suor-  
es, que dizer com Job: *Sit nomen Domini benedictum*. Fez a protestaço  
da Fé com o mesmo socego; suspendeo-a logo hum breve somno, de que  
acordou afflicta, e entre as piedosas vozes do Officio d'aquella hora, pas-  
sou dos horrores d'ella a melhor vida, reparando-se, que a deixara o  
ultimo espirito d'ella, como se lhe apertarão a garganta, circumstancia,  
que correspondeo ao que ouvira na vida, que seria martyr n'aquella casa.  
Vio-se assim na crueldade com que os achaques forão os seusa lgozes.  
Ficou o cadaver tão desassombrado das melancolias da morte, que po-  
dia enxugar as lagrimas nos olhos, que o vião, trocando-lhe a magoa  
em huma santa inveja. Admiravão-n'o assim os Religiosos, que entrarão  
ao enterro, e entre elles, o Padre Fr. Alvaro de S. Joseph; e baste o seo  
nome, para authenticar esta verdade.

Contavão-se 5 de Julho de 1669, quando faleceo a Madre Sor Paula,

tendo tres annos, e cinco mezes de Freira. N'estes, como em todos os de sua vida, dera largo assumpto ao nosso exercicio, se os dos Servos de Deos não forão thesouro escondido, achado só das diligencias do Ceo, empenhado tanto em o augmentar precioso, como em o retirar aos olhos do mundo. N'elle, e na Religião viveo esta Madre com hum tão raro exemplo de virtude, que lhe não guardou seu Esposo os premios só para o descanso da eternidade; n'esta vida mortal lhe adiantou muitos, a que permittio se capacitasse seu espirito, despido já em vida das pensões do corpo. Colhe-se assim das cartas, que o Padre Manoel Dias (pessoa de virtude qualificada, e que como Confessor seu tinha noticia da sua) escrevia a esta Madre no seculo, como depois de viver no Mosteiro, em que tocando no estylo, com que o Ceo a tivera, e tinha mimosa, falla humas vezes com enigmas, outras em mercês, e illustrações, ainda que não individuadas. Lê-se o mesmo em outras cartas, que o mesmo Padre escreveu a sua irmã a Madre Soror Catharina (de que eu fui ocular testemunha) a quem segurava, que da vida da Madre Sor Paula o menos era o que se sabia.

#### CAPITULO XLIV

*Das Madres Soror Margarida da Columna, Soror Brites de Deos, e Soror Margarida da Cruz, ambas irmãs; Soror Maria da Encarnação, Soror Maria da Visitação, Soror Joanna do Santissimo Sacramento.*

Venturosa a Casa de Vimioso (huma das mais esclarecidas n'este Reino) como Seminario dos domesticos de Deos, que parece participou aquella benção da Tribu de Levi, de donde se tiravão os que o havião de servir em sua casa. Isso quer dizer Levita, escolhido para o ministerio do Tabernaculo (1). Estava no terceiro Tabernaculo a Urna com o Maná, figura do Sacramento; e deputou aquella familia para o haver de servir n'aquelle Tabernaculo, como singular privilegio. Não para servir, e assistir ao Maná, que era figura; mas ao mesmo Sacramento, que he o figurado, parece, que escolheo, e privilegiou Deos a casa de Vimioso, pois tantos forão os espiritos, que sahirão d'ella na casa, e no Tabernaculo do Sacramento. Geração dos bemaventurados, dizia David (2), que era a dos que buscavão a face de Deos: *Hæc est generatio quærentium eum. Quæ-*

(1) Num. cap. 3. Levita quasi assumptus à Deo ad ministerium Tabernaculi. Alapide hic.

(2) Psalm. 23.

*rentium faciem Dei Jacob*, que na intelligencia dos Expositores val o mesmo, que os que o buscão com especial culto no Sacramento (1). Não só no título, mas no singular culto, com que n'este Mosteiro se serve, e venera este mysterio ineffavel do Santissimo Sacramento, he esta casa singularmente o Tabernaculo, em que se guarda o Maná verdadeiro; e n'esta casa se vio tantas vezes buscado da esclarecida do Vimioso, que podemos dizer que he ella a dos domesticos de Deos, escolhidos para o servirem, e lhe assistirem no Tabernaculo d'este Mosteiro na terra, destinado a lhe continuarem a assistencia no da Bemaventurança. Antes de acabarmos este livro, nos servirá de maior prova mais individual noticia d'esta illustre casa, e familia; e desculpe-nos esta pequena digressão o repetido, e venturoso assumpto, que nos tem dado n'este livro, e o muito que lhe deve no material, como no espiritual, este Mosteiro.

N'elle entron. de pouca idade. a Madre Sor Margarida da Columna, filha de D. Nuno Alvares de Portugal, irmão do Conde de Vimioso, e do Mestre Fr. João de Portugal, Bispo de Viseu, fundador, e primeiro Vigario d'este Mosteiro. Foi esta Madre mimosa da natureza por suas grandes prendas, e muito mais do Ceo, em saber empregal-as. Abraçou a observancia com tão grande espirito, que nem os achaques, de que se vio logo perseguida, a aconselharão que affrouxasse n'ella, antes inventava particulares, e devotos exercicios, estimulos com que se adiantava no aspero caminho da vida, que escolhera. Teve nos seus escrupulos hum rigoroso purgatorio, de que muitos annos fez a Deos sacrificio. Não lhe servirão de menos desasocego hum ardente zelo da Religião, e culto Divino. O amor de Deos, e do proximo a trazião como alienada; por contemplação o de Deos; por commiseração o do proximo. Seguiu-se a esta vida huma morte, que bem pareceo grangeada com ella, em 10 de Fevereiro de 1676.

Sigão-se a esta Madre duas sobrinhas suas, filhas dos Condes de Vimioso D. Affonso de Portugal, e Dona Maria de Mendonça, muito mais aparentadas com ella por virtude, que por sangue, por habito, e observancia religiosa, que por nobreza. Forão ellas a Madre Soror Margarida da Cruz, filha mais velha dos Condes, e a Madre Sor Brites de Deos, sua irmã. Confirmou Soror Brites hem no exercicio o que vinha a dizer o sobrenome; porque sem mais lembrança que de Deos, assim se

(1) Populo Christiano maxime convenit post incarnationem Dei, et substantialem moram, praesentiamque incarnati Dei in Eucharistia. Lorius hic.

esqueceo dos mimos, e lisonjas, que deixara no Mundo, como se a recebera por escrava o Mosteiro. Todo o seu gosto era servir; e a occupação de maior vileza, e trabalho, maior gosto. Domava assim, e com rigorosas, e continuas disciplinas as rebeldias do seu natural, talvez aspero, e seco: e se via, que com elle tinha escandalizado, ainda que levemente, se lançava aos pés da que imaginava sentida (fosse servente, fosse Religiosa) com tanta humildade, e lagrimas, que compungia, e movia a ellas. Assim acabou, deixando esperanças de que passava a colher o fructo dos que semeão lagrimas, em 13 de Abril de 1679.

Não se virão menores demonstrações de humilde, e penitente na Madre Sor Margarida da Cruz: porque assim a convidou tão bem o sobrenome a buscar a da observancia, que vendo lh'a não permittirião os Condes seus pais, de quem era mui querida, dispoz entrar n'esta Clausura, sem lhes dar noticia, executando-o hum dia, que com a Condessa sua mãe veio visitar as parentas, que tinha n'esta casa. Recolhida n'ella com a industria das Religiosas (vencidas de suas continuas supplicas, e lagrimas) não valerão nem as de sua mãe, menos as de toda a familia, para que voltasse os olhos, já que não ás negaças da ventura, sequer aos conselhos da lastima. Assim vestio a mortalha dominicana, tão pouco assustada dos rigores da nova vida, que entendia que em abraçal-os não merecia nada. Tanto lhe soube o gosto desfigurar a aspereza! Assim foi sua vida hum animado espelho da observancia. O zelo d'ella a poz quatro vezes no lugar de Prioriza, em que lhe deveo a casa (já que não a continuação da refôrma, que n'ella parece natureza) o augmento do ornato, e decencia do culto divino, em que gastou o muito, que do Conde seu irmão soube alcançar sua industria, e diligencia.

Cahio de doença arrebatada, que logo entendeo ser a ultima (nas cautelas, e aparelhos de sua consciencia se fez essa conjectura) e poz-se nas mãos de Deos tão resignada, que chegou a fazer escrupulo dos grandes desejos de ir logral-o, sendo as suas disposições inescrutaveis ao humano conhecimento. Recebeo os sacramentos com grandes demonstrações de contrita, entre outras de alvoroçada. Quando achou que era tempo, chamou os Padres para o Officio da agonia; e acabando, entregou placidamente o espirito nas mãos de seu Esposo; felicidade, que parece segurava o agradavel semblante, que lhe deixou a morte. Maior assumpto nos podia alargar esta memoria, se a cautela d'esta santa Madre não sou-

dera livrar o thesouro de sua consciencia do subtil roubo da vangloria. Foi sua morte em 5 de Dezembro de 1689.

Não foi menos acautelada, nem teria menos de que o ser em sua penitente, e larga vida, a Madre Sor Maria da Encarnação, filha do Senhor de Pancas, que buscando em seus primeiros annos a Deos em duas casas suas (Mosteiros da Corte de Lisboa) veio a parar n'esta, como centro de seu espirito na reforma, e observancia, que experimentou n'ella. Assim o era tambem a oração, em que se lhe dobrava o alento, parecendo-lhe pouco todo o tempo para aquelle exercicio. Era igualmente continuo o rigoroso de largas disciplinas, que lhe não tiravão da mão, nem os annos, nem os achaques. Ardia em incendios de amor de Dees, que desejava atear nos corações do proximo. Levava a esta ancia com singular doçura, a escrever saudaveis conselhos, e piedosos incentivos, para acender, e illustrar as almas no caminho da perfeição: valia-se para este emprego de hum genio poetico, com que o Ceo enriquecera seu entendimento. Assim escreveo hum livro de sagradas rimas, outro em prosa, expondo, e applicando lugares da Escritura com grande propriedade, e sentido genuino, como se lhe encaminhara a penna mais soberana luz, que a que naturalmente podia caber n'aquelle sexo, despido de doutrina, e estudo.

Crescerão os achaques com a idade, e prenderão-n'a em huma cama, theatro de sua paciencia. Não lhe faltou a coroa; de que o suave da morte, e circumstancia d'ella pôde ser conjectura; porque no iustante, que espirou, virão muitas Religiosas hum globo de fogo, que voando sobre a sua cella, acendeo o ar com huma claridade tão viva, que não só foi vista das serventes, e visinhança do Mosteiro, mas do bairro da Pampulha (que lhe fica mais alto em pouca distancia). Correrão com o susto, de que se abrazava em fogo. Assim subiria aquella alma nas azas d'aquella lavareda, imitando a Elias no transito, como o fizera no zelo. Foi sua morte em 2 de Agosto de 1692.

Grande valia deu o Espirito Santo ao dia da morte, antepondo-o ao do nascimento (1); e sendo maxima tão certa (como da mesma Sabedoria) parece, que a quiz mostrar com experiencia, e singularmente nas filhas d'esta casa: pôde-se ver em quasi todas, e finalmente n'estas ultimas, em que a Madre Sor Maria da Encarnação, se segue a Madre Sor Maria da Visitação com o mesmo argumento de morte prodigiosa. Não o foi

(1) *Melior est dies mortis, die natiuitatis. Ecclez. vii. 2.*

menos sua vida, já no seculo tão reformada, que em sua mesma casa (vivendo em huma quinta na tutela de hum tio) passava comô sepultada em huma estreita cella. Alli a tinha presa huma continua contemplação do Ceo, com tão grande fruto d'ella, que exercitando-a huma noite, vio (sem haver luz alguma, nem na casinha, nem na sua visinhança) que lh'a enchera huma claridade superior á do dia. Nada ajuizou, parando na admiração do que estava vendo, porque ainda não alcançava sua humildade, ou sua singeleza, o que merecia ao Ceo com aquelle genero de vida.

Passava em outra occasião da quinta a Riba mar (Casa de Religiosos Arrabidos, que huma legoa de Lisboa fica para a parte do mar na estrada, que corre de Belem a Cascaes); e suspendendo-se com a vista das aguas, que em largo espelho se vão estendendo d'alli até a barra, entrada da contemplação da immensidade de Deos, ouviu huma voz, que no interior de sua alma lhe dizia: «Engolfa-te no mar profundo de Deos.» Não foi menos activa outra inspiração, com que o Ceo lhe aconselhou mais perfeita vida hum dia, que contemplando na fermosura de hum campo, se lhe representou a incomparavel de Deos, ouvindo, que interiormente se lhe dizia: «Deixa o tudo pelo tudo.» Estas as luzes, com que o Ceo a encaminhou ás portas d'esta Clausura, em que só o preceito, o obediencia accresceo ao reformado, e penitente de sua vida: mas ella nunca satisfeita, aspirou a parecer antes morta, que mortificada. Vião-n'a só no coro, e actos de Comunidade. Não se lhe ouvia palavra, que servisse a commercio humano. Fallava-lhe em Deos quem queria examinar se fallava. Grande confusão para a liberdade das conversações, a que o Mundo chama divertimento! Quando ha de chegar dia, em que até as palavras ligeiras hão de vir a juizo, e se hão de pezar para a conta, as que talvez se não pezarão para a pratica (1)? Mas grande cautela da Madre Soror Maria, que não só não esperdiçava palavras, mas comprava o Ceo com ellas!

Entendeo-se que se esquivava tanto ao commercio das creaturas, porque o continuava sempre com Deos; e houve casos, em que parece se virão os grandes interesses, que d'elle tirava, não só para si, mas para quem se valia d'ella. Mas nós escrevemos, não canonizamos. O que podemos dizer, fallando por boca de seus Confessores, he, que era tal a

(1) Omne verbum otiosum, quod locuti fuerint homines, redent rationem de eo in die Judicii. Math. xii, 76.

pureza de sua consciencia, que dos pés d'elles passava á Mesa da Communhão, sem mais que licença para as continuar, por não acharem de que a absolver. Seguiu-se a esta vida huma morte ensaiada n'ella. Comungou dia da Ascensão: e ameaçada de huma dor, se passou para a Enfermaria, aonde aggravando-se-lhe a queixa, pediu, e recebeu o Viatico, reparando as Religiosas (que o testemunhão ainda hoje) que se lhe começou a ver huma rara fermosura no semblante, que como banhado de luz, attrahia a si igualmente o agrado, e o assombro. Cresceo este, quando virão, que despedindo-se de todas, disse com alvoroço: «Adeos, adeos, que vou para o Ceo.» E apertando nos braços a imagem de hum Menino Jesus, de que era devota (já recebida a Unção) com palavras cheias de suavidade testemunhava a que sentia em sua alma. Assim passou a lograr a eterna, em 28 de Maio de 1705.

Não foi menos observante nas palavras, e praticas, a Madre Soror Joanna do Santissimo Sacramento, porque não tinham humas, e outras, mais assumpto, que as melhoras do espirito. Assim o trazia cultivado, e destro na contemplação da Paixão de Christo, que medidas as horas, dizia em as escutando: «A esta hora padeceo o Senhor tal martyrio.» Não se havia de ouvir em sua presença palavra, que pudesse molestar o proximo. Era tal a antipatia, que tinha com a mentira, que ainda dita por galantaria, se affligia com ella; e ouvindo-a a Religiosa de mais confiança, a reprehendia com aspereza.

Muitos annos seguiu, e exercitou a da vida, que se professa n'esta Casa; mas os achaques lhe roubarão o gosto com que a seguia, e ficou-lhe servindo de merecimento a violencia, com que afrouxou n'ella. Era continua na oração, que acompanhava com lagrimas (suave fruto d'ella, que colhia em todo o tempo, que estava no coro.) Passava de setenta annos quando lhe amanheceo o divino Sol, que as enxuga nos olhos dos justos, com huma morte das com que costuma premiar a vida d'elles. Foi ella em 20 de Julho de 1705.

## CAPITULO XLV

*Da Madre Sor Maria Magdalena do Horto, e outras Religiosas de nome; e da irmã Conversa Sor Maria da Purificação. Apontão-se os Vigários, que teve a Casa, da fundação até o presente.*

Temos chegado ao venturoso fim das memorias das filhas d'esta Casa, podendo antes fazer hum catalogo de todas, que só lembrança de algumas. Assim he inviolavel em todo o Mosteiro a observancia, e assim a das suas leis (ainda particulares) estreita, que o mesmo seria dizer Religiosa d'esta Casa, que perfeita Religiosa. Mas tendo a Casa em commum este credito, terão-no tambem na singularidade do nome as que o Ceo quiz que a tivessem na virtude. Foi huma d'estas a Madre Soror Maria Magdalena do Horto, em quem a virtude pareceo herança (assim foi a de seus pais sinalada.) Com estes ensaios entrou n'esta Casa, tão destra para o ensino, que nos primeiros passos o trocou em exemplo. Assim o era continuamente nos exercicios de contemplativa, e mortificada. Assistia a Matinas, e até Prima ficava orando no coro, tendo tomado primeiro poucas horas de descanso em huma cama, em que o não podia achar, ou em forma, em que o não podia ter; porque ou era de joelhos, servindo-lhe a cama de arrimo, ou com os braços em cruz, inclinada sobre ella. Queria desconhecer as horas, em que a natureza sabe desfigurar ao mundo o trabalho, como quem ajuizava que não devia haver descanso no mundo.

Toda sua ancia era encontrar occasiões de merecer, fazendo hum continuo sacrificio das repugnancias do genio. Vio-se bem em hum caso. Passava pela enfermaria, e vendo hum prato com a sangria (que se tinha feito a huma enferma) lhe meteo asco. Parou applicando outra vez a vista, que o recusava; e condemnando-se a si mesma na repugnancia, lançando mão da sangria, a bebeo, triunfando da natureza. Devotissima da Virgem Senhora, a servia em huma imagem sua com a assistencia, e a oração, com o ornato, e o aceio. Entendeo-se, que d'ella merecera favores singulares. Chamava-se Sor Maria escrava sua; huma cadea, que trazia no braço, o testemunhava. Entendeo-se, que seria data da Senhora, pelas grandes diligencias, que seu Confessor fez por ella. O sentimento de sua morte embarçou a advertencia de lh'a tirarem do braço, e ficou a terra com esse thesouro.

Chegada sua morte, disposta por leve achaque, entenderão as Religiosas que se lhe anticipara a noticia d'ella, tendo lhe ouvido muito antes, que pouco lhe restava de vida, e vendo, que repetia as confissões com mais frequencia. Ao fazer a ultima, para receber o Viatico, não lhe achou o Confessor materia para ella; assim aliviado das pensões de humano, voou mais ligeiro seu espirito aos braços de seu Esposo.

Não se desvelarão menos por merecel-os as Madres Soror Antonia de Jesus, Soror Maria do Nascimento, e Soror Maria de Santo Antonio, como verdadeiras professoras de todo o rigor da observancia das Constituições, e da Casa. N'estes exercicios consumirão venturosamente a vida, sepultada em achaques sofridos com paciencia, exercita-la em virtudes heroicas, que lhe gearão a coroa.

Mas seja a das memorias d'esta Casa huma irmã Conversa, que viveo n'ella tantos annos, como lhe deu de exemplos. Foi ella Soror Maria da Purificação, a que chamavão Maria Pequena, nome, que lhe deu sua mesma estatura. Foi natural da terra da Feira, de d'onde parece que a escolheu, e destinou o Ceo para filha d'esta Casa, guardando-a com singular providencia. Vio-se logo na primeira idade, porque enganado seu pai, e mal informado do puro, e limpo procedimento de sua mãe (innocencia, que depois se vio publica) querendo tirar-lhe a vida com hum punhal, alcançou com elle (nas muitas feridas, que lhe deu) a pequena, e igualmente innocente filha, que não largava os braços da mãe, ainda ameaçada. Correrão a curar a mãe, e querendo fazel-o á filha, que tinha passada huma espada, ella o não consentio, dizendo, que só de Maria Santissima (a que chamava mãe) esperava a cura. Continuava-lhe esta supplica diante de huma imagem sua aquella mesma noite, quando ouviu, que se lhe dizia interiormente: «Maria, eu te curarei.» Mostrou a experiencia, que não fora illusão a promessa, porque, sem applicar remedio algum, se sentio brevemente curada, ficando-lhe para prova do prodigio o sinal da ferida.

Com os annos cresceu em Sor Maria o conhecimento d'este beneficio, e como illustrada de superior conselho, se alentou a pedir outro, pondo-se nas mãos da mesma Senhora, como mãe sua, pedindo-lhe exercitasse com ella este nome. E continuando esta supplica a todo o instante, lhe pareceo, que ouvira lhe dizião clara e distinctamente: «Obra como filha, que eu obrarei como mãe.» Obedeceo a venturosa donzella, e começou a querer dispor-se para o titulo, com a pureza de sua vida. Mas

não tardou que se não alterasse o socego d'ella, com a tormenta de a obrigarem a tomar estado, não lhe valendo as repugnancias, e inteirezas, com que se escusava, e defendia; resolução, que sem duvida lhe favorecia sua soberana Protectora, dando-lhe a conhecer, que para melhor Esposo a guardava.

Vio-se assim, livrando-a do ultimo combate, em que se chegou a fechar em huma casa tres dias, sem mais sustento, que hum pouco de pão. Já desenganados os pertendentes, consentia o tio, que se recolhesse em hum Mosteiro, offerecendo-se-lhe dous mais visinhos da Feira. Suspendeo Maria a escolha, porque já não tinha vontade propria, e recorreo á diligencia das suas supplicas, feitas á sua valedora, e tão bem escutadas d'ella, que se lhe representou, como por sonhos, que apparecendo-lhe a mesma Senhora com o Menino nos braços, lhe dizia: «Maria, não te cances, que ainda has de correr mais terras.» Entendeo logo, que outro havia de ser o seu centro: e passando com seus parentes a Lisboa, se lhe meteo nas mãos a noticia d'esta Casa do Sacramento, convidando-lhe a observancia d'ella suavemente o genio. Não houve detença: só ao receber-a na clausura, acharão as Religiosas o embaraço de a verem tão pequena, que não prometia satisfazer a occupação, para que se recebia; mas receberão-na as mesmas, que tinham feito o reparo, talvez que advertidas do Ceo, de que das mais pequenas plantas da terra costuma a Providencia crear os mais levantados cedros do verdadeiro Libano; ou de que não desmereceo nos olhos de Christo a pequena estatura de Zacheo, porque com o mesmo Christo se chegou a pôr á mesa, servindo-o gostosamente em sua casa. Na Casa de Deos, e Casa, em que especialmente se venera a sua mesa, não foi menos aceita a pequena estatura de Maria, dando-se o mesmo Senhor por bem servido d'ella.

Era a officina, para que foi recebida, a da cosinha, e de mais trabalho na casa; mas logo se desenganarão, de que se não medem pelo corpo as forças do gosto, e do espirito. Com estes dous alentos abraçou Sor Maria aquelle trabalho, que continuou toda sua vida, até idade, que já li'o não permittião suas forças; mas não se descuidava o Ceo de lhe dar companhia, que supprisse por ellas, Assim entrando pela manhã na sua officina, achava já vencido, ou todo, ou o maior trabalho, que podia haver n'ella, vindo-lhe a sobejar tempo para se entregar aos exercicios da oração, e da penitencia, não havendo mortificação, que lhe cansasse a constancia.

Era tão estreito o seu jejum, que quasi sempre lhe servião de sustento os sobejos da mesa, ignorando assim todo o gosto d'ella, que para o não achar em nada, destemperava o prato com cinza, ou agua fria. Começarão a perseguil-a os achaques, assim desconhecidos, ou desprezados de sua paciencia, que nunca afrouxou, nem na asperca da vida, nem no serviço da casa, em que se conjecturavão os soberanos mimos, com que o Ceo a premiava, e fortalecia. Muitos apontavão os mestres de sua consciencia (pessoas de espirito, e dignas de todo o credito). No meio de suas maiores afflições se lhe representou em huma occasião (sem saber distinguir se dormia, se velava) huma cruz, seguindo-se huma voz, que lhe dizia: «Esta has de ter até á morte.» Fallou em varias occasiões, como illustrada, em successos futuros, e com muita segurança, que depois confirmou a experiencia. Mas a illustração mais notavel, de que ficou memoria (estabelecida no testemunho de seu Confessor) foi huma repetida representação, que teve no coro nos ultimos annos de sua vida.

Costumava deter-se orando algumas horas pela madrugada, antes de passar á sua officina. Continuava-o assim huma vespera da Ascensão de Christo, quando vê que se lhe trocava o coro em hum concertado jardim com quatro quadros, de que hum estava perfeito, e cultivado cheio de fermosas, singulares, e odoríferas flores de que os mais quadros se principiavão a ornar. Não entendeu agora a representação Sor Maria: agradeceo ao Senhor o mimo d'ella; mas passados sete mezes, representando-se-lhe a mesma visão, vi-o o segundo quadro do jardim acabado, e que por entre elles se encaminhava ao sitio, em que ella estava, hum nancebo de gentil, e magestosa presença, e lhe dizia, apontando para os quadros imperfeitos: «Maria, tudo isto te falta; trabalha.» Passado anno e meio, e tendo a mesma representação, vio já o jardim perfeito, e acabado. Então entendeu, que a piedade de seu Esposo lhe decifrava nas flores os trabalhos, e que os que erão trabalhos para a vida, erão flores para a coroa; noticia, que communicou a seu Confessor, começando com mais fervor a dispor-se para aquella hora, que sempre esperava.

Mas amudavão-se os assaltos do inimigo commum, que a via, com inveja, coroar o curso de sua vida, triunfando de sua astucia; e dispoz o que se lhe permittio de vingança. Caminhava a boa velha para a cosinba, carregada de hum grande feixe de vides, e chegando a huma escada, que de bastante altura desce áquella officina, virão as Religiosas,

que estavam n'ella, que medindo os degrãos com violencia, lhes cahia aos pés, dando o rigoroso golpe, que promettia hum corpo velho, e pesado, despedido de toda aquella eminencia. Acodem, entendendo que espirara, quando vem, que sem necessitar de arrimo, se levanta sã, e desasombrada, segurando, que nada lhe doia, e dando a entender, que não desconhecia de donde o mal lhe viera. Seguiu-se-lhe o de huma hydropesia, que largo tempo abraçou com paciencia, acabando de colher do jardim, que se lhe representara, as flores, com que lhe teceo a coroa. Passou a lograr a da immortal Primavera, em 11 de Novembro de 1701.

Estas são as memorias da Casa do Sacramento (authorisadas com o testemunho dos Confessores d'ella) em que corremos com a pena mais ligeira do que pedião muitas, a estarem authenticadas. Não foi só a omissão, a que perdeo o importante d'esta diligencia, mas a repugnancia na modestia das professoras da virtude, contentes só com o testemunho de quem lhe pode dar o premio. Assim merece esta Casa o nome de espelho da observancia, não só para toda a Provincia, mas para todas as Casas de maior reforma: conservada esta assim pelos grandes espiritos, que aqui a profissão, e cultivão, como pelo zelo dos Prelados, que lhe assistem, não como Confessores, ou Vigarios ordinarios dos mais Mosteiros, mas como Commissarios do Reverendissimo (a que o Mosteiro he immediatamente sujeito) a quem dá seus poderes para todo o governo, e disposição, como receber, e professar Religiosas, confirmar Preladas, prover os lugares de Confessores, Capellães, e Procuradores. Assim forão sempre Vigarios d'esta Casa os Religiosos de mais reputação n'esta Provincia, como se pode vèr na serie, que para plena noticia d'este Mosteiro fazemos d'elles.

Foi o primeiro o Mestre Frei João de Portugal, herdeiro da Casa de Vimioso, a que antepoz a mortallha dominicana. Governou o Mosteiro, até ir para a sua Mitra de Visen. Seguiu-se o Mestre Frei André de Santo Thomaz, que governou, até ir para Lente de Prima da Universidade de Coimbra. Entron o veneravel P. M. Frei João de Vasconcellos, Prégador d'el-Rei, Reformador da Universidade de Coimbra, do Conselho Geral do Santo Officio Provincial, que foi d'esta Provincia, e que recusou o Bispado de Miranda, e depois o Arcebispado de Braga. Governou até sua morte, espaço de vinte annos. Succedeo-lhe o M. Fr. Fernando da Encarnação, eleito Bispo do Algarve; governou pouco tempo, e pediu absolvição do Officio. Seguiu-se o M. Fr. Antonio da Encarnação, que foi Provincial

de Armenia, e Deputado do Santo Officio; governou cinco para seis annos, e pediu absolvição. Succedeo-lhe o Padre Fr. Christovão de Aguiar, que governou até falecer. Seguiu-se o M. Fr. Valerio de S. Raymundo, Provincial que foi d'esta Provincia, do Conselho Geral do Santo Officio; governou, até o elegerem Bispo de Elvas. Succedeo-lhe o M. Fr. Ignacio da Costa, Consultor do Santo Officio, e Commissario Geral que foi d'esta Provincia; faleceo começando a visital-a. Seguiu-se o M. Fr. Vicente de Santo Thomaz, do Conselho Geral do Santo Officio; governou onze annos, até que faleceo. Seguiu-se o M. Fr. Manoel Veloso, Deputado do Santo Officio, governou nove annos, e impedido de achaques, pediu absolvição. Succedeo-lhe o M. Fr. João Bautista, Deputado do Santo Officio, Provincial que foi d'esta Provincia, e he o que governa o Mosteiro (vai por seis annos) ao tempo, que isto escrevemos. Praticão a Prioriza, e Religiosas da Casa, que se lhe perpetuem os Vigarios, e Confessores d'ella, como grande maxima para a conservação da observancia; porque sendo meditada a escolha dos Prelados, que as Religiosas propõem ao Geral, devem conservar-se, como escolhidos, e não repetir escolhas, que não acharão as mesmas qualidades em todos.

#### CAPITULO XLVI

##### *Fabrica da Igreja nova do Sacramento, e algumas particularidades da mesma Casa, dignas de noticia.*

Por não interromper a serie, e ordem, que venturosamente fomos seguindo nas vidas, e falecimentos das filhas d'esta Casa, guardamos para o complemento d'ella a reforma, e augmento da sua Igreja, que descreveremos com aquella singeleza, e brevidade, que pedem fabricas sagradas, antes sepulturas de espiritos amortalhados, que padrões levantados ao credito, e desvanecimento humano. Já no primeiro capitulo d'este livro fica rascunhado o sitio, e primeira fundação da primeira Igreja, que teve o Mosteiro; fabrica tosca, antes huma casa sem fabrica. Agora nos dará assumpto a da Igreja nova.

Entrou pelos annos de 1635 a ser Vigario da Casa o veneravel Padre Mestre Fr. João de Vasconcellos: e pondo os olhos n'ella, e vendo já as Religiosas bem accommodadas de vivenda, e que sô a Igreja desdizia da mais obra, parece, que lhe occorreo a consideração de David, quando

fallando com o Profeta Nathan, lhe dizia : «Por ventura não reparas, que não he bem, que esteja eu em hum palacio, e a Arca de Deos sem Templo?» Este pensamento o resolveo a derribar a primeira Igreja, e começou logo a crescer a nova, e a trabalhar-se n'ella com tanto calor, que bem parecia que assistia o braço de Deos a mover a mão de hum homem, que com mais desejos, que cabedaes, emprendia obra, que só com muitos se desempenhava. Assim sahio acabada, e perfeita, com tanta singularidade na architectura, que pareceo soberanamente aconselhada a idéa, como ao mesmo David dera Deos o rascunho, para lhe lavrar o Templo. Ajudou esta superior idéa ao veneravel Padre na noticia, que tinha da architectura, conseguindo-se assim o logro da fabrica, que hoje vemos, e admiramos mais peregrina, que sumptuosa.

Levanta-se toda ella em quatro arcos largos, e alterosos; nos que ficão aos dous lados, direito e esquerdo, a quem se põe na entrada, se forma, e dilata o corpo da Igreja, ficando os outros dous dando lugar á capella maior, e ao coro; este ao Nascente, ao Poente aquella. Sobem de hum, e outro lado as paredes cubertas de almofadas de pedra fingida (valor, e galantaria, que enfeita toda a obra) até duas varandas, ou tribunas, que as deixão vistosas, e authorisadas. Assim o fica o mais vão das paredes com outras tribunas, que em correspondencia deixão toda a Igreja ornada, e airosa. Corre sobre os quatro arcos hum frizo, de que começa a crescer hum fermoso zimbório rematado em hum airosa claraboia, que com sua luz dá alma a toda a Igreja. No arco, que fica ao Poente, se abre a capella mór, capacissima, e desembaraçada, com retabolo, que a occupa toda, ornado de fermosas columnas, que sustentão o frizo, em que no alto descança, e se abre hum espaçoso nicho, em que se vê huma imagem da Senhora sentada, e com o Menino nos braços. Ao pé das columnas de hum, e outra parte, se vem quatro fermosas, e avultadas imagens. Da parte esquerda se vê a de nosso Patriarcha S. Domingos, com suas insignias, a que dá a mão direita o Anjo das Escolas Santo Thomaz, tendo nas mãos o pão dos Anjos. Assim ficão ambos, dando o lugar mais authorizado da parte direita a nosso Padre S. Francisco, que tem á sua illarga o insigne Portuguez Santo Antonio de Padua, que tem nas mãos o pasto celestial, em lembrança da adoração, que lhe rendeo o bruto faminto. Abre-se no meio do retabolo hum nobre, e espaçosa tribuna, a que occupa o vão hum airosa charola, que crescendo sustentada em sete columnas, se coroa com hum gracioso re-

mate. Tem a charola por coração hum globo dourado (como o he tod a obra); sustenta-o nas mãos hum Anjo de estatura de homem, acompanhado de outros dous, que ajoelhados venerão ao Senhor Sacramentado, de que he deposito o globo, e de que são emblemas hum ramo de vide, que fecunda de cachos, o cerca, e hum molho de espigas, que graciosamente o corôa, não inculcando menos mysterio as sete columnas, em que se sustenta a charola, alludindo às que cortou a Sabedoria, para ornato da casa, em que se poz aquella graciosa mesa, que nesta se vê com o excesso de estar aqui o figurado, e n'aquella a figura.

De huma, e outra parte acompanhão o arco da capella dous mais inferiores, dando lugar a dous altares. Á mão direita o da Senhora do Rosario, imagem com igual fermosura, que magestade. Serve-lhe de espaldas hum fermoso resplendor, cercado de hum Rosário, de que são extremos grandes, e encarnadas rosas. Fica da parte esquerda outro altar, em que se vê a imagem de hum Senhor crucificado de estatura de hum homem, que causa juntamente devoção, e temor, e he tradição, que fallara a huma Religiosa. Em correspondencia do altar da Senhora, lhe serve de espaldas outro resplendor, a que cercão, e rematão os raios, em laços graciosos, humas pequenas laminas com as insignias da Paixão. No arco, que fica ao Nascente fronteiro á capella mór, fica o coro, e huma tribuna em proporcionada altura, dando lugar á porta unica da Igreja. O ornato, e aceio d'ella, antes parece occupação de espiritos angelicos, que humanos. A fragrancia das flores, e dos perfumes, convidão, e arrebatão com a sua vidade os sentidos á contemplação d'aquelle soberano Templo, em que os anjos, e os bemaventurados offerecem continuo sacrificio de aromas preciosos (1).

Esta he a fabrica, que serve de alma a todo o Mosteiro, trabalhada, e conseguida pelo veneravel Padre com tanto dispendio, desvelo, e affecto tão fino de vêr a Deos venerado com perfeito culto, que o mesmo Senhor mostrou lhe servira, e fora de agrado, como o revelou a huma Religiosa da mesma Casa. Na vida do Padre fica já essa noticia. Esta he a Arca do Testamento, polida, e dourada, em que o povo de Deos venera recolhido o maná verdadeiro. Este o vistoso, e engraçado circulo, e clausura dos lirios, em que se guarda, e fecha aquelle soberano monte de trigo, que dá a esta Casa nome, e pasto; correndo a buscar a sombra

(1) Ascendit sumus incensorum de manu Angeli. Apocal. 8. — Habentes singuli phialas aureas plenas odo:amentorum. Apocal. 5.

d'este monte os venturosos espiritos, que vivem das abundancias d'elle, como do povo mimoso, e em genuina accommodação das povoadoras d'este Mosteiro, dizia Oseas: *Convertentur sedentes in umbra ejus, et vivent tritico*. Dos que vivem na Casa de Deos, e do Sacramento, o entende Hugo (1).

Quanto ao interior do Mosteiro, fica já tocado na fundação d'elle, e principio d'este livro; mas para dar-nos noticia das imagens, que n'elle se guardão, e venerão como em sacrario, apontaremos o que achamos mais digno de sahir a publico, para cabal conhecimento do Mosteiro. He todo elle bem repartido em proporcionados dormitorios, e officinas; excede a todas a casa, a que chamão do lavor; claustro alegre, e desabafado, por mais que cercado de varandas cubertas, que nem assim asombrão hum bastante taboleiro de jardim, lavrado de copadas murtas, e animado com humna fonte de diversos jaspes. No claustro, e varanda d'elle se repartem oito capellas, com retabolos, e imagens de singular ornato, e aceio, desvelo das Religiosas, que os tem a seu cargo com particular voto. São mais celebres as imagens de S. Francisco Xavier, de que rezão no seu dia por particular indulto, e a de S. Gonçalo, feita por voto em acção de graças, pela saude do M. Fr. João de Portugal, primeiro Vigario da Casa, em occasião de humna enfermidade, que o teve à morte. He reparo, e experiencia das Religiosas, que nas supplicas, que se fazem por enfermos, muda o Santo o semblante em alegre, ou triste, conforme se ha de seguir o effeito no doente.

Em outra capella do claustro está a imagem de hum Christo crucificado, que tirando os braços da cruz, fez aquelle estupendo favor à Madre Sor Filippa do Santissimo Sacramento, como em sua vida fica referido. No Capitulo, que fica no andar do claustro, e he enterro das Religiosas, estão em hum altar as duas devotissimas imagens do Senhor com o madeiro ás costas, e a Virgem Mãi traspassada de agonia, como no encontro da rua da amargura; he o Senhor da estatura de hum homem, e ambas as imagens, buscadas da devoção das Religiosas com frequencia, e com experiencias do medicinal azeite da sua alampada.

No topo, e fim do principal dormitorio, se levanta hum altar com a imagem da Senhora das Horas. Deu-a a Madre Sor Jeronyma de Jesus. He tradição ser milagrosa, de que não ficou mais particular noticia. Chama-se das Horas, e he altar achado em todas as Casas Dominicanas,

(1) *Sub protectione Dei vivent tritico, corpore et sanguine Christi.*

porque n'elle se costuma rezar o Officio menor da Senhora em Matinas. No topo da enfermaria, em outro altar decente, se vê a imagem da Senhora do Rosario, que esteve na Igreja do primeiro Mosteiro. He tradição, que esta Senhora acodia aos navegantes, como o testemnhavão os votos, que lhe cobrião as paredes.

Entrando no ante-coro, em hum nicho fronteiro á porta d'elle, está huma imagem da Senhora da Assumpção, da fundação da casa, e de singular devoção, e veneração de toda ella. Sobre a porta, que entra para o coro, da banda de dentro d'elle em hum nicho, se vê huma avultada imagem do Divino Esposo, que lançado a suas esposas huma benção, tem aos pés huma letra, que diz: *Sub umbra alarum tuarum protege nos;* como se lhe estiverão dizendo as esposas: «Esposo soberano, defendei-nos debaixo de vossa protecção. Entrando no coro, se offerece na frontaria em lugar alto a imagem de Christo crucificado, de estatura avultada, que no peito, como lugar d'onde sahio o verdadeiro sacrario, guarda o Sacramento. No calvario, que sustenta a Cruz, se veem em artificiosos repartimentos varias reliquias, entre as quaes se acha a maior parte de huma cabeça das Onze mil Virgens.

Segue-se inferior ao calvario, occupando o vão da parede, que ha por cima da grade, ou tribuna da Communidade, que cabe para a Igreja, e entre os dous altares collateraes a ella, hum santuario de obra de talha dourada, em que se recolhem outras reliquias, e são principaes, entre ellas, hum espinho da Coroa do Senhor, reliquia das grandes Mães Santa Theresa, e Santa Catharina de Sena, reliquia (e he singular n'este Reino) de Santa Rosa de Lima: parte da capa de nosso Patriarcha, que já obrou conhecida maravilha em huma Noviça da Casa. Ha mais n'ella huma boa parte do Santo Lenho. Todas estas reliquias são authenticadas; muitas d'ellas trouxe de Roma, e deu a este Mosteiro o M. Fr. Manoel Pereira, Provincial que foi da Terra Santa, e d'esta Provincia, depois Bispo do Rio de Janeiro, de que já deixamos maior noticia no primeiro livro.

Enchem a mesma frontaria do coro, tomando as grades, e o santuario no meio, os dous altares collateraes, que dissemos, com seus retabulos dourados, graciosos, e bem lavrados nichos; no da mão direita da frontaria se vê huma peregrina imagem da Senhora do Rosario, que mandou fazer o V. P. Fr. João de Vasconcellos. No nicho do retabolo da mão esquerda, se vê a imagem de nosso Patriarcha, e diante em o altar a

do Menino Jesus, a que as Religiosas chamão: «O Senhor Siganinho.» Emprego foi dos suspiros, e oração de Soror Cecilia, que lhe poz o nome. No aspecto parece que respira divindade: e he reparo commum, e antigo no Mosteiro, que se lhe percebem differenças no semblante, ou de severo, ou de benigno. Cobrem de huma, e outra parte as paredes do coro, as cadeiras com espaldares dourados, em que se vê a historia dos Cantares, entremetidos alguns Santos da Ordem. Correm por cima outros quadros, que deixão a casa ornada, e vistosa,

Mas o que se faz maior lugar, como prodigio moderno, e de que testemunhou a maior parte do Mosteiro, he huma imagem, que ha n'elle do Menino Jesus, a que chamão «o Menino, que se fez.» O successo explicará o titulo. Havia na casa a imagem de hum Menino Jesus dormindo, mas com tão impropria similhaça da gentileza, que representava, que a falta d'ella o escusou, a voto das Religiosas, de estar á vista, retirando-o huma d'ellas a huma gaveta da Sacristia, aonde o descuido o teve alguns annos sepultado, até que ou abrindo-se em huma occasião mais a gaveta, ou fazendo-se mais reparo n'ella, se passou ao rosto do Menino; suspendendo-se a Religiosa (que com elle deu acaso) não só de o ver tão bello, mas estranhando, que estivesse escondido tal thesouro. Acodio a Communnidade igualmente testemunhando o desagradavel parecer antigo, como admirando-se, e confundindo-se com o novo; de que he boa testemunha quem o vê, porque na occasião do Natal se põe no altar da Igreja; no mais tempo se guarda no Mosteiro com aquella veneração, e decencia, que sempre se está devendo a quem parece a quiz comprar com o seu agrado. Está adormecido, e inclinado sobre a mão direita: tão vivo, que só parece, que o somno lhe suspende o movimento: no rosto mostra hum ar mais que humano, ou quer testemunhar n'elle, que se fez a si mesmo, como segurar ás suas esposas, que se paga de que o conheção pelo mais fermoso entre os filhos dos homens, porque sendo elle o mais perfeito, seja só o desejado nome, que já lhe deu a esposa, e nome, que elle se grangeou agora (1).

(1) *Speciosus forma prae filiis hominum. Psalm. 45. Totus desiderabilis. Cant.*

## CAPITULO XLVII

*De algunas noticias pertencentes a esta Casa do Sacramento.*

Concluidas as memorias d'esta Casa, seria culpavel a omissão de algumas, que de algum modo pertencem a ella, e sem duvida tem alguma justiça, para nos executarem por esta lembrança, havendo de ceder em credito da mesma Casa; razão, que nos obriga a fechar este livro, satisfazendo esta divida. Seja pois a primeira memoria de duas Veleiras d'este Mosteiro, tão dignas de coroarem as memorias d'elle, como o forão do santo commercio com as Religiosas, sendo-o ellas da Ordem Terceira, e gastando n'esta casa sua vida, como tendo n'ella sua sepultura. Foi a primeira Soror Anna da Esperança, a segunda Soror Isabel da Visitação; de ambas ficou grande nome, e opinião de virtude, observancia inteira de sua Regra, e veneração commua de quem as conhecia. Mas de Sor Isabel, como mais moderna, podêmos recolher mais miuda noticia.

Foi Soror Isabel natural do lugar de Bemfica, huma legoa da Cidade de Lisboa. Sua boa inclinação a levava continuamente a assistir na Igreja do Convento de S. Domingos, que tomou o nome do lugar, ficando-lhe em alguma distancia, desconhecida esta do gosto de quem só o tinha n'aquella devota assistencia. Como começou esta de idade tenra, a continuava agora na mais crescida, frequentando os Sacramentos, falando, e tratando nas cousas de Deos com grande espirito, igual á innocência, e singeleza de sua alma, que conhecida por seus Confessores, que apadrinhão suas supplicas, e diligencias, lhe lançou o habito de Religiosa Terceira o Prelado d'aquella Casa. He boa conjectura, que faria esta função o P. M. Fr. João de Portugal, sendo alli Prior, porque sendo Vigario d'esta casa do Sacramento, trouxe a Soror Isabel para assistente da sua Portaria, e Veleira d'ella, como inteirado de sua capacidade, e reforma de vida.

Assim a desempenhou Soror Isabel, servindo de edificação a quem a via, e tratava. Sua modestia, e compostura, erão indícios da candidez de sua consciencia. Observante do silencio, não se lhe ouvia mais que o que era preciso. Ou occupada, ou rezando, era incançavel no que estava á sua conta, sem haver trabalho em que se lhe divisasse a minima impaciencia. Com insaciavel charidade repartia aos pobres o que vinha de dentro do Mosteiro, augmentando-o com a melhor parte da sua re-

ção, e com as esmolas, que grangeava a sua industria, com a liberalidade das Senhoras, e pessoas de respeito, que vinhão áquella casa. Reprehendião-n'a as Religiosas, entendendo, que as malquistaria aquella impertinencia; mas Soror Isabel, que via a boa vontade de quem lhe dava as esmolas (conhecido o bom emprego d'ellas) pondo só os olhos na santa grangearia de repartil-as, aceitava as reprehensões, com o gosto de ter mais que merecer n'aquelle exercicio. N'este, e em outros devotos, e penitentes, sem afrouxar nunca n'elles, consumio a vida, dando-lhe Deos no cabo d'ella o martyrio de perder a vista, exame, que abraçou a sua paciencia com a conformidade de quem só pertendia a verdadeira dos olhos de sua alma. Parece que li'a não dilatou o Senhor; passou d'esta vida como quem hia a logral-a. Deu-se-lhe sepultura (era ainda na primeira Igreja) junto a Soror Anna da Esperança; e succedendo abrir-se depois de alguns annos, foi o mesmo começar a bolir-se na terra, que encher-se o ar de huma fina, e peregrina fragrancia, que não só os Religiosos, e seculares, que se achavão na Igreja, mas as Religiosas no coro, e algumas na larga distancia do dormitorio, se suspenderão. Examinou-se o motivo, e não se achando mais que terra solta, sem outra mistura mais, que os ossos secos d'aquelles dous venturosos corpos, se entendeo, que elles erão a porção aromatica, de que se exhalava tão exquisita fragrancia.

Mas coroemos finalmente este livro com huma noticia, que sendo de credito para esta Casa, parece agradecimento d'ella ás illustrissimas do Basto, e Vimioso, que não só a fundarão, mas a ennobrecerão, fazendo-a palacio de sua nobreza, recolhida n'ella a maior parte de huma, e outra familia. E para que se conheça o como ambas forão mimosas de Deos, e não meños agradecidas a elle, apoutaremos, para melhor brazão de huma e outra, as pessoas, que d'ellas se recolherão, não só aos nossos Dominicanos, mas a outros religiosos claustros, sendo exemplares de virtude em todos. E começando pela casa de Vimioso.

Teve D. Affonso de Portugal, segundo Conde de Vimioso, de sua mulher Dona Luiza de Gusmão, cinco filhos, e oito filhas. Dom João de Portugal, que foi hum dos filhos (e herdeiro da casa, como mais velho) fugindo dos braços do Mundo, e voltando as costas ás meiguices da ventura, tomou o habito em S. Domingos de Evora, attrahido de huma santa sympathia, que o trouxe á Religião Dominicana, segunda mãi, de cujos peitos se alimentou, e cresceo varão illustre em virtude, e letras, co-

roçadas humas, e outras com aclamações, com cargos, com mitras. Este foi o M. Fr. João de Portugal, de que já fica mais larga memoria entre os filhos de Evora.

Outro filho (que depois succedeo na casa) foi D. Luiz de Portugal, que depois de acompanhar seu pai, e irmãos na infausta tragedia dos campos de Africa, em que foi cativo; resgatado, e restituído a este Reino, já Conde de Vimioso, casou com Dona Joanna de Mendonça, filha de D. Fernando de Castro, Conde do Basto; e passados annos, resolvido entre os dous hum divorcio santo, fundando ambos este Mosteiro do Sacramento, tomou n'elle o habito a Condessa, e o Conde o da mesma Ordem na Casa de Bemfica. Venturoso Condado do Vimioso, que perdeu herdeiros para grangear Santos! Mais venturoso, por duas vezes deixado, como herança de dous espiritos, que o soberão trocar pelos humildes capellos dominicanos! O outro filho, que foi D. Nuno Alvares de Portugal (que faleceo sendo hum dos trez Governadores, que governarão este Reino) recolheo nos mesmos Claustros Dominicanos, em o Convento de Bemfica, dous filhos; Fr. Luiz da Cruz, e Fr. Antonio de Portugal; aquelle por observante, e penitente; este chorada sua morte em pouca idade, e muitas esperanças de grandes progressos nas letras. Deu mais D. Nuno Alvares huma filha a esta casa do Sacramento; Soror Margarida da Columna, que viveo, e morreo como verdadeira filha d'ella.

Das oito filhas do Conde D. Affonso, falecerão quatro em tenra idade, querendo o Ceo entrar em partilhas na Casa, como tão sua; ou levar as quatro em penhor das outras, que ficavão merecendo o mesmo. D'estas foi huma Dona Joanna de Portugal, que tomou o habito no Mosteiro de Santa Catharina de Evora. Forão as outras Dona Brites, e Dona Thomazia, depois Sor Thomazia, e Sor Brites de Jesus no Mosteiro da Madre de Deos de Lisboa, em que ambas forão Abbadessas, e acabarão com reputação de grandes Religiosas. A quarta foi Dona Filippa de Portugal, segunda Prioreza d'este Mosteiro do Sacramento, como já deixamos escrito.

D. Luiz de Portugal, terceiro Conde de Vimioso (fundador d'esta casa do Sacramento, e depois professo nos Claustros Dominicanos, onde se chamou Fr. Domingos do Rosario pela devoção, que teve a elle, e ao Santo) entre muitos filhos teve duas filhas, Dona Filippa, e Dona Luiza. Foi esta Religiosa no Mosteiro de Santa Catharina de Evora; em seu lugar escrevemos sua vida; Dona Filippa n'este do Sacramento, donde passou

ao de Santa Catharina, para o reduzir a reforma; n'elle acabou a vida.

D. Affonso de Portugal, quarto Conde de Vimioso, e depois Marquez de Aguiar, casou com Dona Maria de Mendonça, de quem teve tres filhas, Dona Margarida, Dona Brites, e Dona Luiza. As duas primeiras entrarão n'esta Casa; a terceira na de Santa Catharina de Evora. N'esta do Sacramento entrou sua mãe a Marqueza: já o deixamos escrito. Seguiu sua familia o seu exemplo, recolhendo-se nos claustros sagrados, em differentes Mosteiros, cinco aias suas. Huma no Mosteiro de S. Bento das Bernardas de Evora, donde a obediencia a tirou para fundadora das Bernardas Descalças em a casa, que se levantou no Mocambo, bairro de Lisboa, visinho ao Sacramento. Não tinha então mais que dous annos de professa, mas tão adiantada nos exercicios da mais reformada (estyllo de vida, que sempre observara em casa da Marqueza) que na da nova Recoleta a elegerão Abbadessa perpetua. Tomou outra o habito em Santa Catharina de Evora, aonde foi exemplar sua vida. Erão as outras tres aias irmãs, gente nobre, e de muita estimação na casa da Marqueza; com ella tomarão o habito n'esta do Sacramento. Forão ellas Sor Francisca das Chagas, Sor Josefa de Jesus Maria, Sor Maria de Jesus, de tão grande opinião todas, que nos augmentarão o assumpto d'este livro.

Seguiu ós mesmos passos, buscando o melhor Esposo pelo caminho estreito da clausura, Sor Barbara da Trindade, neta de D. João de Portugal, neto do primeiro Conde de Vimioso D. Francisco de Portugal. N'esta casa do Sacramento tomou o habito, como fica escrito. Sem noticia da casa sabemos, que buscarão tambem a clausura quatro filhas de D. João de Almeida, bisnetas do mesmo D. João de Portugal.

Da casa do Basto fica dito que fundou, e se recolheu n'esta do Sacramento a Condessa Dona Joanna: seguindo seu exemplo, buscarão a mesma clausura quatro sobrinhas, suas irmãs inteiras, filhas do Conde D. Diogo de Castro, Governador primeiro, e depois Vice-Rei d'este Reino. Forão ellas Dona Catharina, Dona Francisca, Dona Marianna (d'estas dêmos já noticia) e Dona Filippa, ou a Madre Sor Filippa da Encarnação, que carregada de annos, vive ainda hoje, que isto escrevemos, para consolação das Religiosas, e lucro do Mosteiro. Seguirão tambem o exemplo da Condessa Dona Joanna duas aias suas, que se recolherão em a de Santa Catharina de Evora.

Tal foi o exemplo, que derão ao mundo, tal o fruto, que derão ao Ceo as duas Casas de Vimioso, e Basto, povoando-se os Claustros De-

minicanos, primeiro com as mesmas pessoas, e herdeiros d'ellas, depois com as familias. E tal foi a d'estas duas mulheres fortes, a Condessa de Vimioso, e a Marqueza de Aguiar. Estas as que a seus filhos, e domesticos derão as tunicas de lã, trabalhadas por sua industria (1), misturando para si mesmas o ornato na purpura, e no panno grosseiro. Estas as que ás suas servas derão na casa de Deos (e especialmente na do Sacramento) aquelle soberano sustento, pão quotidiano, de que tambem gostarão á custa do trabalho de seu espirito. Mas seja a maior gloria da fundadora d'esta Casa, que verdadeiramente foi a melhor Fenix, que reduzindo seus desejos ao fruto das obras, plantou esta soberana Vinha, cujo licor sagrado alimenta, e conserva tantos coros de Virgens, que o buscão, e gostão na Casa, e na Mesa do Sacramento, nas vodas, e desposorios de seus venturosos espiritos.

(1) Quaesivit linum et lanam: omnes domestici ejus vestiti sunt duplicibus. Dedit praedam et ciboriam ancillis suis. Panem otiosa non comedit. De fructum manum suarum plantavit vineam. Proverb. cap. 31.



## QUARTA PARTE

DA

# HISTORIA DE S. DOMINGOS

PARTICULAR DO REINO E CONQUISTAS DE PORTUGAL.

## LIVRO QUARTO

*Noticias do que pertence á India Oriental.*

He a Congregação da India Oriental, ou Conventos, e Vigairarias, que a Religião de S. Domingos tem das bandas do Norte, e do Sul, huma colonia d'esta Provincia, assim por serem filhos seus os fundadores da sua cabeça (que he o Convento de Goa) como por ficarem todos de-baixo da jurisdicção do Prelado da dita Provincia, que he o que a provê de Vigario para sua administração, e governo. Assim nos corre tambem a nós por obrigação, estender a penna ás noticias de partes tão remotas, e progressos dos filhos d'ellas. Trabalho insuperavel o haver de ajuntar memorias em tanta distancia, quando são difficultosas nos pertos, ainda á maior diligencia. Das fundações dos Conventos, e Vigairarias, primeiros povoadores d'ellas, successos, e trabalhos na cultura evangelica (que he todo o empenho, e suor dos que dos rossos passam áquelle clima) fica já escrito, ou fosse lavor, e trabalho da penna do Padre Fr. Luiz de Sousa, ou o tomasse por sua morte o Mestre Fr. Antonio da Encarnação, que sim podia com tantas noticias, como experiencia de hum clima, em que muitos annos fez assistencia. Assim ficão narrados todos os successos. que pertencem á Congregação, até o anno de 1630. ou com o acerto do legitimo Chronista, ou com o estylo de quem só podia supprir sua falta.

Resta-nos o que até o presente anno de 1706 (em que isto vamos escrevendo) succedeo nas Ilhas de Solor, e Timor; o succedido nos Rios de Sena, e no Reino Sião; como tambem a noticia de alguns Religiosos de nome, que servirão, e augmentarão aquellas Christandades, cultivadas com o seu trabalho, suor, e fadiga, até que regadas com seu proprio sangue, lhe renderão o fruto da eterna felicidade. Mas havendo de faliar n'estas Christandades, repetiremos d'ellas alguma noticia para maior clareza; e com estylo tão apanhado, e conciso, que aos que não tiverem noticia, lhes dê a que basta; e aos que já a tem, lhes sirva de memoria. Com esta mesma desculpa, a faremos do que a Congregação tem em todo o Oriente, recopilando o que na Terceira Parte se lê difuso, e por isso menos apprehendido. Daremos finalmente noticia dos Religiosos, que servirão mais sinaladamente estas Christandades, conservando-se ainda n'elles aquelles grandes espiritos de seus antecessores, que resgataudo da noite da cegueira aquelle berço do dia, lhe confirmarão o nome de Oriente, nascendo n'elle o Sol da verdade evangelica, entre tantos prodigios, e assombros, que suspenderão, arrebatarão, e finalmente reduzirão aquellas Regiões tão vastas, como remotas, tão barbaras, como desconhecidas.

## CAPITULO I

NOTICIA SUMMARIA, E BREVE, DO PRESENTE ESTADO DA CONGREGAÇÃO DOS  
 FRADES PRÉGADORES DA INDIA ORIENTAL, SUJEITA Á PROVINCIA DE PORTUGAL.

### *Do que tem a Congregação na ilha de Goa.*

Offerece-se primeiro a distancia. Dista Goa da Provincia de Portugal, que a governa, cinco mil e tantas legoas de mar, navegadas em seis, sete, e oito mezes. Por terra he difficuloso, e arriscado o caminho em todo o encarcimento, causa, e razão unica, porque os Provinciaes, e Prelados seus, que assistem em Portugal, a não virão, nem visitarão nunca, tendo de antiguidade, e fundação cente e cincoenta e cinco annos. Assim a governão, e visitão por seus Vigarios, não só a ella, como cabeça, mas aos seus vastos, e dilatados membros, que se estendem por tres mil legoas, pouco mais, ou menos, pela costa de Sofala, Rios de

Cuama, terras de Monopotapa, costa de Africa Oriental, até á China, que he o ultimo termo de Asia: d'onde vem, que ficão humas partes d'ella mui distantes das outras, e o governo de todas com muito trabalho, e talvez pouco effeito.

A cabeça, e o Convento maior, e principal d'esta Congregação, em que reside o Prelado maior, e Vigario geral d'ella, he o Convento de S. Domingos, situado na ilha de Goa, Convento magnifico, e sumptuoso, fundado no anno de 1548, pelo Padre Fr. Diogo Bermudes, primeiro Vigario geral; e hoje de novo reformado, em nobre, e mais avultada fabrica, que o fazem hum dos mais grandiosos de toda a Provincia, e capaz de ser cabeça da mais dilatada. Tem casa de Noviços. Assim tem de ordinario n'elle sessenta Frades. He a Igreja grande, e desafoçada, no feitio de tres naves. No corpo se lhe abrem oito capellas rasgadas, e alterosas em correspondencia a toda a fabrica. Ha n'ellas quatro Confrarias, mais celebre a do Rosario, administrada com devoção, e grandeza; grande ornato; e muita prata; entre ella hum andor de grande preço, em que entrão iguaes a materia, e o feitio. Ha outra Confraria de Jesus; administração-na os Portuguezes, gente nobre, e escolhida. Ha n'ella grande fabrica, e ornato, riqueza, e aceio. Outra Confraria he de S. Pedro Martyr, que pertence aos Inquisidores, e Ministros do Santo Officio. Outra finalmente do Espirito Santo, que pertence aos Cortezãos, e Ministros da Republica. Ha tambem na Igreja outra Confraria de N. P. S. Domingos em Suriano, que celebra este dia com grande pompa, e culto.

Tem tambem a Congregação na ilha de Goa mais dous Conventos, hum de Santo Thomaz, capacissimo tanto, como sadio, e fresco, por lograr a visinhança do rio. He Universidade, e casa de estudos, com hum de Noviços espaçosa. A Igreja he de huma nave, fermosa, e desafoçada; dous coros, e sete capellas; n'ellas algumas Confrarias. Singular a da Senhora dos Remedios, buscada, e assistida da devoção dos naturaes, pelo interesse de perennes milagres. Residem n'esta Casa de ordinario cincoenta Religiosos.

He o outro Convento a Recoleta de Santa Barbara, dista da cidade huma legoa. Sustentava doze, e quinze Religiosos; depois até vinte e dous, por se fazer n'elle casa de Noviços, com escola de latim, assim para os que vão do Reino, e lá tomão o habito, como para os da terra. Ha tambem escola publica de lèr, e escrever, e musica. He tambem Parochia dos Indios, que para isso a fundarão os primeiros Padres. A Igreja

pequena, mas com duas Confrarias de Jesus, e do Rosario, administradas com devoção, despeza, e zelo.

Ha mais na mesma ilha outras Igrejas parochiaes dos Indios, de que os Religiosos são Parochos, e Vigarios, e fazem Christandade. Huma se chama de S. Miguel, outra de Santa Cruz, outra da Magdalena. Ha n'ellas Confrarias com grandes fabricas. Ha mais outra Parochia, a que chamão nossa Senhora do Rosario de Curca.

Ha na mesma ilha algumas Ermidas, e Casas de devoção, que pertencem aos nossos Conventos, como são a Ermida de nossa Senhora de Nazareth, em que assiste hum Religioso. N'ella se faz a segunda Oitava da Paschoa huma celebridade grande, e do maior concurso das aldeas, e cidades. Está situada em hum penhasco fronteiro á barra, e he tradição, que se fundou com materiaes, que forão do Reino, pelos primeiros Portuguezes, que chegarão a Goa. A grande devoção com a Senhora, junta a esta antiguidade, fazem a casa mais celebre. A ermida de nossa Senhora de Valle das Marinhas. A ermida de S. João Bautista do Arecal. Estas trez ermidas com suas fazendas, pertencem ao Convento principal de São Domingos de Goa. A ermida de nossa Senhora da Esperança, e a ermida de nossa Senhora da Paz, que com suas fazendas pertencem ao Convento de Santo Thomaz. Em todas estas ermidas, e em cada huma d'ellas, assiste hum Religioso, que administra suas fazendas, e trata de seu concerto, e fabricas. Todos estes Conventos, Parochias, Casas, e Ermidas, se achão dentro da ilha de Goa, que vem a ser trez Conventos, quatro Parochias, cinco, ou seis Ermidas, que podião fazer o corpo de huma Provincia.

*Do que tem a Congregação pela costa de Norte até Diu.*

Sahindo de Goa para o Norte, em distancia de setenta legoas de mar (navegadas de ordinario em sete, ou oito dias) se achá a cidade de Chaul, aonde tem a Congregação hum sumptuoso Convento, com o titulo de nossa Senhora de Guadalupe; está bem situado, tem casa de Noviços; a Igreja he de huma só nave, fermosa, e desabafada; tem sete capellas, n'ellas algumas Confrarias, singular a do Rosario, que administrão os Indios com grande despeza, e zelo. Agasalha esta Casa de ordinario trinta, e mais Religiosos. Fóra dos muros da Cidade, a pouca distancia, se vê huma Ermida de grande devoção, e igual concurso em todo o

anno. Tem o título de nossa Senhora das Mercês. Pertence ao mesmo Convento. Assiste n'ella hum Religioso.

Mais adiante, distancia de quatro, ou cinco legoas, em huma ilha, e povoação pequena, chamada Caranja, se acha outra Casa, e Vigairaria, pertencente ao mesmo Convento, com o título de nossa Senhora do Rosario, com sua Confraria, que administração os Indios naturaes, com grande despeza, e cuidado. Assiste aqui hum Religioso.

Em distancia de outras quatro, ou cinco legoas de mar, em outra povoação chamada Tanna (ilha de Salsete) está outra Vigairaria com o mesmo título do Rosario, e huma Confraria d'elle, administrada pelos Indios, com grandes despesas, grande culto e festas. Assistião n'ella dous Religiosos, cresceo depois, e augmentou-se em hum Convento pequeno, que agasalliará até sete.

Adiante para o Norte, outras quatro, ou cinco legoas, está a cidade de Baçaim. N'ella tem a Congregação hum Convento sumptuoso, com o título de S. Gonçalo. Igreja correspondente á Casa, alegre, e fermosa, em que ha cinco capellas com suas Confrarias; singular a do Rosario, em que os Indios fazem festas com dispendio, e estrondo igual á sua devoção, e zelo. O Convento tem tanta largueza, e capacidade (assim o claustro) que podera alojar grande Commuidade; mas a que se acha commummente he de doze Religiosos.

Fôra da Cidade, hum quarto de legoa, se vê a Casa de nossa Senhora dos Remedios, imagem milagrosissima, buscada não só dos Christãos, mas de Mouros, e Gentios, em que obra maiores prodigios, e mais continuados; experiencia, que os traz de toda a India, com grandes offertas, festas, e romarias. He Casa da Ordem, e Vigairaria de per si. Residem n'ella cinco, ou seis Religiosos, sendo capaz de muitos. He tambem parochia dos Indios naturaes, tem Igreja de huma só nave, mas airosa, e aceada, com dous altares collateraes, que acompanham a capella mór, ermica, e bem ornada. N'ella se venera a Senhora em hum throno de prata de grande custo, obra, que inculca magestade, e respeito.

Adiante, quasi a mesma distancia de cinco legoas, se vê outra Vigairaria da Ordem (na povoação de Maim) com o título de Bom Jesus. Assistem n'ella o Vigario, e seu companheiro. Tem suas Confrarias, principal a do Rosario. Pertence tambem á Ordem huma Ermida, que com o título da Madre de Deos está na mesma povoação.

Na de Trapor, que fica na mesma distancia, quatro, ou cinco legoas

adiante, para o Norte, está outra Vigairaria, com o titulo do Espirito Santo. em que assistem quatro Religiosos. Tem a Casa boa Igreja, com algumas Confrarias, singular a do Rosario.

Em distancia de sete, ou oito legoas mais para o Norte, se acha a cidade, e fortaleza de Damão. N'ella tem a Congregação o Convento de nossa Senhora da Victoria; sustenta até dez Religiosos com seu Prior. He Convento capaz, e bem acabado, tem Igreja grande, e perfeita, bom Claustro, e officinas iguaes a toda a Casa. Ha aqui algumas Confrarias, a do Rosario sobre todas. He casa de grande devoção, e concurso, pela Quaresma especialmente, frequentada de dia, e de noite.

Defronte d'esta cidade, atravessando o golfo de Cambaya, distancia de trinta legoas, pouco mais, ou menos, está a cidade, e fortaleza de Diu, tão celebre no Mundo, por theatro do esforço Portuguez, e padrão de suas heroicas, e memoraveis façanhas. N'ella tem a Congregação o Convento da Madre de Deos, em que assistem doze Religiosos com o seu Prior. Tem Igreja fermosa, e bem ornada; algumas Confrarias, administradas pelos Indios da terra, singular a do Rosario, com grande devoção, apparato, e dispendio. Tem a casa bem lançados, e perfeitos claustros, e dormitorios da melhor obra, e architectura, que se acha por estas partes, por serem os officiaes d'esta os de mais fama, que conhece a India. Pouco afastado do Convento, fica o Hospital d'el-Rei; tem hum Religioso a administração d'elle.

Ha tambem aqui Religioso da Ordem, a que chamão «Pai de Christãos», como em Chaul, Tanna, Baçaim, Trapor, Damão. He o officio, e occupação d'este Padre, não só converter infieis (bautizando em todos os annos muitos) mas tambem ir ás náos de Meca (em todas as monções, que vem ás barras, e portos d'estas cidades) a tirar os Christãos Abexins, chamados do Preste João, que os Mouros com disfarce, e violencia trazem comsigo, obrigando-os á sua lei, e abominaveis ritos. Occupação he esta, assim como de grande serviço para Deos, de muita edificação para aquelles Povos. Fóra da Cidade hum quarto de legoa, se vê a Ermida de nossa Senhora da Penha de França, casa de muita devoção, e romagem; e d'ahi a duas legoas outra Ermida com o titulo de nossa Senhora da Saude, imagem milagrosa, mui buscada, e assistida. Em cada huma d'estas Ermidas assiste hum Religioso da Congregação.

*Do que tem, ou teve a Congregação no Sul até á China.*

Sahindo de Goa para o Sul cem legoas, está a Cidade de Cochim, a mais nobre, e populosa, que ha na India, depois de Goa. N'ella teve a Congregação Casa celebre, e sumptuosa, em que assistião trinta, e quarenta Religiosos. Tinha a Igreja de trez naves, espaçosa, e bem acabada, com suas Confrarias, singular a do Rosario, e de Jesus. Era casa mui frequentada, e n'ella o culto divino com singular decencia. Celebre na Igreja a capella de São Domingos em Suriano, assim por ser a primeira, que se lhe lavrou na India, como por ser a imagem mui milagrosa, e assim mui servida, e buscada. Havia n'este Convento casa de Noviços edificio, que a orna, e authoriza. Fóra da cidade, passado o rio, está huma ilha, chamada das Ostras (por ter havido n'ella muitas) pertence ao Convento, como tambem huma Ermida de nossa Senhora das Boas Novas, de muita devoção, e romagem. Assiste n'ella hum Religioso.

Pela parte do Sul, mais adiante noventa, ou cem legoas, está a famosa, e celebrada Ilha de Ceilão, tão sinalada, e reconhecida em todo o mundo, como thesouro da natureza, e pela fina canella, que em si tem. N'ella está a cidade de Columbo, em que a Congregação teve huma Casa, e Vigairaria de grande nome, com o da Senhora do Rosario, sustentava até quinze Religiosos. Havia n'ella varias Confrarias, singular a do Rosario, servida pelos Indios, com devoção, e dispendio. Em pouca distancia da cidade está huma Ermida de S. Sebastião, de devoção, e concurso. Assistia n'ella hum Religioso: Entrando pelo certão d'esta ilha algumas legoas, se hião contando doze Igrejas Parochiaes, Christandade celebre, e nomeada de Ceilão, dos Religiosos de S. Domingos, que n'ella assistião, doutrinando os novamente convertidos, e convertendo muitos com trabalho, desvelo, pouco commodo, e muito risco.

Dezoito legoas de Columbo está a fortaleza de Galle, e n'ella havia huma Vigairaria com o titulo da Senhora do Rosario, em que a Congregação tinha hum Vigario, e seu companheiro. Trinta legoas de Columbo está a fortaleza de Manar (contigua á ilha de Ceilão); n'ella tinha a Congregação outra Vigairaria, e Casa com o mesmo titulo do Rosario, que como a outra, tinha tambem seu Vigario, e companheiro. N'esta casa havia huma imagem de S. Gonçalo de muitos milagres, e tantos, como espantosos, pelo que era buscada de muita devoção, e romagem. Tinha

mais a Congregação n'esta ilha a Igreja Parochial de S. João, que administrava, e em que assistia hum Religioso.

De Manar doze legoas, na mesma ilha de Ceilão, está o Reino de Jafanapatão; aqui tinha a Congregação Casa, e Vigairaria, com o titulo do Rosario, Igreja fermosa, e bem ornada, com Confraria da mesma Senhora, administrada pelos Indios, com devoção, e despeza. Sustentava a casa dous Religiosos, Vigario, e seu companheiro. Huma legoa fóra do povoado estava a Igreja Parochial dos Paravelins, em que residia hum Religioso, convertendo, bautizando, e administrando os Sacramentos aos naturaes da terra.

De Jafanapatão outras doze legoas, está o povo de Negapatão, em que se via huma Casa, e Vigairaria, com o titulo do Rosario, boa Igreja, coro, claustro, e dormitorios. Havia suas Confrarias (administradas com grandes despezas) a do Rosario singular entre todas. Era a casa capaz de ser Convento, porque sustentava doze Religiosos.

Adiante noventa legoas, pouco mais ou menos, está a cidade de Meliapor, em que prégou, e padeceo martyrio o Apostolo S. Thomé. Tinha aqui a Congregação Casa, e Vigairaria, titulo do Rosario, Igreja pequena, mas bem acabada. Entre outras a Confraria da Senhora, bem administrada, e servida pelos Indios da terra. Sustentava a casa dous Religiosos, Vigario, e seu companheiro. De Goa para o Sul seiscentas legoas, está a cidade de Malaca, em que a Congregação teve Casa de nome. boa Igreja, n'ella a imagem de huma Senhora milagrosa. Sustentava cinco Religiosos; perdeu-se na entrada dos Hollandezes, flagello que o braço de Deos estendeo sobre aquellas terras, e de que esperamos por sua misericórdia vél-as resgatadas.

De Malaca para o Sul trezentas legoas, estão as ilhas de Solor, que sãõ muitas, e dilatadas. N'ellas se estendem as Christandades, que estão a cargo dos Religiosos da Congregação, sem haver em toda aquella vastidão de terras Sacerdote algum, que não seja Religioso Dominicó. Na ilha de Solor está a povoação de Larantuca, em que ha a Casa, e Vigairaria de nossa Senhora da Piedade, que he cabeça de todas as Christandades d'aquellas ilhas. Tem Igreja espaçosa, e bem acabada; n'ella algumas Confrarias, singular a do Rosario. Sustenta a Casa quatro Religiosos com seu Vigario, que tem jurisdicção sobre as igrejas, que estão pela terra dentro, que serão dezoito; em cada huma assiste seu Religioso. He incançavel n'esta ilha o exercicio d'elles na conversão das almas, na

destruição dos abusos, na administração dos Sacramentos, com tanto fervor, tanto zelo, e tanto valor Apostolico, como mostrou em muitos o martyrio. Mais moderna se abriu, e começou a florescer a Christandade em Timor, ilha dilatada, em que se contão tres Reinos; reduzirão n'ella os Religiosos os Principes, e Cabeças: seguio-se grande fructo para Deos, grande augmento para a Fè, e grande reputação para os cultores Evangelicos. Ha tambem Christandade no Reino de Sião, trabalhão n'ella dous Religiosos. Outra em Japara, na Jaoa maior, Reino de Matarão, cultura, e trabalho de outros dous Religiosos.

De Malaca quinhetas legoas, está a cidade da China; n'ella tem a Congregação Casa sumptuosa, perfeita, e acabada, o título da Senhora do Rosario; Igreja de tres naves, tecto, e columnas douradas; claustros, e dormitorios, grandes, e desafogados. Ha aqui algumas Confrarias, administradas com grande devoção, e despezas. No serviço da Igreja muita prata, e entre boas pessas d'ella a mais celebre huma alampada de singular feitio, e tão estranha grandeza, que se não pôde pôr, nem tirar da capella, se não desmanchando-se em pessas miudas, Sustenta esta Casa até vinte Religiosos.

*Do que tem a Congregação para o Sul em a costa de Africa.*

Sahindo da costa da India, atravessando para a costa de Africa, em distancia de novecentas legoas, navegadas em hum mez, está Moçambique em altura de cincoenta grãos do Sul, terras de Cafraria, em que a Congregação tem huma Vigairaria, e Casa das principaes, chamada S. Domingos. Residem n'ella de ordinario quatro, cinco, seis Religiosos, e talvez maior numero, por ser a porta por onde os Religiosos entrão, e sahem para as Christandades dos rios de Sena, e Reinos de Monopotapa.

Adiante sessenta legoas, viagem de oito, e dez dias, se entra nos rios. Á entrada d'elles tem a Congregação a Casa, e Vigairaria de Sena, com o título de S. Domingos; assistem n'ella tres, e quatro Religiosos, e talvez maior numero; tem capacidade para ser Convento. Meia legoa distante d'esta Casa, se vê a Igreja Parochial de nossa Senhora dos Remedios: assiste n'ella hum Religioso.

Pelos rios dentro está a Casa, e Vigairaria de Tete, com o título de Santiago, rica, e abundante entre todas as dos rios. Assistem n'ella dous Religiosos. Mais pelas terras dentro, no Reino de Manica, tem a Congre-

gação muitas Casas, e Parochias, Chimpambura, Matuca, Vumba, Dambare, Matafune, Chipriviri, Loanze, Maçapa, Quitambuize, Ongue, e outras muitas, e em cada huma seu Religioso cathequizando, ensinando, instruindo, e bautizando aquelles barbaros Cafres. Na Corte do mesmo Emperador (chamada Zimbae) a que os Religiosos bautizarão, reduzido á luz da Fê, tem a Congregação Igreja, em que residem Religiosos, que o mesmo Emperador tem por Capellães, e Confessores, pedidos com instancia, e tratados com estimação.

Na corte d'el-Rei Quiteve se vê novamente fundada huma Freguezia com seu Religioso por Parocho, que promete n'aquellas Christandades grande fruto. Fundou-se outra na Corte d'el-Rei Banoe, que se malogrou pela pertinacia do barbaro duro, e cego como Mouro. Pela mesma costa, perto do Cabo das Correntes, está a fortaleza de Sofala, em que a Congregação tem Casa com hum Religioso, que assiste, e se occupa em cathequizar, instruir, e bautizar. Abaixo de Moçambique ficão as ilhas de Quirimba, e Amiza; aqui se vem duas Igrejas, a que assiste hum Religioso, e muitas vezes dous, com grande fruto, e espirital interesse d'aquella Christandade.

Visto o que pertence á Congregação da India, bem se deixa ver, que em numero de Casas não he inferior á Provincia de Portugal, e muito digna de que os Reis, e Senhores nossos (que o governão) favoreçam, e fomentem o exercicio de suas missões, não já para premio do que trabalharão, mas para incentivo do que continuão. Muitas Casas das que temos apontado, se suspenderão, e extinguirão com a entrada do Hollandez n'aquelles Estados, que inimigo mais pertinaz da Igreja, começou a perseguir os progressos, e augmentos d'ella: mas não basta isto, para que os nossos Religiosos perção a gloria de ter reduzido ao seu gremjo aquelles barbaros, nem a esperança de continuarem ainda a Deos, e ao Reino os mesmos serviços. E fique advertido, que nas Christandades dos rios, se entrarão Religiosos estranhos, toi urbanidade dos nossos: mas sem licença dos Prelados.

## CAPITULO II

*Noticia das ilhas de Soler, especial de Larantuca, Timor,  
e outras adjacentes.*

Supposta a inteira noticia, que de toda a Congregação, e successos

d'ella, escreveo na terceira parte da Chronica o Padre Fr. Luiz de Sousa, e especialmente das ilhas de Solor, e primeira Christandade d'ellas, res-tão-nos os progressos das mesmas Christandades. por ser o digno de memoria, obrado n'aquellas partes estes annos ultimos pelos Religiosos de S. Domingos. Mas como os successos das ilhas de Larautuca, e Ti-mor nos hão de dar materia, daremos d'ellas noticia: e de outras algu-ma, que falta. Muitas são as ilhas de Solor, que se comprehendem de-baixo d'este nome, porque correm desde o estreito de Bale até ás ulti-mas, que confinão com o mar. que vai dar na ilha de S. Lourenço: por onde se vê, que são estas as ultimas do mundo: porém não tocaremos aqui mais, que nas em que ha Christandade. ou commercio, ou esperan-ça d'elle. A primeira, que he hoje cabeça de toda a Christandade d'estas ilhas, se chama Larantuca; está em sete graos da banda do Sul, lançada de Norte a Sul, por comprimento de sessenta legoas de ponta a ponta, tendo de largura dezeseite, até vinte e duas, ou mais. Na ponta que começa da banda do Norte (que o fica tambem sendo do Macassá) he que ha Christandade, até o meio da ilha, por distancia de trinta legoas. Da outra banda confina com huma ilha, chamada a Bina, em que não ha Christandade, por ser toda povoação de Mouros, ficando-lhe no meio hum Guno, que val o mesmo que «Monte alto», a que chamão Gunuoap-is, que está vertendo sempre grande copia de enxofre, e com maior abundancia, e mistura de fogo, o exhala no cume:

He esta ilha de Larantuca mui povoada, por limpeza, e pureza de ares, e fertilidade de terra. N'ella fabricão as casas de palha. Começan-do pela parte do Macassá, em que está a Christandade até o meio da ilha, onde chamão o Ende, são Gentios (excepto alguns Christãos, como em seu lugar diremos): porém do Ende por diante estão onze, ou doze povoações de arrenegados; a seu tempo diremos o motivo, que os redu-zio a este estado. Achar-se-hão nestas povoações seis para sete mil almas, e entre todos dous mil para dous mil e quinhentos homens de guerra, grandes inimigos do nome de Christo, como por miseria sua o costumão os que primeiro o tiverão. D'estas povoações até o fim da ilha, não se acha mais que Gentilidade pura, mas com grande commercio com os Christãos, e quasi nenhum com os Mouros, convidados de nossa fide-lidade, como do conselho de hum Emperador seu, reduzido pelos nossos Religiosos á Fé, e bautismo (em que tomou o nome de D. Constantino) em os primeiros annos, em que estava no berço esta Christandade, que

elle admittio, e fomentou nas suas terras, obedecendo aos Religiosos em tudo tocante ao espirito, e talvez consultando-os para seu governo.

As cousas, que ha nesta ilha por via de commercio, he muita canela, tão fina, e tão forte como a de Ceilão. Ha muitos escravos de varias sortes de cativeiros, e alguma cera, em que tudo ha ganho, levando-o fira da ilha, como fazem os Macassás, que são os de mais trato; e sem duvida, que fora grosso o da ilha, a não ser a gente para pouco, frouxa, e perguiçosa.

He toda esta Gentilidade, pela maior parte homens de guerra, particularmente para se defenderem, porque os mais estão providos de armas, como são azagaias, espadas curtas, rodelas, arcos, e flexas. Não conhecem, nem tem uso de espingardas, antes tem grande medo d'ellas. Não ha Rei algum n'esta ilha, a quem propriamente se dê obediencia: porque o Emperador, que disseram (e assim os mais) tem o nome, e respeito, não o dominio; mas ha em cada povoação hum maioral, a que chamão Atacabel, ou Ataluque, a quem se sujeitão a governo, e castigo, e o seguem como a seu capitão, se se põem em campo. Não tem, nem reconhecem Deos, a que dem culto, com que não tem idolos, nem pagodes: usão só de humas superstições gentílicas, matando, e abrindo as cabras, e contemplando-lhe as entranhas, estylo antigo dos Romanos, e de muitas nações barbaras.

Haverá nesta Ilha de Larantuca (entre a povoação principal, que tem este nome, e outra, que está pela ilha adiante quinze legoas, a que chamão Siqua, outra que se chama Pagua, e o Ende, que está outras quinze adiante, todas de Christãos) numero de mil espingardas, e melhora d'ellas, fóra outros muitos Christãos, e Gentios amigos, com as suas armas, que acíha dissemos. O mantimento mais ordinario d'esta ilha (e de que dá grande copia) he arroz. Pela terra dentro se compra mais barato. Dá tambem a ilha muitos inhames, feijões, e batatas, grande copia de canas de assucar, e assim assucar, milho, assim o miudo de Moçambique, como o que chamão zaburro, tudo muito, e barato, com que fica sendo o commum sustento.

Ha muitas carnes; as do mato, porcos, veados, e bufaros, todos de grande corpulencia, e excellente gosto, e que se cação com pouco trabalho. As carnes domesticas são gallinhas, em grande copia, cabras com a mesma, e porcos, de que ha muita criação. Nada d'isto se resgata com moeda de prata, ou ouro, mas com pedaços de ferro, e ainda cabeças

de prégos, ou alguns pannos. De peixe não usão muito, mais que em algumas povoações visinhas ás praias; e ainda ali pouco, por se não darem muito a pescas.

Ha nesta ilha muita madeira, ainda que nenbuma de Tequa, nem Angelim, mas sufficiente para fabricarem suas embarcações, que talvez são de muito porte. Ignorão o beneficio da serra: assim por grande, e grossa, que seja a taboa, não se servem d'ella mais que fendida. Em lugar de prégos, usão de tornos de páo; para vélas, de esteiras de junco, da mesma ilha (como he commum em todo aquelle Sul); mas tão bem tecidas, e tão duraveis, que só se lhe aventajão as de lona, porque se conservão com a agua salgada. O que só falta nesta ilha he trigo, e vinho de Portugal, sendo o que se faz na terra pelos Christãos, de palmeiras barbaras o melhor, que ha por aquellas partes.

Cinco legoas d'esta povoação, correndo pela costa, está hum Guno, que val o mesmo que monte, como dissemos já. Chama-se este Levotobe, e assim elle, como outro, que dista vinte legoas (correndo pela costa) vertem, e lanção de si quantidade de enxofre, rompendo muitas vezes em lavaredas no cume. Ha nesta ilha muita terra, de que se faz salitre, cozida, apurada, porque cheia de ourina de morcegos (tantos ha n'ella) lança de si este material dos melhores, que ha no Oriente. Assim tem em abundancia os materiaes da polvora, descubertos pelos nossos Religiosos, no meio da falta, que n'aquellas partes se padecia d'ella; e feita, sahio da mais fina.

Passando a ilha de Crama, que está mais proxima á de Larantuca, distando d'ella huma legoa de boqueirão de mar, ao mais largo, porque em outras partes he mais estreito, não tendo mais distancia, que hum tiro de espingarda; em comprimento, e largura he esta ilha quasi o mesmo; e de dezoito até vinte legoas, com que fica em fôrma pouco mais que redonda. He toda de Gentilidade, e tão habitada, que tem sete, ou oito povoações ao longo do mar (de huma banda, e outra) de arrengados, que forão Christãos, e são hoje Mouros; são seus nomes proprios, Solores, Terrões, Lamalas, Lamelões, e Adonaras; com estes todos temos guerra, e de ordinario lhe dão soccorro os Gentios da terra, não todos; que alguns temos confederados. Chamão-se por aquellas ilhas aos Gentios, que são pela parte dos Christãos, Demonaras, e os que pela dos Mouros, Pagenaras. Com esta ilha temos commercio, em razão do mantimento, porque ha nella todos os generos, que dissemos

de Larantuca, e em muito maior copia, por ser a ilha a mais fertil, e fresca, que ha por todo aquelle circuito.

A ilha de Solor, aonde esteve a nossa fortaleza, dista da de Larantuca duas legoas, ficando-lhe no meio a ilha de Crama. Terá quatorze, ou quinze de circuito, porque he em figura redonda. Povoão-na toda Gentilidade, e Mouros, e alguma Christandade, adonde chamão Patão, Pamancayo, Gravatos, e outros Gentios adjacentes da nossa jurisdicção. No meio da ilha está a fortaleza, que o zelo do nosso Bispo de Cochim D. Fr. Miguel Rangel, indo por Commissario, e Visitador d'aquellas Christandades em 1629, fez reformar com esmolas, que a sua diligencia, e industria ajuntou na China, na cidade de Macáo. Deu-lhe a artelharia o Governador Nuno Alvares Botelho; adquirio elle os mais aprestos, poz os dous Religiosos, alguns moços para o serviço, e alguns Christãos para defensa; mas tornando para Goa, e não tendo com que acodir á fortaleza, se passou a artelharia para Larantuca, desamparando-a os que estavam n'ella, expostos á furia, e rapina do Hollandez, quando não ás invasões dos Mouros Lamanqueiras, que vivendo na visinhança a podião achar com pouca resistencia.

He esta ilha de Solor (sendo a que dá o nome a todas) a mais mendiga d'ellas, por ser a mais esteril, e seca com a falta de agua; havendo esta nas outras em muitas ribeiras, que as regão, e as fazem frutíferas. Algum tempo foi habitada de Christãos, em quanto teve presidio a nossa fortaleza, servindo de bom surgidouro ás embarcações. Ainda depois a malquistou mais a vinda dos Mouros arrenegados, que passarão pela de Ternate, e Amboino, fazendo cruel guerra aos Christãos, que a deixarão logo. O que nesta ilha ha só de proveito, he muita terra de salitre, de que se faz a polvora. Não falta tambem carne de mato, de porcos, e veados.

Distante de Solor legoa e meia, no mais estreito de boqueirão de mar, está a ilha Levoleba. He grande, e pouco menos que Larantuca, e toda habitada de gentios, chamados (como atraz dissemos) Demonaras, e Paginaras, tendo huma só povoação de Mouros, mas populosa, chamada Lavobala. Tem commercio comnosco, e o principal, que se resgata d'esta ilha, he quantidade de azeite de sifa, tão barato, que por hum machado de ferro, ou quatro prégos velhos, se dá huma jarra de dous, e trez almudes. He a causa, porque de ordinario se occupão os moradores da terra na pescaria de Baleatos com arpeos, sem repararem no

ambar, que podem dar estas Baleas, de que são bem povoados aquelles mares; mas he gente buçal, e bruta, sem consideração, ou agencia. Tem tambem o mesmo, que as mais ilhas, de cera, escravagem, e tartaruga, e todo o mantimento, grande copia de carnes do mato, tudo não só para fatura da terra, mas ainda para vender para fóra.

Adiante d'esta ilha Levoleba, em pouca distancia, estão as trez ilhas Levotolo, Queidão, e Galiao, contiguas humas com as outras com pequenos boqueirões, que as repartem. São povoadas de Genticos, e Mouros, sem Christandade alguma, mas temos com elles commercio, indo, e vindo á nossa povoação de Larantuca, com tartaruga, escravagem, e cera, muito enxofre, que alli tem (melhor, e mais barato) em razão de hum guno, a que chamão Levotolo, que dá grande copia d'elle, o mais puro, e mais amarello. Tem em si estas ilhas bastante mantimento para os naturaes, de que ordinariamente vendem aos nossos Christãos de Larantuca o arroz, sustentando-se elles só com o milho, feijões, e outros legumes.

Adiante d'estas trez ilhas, distancia de quatro legoas, está a ilha de Maluá, maior que a de Larantuca, de que se sabe pouco, por não termos muito commercio, sendo que algumas vezes vão os nossos de Larantuca ao resgate de escravos, tartaruga, e cera. He toda povoada de Genticos, e tão tenazes, que de nenhum se sabe, que passasse á seita dos Mouros. He gente selvatica, e bruta, e pela terra dentro comem huns aos outros, e principalmente aos mais velhos. Tem medo á navegação, como de sahirem da propria terra, como se antes lhe fora prisão, que patria. A esta ilha se seguem outras, e vão correndo em huma grande corda, até quasi ás Malucas; com quem não temos commercio algum.

Adiante d'esta ilha de Maluá, em distancia de sete legoas de mar, está a ilha de Timor, a maior de todas as que chamão de Solor: assim he a nobreza das mais, com grande navegação, e commercio, por respeito do excellente páo de sandalo, que ella só tem. Fica em nove grãos da banda do Sul, lançada de Norte a Sul, com cento e vinte legoas de comprimento, e trinta de largura. Foi sempre de Genticos; de alguns annos para cá lhe entrarão Mouros, por via de Macassá, de que estão duas povoações em duas paragens, a que chamão Manatuto, e Adê, que são tambem portos de commercio com ella, ainda que de pouca importancia. Do páo de sandalo, que n'ella ha, se tirarão todos os annos, de mil quinhentos, para dous mil bartes; e ha muitos annos; e ainda se não

sentio falta; cada bar tem, ou passa de quatro quintaes. He notavel segredo o da sementeira, e nascimento do sandalo. Comem os passaros nesta ilha huma fruta, que ha n'ella, pouco menos que a baga do louro, e do mesmo feitio; tem esta hum caroço dentro, que lanção os passaros por excremento, e sem mais cultura, que cahir na terra, rebenta d'elle a arvore; e por mais que esta ponha muito em nascer, e em avultar, como he tão continua a sementeira, nunca se sente falta.

He o sandalo huma das melhores drogas d'aquelle Oriente, como fazenda sem risco de corrupção, e até na agua salgada recebe melhoria. Assim he tão estimado de toda a gentildade, que em todas suas preciosidades usão d'elle. Para a China he tão grande a saca, que ficando annos atraz a cidade de Macáo com a perda do commercio de Japão, e reduzida a grande necessidade por falta de prata, para resgatar o mantimento (que sem ella o não dá a China) ainda assim forão a buscar o sandalo, feitas encarecidas supplicas ao Capitão General, e ao Padre Fr. Antonio de S. Jacintho, Vigario maior d'aquellas Christandades, para conseguirem dous navios com aquella carga, que foi o unico remedio do seu aperto.

Assim he este páo a droga mais requestada de todo o Oriente, e tão suspirada da ambição de Hollanda, que por muitas vezes importunou o Rei do Macassá, para que só com ella fizesse o contrato de todo o sandalo, que viesse ao seu Reino, excluindo os nossos, que em náos de Inglaterra, e Dinamarca, buscavão aquelle porto para essa commerciaría. Com que fica a ilha de Timor entre todas com a gloria de mais buscada, como unico berço de material tão precioso. Mas deixando o muito que ainda se podia dizer d'elle, vamos seguindo a brevidade. Tem esta ilha de Timor, depois de muita cera, e escravos (descuberto ha poucos annos) grande quantidade de cobre; sendo tão copiosas as minas d'elle, que rebentão por cima da terra em grandes pedaços; e já tão puro, que se entende, que tem alguma parte de ouro, o que tambem se vê em ser mais pesado, que qualquer outro.

Ha tambem nesta ilha ouro, achando-se muitas lascas nas ribeiras, que vem descendo das serras; e tão fino, e subido em quilates, como o da China. Não falta tambem nesta ilha grande quantidade de terra, de que se faz salitre, e em maior copia, que em nenhuma das outras; e juntamente o páo de que se faz o carvão para a polvora. Ha finalmente grande copia de carnes, assim de bufaros, como de carneiros, cabras, e porcos, todos

corpulentos, gordos, e de excellente sabor: só se não achião, nem dão nesta ilha veados, porque parece por experiencia, que o cheiro do sandalo os mata. Usa-se nesta ilha de duas lingoas distinctas huma da outra. Chamão-se ellas Vaiquenos, e Bellos.

Distancia de Timor hum tiro de bombarda para a parte do Norte, está a ilha de Sinao, em hum boqueirão do mar. He em fórma redonda, com quinze até dezaseis legoas de circuito. Não he habitada de gente propria, mas dos que vão cultural-a, fazendo suas hortas, e sementeiras, como são os que habitão na cabeça da ilha de Timor, aonde chamão Capão, por ser terra muito pedregosa, e não se dar nenhum mantimento n'ella. Assim ficão nesta ilha os Timores, e os Savos, e outros, em o tempo das sementeiras, em palhoças, e depois se vão para suas illas, deixando alguns escravos para a cultura, e beneficio d'aquelles campos. Acha-se n'esta ilha muita cera, e alguma tartaruga.

Sete legoas de Timor, em huma travessa do mar, fica a ilha do Savo, com mais de vinte legoas de comprimento, e doze, até quatorze de largura: he a de melhores ares, e mais sádia, que nenhuma das que ha n'aquelle archipelago. Os naturaes são brancos, e melhor parecidos, que os das outras, em que a gente he preta, e de cabello crespo, e só os d'esta o tem solto. Todos são Gentios, com grande commercio com os Christãos de Larantuca. Já hoje tem tambem alguma Christandade. O que ha n'ella de commercio, e veniaga, he escravagem, muita tartaruga, e alguma cera. Tem muitos mantimentos, abundancia, que passa aos de fóra, sendo para os naturaes sobrada. Navegão em barcos pequenos, para Timor, e Larantuca.

Distante d'esta ilha do Savo vinte e cinco legoas, fica a ilha do Savo grande, nome, que lhe não deu a grandeza, mas a distancia. He toda de Gentilidade, gente de todo buçal, e inculta, que nem tem commercio, porque a terra lhes dá tudo o que lhes he necessario. São brancos, e mais que os da ilha do Savo. Ha n'ella muita escravagem, e muita tartaruga. Tratão-se os naturaes com grandeza, servindo-se com ouro, de sorte, que se acharão nos principaes esteiras, e outras cousas domesticas, d'este metal batido ao martelo; chapeos de sol do mesmo. Não o dá a terra, mas a de humas illas pequenas, que não distão muito, chamadas das Palmeiras, habitadas de gente anã. A estas, era entre os naturaes do Savo grande antiga tradição, que indo alguns d'elles a commerciar, trouxerão suas pequenas embarcações carregadas de ouro, in-

teresse de que se absteriverão, porque todos os que voltarão vierão inchados, e disformes, achaque de que morreo a maior parte d'elles; ameaço com que a natureza se quiz defender da cobiça humana. Mas grande confusão! Que conhecendo o os Gentios, e barbaros, o desconheção tanto os Christãos, e politicos! Estas são as principaes ilhas de Solor, de que havia menos noticia, ou menos individuada, porque em commum a dá de todas o Padre Fr. Luiz de Sousa. Supposta esta clareza. e conhecimento d'estas ilhas, passemos a continuar os successos das Christandades d'ellas.

### CAPITULO III

*Primeira conversão na ilha de Timor. Bautiza-se o Emperador da ilha do Ende grande em Larantuca.*

Supposta a entrada dos Religiosos de S. Domingos nas ilhas de Solor; os levantamentos dos Gentios, perseguições, e martyrio dos Religiosos, que até o anno de 1630 escreveu o Padre Fr. Luiz de Sousa, devemos seguir o continuar a noticia da ilha de Timor, assumpto, que de novo nos offerece a Congregação em grandes progressos na cultura Evangelica. Mas para maior clareza tomaremos mais atraz a relação, por não faltarmos a alguma circumstancia, que já na Chronica fica tocada, mas não escrita.

Achava-se a India Oriental no mais calamitoso estado, que podião ver, e chorar seus olhos. No temporal dominada da cobiça dos proprios, e dos estranhos; no espirital emmudecidas as vozes da verdade, escondida a luz da Fé, por não ver triunfar as sombras da cegueira rebelde, obstinada, e tyranna. As Christandades da Abbassia, e do Japão fechadas de todo para os cultores do Evangelho. Ormuz occupado pelo Persa; Mascate com as mais fortalezas da costa da Arabia, debaixo do violento dominio do Arabio; as Igrejas do Canará, e do Cabo do Comerim, embaraçadas, e innaccessiveis com a tomada de Cochim pelo Hollandez, que tambem occupou toda a ilha de Ceilão e Manar, permitindo só, que alguns Religiosos de S. Francisco ficassem para beneficio dos Christãos da terra: Finalmente destruidas as Igrejas, e Christandades de Bengala, e Pegú pelo Mogor, e pelo Rei da Lua. N'este estado gemião todas aquellas dilatadas Provincias, e gemem desde que a noite da heresia tyrannizou no berço do Oriente a luz da verdade, ficando, e conservando-se a

Evangelica nas Christandades dos rios de Sena, e de Solor, plantadas pelos Religiosos de S. Domingos, e regadas com o sangue de muitos, que fazendo crescer a sementeira de Christo, extinguio muitas vezes n'ella ateado o fogo do Inferno. Estes progressos serão o nosso assumpto.

Achava-se Vigario Geral da Congregação da India o veneravel P. Fr. Miguel Rangel, que a ella tinha chegado pelos annos de 1614, e tomando conhecimento do miseravel estado, a que estavam reduzidas as Christandades de Solor, já pelas guerras, e levantamentos domesticos, já pela invasão dos Hollandezes, tyrannos, como cobicçosos, passou das lagrimas, com que chorou sua miseria, ao zelo, e desvelo infatigavel de remedial-a. Corria o anno de 1629, quando achando-se este Prelado em Malaca, teve noticia, que havião largado os Hollandezes a fortaleza de Solor (feita primeiro, e reformada depois pelos Religiosos de São Domingos, para defensa, e amparo dos que de novo se hião alistando na milicia de Christo) e pedindo ajuda a Nuno Alvares Botelho, Governador d'aquelle Oriente, a quem fizera companhia na campanha, e agora na grande victoria. que alcançara do Rei Achem, se resolveo a ir reparar, e reformar as Christandades de Solor: o que poz logo em execução, levando consigo alguns Religiosos, escolha de seu espirito, e experiencia. Erão elles o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho, o Padre Fr. Luiz da Paixão, o Padre Fr. Christovão Rangel, Fr. Gaspar de Santa Maria, Fr. Estevão do Rosario, Fr. Chrysostomo de Santiago, Fr. Luiz da Maia, Fr. Jacintho Ximenes, Fr. Francisco Donato, Fr. Roque Cardoso, Fr. João de Lisboa, e Fr. Bento Serrão. Chegados áquellas ilhas, se espalharão como aconselhava a necessidade. O Padre Fr. Antonio de S. Jacintho passou á ilha de Cremá, Christandade em que ainda que tinha trabalhado, e assistido por alguns annos o Padre Fr. Antonio do Loreto, a perseguição a tinha reduzido a tal extremo, que foi necessario cultivar-a de novo. Os Padres Fr. Luiz da Paixão, e Fr. Estevão do Rosario, á ilha do Savo, em que o Padre Fr. João da Anunciação assistira dez annos, abrindo, e creando aquella Christandade com tão exemplar vida, que foi ella a mais efficaz, e poderosa voz, que chamou aquelle povo ao rebanho de Christo.

Os Padres Fr. Chrysostomo de Santiago, e Fr. Agostinho do Rosario, para o Ende, eni duas Igrejas, S. Domingos de Numba, e Santa Maria Magdalena dos Charaboios. O Padre Fr. Roque Cardoso para a Igreja de nossa Senhora da Saude, sita em huma paragem, chamada Baiba-

o, na ilha de Larantuca. O P. Fr. Francisco Donato para a Igreja de Santa Luzia de Sica na mesma ilha. O P. Fr. Luiz da Maia para a mesma ilha de Larantuca, por Prelado maior, e Vigario d'aquellas Christandades todas, na Igreja de nossa Senhora da Piedade. O Padre Fr. Gaspar de Santa Maria para a Igreja de nossa Senhora dos Remedios, com obrigação de ensinar aos meninos Solores a doutrina christã, e a ler, e escrever. O Padre Fr. Rafael da Veiga para a Igreja de Patão, e Pamancayo. sita na ilha de Solor, duas povoações, a que podia acodir, por ficar no meio de ambas. O Padre Fr. Christovão Rangel para assistir, e attender ao temporal com algumas Padres, que alli se ajuntarão, ficando outros com o Vigario maior na Casa de Larantuca, para acodirem ao que se offerecesse, quando nas mais illhas d'aquelle Archipelago se abrisse nova Christandade. Assim começarão a crescer as d'estas illhas, com o zelo, e ancia dos novos Obreiros, que cada dia se estavam colhendo novos frutos de seus venturosos trabalhos. Vencendo muitas vezes o da falia de vestido, e sustento, que merecião como bons mercenarios, que apascentavão as tenras ovelhas do rebanho da Igreja, on desvelados obreiros, que madrugavão a cultivar a sua vinha; porque, perdida Malaca, lhe faltou a ordinaria, que lhe dava o Governador Nuno Alvares Botelho, ficando os miseraveis Religiosos obrigados não só a buscar esmolas para se sustentarem a si, mas aos pobres, que muitas vezes o ficavão por abraçarem a Fé.

Neste estado se achavão as Christandades d'estas illhas, quando advertindo o Padre Fr. Christovão Rangel, que em todas sobejavão Ministros, e que em Timor faltavão, sendo a mais populosa d'ellas; se resolveo a ir examinal-o com seus olhos, e a ver se se lhe abria algum caminho, para pôr em execução antigos, e bons desejos. Embarcou, e aportou no Reino de Silabão. Vio-se com o Rei, presentou-lhe hum mimo, unica chave, que abre a primeira porta aos que áquelles Príncipes pedem audiencia, e querem sahir com bom despacho n'ella. Assim foi Fr. Christovão bem aceito, e bem agasalhado; e não perdendo tempo, soube logo industrioso encaminhar a pratica a cousas da Religião, que assim propoz com efficacia, e intimou com persuasiva (não favorecido da Rhetorica humana, mas encaminhado d'aquella Sabedoria, que dispõe com suavidade, e consegue vigorosamente) que veio o Rei a dar-lhe palavra de receber a Fé com toda sua casa, e os que de seu Reino quizessem, fomentando, e favorecendo n'elle os Ministros Evangelicos, que logo que-

ria lhe fosse negoçar de Larantuca, e o mais que pertencia a levantar Igreja, e assentar entre elle, e os Portuguezes amizade perpetua. Assim sabe levantar apressada lavareda aquella faisca, em que o fogo do Ceo se introduz em huma alma!

Alvorçou-se o Padre com a reposta: muito mais o Rei, vendo que lhe dizia: «Que para seguro da sna amizade, lhe apontasse lugar para a Igreja, porque elle tinha o preciso para ella.» Não houve dilacão; apontou-se o lugar, cortarão-se madeiras por decreto do Rei, lavrou-se huma Cruz de sandalo, por ordem de Fr. Christovão; e em hum domingo (elevando-a entre ambos o Padre, e o Rei) acompanhados, e seguidos do melhor da povoação, a collocarão em o lugar da Igreja, com grande celebridade, que o Rei augmentou, dando hum publico, e real banquete. Em breves dias creseco a fabrica da Igreja (que n'aquellas partes não costumão ser de muita) e passou o Padre Fr. Christovão a Larantuca, alegrando aquella Christandade com tão grande noticia, e enchendo os obreiros d'ella de santa inveja, e piedosas esperanças de semelhante ventura.

Aprestarão logo alguns Portuguezes huma embarcação carregada de suas veniagas. Proveo-se o Padre de tudo o preciso para o divino sacrificio, e administração dos Sacramentos; e desembarcando prospera, e brevemente no Silabão, em que o Rei o esperava (mais obrigado agora de sua pontualidade) se vio em breves dias ornada a Igreja, e levantado o altar, em que o Padre disse a primeira Missa aos Christãos, vendo-se adorado o Deos verdadeiro no mesmo throno, que o fora da idolatria. Cathequizado o Rei, e a mais casa real, chegou o alegre dia do bautismo, que os Christãos, que se acharão, fizerão festivo com a assistencia de suas pessoas, e o melhor de suas galas. Poz o Padre por nome ao Rei D. Christovão, querendo, que entre hum, e outro fosse o mesmo nome sinal de amizade, e da filiação espiritual, em que li'o dava por herança. Bautizou-se a casa real, e os melhores do povo, a que convidava o exemplo do seu Soberano. Assim começarão a crescer os frutos da doutrina do Padre Fr. Christovão, regando cada hora com aquella salutifera agua as novas plantas, que hia dispondo no jardim da Igreja; entrando no trabalho de lhe purificar as raizes de abusos, e superstições barbaras, e gentilicas; emprego, que sem duvida provocou alguns Mouros (que com a negaça do contrato vivião na terra) e não querendo perde-lo, não a consentião convertida. Ardião em ira contra Fr. Chris-

tovão; resolvem a tirar-lhe a vida. Em publico era difficuloso, porque o Padre com o povo era bemquisto, com o Rei respeitado. Este desengano lhe aconselhou a industria; recorrerão ás infames armas da India, e da fraqueza; derão-lhe peçonha. Conheceo-a o Padre, recorreo a contravenenos, que n'aquellas partes deu mais finos a providencia da natureza, em recompensa dos grandes inimigos, que n'ellas permittio contra a vida. Escapou o Padre Fr. Christovão com ella, mas inhabil para tudo: tornou para Laranhuca, e depois com o Padre Fr. Gaspar de Santa Maria, tambem incuravel de doença grangeada no trabalho da cultura Evangelica, foi levado ao Convento de Goa, em que ambos acabarão a vida com sinaes do que souberão bem empregal-a. Passou para Silabão, em lugar do P. Fr. Christovão, o Padre Fr. Bento Serrão, que lhe succedeo no lugar, como se se reproduzira o seu desvelo no mesmo exercicio.

Mas em quanto o Padre Fr. Christovão Rangel obrava o que temos visto no Si abão, não se contentavão os Padres, que residião em Laranhuca, com o ministerio commum da doutrina, administração de Sacramentos, e santa educação dos meninos, a que em hum Collegio assistião com incançavel trabalho. Abrazados em santa inveja, se resolverão á mais ardua empresa.

Habita em humas serras visinhas a Laranhuca hum Senhor grande, intitulado o Payão, a quem reconhecem por Soberano, e rendem vassallagem, e tributo todos os Regulos do Ende, como a Emperador de toda aquella grande ilha. Resolverão-se os Padres a buscal-o, por mais que os despersuadia a experiencia de sua dureza, e rebeldia; desengano. com que seus antecessores tinhão deixado a empreza. Mas como discipulos do verdadeiro Mestre, que ensinava aos seus, que tornassem a bater á porta do que se escusava (porque de importunado se levantaria) (1) tornarão a provar resolução, e diligencia. Começarão de affeiçoal-o com communicação. e visitas, valendo-se das praticas para introduzir os conselhos, e as doutrinas, que encaminhadas pelo Ceo, vierão a ser a pedra sem força de mãos, que reduzio toda a dureza, e apparatus d'aquella grande estatua a huma pouca de terra, que posta aos pés dos Religiosos, pedia sequiosa a agua da eterna vida.

Já as praticas o tinhão industriado; assentou-se o dia do baptismo. Era Vigario d'aquellas Christandades o Padre Fr. Antonio de S. Jacin-

(1) Et si ille perseveraverit pulsans... propter improbitatem tamen ejus surget. Luc. 11.

tho, filho do Reino, e da Congregação pelo habito. Preparou a Igreja, chamou os Religiosos das Christandades visinhas: sahirão de gala os moradores da terra, com grandes colares de ouro a seu uso: celebrou-se o acto com todo o aparato: fez a função o Padre Fr. Antonio, e poz por nome ao Emperador D. Constantino. Poucos dias depois se bautizou o Lagadoni, que he como Regedor, e logo todos os grandes, e toda a casa do Emperador, a que seguio o exemplo innumeravel povo. Com estas alegres novas passou o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho a Goa, aonde foi bem recebido, e se fizerão festas, e se renderão a Deos graças. Viveo depois D. Constantino com grande exemplo de Christão: muita familiaridade, acompanhada de grande respeito com os Religiosos, e igual fidelidade com a Coroa Portugueza. Faleceo pelos annos de 1661.

#### CAPITULO IV

*Vida, e morte do Padre Fr. Rafael da Veiga, prodigiosa huma, e outra.*

*Bautizão-se dous Reis na mesma ilha.*

Siga a estas conversões dos Gentios huma igualmente maravilhosa, de hum Religioso, que de entre os descuidos do seu estado, passou á ultima perfeição d'elle. Foi este o Padre Fr. Rafael da Veiga, filho do Reino, e do Convento de Azeitão, em que tomou o habito. Professo de novo, passou a viver no Convento de Bemfica, em que teve por Mestre de Novicos o veneravel Padre Fr. Miguel Rangel; e ainda que a vida de Fr. Rafael era huma vida concertada, como aconselhada de bom genio, não era igual; humas vezes com descuidos, outras com excessos, em exercicios penitentes, e religiosos, mas suspirando sempre huma vida perfeita; desejos, que o levarão á Provincia de Hespanha, para passar á de Manilha (como á maior reforma) em que residio algum tempo, mas tão perseguido do clima, que para escapar com vida se passou á China, e d'alli embarcado para estas ilhas de Solor, veio a achar n'ellas por Prelado o Padre Fr. Miguel Rangel, seu mestre antigo, que com huma e outra obrigação, o admoestou (passados alguns dias) em que entendeu, que Fr. Rafael não correspondia ao espirito, que alli o trouxera.

Deixou-o a reprehensão confuso, e não tardou muito mais poderosa

advertência, que o acabou de deixar convencido; porque chegando d'ahi a poucos mezes noticia ao Padre Fr. Miguel Rangel, de que estava eleito Bispo de Cochim, e despedindo-se dos Religiosos com mostras de verdadeiro pai, o quiz parecer mais de Fr. Rafael, que já via com algum fruto da sua advertência, e dando-lhe os ultimos abraços lhe disse com entranhas piedosas, conhecidas em vivas lagrimas: «Lembre-se, meu filho, sempre de duas cousas: d'aquella criação, que lhe dei em Bemfica, e da admoestação, que me ouviu agora em Solor. Que se em ambas lhe mostrei, que era Religioso de S. Domingos, o conhecimento d'este nome o executara ás obrigações d'elle. Acabe huma vez de escutar as vozes do Ceo, que em tantas inspirações lhe tem fallado ao coração. Não demereça tel-as ouvido, com mostrar que já lhe esqueceo, que as ouviu. Se Deos o manda a Ninive, não se embarque para Tharsis: se Deos o manda por seu Prégador á India, não se deixe levar das aguas de huma vida frouxa, e descansada. Não espere pela tormenta da ultima hora, em que arrojado ao mar da morte, o trague a eterna sepultura. Deos o não permita! Não se mostre esquecido: e eu lhe pedirei sempre, que o faça santo.»

Ferem no coração, e penetrão até a alma as palavras dos Varões Apostolicos, como espada sem resistencia. Vio-se Fr. Rafael em hum instante cortado, e dividido dos embarços da carne; vio-se em hum instante trocado em huma imagem da penitencia, e da virtude. O que tinha, poz logo nas mãos dos Prelados; erão suas alfaias duas tunicas. A sua cama huma esteira sobre huma taboa; seu sustento pão, e agua, porque huma pouca de agua, e hum pouco de arroz cozido, era seu quotidiano sustento. Oração continua; amiudadas, e rigorosas disciplinas; sepultado aos pés do Prelado, humilde, e obediente. Mas sobre tudo o que mais se lhe enxergava, era o ardente zelo da salvação das almas, suspirada com vivas ancias. Finalmente assim vivia Fr. Rafael, como se já desconhecesse as pensões da carne, e assim olhavão para elle, não só os Religiosos, mas o povo, com veneração de santo; nem por outro nome era já conhecido.

Quiz o Vigario d'aquellas Christandades, que via em Fr. Rafael aquella perseverança, e conhecia o seu zelo, dar-lhe emprego, em que pudesse exercital-o, e em que sua vida servisse de exemplo, e mandou-o assistir na ilha do Savo pequeno, residencia, a que fugião com a cara ainda os mais experimentados Religiosos, pela sensualidade, e devassidão d'aquel-

les barbaros, e ainda dos que já tinham o nome Christão. Obedeceu Fr. Rafael, mas vendo depois de algum tempo, que nem toda a sua diligencia bastava a pôr freio á devassidão, com que se vivia na terra, mas que antes, sem lhe valer seu retiro, e modestia, lhe entravão as mulheres pelas portas a inquietar, ou a provar sua constancia, determinou buscar terra, em que a sua doutrina fosse de algum proveito, e o resgatasse d'aquelle risco, que temia como verdadeiro humilde, não desconhecendo as pensões da fragilidade; e estando hum dia em oração, rompeo fallando com Deus em semelhantes palavras: «Meu Senhor, e amoroso Jesus, eu não fajo á obediencia, obedeço á vossa doutrina. Os vossos Santos, e nossos mestres nos ensinarão, que nestas batalhas, que me acovardão, só vence quem foge. Não desamparo eu estas ovelhas silvestres, porque me cauce o trabalho, mas porque antes me servirão de risco, que eu a ellas de lucro. Vós ensinastes aos vossos Prégadores, que quando não fossem ouvidos, deixassem as cidades (1). Se eu aqui perco tempo, conselho he vosso, que busque aonde faça fruto. Vós, que me conheceis o coração, me encaminhai os passos, que eu não tenho mais defensa, nem mais guia, que a vossa Providencia. Guiai-me a parte em que a sirva; e já que só vou a busca-la, permiti, que vos não perca.»

Com este protesto, e revestido de nova confiança, buscou hum Barquinho de dous remos, e metido n'elle, com hum moço, que lhe ajudasse á Missa, e que levava o que pertencia a ella, com a matalotagem de hum pouco de arroz cozido, e agua, se entregou ao mar, sem saber mais caminho, nem seguir mais norte, que o que quizessem as ondas. Assim navegou até o dia seguinte, em que vendo terra, se chegarão, e saltarão n'ella. Era a povoação de Batepute, no Reino de Amavi, da ilha de Timor. Entrou o Padre com huma cruz na mão; seguia-o o moço com o que pertencia ao ministerio santo. Foi espectáculo novo para aquella Gentilidade, verem hum homem em traje nunca visto, na mão tal insignia, sahindo do mar em huma embarcação tão pequena. Correrão, chamados da novidade. Levão-no ao Rei, que primeiro com espanto, depois com alvoroço, lhe deu attenção, ouvindo, que lhe dizia quem era, e logo lhe pedia alviças de lhes trazer a casa a verdadeira luz de que necessitavão suas cegueiras. Continou evangelizando-lhe a Christo crucificado; mostrando-lhe o estendarte da Cruz, com que se devia pôr em campo

(1) Quicumque non receperit vos neque audierit.... exentes foras de domo vel excutite civitate pulverem de pedibus vestris. Matth. 10. 14.

contra o inferno. E perguntando-lhe os que o cercavão, se vinha ao resgate do sandalo? Respondeo: «Que só o trazia o de suas almas, genero mais precioso, e que só se podia resgatar com o sangue do Filho de Deos.» E acrescentou: «Que se quizessem abrir as portas á sua fortuna, o escutassem, e lhe dessem lugar para fundar Igreja, e offerecer n'ella sacrificio a Deos verdadeiro, que era, e seria por todas as eternidades, unico senhor de tudo.»

Não acabava o Rei de admirar-se, inclinado já o coração (que o mesmo Deos costuma ter em suas mãos) ás propostas tão importantes, tão seguras, tão efficazes, que lhe dizia o Padre. Mandou logo, que o agasalhassem, e se lhe dêsse tudo o que pedisse. Deu-se ordem á Igreja. Visitava em tanto o Padre Fr. Rafael el-Rei, misturava-lhe na pratica as verdades da Fé; perguntavão-lhes, e ouvião-nas bem os senhores, e personagens do Reino. Seguia-o o povo; soava já por todas as partes o nome de Jesu Christo. Quem não está lendo reproduzido aquelle seculo primeiro do Evangelho na Chronica de S. Lucas (1)! Os cegos illustrados, e reduzidos; os Príncipes recebendo, e obedecendo aos Apostolos; os povos recebendo espontaneos o Evangelho, amotinados, festivos, e gostosos. Mas isso vem a ser estender-se agora a esta fortunada ilha aquelle mesmo poderoso braço, que se fazia reconhecer em Galilea.

Lavrou-se a Igreja; bautizou o Padre Fr. Rafael ao Rei. Seguiu-o toda sua casa, e os grandes da terra. Abrio escola para doutrinar os meninos. Foi cathequizando, e bautizando muitos, assim d'estes, como adultos. Não necessitava de passar a outras povoações, sahindo de sua Igreja; vinhão-no buscar a ella, chamados do nome de sua virtude, que já soava com assombro por toda aquella Gentilidade. Mas não lhe descangava o coração, sabendo, que nas terras visinhas havia potentados, que não devião sahir d'ellas; e buscal-os, como ás suas povoações, era obrigação sua, supposta aquella Christandade já assentada; não lhe esquecendo, que dissera Christo (de quem era discipulo, e Apóstolo) (2): «A mim importa-me evangelizar a outras cidades, que para esse continuo emprego sou mandado.» Passou com essa resolução ao Reino de Amarasse, em humas serras visinhas. Avistou-se com o Rei, convenceo-o, cathequizou-o; e finalmente o bautizou com toda a sua casa, e muito povo ao exemplo

(1) Magis autem augebatur credentium in Domino multitudo. Act. 5. 14.

(2) Quia et aliis civitatibus oportet me evangelizare regnum Dei quia idèo missus sum. Luc 4. 43.

d'ella; e affirmarão os Religiosos, residentes n'aquellas ilhas, que não houve Christandade mais bem plantada, e instruida, que aquella.

Nestas, e em outras occupações apostolicas gastou o Padre Fr. Rafael seis annos n'aquellas ilhas; e voltando para a de Batepute, morgada de sua doutrina, querendo o Senhor apressar-lhe a coroa de seus trabalhos, lhe deu huma doença, que com a morte lhe trouxe o fim de todos. Já com poucos alentos se achava só, e desamparado em huma casa, sem mais leito, que huma esteira, que fora sempre a sua cama, abraçado com huma cruz, que sempre fora sua companheira; postos no Ceo os olhos, e o coração; este abrazado em vivas ancias de vêr a Deos, cheios aquelles de saudosas lagrimas, pela companhia, que lhe faltava de seus irmãos Religiosos, que n'aquella hora lhe ministrassem o santissimo Viatico, para entrar mais confortado em tão difficil caminho. Assim estava posto nas mãos da divina Providencia; mas quando faltou ella a quem soube por-se em suas mãos? Vel-o-hemos agora em caso todo seu.

Navegava a este tempo de Larantuca para o Savo grande o Padre Fr. Christovão de Santiago, e seu companheiro, quando repentinamente, cerrado o Ceo, até alli sereno, e embravecido o vento, até alli brando, se alterou o mar com tão temerosa furia, que foi preciso, cedendo a ella, voltar ao vento a poupa, e navegar para onde o vento soprava. Eis que a poucas horas avistão terra, chegam, e reconhecem o porto de Batepute. Sabião que o Padre Fr. Rafael assistia n'elle; saltão em terra, e entrão-lhe pela porta a tempo que fazia ao Ceo a supplica, de que lhe permitisse o que já via com seus olhos; levanta-os outra vez, e as mãos, entre lagrimas, e alvoroços. Confessou-se com vagar aquella tarde; e ouvindo Missa, e commungando, ao dia seguinte passou placidamente d'esta vida, a repetir ao Senhor as graças pelos favores d'aquella hora. Achou-se á sua morte o Rei da ilha, e senhores d'ella; e vendo, que os Padres querião dar ao corpo sepultura ordinaria, lh'o embaraçou, dizendo: «Que os Santos como fora, e era Fr. Rafael, merecião mais veneração, que a commua; que não havião de descansar seus ossos menos, que em sepultura Real.» Assim se lhe lavrou, penhorando-se em seu corpo o Rei, e a fê de toda a ilha, por mais que os Padres o quizerão passar a Larantuca. Mandou logo a ella noticia do que passára o Padre Fr. Christovão de Santiago; e assistindo n'aquella Christandade muitos annos, recebeu Embaixadores do Rei de Capam (Reino, que fica pelo certão dentro) porque lhe pedia, que o quizesse vêr, e instruir na Fé, porque desejava

abraçal-a, e seguil-a. Examinou o Padre, que não havia cavilação na supplica; passou ao certão, e bautizou o Rei, e quarenta pessoas de sua casa.

## CAPITULO V

*Conversão geral, que houve na ilha de Timor; prodigio grande, que a ella precedeo.*

Depois que os Religiosos de S. Domingos fundarão as Christandades de Solor, sempre conservarão vivos desejos, e firmes propositos de introduzil-a em Timor, illia a mais fertil, a mais rica, e a de mais povo em todo aquelle grande Archipelago. Assim o desejavão os Religiosos, e assim lhes quiz mostrar o Ceo, que favorecia seus desejos com prodigios, e fortunados annuncios. Diremos do maior. Pelos annos de 1641, em huma noite, em Ceo claro, e sereno, appareceo, e se vio huma Cruz grande, e resplandecente, que tendo o pê sobre a ilha de Timor, inclinava o mais corpo para o Norte. Virão-na claramente, assim os Christãos, que ali assistião por razão do contrato, como todos os Genticos da terra, com admiração commua. Seguirão-se os effeitos milagrosos, que promettia a causa; porque em breve tempo se virão alistados debaixo d'aquella sagrada bandeira muitos Reis, e Potentados da mesma illia. Mas antes que passemos ás grandes conversões, que se obrarão n'ella, daremos noticia da perseguição, que se levantou contra seus naturaes, em odio do nosso commercio, e dos que affeiçoados nos abrião a porta ao fruto do Evangelho.

Perdida Malaca em Janeiro de 1640, ficarão todos os Reis do Sultão destemidos, e affoutos contra o nome Portuguez, que não houve algum que deixasse de levantar a mão, fazendo ostentação de a mostrar já solta, e a provar vingada. Foi o primeiro rebelde o Macassá, que nem os muitos annos de amigo lhe ensinarão a dissimular, que o era violento. Era neste tempo Rei de Toló hum tio do Sumbaco, Emperador do Macassá, já defunto (mas hum dos que mais se esmerarão na fidelidade com o Estado); seu nome Carriliquio, de pensamentos altivos, soberbos, e ambiciosos, ingrato, desagradecido; e assim esquecido da fidelidade, como grande propagador da seita de Mafamede. Este vendo-se sem o freio de Malaca, e enfraquecida a mão Portugueza, ajuntou logo huma armada de 150 galés, em que elle mesmo se embarcou, com seis para

sete mil homens, e no mesmo mez de Janeiro aportou em Larantuca. Assistia n'ella o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho, como Vigario d'aquellas Christandades; mandou-o chamar, e ao Capitão mór da gente da terra, Francisco Fernandes, que chegassem á sua galé, que lhe importava fallar a ambos. Escusarão-se os dous, mandando-lhe ázer: «Que lhe não reconheção vassallagem, nem havia causa, para semelhante conferencia.»

Repetio o Rei recados; da terra as mesmas repostas; até que indignado, e resolutó, mandou: «Que saltando em terra a soldadesca, puzesse tudo a ferro, e fogo.» Divulgada esta resolução, se foi a gente de Larantuca com suas armas para a serra: e desembarcando o exército sem resistencia, foi entrada a povoação, e posto fogo á Igreja da Misericórdia, com exorbitancia, e desacato grande, feito ás imagens, que se acharão n'ella. Via de longe a impiedade dos sacrilegos hum dos nossos Religiosos, que acompanhavão os retirados de Larantuca, por nome Fr. Manoel da Resurreição, natural de Lisboa, mas filho da Congregação. Era de espirito ardente, e igualmente zeloso da honra de Deos; não soffeo vel-a offendida; volta aos Christãos, e incitando-os com o mesmo, que estavam vendo, lembrando-lhes a obrigação da vingança, lhes promettia o favor do Ceo para a vitoria. Não foi necessaria muita persuasiva. Lança-se ao inimigo (cego, e engolfado na preza, e na ira) o Capitão Francisco Fernandes (que sem o saberem o seu valor, o seu braço, e os seus brios, contava agora cento e trinta annos) e animando os poucos soldados, com que se achava, dá sobre os sacrilegos com tanta braveza, que os fez voltar costas correndo para as galés sem concerto, e deixando o campo cuberto de armas, e de corpos (sendo os mortos mais de trezentos) como a armada de pavor, mostrado na apressada, e vergonhosa fugida, que fez da praia, passando a Timor, emprego principal de sua vingança, ou de sua cobiça.

Aportou em Timor, fez duas esquadras da Armada, e mandando huma por fóra, outra por dentro da ilha, passou a ella, e foi mettendo tudo a sacco, que foi o mais precioso, buscado, e escolhido em tempo de tres mezes, que alli fez assistencia, e continuou a rapina. Consentião-n'a os miseraveis Timores, sem lhe fazer a menor resistencia: antes enganados os Reis, e Potentados de toda a ilha com as embaixadas, que o tyranno lhes mandava, segurando-lhes, que não fugissem, que elle só vinha com aquella armada a resgatal-os da tyrannia Portugueza. Que não respeitassem a Larantuca, nem aos Padres, e Portuguezes d'ella, que es-

ses erão toda sua ruina. Mas como não era facil verem-lhe a espada de libertador na mão de pirata, e nenhum lhe differia, recolheo o ouro, prata, sandalo, e a mais fazenda, que achou na terra, e levando quatro mil pessoas em cativoiro, voltou para o Macassá triunfante, e ufano, como se deixara prostrada, e destruida alguma grande resistencia, e tão satisfeito do que tinha obrado, que para ostentação victoriosa, mandou fazer as vélas da armada, das pessas de seda, que tinha roubado na ilha, como se lhe podessem servir para estendartes do triunfo os mesmos testemunhos do roubo. Exaggerava a grande opulencia, e preciosidades de Timor, thesouro d'aquellas illas, e dizia: «Que até alli vivera cego, pois a não tinha desfrutado.» Mas salteou-o a morte, como ao outro rico, a que apanhara fazendo perguntas, e dando parabens á sua cobiça (1); porque a oito dias de sua chegada, lhe tirou sua mesma mulher a vida com peçonha, receosa de se ter desmandado com hum criado seu em sua ausencia.

Mas voltando aos vitoriosos de Larantuca, considerando o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho as hostilidades, que o Rei de Toló teria obrado em Timor, se resolveo a ir consolar, e acodir, conforme as suas posses, a seus naturaes: e negoceando huma embarcação capaz, em que com elle entrarão dous Religiosos, muitos mantimentos, e setenta espingardeiros (que agora servião de guarda, e depois podião ser de ajuda) desembarcou sem encontro, ou perigo, no Reino de Mena, que achou destruido, e assolado. Não achou a Rainha (viuva, e governadora do Reino, na tutoria de seu filho) porque, ameaçada do inimigo, se tinha retirado pela terra dentro. Resolveo-se a ir buscal-a com toda sua companhia, dezasete legoas pelo certão, e a pé, como se o illustrara o Ceo, para o empenho d'aquella diligencia, que era tanto de importancia sua. Achou finalmente a Rainha, que o recebeo com alvoroço de quem muitos annos o conhecera, e tratara, e agasalhos, de quem se via buscada, quando perseguida. Era destro, e exercitado o Padre Fr. Antonio no emprego de saber lucrar almas; achou occasião de combater aquella de tanta importancia, e consequencia; dilatou-se com ella na pratica, mostrou-lhe: «Como os Mouros (cuja visiuhança a não consentia reduzida) erão só fabricadores da sua conveniencia, sem mais animo, que a politica de enfraquecer as forças dos Reis visinhos, para os reduzir a seus tributarios. Que agora tinha entre mãos a experiencia, no inimigo, que a deixava rou-

(1) Stulte hac animam tuam repetunt à te. Luc. 19: 20.

bada, e destruida com o mentiroso pretexto de a querer conservar no seu dominio. Que pelo contrario os Christãos sempre lhe tinham assistido com trato fiel, amigo, e desinteressado. E que elle o era tanto, que sem mais empenho que o de saber o seu desamparo, trazia aquelles Soldados a seu serviço; que assim podia dispor d'aquella gente, e da sua vontade.»

Achava-se a Rainha com mais de duas mil e quinhentas pessoas, com seus filhos, e filhas, e os grandes de seu Reino. Estimou (com grandes demonstrações, e agradecimentos de todos) a fineza, e offerta do Padre; e tomando o conselho, que lhe dava, de que voltasse, e se recolhesse ao seu Reino, que elle com os que levava lhe faria companhia, sahio do certão com muita segurança n'ella, e recolhendo de caminho os vassallos, que andavão pelos mattos fugitivos, e medrosos, entrou na sua Corte, achando-se em breves dias assistida de toda sua gente. O Padre Fr. Antonio, que não perdia instante, continuava com ella as praticas, propondo-lhe, e explicando-lhe as verdades catholicas, que já escutava compungida, e edificada, sendo aquella, que, ouvindo o mesmo Padre por mais de treze annos em seu Reino, não consentio nunca que fizesse n'elle fructo sua palavra. Mas já lhe feria nos olhos da alma aquella luz, que trocou as rebeldias de Saulo em sujeições de discipulo; porque chamando toda sua Casa, juntos todos os Senhores de seu Reino (depois de assentar com o Padre o dia de seu baptismo) disse a todos com espirito, e fervor apostolico semelhantes razões:

«Já que o Ceo por sua clemencia, e misericordia corresponde á minha rebeldia com os premios da sua graça, porque agora, que eu mais lhe resistia, agora me chama: agora, que eu mais lhe cerrava os ouvidos, me abre os olhos: agora, que eu fugia aos seus avisos, me mete de portas a dentro os seus Ministros Evangelicos; agora quizera, não só ser a primeira, que me inclinasse ao suave jugo de Christo, mas quizera pagar ao Ceo, rendendo-lhe em muitos o que tardei em me reduzir a mim só. Não quero já vassallos, que o não sejam tambem de Christo; não quero ser vossa Rainha, se ainda hei de entrar a partido com o demonio. Se até agora vos embarcei aquella unica ventura; agora, que a busco, he para repartir convosco. Ajudai-me a desaggravar o Ceo, e imitando-o a elle, não me desampareis, porque vos aggravei; antes me ajudai a conseguir o que vos impedi. Já que fui má Rainha, sede vós bons vassallos. Christo Jesu he o verdadeiro Rei, elle nos resgatou com o seu

sangue; não para ficarmos seus escravos, mas para sermos seus domesticos; não para nos tirar a liberdade, mas para nos dar hum Reino. Elle he o verdadeiro Rei, porque não quer de nós tributo, que não seja nosso remedio. Este he o Rei, que vos dou: e em mim já não hum Rainha, mas hum irmãa, abraçando comvosco a mesma Lei. Acabemos já de abrir os olhos para ver nascer o dia n'estas regiões da noite. Vingemo-nos da natureza, que nos vestio de sombras, e se até agora as reconheciamos nos costumes, como nas carnes, já os Ministros do Ceo nos offerecem hum agua, em que banhado o espirito desdiga das escuridades do corpo. Chegai, chegai comigo a recebel-a, que só ella ha de extinguir o fogo do Inferno, de que até agora fomos seccos carvões. Chegai; que já abrazados n'aquelle fogo, que purifica, e não consome, serviremos no Altar do verdadeiro Deos de vivas brazas, ás victimas de nossos corações. Não tendes que vos deter, nem que vos aconselhar; aqui estão os Padres, que não podeis desconhecer Ministros seus, pois nos entrão pelas nossas terras a buscar as nossas almas, não as nossas minas, os nossos proveitos, não os nossos thesouros. Não pôde deixar de ser Deos verdadeiro o que se serve com homens, que á custa do proprio trabalho vem buscar o lucro alheio. Não tenho mais que dizer-vos. Se o que me ouvistes basta para vosso desengano, baste o que me vires fazer para vosso exemplo.»

As ultimas vozes da Rainha se seguirão as do povo, que a escutava, gritando todos que só a Lei de Christo querião abraçar. Igual á novidade, e ao successo foi nos Padres o alvoroço. Não houve dilacão; comecarão a cathequizar, e instruir, sem perdoar a diligencia, logrando-se a coroa d'ella em dia de S. João Bautista (que foi por Junho de 1641) em que solemnemente se celebrou o bautismo da Rainha, e do Principe herdeiro do Reino, a que o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho poz o nome de D. João, que lhe offerceco o dia, offerecendo elle ao Sagrado Precursor (como primeiro Ministro, que deu com aquelle acto o conhecimento de Christo) as venturosas primicias d'aquelle Reino. Seguirão o exemplo da Rainha os mais sinalados n'elle, seguindo-se a tudo grandes, e festivas demonstrações de contentamento.

Mas não descaçava o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho, porque parece que o chamava o Ceo para os Reinos visinhos, a que tinha destinado a mesma ventura, que a este de Mena. Despedio-se da Rainha, Principe, e mais Senhores com lagrimas, e mostras de verdadeira, e fiel

amizade; e embarcando-se com os Padres Fr. Chrysostomo de Santiago, e Fr. Pedro Manso (que até alli o tinhão acompanhado) navegarão para o Reino de Lifao, o mais visinho a este de que sahião. Desembarcados em seu porto, forão recebidos com estranho alvoroço, mais estranhas as vozes, que soavão entre elle, ouvindo-se por todas as partes repetir: «Padre, Padre, queremos ser Christãos.» Tinha soado por todos os Reinos da ilha (queixosos da tyrannia do Mouro Macassá) a demonstração amiga, e piedosa, que o Padre Fr. Antonio fizera com a Rainha de Mena; a ancía com que abraçara a Fê esta Rainha. Ou o mais certo, queria já Deos resgatar aquelles povos de sua miseravel cegueira, e tinha guardado para o zelo do Padre Fr. Antonio aquella gloria, para que escolhera a Paulo, para que levasse seu nome á noticia dos Reis, e dos Príncipes, de quem o queria ver reconhecido, e venerado (1). Levantou o Padre os olhos cheios de lagrimas ao Ceo, e estendeo os braços a tomar n'elles a multidão do povo, que vinha recebê-lo. Vinha entre elles a Rainha, tambem viuva, com suas filhas, e hum filho de dezaseis annos, herdeiro do Reino, que com o mesmo alvoroço, e mostras alegres receberão os Padres; e por ficar a Corte distante, e lhe pouparem o trabalho do caminho, lhe mandarão logo levantar humas casas de campo, em que os agasalharão com a maior grandeza, que permittia o sitio, e a terra.

Não se esquecião os Padres da grande importancia, que tinhão entre mãos; começarão a cathequizar a Casa Real, e povo por alguns dias, e em 1 de Julho do mesmo anno de 1641 se fez a função do bautismo. Primeiro a Rainha. Seguiu-se o Principe herdeiro, a que o Padre Fr. Antonio poz por nome D. Pedro. Logo as filhas, depois os parentes da Casa Real, e mais Senhores; e finalmente muito povo, dispondo o Padre Fr. Antonio que esperassem os que concorrião de todo o Reino, para serem primeiro cathequizados, para o que brevemente lhe mandou Ministros. Mas coroe tão grande dia hum successo, que se vio n'elle, digno de memoria.

Governava este Reino de Lifao, por menoridade do Principe herdeiro, hum tio seu de setenta annos, cego de nascimento, mas homem de grande prudencia, entendimento, destro, e maduro, partes, que lhe puzerão na mão o governo; veio este acompanhando a Rainha em hum andor, e chegou até á praia ao recebimento dos Padres: mas ouvindo, que a Rainha, e mais Casa Real pedia o bautismo, disse ao Padre Fr. Anto-

(1) *Vas electionis est mihi iste, ut portet nomen meum coram Regibus et Principibus. Act. 9.*

nio que bautizasse a todos, que elle era já velho, e cego, e lhe restava pouca vida, e era já n'elle de pouca importancia aquella cerimonia. Dissimulou o Padre; e passados os primeiros agasalhos, e cumprimentos, buscou em sua mesma casa ao velho Governador, e dizendo-lhe: «Que lhe hia dar a resposta do que lhe ouvira», continuou com viva, e elegante persuasiva, mostrando-lhe como a elle por cego, e velho, lhe importava mais que aos outros o baptismo, para que renascesse sua alma, e se destruisse sua cegueira. Escutou o velho a proposta, mas disse: «Que por então não deferia a nada.» Chegado o dia do baptismo, e sendo convidado da Rainha para que honrasse a função com sua assistencia, se assentou em huma cadeira; e ouvindo que já toda a Casa Real estava bautizada, levantou a voz, pedindo com instancia ao Padre, que logo o bautizasse; e bautizado, foi tal seu contentamento, que assim velho, cego, e pesado, saltou de alegria, por aquelle estylo com que os da terra costumão mostrar a sua mais extremosa.

Puzerão os Padres os joelhos em terra, regando-a com lagrimas de alegria, e levantando as mãos em rendimento de graças, pelo grande dia, que quizera dar á sua Igreja, gloria ao seu nome, jubilos a toda a Christandade, honra aos filhos de S. Domingos, verdadeiros observantes de seu Instituto, espalhando a voz do Evangelho nos ultimos climas do Mundo. Augmentavão o gosto espirital dos Padres as demonstrações festivas dos Timores. Tudo erão alegrias, testemunho da nova luz, que amanhecera em suas almas; mas como se não verião estas demonstrações na terra, na conversão de tantas, se na de huma só se vem no mesmo Ceo! (1)

Poucos dias depois, a tempo em que o Padre Fr. Antonio se detinha com a Rainha bautizada em praticas do Ceo, chegarão ao mesmo Padre Embaixadores do Rei de Mannão, Reino distante d'este de Lifao trinta e cinco legoas pela terra dentro. Lá tinhão penetrado tambem os progressos, que os Padres hião obrando na propagação do Evangelho; noticia, que bastou a convidar este Rei, mandando por hum tio seu authorizando a embaixada, de que só era a substancia pedir ao Padre Fr. Antonio o baptismo para toda sua casa, e Reino; nova de grande consequencia na estimação do Padre, por ser aquelle hum dos Reis mais poderosos n'aquella ilha, e seu Reino o mais dilatado, e populoso. Mas como pedia ao Padre o favor de que chegasse á sua Corte, em tempo em

(1) Gaudium erit coram Angelis Dei super uno peccatore penitentiam agente. Luc. 15. 7.

que lhe era preciso passar a Larantuca, para mandar cultivadores para aquella Christandade nova, foi conveniente assentar com o tio do Rei amizade, e a real palavra de se fazer Christão, elle, e todo o seu Reino, levantando n'elle Igrejas, obrigando-se o Padre a vir em pessoa, ou mandar Ministros para ellas, assim para a função dos bautismos, como para ficarem entre elles administrando-lhe os Sacramentos. Para tudo trazia poder o tio do Rei, a quem o Padre em sinal da fé, e do concerto ajustado, entregou hum anel de diamantes, para que em seu nome o dêsse ao Rei, e outro mimo para a Rainha, mandando com elle hum Soldado Portuguez, por nome João Sanches da Fonseca, e quatro Christãos da terra, que todos forão bem recebidos dos Reis, que logo confirmarão o que o Padre Fr. Antonio propunha; e assim lhe responderão, mandando-lhe em recompensa seu mimo, o Rei huma manilha de ouro, que tirou do braço, a Rainha hum panno com que se cobria, bordado de ouro.

Não tardou o Padre Fr. Antonio em passar a Larantuca, e de caminho visitando em Mena a Rainha viuva, lhe deixou a melhor parte dos mantimentos, que trazia, vendo que padecia essa falta; e despedido d'ella, como da de Lifao, e d'aquellas Christandades, em que lhe ficava o coração, chegou a Larantuca, aonde foi recebido dos Padres, e do povo, com as alegres demonstrações, que pedia o succedido, de que Deos quiz fosse elle instrumento: e como servo, que sempre se reputava inutil, passou a segundo trabalho, parecendo-lhe pouco o primeiro. Preparou duas embarcações, em que recolheu todo o mantimento, que agenceou, e descobrio sua diligencia (como soccorro precise para a Rainha de Mena, destruida, e attenuada) e cinco Religiosos, que se offerecerão para aquella nova cultura, ordenando-lhes o que se havia de proseguir n'ella. Erão os Religiosos, e a ordem que levavão, os Padres Fr. Pedro de S. Joseph, e Fr. Alvaro de Tavora para o Reino de Lifao. Os Padres Fr. Bento Serrão, e Fr. Manoel da Resurreição para o Reino de Mena. O Padre Fr. Jacintho de S. Domingos para o Reino de Manubão, com ordem para chamar o Padre Fr. Chrysostomo de Santiago, que andava por aquellas illas cathequizando sem domicilio certo. Chegados os Religiosos, forão recebidos com alvoroço, assim em Mena, como em Lifao; levantarão-se logo Igrejas, e começarão a administrar os Sacramentos n'ellas. N'este exercicio, e no de cathequizar os deixou o Padre Fr. Jacintho de S. Domingos, e passou ao Reino de Manubão, recebido, e agasalhado dos Reis com igual grandeza, que alegria, grande veneração, e res-

peito á sua pessoa. Instruiu-os na Fé, e bautizou-os logo, não só ao Rei, Rainha, filhas, e toda a casa real, mas muito povo, que seguiu seu exemplo; foi o dia de maior celebridade, que vio aquelle Reino; conhecião já os seus naturaes a ventura, que conseguirão n'ella, até então não só não conseguida, mas ainda ignorada. Assim foi crescendo, e se foi dilatando esta Christandade com a vastidão do Reino: o que conhecido pelo Vigario Geral de todo o Oriente, que n'estes annos era o Mestre Deputado Fr. Manoel da Cruz, mandou logo a ellas vinte Religiosos; porque sendo tanta a sementeira, não fossem poucos os operarios. Espalharão-se por todos os Reinos da ilha, cathequizando, e bautizando os Reis, e Povos d'ella.

Agora diremos das Igrejas, que se levantarão, e dos Padres, que n'ellas assistirão. No Reino de Mena se levantarão duas Igrejas, huma (distante da praia huma legoa) com o titulo de nossa Senhora do Desterro, outra na corte, pela terra dentro oito legoas, com o titulo de S. Domingos. N'estas assistirão até sua morte os Padres Fr. Miguel do Espirito Santo, e Fr. Manoel da Resurreição; d'este ficou a saudosa, e invejada memoria de perfeito observante, e grande penitente. No Reino de Lifao, que dista seis leguas de Mena, se edificou outra Igreja com o titulo de Santa Cruz; assistio n'ella o Padre Fr. Pedro de S. Joseph toda sua vida, e bautizou quasi todo aquelle Reino. No de Cupão levantou Igreja o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho; alli chegou depois de estar o Rei bautizado, continuando o santo exercicio na mais gente do Reino. No de Manubão se levantou tambem Igreja, continuando com a conversão o Padre Fr. Alvaro de Tavora, em quanto lhe durou a vida. Levantou-se outra em Batimião; outra no Reino de Luca, abrindo n'elle Christandade o Padre Fr. Antonio de S. Domingos, bautizando a Rainha, e hum filho de menor idade, a principal gente do Reino, e innumeravel povo. Em o Reino de Amafao levantou tambem Igreja o Padre Fr. Antonio de Nossa Senhora, correndo muitos annos com aquellas Christandades.

Mas coroe esta breve noticia a de hum Religioso, que passando por obediencia ao Reino de Cupão, a abrir Christandades, e levantar Igreja, perdeu a vida ás mãos de inimigos da Fé, a quem hia leval-a. Foi este o Padre Fr. Luiz da Paixão, natural do lugar de Carnide, huma legoa distante da cidade de Lisboa, de donde passou á India por Soldado; e desejando sel-o de Jesu Christo, tomou o habito, e professou na Congregação; passou a Solor com o veneravel Padre Fr. Miguel Rangel, e re-

sidindo alguns annos na povoação de Gueguena, na ilha do Ende, vendo os augmentos com que corria a seara espirital de Timor, passou, dispondo-o assim a obediencia, a esta ilha; desembarcou no porto de Cupão, em que tudo era ainda Gentilidade; e entrando pela povoação, vendo huma roda de Gentios, se introduzio com elles, encaminhando a pratica ao fim para que alli vinha. Sentio-se inflammado do caminho, e com tão rigorosa sede, que pediu huma pouca de agua: dando-lh'a, e bebendo-a, perdeu o Padre o juizo no mesmo instante: assim rompendo em desatinos, começou de correr a povoação, feito ludibrio d'aquelles barbaros, que encaminhando-o para hum despenhadeiro, o precipitarão d'elle, lugar em que depois de hum anno foi achado seu corpo, e levado para Larantuca por hum Religioso, que com alguma gente veio a fazer essa diligencia. Depois de algum tempo, pedindo o mesino Rei de Cupão Padres para o seu Reino, o bautizou o Padre Fr. Antonio de S. Domingos, como a maior parte do Reino o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho. Estes, e outros muitos effeitos (que ainda diremos) se seguirão na ilha de Timor áquella resplandecente Cruz, que se vio n'ella, e lhe deu o nome, que tem agora, chamando-se a ilha de Santa Cruz.

## CAPITULO VI

*Turbação nas novas Christandades de Timor. Castigão-se os perseguidores d'ellas, e ficão socregadas.*

Narradas as conversões de Timor, e os effeitos d'ellas por junto, por não cortarmos o fio, com que as foi levando o Padre Fr. Antonio de São Jacintho, tornemos a buscar a causa da sua revolta, que já deixámos ordida. Já vimos como o Rei de Toló, sacudido de Larantuca, veio por Timor, promettendo que passava a reformar-se de forças para castigo dos que admittem Christandades no seu Reino, ou se não reduzissem com elle a abraçar a seita de Mafamede: mas não lhe tardou huma morte afrontosa, em que cahirão todas estas machinas da sua soberba, e da sua ira, como já dissemos: mas resta-nos a individuação do que negociou n'aquella retirada, como causa das turbações, com que agora vemos os Reis d'esta ilha. Foi o Rei de Toló (favorecido da sua Armada, e das esperanças de voltar com ella mais poderosa) reduzindo á sua devoção os que pode, e entre elles ao Vajalle, a quem deu huma touca, penhor

(entre aquella gente) de aceitar a sua seita. He este Vajalle como Emperador, a quem todos os Reis da ilha reconhecem com tributo como a seu Soberano. Agora fazia as partes del-Rei de Toló, convidando a huns, e ameaçando a outros, e tendo a todos suspensos, e amedrentados. Erão os principaes o Rei de Manubão, a Rainha de Mena, o Rei de Lifao, e o Rei de Servião. Penetrou neste mais o receio, e tendo já dado sua palavra ao Rei de Toló, começou a pôr em pratica com o Vajalle, que abraçasse o seu Reino a seita de Mafamede.

Chegou esta noticia a Larantuca, que temendo bem, que com este exemplo, e o receio, que hia correndo por toda a ilha, se arruinasse o obrado n'ella, livrou o total remedio na presteza do soccorro. Commetteo-se a empreza a Ambrosio Dias, Capitão mór do mar, homem de valor, e espiritos. Derão-se-lhe cento e cincoenta Mosqueteiros, naturaes de Larantuca, por Capellães os Padres Fr. Bento Serrão, e Fr. Pedro de S. Joseph. Partirão sem dilação, tomarão terra no porto de Mena, acodindo-lhe com soccorro de gente, e bastimentos a Rainha viuva, o Rei de Lifao, e de Manubão, de que resultou exercito capáz de facção grande. Subirão ás vastas terras do Rei de Servião, que era o primeiro emprego do castigo, a tempo que o virão retirar para humas serras, não se fiando na muita gente, que o seguia, para a resolução de esperar a batalha. Assim entrarão os nossos assolando, e despojando sem resistencia; o que visto, e chorado pelos naturaes (que o propunhão ao Rei, como culpado em os reduzir áquella miseria) considerando elle, que retirado áquella serrania, havia de render á falta do sustento o que cuidara resgatar das mãos do inimigo, mandou sem detença praticar as pazes com o nosso Capitão, offerecendo sujeição, e amizade, o que se lhe aceitou, sendo huma das condições, que viesse pessoalmente entregar a touca, que já tinha aceito em penhor, e contrato de introduzir a seita de Mafamede em seu Reino; o que se executou logo, ficando com tantas veras de amigo, e sujeição ao Estado, que depois não só recebeu o bautismo, mas fomentou a Christandade em todo o seu Reino. Concluida a paz, e feita esta promessa, voltou a nossa gente para Larantuca victoriosa.

Mas instava o Vajalle, ameaçando a Rainha de Mena, e o Rei de Manubão, por terem recebido o bautismo; e o Rei de Damitião, porque se não resolvesse a recebê-lo; e d'isto, que obrava, e do que obrara o Rei de Servião, mandou noticia ao Rei de Toló, instando, que se não deti-

vesse com a Armada, dando tempo aos socorros de Larantuca. Mas já a este tempo tinha succedido sua desestrada morte; nada teve effeito, ainda que o Vajalle, ignorante d'ella, continuava na arrogancia de dominar a illia. N'este estado se achavão as cousas d'ella, quando chegou a Larantuca o Visitador, e Commissario geral d'estas Christandades, o Padre Fr. Lucas da Cruz, de quem daremos aqui huma breve noticia, de que forão grandes acredores seus merecimentos.

Foi este Padre Portuguez, seu nome Lucas de Aguiar. Fora soldado de reputação, e nome. Chamou-o o Ceo para mais importante milicia na conquista das almas. Instado d'este desejo, tomou o habito de S. Domingos em Cochim, chamando-se Fr. Lucas da Cruz. Applicou-se aos estudos, e aproveitou assim n'elles, que no trabalho das cadeiras alcançou o premio do magisterio. Occupou os lugarès de Prelado; passou (á obediencia do veneravel Padre Fr. Miguel Rangel) por Visitador da illia de Ceilão, e Manar. Depois ás illias de Solor, com patente de Visitador, e Vigario geral, que não exercitou, porque espirando o governo da Congregação, em que fora provido, veio outro a exercitar o cargo. Voltando á India, e estando em Malaca, se achou no cerco dos Hollandezes, em que obrou como valeroso soldado de Christo, defendendo o baluarte de São Domingos, e recebendo duas lançadas mortaes, que nem assim forão bastantes a enfraquecer os brados com que defendia, que se não entregasse a praça. Entregue ella, se retirou a Meliapor, aonde tendo patente de Visitador, e Commissario geral das illias de Solor, do Vigario geral da Congregação, o Mestre Deputado Fr. Manoel da Cruz, passou ao Macassá, d'alli a esta illia de Larantuca, aonde o vemos agora pelos annos de 1641.

Chegado a ella, proveo as suas Igrejas, unio, e pacificou os animos da gente da terra, que sendo todos Christãos, se tinham dividido, assim no sitio, como no commercio. Restituiu ao antigo os dous Capitães mores, o dos naturaes, e o Portuguez Francisco Carneiro de Siqueira. Resolvia-se em passar a Timor, quando lhe chegarão relações da alteração, que se sentia na illia, com os ameaços do Vajalle; e havido conselho com o Capitão mór Francisco Fernandes, e Religiosos das Christandades vizinhas, se assentou, que com toda a pressa se acodisse aos ameaçados com mão armada. Aprestarão-se quatro embarcações, duas que armarão os Religiosos, huma o Capitão mór, outra o povo; e repartindo-se por ellas noventa Mosqueteiros, e o Visitador com mais trez Religiosos, Fr.

Antonio Cabral, Fr. Bento Serrão, e Fr. Pedro Manso, exhortando o Visitador a todos, propondo-lhe a empreza, como toda do serviço de Deos, socego d'aquellas Christandades novas, e reputação das armas Portuguezas, derão á vèla em 26 de Maio do mesmo anno de 1641, e sahindo em terra no porto de Mena, forão recebidos. e hospedados do Rei, e Rainha mãi, com mostras de amizade, grandeza, e abundancia no que permittia a terra. Despacharão logo dous Religiosos, e alguma gente aos Reis de Batimião, e Servião, propondo-lhes a empreza, e convidando-os para a liga contra o Vajalle, que os ameaçava. Vierão os Reis em tudo o proposto, e passou a gente a Batimião, aonde o Visitador bautizou logo o Rei, a que poz por nome D. Pedro, dous sobrinhos do Rei Amanence, cinco filhos da Rainha de Mena, e dos Grandes do povo, ficou só por bautizar o Tumungão, que he Regedor. Depois o bautizou o Padre Fr. Pedro Manso; e no dia seguinte, em que celebra a Igreja a festa de Santa Anna, se bautizou a Rainha com toda a gente de sua casa, e já feita Christãa, se desposou na fôrma da Igreja. Concorreo a pedir o bautismo o mais povo, e para instruil-o, e cathequizar-o, foi preciso aos Religiosos dilatarem a execução até 20 de Agosto.

Alegre, e festiva toda a esquadra dos nossos (mais os Religiosos) do fortunado principio, com que o Ceo lhe abria a porta para a futura campanha, ordenou o Capitão sua gente, e a multidão dos naturaes (que concorrerão, e se ajuntarão de Mena, Servião, Amanence, e Batimião) e em boa fôrma forão marchando, ainda que com trabalho, por ser o caminho fragoso, e o calor excessivo. Chegados ás fronteiras do Vajalle, que esperava a batalha com maior poder, confiado, e soberbo, deu o Capitão «Santiago», e investirão os nossos com tanta valentia, e ardimento, que cahindo muitos dos inimigos ao primeiro effeito da mosquetaria, voltou costas o Vajalle, e passando com muitos hum rio, se embrenhou no mato. Assim forão sem resistencia alguma, sentindo as hostilidades de ferro, e fogo as povoações, até a Corte, em que descansou o exercito aquella noite, não lhe faltando abundancia para a mesa, com que cresceo a alegria da victoria. Ao dia seguinte, tendo provado a temeridade de perseguir o inimigo no mato, voltarão com melhor conselho, e pondo fogo aos paços do Vajalle, chegarão a Batimião, recebidos do Rei, e do Amanence, com as demonstrações de alegria, que pedia a victoria, e grandes consequencia d'ella. Deixou o Visitador neste Reino o Padre Fr. Pedro Manso (que levantou logo Igreja, continuando com grande

augmento de Christandade os exercicios d'ella) e passando com a gente ao Reino de Mena, fez hum solemne bautismo em dia de S. Lourenço, em que bautizou dous netos da Rainha de Mena, pondo a huma por nome D. Theodosio, a outro D. Sebastião. Erão filhos d'el-Rei de Monabão, criados em companhia da Rainha viuva. Bautizarão-se tambem trez filhos del-Rei Amahara, e mais povo. Fez outro bautismo, em que bautizou huma filha d'el-Rei de Acção, a que poz por nome Dona Serafina; e ordenando algumas cousas convenientes áquella Christandade, voltou com toda a esquadra a Larantua.

Espalhada, e sabida a destruição do Vajalle, temido o braço Christão por todos aquelles Reinos, não só lograrão as Christandades de Timor hum grande socego, mas foi raro o Rei, que não pedisse o bautismo. Adiantou-se o Rei de Tiripirim, desejando-o para si, e para seu Reino todo. Intentava o Visitador passar áquella Reino, quando chegou de Goa o Padre Fr. Antonio de S. Jacintho, com patente de Commissario das mesmas Christandades de Timor, ficando o Mestre Fr. Lucas governando as de Larantua, e do Ende, em que continuou nmitos annos, até que em Maio de 1664 lhe chegou a patente de Vigario geral da Congregação, sendo Provincial d'esta provincia o Mestre Fr. Alvaro de Castro.

## CAPITULO VII

*Noticias do succedido no Japara, e no Macassar. Passa o Padre Presentado Fr. João da Costa á provincia de Bajá. — Tirão-lhe a vida em odio d'aquella Christandade. Prodigios succedidos n'ella.*

Antes que tornemos a Solor, será razão darmos noticia da Christandade de Japara, que com bom principio, e esperanças não quiz Deos, que se colhessem os frutos d'ellas; e passou assim. Navegação de Goa para Solor os Padres Fr. Manoel de Santa Maria, e Fr. Pedro de S. Joseph; e perseguidos de hum temporal, entrarão no porto de Japara. Lançou logo mão d'elles, e dos mais da embarcação o Governador da terra, sabendo, que erão Christãos, e tendo-os presos, mandou avisar do succedido ao Matarão, senhor de toda a Jaoa, que entendendo, que se lhe abria no porto hum novo commercio, mandou ao Governador, que soltando a todos, lhes offerecesse sitio para fazerem povoação, e os Padres levantarem Igrejas, com o seguro, que terião sempre bom trata-

mento. Accitarão os Portuguezes, e fazendo suas capitulações, ficou asentado, que os Christãos, que fugissem do cativeiro de Japara, fossem livres nas terras de Jaoa. Assim ficarão os Padres para administrarem os Sacramentos aos Christãos, lançando os olhos a alguma redução dos Mouros da terra; mas nem familiaridade, nem trato, nem diligencia, surtirão effeito; desengano, que fez retirar ao Padre Fr. Pedro de São Joseph para Solor, ficando o Padre Fr. Manoel acompanhando os Christãos do commercio, que cessou cum a perda de Malaca, não querendo o Mouro estar pelas condições depois d'ella: com que houve de retirar-se tambem para Solor o Padre Fr. Manoel de Santa Maria.

N'este tempo trabalhavão os Prelados da Congregação em acudir ás Christandades de Solor com repetidas missões. Logo que tomou posse do cargo em Goa o Mestre Fr. Lucas, mandou cinco Religiosos, por Vigario o Padre Fr. Sebastião de S. Joseph. Foi mandado logo por Visitador da Religião, e Commissario do Santo Officio o Presentado Fr. João Rangel com dous companheiros. Depois, sendo Vigario geral o Mestre, e Deputado Fr. Agostinho de Magalhães, mandou por Visitador, e Vigario geral d'aquellas Christandades o Presentado Fr. João da Costa, que voluntariamente se sacrificou áquelle trabalho, sendo actualmente Regente dos estudos no Convento de Santo Thomaz; levou quatro companheiros, e o cargo de Commissario do Santo Officio.

Embarcado o Padre Fr. João da Costa com seus companheiros, chegou ao Macassar, em que achou nova povoação dos Christãos expulsos de Malaca, com sua Igreja matriz, e Cabido, que viera da mesma cidade; e vendo, que os Padres Capuchos de Macáo tinham alli seu Hospicio, os Padres da Companhia sua Casa, e Igreja, e que aos Religiosos de S. Domingos lhe era mais precisa, pela continua passagem para Solor, alcançou licença, e sitio (para Casa e Igreja) do Emperador do Macassar, e vencendo estorvos, e embaraços, dita n'ella a primeira Missa, e ficando por Vigario o Padre Fr. Antonio de Macedo, se embarcou com os mais Religiosos para Solor, em que aportou em dia de S. Thomé de 1651. Proveo logo as Christandades de Mestres, que doutrinassem os meninos, e mais povo. Trabalhou, e conseguiu, que se lavrasse na povoação do Combas Igreja nova, sendo pouco decente a primeira. Poz n'ella por Vigario o Padre Fr. Manoel da Conceição; e finalmente reparou a casa de Larantuca, ainda que, como desejava, não pode fazer o mesmo na Igreja.

Disposto o mais, que convinha áquellas Christandades, entrou o Pa-

dre Fr. João em pensamentos de abrir uovamente alguma, porque esse fora o espirito, com que se embarcára em Goa. Foi logo com seus companheiros, percorrendo varias povoações da ilha do Ende, e passou á provincia de Bajú, contra-costa de Larantuca, com incommodos, e trabalhos, tolerados com invencivel sofrimento, e espirito apostolico. Nesta provincia foi bem recebido, achando disposição na gente para dar ouvidos á verdade, e docilidade no genio, para se sujeitar ao jugo de Jesu Christo. Com estas esperanças começou a exercitar seu espirito, espalhando n'aquella terra inculta a semente do Evangelho, que fomentada do Ceo, assim foi crescendo em fecunda, e dilatada seara, que levantou logo Igreja, com o titulo de S. Domingos em Soriano. Celebrarão n'ella Missa, com commum contentamento do povo, e começou a concorrer innumeravel a pedir bautismo. Mas não faltava entre esta fermosa, e crescida seara o damno da eizania, favorecida do demonio em alguns principaes da terra, que vivião com escandalo, e perigo de servirem de exemplo. Buscou-os o Padre; advertio-os que, já que por desgracia sua fugião ás vozes da Igreja, que como mãi os chamava, não fossem, com publicos desatinos, tropeços, para os que caminhavão para ella. Desprezarão o aviso, e não valendo, nem a supplica, fallou-lhes, e reprehendeo-os o Padre com inteireza, e liberdade apostolica.

Ficarão os Gentios corridos, e confusos; querião que o tirar-lhe publicamente a vida, fosse desempenho da sua afronta, mas temião o castigo, que lhes podia vir de Larantuca, e o motim da terra, em que o Padre tinha muitas vontades promptas para a defensa, como depois empenhadas para a vingança. Appellarão para as armas da infamia, e da covardia, dando-lhe peçonha; mostrarão-no assim os sinaes da enfermidade, de que cabio repentino, e faleceo apressado, victima de Jesu Christo, ferida em odio do Evangelho. O quanto o Senhor a estimou, mostrou depois hum prodigio; porque passados douts annos, e querendo os Religiosos trasladar os ossos para Larantuca, abrirão a sepultura, assistindo muitos Christãos da terra, e acharão o corpo como na hora em que o tinhão sepultado, sem corrupção, ou máo cheiro, e a mesma inteireza no habito. Este estranho successo não só foi argumento do que mereceo o Padre n'aquelle genero de morte: mas de fomentar, e radicar muito aquella Christandade. Não consentirão os filhos d'ella, que lhes roubassem aquelle thesouro; entre elles se venera sepultado. Foi o Padre Fr. João da Costa Portuguez, natural da cidade da Guarda, irmão

de Antonio Saraiva de Carvalho, Escrivão dos Aggravos, e Appellações na corte de Lisboa. Tomou o habito na Provincia de Castella, estudou no Convento de Valhadolid, em que leu artes. Passou á Provincia de Portugal; d'ella á India, em que leu Theologia, e tomou o grão de Presentado; e sendo Regente no Convento de Santo Thomaz em Goa, passou voluntariamente áquellas ilhas, a que o chamava o Ceo para subir d'ellas a elle com a coroa d'aquella morte.

Ficou depois d'ella correndo com aquella Christandade o Padre Fr. Manoel da Encarnação, hum dos companheiros, que trouxera de Goa, e de tal zelo, e espirito, que bastou a temperar o sentimento da sua falta. Continuou este Padre os bautismos, e o exercicio de cathequizar incançavelmente: e se este era o trabalho com os Gentios, não era menos o das advertencias com os Christãos desencaminhados. Dava-lhe cuidado hum, que o andava com escandalo. Entrou a advertencia, continuou a reprehensão; finalmente poz o ultimo esforço no ameaço, e sortio tal effeito, que o culpado não só desistio dos desmanchos, mas quiz fazer huma confissão geral. Assentou com o Padre hora desoccupada, e posto huma tarde a seus pés na Igreja, vio o mesmo Padre, levantando os olhos á porta d'ella, que parava hum Christão (que hia passando) sem tirar os seus do confessorio. Passou outro, e succedeo-lhe o mesmo, e assim huns atraz dos outros se forão ajuntando muitos. Deu o Padre a absolvição ao penitente, e chamado da novidade, chegou aos da porta perguntando-lhes quem os detinha? Ao que responderão todos, que o que tinham visto na Igreja os suspendera; e continuou hum d'elles: «Que em quanto o Padre confessara o penitente, virão hum raio de luz claro, e resplandecente, que do tecto da Igreja descia sobre o confessorio, cahindo entre o penitente, e o confessor, e que, a absolvição acabada, desaparecera.» Authenticou-se o caso, e foi melhor testemunha a grande volta, que o penitente deu no estylo de vida, tão conhecida, e admirada na terra, como o successo com que principiara.

Mais estrondo foi outro, que se vio na mesma Igreja, em credito do mesmo Padre, e confirmação para a Christandade d'ella. Celebrava o Padre Fr. Manoel o dia de S. Domingos com o accio, e ornato, que permittia a terra, e a Igreja. Chegarão á porta d'ella alguns Gentios levados da curiosidade, e hum d'elles com confiança de principal entrou dentro, a tempo que o Padre se punha no altar; e reparando nas ceremonias da Missa, vio que, ao consagrar o Padre, sabia de hum nicho,

em que estava no mesmo altar, a imagem de huma Senhora do Rosario, e sobre elle prostrada, adorava a hostia, e caliz, e logo se recolhia no mesmo nicho. Ficou como transportado o Gentio em quanto se acabava a Missa, cahindo então em terra, como se ficara sem vida. Não valerão remedios humanos; e depois de largo espaço, tornou em si a tempo, que o Vigario tinha chegado, e lhe perguntava o que tivera? Ao que respondeo, que o que o prostrara fora o penetrar-se do pasmo do que tinha visto; e continuou o que fora, acrescentando que estava certo, e seguro em sua alma, que a lei dos Christãos era a verdadeira, e que só a ella queria abraçar, e acabar n'ella a vida. Cathequizou-o o Padre, e bautizou-o brevemente, sendo a sua conversão (como de pessoa principal) e o caso, que testemunhava, a que reduzio a muitos, e confirmou os reduzidos.

Não lhes servio de menos confirmação, como de igual gloria áquella Christandade, o que agora diremos para novo assombro, e coroa d'este capitulo. Juntos huma noite huns poucos de Gentios na diabolica occupação de fazerem feitiços, para se vingarem, e fazerem damno a alguns Christãos, lhes appareceo de improviso hum Frade, vestido no habito de S. Domingos, com hum bordão, e dando-lhes alguns golpes com elle, lhes dizia: «Quem vos obriga, desatinados, a occupar-vos em serviço do demonio, fazendo feitiços nas minhas Christandades? Andai d'aqui, andai, e não vos succeda outra vez; que será o castigo mais rigoroso.» E dito isto, desapareceo. Levantarão-se os Gentios igualmente, que afrontados, confusos, porque estavam fechados, e não vião por onde o Padre entrasse, ou sahisse. Mas duvidando se seria o Vigario, ainda que no rosto lh'o não parecera, se queixarão ao Senhor da terra, que buscando com elles o Padre Fr. Manoel, com seus mesmos testemunhos se desenganou, de que não fora aquelle o Padre. Divulgou-se o caso, e entendeu o Vigario, e mais Christãos da terra, que o Religioso do bordão não seria outro senão nosso Patriarcha S. Domingos, que guardava aquella Christandade como vinha do Senhor, de que seus filhos erão venturosos obreiros.

## CAPITULO VIII

*Prodigio notavel, succedido em Timor. Trabalhos que a elle se seguirão n'aquellas Christandades. Maravilhas com que o Ceo as defendeo.*

Achava-se nestes tempos assistindo por Vigario da Igreja de S. Domingos, no Reino de Amanence, o Padre Fr. Jordão de S. Domingos, Religioso mui observante, e reformado; sua vida, hum incançavel desvelo na conversão das almas, occupando o tempo, que lhe restava d'este exercicio, em consultar com Deos na oração, os caminhos de continual-o. Assim se detinha em huma occasião diante da Senhora do Rosario, de que era extremoso devoto; e chegando a beijar-lhe os pés, reparou, que a Senhora tinha cuberto o rosto de alguma humidade; enxugou-a com hum sanguinho, mas vio, que nascia outra, que já se engrossava em suor, que limpo segunda vez, correo mais copioso. Convocou o Padre gente para testemunhar o milagre, e fazendo por cinco vezes a diligencia de applicar o sanguinho, o tirou na ultima com algumas nodoas de sangue fresco. Vio-o o povo, e prostrando-se todos por terra, pedião com lagrimas, e clamores á Senhora, que a sua clemencia moderasse os effeitos, que costumão seguir-se a semelhantes sinaes. Não tardou em confirmal-o a experiencia; e succedeo assim.

Resolverão-se os Hollandezes a arrazar a fortaleza, que tinhão na ilha de Solor, por inutil, e fundar na ilha de Timor outra, em que fortificando-se, se fizessem poderosos para a sua empreza suspirada, de lançar fóra da ilha os Christãos, que assistião n'ella de Larantuca, e os Religiosos de S. Domingos, que fomentavão sua assistencia, porque para os naturaes bastava hum ameaço, ficando a sua cobiça com o commercio do sandalo. Com estas esperanças tomarão com violencia huma fortaleza, que em Cupão estava principiada, e feita praça de armas, romperão guerra com a gente de Larantucá, que residia na ilha, convencidos que terião á sua devoção todos os Mouros d'ella. Tentarão logo alguns Reis Timores para a liga, em que só veio D. Sebastião Rei de Amauy, ou por faltar na terra o Vigario da Christandade, ou por lhe cegarem a razão as negaças do interesse; e prometteo, que entregaria as cabeças dos nossos, que serião cincoenta Mosqueteiros, e seu capitão, que então era Mathias Fernandes, natural de Larantuca. Para esta facção ajuntou com presteza toda sua gente, e alguma estranha, de que formou hum exer-

cito de vinte mil homens, com que buscou, e lançou hum cordão aos cincoenta, que avisados do que se passava, se tinham acastellado em huma eminencia, sitio defensavel; mas faltos de mantimentos, os reduzio brevemente a sede, e a fome, a tomar a desesperação por resgate, discorrendo, que ainda entregando-se, tinham certa a morte; e sahindo em hum corpo, disparando os mosquetes, e logo com a espada no punho, romperão os inimigos, fazendo n'elles hum instantaneo, e incrivel estrago, sem que de todos se perdesse hum unico. Unio-se logo a multidão dos inimigos, e vierão, mas sem effeito, perseguindo os retirados, que recolhidos a Amanence, voltou o Rei de Amauy para suas terras, respondendo aos que o calumniavão, de que com tantos, nem investisse, nem desbaratasse tão poucos: «Que no cerco, e na retirada guardara, e defendera a estes hum Frade no habito de S. Domingos, que só levantando os olhos, ou dizendo huma palavra, os atemorizava, e suspendia.» Entenderão os nossos, que seria nosso Patriarcha, que pelejava contra os inimigos das suas Christandades, como em vida o fizera contra os Albigenses.

Vendo-se o Hollandez tão mal succedido n'aquelle seu confederado, instou com o Rei de Amanence, que lhe entregasse o Padre Fr. Jordão de S. Domingos, entendendo, que aquelle era o coração, que infundia alentos nos soldados, para que os não atemorizasse o reparo de poucos. Era o Rei Christão, mas filho da cobiça; interesses, e esperanças o dobrarão áquella infamia. Prometteo entregar o Padre, que avisado de hum Christão, se passou ao Reino de Senovay, perseguido sem effeito dos que o seguirão por ordem do Rei, que chamando os Hollandezes (depois de roubar a Igreja) fez brindes á sua ira, offerecendo-lhe o estrago d'ella, em que entrarão igualmente o desacato, e o fogo.

Tendo logo noticia do successo o Padre Fr. Jordão, e mais Padres, e Christãos, que se acharão em Senovay, se ajuntarão os soldados para dar sobre Amanence; mas não havendo capitão, porque Mathias Fernandes se tinha retirado a Larantuca, houve sobre o lugar tal contenda, que vendo-se o preciso da occasião, e não querendo nenhum dos que entendião merecer o posto ceder do capricho, se resolverão todos, a que o Padre Fr. Jordão de S. Domingos fosse capitão. O Padre, que criado no retiro da sua cella, ou no exercicio da sua Igreja, não sabia sustentar na mão mais que o Breviario, ou a disciplina, começou a pedir com lagrimas aos amotiuados, que vissem, que a causa era de Deos, por quem

podião sacrificar pundonores; que elle era hum pobre velho, que o mais a que se obrigava, era a morrer com elles no risco, mas que de governo de armas era tão ignorante, como falto de forças para maneal-as. Nada valeo para a escusa; aceitou o nome de capitão, e passarão a Amanence. Tinha-se o Rei retirado a humas serras, de donde mandou ao Padre pedir perdão arrependido, restituindo as alfaias da Igreja, que guardara (assim o dizia) como leal filho d'ella. Não se lhe deferio a nada.

Mas os nossos achando-se desassombrados, e senhores da terra, assim se deixarão levar de hum tal descuido, que chegou o Hollandez sem ser sentido, e dando hum assalto, degollara a todos, a não ser o valor de Mattheus da Costa (capitão de huma estancia) natural de Larantuca, que achando-se com as armas nas mãos, investio só, e destemido os inimigos, matando-lhe o capitão, e suspendendo o impeto dos mais, até que chegando os nossos, e dando sobre elles, não ficou hum com vida, cahindo todos no lugar, em que sacrilegos tinhamo queimado a Igreja, para que se visse, que fora golpe da divina vingança.

Conseguida a victoria, e alcançada depois a noticia de que o Hollandez esperava de Batavia socorro de importancia, apressarão-se os nossos em recorrer a Larantuca, que ameaçada da mesma guerra, lhe não mandou mais que o capitão Balthasar Gonçalves, homem de valor, mas já tão entrado em dias, que lhe derão por adjunto o Padre Fr. Francisco da Conceição, Religioso de grande zelo nas impertancias da Christandade, de espirito ardente, activo, e resolutos para manear as armas contra os inimigos de Deos. Mas não bastou a falta do socorro para quebrar os animos aos que se achavão na ilha de Timor. Era a maior defesa cem Mosqueteiros; com estes passarão a occupar o posto, em que o inimigo intentava fazer hum reducto no coração da ilha, em que assistirão seis mezes, passando alguns incommodos, e fomes, depois que se acabarão os bastimentos, que recolherão de algumas entradas nos Reinos rebelados. Mas chegando noticia, que o Hollandez estava em Cupão com poderoso exercito, e Capitão grande soldado, celebre, cheio de glorias militares, custou muito ao Padre Fr. Francisco suspender a resolução, que tomavão (prudente, e desculpavel na grande desigualdade de poder) de desamparar a ilha, e passarem todos a Larantuca. Finalmente deveo-se ao seu conselho, e ao seu trabalho, o não se largar o posto.

Tardava o inimigo, entrarão os nossos em conselho; pareceo conveniente despedirem dous Capitães, Mattheus da Costa, e Antonio Ornay,

que com sessenta Mosqueteiros passassem a castigar hum Rei rebellado (embaraçando, que não engrossasse com suas gentes o exercito inimigo) e recolhessem de suas terras algum mantimento. Mas em breves dias virão, que se lhe chegava o inimigo Hollandez com dezoito mil homens de varias nações, quando dos nossos se contavão quarenta soldados de mosquete, e pouco mais de cem Timores, todos antes encorrallados, que guarnecidos no posto, que tinhão tomado. Parecerião sem duvida fabulosas, e inventadas idéas, ou escrituras apocrifas, alheas, e vacias de toda a verdade estas, de que vamos tecendo historia, a não serem os mesmos inimigos da Fê, e da verdade, os que contra si testemunhãõ a nossa, ensinados á sua custa, e convencidos da experiencia. Mas admirem-se embora os faltos de fê; que nós que com o lume d'ella vemos os poderes da divina Providencia, não estranhamos, que quizesse escolher huma mão tão pequena, como a de tão poucos Catholicos, para esgrimir a sua espada, levantada sobre tantos sacrilegos. Na desigualdade do braço, e do golpe, se via quem movia aquelle para descarregar este.

Formado o inimigo na nossa fronteira, se começou a travar a peleija, que durou trez horas, sem damno nosso, e muito consideravel do inimigo. O que visto pelo Capitão, resolvia-se em pôr cereo á trincheira, envergonhado, não só de lhe fazermos resistencia, mas ainda damno; mas os nossos advertidos, e acautelados, se forão retirando a melhor posto, e mais facil, para se encorporarem com elles os dous Capitães, que já tinhão chegado. Poz-se em execução a melhora do sitio, sem que as diligencias do inimigo servissem de embaraço; e passada a-noite com as armas na mão, chegando de madrugada os Capitães, sem mais advertencia que a de seu valor, accometterão por huma parte o quartel dos inimigos, em quanto os outros por outra, com resolução tão prompta, tão valente, e destemida, que atonito o inimigo, não se resolvia a que parte fizesse frente, em quanto os nossos intrepidos hião descabeçando corpos, até que, morto o capitão Hollandez (que só, e destemido, sustentou o impeto do assalto) ficou destruido o exercito, escapando dos Hollandezes só cinco com vida, innumeraveis mortos no campo, em que tambem cahio o rebelde Rei de Amanence, retirando-se poucos dos seus que levarão aos mais rebellados as novas do estrago, e depondo conformes (o que tambem os cinco Hollandezes) que em quanto durou a batalha, virão, que hum Frade em habito de S. Domingos, com huma cana

de bengala na mão, os feria, e atemorizava, bradando-lhe, que fugissem, e se retirassem. Quem duvida, que dispunha a Providencia soberana, que se visse na fundação, e conservação das Christandades da India (como colonia de Portugal) a que se admirara na fundação, e propagação d'este Reino todo seu, sustentando o braço de Deos o estendarte portuguez sempre victorioso, entre a disparidade de prevalecerem poucos contra muitos? Argumento com que Moysés segurava aos Israelitas, que erão o povo de Deos mais favorecido, e mais mimoso. Mas grande gloria para os cultores d'aquellas Christandades, vir nosso Patriarcha a sustental-as, por mostrar a providencia, com que Deos se havia com ellas.

### CAPITULO IX

*Novos prodigios com que o Ceo favorece os Christãos de Timor em nova, e mais poderosa invasão dos Hollandezes. Desenganados estes de Timor passão a Larantucu com Armada formidavel, que se retira sem operacão alguma.*

Confusos, e corridos os Hollandezes de se verem destroçados de tão pouca gente (antes cegos, e obstinados, para não reconhecerem, que braço mais que humano nos defendia, e os castigava) lançarão fama, e com effeito trouxeram o mais consideravel poder de Batavia em huma Armada com mil e trezentos Hollandezes, e innumeravel Soldadesca de nações estranhas. Bem julgavão os nossos Religiosos de Timor que os casos precedentes erão milagres, e que nem sempre os devião esperar, ainda que fizessem sempre pelos não desmerecer. Assim recorrendo primeiro ás armas de sua profissão, em exercicios penitentes, devotos, e continuados, mandarão a Larantuca a pedir soccorro, dando noticia do que succedera, e do que se esperava. Era Vigario das Christandades o Padre Fr. Manoel da Conceição (de que já fica noticia) e incançavel seu zelo na conservação d'ellas. Convenceo, e obrigou ao Capitão mór Francisco Carneiro, que se ajuntasse o que fosse possivel de soccorro; e embarcando-se com elle, e com o Padre Fr. João do Rosario (tendo deixado em seu lugar o Padre Fr. Estevão do Rosario) aportarão em Timor com tanta felicidade na viagem, como alegria, e alvoroço no recebimento, que durou pouco, porque adoeccendo o Vigario, passou brevemente

d'esta vida, recebidos os Sacramentos, com mostras de contrição verdadeira, e esperanças do immortal premio d'ella.

Mas não cessou a prevenção contra o inimigo, e disposição para o que convinha ao conflicto esperado. Mandarão assistir ao Rei de Amarraste (D. Agostinho, reduzido, e bautizado pelo Padre Fr. Rafael da Veiga, e entre todos os Reis o mais leal, e fiel á lei, que professara) dezasete Mosqueteiros, por Cabo João Serrão da Cunha. Foi esta prevenção a mais necessaria: porque movendo-se todo o poder Hollandez de Cupão, aonde em desembarcando, fizerão praça de armas, governados por Thamen, o mais esforçado Hollandez, que tinham em toda a India, encaminharão a marcha a castigar o Rei de Amarraste, pela constancia, com que sempre desprezara a pratica da liga. Mas succedeo-lhes mal: porque errando o caminho (ainda que guiados pelos mais praticos n'elle) tomarão o mais difficil, e fragoso, chegando a Amarraste cançados, e destruidos. Tinha já o Capitão João Serrão escolhido posto com os doze Mosqueteiros, porque os outros tinham chegado enfermos: assistia com elle o Rei com parte da sua gente; e vendo a do inimigo tão numerosa, guerreira, e luzida, levantou ao Ceo os olhos, e pondo n'elle o coração, e a confiança, se dispoz para a peleija. Por duas partes se podia avançar o posto, que o nosso Cabo escolhera: e sem que a desigualdade, que no inimigo estava vendo, lhe quebrasse o animo, ou lhe esmorecesse o coração (todo Portuguez) no inevitavel do risco, a ambas as partes attendeo, e fortificou, pondo em huma cinco Mosqueteiros, e alguns Timores: na mais arriscada ficou elle, e o Rei com alguma gente sua. Parecia a disposição antes delirio, que defenza: antes parecia o posto altar de poucas victimas, offerecidas ao golpe, que fortificação para se defender a elle. Bramava o Capitão Hollandez de colera, corrido de ver os que lhe fazião cara: assim avançou, antes desprezando, que pertendendo a vitoria: mas foi tão valorosamente rebatido, e tão destramente verejado da pouca mosquetaria, que, durando a peleija do romper da manhã até ás tres da tarde, se via já o campo inimigo semeado de corpos mortos, que embaraçavão, e atemorizavão os vivos, sem que dos nossos cahisse hum só.

Reparou-o o Capitão Hollandez: e vendo, que á profia continuava o damno, quiz, sem mostrar fraqueza, retirar a gente com que se achava, quando já a vio posta em descuberta fugida, e tão atemorizada, que seguida dos nossos doze Mosqueteiros, e alguns Timores, se concluiu hum tal estrago, que dos Hollandezes ficarão trezentos no campo, de outras

nações não tinham numero. Tomarão os nossos tres bandeiras, algumas caixas, muitas munições, petrechos de guerra, e carregados de despojos, se retirarão ao posto, dando todos graças a Deos do manifesto prodigio. O Rei com as mãos levantadas ao Ceo, não acabava de agradecer e admirar as misericordias do Senhor das batallas. Mas erão muitos os prodigios, que tinham experimentado n'esta, e forão os seguintes.

Deu no maior ardor da peleija huma bala de mosquete nos peitos ao nosso Capitão, de que cahio, ao parecer, sem vida. O Rei, que estava á sua illhaga, vendo o Capitão sem ella, e a si sem defenza, com os olhos cheios de lagrimas levantou a voz ao Ceo, dizendo: «Já agora minha mulher, e filhos serão mortos, ou cativos; e eu, e o meu Reino perdido: mas sejais muito louvado sempre, meu Senhor.» Mal acabava de o pronunciar, quando o Capitão se levanta sem ferida, ou lesão alguma, continuando com o mesmo vigor a peleija. Seguiu-se novo prodigio. Era insuperavel a multidão do inimigo; cahidos huns, apparecião outros pelejando colericos, em vingança dos destroçados, quando no maior calor de hum assalto, reparou o Capitão, que rebatião com elle a furia do inimigos mais cinco Mosqueteiros, que julgava serem os que no outro posto tinha deixado; e por mais que os via pelejar com grande effeito, os reprehendeo, sem que algum deixasse o sitio, ou voltasse o rosto. Suspendeo-se o Capitão vendo (que soube logo, que os cinco, que deixara, continuavão no posto, em que os puzera) que o Ceo lhe assistia. Entendeo-o depois melhor, quando por confissão dos mesmos vencidos soube de outro prodigio succedido ao mesmo tempo: e foi, que vião os Hollandezes que da parte dos nossos se adiantava a todos hum Frade de S. Domingos, que fazendo tiros mui amindados, com grande estrago nos mais avançados dos inimigos, tendo junto a si huma pessoa, que elles não divisavão bem, mas só a acção de lhe ir carregando o mosquete. Os Hollandezes, entendendo que seria algum dos Religiosos, que residião em Timor (de que ali não estava, nem chegou algum) vendo o estrago, que lhes fazia, ameaçando-o raivosos, e encarniçados, lhe dizião: «Apon-tai bem, Padre: que, se me não acertares a mim, hei de derribar-vos a vós.» Mas não lhe durava ao ameaçador a vida mais, que em quanto tardava o tiro, que não era muito. Assim era depois pratica dos que escaparão: «Que não se podia ir pelejar a Timor, porque os Frades de S. Domingos d'aquella ilha erão mais destros, que os mesmos Soldados.»

De grande consequencia para as Christandades (pela segurança d'el-

las, e confusão dos seus inimigos, e rebellados) foi a reputação, em que as armas dos Fieis fícarão com estes successos mimosas, e favorecidas do Ceo, e sem duvida com assistencia do nosso Patriarcha, grande Soldado para provar a mão contra a heresia. Mas queria o Ceo trazer continuamente exercitada a Fé dos Padres, e dos Christãos, pondo-os no ultimo desamparo, e não lhe faltando depois com o soccorro. Agora experimentarão o primeiro, falecendo o Capitão mór Francisco Carneiro de Siqueira, total esperanza de toda aquella ilha. Passou logo d'ella a Larentuca, não sem grande risco, o Padre Fr. João do Rosario; pediu Capitão, deu-se-lhe Simão Luiz, pessoa de experiencia, e valor. Teve logo em que exercital-o: porque chegando com o Padre a Timor, acharão noticia que o Hollandez profiava em levantar fortaleza no coração da ilha; para o que, embarcando-se para Batavia os que escaparão de Amarraste, tinham deixado quarenta e quatro Hollandezes com muitos mil homens de varias nações, e alguma artilheria n'aquelle sitio, que muitas vezes escolhera. Com esta noticia se resolveo o Capitão Simão Luiz, e o Padre Fr. João do Rosario, com alguma gente da terra, e os de Larentuca, que tinham ficado do passado conflicto, e foi marchando a buscar o Hollandez no seu alojamento. Mas elle quebrado, e medroso com o golpe ainda fresco, não se dando ali por seguro, se retirou, ainda que com grande trabalho, a huma serra (sitio mais que defensavel ao parecer inacessivel) e fortificando-se n'elle com a sua artilheria, e innumeravel soldadesca, zombava do assalto, quando se vio accommettido, e logo entrado de dous Capitães nossos, Antonio da Conceição, e Francisco da Rocha, que subindo (antes trepando) com os seus Soldados por caminho, em que tanto como dos pés se valião das mãos, depois de dada a primeira carga, forão levando tudo á espada, livrando-se só d'ella os que nos despenhadeiros buscavão morte mais rigorosa. Ficarão prizioneiros os Hollandezes, porque postos á parte, e com bandeira branca, pedião quartel. Chegou o numero dos mortos a mil e oitocentos, e em sitio, em que para se defenderem, e offenderem, lhe bastavão sómente as pedras por armas. Perguntou-lhes o Padre Fr. João do Rosario: «Como se não tinham defendido em tal posto tantos, e tão bem armados, e contra tão poucos?» Ao que responderão: «Que o mesmo fôra vel-os subir á serra, que entrarem-se de huma tal covardia, que não só não podião menear as armas, mas muitos nem lançar mão d'ellas.» Digão os mais praticos nas Historias, quando virão o Ceo mais repetidas

vezes empenhado em favorecer os Soldados de Christo? que n'este dia forão tão formidaveis para os Hollandezes, que suspenderão as armas, desenganados nas operações de Timor: mas buscando teimosos outro caminho para emmudecer n'aquellas ilhas a voz do Evangelho.

Voltarão pois á indignação as maquinas de suas esperanças, e'o ultimo esforço de suas armas contra Larantuca: favoreceo-lhes a fortuna os intentos com o succedido no Macassá. Morto o Sumbaco seu Emperador, e succedendo-lhe outro de genio mais frouxo, e que se deixava dominar dos seus Cacizes (sendo hum instrumento do que lhe suggeria qualquer d'elles) foi a primeira resolução, que tomou, mandar derrubar as Igrejas dos Religiosos, deixando só a Matriz, administrada por hum Ecclesiastico secular. Assim forão arrazadas, com magoa, e estranho sentimento do povo, a de nossa Senhora do Rosario, as dos Padres da Companhia, e Capuchos, seguindo-se logo o decreto de que todos os Religiosos despejassem o Reino. Era n'este Vigario o Padre Fr. Antonio de Macedo, Religioso de grande zelo, e espirito; e dando noticia a Goa do estado em que ficavão as cousas do Macassá, lhe mandou o Vigario geral da Congregação, o Mestre Fr. Lucas (que o era então da segunda vez) que se recolhesse a Larantuca, com patente de Commissario das Christandades de Solor, e do Santo Officio, o que poz logo em execução, como o Vigario geral o soccorrer aquellas Christandades de mantimentos, e Religiosos. Assim mandou quatro com os mantimentos, que pôde ajuntar, em hum patacho, que navegava de Goa para a China. Mas calindo logo nas mãos dos Hollandezes, que andavão senhores da barra, foi mettido a pique, salvandó-se hum unico Religioso a nado, e ficando as Christandades de Solor sem aquelle soccorro.

Mas maiores hostilidades intentarão n'ellas os Hollandezes: que vendo que o Rei do Macassar expulsara os Religiosos, alentarão as esperanças a que fizesse o mesmo a todos os Portuguezes, ficando-lhe franco aquelle porto para o commercio do sandalo. Mas para apadrinharem a sua proposta, aprestarão huma Armada de vinte e seis vélas, para que passasse a destruir Larantuca, em que espiravão os soccorros de Timor (primeira ancia de sua cobiça), e de caminho effeituasse com o Macassar a expulsão dos Portuguezes, antiga empreza de sua esperança. Com estas surgiu a Armada defronte de Larantuca, por Junho de 1660. Atemorizados os moradores, começarão a recolher o mais precioso no retiro da serra (couto, a que todas aquellas ilhas recorrem no ultimo aper-

to); retirou-se a mais gente, que, antes que de defesa, podia servir de embaraço. Mas o Vigario da Christandade (que era o Padre Fr. Antonio de Macedo) e seu companheiro tratarão de prevenções mais proveitosas; derão principio a huma novena á Senhora da Piedade, Padroeira d'aquellas ilhas, para que as amparasse, e defendesse como suas, tendo no fim da novena o Senhor exposto, e adorado do povo com supplicas, e lagrimas, tão fructuosas, que de repente, sem se saber a causa, levou ferro o inimigo, e deixou desassombrado o porto.

Passou a Armada ao do Macassar, fazendo algumas hostilidades aos Mouros, que de atemorizados (com o seu Rei) vierão nas propostas, que lhe fazião de Batavia, sendo a primeira, que lançasse de seu Reino os Portuguezes. Depois se dividio a Armada em duas esquadras: e tratand'o da que nos toca (pela relação de hum prodigio, que servio de novo credito a estas Christandades, e de ultimo ameaço aos Hollandezes) voltou outra vez com quatorze náos sobre Larantuca em tempo, em que n'ella não havia quatro homens de armas para a resistencia, por terem passado todos (com dous Religiosos, que tambem entendião, que o Hollandez não voltava tão depressa) em soccorro dos Christãos do Ende pequeno, apertados pelos Mouros de Berray. Ponderou o aperto, e ultimo desamparo o Padre Fr. Antonio de Macedo; e dando tudo por perdido, não lhe deu a afflicção mais tempo, que para entrar na Igreja, tomar a imagem de nossa Senhora em hum braço, e a de S. Domingos em outro; e subindo ao alto de huma serra, collocadas as imagens com os rostos voltados aos inimigos, propunha á Senhora (prostrado por terra, com os olhos cheios de lagrimas, como o coração de Fê) semelhante supplica: «Alli estão, Senhora, os inimigos de vosso Filho; alli a casa, em que vos buscão, e vos adorão os vossos fieis Christãos; não consintais, que aquelles sacrilegos se atrevão ao vosso throno, nem que os fieis desconheçam o vosso patrocínio. Costumado está o vosso Rosario a dar victoria; nas mãos tendes as armas; não se podem atrever a ellas os membros do demónio, quando vos bastou huma planta para lhe quebrares a cabeça. Não permitta, Senhora, não permitta vossa clemencia, que triunfem aquelles barbaros d'estes poucos filhos, que aqui vos chamão Mãe de misericordia.»

Levantou n'isto o Padre os olhos á Armada (que se detinha em praticas com os Mouros alliados, que em suas embarcações a rodeavão, dando aos Hollandezes a boa vinda, e convidando-os para que saltassem

em terra) e vio que, passadas poucas horas, levando as ancoras, se fôrão retirando com pressa, e mostras de quem lha fugindo. Lançou-se o Padre por terra, sem lhe caber o coração no peito de alegria, dando graças á Senhora, e admirando a Providencia, com que segunda vez resgatara Larantuca: mas muito mais admirado, quando, restituídas as sagradas imagens á Igreja, teve noticia da causa da retirada: e succedeo assim. Concorrerão os Mouros alliados, e dando fundo a Armada, seguravão aos Hollandezes, que saltassem em terra, pois ao presente não achavão n'ella quem lhe fizesse a minima resistencia. Perguntavão-lhes os Hollandezes: «Se na terra havia cavallaria», e respondendo-lhes os Mouros: «Que só dous rocins se acharião em toda ella», lhe tornarão: (tratando-os de falsos, e traidores) «Que já sabião a cavilação, com que os querião entregar: pois dizendo-lhes, que não havia nem Soldadesca, nem Cavallaria na terra, estavão elles vendo com seus olhos, que de huma cousa, e outra, estavão cubertas as praias, desde Gueguem até Larantuca, em ordem, e disposição militar; e no meio huma Mulher com o cabello solto, hum Menino nos braços, e que estava animando, e incitando a todos.» Pasmavão os Mouros, que não vião cousa alguma; e por mais que trabalhavão por justificar sua verdade, os Hollandezes, que vião o contrario, tratando-os asperamente com afrontas, e ameaços, levarão ferro, retirando-se ligeiros.

Sem duvida, que se não davão por seguros á vista d'aquella Soberana Mulher Forte (1), que para defender o seu povo, he terrivel como esquadrão formado; e seria S. Miguel o que alli capitaneava a milicia celeste, esquadra dos Anjos, ensinada desde a primeira campanha a debellar os sequazes do Dragão, perseguidor da Igreja (2). Mas ainda se não desenganarão estes, entendendo, que acharião em Timor melhor fortuna, como o tinha disposto, e o esperava a sua diligencia. Estava assentado com o Rei de Lifao, e Amanabão (escusando-se á pratica os mais da ilha) que, destruida Larantuca, virião a desembarcar nos seus portos, para que lhe entregassem os Padres, e Christãos, que se achassem em seus Reinos; para o que aportarião de noite, e passarião á povoação, guiados de huns fachos accezos: mas o Ceo, que espalha sua Providencia por todos os caminhos, por mais que se juramentasse o segredo, dispoz que viesse á noticia do Capitão mór de Timor, Simão Luiz,

(1) *Terribilis ut castrorum acies ordinata. Cant. 6. 9.*

(2) *Michael et Angeli ejus praeliabatur cum Dracone. Apoc. 12.*

que, mandando prender o Rei de Lifao, não pode alcançar o de Amanabão, posto em seguro pelo certão dentro. Retirados agora os Holandezes de Larantuca, e desembarcando de noite, pela banda de dentro da ilha, depois de cançados, por caminho aspero, não divisando o sinal do fogo, tornarão com pressa a embarcar-se, suspeitando traição, e desenganando-se da empreza, em que tinham (por mais que o desconhecia a sua rebeldia) por inimigo o Ceo, e por conselheira a experiencia.

## CAPITULO X

### *Vida do veneravel Padre D. Fr. Miguel Rangel, Bispo de Cochim.*

Para hum espirito, que foi restaurador das Christandades, de que acabamos de escrever, guardamos este Capitulo, como as noticias d'este Religioso, para as que vamos continuando do Oriente, não negando ao Convento de Aveiro o ter tal filho, mas pesando mais para aquelle clima o merecer tal Prelado. N'elle exercitou cargos, assim Religioso, como Bispo. N'elle, e com elle forão todos os seus desvelos n'aquella grande seara de Solor, que cultivarão os nossos. N'elle ennobreceo a Ordem. N'elle acabou a vida, e n'elle tem sepultura; razões convincentes, para lhe darmos o lugar donde lh'o deu o Ceo, mais conhecido, e mais autorizado. Do muito que haverá que dizer d'elle, diremos o pouco a que perdoou o tempo, e o descuido. Antiga desgraça! Occuparemos sempre com a queixa o lugar, que deviamos com a noticia. Foi este Padre natural de Aveiro, nobre villa de Portugal, filho do Convento, e Recoleta, que n'ella tem a Provincia. Á piedosa inclinação para a virtude, ajuntou nos primeiros annos singular genio para os estudos. N'elles aproveitou assim, que sahindo das escolas, leu huma Cadeira de Escritura. Na virtude se adiantou de sorte, que o occuparão (lugar, que então canonizava os sujeitos) no trabalho de Mestre de Noviços, assim na Recoleta de Bemfica, como na Universidade de S. Domingos de Lisboa. N'aquella para povoar a Provincia de verdadeiros Religiosos, n'esta para que não afrouxasse a refórma com a applicação dos estudos.

D'este exercicio, em que mostrou sua grande capacidade, foi tirado para Vigario geral da Congregação do Oriente, desterrando-o o zelo de a ver reformada, do socego da sua cella. Tinha o Prelado, que então governava esta Provincia de Portugal, admoestado os d'aquelle Oriente so-

bre algumas frouxidões, que abrião caminho á relaxação do Convento de Goa, cabeça, e metropoli do que temos na Índia. Vinhão, e crecção de lá as queixas, e informações de algum mais zeloso; chegavão lá tarde as advertencias do Prelado: resolvia-se este á jornada, por não achar de quem esperasse o fruto d'ella. quando praticando a resolução com Fr. Miguel Rangel, achou n'elle prompta a obediencia, e igual a capacidade para o que se esperava. Descançou o Provincial de todo o escrupulo, no seu zelo. Mandou-o por Vigario geral, com huma boa missão de Religiosos, com que chegon a Goa pelos annos de 1614, no vice-reinado de D. Jeronymo de Azevedo.

Aqui começarão a ver-se, como em lugar mais alto, sua grande capacidade, e espirito, depois com suavidade a refórma, que trouxera por empreza, com igual zelo, que industria, e entregando depois dos seus quatro annos o governo d'aquella Congregação ao Mestre Frei Antonio de S. Domingos (filho d'ella, grande Religioso, celebre letrado, e n'aquellas partes o Principe de seu tempo) voltou a Portugal, não a descansar nos braços da patria, mas a dar calor ás missões, então mais precisas ás Christandades de Solor, que lamentava perseguidas, e quasi desamparadas; empreza, em que trabalhou com animo, e zelo apostolico. O mesmo o tornou a levar a Goa. com ancia da restauração das mesmas Christandades, de que foi nomeado Vigario, levando para obreiros muitos Religiosos, pelos annos de 1625, governando segunda vez a Índia Dom Francisco da Gama, Conde da Vidigueira. Chegado a Goa, se fez hum tão grande lugar no amor, e estimação dos Religiosos, que o puzerão no de Prior do Convento, por mais que, desconhecendo a ambição do dominio, não queria vender por elle o desasocego de ir lucrar almas para Christo. Acrecentou-se-lhe ao trabalho do governo o de ler na mesma Casa huma Cadeira de Theologia; tendo tambem a occupação de Deputado do Santo Officio; empregos, que se hião atraz de sua capacidade, sempre esquiua ao que podia parecer honra.

Mas como tinha o coração nas Christandades de Solor, para onde se lhe embargava a jornada, em podendo fazel-a, largou tudo por buscar o centro. Partio para elle no anno de 1628, em companhia do Governador Nuno Alvares Botelho. Foi sua chegada nova vida d'aquellas ilhas. Era o primeiro no exercicio de doutrinal-as, e era sua vida melhor persuasiva para movel-as. Virão-se casos grandes na conversão de antigos peccadores, pedras quebradas, e amolecidas com o successivo gol-

pe de suas lagrimas: sete annos gastou n'esta occupação, chegando-lhe no cabo d'elles a mitra de Cochim, de que foi o setimo Prelado, deixando saudosas, e como orfãos aquellas Christandades, por mais que podia descancar o seu cuidado no de seus Vigarios, em que deixava seu espirito.

Posto em Cochim, começou a experimentar o povo que tinha em casa antes hum esmoler, que hum Bispo. Assim entendia este as obrigações do seu cargo. Na limitação, e pobreza, antes que parcimonia, de sua casa, se via o cuidado com que olhava para as de suas ovelhas. Nada se achava n'ella, que não fosse como em deposito para ellas. Ainda á Igreja mais rendosa podia empobrecer a sua charidade. Achava-se muitas vezes sem ter de que lancar mão para a estender ao pobre. Não escapou de supprir esta falta nem a sua mesma cama. Ficou-lhe servindo o chão de leite, em quanto pode occultar aos criados, que não tinha outro. Sentava-se em huma janella a esperar os pobres, e poupando-lhe a diligencia da supplica, hia lançando aos que chegavão a sua esmola. Erão poucas as posses, muita a pobreza, a mão mais larga; achou-se sem dinheiro hum dia, estando na quotidiana occupação da janella. Mandou a hum criado que lhe trouxesse o dinheiro, que houvesse em casa (sempre ignorava o que havia n'ella); voltou o criado com o desengano de que o não havia. Afligio-se o bom Prelado, e disse-lhe com ancia: «Ide, ide, que alguma cousa heis de achar.» Obedeceo o criado, e aberta huma gaveta, que n'aquelle instante tinha examinado vazia, achou n'ella o dinheiro, que bastou para a esmola d'aquelle dia, e para soccorro da casa. Parece que quiz o Céo, que nem na terra ficasse sem premio este exercicio, p'ra veneração de quem o tinha continuado; porque depois da morte do caritativo Prelado, he tradição, que se virão algumas noites cahir da janela humas faiscas com claridade, e resplendor de estrellas. Não podião ter menos substituição as esmolas, nem correr menos que por conta do Ceo a memoria d'ellas.

No cuidado da reforma de suas ovelhas, não perdoava a trabalho, hindo em pessoa fazer as visitas. Adiantava-se o exemplo de sua vida a ser reprehensão muda; providencia com que soube poupar o Ceo á piedade do seu genio, o dissabor de se valer do castigo. Succedeo-lhe hum caso digno de reparo, andando visitando. Detinha-se em huma visita pela costa de Tutucorim, adonde chamão a costa da Pescaria, porque alli se fazia a preciosa dos aljofares; e reparando hum dia, que a

cobiça dos Hollandezes infestava aquelles mares com os olhos no interesse d'elles, de que se seguia a oppressão das Christandades; acceso, e abrazado em zelo contra os inimigos de Christo, levantou o braço sobre aquelles mares, e os amaldiçoou para que nunca mais dêssem o tributo porque erão apetecidos em detrimento das Christandades, perseguidas por elles. Assim amaldiçoara Christo aquella figueira, deixando-a infructuosa, por não saber dar fructo a quem devia (1). Foi cousa notavel! Que como se as aguas ouvirão o ameaço, nunca mais se achou n'ellas aquelle thesouro.

Faleceo em Goa o Arcebispo D. Frei Sebastião de S. Pedro, e foi chamado o nosso Bispo para o governo d'aquella Igreja, occupação em que ella experimentou o que grangearia n'elle, a trocar-se a substituição em propriedade. Depois de dous annos de governo, restituído á sua Igreja, e continuando por alguns os exercicios santos, em que não perdia hora, cahio de huma doença, que logo teve por ultima, e em breves dias disse tambem qual seria o ultimo da sua, que foi em huma sexta feira, 14 de Setembro de 1646, com tanto socego, e paz de espirito, como quem não desconhecia o lugar, que o esperava por premio. Assim parece, que escolheo a morte como o dia d'ella, porque foi o da Exaltação da Cruz, de que era devoto. Em semelhante dia vestira o habito, fizera profissão, e era a Cruz, assim como hum dos seus appellidos, o titulo de sua Esposa, a Igreja de Cochim, a que chamão Santa Cruz. Agora se lamentava, como desamparada nas vozes dos pobres, seus filhos mimosos, como nas de todo o povo, e bispado, em que se sentia sua falta, bem conhecida no nome que lhe dava o sentimento nas aclamações de Santo.

Derão-lhe sepultura na Sé de Cochim, aonde depois de hum anno foi achado seu corpo incorrupto: não assim depois de alguns, em que vindo a cidade a poder de Hollandezes, forão trazidos seus ossos pelos Religiosos de S. Francisco (que por permissão tinhão alli ficado) á cidade de Goa, e depositados no collegio de S. Boaventura, de d'onde, sendo Vigario geral segunda vez o Mestre Frei Thomé de Macedo, Inquisidor Apostolico, e filho da Congregação, os passou com veneração, e solemne pompa para o Convento de S. Domingos de Goa, pelos annos de 1666 em hum dia festivo n'aquella Casa, por ser no Oitavario do Ro-

(1) *Nunquam ex te fructus nascetur in sempiternum; et arefacta est ficulnea. Matth. 12. 19.*

sario, em que esteve o Senhor exposto, e houve sermão da vida, e virtudes do Santo Prelado. Fieirão seus ossos em hum mausoléo de pedra bem lavrado, junto ao altar maior, da parte do Evangelho. Não nos consta da inscripção, que lhe serve de epitafio; servirá a que lemos em huma véra effigies, e copia sua, que se mandou a esta Província, e está no Convento de S. Domingos de Lisboa, no dormitório das horas, em hum nicho, que no cabo d'elle corresponde ao altar da Senhora, que fica no principio. Vê-se no quadro o Santo Bispo, com sitial, e insignias de barrete, cruz, e anel, mas em habito de S. Domingos, que não largou nunca, como gala digna de hum Príncipe da Igreja. Ao pé se lhe lê h uma letra, em que se lhe applica, e accomoda o recopilado, e maior panegyrico, que a Igreja canta ao nosso grande Santo Antonino, Arcebispo de Florença, que diz:

*Pater erat pauperum; oculus fuit cæco, et pes claud.*

Como se dissera: «Foi pai dos pobres, vista dos cegos, pés dos aleijados.» Sobre a cabeça lhe ficão as armas da sua Igreja de Santa Cruz, e as da Ordem, a que serve de orla o seu nome. A huma illarga se lê maior escritura, em que se toca alguma noticia de sua vida, que aqui poupamos no que já escrevemos.

## CAPITULO XI

*O que de novo obrarão os Religiosos de S. Domingos nos reinos de Sião e Perù. Levantão novas Igrejas, exercitão-se na conversão das almas.*

Foi a Christandade do Reino de Sião fundada, e cultivada pelos filhos de S. Domingos, que sem temer perigos, ou poupar-se a trabalhos, seguirão as armas Portuguezas quando florecião no Sul, sendo sua assistencia não só importante á propagação do Evangelho, ensinando aquelles barbaros, mas precisa para a administração dos Sacramentos aos Catholicos. Deixemos o que já se lê nas nossas Historias da fundação d'esta Christandade, confirmada com o sangue de alguns Martyres, que forão as primeiras victimas, com que n'este Reino occupou a Fé os altares, que o braço Portuguez derribara á idolatria; e passemos a dar noticia do que n'estes annos mais proximos continuarão os obreiros

Evangelicos nas nossas missões da India, restituídos áquella sua antiga ceara.

Corria o anno de 1639, achava-se o Reino de Sião destituído, não só do commercio Portuguez, mas ainda dos Christãos da terra, que perseguidos pelos Hollandezes, tinham sido huns expulsos, outros mortos pelos Reis naturaes, que lisongeando, ou temendo a potencia Hollandezza, intentarão extinguir o nome Christão; e quasi que o conseguirão, sendo poucos, e cheios de abusos os que o conservarão. N'este estado se achavão as cousas de Sião, quando permittio a Providencia, que por hum desusado caminho o tornassem a seguir os progressos do Evangelho. Levantou-se com o Reino hum homem de espiritos, tirando a vida ao Rei natural, e a muitos dos Grandes, que o seguião: e trazendo á sua devoção o povo com promessas, e industrias, começou a reinar com mais segurança, que a que lhe permittia a tyrannia. Chegou n'este tempo a Sião hum Portuguez, homem de capacidade, que examinada pelo Rei intruso, o mandou logo por Embaixador a Malaca, a tratar com os Portuguezes commercio, e amizades. Já a este tempo sitiavão aquella cidade os Hollandezes, e desenganado o Embaixador se retirou a Macão, fiando conta ao Capitão General D. Sebastião Lobo, da embaixada, e offertas do novo Rei; a que o Capitão correspondeo logo, mandando-lhe por Embaixador, de parte da coroa Portugueza, a Francisco de Aguiar Evangelho, que concluiu o negocio com felicidade, assentando-se o commercio, e dando o Rei licença, para que n'aquelle Reino assistisse hum Religioso, continuando com a Christandade, que n'elle havia, ao presente atenuada, e quasi extincta.

Correo a este emprego, sem desconhecer o trabalho, o Padre Fr. Antonio de S. Domingos, que estava em Macão por Vigario; e levando por companheiro o Padre Fr. Jacintho Ximenes, entrou por aquella mata inculta, com mais espiritos, que cabedaes, para levantar Igreja, e ainda socorrer os antigos Christãos, que (reduzidos á ultima penuria) recorrião a ella. Antigo estylo dos nossos Missionarios, pedirem e grangearem para os desvalidos, e desamparados, (talvez em castigo de escutarem o Evangelho) levantando juntamente a voz para o ensino, e estendendo a mão para o sustento. Mas ainda forão maiores as difficuldades, que o Padre Fr. Antonio superou, na louvavel competencia com que algumas Religiões se querião introduzir na ceara alhea, e cultura Evangellica, aberta, e cultivada com o braço, com o suor, e com o sangue da

nossa. Mas o povo, em que ainda vivião algumas memorias d'ella, e o mesmo Rei, a quem se não escondia essa noticia, cortarão as pertencões dos emulos, recebendo o Padre Fr. Antonio com alvoroço, e applause.

Achou o Padre os antigos Christãos, não só esquecidos das obrigações d'aquelle nome, mas assim desvalidos, e desprezados (pela conservação d'elle) que se lhe tinha dado para vivenda huma paragem tão indecente, que não era capaz para se levantar n'ella Igreja. Intentou logo melhora-os de sitio; pediu ao Rei hum desassombrado, e estendido pedaço de campo, em que vivião huas Pegús. Parecia difficultosa empreza, mas o Rei não só lh'o mandou dar, mas replicando-lhe os seus Falopis, (chamão assim aos Sacerdotes dos seus Deoses) que no campo estava hum pagode antigo, e venerado, ordenou, que o derribassem, e no mesmo lugar, por ser o melhor, se levantasse a Igreja; extremo por por certo pouco esperado de Rei Gentio, mas mui proprio da mão de Deos, que lhe podia voltar o coração. Assim se levantou a Igreja, ficarão os Christãos melhorados de vivenda, e de vida, assim pela doutrina e ensino do Padre, como pelo zelo e espirito (superior a suas posses) com que resgatou os mais d'elles, que gemião escravos de alguns grandes do Reino, e do mesmo Rei, desde o tempo, que tyrannizara o sceptro. Mas não parou aqui o coração do Padre Fr. Antonio, e de seu companheiro; começaram com santa industria a catequizar aquelle Gentilismo, de que bautisarão muitos, por mais que o Barcalão (assim chamão ao Governador das nações estrangeiras) o quiz suspender, e embaraçar, primeiro com os conselhos, depois com ameaços. Mas a causa era de Deos; aos seus Ministros, resolutos a dar por elle a vida, nada pareceo embaraço, foi a Christandade crescendo.

Mas novo emprego para o seu exercicio tiverão os Padres no que succedeo agora. Amotinarão-se os poderosos d'aquelle Reino contra o Rei intruso, e com tão formidavel poder, que o obrigarão a sahir da cõrte; mas como era igualmente soldado, que ardiloso, deixou esfriar e enfraquecer o motim com o tempo, e negoceando n'elle alguma gente, melhorado de partido, se restituiu ao throno. Descubertos os rebeldes, e amotinadores, lhes mandou tirar a vida com rigoroso, e vario genero de mortes. Os nossos Religiosos, sempre attentos a resgatar almas das garras do demonio, e restituil-as a Deos, empenhados na occasião, entrarão pelos carcereos, peitando as guardas d'elles, e aos mesmos algozes, e instruindo, e desenganando os miseraveis padecentes, às portas

da morte lhes abrião no bautismo a da verdadeira vida, escapando na condemnação temporal, do caminho, que os levava á eterna. Com estes, e semelhantes exercicios dos cultores do Evangelho, foi crescendo a Christandade de Sião até o anno de 1662 em que veio a esta provincia a ultima noticia, que nos tem dado materia.

As que podemos dar da Christandade do Reino de Pegú, serão breves. Destruida a fortaleza de Syrião pelo Rei de Ada, no anno de 1613, levou o mesmo Rei muitos Christãos cativos, e entre elles hum Religioso Dominico; seria o Padre Frei Gonçalo, de que só nos aponta o nome o Padre Fr. Luiz de Sousa, na destruição d'esta fortaleza. Foi este Padre o unico alivio, que tiverão os Christãos n'aquellas calamidades, e trabalhos, confortando-os, e ministrando-lhes os Sacramentos: mas fallecendo, e pouco depois outro Religioso da Companhia, que tinha o mesmo exercicio, passarão de Bengala a esta Christandade dous Sacerdotes seculares, que continuarão com ella com grande zelo, e espirito, e venturoso fruto de hum, e outro. Estando n'este estado as cousas de Pegú, mandou o Vigario geral da Congregação, o Mestre Fr. Agostinho de Magalhães, ao Padre Frei Francisco Leitão, natural da India, por Visitador dos Religiosos de Sião: mas assim forão profiadados os contratempos com que correo a viagem, que veio a aportar em Pegú, aonde recebido com alvoroço dos Christãos, e singularmente de hum Mercador (grande, e antigo devoto do habito, e da Senhora do Rosario) houve de ficar, levantando-se esta Igreja, que ornou, e enriqueceo com mão larga. De tudo deu o Padre noticia, escrevendo a Goa, e pedindo aos Prelados Obreiros Evangelicos; a que respondeo com promptidão zelosa o Mestre Fr. Lucas da Cruz (segunda vez Vigario geral) mandando o Padre Fr. Pedro de S. Luiz, e depois o Padre Fr. João da Mota: e levantando cada hum sua Igreja servirão, e augmentarão muito a Christandade d'aquelle Reino.

## CAPITULO XII

*O que de novo obrarão os Religiosos de S. Domingos, estendendo o Evangelha nos Rios de Sena, terras do Monomotapa. Bautiza o Padre Fr. Luiz do Espirito Santo a Mavura, tio do Emperador Capranzine; intenta este nas suas terras a destruição dos Portuguezes, que levantão por Emperador a Mavura, alcançada huma grande vitoria.*

Antiga ceara, e cultura antiga do trabalho, e applicação dos filhos

de S. Domingos, são os Rios de Sena, em que à sombra das armas Portuguezas entrarão com o Governador Francisco Barreto, reduzindo com a doutrina, como elle com a espada; prologo, que já se lê na terceira parte da Chronica, com a noticia das primeiras Igrejas, que levantamos n'aquellas vastissimas terras, e fruto grande na redenção das almas. Acabamos novamente continuando os Padres n'aquellas Christandades, levantada outra Igreja em Tete, com o titulo de S. Domingos em Soriano. Mas passemos ao obrado na Corte do Monomötapa, e feiras da Moçaranga, de que tivemos, e daremos singular noticia.

Achavão-se neste grande Imperio os nossos Religiosos; de trez principaes sabemos os nomes, o Padre Presentado Fr. Luiz do Espirito Santo, e os Padres Fr. Manoel Sardinha, e Fr. João da Trindade. Occupavão se no exercicio de cathequizar, e bautizar aquella gente barbara, e supersticiosa, quando se offerecerão ao Padre Fr. Luiz algumas praticas com hum Principe, tio do Emperador, por nome Mavura, homem de coração brando, e entendimento claro, circumstancias que apressarão o effeito das batarias. Pedio o bautismo, que lhe ministrou (depois de cathequizado pelo Padre Fr. Manoel Sardinha) o Padre Fr. Luiz, com grande alvorogo de espirito, e esperanças de grandes consequencias, e poz-lhe por nome D. Philippe. Estimulou-se o Emperador Capranzine (era este o nome do sobrinho, que de presente governava o Imperio) e buscava caminho para a vingança, a tempo, que chegava á sua Corte Jeronymo de Bairos por Embaixador do Governador de Moçambique, D. Nuno Alvares Pereira, que mandava o presente, a que chamão Curva, mimo, que os Capitães d'aquella fortaleza fazem todos os annos ao Emperador, em gratificação de terem suas terras francas para o commercio, e passagem para as Minas do ouro, correspondencia, que ficou assentada (por Francisco Barreto, primeiro capitão de Sofala) com o Quiteve, Rei das terras, que se estendem entre Sofala, e Manica.

Recebido o presente, dispoz o Emperador (barbaridade impraticavel, ainda entre a mesma Cafraria) que com traição, e engano tirassem a vida ao Embaixador: e desaforado em seu rancor, e odio, mandou dar Empata, que he como pregão geral, para que todos os Portuguezes, que se aclassem em suas terras, fossem mortos, e despojados de suas fazendas. Teve anticipado aviso de tudo, pela fidelidade grande dos seus Cafres, André Ferreira, Portuguez destemido, que era ao presente Capitão das Portas, que he huma feira, ou como feitoria, a que chamão Macapa.

Detinha-se a este tempo na Corte, mas com o aviso se retirou á sua feira, e fortificando-se em hum cluambo, que he o mesmo que reducto, ou tranqueira de páos muito fortes, mandou aviso ás mais feiras das terras do Emperador, que erão Luanzi, Dambarare, e Chipiriviri, para que recolhidos a ellas os Portuguezes, e Christãos, se puzessem em defenza contra o grande poder, que os ameaçava.

Recolherão-se logo ás feiras, que lhe pertencião, os Religiosos de S. Domingos, que andavão espalhados por aquellas Christandades; e animando os soldados contra o inimigo d'ellas, acompanhando suas armas com as que só podem debelar o demonio (orações, jejuns, e penitencias) se virão resistidos os assaltos, e desbaratados os cercos, com que o Emperador com formidavel exercito cahio de improviso sobre os ameaçados, em que achou tão valerosa resistencia, que o obrigou a retirar-se com pouca reputação, e muita perda. Caso admiravel! Que em hum Imperio tão dilatado, como o da Mocaranga, (nome commum das terras do Monomotapa) com tão grosso poder (assistido do mesmo Emperador) ficassem não só defendidos, mas vitoriosos huns poucos de Portuguezes, antes encorralados, que guarnecidos, em huma tranqueira de páos! Não se pôde attribuir por certo só ao valor dos soldados, nem ás armas dos Religiosos, mas ao Ceo, que esgrimindo-as, consegue semelhantes triunfos.

Chegou noticia do succedido aos Portuguezes de Tete, e Sena, e vendo o perigo, em que estavão os da Macaranga, começarão a levantar muita gente de guerra nas nossas terras de Botonga, por mandado do Capitão, e Governador D. Nuno Alvares Pereira. Não descançavão os Religiosos; por conselho dos quaes junto hum bom pé de exercito na feira de Luanze, aclamarão os Christãos por Emperador a Mavura D. Filippe, e levando-o por Capitão do exercito, de que era Alferes hum Religioso nosso, levando diante o estendarte da Cruz arvorado, avistarão a Caprazine, soberbo, como poderoso, e dando-lhe batalha, o virão em poucas horas posto em vergonhosa fugida. Mas retirado ao mais interior da Mocaranga, em que o buscarão, e seguirão muitos, tornou a refazer-se, e a buscar o campo Christão por duas vezes, sabindo de ambas tão desbaratado, e enfraquecido, que poderão os Portuguezes seguramente trazer, e collocar a D. Filippe na corte, e throno do Monomotapa, fazendo-o reconhecer por Emperador dos Grandes, e Senhores d'aquelle Imperio; a que elle agradecido, jurou vassallagem a el Rei de Portugal, com o tributo de tantas pessas de ouro, fruto da doutrina, e instrucção

do Padre Fr. Manoel Sardinha, a que D. Filippe escutava, e tratava com veneração de filho. Assim chamou logo a si (e nunca largou de sua companhia) os Religiosos de S. Domingos a que reconhecia causa da fortuna de se ver senhor do Imperio, sendo para elle ainda de mais preço (como de toda a importancia) o ver-se herdeiro do da gloria, que nunca acaba. Para hir negoceando esta ás Christandades d'aquellas terras, estimarão os Religiosos o valimento, não para se introduzirem nos palacios, ou terem voz nos governos; maxima sempre praticada nos filhos de S. Domingos.

### CAPITULO XIII

*Continua-se a guerra com o Capranzine. Dão a vida pela Fé os Padres Fr. João da Trindade, e Fr. Luiz do Espirito Santo. Dá huma victoria ao Emperador D. Filippe hum mysterioso sinal, que se vio no Ceo. Levanta-se Igreja na Corte; noticia de outras na mesma Mocaranga, e no Reino de Manica.*

Não deixou o tyranno Capranzine descansar ao novo Emperador, que applicado a ideas de dilatar a Christandade no seu Imperio, não suppunha tão promptas as forças do seu inimigo; mas elle campeava já com hum grosso exercito nas mesmas terras do Imperio, que ameaçadas hião reconhecendo o seu dominio. Sahio a enconral-o o Emperador com mais resolução, que ventura, deixando-lhe nas mãos huma importante victoria. Ficarão cativos muitos Christãos, e entre elles dous Religiosos nossos, que lhes fazião companhia em toda a fortuna, sendo esta, em que agora se vião, a que o Ceo lhes dava pelo muito que trabalharão. Erão elles o Padre Presentado Fr. Luiz do Espirito Santo, e o Padre Fr. João da Trindade. Vinha este cheio de feridas (gloriosos despojos, com que o enriquecera aquelle conflicto): mas não se contentando a crueldade dos barbaros de o ver n'aquelle estado, repetindo-lhe outras com odio carniceiro, o despenharão de hum alto rochedo, de donde chegou ao chão feito em miúdos pedaços.

Ao mesmo tempo levavão outros ao Padre Fr. Luiz á presença do tyranno, que sequioso do sangue innocente, se queria fartar agora d'elle, em vingança do que sabia, que o Padre tinha obrado na redução do Emperador novo, e Christandades d'aquelle Imperio. Mandou-lhe logo que lhe fizesse a zumbaia (que he no estylo da Cafraria a maior reve-

rencia). Era o Padre Fr. Luiz natural de Moçambique, pratico nos estylos d'aquellas terras, e sabia bem que só se dava a Deos o que lhe pedia o tyranno; respondeo-lhe intrepido: «Que elle era só hum Rei pequeno da terra, e que até esse apoucado Reino tinha justamente perdido por tyranno; que ainda que em seu poder se via cativo, não reconhecía, nem podia reconhecer outro Rei na terra mais, que o de Portugal, como nem outro por Rei do Monomotapa, mais que a seu tio D. Philippe, já filho da Igreja; e que sobre todos, o unico, que reverenciava, e reconhecia, como Rei dos Reis, era Jesu Christo, Filho de Deos verdadeiro, Senhor do Ceo, e da terra, que resgatara o genero humano com o seu sangue, e sua morte: preço inextimavel, com que merecera, em quanto homem, todas as venerações de homens, anjos, e demonios, no Ceo, na terra, e nos infernos. E como te atreves tu (continuava o Padre com hum generoso, e inflexivel animo) como te atreves, homem feito de pó, e que brevemente te has de reduzir a elle, a roubar a Deos verdadeiro a adoração, que se lhe deve, como Senhor de tudo? Ai de ti, que como outro Anjo rebelde, e soberbo, te atreves á Cadeira do Altissimo: mas cahirás no horrivel lago, bramindo por toda a eternidade, como miseravel carvão do inextinguivel lume! Torna, torna em ti, já que Deos te aconselha por minhas vozes, e dobra ao verdadeiro Senhor o joelho, antes que esperar de mim, que a ti to dobre, devendo-o a elle.»

Accendeo-se em ira o tyranno, impaciente com o que estava ouvindo, e mandou logo, que atado o Padre a hum tronco, fosse azagaiado; martyrio em que acabou gloriosamente a vida, e passou a dar a Deos na gloria a adoração, que lhe defendera na terra.

Mortos os Religiosos no martyrio, e mortos muitos Portuguezes na batalha, entendia agora o Capranzine, que recuperava o Imperio sem resistencia. Assim mandou dizer ao tio, que lhe despejasse a Corte, e o reconhecesse por seu Rei, ou cahiria nas mãos de sua ira, ainda ensanguentada da passada campanha. Ao que respondeo D. Philippe, que viesse, que n'ella o esperava; e tratou logo de ajuntar gente: para o que o Padre Fr. Manoel Sardinha lhe agenciou muita roupa (preço mais estimavel na Cafraria) que mandada á outra parte do Rio Zambeze, se ajuntarão vinte mil Cafres. Achava-se o Emperador com alguns Christãos, e poucos Portuguezes; com esta gente em boa ordem, se resolveo a buscar o inimigo, quando ao mover-se o exercito, levanta os olhos ao Ceo, e vê n'elle huma resplandecente, e fermosa Cruz, na forma (ainda que sem

letras) em que já apparecera ao Emperador Constantino Magno. Prostrase por terra, beijando-a em veneração, e reverencia, a tempo que os Christãos, que lhe fazião companhia, lhe davão pressa, que não suspendesse a marcha: a que elle respondeo (juntamente animoso, e compungido) mostrando-lhe a Cruz, e ao Padre Fr. Manoel, que mandou chamar logo, porque lia na outra parte do campo.

Alvorçou-se o bom Padre, e accendido em zelo da honra de Deos, vendo como encaminhava os seus Soldados com a mesma bandeira, com que no mundo triumphara de seus inimigos, voltando-se ao exercito, que admirava o prodigio, foi tal o espirito com que incitou a todos a seguir a mysteriosa bandeira, e dar a vida pelo Senhor, que lh'a mostrava, segurando-lhe a vitoria, que investindo todos ao inimigo, que já tinham diante com innumeraveis combatentes, os romperão com o primeiro impeto, e os puzerão em tal confusão, que sem bastarem a defender-se, se vio em breves horas o campo cuberto de trinta e cinco mil Cafres, e os mais postos em arrebatada fugida, acompanhando o Caprazine. Mas o Emperador Christão, destro, e soldado, foi seguindo a vitoria, e não largou as armas da mão, sem expulsar os inimigos de toda a Mocaranga.

Porém não tardou o tyranno (ajudado de hum seu Capitão mór, a que chamão Macamoaxa, e de alguns senhores, a que chamão Encosses, que com seus filhos, e mais gentes que fizerão, o forão buscar) em se tornar a pôr em campanha, entrando pela Mocaranga com hum exercito do maior poder, e nobreza d'ella. Mas os Portuguezes das feiras, e os de Tete, e Sena, que tiverão de tudo anticipada noticia, fazendo com brevidade levas da gente mais robusta, ajuntarão quarenta mil homens, em que se contavão duzentas espingardas Portuguezas, muitos Christãos d'aquellas terras, e seis mil Cafres, que das em que assistia, levava o Padre Fr. Damião do Espirito Santo, Religioso nosso, juntos e levantados por sua industria, e zelo. Com este poder entrarão os nossos pela Mocaranga, e se ajuntarão a hum troço de gente, com que o Emperador os esperava; e buscando logo o inimigo (que vinha tão confiado, como se acabara de sair vitorioso) chocarão com elle com tanta bravozidade, e valentia, que sem lhe valer nenhuma resistencia, o fizerão espalhar pela campanha, deixando n'ella dous mil Cafres moços, e robustos, filhos dos Grandes, que o Caprazine trazia, para occupar nos lugares mais nobres. Mas elle sem assistir no campo, como ensinado dos varios

sucessos d'elle, se retirou com pouca companhia, e menos esperança, com a noticia, e magoa da perda.

Vitorioso agora, e descansado o Emperador D. Philippe, quiz, reconhecido a Deos, que se levantasse Igreja na sua Corte. Assistio á expedição dos materiaes o Padre Fr. Aleixo dos Martyres, Religioso Dominicano, e abertos os alicerees, quiz o mesmo Emperador lançar a primeira pedra, o que fez em dia sinalado, levando-a sobre seus hombros, assistido de alguns Religiosos, e dos senhores, que se achavão na Corte, e muito povo, que fizeram o acto mais festivo. Grande dia, sem duvida, para os filhos de S. Domingos! Verem em terras tão remotas, tão estranhas, e tão incultas, a hum Monarcha, e Senhor d'ellas (que ainda que com as carnes pretas, poderoso Senhor, pela preciosidade, e vastidão de seu Imperio, e como tal respeitado) carregado de hum penedo, não para o lançar com a Gentilidade no monte de Mercurio, mas para avultar sobre elle o Templo de Deos verdadeiro! E soando n'aquella incognita lingua os seus louvores, como ecco das vozes evangelicas, que os convidarão a elles! Grande gloria por certo, e singular premio, que quiz dar o Ceo á Familia Dominicana, como sempre lembrada do seu Instituto, sempre adiantada em exercital-o.

Com Igreja na Corte começarão com mais esperanças os Padres a cathequizar o povo, de que baptizarão muito, e entre elle a hum fillo do Emperador, que á petição sua instruiu na Fé, e bons costumes o Padre Fr. Aleixo, pondo-lhe este nome no baptismo. Com a noticia do que se tinha obrado, e obrava na Mocaranga, ou terras do Monomotapa, vierão novos Obreiros Evangelicos de Goa. Espalharão-se logo por Vigarios n'aquellas feiras. Na de Luanze já antiga, com huma fermosa Igreja. Outra na de Maçapa. Outra na de Chipiriviri, isto quanto ao Reino da Mocaranga. No Reino de Manica, aonde já era antiga a Christandade, se levantarão tres Igrejas, e Parochias. Na feira de Umba. Na feira de Chipangura. Na feira de Matuca, em que começarão a florecer as Christandades, de que foi grande cultivador o Padre Fr. Manoel da Cruz, por estes tempos Vigario geral. Muito mais se poderão estender n'aquelles dilatados Reinos, mas são curtas as posses dos Religiosos, para a grandeza dos espiritos, com que se sacrificão ao rigor d'aquelles climas, pela maior parte destemperados, e pouco sádios, sendo innumeraveis as vezes, que se tem visto reduzidos a extremas penurias, e ultimos apertos.

## CAPITULO XIV

*Continuão-se as Christandades no Imperio do Monomotapa. Bauliza-se o Imperador, toda a Casa Real, e grande parte do povo. Dã-se noticia do ultimo progresso d'estas Christandades.*

He incançavel o trabalho, com que os nossos cultores Evangelicos chegão a ver o fruto sazonado n'esta grande seara da Mocaranga, ou terras do Monomotapa: porque ainda que os Cafres não tenham repugnancia a crer o que se lhes ensina nas verdades da Fé, como succede com os Mouros (que criados, e abraçados com sua maldita seita, duvidão que possa haver lei mais segura, especialmente, não achando n'ella freio á sua sensualidade, negaça com que seu maldito Profeta a fez bemquista) com tudo tomarão os Cafres d'elles, como contagio da visinhança, o que tambem os leva, e arrasta, que he a liberdade de terem muitas mulheres. E o que he mais para admirar, he que fação tanto caso de ter muitas, não fazendo nenhuma estimação d'ellas; e a prova d'isso, como do pouco amor, que lhes tem, he, que não só não se alterão, ou se provocão a vingança, vendo-as com outros (contra a pratica commua da natureza em todas as nações) mas levando-as consigo á campanha, as offerecem, e põem diante ao inimigo, para que quebrada a primeira furia n'ellas, com as suas mortes se cance, e se embarace antes que peleije.

Nasce d'esta crueldade, serem as Cafras menos difficultosas de reduzir, com a pia affeição, que tem a huma lei, em que se manda, e obriga ao amor, e estimação das mulheres proprias, e que na casa são senhoras, como unicas. Menos difficultade ha tambem nos Cafres pequenos, porque os pais (com a duvida de que o sejão) não estimão os filhos, assim os deixão cathequizar dos Padres, de que o maior cuidado he buscal-os nos primeiros annos. Mas pelos annos de 1652 se vio naquellas Christandades, que já se facilitavão os adultos, para premio, e ainda para esperanza dos que trabalhavão zelosos n'aquella sagrada cultura. Passara o sceptro do Monomotapa, por morte do Imperador D. Philippe, que annos atraz o governara com piedade Christãa (como já contamos nos precedentes capitulos) á mão de Monarcha Gentio, e não nos constando o tempo, que esteve n'ella, o achamos agora sujeito á Igreja, por industria, e desvelo apostolico do Padre Fr. Aleixo do Rosario.

Achava-se este Padre na Igreja, que está na Corte, ou nas visinhan-

ças d'ella. Amiadadas as visitas, e as praticas com o Emperador, dispoz o Ceo o effeito, a que se encaminhavão; cathequizou o Emperador, e logo toda a casa real, que instantemente pedião o bautismo; dispol-o, e fel-o o Padre, com a maior solemnidade, e fausto, que foi possível n'aquelle Imperio, em 4 de Agosto de 1652. Ao Emperador poz por nome D. Domingos (que no seu dia lh'o deu o nosso Patriarcha) e á Emperatriz Dona Luiza. Bautizarão-se tambem dous filhos. Ao Principe, e herdeiro da coroa, deu o nome de D. Miguel. Seguirão-se os Grandes, todo o Palacio, e a maior parte do povo. Foi dia plausivel para aquelle Imperio. Passou a noticia a toda a Christandade, festejou-se em Roma, como cabeça d'ella, e para immortalizar esta memoria, mandou o Mestre Geral da Ordem dos Prêgadores, Fr. João Bautista de Marines, gravar, e esculpir em huma lamina de bronze o bautismo com todas as circumstancias d'elle, acompanhadas de huma inscripção narrativa, em que as applicava; e he a seguinte em idioma Latino:

*Anno 1652 in inferiori Æthiopiæ vastæ Monomotapæ Imperator a Fratribus Ordinis Prædicatorum Christiana Cæthesi imbutus, interque eorundem manus salutifero baptismi lavaero, palam ab uo ipsorum tinctus: quæ Sacra hæc functio in 4. Augusti diem incidisset, Dominici nomen sibi imponi voluit, spem exinde amplam et concipiens, et faciens, non solos modo Palatinos, ac Procere ab iisdem Prædicatoribus jam penè edoctos; sed et universa Imperii sui Regna propediem Imperatoris sui, atque Imperatricis Ludovicæ exemplo Fidem amplectatura; nec quoad Optimates diu fuit expectationis eventus, sic librante Dei Providentiâ, ut quando sub Cancrhi Tropico passim turbata Fidei semina ferè exaruerunt, eadem uberius alibi sub Capricorni Tropico adolescent.*

Não foi menor a demonstração, que fez a Provincia de Portugal, como aquella, a que de justiça lhe competia semelhante progresso, feito em huma colonia sua. No Convento de S. Domingos de Lisboa, como cabeça da Provincia, se celebrou a noticia com a maior demonstração catholica, estando o Senhor exposto, com Missa solemne, a que assistio com toda a Corte el-Rei D. João o IV, de feliz memoria, favorecendo n'aquel-

le dia aos Religiosos d'esta Casa com singulares demonstrações de sua magestade, e grandeza.

Bautizado o Emperador d'aquelle grande Imperio, não só conseguirão os nossos Religiosos ver estendida a Christandade por toda aquella Cafraria, á imitação do seu Monarcha, mas pelo tempo adiante derão tambem á Ordem, e á Congregação hum filho, que a não desmereceo, nem pela pessoa, nem pela capacidade. Foi este o Principe D. Miguel, herdeiro da coroa do Monomotapa, que criado com a doutrina dos Religiosos, e conhecendo o pouco, que são os Imperios do mundo para quem pelo baptismo fica herdeiro de outro, que he eterno, entrou pelos Claustros Dominicanos a pedir, e vestir a sua mortalha, pedida com humildade, vestida com alvoroço. Estudou com singular applicação; e chegando, com não menos capacidade, a occupar as cadeiras, passou á conversão das almas dos que o perderão Principe, para o lograrem Mestre; sendo o seu exemplo a mais eloquente persuasiva, que se escutou n'aquelle Imperio, com igual assombro. que fruto. O Mestre geral da Ordem, Fr. Thomaz de Rocaberti, lhe mandou patente de Mestre em Theologia, pelos annos de 1670. Acabou os seus em Goa, sendo Vigario de Santa Barbara, de morte placida, como quem se tinha recolhido a ensaiar-se para ella.

Mas será razão, que demos noticia do ultimo progresso d'estas Christandades dos Rios, n'estes annos proximos ao em que escrevemos. Começõu a crescer a zizania na seara de Christo, por algumas contendas, que o Administrador Eclesiastico tinha com os cultores d'ella, intentando introduzir outras Religiões, sem háver respeito a que era labor, e trabalho da de S. Domingos, tão proprio, como antigo, e frutuoso. Com estes pensamentos passou o Administrador a Goa, aonde surtiu effeito a sua diligencia; e voltando para os Rios, com tenção de as continuar, se pacificou tudo por industria do Presentado Fr. Francisco da Trindade, que embarcado com elle, vinha por Commissario, e Visitador dos Rios, e Vigario de Tete, com mais cinco Religiosos para a administração das Igrejas. Chegou a Mosse, aonde visitou o Convento, e as Igrejas das illhas de Quirimba, e Amiza, e passando a Sena (aonde fez hum Cathecismo, e Confessionario na lingua dos naturaes, de que se tirou grande fruto) despedio os Religiosos, o Padre Fr. João de Santo Thomaz para a Igreja do Espirito Santo de Sofala; o Padre Fr. Damaso de Santa Rosa para a Igreja de Zimbaôé, Capellania do Emperador do Mo-

nomotapa: o Padre Fr. Diogo de Santa Rosa para reedificar a Igreja em a Macapa; o Padre Fr. José de Santo Thomaz para reedificar a Igreja do Hongue; o Padre Fr. Miguel dos Archanhos, para levantar novamente Igreja no Reino de Quiteve. Outras Igrejas intentou o Commissario, que não tiveram effeito; mas continuou o da redução das almas n'estas novamente providas.

Despedidos os Religiosos, passou o Commissario a Tete, aonde compondo novo Cathecismo na lingua da terra, fez fructo de innumeraveis almas, cathequizando, e bautizando assim meninos, como adultos. Foi hum d'estes o Principe do Monomotapa, filho do Emperador D. Pedro já defunto, e da Emperatriz Vondato; poz-lhe por nome D. Constantino: e voltando de Tete, o trouxe para a India, e no Convento de Goa, com o nome de Fr. Constantino do Rosario, tomou o habito de S. Domingos. em que depois o acompanhou outro Principe seu irmão, por nome Fr. João (de que se perdeu o cognome) que tinha bautizado o Padre Fr. Philippe da Assumpção. Ao tempo que isto escrevemos, assistem ambos no Convento de Santa Barbara em Goa.

Estes forão os ultimos progressos das Christandades dos Rios de Sena, em que sem duvida cultivou aquellas plantas novas de Tete o Presentado Fr. Francisco da Trindade, com tanta applicação, e desvelo, que pelas ruas se entoavão as orações, e se ouvião no trabalho: e ordenando o Padre, que nas casas da povoação se entoassem de noite, e de manhã, por haver n'ellas numerosas familias (e assim se exercitasse juntamente a devoção, e a memoria) succedeo hum caso, em que mostrou o Ceo o quanto lhe era aceito. Molestava-se com o estrondo, que lhe fazião os Cafres, hum homem dos poderosos da terra, e mandou em sua casa, que não rezassem de madrugada. Mas não tardou muito, que n'ella se ouvisse huma voz, que claramente chamava os escravos, que ajuntassem para a doutrina. Espertavão, e ajuntavão-se, sem acabar de entender quem os chamava. A repetição fez maior o reparo na casa; e fazendo-o o Senhor d'ella, veio a entender, que não devia embarçar occupação tão santa; e advertido, e devoto, mandou continual-a.

## CAPITULO XV

*De alguns Religiosos, que derão gloriosamente a vida pela confissão da Fé, servindo ás Christandades, que a Religião de S. Domingos tem no Oriente.*

Grande ceara a das missões do Oriente, mas poucos obreiros para o animo dos filhos de S. Domingos, que quizerão reproduzir-se, para que a Fé mais se dilatasse. Mas já dissemos, que a pobreza, e limitação dos Religiosos embarçava esses progressos, que sem duvida se podião adiantar com o zelo de bons Ministros (n'aquelle clima) que advertissem aos nossos Monarchas o como devião estender a mão a sustentar aquellas bocas, de que se valia a Igreja para bradar aos desencaminhados na noite da Gentilidade. Assim o fazem muitos dos nossos (ainda sentenciando-se voluntariamente aos apertos da fome) pizando as pensões da natureza, por não faltar ás obrigações do Instituto, sendo só o Ceo o que muitas vezes corôa seu zelo com o premio do martyrio. Dos que tivemos noticia até este anno, em que vamos escrevendo, depois que suspendeo as suas na Chronica o Padre Fr. Luiz de Sousa, daremos agora alguma (assim dos annos proximos, como dos antigos) conseguida pela nossa diligencia, e de que ainda não achámos particular memoria.

Seja a primeira do veneravel Padre Mestre Fr. Jeronymo da Paixão, filho de Gonçalo Froes de Lemos, e Catharina Nobre, naturaes de Peres. Nasceo este Padre na cidade de Lisboa, donde tomou o habito de S. Domingos, e passou á Congregação da India. Alli se adiantou tanto nos estudos, que occupou as cadeiras de Santo Thomaz de Goa com grande reputação, sendo tal a que ganhou com sua virtude, e reforma, que o poz no lugar de primeiro Prior da Recoleta. Occupou depois os de Deputado do Santo Officio, Vigario geral da Congregação duas vezes, e Governador do Arcebispado de Goa, empregos, em que se derão bem a conhecer seu espirito, e prudencia. Passou a visitar os Conventos do Norte, com poderes do Tribunal do Santo Officio, para extinguir abusos, emendar supersticiosos, castigar rebeldes, e derribar Pagodes. Chegado a Baçaim, poz em execução as ordens que levava, com inteireza, e resolução apostolica. Cortou por suas mãos huma arvore, a que davão culto os Gentios, por ver n'ella ao mesmo tempo flores, e frutos. Passava a huma aldea visinha a derribar hum pagode de grande venera-

ção n'aquella Gentilidade; entenderão-n'ó assim os idolatras (já sentidos da destruição da arvore) sahirão-lhe ao caminho juntos, e amotinados.

Acompanhava ao veneravel P. hum Sacerdote secular, por nome Francisco Calassa, que hia por seu secretario ; advertio-lhe que se retirassem, salvando as vidas ; ao que respondeo seguro, e desassombrado o veneravel Padre : «Que já não era tempo, mais que de as sacrificar por Christo ;» e pondo os joelhos em terra, e á sua imitação seu companheiro, offerecerão os corpos com grande constancia áquella infernal canalha, que com insaciavel odio os trespassarão a lançadas, deixando-os por mortos. Forão trazidos pelos Christãos ao Convento de Baçaim, aonde o companheiro faleceo logo ; o veneravel Padre d'ahi a tres dias, em que se lhe prolongou o martyrio, mas com a suavidade de receber o santissimo Viatico, passou á eterna felicidade, comprada com seu sangue. Acharão os Religiosos seu corpo cingido de huma grossa cadea de ferro, derão-lhe sepultura raza ; mas crescendo as maravilhas, com que o Ceo quiz acreditar-o n'aquelle povo, á custa, e diligencia da cidade, o passarão a sumptuoso sepulcro, levantado junto ao altar da parte do Evangelho. Continuão ainda hoje as maravilhas na terra da primeira sepultura, que os naturaes buscão como universal mósinha. Foi sua morte em 10 de Fevereiro de 1636, como se acha no Agiologio Lusitano.

Senão com as mesmas circumstancias, com a mesma resolução perdeu a vida pelo augmento de Fé o Padre Fr. João de Santo Thomaz de que (com ligeira informação) escreveu o Padre Frei Luiz de Sousa, que despachado para a ilha de São Lourenço pelo Alferes mór D. Jorge de Menezes, em breve tempo acabara de doença, por inclemencia do clima. Mas seguindo noticia mais segura, como de quem muitos annos assistio n'aquelles Rios, foi o succedido, que passando o Padre Fr. João á ilha de S. Lourenço, se deixou ficar n'ella, obrigado dos Christãos, que alli havia, e para melhor, do zelo com que alli viera. Mas os Mouros assistentes na terra, sempre inimigos da Christandade, em que o Padre trabalhava incansavelmente, lhe derão veneno, temendo tirar-lhe a vida com publicidade, por não parecer que violavão as pazes, confirmadas de novo com Mosse. Sentio o Padre o mortifero da peçonha em huma bebida ; e offerecendo a Deos aquelle genero de morte, acabou com a magoa de deixar orfã a sua Christandade.

Com mais rigorosa morte foi victima da Fé o Padre Frei Nicoláo do Rosario filho do Pedrogão, villa de Portugal (e assim filho da villa,

como do Convento de S. Domingos, que ha n'ella) grande prégador, e de vida exemplar, qualidades, que lhe derão grande lugar na Congregação; passou d'ella voluntariamente aos Rios, para obreiro d'aquellas Christandades, em que se detinha frutuosamente, quando acompanhando o Capitão de Tete, na guerra, que tinha com os Zimbas (Cafres crueis, e devoradores de carne humana) ficou prisioneiro d'elles. Foi logo atado de pés, e mãos a hum tronco, e como outro S. Sebastião, cuberto de settas, que lhe abrirão mais bocas, para lhes prégar a verdade no tempo, que lhe durou a vida no martyrio. Despedaçado depois seu corpo, o repartirão e comerão.

Com igual exemplo de vida, observancia religiosa, e opinião de letras, viveo no Convento de Cochim (em que professou) o Padre Fr. João da Cruz, filio de Macão; sacrificou-se ao ministerio das Christandades, em que gastou muitos annos, coroando o Ceo seu zelo com a gloria do martyrio, que com os olhos, e as mãos levantadas a elle, recebeu alanceado pelos Mouros de Achem, no anno de 1617.

Sacrificarão tambem a vida nos altares da Fê o Padre Presentado Fr. Luiz do Espirito Santo, e o Padre Fr. João da Trindade, pela tyrannia do Capranzine, na Mocaranga, de que já demos mais larga noticia. Na provincia de Bajú (contracosta de Larantuca) o Padre Presentado Fr. João da Costa, que tambem nos deu já assumpto n'esta escritura.

Igualmente o deu ás glorias d'esta Provincia de Portugal, de que foi filio o Padre Presentado Fr. Duarte Travassos. Foi este Padre igual talento para a Cadeira, e para o Pulpito. Lera muitos annos Theologia no Convento, e Universidade da Batalha. Entrado já em dias, deveo ao Ceo o conselho de passar á Congregação da Índia, acompanhado de alguns Religiosos de grandes esperanças, sacrificadas todas ao lucro das almas n'aquelles climas. Assim se offereceo, e aceitou a occupação de Missionario das Christandades de Solor, Commissario do Santo Officio, e Governador do Bispado de Malaca; e partindo por Prelado de cinco Religiosos, com que sahio da barra de Lisboa, chegou ao Oriente, sendo Vigario geral o Mestre Inquisidor Fr. Thomé de Macedo, e governando aquelle Estado o Conde de S. Vicente, João Nunes da Cunha.

Passados quasi dous annos, que o Padre Frei Duarte residia em Li-fão, aonde não descançava seu zelo no exercicio de reduzir, e baptisar, succedeo que, morrendo o Rei da terra D. Paulo, lhe quizerão fazer os vassallos exequias com as ceremonias, e superstições gentilicas, para

que sempre inclina aquelle povo, por mais que reduzido, e doutrinado. Teve o Padre noticia d'este desatino, e não o sofrendo o seu zelo, acompanhado de alguns Christãos da povoação, se meteo pela terra dentro; e chegando ao lugar das exequias, em que achou os Ministros supersticiosos, os reprehendeo, e ameaçou da parte da Justiça Divina, depois da humana. Erão estes Christãos só no nome, em tudo indignos d'elle, gente diabolica, impia, e ousada; lançarão-se ao Padre, e aos que lhe fazião companhia, e com hum chaveiro de azagaias lhe tirarão a vida, e lançarão logo seu corpo em hum poço, perseguindo, e matando os poucos Christãos, que o tinham acompanhado, de que o descuido perdeu os nomes, mas não suas venturosas almas as eternas corôas.

Correo logo a nova a Lifão, do martyrio do Padre Fr. Duarte, e seus companheiros, e lamentando-o todo o povo como pai, apellou o sentimento para a vingança, que se começou logo a machinar, ajuntando o Capitão mór Fernão Martins de Pontes a mais gente que pôde, que não foi muita, e passarão depois a buscar os delinquentes com mão armada. Tiverão elles aviso, e esperavão ao Capitão defendidos de esquadrao numeroso; mas foi o mesmo avistarem-no, que voltarem costas com tal confusão, que quasi todos perderão as vidas; confessando depois alguns, qua ficarão prisioneiros, que o que os puzera em tão desatinada fugida (tantos, e tão medrosos de tão poucos) fôra o verem hum Frade de S. Domingos, que no meio dos nossos soldados dava coração a todos, e ameaçava com espantosa ira os inimigos. Entendeo-se, que seria nosso Patriarcha (por não haver em Lifão outro Religioso mais, que o que perdera a vida) que vinha a castigar a barbaridade, que lh'a tirara, e a conservar aquella Christandade, a que os mesmos delinquentes machinavão a ultima ruina, como se soube, e se descobrio agora. Foi a morte do Padre Fr. Duarte no anno de 1670.

Contavão-se os de 1675, quando infestadas as ilhas dos Rios de Sena do Arabio, invadio a da Amissa. Era alta noite, sahio ao rebate, de casa para a Igreja, o Padre Fr. Leonardo de Nossa Senhora, que era Vigario d'ella; conhecerão-no os inimigos pelo habito branco, e convidando-se huns aos outros, se arremearão a elle ás lançadas, com tal furia, e presteza, que lhe não derão mais lugar, que de voltar a hum moço, que servia na Igreja, e então o acompanhava, e dizer-lhe: «Que estivesse sempre firme na Fé;» e cahio logo semvida, ficando o barbaro, que lhe deu a lançada, com o braço no ar, sem mais o menear, nem se servir

d'elle, como depois se soube de alguns Christãos, que o virão, e dos mesmos Arabios, que assim o contavão. Tambem cabio logo o moço com o mesmo genro de morte. Perdeo-se-lhe o nome, mas não o premio d'ella.

Correo tambem a merecel-o, por zelar a honra de Deos, e os seus preceitos o Padre Fr. Gaspar Evangelista, filbo da Congregação. Assistia este Padre na Igreja de Ade, na ilha de Timor, em que o puzera a obediencia pelos annos de 1676. Era grande sua diligencia: achou que hum Christão Macassá andava occasionado com huma mulber, tambem Christãa. Precederão as admoestações, que continuadas sem fruto, antes ouvidas com desprezo, passou o Padre á maior demonstração, mandando-o prender, e depois soltar, posta em promessas a emenda; mas foi esta tanto ao contrario, que na noite seguinte, fazendo-se o delinquente Amouco (tem este nome os que deliberados, e resolutos, sabem a tomar vingança, e tirar a vida a quem lhes faz resistencia, até perderem a propria, porque d'estes nenhum escapa com ella) entrou em casa do Padre, e buscando-o em sua mesma cama, d'onde o achou com descuido, e sem resistencia, lhe deu algumas erizadas, e depois o ferio com huma languinata, de que (recebidos os Sacramentos) acabou em breves horas a vida, offerecendo a Deos aquella morte com grande sofrimento, e conformidade.

Assim offerecerão, e sacrificarão a Deos as vidas outros dous Vigarios, ambos de Quirimba, por inteiros na obrigação do seu officio, e zeladores na observancia da lei de Deos. Forão elles o Padre Fr. Nicoláo do Rosario, e o Padre Fr. Gaspar de S. Miguel, filho da Congregação. Chegou huma Quaresma, e negou o Padre Fr. Nicolao os Sacramentos ao Senhor da ilha, filho da terra, mas de pai Portuguez; porque muitas vezes advertido, e admoestado continuava com escandalo publico (retirado de sua mulher propria) a conversação de sete irmãs Mouras. Poucos dias depois dispoz o rebelde a vingança, chamando huma noite ao Padre, com hum recado falso, para huma confissão: tanto que o teve na rua, elle (e alguns Cafres seus) lhe tirarão a vida ás estocadas, e depois lhe quizerão tirar a honra, com hum testemunho, que o Ceo liquidou logo. Durou muitos annos o sangue no lugar do delicto, pedindo vingança contra o sacrilego, que morreo depois miseravelmente desterrado, e perseguido. Foi a morte d'este Padre no anno de 1637.

Não era menos exacto o Padre Fr. Gaspar como grande Religioso,

e bom Letrado. Fez-se na sua Igreja hum grande desacato ás ceremonias d'ella em huma Quinta Feira Maior; era o culpado suspeito na Fé; dispunha, e diligenciava o Padre, que não ficasse sem castigo, quando por industria do ameaçado lhe derão veneno, que conhecido logo, se dispoz com grande constancia a esperar a ultima hora, que não tardou muito que não corresse sua alma no anno de 1663.

Corre tambem por obrigação nossa a noticia do Padre Fr. Francisco Donato, Missionario Apostolico; porque ainda que por patria Romano, sendo na profissão Dominico, e servindo, e acabando nas missões, que esta Provincia de Portugal tem no Oriente) aqui se lhe deve o lugar entre os que as illustrarão com seu sangue. Foi este Padre illustre por geração, mas mais conhecido por espirito, virtude, e letras, experiencia com que a Sagrada Congregação de Propaganda o mandou por Missionario Apostolico a esta grande seara. Cultivou-a nas duras serras do Malavar, nas ilhas de Solor, Ceilão, Mascate, Goa, e Mosse, fazendo fructo n'aquella Gentilidade, como perito nas linguas. Ultimamente embarcando-se de Dio para Mascate, com intento de passar á Curia Romana, encontrando-se com quatorze galeotas de Mouros Malavares, depois de profiada peleja foi entrado o navio, preso o Padre, e levado ás embarcações inimigas, aonde os Mouros executarão n'elle o seu barbaro costume. Conseguida a vitoria, sacrificarão hum dos prisioneiros á Lua, cortando-lhe a cabeça, e salpicando com o sangue ainda quente as vélas das embarcações. Tentarão primeiro o Padre, se queria seguir sua seita; e vendo, que lhes desprezava ofertas com constancia, lhe cortarão a cabeça, e offerecerão seu sangue á Lua, salpicando com elle as vélas da armada. Foi seu martyrio pelos annos de 1634.

Não deixaremos em silencio dous Religiosos, que honrarão estas Missões, senão com o seu martyrio, com o seu exemplo; senão regando-as com o seu sangue, fomentando-as com sua virtude. Forão elles o Padre Fr. Gaspar de Santo Thomaz, filho da cidade de Cochim, e da Casa, que a Congregação tem n'ella; e o Padre Fr. José Rebello, filho da Provincia de Portugal, de d'onde passou á India, já crescido. Viveo o Padre Fr. Gaspar em Macáo vinte annos de vida tão austera, e observadas as Constituições á risca, oração, jejuns, e disciplinas, continuado tudo com tal rigor, que sem duvida lhe apressou a morte, que esperou com grande conformidade, e pareceo premio de sua virtude.

Do Padre Fr. José Rebello, que nos annos proximos ao em que es-

crevemos passou de Portugal á Congregação, temos a noticia de que, assistindo primeiro em Goa, depois em Macáo ,passou a servir as Christandades de Solor, e residio em Sica, terra de Larantuca, aonde se grangeou tal reputação com o reformado exemplar de sua vida, e tal affecto dos naturaes com seu genio, e brandura, que succedendo passar a Larantuca, se despovoava Sica para lhe fazer companhia na jornada, seguindo-o todos, como filhos desconsolados, e pedindo-lhe com lagrimas; «Que lhes restituísse com pressa sua assistencia.» Assim servio ella de grandes augmentos áquella Christandade, que quizera mais larga sua vida; mas quiz o Ceo, que lhe apressasse a morte a corôa, que tinha ganhado n'ella. Acabou com grande opinião, deixando a Christandade tão augmentada, como sentida, e saudosa.

Estes são os empregos, com que os filhos de S. Domingos se espalharão, e estenderão (como ainda ao presente o continuão) por aquellas vastissimas terras, tão incultas, como remotas, hoje já cultivadas: mas roubando-nos a distancia o mais do que se tem obrado n'ellas, especialmente nas ilhas de Solor, e Rios de Sena, sem afrouxar (como se pôde ver no que acabamos de escrever) aquelle espirito com que n'ellas principiarão a seara do Evangelho, gloria sem controversia primeiro da Relibio Dominicana, e alguma (como a de Solor) unicamente sua. Mas como nem o Sol da verdade se livra dos vapores da duvida, antes inventada, que nascida, ou do artificio invejoso, com que os mal intencionados escrevem voluntariamente contra a evidencia, (para que favorecida dos annos a mentira vá depois tomando corpo de duvida entre os que tem noticia dos chimericos fundamentos d'ella) ainda que até agora não houve inconsideração, que se resolvesse a querer tirar aos Religiosos de S. Domingos a primazia na cultura espiritual, e missão Evangelica da Ethiopia Oriental, não faltou comtudo quem n'estes tempos quizesse reduzir a controversia, se forão, ou não os nossos Religiosos, os primeiros, que levarão o Evangelho, e colherão d'elle o fruto nas terras da Ethiopia Occidental, resolvendo voluntariamente, que os Padres da Congregação de S. João Evangelista forão os que se adiantarão a todos n'esta empreza.

Queria fiar a apologia dos authores, que com tanta clareza allão d'ella, por não estar costumada a Religião de S. Domingos a pôr em disputas as suas glorias. Muito menos esta, de que não quiz mais premio, que servir á Igreja, e mostrar-lhe que os filhos de S. Domingos,

como herdeiros dos Apostolos, não tinham outro instituto, e o bem que sabião desempenhal-o. Mas alargarei mais a penna, e com mais modestia, que a com que este author costuma estender a sua, só para lhe apontar os authores, que mudamente o convencem. Assim a pertinacia tivesse ouvidos ! E a cegueira olhos !

## CAPITULO XVI

*Mostra-se como os Religiosos de S. Domingos forão os primeiros, que levarão a Fé á Ethiopia Occidental, converterão, e reduzirão almas n'aquellas incultas, e vastissimas terras.*

Chamarão muitos ao escrever, ou provar glorias, e creditos proprios arriscado, e suspeito emprego ; mas quando a verdade as publica, e as pregôa, não vem a ser o escrevel-as, mais que lebral-as ; cautela, com que devem armar-se os Chronistas das Familias Sagradas, para que não triunfe o tempo do que houve n'ellas digno de memoria, não para ampliar panegyricos, mas para não sepultar exemplos. Este deve ser o intento dos que escrevem semelhante Historia, propor a verdade que costuma afeiçoar a razão, e favorecida d'esta, tem energia para mover ás imitações do que propõe com pureza. O segundo interesse de semelhante Historia (supposta a noticia para erudição dos homens) he continuar o premio, ou o castigo do bem, ou mal obrado na reputação que se perpetúa a hum, e outro. E quem leva os olhos n'estes preciosos fins, não os diverte, nem os occupa com a jactancia das precedencias, e muito menos imaginadas. Assim deponho que, não por grangear á minha Religião huma gloria já grangeada, já merecida, e já sua, tomo agora a pena ; mas para regatar a verdade das mãos de quem a sepulta, sendo o officio, e obrigação do Chronista desenterral-a. Porei os seus, e os meus fundamentos, como quem narra, e não como quem disputa.

Escreve este Author com a desculpa de proceder com cegueira em causa propria, dando aos Padres da sua Congregação a gloria (são palavras suas) de serem os primeiros, que converterão, e baptisarão almas nas conquistas Portuguezas. Entendo que seria erro da impressão, a palavra primeiros ; porque não he crível que ignorasse este Padre sendo tão noticioso, que conquista Portugueza foi a de Ceuta, tomada

aos Mouros por el-Rei D. João o I, e que n'ella se acharão com elle os Religiosos de S. Domingos, com Igreja, Mosteiro, e occupação de seu instituto, que exercitado por largos annos (que alli fizerão assento) não deixarão de exercital-o, não só em administrar Sacramentos, mas em reduzir infieis, que alli ficarão cativos. De que bem se segue, que já os nossos Religiosos se occupgvão na redução das almas a Deos nas conquistas Portuguezas pelos annos de 1415, e ainda em Portugal não existia a Congregação de S. João Evangelista, que muitos annos depois foi confirmada por Eugenio IV. Mas passemos a mais evidente argumento.

D'esta primeira entrada nas terras de Africa pelos Religiosos de S. Domingos, lhes ficou como em herança o serem os primeiros, que nas conquistas, que se forão seguindo n'ellas, se achassem ao lado dos Capitães Portuguezes, para que igualmente no valor, e desvelo de huns, e outros, fossem vencendo a espada, e a doutrina. Foi assim na expedição de Religiosos para as terras do Congo por el-Rei D. João o segundo, a que os nossos passarão no anno de 1486. Sem duvida não correspondeo o fruto da sementeira evangelica á esperanza com que os Religiosos forão principial-a, sendo o intento de el-Rei de Beni, que os mandou pedir ao nosso Monarcha, antes politicas da terra, que interesses da alma; motivo, com que escreveo Maffeo, que os nossos deixando a infructuosa assistencia, voltarão para a patria: *In Lusitaniam irriti redierunt*(1). Mas não he de admirar, que não procurasse, ou não tivesse este author outra noticia dos nossos, tendo-a do fim que levarão, antes por accidente, que por substancia da Historia; porque a que seguia era a redução de Beni, que não teve effeito. O que não tira que o tivesse particularmente o emprego apostolico dos nossos nas mesmas terras, ou em outras visinhas; progressos de que o Padre Fr. Luiz de Sousa não teve noticia; por estarem estas antes nos archivos de toda a Religião em Roma, que nos d'esta Provincia. O que se pôde ver no *Monumenta Dominicana* do Mestre Fr. Vicente Maria Fontana (author tão digno de credito, que o não pôde fazer suspeito, nem o ser nosso) que fallando nos serviços, que a Religião fez á Igreja no anno de 1486(2), e tocando a occasião de Congo, diz que os nossos Religiosos reduzirão e bautisarão senão a todo o Reino, a muita nobreza, e a muitos do povo: *Non so-*

(1) Joan. Pet. Maffae. Hist. 50. dil. 1.  
1486. Part. 3. cap. 10.

(2) Fontana, Monum. Dominicana ann

*lum multos ex populo, sed etiam ex nobilibus sacro regenerationis lavaero Christo, et Ecclesie adjunxerunt.* E continúa, que depois passarão os nossos Religiosos ás terras do Preste João, aonde levantarão Igrejas, e propagarão a Fé, superando trabalhos, perseguições, e difficuldades, em quanto lhes durarão as vidas, consumidas, e sepultadas n'aquelle emprego, e n'aquellas terras: *Aliqui ex ipsis* (continúa o Padre) *ad Abissinorum Imperatorem pergentes, etiam ibidem et Cruces, et Ecclesias crexere tanto cum animarum fructu, ut nullus ex eisdem Prædicatoribus, ærumnis licet, ac laboribus fructus, assumptum Apostolicum ministerium deserere ausus sit. Sed omnes gloriose ibidem usque ad mortem insudaverint in Gentilium illorum conversione.* Assim escreve este Author, citando o Bispo de Monopoli, Chronista veridico.

Segunda jornada fizerão os Religiosos de S. Domingos ás terras de Guiné, depois de bautisado el-Rei Bemoy, que o era da estendida região de Jalofo, e recorreu a el-Rei D. João o segundo, assim para recuperar o Reino, que seu irmão lhe tinha tyrannizado, como para receber o baptismo. Com elle mandou el-Rei Dom João ao Mestre Fr. Alvaro Correa, Frade nosso, e seu Confesssr, homem de grande reputação em letras, e virtude, com outros Religiosos. Escreve-o assim Maffeo: *Evangelici quoque præcones impositi Alvaro Dominicano præfecto eximia virtutis, ac sapientie viro, quo Rex ipse ad sacras Confessiones uti consueverat.* O mesmo affirma João de Barros n'estas palavras, tendo dito da armada, que el-Rei mandara: «E para a conversão dos barbaros alguns Religiosos; o maioral dos quaes era Mestre Alvaro, Frade da Ordem de S. Domingos, e seu Confessor, pessoa mui notavel em vida, e letras (1).

Assim escrevem estes Authores a segunda jornada dos Portuguezes ás terras de Guiné no anno de 1487 com tambem a escreveo Resende; sem que author algum, ou Portuguez, ou estranho, faça lembrança de que n'ellas, assim n'esta, como na primeira, se achassem Padres da Congregação de S. João Evangelista. E que os nossos Religiosos, ainda nesta segunda jornada jornada, se empregassem na redução das almas, consta de algumas Memorias da Ordem: porque entrando alguns por aquellas vastas, e desconhecidas terras, renunciarão pelo seu Instituto da prêgação a patria; e tiverão n'ellas sepultura. Digo alguns, e não todos, porque achamos na terceira Missão, pelas Memorias de Fontana, ao Mestre Fr. Alvaro Correa, que sem duvida voltou a Portugal com o

(1) João de Barros, Decad. 1. liv. 3. cap. 8.

Capitão mór Pedro Vaz da Cunha; noticias de pouca importancia para os authores seculares, que levão os olhos no assumpto da sua Historia, e não nas particularidades dos Religiosos, que quando foi preciso entrarão n'ella. Mas a nós basta-nos d'elles a geral noticia de que os Religiosos de S. Domingos forão os primeiros, que com a voz evangelica saudarão as terras d'aquella Ethiopia; o que o Author (a quem respondemos) quer, a voto seu, deixar em duvida.

Mas passemos ao que sem nenhuma podia passar no livro d'este author, que he a terceira missão dos nossos Religiosos, que elle quer para primeira dos seus Padres, vindo já tão tarde, para as duas em que madrugamos tanto: e muito mais tarde, para negociar esta terceira por sua, sendo tanto nossa, como logo o dirá a evidencia. Foi esta função de Congo pelos annos de 1491, e dispoz-se assim. Bautizados o Embaixador, e negros, que el-Rei de Congo mandára a el-Rei D. João o II, se armou no porto de Lisboa huma Armada com tanto desvelo, como era o alvoroço, com que o nosso Monarcha esperava todo aquelle Reino reduzido. Nomeou por Capitão a Gonçalo de Sousa; compoz grandioso mimo para el-Rei de Congo, e attendendo ao que mais lhe levava o cuidado, que erão os Mestres da Fé, pedidos por elle, os tirou dos Claustros Dominicanos, como de seminario, onde reconhecia os mais destros espiritos, para semelhantes jornadas, de que os Reis seus antecessores tiverão largas experiencias. Havião de levantar Igreja, havião de baptizar o Rei, havião de estender-se por aquella terra desconhecida, espalhando a palavra evangelica; havião de reduzir barbaros, derribar templos, queimar idolos, e finalmente por-se em campo contra os mesmos demonios. E esse era, e he o instituto Apostelico dos nossos Religiosos; essa a razão, com que para esta jornada forão escolhidos os filhos de S. Domingos.

Mostremos esta verdade, não confirmada com esta mesma escritura; não authorizada com a nossa mesma penna; não sendo nós o unico author, que nos sirva de prova, como succede ao que confutamos, que unicamente se teve por patrono a si mesmo. Mas fallem já por nós os Authores, primeiro os nossos, depois os estranhos. Dizem as nossas Memorias, que os Religiosos, que n'este anno de 1491 forão por ordem d'el-Rei Dom João o II á reduccão de Congo, forão dez. Quer Fontana, que entre estes (que na sua opinião não forão mais que seis) se conte tambem o Mestre Fr. Alvaro Correa; e escreve n'esta fórma: *Mittuntur*

à Joanne II. Lusitaniæ Rege præter recensitos anno 1486. P. Alvarus eidem à Confessionibus, et quinque alii probatæ vitæ, et virtutis viri, de Provincia Portugalliæ, ad Regem Congi, qui Catholicam Fidem prædicantes, Reges Congi ad eandem mediis sacris ablutionibus amplexandam. Cooperante Deo induxerunt, cum magna Procerum Regni multitudine, copiosissimaque populi frequentia; Regem quidem Joannem; Reginam verò Eleonoram, et primogenitum illorum Alfonsum, nuncupantes, in memoriam Regum Lusitaniæ, viventium. Innumera Idola igne consumpsere, atque Ecclesiam grandem sub invocatione S. Crucis ibidem 5 nonas Maii, jactis fundamentis, construxere. Quæ Episcopalis Sedes effecta est. Ibi que nostri Prædicatores per annos quinquaginta consistentes, maximos Christi Ecclesiæ fructus dedere.

Aponta o mesmo numero de Religiosos de S. Domingos, ainda que differe no Prelado d'elles, Fr. Affonso Fernandes, assentando (o que he mais commum) que o fora o Mestre Fr. João de Santa Maria; e escreve n'esta fórma (1): *Despues el año de 1491, embió El-Rei D. Juan una Armada de tres navios, embiando por General dellos a Gonsalo de Sousa, y en falta d'este a su hermano Rodrigo de Sousa. En estos navios fueron por ordem de Su Magestad algunos Religiosos de S. Domingos, y por Superior uno llamado Fray Juan com otros cinco, para que predicassen el Santo Evangelio en el Reino de Congo, y batizassen a los que convertiessen.*

Assim escreve este, e outros authores nossos; mas se lhe não basta contra a impraticavel suspeita de proprios, o reconhecerem-se fidedignos, passemos aos estranhos, e seja o primeiro o Padre Maffeo, que ainda que não traz o numero certo dos Religiosos (circunstancia assaz ligeira para a substancia da Historia) affirma que estes Religiosos forão de S. Domingos n'esta fórma (2): *Neque Neophiti modo, ad suos remissi, verum etiam, et Sanctissima Dominicana Familia tres viri probatæ virtutis, atque doctrinæ, delecti, quia apud eosdem Æthiopes, et docendi, et initiandi officio fungerentur.*

Que fossem Religiosos de S. Domingos os que acompanharão n'esta occasião a Gonçalo de Sousa; que aportassem nas terras de Manisono, tio d'el-Rei de Congo; que à sua instancia lhe dessem os nossos Religiosos o bautismo em dia de Paschoa, 3 de Abril de 1491; que lhe puzessem por nome Manoel, e a seu filho menor Antonio; que passassem

(1) Fr. Alonso Fernandes, Hist. Eccles. liv. 2. cap. 21.

(2) Spondanus Armad. Ecclesiast. anno 1491. n.º 7.

depois á cidade de Ambasse, aonde os esperava o Rei, e lhe dessem hum rico presente, levantassem a Igreja de Santa Cruz, bautizassem ao Rei, e Rainha, com os nomes de D. João, e de Dona Leonor, tomados dos nossos Reis, e ao Principe com o nome de D. Affonso, tomado do nosso Principe, e as mais circumstancias, que com elegancia narrativa continúa o Padre Fr. Luiz de Sousa, tudo escreve, e narra o Bispo Barbuense, por este estylo: *Eodem tempore felicibus conatibus Joannis Regis Lusitaniæ, propagata est fides Christiana in Regno Congi, de quo cæptum est agi superioribus annis. Cum enim nobiles illi, quos diximus in Lusitaniam adductos, suscepto baptismo, biennium summa cum diligentia, Christianis moribus, et institutis imbuti ad sua remissi fuissent; una cum nonnullis Patribus Dominicanis, tribus navibus armatis, sub ducatu Gonsalvi Sosæ (cui inter navigandum peste extincto, Rodericus fratris filius omnium consensu suffectus fuit) ubi primum ad litus Congi appulere, Regis patruus, qui sono Maritimæ Congi plagæ, imperitabat, jam senex baptismum cupidissimè suscepit, etc.*

O mesmo escreve Fr. Antonio de S. Romão, Monge Benedictino, na sua Historia geral da India, assentando, que os Religiosos, que entrarão, e fizerão o primeiro bautismo em Congo, acompanhando a Gonsalvo de Sousa, e depois a seu irmão Rodrigo de Sousa, forão os Religiosos de S. Domingos, por estas palavras (1): *Yá pues, que pareció estar suficientemente instruidos en los mysterios de nuestra Santa Fé, mandó el Serenissimo Rei armar una flota, en que bolviessen a su tierra las primicias de la Christianidad della, y Religiosos de Santo Domingo, para predicar, y baptizar con amplissima potestad de Su Santidad. Dioles un rico presente, y artífices, para que llevantassen Iglesias, con otras cosas, a que acudia su liberalidad generosamente, porque le era muy natural. Fué nombrado Embaxador, y Capitan General de la jornada Gonçalo de Sosa, etc.*

Venha o mesmo testemunho de authores seculares, e seja de hum mestre d'elles, João de Barros, que com mais individuação, e particularidade conta a entrada, e redução de Congo pelos Portuguezes, neste anno de 1491 dizendo, que os ministros d'ella forão Religiosos de S. Domingos; e conforme a sua narração, o numero d'elles, que forão seis, de que era Prelado Fr. João, que nas nossas Memorias foi o Mestre Fr. João de Santa Maria, homem de grande, e igual nome em letras, e virtude. As palavras de João de Barros, depois de escrever, que estes Re-

(1) S. Roman Hist. da Ind. liv. 1. cap. 4.

ligiosos chegarão ás terras de Manisono, e lhe derão o bautismo, passando depois á Corte del-Rei de Congo, são as seguintes (1): «Ruy de Sousa com os Sacerdotes, e Religiosos, de que o maioral d'elles era Fr. João, da Ordem de S. Domingos (passados os primeiros dias de sua chegada) ordenarão que se fizesse huma Igreja de pedra, e cal, segundo lhe por El-Rei D. João era mandado, para a qual obra trazião seus officiaes.» E seguindo a mais narração dos bautismos dos Reis, ao fallar na volta de Ruy de Sousa para Portugal, diz que deixara na Corte de Congo a Fr. Antonio da Piedade, que succedeo na occupação de Vigario, por morte de Fr. João de Santa Maria (que tambem deixa apontada) e mais quatro Frades, que ficarão correndo com aquellas Christandades; dil-o no modo seguinte: «E tornando á cidade, expedio-se Ruy de Sousa para este Reino, deixando-lhe para a conversão dos povos Fr. Antonio, que era a segunda pessoa, depois de Fr. João, e outros quatro Frades.»

O que supposto, he apocrifo, e sem nenhum fundamento o que narra da sua Congregação o Author, que confutamos, attribuindo-lhe a primazia da conversão do Congo, e tresladando quasi um capitulo do nosso Chronista, o Padre Fr. Luiz de Sousa, accommodando o nome do Mestre Fr. João de Santa Maria, Vigario da nossa missão, ao seu Padre João de Santa Maria, de que somente, depois em tempo del-Rei D. Manoel, se acha memoria. Assim escreve este Author, sem mais authoridade, e testemunho, que o proprio, quando os Autores todos, que apontamos (e ainda o que nos não favorece) dizem o contrario. Assim se pôde ver n'elles, sem que em algum se ache memoria d'estes Padres em missões de Congo, senão no reinado del-Rei D. Manoel, tempo em que já aquelle Reino estava reduzido; verdade, que o mesmo Author reconhece, trazendo-os só d'esse tempo; e se os teve antes, como os aponta só depois? Sendo toda a controversia na primazia, que escreve desauthorisada, e authorisando a missão por El-Rei D. Manoel, em que ninguem põe duvida.

Sem nenhuma se pôde crer, que não achou o Author algum (ainda desvalidos, e de menos nome) porque não fio da sua grande noticia, que se o houvesse, lhe escapasse, nem da memoria, nem da diligencia; assim foi escusada esta de querer coroar a sua Congregação com o trabalho alheio, que eu fio, que ella se dá por satisfeita da gloria de entrar nas terras de Congo com grande interesse, e lucro das almas, muito de-

(1) João de Barros, Dec. 1. liv. 3. cap. 9.

pois dos filhos de S. Domingos, primeiros mestres d'ellas. Assim o vem a dizer os Authores, que o Author cita no reinado del-Rei D. Manoel, tempo em que os Padres Ceruleos, como diz Maffeo, ou os Padres Azuis, como diz o nosso Fernandes (1), passarão áquellas terras a edificar novo, mas não primeiro Templo, com grande, mas não primeiro fruto; o que não negamos, nem podemos negar, reconhecendo a authoridade dos Authores, que tanta verdade fallarão nesta missão dos Padres da Congregação, que foi a sua primeira, como na nossa, e nas nossas, que foram primeiras que a sua.

Nem se deve crer, que tão grandes Authores, que por officio são indagadores das verdades, e linceos dos tempos, houvessem de ignorar huma jornada de tanta consequencia, e tanto apparatus, como foi a da primeira conversão de Congo, para dizer este Author (apontando tantos em seu favor, e da missão no reinado del-Rei D. Manoel) «Que estes escreverão só d'esta segunda, porque ignorarão a primeira.» O certo he, que todos fallarão na jornada, e os mais d'elles apontarão os nossos Religiosos n'ella; e os que o não fizerão, podião ignorar essa circumstancia, mas nenhum o geral da noticia.

Supposta esta, escusada era a reflexão sobre os fundamentos do Author, que mal podem ter este nome, contra verdade tão limpa, e desembaraçada; e entendia eu que, bem reparado o que temos dito, bastava o serem propostos, para ficarem respondidos; mas em veneração do Author, farei antes memoria, que disputa d'elles.

He o primeiro a contrariedade, que se acha entre os dous Escriitores, Garcia de Resende, que favorece nesta primazia de Congo aos Padres Franciscanos, e João de Barros aos Dominicos. O que d'aqui se segue he, que perdendo-a huns, ficarão com ella os outros. Mas aos Padres da Congregação não sei, que lhes possa servir de consequencia a nossa controversia, porque sem patrono não podem entrar nesta, e sem os terem melhorados, não tem consequencia. Entre as duas Religiões podia haver litígio, porque ambas se fiarão com justiça nos patronos, que tinham para ella; mas que tem os Padres da Congregação (em que ninguem deo pennada) para virem levar a primazia, como por concerto da contenda?

A verdade está afiançada em mais; e póde neste ponto authorisal-a mais Barros, que Resende, olhando para o emprego da narração de hum, e outro. Resende escrevia a vida de hum Rei, Barros a reduccão de hum

(1) Maffeo liv. 4. Hist. da India.—Fernandes liv. 2. cap. 21.

Reino por seu mandado; e o que para este era principal, viria a ser para aquelle accessorio. Para a noticia do Rei era essencial saber-se, que mandara reduzir o Reino; para a noticia do Reino reduzido, era essencial saber-se dos ministros da redução; e assim para Barros era ponto grave o apontar os Religiosos; para Resende de pouco momento serem estes, ou aquelles. Mas por hora não he a controversia com os Religiosos de S. Francisco.

Quanto ao que recorre o Author, fazendo força na queixa do Padre Fr. Luiz de Sousa contra os Authores seculares, he falso o ampliar a queixa, que o Padre dirigia a determinada materia, dizendo só, que não havia que attender a Authores seculares, porque nunca davão aos grandes Religiosos os premios, que se lhe devião nos escritos; e o condemnal-os nesta materia de curtos, e escassos, não era depol-os da authoridade de verdadeiros, mas culpar-lhes a desattenção de diminutos. E isso estamos vendo no mesmo Author, de que nos temos valido, que não podendo deixar de apontar os nossos Religiosos, como parte essencial da redução de Congo, que escrevia, falla no Mestre Fr. João de Santa Maria, tocando-lhe só o nome, e não reparando no grande, que lhe davão suas letras, e virtude, quando Maffeo, Escritor Religioso, fallando em que forão trez os nossos Religiosos da missão, os acompanha com a noticia de virtude, e sciencia conhecida, e examinada: *Viri tres probatæ virtutis, et doctrinæ*. Com que o Padre Fr. Luiz não desconheceo nos Authores seculares a verdade no preciso; culpou-lhes o attenderem pouco ás individuações, que aos Religiosos podem servir de muito.

He o segundo fundamento do Author, o mandar El-Rei, que os primeiros Ethiopes, que vierão de Congo a este Reino, se recolhessem em Santo Eloy, para os industriarem, assim no idioma, como na doutrina. Assim o concedo, ainda que os Authores não fação d'isso caso, dizendo só, que El-Rei os mandara entregar a pessoas Religiosas: de que se infere, que bem podião não ser só estes Padres os Mestres, e se podião tambem repartir por outras casas os hospedes. Mas não recorrendo a razão tão achada, que tem a assistencia do Mosteiro. para adiantar os Padres na redução de Congo a outros, que lhe pertencia a prêgação por instituto? He o mesmo doutrinar huma familia, que reduzir hum Reino? El-Rei D. João, como quem tinha grande comprehensão do seu, achou em Santo Eloy melhor commodo para hospedar, e doutrinar os negros, que nos claustros de S. Domingos; porque aquelles Padres, nas horas,

que lhe ficassem livres da continuação do coro, se podião occupar no ensino; o que não era facil nos nossos, tendo-as tão occupadas, e medidas, que do coro passão á applicação do pulpito, e das aulas. E quando não houvera esta arrezoadá congruencia, bem se vê, que não conclue o passar á primeira redução da Ethiopia, por doutrinar os primeiros negros, cousa, que indifferentemente podião fazer quaesquer Religiosos; e muito menos, não tendo a Casa de Santo Eloy, por ser então escolhida para escola, o foro de Seminario dos Cathecumenos, e Hospicio de Missionarios; porque na vontade, e escolha del-Rei esteve o buscar estes Padres para aquella occupação, e o escolher os nossos para aquella emprego. E tendo nós da verdade d'este tantos Authores, e não tendo nenhum os Padres, bem se vê, que da assistencia dos negros se lhe não segue a consequencia de Missionarios, e muito menos de primeiros.

He o terceiro fundamento do Authór, que os Reis de Congo, apparecendo em publico, se vestem de azul, em forma de opa, como a que trazem os Padres. Bem se vê, que consequencia se pode tirar d'estas premissas. Porque os Prégadores Evangelicos não passarão a Congo a levar moldes de vestidos, a vestir sim áquelles barbaros, antes as almas, que os corpos. Nem dos novamente reduzidos á Igreja pelo baptismo, sabemos mais, que o que se usava na primitiva, que era, como aponta Tertulliano, vestirem-lhe huma tunica branca (1). Eu me conveço, que esse uso nos Ethiopes de Congo, he inclinação á cor azul, como vemos em outros negros a grande, que tem ao encarnado. E quando queirão os Padres ter essa gloria, nem assim se infere a primazia, que mui bem podião os Reis de Congo (que se forão seguindo) usar da opa, que imitassem dos Padres, que depois forão ao seu Reino, como forão de facto em tempo del-Rei D. Manoel. E quando não queirão estar por esta razão, será preciso authenticar, em como andou vestido de azul o primeiro Rei de Congo, que recebeo o baptismo. E ainda isso supposto, podiamos responder, que o bertangil seria a purpura d'aquella coroa.

Quanto ao que accrescenta o Author das armas do Principe de Congo D. Affonso, Cruz branca em campo azul, cores que tomou dos primeiros Padres, mais ponderosa razão he, que com a Fê, e nome de Principe Portuguez, tomaria tambem escudo de algum modo accomodado ao de Portugal, que então tinha reformado El-Rei D. João o segundo, Conquistador de Congo, que era, como o vemos agora, em campo de

(1) *Albis induitui vestibus. Alcuinus annol. in lib. de Bapt.*

prata cinco escudos azuis, postos em forma de cruz. Assim compoz aquelle Principe o seu escudo, mudando as cores do branco, e do azul na cruz, e no campo; ou tambem seria a cruz branca em campo azul, em memoria da que appareceu no Ceo clara, e luzida, dando-lhe victoria contra seu irinão (como depuzerão os vencidos, e prisioneiros) já que havemos de continuar o paradoxo de ser o Ceo azul, como se tivera cor o Ceo, não o dizendo S. Paulo, que (entre os vivos) vio o terceiro. Mas se o azul do escudo faz argumento para os Padres, porque o não faria o branco para os nossos; se litigassemos pela cor, ou a houvessemos de dar aos nossos fundamentos, que a não necessitão por solidos? Mas entremos a partido no escudo de Congo, lembrados de que a primeira Igreja, que alli levantamos, se chamou Santa Cruz, e que a do escudo nos pertence por branca. Assim seja a cruz nossa, que depois lhe deixamos o campo livre. O fundamento nos desculpa semelhante reposta.

A que damos ao quarto fundamento, deve ser tão occulta, como elle o he para nós, estabelecido na verdade dos seus cartorios, não havendo memoria nas quasi infinitas dos nossos, que não dê por cousa assentada, serem os nossos Religiosos os primeiros Missionarios de Congo. Quanto ás Provisões del-Rei D. João, provarão a assistencia dos negros na casa (de que deixamos a duvida, ou concedemos a certeza) ou farão fê de algum gasto, que se fizesse com os mesmos na jornada de 1491, ou com os mestres, que antes da jornada os adestrarão na doutrina. E se a tal Provisão existe, descuido foi do Author não lançal-a para testemunha. E ainda lançada, correria com a suspeita, de que se lhe podia mudar huma clausula, sendo esta contra tantos Authores, como os que nos servem de prova. Se ainda nos replicarem, que esta he infima, responderemos, que nos mostrem por sua parte outra tanta.

A authoridade de Jorge Cardoso, emendando no terceiro tomo o que tinha errado no primeiro, por ver o Cartorio de Santo Eloy, ou de Xabregas, vendo os nossos, poderia tambem emendar no quarto, o que tinha dito no terceiro. Não fio eu menos dos nossos Cartorios, a quem o dos Padres não pode vencer, nem em papeis, nem em annos; não recorrendo ás Memorias de toda a Religião, depositadas no Archivo de Roma, especialmente ás das Conquistas Portuguezas (pelos Missionarios que tiveram n'ellas) que forão, e vão sempre remettidas das mesmas ás mãos dos nossos Geraes, que as poem no Tribunal de Propaganda, aonde a verdade se purifica.

Finalmente digo que escreveo bem Jorge Cardoso no primeiro tomo, dizendo, que os Monges de S. Bernardo forão os primeiros, que forão a Congo; e não menos escreveo bem no terceiro tomo, dizendo, que os Conegos de S. João Evangelista forão os primeiros, que forão a Congo, que tuão foi certo, porque os Padres Bernardos serião os primeiros dos Monges, e os Padres da Congregação os primeiros dos Conegos seculares; que de Missionarios, só os filhos de S. Domingos, que estimão a primazia, porque no seu Instituto seria descuido o não desempenhal-a.

## CAPITULO XVII

*Do que pertence aos Conventos dos Irlandezes, que a Religião tem na Provincia de Portugal. Vem a este Reino o Mestre Fr. Domingos do Rosario. Funda Hospício, e depois Collegio, para os Missionarios de Irlanda, sua patria; dá-se noticia d'este Padre.*

Não tenha Portugal só a gloria de ser Seminario de Santos, como até agora temos mostrado nesta Provincia, e seus filhos, criados nos claustros Dominicanos; mas possa também gloriar-se de que até a hospedagem, que dá aos estrangeiros, lhe serve de escola para sahirem, ou se conservarem virtuosos. D'esta verdade podem ser prova os Conventos, Mosteiros, Collegios, e Hospícios, que Italia, França, e Inglaterra tem neste Reino, e nesta Corte, com muita edificação d'ella, e d'elle. Bem parece Portugal Reinô de Deos, e ainda que o mais pequeno da Europa, mimoso assim da Divina Providencia, como se para si só tomara, e construiu as palavras de Christo: «De que o pequeno rebanho teria a herança do seu Reino.» (1) Pequeno rebanho são os Portuguezes, menos em numero, que as ontras nações, mas tão favorecidos de Deos, que o Reino, que lhes deu, foi o seu Reino. Com este nome authorizou a Portugal o Rei dos Reis fallando desde o throno da Cruz ao primeiro Monarcha Portuguez no Campo de Ourique. Assim he seu este Imperio (2); assim deve ter n'elle a virtude o seu Seminario. Mas tenha agora esse nome pelos grandes hospedes, que vem a buscar nelle sagrado, e domicilio. Hospedes grandes na virtude, e nas letras (duas columnas, em que se sustenta, e com que se authoriza a Igreja) os Religiosos Irlandezes

(1) Nolite timere pusillus grex qui complacuit Patri vestro dare vobis regnum. Luc. 12.

(2) Volo in te, et semine tuo Imperium mihi stabilire.

da Ordem dos Prégadores. D'estes, como assistentes n'esta Provincia, ou da Casa, que tem nella, daremos, e devemos dar noticia, ainda que recopilada, como tambem das Religiosas Irlandezas, e da sua Casa, de que foi fundador o Mestre Fr. Domingos do Rosario, da mesma nação, varão de espirito verdadeiramente apostolico. Tudo são noticias, de que he acredora esta Provincia, como ellas do lavor, e trabalho da nossa penna.

Corria o anno de 1658, quando o Mestre Fr. Domingos do Rosario (de que depois daremos maior noticia) chegou a Portugal com dous companheiros, e bem recebido nesta Provincia, e hospedado em S. Domingos de Lisboa, alcançou da Rainha Dona Luiza de Gusmão, que por morte de El-Rei D. João o quarto, governava este Reino, licença, para levantar hum Collegio para os Religiosos de Irlanda. Propunha a esta Senhora: «Que o Reino de Irlanda estava destituido de Ministros evangelicos, desde o tempo de Henrique VIII de Inglaterra, e da Rainha Isabela sua filha, impios flagellos dos Catholicos. Que alguns Religiosos Dominicicos, destemidos ao ameaço do garrote, e do cutello, tinhão ficado escondidos, e disfarçados, para alimentar os filhos da Igreja, que a reconhecerão Mãi, ainda perseguida. Que estes Padres com grande trabalho, e risco, industriavão na Fé, e depois lançavão o habito, e professavão a alguns moços nobres de melhor genio, e partes, e espalhando-os depois pelas Provincias de Italia, e França, em que se cultivassem nas letras, e regular observancia, os capacitavão, para voltarem Missionarios de sua patria. Que este motivo o trazia a Portugal (como a centro da piedade, e da religião) para alcançar a licença de levantar hum Collegio, em que esses Religiosos Irlandezes achassem doutrina, e gasalhado. Que no tempo calamitoso de Castella não arribara a sua pertençaõ mais, que a conseguír hum Hospicio, em que havia trinta annos, que se padecião descommodos na estreiteza das casas, pouco retiradas do trafego do povo para a continuação dos seus estudos, e exercicios religiosos.» Razões todas propostas, e ordenadas pelo Mestre Fr. Domingos, talento, que avultava muito, assim nas estimações da Rainha, como de toda a nobreza, porque erão n'elle iguaes a reforma, o juizo, as letras, e as noticias.

Mandou a Rainha passar a licença, para que se podesse fundar Collegio em qualquer sitio da Corte, que podesse ter até cincoenta Religiosos, e de renda até cinco mil cruzados: e como nesta Senhora erão nativos o zelo, e a grandeza, dotou logo de rendas perpetuas o Collegio,

e offereceo o preço, porque se comprasse o sitio. Achou-se este em hum pedaço de campo livre, e direito, que corre entre o Remolares, e o Corpo Santo. Aqui se levantou o Collegio, com a frontaria, e porta da Igreja no terreiro da Corte Real. He a casa na architectura de pouca fabrica, antes de quem fundava aula, que vivenda; ou antes de quem lavrava armazem para prover os soldados de Christo, que palacio para os recolher com descanso, e regalo.

Achado o sitio, e comprado, não sem grandes difficuldades, que depois crescerão em embargos de partes interessadas n'elle, mas desarmado tudo com suavidade da Provincia, que favorecia tão santa obra, se decretou o dia para se lançar a primeira pedra (que foi em hum domingo 4 de Maio de 1659). Lião-se n'ella gravadas estas letras :

«A Sacra Real Magestade da Rainha de Portugal Dona Luiza de Gusmão, fundou este Mosteiro para os Religiosos Irlandezes de S. Domingos, dedicado a nossa Senhora do Rosario, e ao Patriarcha S. Domingos, em 4 de Maio de 1659.»

Fez a cerimonia o Bispo de Targa, e eleito de Lamego D. Francisco de Soutomayor; assistirão os Inquisidores, Ministros de Tribunaes, Prelados, e pessoas mais notaveis; a Commuidade de S. Domingos de Lisboa, musica da Capella Real, sermão do Mestre Fr. Fernando Sueiro, Prégador del-Rei. Concorreo toda a nobreza da Corte, muito povo, alvoroçados todos de verem melhorar de hospedagem os Religiosos; assim os tinha seu procedimento, seu prestimo, e suas letras, bemquistos. Vinhão já os Religiosos em forma de Collegio. Continuarão-se com calor os estudos, e não menos, nas vagantes d'elles, os exercicios do coro, e confessionario. Assim se começarão a criar aquelles destemidos espiritos, destinados a hir arvorar os estandartes da Fè nas campanhas da heresia. Assim começou este Seminario de letras, e virtude a povoar o Reino da Irlanda de zelosos Missionarios, conhecendo-se grande fructo na seara evangelica, regada com o sangue de muitos, de que daremos breve noticia, não reduzindo a numero os que consumirão a vida no exercicio apostolico da doutrina, administração dos sacramentos, e consolação de Catholicos affligidos, e desamparados.

Forão os Martyres, e os Mestres, que este Collegio tem dado ao Ceo,

e a Irlanda, vinte e nove; de alguns se sabe alguma singularidade. D'estes foi o primeiro o Padre Fr. Arturo Geochogan, que no anno de 1634 passando do Hospicio de Lisboa a Irlanda, foi preso por hum testemunho, maquinado pelos hereges. Sentencearão-no á morte de garrote, e meio vivo lhe tirarão o coração, e entranhas, que lançadas no lume por hum blasfemo, lhe tremeo, e se lhe desconjuntou o braço, com que o tinha feito, e dando-lhe huma cruel dor nas entranhas, perdeu a vida em poucas horas. Lançadas no fogo as entranhas, despedirão de si tão activa, e suave fragrança, que admirados os mesmos hereges, forão as primeiras testemunhas d'ella; prodigios, que obrigarão a El-Rei Carlos I (com quem testemunharão traidor ao Padre Arturo) a que de novo se examinasse o delicto, e achada sua innocencia, se puzessem editaes para publical-a. Confessarão-na tambem os Ministros, porque hum dos que lhe derão sentença, quebrou por modo extraordinario huma perna no mesmo dia.

Foi o segundo Martyr o Padre Fr. Giraldo Dillon, de illustre nascimento, e singulares prendas; vivera este Padre alguns annos no Collegio, sendo Vigario, e passando a Inglaterra, e achando-sê em Londres, acompanhou a Carlos I quando entrou a subjugar os hereges. Deo-lhês batalha junto á Cidade Eboracence, em que os Parlamentarios ficarão vitoriosos. Aqui foi preso o Padre Fr. Giraldo, e conhecendo os inimigos da Fé, que era Religioso, o meterão em hum carcere escuro, aonde negando-lhe todo o sustento, acabou a vida ás vagarosas, e tyrannas mãos da falta d'elle.

Com mais violento martyrio coroou a sua o Padre Presentado Fr. Lourenço Ofarail, de igual nobreza; fora Reitor do Collegio, de donde passou á sua patria, Irlanda, e occupado pelo Nuncio Apostolico d'ella (João Bautista Renumecino, Arcebispo, e Principe de Fermo) derão com elle de improviso os hereges, e achando-lhe algumas cartas, tocantes a importancias de Fé, foi sentenciado á morte, e cuberto primeiro de violentos golpes, de duros e grossos bastões, e quasi sem vida, atado a hum masto, o fizerão alvo de muita mosquetaria. E porque o Ceo lhe dilatava ainda a vida, para lhe accrescentar a coroa, o atravessarão com huma espada, e passou a recebela.

Soube-a tambem merecer o Padre Mestre Fr. Thaddeo, por geração illustre, mas ainda mais pela grande reputação em letras, e virtude. Este Padre, depois de viver alguns annos no Collegio, passou a Irlanda,

em que foi Prior do Convento Traliense, na provincia de Momonia, em que se estendeo a fama de seu grande zelo em conservar, e augmentar a Fé. Convidou esta voz a diligencia, e odio dos hereges. Prenderão-no com industria, e chamado a Tribunal, e perguntado pelos Juizes, porque quebrara as ordens do Parlamento, que mandara sahir do Reino a todos os Ecclesiasticos? Respondeo com liberdade, e inteireza apostolica: «Porque tenho mais obrigação de obedecer a Deos, e a quem na terra tem as suas vezes, que me ordenou, que não desistisse do meu ministerio, que não a mandado de algum homem.» Com esta confissão o sentecarão á morte; nova, que elle ouviu com alvoroço, repartiu-o em alviças com quem lh'a deu, e com os algozes. o que lhe tinham dado de esmola para suas necessidades. Foi condemnado a garrote, e suspendendo-se ao pé da forca com inflexivel animo, e coração, não só destemido, mas inflamado em superior fogo, fez hum largo sermão em louvor da Religião Catholica, porque dava a vida. Ponderou a brevidade d'ella, propondo a formidavel incerteza da sua ultima hora (e como outro André engrandecendo a Cruz (1) que foi seu patibulo) louvou, e engrandeceo o martyrio, e segurança do caminho, com que d'elle se passava ao immortal triumpho. Assim acabou constantemente a vida, deixando admirado o innumeravel povo, que correo ao spectaculo, especialmente aos circumstantes, e algozes, vendo que se lhe trocava, e vestia o rosto (de seco, e macilento do rigor do carcere) em huma nova gentileza, que parecia mais que humana. Foi seu martyrio em Outubro de 1633.

Mas tenha esta Provincia a gloria de dar ás bandeiras de Christo n'aquelle Reino hum soldado, não só criado, mas filho d'ella, porque o foi de habito do Convento de Bemfica. Foi este o Padre Fr. Mileno Matrah, que na profissão, e Provincia de Portugal se chamou Fr. Miguel do Rosario. Estudou em S. Domingos de Lisboa. Passou logo para o seu Collegio, e depois de alguns annos, para Irlanda, assim inflamado no zelo do exercicio apostolico, que sabendo, que faltava Ministro d'elle na cidade de Cluonmilia, dominada dos hereges, entrou n'ella desconhecido, consolando os Catholicos, e ministrando os Sacramentos, occupação, em que apanhado pelos inimigos da Fé, foi logo levado ao

(1) Cum Argeas Crucis extollentem mysteria... diutius ferre non posset, iu Crucem tolli, et Christi mortem imitari jussit. Ex festo S. André Ap.

afrontoso patibulo da forca, e fazendo primeiro ao pé d'ella huma practica (em que protestou, que o não trouxera áquella cidade, mais que a obrigação de Missionario, sem entrar em importancias de governo) acabou a vida para merecer a eterna.

Buscou-a pelo mesmo difficil caminho o Padre Fr. Ambrosio Ochail, que depois de gastar alguns annos no Collegio, se embarcou, e passou a Irlanda, em tempo, em que a guerra dos hereges contra os Catholicos andava mais acceza. Acompanhou o campo Catholico, ministrando os Sacramentos, e frequentando practicas aos soldados; e sendo cativo em huma escaramuça, que houve junto á cidade de Correagia, dando os hereges quartel aos mais presos, sabendo que elle era Religioso, o fizerão logo em pedaços, que espalharão pelo campo, para sustento dos corvos. Crueldade (de que pela boca de David se queixava a Igreja) usada com seus benemeritos, e fidelissimos filhos; e gloria grande d'este, que o mereceo ser com similhante morte.

A estes Martyres ás mãos da crueldade, podemos ajuntar dous, que o forão ás executivas da peste, expondo-se aos seus golpes, por acudir, e remediar os Catholicos, que em Irlanda perecião feridos d'ella. Forão estes os Padres Fr. Miguel Claro, e Fr. Gerardo Bagote, ambos collegiaes d'este Collegio. Mas coroemos a noticia d'elle com as de seu fundador, o Mestre Fr. Domingos do Rosario, benemerito d'esta memoria, não só para credito d'esta Casa, mas porque o foi da Religião com sua vida.

Nasceo o Mestre Fr. Domingos do Rosario na Provincia de Mamonía, em Irlanda, em hum logar chamado Quilsarcon, no Condado de Quieris. Forão seus pais illustres tanto no sangue, como na piedade, e pareceo o fillio assim como premio d'esta, gloria d'aquelle. Criado na doutrina christãa, e mostrando singular indole para os estudos, passou a Hespanha, aonde conhecida sua qualidade, e talento, recebeu o habito de S. Domingos na cidade de Lugo. Professou; e servindo de edificação aos Religiosos, passou a estudar em S. Paulo de Burgos, sabindo hum grande Theologo, e (continuando nos exercicios religiosos) hum exemplar do seu estado. Leo as Cadeiras de Filosofia, e Theologia, e passando a Irlanda, foi mandado pelo Provincial d'aquelle Provincia, por Lente do Collegio de Lovaina, aonde assistio alguns annos, até que o mesmo Provincial o mandou á Corte de Madrid com requerimento justo (como depois bem despachado) sobre importancias d'aquelle Collegio.

Da Corte de Madrid passou a Portugal, á de Lisboa, a pertender a fundação de hum Collegio, que conseguiu, como já vimos, atropelando contrariedades, e alcançando licenças assim da Rainha regente, como do Colleiitor, e Arcebispo, a que todos era mui aceito. Fez aceitar o Collegio pela Ordem no anno de 1644 no Capitulo celebrado em Roma, em que sabio eleito em Mestre Geral o Reverendissimo Frei Thomaz Turco, e n'este Capitulo lhe derão e patente de Mestre em Theologia. De Lisboa voltou a Madrid, em pertençaõ da licença para a fundação do Mosteiro do Bom Successo, como adiante veremos.

Erão iguaes n'elle as letras, e a virtude, como a liberdade apostolica, com que sabia fallar as verdades aos Principes; qualidades, que o puzerão em grande reputação com os Monarchas Portuguezes. A Rainha Dona Luiza o fez seu Confessor; el-Rei D. João o quarto o mandou a França com duas enviaturas; concluiu com felicidade a importancia d'ellas, ganhando com os Reis Christianissimos agrado, estimação, e singulares honras. No meio do commum applauso, e d'estas demonstrações, com que o authorisava o mundo, o achavão sepultado no centro da humildade. Escutava-se no singelo de sua pratica, via-se no trato de sua pessoa, porque em quasi todas suas peregrinações, e jornadas, o vião caminhar a pé, valendo-se de hum bordão para o canção, e de pedir pelas portas para o sustento. Toda sua ancia era o augmento da Fé, e da veneração, e culto de Deos. Tinha singular modo para reduzir, e afeiçãoar a ella; zelo, que o fez Consultor do Santo Officio (occupação rara n'aquelle tempo) para que o chamou o Inquisidor geral D. Antonio de Soutomaior.

Observante das Constituições, nunca comeo carne, sempre vestio lã. Frequentava a oração, continuava os jejuns, ajudados de rigorosa disciplina. Servia-lhe de cama o pavimento da Igreja, ou na cella o duro de alguma taboa. Escusou-se com isenção apostolica ao titulo de Bispo de Tangere, com assistencia, e rendas na Corte. Regeitou a mitra de Primaz da India, que huma cousa, e outra lhe offerecia el-Rei Dom João o quarto, até que falecido el-Rei houve de aceitar o Bispado de Coimbra, para acodir ás duas fundações, de que tinha o governo, e necessitavão de soccorro, mais que para utilidade sua, porque se via reduzido a estado por annos, e doença, que sem duvida o aceitou, por se ver em vespas de o deixar. Succedeo assim, porque só oito mezes contou mais de vida, antes de purgatorio, com rigoroso achaque, que lh'a ti-

rou, mas tão confôrme com elle, que se conjecturou a melhor, que mereceo. Acabou em trinta de Junho de 1662, deixando a todos geralmente sentidos, aos seus desamparados, e saudosos. Seu corpo foi sepultado com pompa, e concurso popular, e demonstrações de veneração, merecida de sua vida, e exercicios d'ella. Cobre-lhe em seu mesmo Collegio a sepultura huma grande pedra com estas letras:

*Hic jacet Venerabilis Pater Magister Frater Dominicus de Rosario Hybernus, hujus, et Conventus Monialium Boni Successus Fundator. In variis Regum legationibus felix, Episcopus Conimbricensis electus, vir prudentia, literis, et Religione Conspicuus.*

*Obiit trigesimo Junii. Anno Domini 1662. Aetatis suae sexagesimo septimo.*

Este foi o Mestre Fr. Domingos do Rosario, varão desejado de muitos seculos, Irlandez por nascimento, e patria, Portuguez por amor, e assistencia, a quem a Religião dos Prêgadores deveo a fundação fructuosa de duas casas, Seminario de Martyres, e Virgens; ou Hospicios, em que os generosos espiritos de huns, e outros não descantarão, mas se detiverão a merecer os eternos socegos da patria, a que passarão pelo estreito caminho do martyrio, e da penitencia. Já vimos a fundação do Collegio de nossa Senhora do Rosario, vejamos agora a do Mosteiro de nossa Senhora do Bom Successo.

## CAPITULO XVIII

*Fundação do Mosteiro do Bom Successo. Entra o Mestre Fr. Domingos em pensamentos da nova fundação. Abre-se-lhe prodigiosamente caminho para ella. Sobrecrescem embaraços; maior o da licença d'el-Rei. Vencem-se todos.*

Ferião continuamente nos ouvidos do Mestre Frei Domingos os brados (de que não estava longe sua compaixão) da Christandade de Irlanda, que gemia desamparada debaixo do flagello da heresia. Assim

dominava, e affligia esta cinco dilatadas Províncias, que antigamente forão Reinos, em que florescia a Fé, que agora se via pisada dos apostatas sacrilegos, que lhe arrancavão tyrannamente dos peitos os miseraveis filhos. Já para os mais retiros, que escapavão da perseguição, lhe negoceara o Mestre Fr. Domingos hum sagrado, fundando-lhes o Collegio. Restava-lhe agora maior cuidado no desamparo, e afflicção das donzellas d'aquelle Reino (do mais escolhido da nobreza d'elle) cada dia orfãs, perdendo os pais, a que a astucia, e pravidade heretica, impondo falsamente labeo de traidores, tiravão as vidas, saboreando o fim de extinguir a Fé, com o de lhes roubarem as fazendas; e passando muitas vezes, e vencendo a crueldade a ambição, não se fartando com fazendas, e vidas, exercitava nos corpos dos miseraveis as carnicarias do rancor, e do odio. A huns abrião, e arrancando-lhe as entranhas, lhe lançavão os palpitantes corações em ardentes fogueiras; outros deixavão pendurados em infames patibulos; outros fazião em quartos, repartindo-os pelos lugares publicos, para medonho aviso, e ameaço dos Catholicos. Estes erão os espectaculos, que continuamente se offerecião aos olhos das desamparadas fillias, bastantes a atemorisar maiores constancias, que as que promettião sexo fragil, poucos annos, e esses mimosos, e delicados.

Neste perigo urgente de abraçarem a heresia, por fugir á perseguição, de terem difficultoso, e quasi impossivel recurso aos ministros da Fé, em poder de parentes hereges, e com os fios da espada. posta a instante na garganta, considerava o bom Padre as donzellas illustres de sua patria, e entrou comsigo em huma empreza, que entendeo lhe custaria menos, que esta agonia. Intentou lavar huma Casa, que fosse sagrado para aquellas perseguidas, sem mais conselho em tão grande obra, que levantar os olhos á Divina Providencia. Assim encommendou o negocio a Deos; mas crescião os embaraços, quanto mais se meditava a resolução. Era o primeiro as poucas, ou nenhuma possesses, e a grandeza do que se emprendia. Não se achar sitio na cidade, casa, ou quinta nas visinhanças d'ella, de que podesse lançar mão a vigilancia. Mas o que superava todos era o conseguir licença para a fundação nova (e mais para estrangeiros) em tempo, e em materia, em que os naturaes, e mais poderosos escutavão cada dia desenganos. Mas o Ceo, que lhe aconselhara a resolução, lhe foi dando luz para entrar n'ella. Devia o Mestre Fr. Domingos grandes demonstrações de liberalidade caritativa a Dona

Catharina Telles de Menezes, Senhora de Barbacena (que já tinha desempenhado sua generosidade piedosa na fundação do Collegio): communicou-lhe agora os seus novos intentos, e a grande força dos seus motivos, que approvados de Dona Catharina, lhe prometteo quatro mil cruzados para a compra do sitio do Mosteiro.

Com este primeiro arrimo começou o Padre a caminhar mais alentado nas suas esperanças, logo mais favorecidas de Dona Marianna de Mello (donzella illustre, discipula de seu espirito, e exemplo) filha mais velha de três, que teve Ruy de Mello de Sampaio, Fidalgo bem conhecido por sua nobreza, e pessoa. Communicou o Padre a sua empreza a Dona Marianna, que ouvindo-a com alvoroço (por mais que o Padre queria meter tempo em meio) lhe prometteo logo, que seria a primeira, que entrasse na santa Clausura, melhorando de esposo, e fugindo ao que seu pai lhe propunha, porque não tendo filho, entrava em cuidados de fazer n'ella casa. Com os mesmos intentos de se recolher a huma Recoleta Franciscana, se achava sua irmã Dona Luiza de Mello, que convidada agora por ella, para a acompanhar na fundação nova (pratica que o Padre movera, presentes ambas) se escusou logo com a vida, que em seu pensamento escolhera. Acodio o Padre (como se fallara illustrado) e disse-lhe: «Que o por-se nas mãos de Deos, era o mais seguro, porque só n'elle se achavão verdadeira luz, e caminho.» Fel-o assim Dona Luiza, e estando huma noite em oração (exercício em que se criara) reparando em si mesma, se viu vestida em hum habito Dominicó. O parecer-lhe illusão, lhe acrescentou o reparo, e seguir-se a este o desengano de que era assim o que estava vendo. Não se fiava ella de hum claro juizo, de que o Ceo a dotara, e propoz o caso ao Mestre Fr. Domingos, e a alguns Theologos Dominicos, e da Companhia, que reconhecendo a pureza de sua vida, e exercicios d'ella, assentarão, que reconhecesse aquella representação por conselho, e aviso do Ceo.

Achavão-se já n'este tempo estas duas irmãs (em companhia de outra) em Santos, nobre Mosteiro das Commendadeiras da Ordem de Santiago, no caminho de Xabregas, pouco distante de Lisboa, casa, a que se tinham recolhido por morte de seu pai Ruy de Mello. Alli grangearão nova povoadora para a fundação futura, em que ambas tinham feito voto de sepultar a vida. Foi a nova convidada, Dona Magdalena da Silva (filha de D. Manoel de Menezes, tão illustre, como o diz o seu appellido) por mais que ao principio mostrou alguma repugnancia; tão mysterio-

samente vencida, que tomando o Padre por director de sua alma, foi a cooperadora de mais importancia, que teve esta empreza. Assim se achava já o Padre com quatro Freiras em promessa, porque a terceira filha de Ruy de Mello (que estava com as irmãs na mesma casa de Santos, e se chamava Dona Angelica de Mello) abraçara a mesma resolução, e com o mesmo gosto. Todas erão illustres por nascimento, singulares por prendas da natureza, e com algum cabedal, o maior de virtudes. Mas fazendo o Padre grandes diligencias em descobrir, e eleger sitio tão infrutuoso, que de algum modo afrouxava a resolução das que procuravam este genero de vida; cuidado, que trazia ao Padre tão afflicto, como o que entendia o poder, que tinha o tempo para esfriar vontades, e enfraquecer resoluções grandes, porque nas suspensões se lhe divisavam melhor as difficuldades. Mas acodio-lhe o Ceo, facilitando-lhe esta: porque tendo Dona Magdalena noticia, muito acaso, de que a Condessa da Atalaia tinha desejo de consagrar a Deos, para casa sua, huma quinta, e muita fazenda, de que era senhora, entrou em praticas com ella, tendo por medianeira a Condessa de Sabugal Dona Luiza Coutinho, mulher do Conde de Sabugal, D. Francisco de Castello Branco, Meirinho mór; e sendo o intento assaz difficultoso por outras fundações, em que a Condessa da Atalaia tinha entrado sem effeito, se reduzio agora a elle com tanta felicidade, que em breves dias se virão facilitados embaraços, que o não promettião em muitos annos, e o Mestre Fr. Domingos de posse de hum tal sitio, que antes, que achado, parecia escolhido.

Corria o anno de 1630, quando acompanhado do Presentado Fr. Pedro Yannes (Religioso da Ordem, de nação Hespanhol, e ao presente Prelado do novo Collegio) partio d'esta Corte de Lisboa para a de Madrid o Mestre Fr. Domingos, fiado em algumas cartas de favor, e da grande entrada, que seu companheiro tinha com os Ministros de maior supplicação d'aquella Coroa, para que se facilitasse a licença da nova fundação; empreza, que só o Ceo podia aconselhar á vista das repulsas, com que semelhantes supplicas se vião ao presente, ou entretidas com vagarosas esperanças, ou de todo desenganadas. Mas o Mestre Fr. Domingos, pratico nos caminhos de Deos, não suspendia os passos por temer os abrolhos, entendendo, que a resolução de os pizar havia de merecer o valor para os vencer. Chegarão a Madrid, buscarão os Ministros, propuzerão a el-Rei Philippe IV de Castella, e III em Portugal, a sua pertença, que escutando-a com bom semblante, a mandou pôr em Conse-

lho, que os favoreceo com o despacho de lhes não dilatar o desengano. Não esperou mais o Padre; entendeo, que o Ceo se não servia de seu zelo; a sen pouco espirito attribuia a infelicidade do successo. Escreveo logo a Lisboa, dando noticia d'elle a Dona Magdalena, e desobrigando-a da sua palavra, como ás mais, que se tinham obrigado por ella. pois Deos assim o dispunha; e que sem duvida as melhoraria a sua Providencia. Não se affligirão as boas Senhoras com a carta, antes responderão ao Padre, que nada innovarião até o não verem em Lisboa; mas que lhe pedião, que não levantasse mão da diligencia, ainda supposta a repulsa. Não fundavão menos que no Ceo a sua esperança, porque parece, que elle mesmo lh'a dera. Foi o caso referido depois pelo Mestre Fr. Domingos, como o que tinha tanta noticia de suas consciencias.

Antes que o Padre partisse para Madrid, não faltarão pessoas, e de maior supposição, que o despersuadião da jornada, tendo-a por infructifera. Mas sendo sempre de contrario parecer, as constantes discipulas lhe requerião da parte de Deos, que fosse, porque a duas d'ellas (isto lhe communicavão, e não se soube nunca dos nomes) illustrara o Senhor, dando-lhe a entender: «Que teria effeito a nova fundação: que concorrerão a ella muitas Religiosas, mostrando-se-lhe gloriosas capellas, com que a Rainha do Ceo, e seu bemdito Filho havia de premiar suas esposas; que o Mestre Fr. Domingos veria a Casa em sua perfeita religião, e observancia; e que, falecidas primeiro n'ella cinco Religiosas, acabaria a vida.» O que tudo se vio com experiencia. Mas voltando a Madrid, com a reposta, e constancia das boas filhas, tornou o Padre a resuscitar a sua pertença com desagrado dos Ministros, dos quaes aconselhado Fr. Pedro Yannes (a que o Padre Mestre obedecia, como a Prelado da sua consciencia) lhe mandou, que logo desistisse da empreza, e passasse a Portugal para o lugar de Vigario do seu Collegio, que tanto necessitaria de tal Prelado. Não houve replica, dispunha-se a jornada, quando na vespera d'ella entrou na Igreja do Collegio de Santo Thomaz de Madrid (em que o Padre se detinha orando) huma mulher de aspecto veneravel, e trage honesto, e chegando-se a elle, lhe perguntou se assistia alli hum Religioso Irlandez, por nome Fr. Domingos do Rosario. Ao que dando-se a conhecer o Padre, e inquirindo a causa da pergunta, disse a mulher: «Padre, adverti (já que o sabeis) que a obediencia aos pais espirituaes não se deve observar com detrimento do bem commum, e causa geral. Tratai do negocio, que tendes entre mãos, que he muito

do serviço de Deos.» E dito isto, voltou sem dar mais reposta ao Padre, que lhe perguntara quem era.

Assim ficou entre alvoroçado, e suspenso; porque ainda que não ignorava que o conselho não era humano, via por outra parte que se lhe cerravão os caminhos de obedecel-o. Recorreo á oração, e differio com dissimulação a jornada por alguns dias. Praticava-se a este tempo nos conselhos d'aquelle Coroa com grande calor o intento d'el-Rei, que era levantar Terços, e escollier Cabos no Reino de Irlanda, para subsidios da guerra, que ao presente trazia com os rebeldes de Hollanda. Não se escondia a el-Rei a total noticia do Mestre Fr. Domingos, seu espirito, sua capacidade, sua qualidade (grande huma, e outra) sua patria, e o respeito, que conciliaria n'ella. Poz logo n'elle os olhos, e chamaudo-o a particulares conferencias, acabou de ajuizar, que para o que intentava, não se descobriria pessoa de mais importancia. Erão de muita as promessas, com que el-Rei o convidava: mas o bom Padre, que não aspirava a outra mais, que á que alli o detinha, propoz a sua antiga supplica da licença; a que el-Rei deferio logo; e interpondo sua Real palavra, despachou o Padre para Irlanda.

## CAPITULO XIX

*Volta o Mestre Fr. Domingos de Irlanda; alcança todas as licenças para a nova fundação. Dá-se noticia da revelação, que sobre ella teve huma Religiosa de virtude.*

De Madrid partio o Mestre Fr. Domingos para Biscaya, donde se embarcou, e passou a Irlanda, e em poucos dias á cidade de Lembric, provincia de Momonia: e como levava muito papel assignado por el-Rei, que fiava da sua capacidade a escolha dos sujeitos, e elle tinha noticia dos que poderião desempenhar a sua escolha, em poucos mezes satisfez a commissão com tanta fortuna, como depois se conheceo por experiencia: e praticando com as Senhoras d'aquelle Reino (as mais, parentas suas) sobre o interesse das perseguidas, na fundação nova, lhes facilitou o caminho para que, havendo occasião, se rêtirassem a ella. Passou logo a Madrid, merecendo a graça d'el-Rei, que se deu por bem servido (inteirados já os Ministros do que o Mestre Fr. Domingos tinha obrado) mas entrando elle no requerimento da licença, assim disputarão elles sobre

ella, que, ainda mediando a palavra Real, durou a duvida; e querendo satisfazer ao Padre, lhe offerecerão huma Mitra, e os dotes para quatro sobrinhas suas entrarem em Religião; offertas, que elle teve em menos, porque o não trazião empenhado interesses proprios. Assim foi seu animo milagre n'aquella Corte, despido de cubiça, e revestido de constancia. Nada negocearão com elle promessas; mandou-lhe el-Rei passar a licença. He a seguinte no nosso idioma, lançada aqui como se lê no original, e como devem fazer os Chronistas, para authorizarem seus escritos, valendo menos a censura com que nos seus quiz certo Author condemnar ao Padre Fr. Luiz de Sousa (com quem devia trocar em veneração a competencia) que occupava as paginas dos livros com as Provisões, e Alvarás, nas fundações dos Conventos; sem advertir este Author, que não era penuria de assumptos, nem industria de alargar a letra para avultar tomos, mas conhecimento de que as Provisões são para semelhantes edificios as primeiras, e para a verdade, e credito d'elles, as mais precisas testemunhas. Diz o Alvará:

«Eu el-Rei faço saber aos que este Alvará virem, que, por quanto Fr. Domingos do Rosario, da Ordem de S. Domingos, Qualificador do Santo Officio da Inquisição, Commissario geral da Missão de Irlanda, me representou, que he tanta a perseguição, que padece o dito Reino, de muitos annos a esta parte, por razão de nossa Santa Fé Catholica, sem por isso haver afrouxado hum ponto n'ella, que em nome do dito Reino recorria a mim Protector d'ella, para que fosse servido de assentar, e favorecer os Catholicos d'aquelle Reino, no que houver lugar, pedindo-me que, por quanto não se lhe permite que n'elle haja Convento algum, por cuja causa padecem muita necessidade, e descommoidade as pessoas nobres, que não tem dote, nem possibilidade para casar suas filhas, com que ficão toda a vida sem estado, lhe faça mercê dar licença, para que na Cidade de Lisboa, ou seu termo, possa fundar hum Mosteiro de Freiras da mesma Ordem de S. Domingos, pois he tão grande serviço de Deos, e consolação d'aquelle Christandade, concedendo-lhe que possão aceitar quaesquer doações, e esmolas, que se lhe derem para a dita fundação. E tendo eu consideração ao fim referido, e por outros justos respeitos, hei por bem, e me praz, conceder licença ao dito Fr. Domingos do Rosario, para fundar hum Convento de Irlandezes na Cidade de Lisboa, ou seu termo, no qual poderá haver numero de cin-

coenta Religiosas, e ter de renda até cinco mil cruzados, em juro, ou, pelo menos, ametade, e o mais em bens de raiz. E da permissão d'esta fundação se pagou de mea Annata seis ducados, e pelo que mais tocar á mea Annata, da renda, e calidade d'ella, se deu fiança de pagar o que se dever. Pelo que mando a todos, e a quaesquer Ministros, Officiaes, e pessoas de qualquer calidade, estado, ou condição, que sejão, a que o conhecimento d'esta pertencer, que a cumprão, e guardem, e fação cumprir, e guardar como n'ella se contém, sem embargo de quaesquer leis, que em contrario haja, que todas por esta vez hei por expressas, e derogadas, ainda que sejão de calidade, que d'ellas se deva fazer expressa menção; e valerá, posto que seu effeito haja de durar mais de hum anno, sem embargo da Ordenação do livro segundo, titulo 40. Martim de Figueiredo Sarmento a fez em Madrid, aos 21 dias do mez de Março de 1639 annos. Diogo Soares a fez escrever.»—REY.

Aqui começarão a trocar-se as esperanças do Mestre Fr. Domingos em alvoroços, em que repetia ao Senhor muitas graças, de lhe acabar de desembaraçar aquella venturosa estrada, porque queria conduzir suas esposas ao thalamo da eterna felicidade. Tambem o foi para elle o achar a este tempo na Corte de Madrid ao veneravel Padre Mestre Fr. João de Vasconcellos, Provincial então da Provincia de Portugal, que, como muito familiar do Mestre Fr. Domingos, festejou a licença conseguida, e deu a sua, para haver a nova fundação na Provincia. E porque n'esta licença se exprime a estreiteza, e regular observancia, com que se fundou esta Recoleta, a lançamos aqui para maior clareza da historia. Diz assim a licença:

«Nós o Mestre Fr. João de Vasconcellos, Prégador de Sua Magestade, do seu Conselho, e do Gera? da Inquisição, e Prior Provincial da Ordem dos Prégadores, nos Reinos de Portugal, por quanto o Padre Fr. Domingos do Rosario, Irlandez de nação, e Religioso da dita nossa Ordem, nos representou os grandes trabalhos, que de annos a esta parte padece o Reino de Irlanda, com continuas perseguições dos hereges, sem poder fundar Casa alguma, ou Mosteiro, aonde em Communidade possam viver as pessoas devotas, que se querem dedicar, e consagrar ao serviço de Deos nosso Senhor; no que passão grandes incommodidades, particularmente as Senhoras, e mulheres nobres, que ou por inspiração

de Deos, ou por não poderem casar conforme sua calidade, fição toda a vida sem estado nenhum, não sem perigo da offensa de Deos, e do credito de sua nobreza. E por quanto outro si, o dito Padre Fr. Domingos do Rosario tem achado pessoas nobres, e pias de nossos Reinos, que com liberalidade, e charidade Christãa, offerecem, e dão suas fazendas para se fazer hum Mosteiro de Freiras recoletas, e mui observantes, para recolhimento das mulheres illustres da dita nação Irlanzeza; deseosos nós de favorecer tão pios intentos, dando todo o favor, que n'esta parte podemos: pela presente, damos licença ao dito Padre Presentado Fr. Domingos do Rosario, para fundar hum Mosteiro de nossa Sagrada Religião na Cidade de Lisboa, ou seu termo, e districto: aonde achar sitio accomodado para a dita fundação, com as condições seguintes. Primeiramente, que o dito Mosteiro seja sempre recoleto, e muito pontual na observancia de nossas leis, e Sagradas Constituições: que nenhuma Religiosa de qualquer calidade, que seja, possa ter algum tempo deposito, nem fazenda alguma, mais do que lhe der a Commuidade, e que muito menos possa ter rendas, nem cousa annual. Segunda, que nunca poderão comer carne, nem trazer pano de linho, senão em enfermidades graves. Que tenham sempre Coro, donde em Commuidade se dirão todas as Horas do Officio Divino, e o Rosario da Virgem. Que não possam ter locutorios, nem grades abertas para fallar a pessoa alguma, salvo a parentes muito chegados, dentro no terceiro grão, ou alguma vez, ou por algum fim de grande importancia, de charidade, ou de serviço de Deos, e com expressa licença dos Prelados, e da Prioreza, para as quaes cousas acima referidas, e juntamente, para de novo estabelecer quaesquer Estatutos, e leis conducentes á dita observancia regular, damos, e concedemos ao dito Padre Presentado Fr. Domingos do Rosario toda nossa authoridade, e plenaria faculdade; e outro si lhe damos poder para obrigar as Religiosas, que no dito Mosteiro sub qualquer protesto viverem, com preceitos, e censuras, a guardar tudo acima referido. E para alcançar quaesquer doações, ou esmolas de bens moveis, ou de raiz, e para fazer obras, e comprar sitio, e casas para a tal fundação, e em geral para celebrar quaesquer escrituras, contratos, e concertos pertencentes de qualquer maneira ao dito Mosteiro, com todas as mais faculdades no espirital, e temporal, que para seu bom governo forem necessarias. Dada em Madrid, a 15 de Junho de 1639.»—*Fr. João de Vasconcellos, Prior Provincial.*

Com estes despachos voltou o Mestre Fr. Domingos para Portugal, favorecido em tudo do Mestre Fr. João de Vasconcellos, como se vê no copioso da licença, que lhe passava como Commissario, que era com todas as vezes do Reverendissimo (e constituido por elle) do Collegio, e Mosteiro futuro de Religiosas, e Religiosos Irlandezes. Foi o Mestre Fr. Domingos bem recebido da Condessa da Atalaya, e das Religiosas em promessa, as trez filhas de Ruy de Mello, e Dona Magdalena da Silva, que havia seis annos, que sustentavão os santos propositos na esperança já venturosa com a visinhança da coroa. Era pelos annos de 1639 quando entrou o Padre em pensamentos, e diligencias de Religiosas fundadoras. Desejava, que viessem do Mosteiro do Sacramento, oraculo da virtude, e observancia, como de outros Mosteiros, escolha de seu espirito, e experiencia; mas escusando-se estas com encolhimento religioso, houve de accomodar-se com duas de outra Casa, ainda que com a mesma sufficiencia. Vierão de S. João de Setuval, por ordem do Provincial, o veneravel Padre Mestre Fr. João de Vasconcellos, a Madre Sor Anna da Conceição, e a Madre Sor Antonia Theresa de Jesus. As mais esperavão o dia da entrada, e determinava o Mestre Fr. Domingos, que as acompanhasse n'ella huma irmã do Marquez de Montalvão, chamada Sor Francisca da Cruz, Religiosa no Mosteiro da Annunciada de Lisboa, pessoa de grande opinião, com quem o Padre tinha assentado a entrada; e alcançada a licença para a mudança, lhe fazia agora aviso do dia. Mas oppoz-se a Prelada, e o Confessor da Casa (que sabião avaliar o thesouro, que esta guardava em Sor Francisca); desengano, e embaraço, que ella sentio, e com que respondeo ao Mestre Fr. Domingos, dando-lhe noticia de huma visão, que tivera (sobre o orago da Casa, e nome, que se acabava de pôr á fundação nova): de que o mesmo Padre, como director de sua consciencia, tivera já noticia, mas pedia-lh'a agora, e de sua mesma letra, para mostrar a razão de se resolver no titulo da Casa, para ficar no Cartorio d'ella, aonde hoje se lê, e diz o seguinte:

«Por obedecer a Vossa Paternidade faço este apontamento; que os trabalhos, em que Deos me tem posto, são tão grandes por meus peccados, que não atino a nada, e isto fora melhor praticado, que apontado. Estando huma noite no coro, vi na Igreja duas pessoas hirem da grade do coro debaixo, passeando até á capella mór, e de lá tornarão para a mesma grade; ambas estas pessoas hião com o mesmo traje, e

toucado, com huns sceptros de prata, muitos fermosos, nas mãos, que eu cuidava, que erão espadas, porque tinhão muito fermosos cabos; e a huma d'estas pessoas não pude ver o rosto, á outra enxerguei todas as feições, e estava toucada com huma toalha branca desafastada do rosto, e a coroa em cima da cabeça; e como não era d'estas coroas costumadas, cuidava eu, que era toucado, isto era de noite, e a Igreja estava tão clara, como se fora de dia; parece-me ser isto sonho, porque eu estava afastada da grade, e via o que hia na Igreja, mui clara, e distinctamente, como se estivera acordada, ficou-me isto tão impresso na imaginação, que me deu muito em que cuidar. Isto foi quando prenderão o Colleitor; parece-me a mim, que significava isto fortaleza na Igreja de Deos. D'ahi a poucos dias me veio vossa Paternidade dizer se queria hir para esse Mosteiro, que dentro em trez dias fosse; tomei eu então isto, que vi por esta ida, porque me lembrou, que quando se fundou o Mosteiro do Sacramento, me escreveu o Padre Fr. João de Portugal, que lhe havia de dar hum sim, e que ainda que depois chovessem espadas nuas sobre mim, não havia de desistir; eu como cuidava, que estes sceptros erão espadas, parece-me, que me declarava nosso Senhor a firmeza, que eu havia de ter em hir; dei logo conta d'isto aos parentes, com grande determinação de não desistir d'isto, foi tanta a desconsolação de meus parentes, que m'ó estorvavão por todas as vias, que poderão, e a Prelada, e o Confessor todos se puzerão da parte dos parentes; andava eu com isto mui desconsolada, e afflicta, e sabia huma Freira, que eu andava assim, foi-se hum dia, estando eu no coro com bem de lagrimas, e levou-me hum resisto, e disse: «Não se desconsolle, que aqui lhe trago nossa Senhora do Bom Successo; encommende-se muito a ella; eu em lhe pondo os olhos, vi que era aquella pessoa, que eu tinha visto na Igreja. Fiquei toda traspassada, e como embaraçada, e muito confiada em esta Senhora me levar para esse Mosteiro, e ainda hoje não perco as esperanças de me fazer esta mercê, porque estou com muita fé nesta Senhora. Este retabolo dei a meu irmão, para levar consigo ao Brasil, pela grande fé que tenho n'esta Senhora; d'ahi a muitos dias soube que esse Mosteiro se chamava de nossa Senhora do Bom Successo, com que fiquei ainda com maiores desejos de a hir servir n'essa santa Casa.» Não diz mais o papel.

Chegou este ás mãos do Mestre Fr. Domingos, depois da entrada

das Religiosas, e elle o pediu para mostrar a todas o como aquella Senhora buscava povoadoras para a sua Casa, e como o titulo de Bom Successo, que tinham nella, parecia mais que escolha humana. Não se deve dar credito ligeiramente a revelações, menos os homens doutos, e timoratos; mas tambem não devem estes desconhecer, que pode Deos escolher as consciencias puras para interpretes da sua vontade: e como declarar Orago a huma Casa, he devoção, e escolha pia, quiz o Mestre Fr. Domingos, que esta Casa tivesse o titulo do Bom Successo, attendendo ao que a Sor Francisca tinha ouvido.

Tambem ao ser a Casa Dominica (cousa bem remota das tenções da fundadora) precedeo huma piedosa circumstancia, que aqui apontamos pelo testemunho d'ella, não lhe concedendo mais reparo, que o que se deve a hum sonho, succedido em tempo, e tendo depois effeito, que o fez parecer mysterioso. Foi o caso, que embargando-se á Condessa da Atalaya a casa de Enfermaria, que na sua quinta tinha fundado aos Padres Arrabidos, sonhou huma noite, que via entrar na ermida cinco mulheres vestidas de branco, e que concertando o altar d'ella, lhe acendião as vélas, e desaparecião, deixando-as accezas. Acordou com a apprehensão do risco, que podia ter o lume, sem quem o apagasse; mas vendo, que era sonho, o deixou esquecido, vindo depois de muitos tempos a fazer n'elle reparo, vendo a Casa Dominica; o que menos imaginara. Catholicas experiencias temos das muitas vezes, que escolhe o Ceo os sonhos, ou para importantes avisos, ou para venturosos annuncios. De casa temos exemplo no que sonhou Honorio terceiro, que nosso Patriarcha sustentava em seus hombros a Igreja. Levantou-se a de Santa Maria Maior em Roma, sendo hum sonho o que lhe deo o nome, e lhe demarcou o sitio (1). Com esta razão não quizemos deixar sem reparo, o que precedeo á fundação do Bom Successo.

## CAPITULO XX

*Entrão as Religiosas em clausura, dá-se conta da observancia, que se começou a guardar nella. Lança-se a primeira pedra na Igreja nova.*

Determinou-se a entrada em doze de Novembro do mesmo anno de 1639. Estava a quinta, em que havia de principiar a clausura, reduzida

(1) In festo D. Mariæ ad Nives, die v. Aug.

pela Condessa a hum Recolhimento com sua ermida, e mais commodos, ainda que estreitos, e acanhados, como destinados a Communidade pequena. Tinha ficado n'aquella forma por algumas fundações, que intentara a Condessa. Fora a primeira, hum Convento de Santa Paula, para que conduzio de Madrid algumas pessoas de grande qualidade, com dispendio grande, tudo diligencia baldada, porque a fundação não teve effeito por falta de licença. Succedeo o mesmo a varias Religiões, que pertendião a Condessa bemfeitora, ou padroeira em suas casas, ou em fundações novas, como forão os Padres Jeronymos, os Trines, os Gracianos, e os Terceiros, a que seguião as Religiosas de Santa Monica, do Calvario, e de Santa Anna, a que não deferio a Condessa, resolvendo-se a fazer huma Enfermaria para os Padres Arrabidos; e estando já tudo com a ultima mão, foi embargado por ordem de D. Antonio de Ataide, Conde de Castro de Ayro, então hum dos Governadores d'este Reino.

Neste tempo, precedendo aquella representação, que teve a mesma Condessa na ermida da mesma quinta, se encontrou com Dona Magdalena da Silva, praticou com o Mestre Fr. Domingos, e tratarão a fundação, e o mais que fica relatado, não carecendo de mysterio, que tivessem tantas fundações embaraços, para cederem, e se coroarem todos, vindo a prevalecer esta da Ordem de S. Domingos; demonstração da singular providencia, com que não só o Ceo escolhia esta para palacio da sua Rainha, mas o mesmo Christo, para hospedagem das peregrinas, que com a candida gala dominica vinhão celebrar com elle venturosas vodas.

Chegou finalmente o dia da entrada, e recolhidas na clausura as duas fundadoras, a Madre Sor Anna da Conceição, e a Madre Sor Antonia Theresa de Jesus, a que acompanhou (entrando com ellas, e seguida de algumas senhoras) a Duqueza de Mantua, que governava esta Coroa por Castella, se celebrou na ermida com toda a solemnidade, e pompa, a Missa com a musica da Capella, e sermão de hum dos oraculos, que mereceo aquelle seculo, o Mestre Fr. Domingos de Santo Thomaz, Prêgador del-Rei, Religioso Dominico, que já no primeiro livro nos servio de mais largo assumpto. Assistirão a Communidade de S. Domingos, nobreza da Corte, e povo innumeravel. Lançou logo o veneravel Padre Mestre Fr. João de Vasconcellos o habito a cinco Noviças. Forão ellas, Dona Magdalena da Silva, filha de D. Manoel de Menezes, que se chamou Sor Magdalena de Christo; Dona Luiza de Mello, filha de Ruy de

Mello de Sampaio, que se chamou Sor Luiza Maria do Sacramento; Dona Leonor Ilvaonor, Irlandeza (filha do Senhor de Polmonte, e Borese, casa illustrissima da provincia de Lagenia) que se chamou Sor Leonor de Santa Margarida. Forão as outras duas, Sor Leonor do Calvario, e Sor Jacinthá de Jesus Maria, pessoas nobres, e de boas partes, ambas Portuguezas. Não entrarão mais neste dia, mas d'ahi a poucos mezes o fizerão as outras duas filhas de Ruy de Mello, Dona Marianna, e Dona Angelica, que se chamarão Sor Marianna de Jesus, e Sor Angelica Maria das Chagas, a que acompanharão duas Irlandezas illustres, de grande virtude, e partes, Sor Cecilia do Rosario, e Sor Joanna da Trindade.

Trouxerão todas estas Noviças pessoas de valor, e estima, para ornato, e serviço da Igreja; entre ellas huma fermosa custodia, e cofre rico, que hoje está no sacrario, joias, sedas, e alcatifas, pondo aos pés do seu Esposo o que tinham, e o que erão, tudo pouco para o que vinhão a ser, e o que havião de possuir, esposas de Christo, e herdeiras do seu Reino. Começou logo a Casa a correr na observancia, como se de muitos annos se exercitara; mas achavão as leis os desejos por sugestões, e as obediencias com o mesmo vigor de escolhas. Pela sua fez o Mestre Fr. Domingos Prelada da casa, com o nome de Vigaria in capite, a Madre Sor Anna da Conceição, e Mestra de Noviças a Madre Sor Antonia Theresa, a quem deu novo estatuto para se ensinar, e observar no Mosteiro, que em sustancia he o seguinte:

«Supposta a observancia da Regra, e Constituições á risca, e sem dispensação alguma; que as Religiosas terião tres horas de oração, repartidas em Matinas, Prima, e Completas; depois de Prima, a córos o Terço, e Ladainha de Nossa Senhora, que commungarião duas vezes na semana; que em Advento, e Quaresma, terião duas disciplinas cada hum dia. Huma por todo o tempo de Santa Cruz de Setembro, até o dia do Rosario, exercicios dispensados só em dia santo; que em toda a Quaresma se observaria silencio, sem mais licença, que a assistencia, e visita de doentes, dispondo-o a Prelada; que todas servirião ás semanas na cosinha; que dadas graças, depois de jantar, viria a Commuidade ao serviço d'ella, rezando Psalmos a córos o tempo que durasse; que nas cellas não terião mais, que huma barra de pinho, n'ella hum enxergão, duas mantas, e cobertor grosseiro, huma cruz, e huma caldeirinha de agua benta; que as Religiosas não pedirião a seus pais, ou parentes

coisa de minima valia; e mandando-se-lhe, se entregaria á Prelada para o applicar ao commun.»

Estes, e outros estatutos, que já ficão apontados na licença, que para a fundação deu o veneravel Padre Mestre Fr. João de Vasconcellos, forão os com que começou a observancia d'esta Casa, e se observão até agora com o mesmo rigor, e inteireza.

Professas as primeiras Noviças em Novembro de 1640, entrarão no mesmo dia duas Irlandezas, pessoas de grande calidade, Dona Leonor de Burgo, que se chamou Sor Catharina do Rosario, e Dona Ursula Bautista. Estes forão os primeiros espiritos, com que começou a respirar o corpo d'esta Recoleta; mas como o sitio ficava tão desviado da cidade, e tão visinho á barra, entrarão as Religiosas em receios de que lhe podia ser nociva a visinhança das embarcações dos hereges (que entrão continuamente no porto, por razão do contrato) e que com duas paredes ficava o sacrario mal defendido; ajuntavão-se as razões de lhe ser mais custoso o provimento na distancia do povoado: e começou o Prelado a querer melhora-las de sitio; mas com duas advertencias, com que parece as aconselhou o Ceo, se suspendeo a diligencia. Foi huma, que estando certa Religiosa no coro em oração, pedindo a Deos o acerto da mudança, ouviu huma voz, que clara, e distinctamente disse: «Aqui ha de ser.» Não se soube que Religiosa fosse, mas propol-o assim o Prelado á Communidade. Foi a outra, que huma pessoa de grande opinião, escrevendo á Prelada, lhe protestou: «Que não largassem o sitio, porque perigava a nova fundação em qualquer outro.» Assim vierão a ficar neste da quinta da Condessa, e se deu logo ordem a principiar os muros da clausura.

Sahindo do lugar de Belem, nome, que deu ao sitio o do Real Mosteiro de Religiosos Jeronymos, que huma legoa de Lisboa fundou El-Rei D. Manoel, com igual architectura, que grandeza (estampas huma, e outra de sua magnificencia); entrando na estrada, que corre direita até Paço de Arcos, se descobre hum pedaço de terra livre, direito, e desabafado, a que da parte direita fica o caminho, e a praia da esquerda, alegre com a vista, que se estende até se perder na barra, e delicioso, pelo espaçoso espelho das aguas, que allí brandas, e cristalinas, se quebrão com saudoso golpe nas areas. Faz mais vistoso o sitio a continuação, com que as embarcações estão sahindo, e entrando no porto, e a fron-

taria das pequenas serras, que da outra banda se levantão da praia, ou como verde guarnição, que sobresahe nas áreas, ou como varias molduras, que vão cingindo o espelho das aguas. Neste sitio se estendia a quinta, que a Condessa da Atalaya fez Mosteiro, e agora se começava a melhorar de edificio: pedião-o assim o numero de Religiosas, que crescia, e não lhe faltava largueza para augmentar a casa.

Entrando o anno de 1645, determinado o dia, e sendo a Madre Sor Maria Magdalena de Christo, Vigaria in capite da Casa, se lançou a primeira pedra para a Igreja nova. Fez a cerimonia o Mestre Fr. Domingos do Rosario, porque impedido o Bispo de Targa, que estava convidado, lhe mandou os seus poderes. Prégou o Mestre Fr. Fernando Sueiro: e passando os Religiosos em procissão ao sitio, com a Senhora do Bom Successo debaixo de palio, foi lançada a pedra, em que hia esculpida huma estrella sobre as ondas, e estas letras: *S. M. M. S. P. N.* que vem a dizer: *Stella, Maria, Maris, Succurre, Piissima, Nobis.* Assim se deu principio áquella sagrada fabrica, correndo os cabedaes por conta da Divina Providencia. Assistia o Mestre Fr. Domingos ao edificio de pedra, e cal, com o seu cuidado, e ao que mais crescia (que era o espiritual) com o seu exemplo. Mas entrarão os annos, e os achaques a embaraçar-lhe aquella gostosa assistencia; logo a morte a tirar-lhe a vida, perpetua saudade d'esta casa.

Não foi menos merecida a que deixou n'ella a Condessa da Atalaya, sua illustre fundadora, e acreedora mais justificada, da principal memoria, que nesta fundação nos occupou a penna. Não faltemos a ella. Foi esta Senhora filha de João de Brito, e D. Antonia de Ataíde; seu nome Dona Iria de Brito. Criou-se na protecção de D. Filippa de Ataíde (tia de sua mãe, e Camereira mór da Rainha Dona Catharina, avó de El-Rei D. Sebastião) porque seus pais, de feitiços que lhe derão, ficarão incapazes de administrar casa, e doutrinar familia. Assim passou Dona Iria os primeiros annos em o Mosteiro de Santa Clara com huma parenta; de donde passou para o de Santos das Commendeiras, para o cuidado, e ensino de Dona Grimaneza de Brito, tia sua.

Contava quatorze annos, quando se vio herdeira de sua casa, porque dons irmãos que tinha, hum que era Christovão de Brito, acompanhando a El-Rei D. Sebastião, perdeu a vida na campanha de Africa, e Lopo de Brito (que era o outro) na batalha, em que foi destruido o Principe D. Antonio no lugar de Alcantara, junto a Lisboa. Herdada a casa, casou

Dona Iria com D. Diogo Forjaz Pereira, Conde da Feira, e em breve tempo viuva, celebrou segundas voitas com D. Francisco Manoel, primeiro Conde da Atalaya; de ambos os matrimonios teve filhos, e d'estes a magoa de os perder em poucos annos; golpes, que assim lhe chegarão á alma, que parece lhe offenderão o juizo. Mas illustrou-lhe o Ceo, para que melhorando de herdeiros, se resolvesse a dar sua fazenda, e quinta ás filhas de S. Domingos, que a respeitavão mãi, mas brevemente a chorarão sem vida (querendo Deos não lhe dilatar a paga) porque fundando-se a casa em doze de Novembro de 1639, passou ella a lograr o premio do que tinha obrado, em vinte e seis de Janeiro de 1640, não deixando tambem de o ser o dar-lhe o Senhor vida até o tempo de lhe fazer aquella offerta, e negocear-se tão ditosa sepultura.

### CAPITULO XXI

*De algumas particularidades da imagem da Senhora do Bom Successo, orago da Casa; e das primeiras Religiosas, que falecerão nella. Sor Antonia Theresa de Jesus, huma das fundadoras, e Sor Catharina do Rosario.*

Principiada já a Igreja nova (de que a seu tempo daremos noticia), não seguindo agora mais, que as que nos vão offerecendo os annos, he tempo de não faltarmos a huma, em que se contém, e se divisão as maiores glorias d'esta casa, como cifradas na imagem da Senhora do Bom Successo, orago, e toda a veneração d'ella, data da Condessa da Atalaya (que hoje se vê na capella mór) e a consequio ella como prenda do Ceo, bem reparada a circumstancia com que lhe veio a casa. Caso he mui parecido ao de algumas imagens milagrosas da Senhora (como o foi o da Senhora do Repouso, do Mosteiro da Annunciada, e o da Senhora Madre de Deos na Casa d'este nome) e foi o seguinte.

Occupava-se a Condessa com os cuidados, e diligencias da sua fundação, quando hum dia lhe trouxerão a imagem de huma Senhora, dizendo, que alli chegava hum peregrino com ella, e a vendia. Alvorçou-se a Condessa, e levada da grande devoção, que tinha com a Senhora (e a muita com que esta a representava) mandou, que lhe trouxessem o peregrino, para ajustar o preço. Porém não só se não achou na sala, em que o tinhão deixado, mas nem a gente da casa, que estava no pa-

te, soube dar razão se tinha sahido. Cresceo a devoção com este reparo, e depois se lhe poz a invocação da Senhora do Bom Successo (já apontámos o motivo); e querendo a Madre Sor Marianna de Jesus, que por aquelle molde se lavrasse outra, para se collocar com o mesmo titulo na capella collateral da parte do Evangelho (que escolhia para jazigo de seu pai) por duas vezes se cançou de balde a Escultura, até que mudando a Religiosa a tenção, e resolvendo-se, que fosse a imagem da Senhora do Rosario, sahio logo perfeita, mas não parecida. Assim se collocou a imagem peregrina na capella mór, como orago da Casa.

Grandes são os favores, que esta experimenta na sua protecção; grande a devoção, e fê com que as Religiosas recorrem a ella, convidadas da experiencia, em que cada dia conhecem, que as escuta como Mãe, e as remedeia como Senhora. Por tres vezes, recorrendo a ella, lhe cresceo o azeite nas talhas de todo vazias; prodigio, de que todas forão testemunhas. Por repetidas vezes lhe livrou no celleiro os legumes, e o trigo do gorgulho; para o que usavão de huma piedosa industria: em se vendo perseguidas d'aquella praga (que era huma total perda) offerecião o trigo á Senhora, e em sua veneração amassavão hum alqueire para os pobres; e vindo depois ao celleiro, achavão montes de gorgulho morto.

Guardava em huma occasião o celleiro unicos se's alqueires de trigo, não sendo possivel por então o provimento. Deo a Celleireira parte á Prelada (não ficou em memoria quem era) que vendo-se n'aquelle aperto, recorre ao remedio costumado. Mandou, que se amassasse hum alqueire para os pobres (destra na retribuição de Deos de cento por hum) não estava tão prompta a fê da Celleireira: reprehendeo-a a Prelada, e mandou-lhe que obedecesse sem replica, accrescentando: «Que aquella esmola era em nome da Senhora, e que ella se não esquecia de sua familia.» Hia a obedecer a subdita, quando chamando-se na Roda, acha hum recado, em que avisavão a Prelada, que mandasse logo despachar huma caravella, que alli tinha dado fundo, e trazia dez moios de trigo para o Mosteiro. Todo elle testemunhou o succedido.

Mas não forão só as Religiosas as que o fizerão a semelhantes maravilhas: tambem os seculares derão fê em parte d'ellas. Agora o veremos. Era em vespera do Rosario no anno de 1662. Achava-se a Prelada sem dinheiro, a Casa sem o provimento quotidiano, o dia, que esperavão festivo; recorre afflicta á Senhora, e disse-lhe: «Senhora, vós n'es-

ta casa sois a Prioriza, e eu a Procuradora. Amanhã he o vosso dia. E se em semelhante não falta hum Rainha com a mesa ás suas Damas, não haveis vós de faltar com o sustento ás vossas escravas.» Não se passou tempo, quando chamando á Roda, entregarão hum esmola para a Senhora; trazia-a o Piloto de hum embarcação, que acabava de dar fundo defronte do Mosteiro. E sem que se lhe fizesse pergunta, disse: «Que aquella esmola tirara elle na sua embarcação: porque, vendo-se no mar largo, sem poder avistar a barra, e quasi em calmaria, acochado do Gallego (que então perseguia, e infestava a costa) e chegando a extremo de lhe não escapar, chamarão pela Senhora do Bom Successo, e virão de improviso que, ajuntando-se-lhe hum náu possante, se poz em fugida o inimigo, e a náu em seguimento d'elle, sem que os da embarcação perseguida podessem (estando em tão pouca distancia) conhecer que náu os defendia.» Mas entendeu logo a sua devoção, que seria aquella Senhora, que foi a Náu Soberana, em que o Ceo se commerciou com a terra (1): «Entendendo-o assim (continuava o Piloto) tirei entre os da embarcação esta esmola, e experimentámos todos nova mercê: porque temendo semelhante encontro, lançámos sortes, pondo Norte, e Sul com os titulos da Senhora da Ajuda, e do Bom Successo: e sabindo a do Bom Successo, a seguimos com breve, e prospera viagem, e viemos lançar ferro á vista d'esta sua Casa.»

Em outro aperto, sem recurso de humano soccorro, se vio em outra occasião a Prelada: e chegando-lhe (como o entendeu) por favor da Senhora hum esmola (que estando muitas Religiosas enfermas, não vinha a ser de substancia) se poz diante da Senhora, e lhe disse: «Vós bem vedes, Senhora, que este soccorro he escaço para o nosso aperto. Não heis de permittir que as vossas servas pereção desamparadas.» Chamarão no mesmo tempo á Roda a procurar a Prelada, com a paga de hum juro, que não estava vencido, e se costumava arrecadar com trabalho. D'este, e semelhantes casos testemunharão as Religiosas; e donde se conhece a sua observancia, basta o testemunho das mesmas. Mas não falte tambem o nosso na vida de algumas, que acreditarão singularmente esta Casa, e o farão tambem a esta escritura; e seguiremos n'ella a ordem com que falecerão. Seja a primeira a Madre Sor Antonia Theresa de Jesus, hum das fundadoras.

Foi esta Madre de nação Portugueza, de nascimento nobre; veio pa-

(1) Facta es quasi Navis institutoris, de longe portans panem suum. Prov. 31. 14.

ra fundadora d'esta Casa da de S. João de Setuval, de idade de trinta e quatro annos, mas tão adiantados em virtude, e prudencia, que encheo o lugar de Mestra primeira, e regra viva da observancia. Foi n'ella singular exemplar de penitencia. Não se satisfazia seu espirito com os rigores do estatuto do Mosteiro; acabada a disciplina com toda a Comunidade, se retirava a continuar a sua, e com tanta crueldade, como depois (por mais que dissimulado) mostrava o sangue. Acompanhavão as disciplinas os cilícios, não menos rigorosos, que continuados. Era rara a estreíteza do seu jejum (acrescentando muitos aos da Constituição) e igualmente estreito, que dissimulado. Muito tempo não teve mais cama, que huma taboa, e huma manta. Hum habito tão saffado, e roto, que lhe não podia servir de abrigo. Obrigou-a a Prelada a aceitar duas mantas, e hum enxergão por cama, e hum habito, se menos remendado, mais grosseiro. Aceitou em huma, e outra cousa a melhora, ganhando obediente o que perdia mortificada. Todo o tempo para ella era de oração; assim lhe levava este emprego quasi todo, o que lhe restava da occupação do coro.

Na de Prioreza (peregrina a sua humildade, e sujeição) estimava só o crescer-lhe a obrigação de caritativa com as subditas, para que só olhava como filhas. Pagava-se Deos d'aquelle genio piedoso, e parece lh'o deu a entender; assim chegarão quatro donzellas de Irlanda, com patentes do Provincial d'aquella Provincia, para tomarem o habito n'esta Casa. A ordem não tinha vigor, por ser ella immediata ao Geral. Para o mesmo havia n'este Reino muitas pertendentes; no Mosteiro poucas posses; retardavão-lhe as Religiosas a entrada (que se lhe lhia pondo duvidosa) quando hum dia estando a Madre Sor Antonia em oração no coro (depois de ter commungado) vio que n'elle estavam nas cadeiras das Noviças as quatro Irlandezas com seus habitos de Religiosas. Assim entendeu a vontade de Deos, e communicando-o com a Madre Sor Maria Magdalena, e estendendo-se a toda a casa, lançou logo o habito a huma, que foi a Madre Sor Ignez do Rosario, não continuando com as outras, porque lho atalhou a morte, de que parece lhe anticipou o Ceo a noticia.

Partia o Mestre Fr. Domingos do Rosario com Enviatura a França, por mandado d'el-Rei D. João o IV, e pedia-lhe a Madre Sor Antonia, que a deixasse aliviada do trabalho de Prioreza. Entreteve-a o Padre até que se ausentou, deixando-a n'elle. Sentio-o ella, e disse ás Religiosas:

«Ora já que não quiz absolver-me o Padre Vigario, Deos me absolverá de outro modo.» Entendeo-se a segurança, com que o disse, quando a poucos dias a virão ás portas da morte de hum accidente. Passada a força d'elle, lhe perguntou Sor Maria Magdalena, se queria reconciliar-se (tinha commungado o dia de antes); respondeo, que pela misericórdia de Deos não tinha de que, e só esperava a ultima hora, que era toda a sua importancia. Mostrava-o assim o alvoroço, que se lhe percebia nas palavras, e no semblante, sem que o mal, que estava padecendo, lho diminuisse. Com este socego a alcançou a morte em 13 de Outubro de 1649. Derão-lhe então sepultura no coro, depois no Capitulo, com a consolação de se entender, e por huma pessoa de virtude, que já Sor Antonia lograva o premio da sua.

Não soube merecel-o menos a Madre Sor Catharina do Rosario, Irlandeza, em que a virtude pareceo herança, como filha de D. João de Burgo, Senhor do castello, e casa de Brito, e de Dona Gracia Torronton, filha de D. Jorge Torronton, Marichal de Momonia, casas huma, e outra illustrissimas em Irlanda. Ficara Dona Gracia pejada, quando tirarão a vida a seu marido D. João (em odio da Fè, e por mandado da Rainha Isabela de Inglaterra): achando-se, que dispuzera em seu testamento, que ou filho, ou filha, que Deos lhe dèsse, vestisse o habito de S. Domingos; sahio d'aquelle parto á luz Sor Catharina; criou-se como herdeira da casa (por morte de hum irmão, que seu pai mandara criar a Castella) e chegando á idade de lhe poder dar successão, entrarão a mãe, e parentes com as instancias de que escolhesse esposo da melhor nobreza do Reino, de que se via não só buscada, mas perseguida. Mas ella sem esquecer o conselho de hum tal pai, tinha assentado em seu coração, que as vodas havião de ser com Jesu Christo, e a mortalha Dominica a gala do desposorio.

Este foi o desengano, que deu não só a sua mãe, parentes, e pessoas de grande respeito, mas ao Bispo de Lemerique, cidade em que vivia, que a obrigava com os olhos na perda, e desconsoação de sua casa. Começou logo Sor Catharina a experimentar n'ella perseguições, e desprezos, tratada de toda a familia como a mais infima escrava d'ella; golpes que rebatia com grande paciencia, recorrendo á oração, e ás lagrimas, em que gastava a noite inteira, retirada em huma casa em que a deixavão sem luz, nem cama. Por este tempo se achava o Mestre Fr. Domingos do Rosario na mesma cidade de Lemerique, com importan-

eias de Castella. Praticou (foi industria do Ceo) com Sor Catharina, approvou seu santo proposito, como outro semelhante, de huma prima sua, Dona Ursula de Burgo, e assentou com ambas a entrada no Mosteiro, que fundava em Portugal. Accendeo novamente seus espiritos em ancias de buscar o centro d'elles, e fiando toda a boa direcção de Fr. Diogo de Orliens, Provincial de S. Domingos da Provincia de Irlanda, como parente das duas discipulas, que deixava, passou a Castella.

Mas as duas donzellas, que aborrecendo o fausto, e pompa do mundo, querião industriar-se na regra Dominicana, deixarão suas casas, e recolherão-se em a de huma Terceira da Ordem, cousa permittida a mulheres da primeira qualidade, que querem com mais disfaree, e menos testemunhas, frequentar os exercicios, e occupações catholicas. Aqui estiverão dous annos de vida penitente, e com tanto interesse de suas almas, que o inimigo d'ellas, apparecendo hum dia impaciente a Sor Catharina, lhe disse: «Que se não mortificasse, porque lhe não havia de valer para se salvar.»

Mas o Ceo, que já se obrigava de sua constancia, dispoz felizmente a occasião de passarem a este Reino, ella, e sua prima; chegarão a elle pelos annos de 1640, e tomarão logo o habito n'este Mosteiro do Bom Successo, em que Sor Catharina começou a respirar, como em centro de seu espirito. Sempre parece, que o trazia na presença de Deos, porque continuamente a vião de joelhos, ainda nas officinas, e no emprego dos seus officios. Inventava rigorosas disciplinas, com que se feria sem piedade. Duas taboas erão a sua cama, tendo a de hum enxergão por muito mimosa. O seu mais custoso trabalho era esconder estes, e semelhantes rigores da Mestra, que lh'os não permittia.

Teve dom de lagrimas, que na oração lhe cahião copiosas, como se se lhe distillara o coração n'aquelle fervoroso incendio, que lhe arrebatava o espirito: movidas do que vião nella, lhe perguntarão algumas Religiosas: «Que estylo era o seu na oração»; a que respondeo: «Que de oração não entendia nada; que o que fazia, era rezar o seu Rosario; e que para huma vida mui larga, bastava hum só mysterio.» Assim sabia ser profunda sua contemplação! Cahio enferma de mal rigoroso, e arrebatado. Lastimavão-se as Religiosas, que lh'o vião padecer; e dizendo-lhe huma, que se encommendasse á Senhora da Encarnação (de que era devota, e d'ahi a trez dias se celebrava) para que lhe aliviasse a molos-

tia, para a servir no seu dia, respondeo : «Grande mal será o meu, se em dia da Encarnação não estiver eu com meu Senhor!»

Pedio, e recebeu os sacramentos com suavidade de espirito; e poucas horas antes da ultima (que foi ao terceiro dia da doença) pedio, que lhe molhassem hum lenço em agua cheirosa. Lavou as mãos, e o rosto; e dizendo-lhe a Prelada por galantaria : «Boa Religiosa do Bom Successo! Com hum lenço de agua de cheiro?» Respondeo com a mesma graça : «Pois, Madre, se as do mundo usão de aguas de cheiro para o mundo, que mal faço eu de querer ir mui cheirosa a meu Esposo!» Assim ficou hum pouco suspensa : e ouvindo em voz clara, que de huma parte do leito, que estava desoccupada, se lhe dizia : «E quem te disse a ti, que havia eternidade? Não creias n'isso :» disse, voltando o rosto, como quem conhecia o author do conselho, e desprezava hum, e outro : «Bem conheço a você. Vá-se embora; que muito bem sabe, que ha Ceo, e Inferno.» E continuando soliloquios com seu Esposo Christo, e a Senhora do Rosario, lhe ouvirão dizer muitas vezes, como se respondera : «A mim! Senhora, a mim! Que sou huma nescia!

Já lhe cançava a voz; despedio-se das Religiosas com tanta alegria, e alvoroço, como quem estava de caminho para o Paraizo. Assim passou (piedosa conjectura das assistentes) ao das eternas felicidades, em dia de nossa Senhora da Encarnação, vinte e cinco de Março de 1631, como parece vaticinara, quando cahio enferma. Ficou com semblante alegre, e corpo flexivel. Derão-lhe sepultura no coro; e passados seis mezes, a passarão para o capitulo. Estava o caixão por huma parte aberto; e testemunharão as Religiosas, que exhalava fragancia de flores. Houve huma, que (para testemunhar o que suppunha) examinou com as mãos a inteireza do corpo, e assim o achou taõ flexivel, como se estivera vivo.

## CAPITULO XXII

*Das Madres Sor Luiza Maria do Sacramento, Sor Cecilia do Rosario,  
Sor Isabel da Paixão.*

Venturosa alternativa, a com que o Ceo hia escolhendo as Religiosas d'esta Casa, para os coros da Bemaventurança! Huma Portugueza, Irlandeza outra, para testemunhar a conformidade com que vivião todas, desconhecendo a charidade a diversidade das patrias, como aquella que

era caminho para huma, aonde havião de viver juntas. Assim se seguiu á Madre Sor Antonia Portugueza, huma Irlandeza, que foi a Madre Sor Catharina; e a esta se segue outra Portugueza, que he a Madre Sor Luiza Maria do Sacramento. Foi esta Madre filha de Ruy de Mello de Sampayo, da Casa de Villafior, e de Dona Maria de Azevedo, igual em nobreza. Foi notavel o parto, de que esta Senhora teve a Sor Luiza: porque precedendo dous de filho, e filha (tão rigorosos, que esteve ás portas da morte em ambos) o de Sor Luiza foi tão suave, que visitando huma amiga, ao assentar-se em huma cadeira, a lançou com huma dor tão leve, que a attribuiu a milagre.

A tal nascimento se seguiu igual vida, ainda em idade, em que obra sem conselho a natureza. Bastava dizerem-lhe, que huma cousa era peccado, para se desviar d'ella, como se o conhecera. Nos exercicios da virtude achava já huma harmonia, que a arrebatava; toda sua occupação era rezar; e para tudo o que não era Deos, a levavão com violencia. Vencião-na talvez as irmãs (para os divertimentos d'aquelles primeiros annos) e estando huma occasião com Dona Marianna de Mello, que era huma d'ellas, em huma sala, deixando-a esta só por pouco espaço, quando voltou, a achou suspensa com os olhos em huma parede, e cheios de grossas lagrimas. Perguntou-lhe Dona Marianna a causa; a que respondeu: «Que áquelle instante se lhe abrira aquella parede, e vira muitos Anjos, e entre elles dous irmãos seus (falecidos em tenra idade) convidando-a para sua companhia, e se lhe cerrara a parede, sem ella poder dizer nada.» Outros casos lhe succederão nestes annos, de que não ficou mais que a memoria de succedidos.

Já sem mãe, e com duas irmãs, em companhia de huma tia, no Mosteiro de Santos, vivia como na mais apertada recoleta. Continuava os exercicios penitentes, e devotos, frequentava os sacramentos, mas suspirando sempre viver sem liberdade, sepultada em huma clausura. Não se deitava em cama. Muitas noites passava de joelhos. Vencida do somno, encostava por poucas horas a cabeça no leito. Das trez até ás seis da madrugada gastava orando. Trez vezes na semana tomava disciplina de ferro, e por espaço de meia hora; os mesmos trez dias se cingia, e apertava com cilicios; martyrio, que continuava toda a Quaresma. A este estylo de vida ajuntou o de Religiosa, tomando o habito nesta Casa; e sobre o rigor das Constituições, e Regra, assim crescião cada dia os exercicios da penitencia, que foi necessario entrar o preceito do

Prelado a resgatar-lhe a vida das mãos de sua severidade. No coro a não vião nunca sentada mais, que na cerimonia do Officio Divino. Em pé, ou de joelhos, reconhecia a presença do Santissimo. Tão bem occupado tinha alli seu pensamento!

Nas officinas de mais trabalho era a primeira. O seu desvelo, lançar mão da occupação mais infima. No trato de sua pessoa, e cella se via como se despira do mundo, cerceando ainda muito da pobreza grande do Mosteiro. No refeitório destemperava com agua o prato, em que achava gosto, e comia cousas amargas, com a desculpa de lhe chamar mesinha. Chorava amargamente dizendo: «Que invejava ás mais o saberem ouvir a voz de Christo, para se conformarem nos trabalhos: e que só ella como maior peccadora se via rebelde em todos.» Sendo tal seu sofrimento, constancia, e inteireza, que não houve adversidade, que a achasse assustada, menos afflicção, que a deixasse queixosa. O que a desvelava, era o augmento da Casa na observancia. Entendia da sua santa, e primeira Prelada, a Madre Sor Antonia Theresa, que gosava a vista de Deos; e estando huma noite no coro de joelhos ao pé da sua sepultura, acabada sua oração, e dizendo-lhe: «Madre, pois estais diante de Deos, pedi-lhe por este vosso Mosteiro,» levantando os olhos á capella da Senhora do Bom Successo, vio claramente a santa Prelada orando.

De semelhantes casos de representações, com que o Ceo premiava sua fé, se conjecturou muito, mas não houve importunação, que as podesse desenterrar do seu silencio. Em vespera da Encarnação, por Março de 1651, sahio de Matinas ameaçada de huma febre mortal; mas estava a Madre Sor Catharina do Rosario em passamento, não quiz recolher-se, foi assistir-lhe, deixando-se vencer o mal da força da charidade. Repararão os Religiosos (que tinham entrado ao Officio de agonía) que ella estava com molestia; e mandando-a o Prelado recolher, acodio a moribunda, como se despertara de hum lethargo, dizendo: «Deixai, Padre, deixai estar a Santa; que ella nas vesperas da Senhora não se deita.» Já vimos no capitulo passado quem era a Madre Sor Catharina; e agora a hora, em que estava, e as circumstancias com que o dissera. Grande testemunho para a Madre Sor Luiza!

No dia da Encarnação commungou, gastando (como sempre fazia) todo o dia no coro, d'onde a recolherão desacordada. Tinha entrado no Mosteiro, assistindo á morte da Madre Sor Catharina, o Mestre Fr. Dio-

go Arturo, que então era Vigario; e vendo a Madre Sor Luiza vestida no seu burel, sobre duas taboas, que erão a sua cama, cuberta com huma manta grosseira, voltando para sua irmã a Madre Sor Marianna, disse-lhe com os olhos cheios de lagrimas: «E que conta darei eu a Deos, que me corre a mesma obrigação, que a esta sua serve!» E sahindo da cella com a Prioriza, rompeo n'estas palavras, filhas de seu espirito: «Ah Madres! E quanto temo, que no dia do Juizo sejais vós outras nossos verdugos!» Como se dissera com S. Gregorio Magno: «Que he o que podemos dizer nós, os homens robustos por natureza, vendo o debil, e fraco das donzellas, pondo na conquista do Ceo o peito ás lanças! Grande confusão para nós! Estas batalhando com os martyrios, e nós sem buscar a Deos, sequer entre soccos!» *Quid inter hæc, nos barbati, et debiles dicimus, qui ire ad regna Cælestia, duellas per ferrum videmus... Hoc ipsum nobis turpe sit, quod Deum nolumus saltem per pacem sequi.*

Durou o mal trez dias, e no fim d'elles, já desamparando-a o alento, recebeu Sor Luiza os Sacramentos com grande espirito; e voltando-se á Prioriza, e mais Religiosas, lhes pediu perdão, e se despedio d'ellas, respondendo a huma (que lhe fazia essa pergunta) «Que já de nada tinha escrupulo; perseguindo-a em toda sua vida esse martyrio.» Pedio logo, que lhe dissessem algumas orações devotas, e d'aquella hora, que repetia com grande devoção, e advertencia; e já sem alento, abraçando-se com hum Christo crucificado, lhe entregou o espirito, cerrando os olhos como em suave somno. Chegado Setembro d'este mesmo anno, e havendo-se de mudar o coro, sentia a Prioriza, que as Religiosas falecidas, e especialmente a Madre Sor Luiza (que tão magoada, e saudosa deixara toda aquella Casa) houvessem de ficar fóra da clausura, porque o coro antigo passava a ser casa da Portaria, e as ultimas Religiosas (como sepultadas de fresco) tinham sua difficuldade, para serem passadas para o commum jazigo. Escreveo sobre este ponto ao Prelado; e antes de ter a resolução d'elle, sonhou a Madre Sor Marianna de Jesus, que Sor Luiza se lhe mostrava vestida em huma roupa mui alva, e com semblante alegre lhe dizia: «Dizei á Prioriza, que mude os nossos corpos na fórma, que diz o nosso Padre Vigario.» Pela manhã ao abrir da roda, se achou a reposta do Prelado, que mandava, que se fizesse a mudança, e Religiosos para assistir a ella. Testemunharão os que assistirão mais visinhos ao caixão da Madre Sor Lui-

za, que perceberão hum suave cheiro em o abalando. Outra circumstancia se seguiu á morte d'esta Madre, digna do nosso reparo, e foi, que huma das Commendadeiras de Santos, pessoa de vida reformada, e que tivera grande familiaridade com a Madre Sor Luiza (estando n'aquella Casa) poucos dias depois de sua morte sonhou que a via cercada de huma grande luz, com preciosa gala, e rosto banhado em alegria, e que a chamava, para que a acompanhasse n'ella. Acordou entre gostosa, e assustada, contando a todas o sonho; e d'ahi a dous dias lhe deu mais credito (com grande gosto de seu espirito) porque adoecendo, e recebidos os Sacramentos, faleceo logo. Chamava-se D. Brites Soares, filha de Amador Gomes Raposo, Chanceller mór da India, e estava com outras irmãs n'esta Casa.

Mas sigão-se n'esta do Bom Successo á Madre Sor Luiza, duas Religiosas Irlandezas, continuando a venturosa alternativa das primicias, que a sua clausura deu ao Ceo. Forão ellas a Madre Sor Cecilia do Rosario, e Sor Isabel da Paixão, Religiosas de estreita observancia, muita penitencia, trabalho continuo, e vida inculpavel, como testemunhou o Mestre Fr. Domingos do Rosario, que confessando a Madre Sor Cecilia gravemente enferma, se admirava não só da pureza de sua alma, mas do acerto com que dispuzera sua consciencia, praticando no que tocava a ella, como se fôra illustrada, e como o maior Theologo o fizera. E accrescentava o Padre: «Que ella infallivelmente falecia; porque aquillo não podia ser menos, que reflexos do lume da gloria.» Favoreceo mais este pensamento o ser Sor Cecilia em suas praticas mui acanhada, e singela; e finalmente confirmarão-no algumas circumstancias, que se virão em sua morte (dignas de advertencia, como de santa invêja). Foi ella em Julho de 1652.

Seguiu os mesmos passos a Madre Sor Isabel da Paixão, com o excesso de sua grande constancia em buscar a prisão da clausura, e o martyrio da observancia; porque esta Madre foi huma das quatro irmãs Irlandezas (de que já demos noticia) a que se difficultou a entrada, tomando ella, e mais duas o habito de Terceiras, e vivendo com hum tão singular exemplo na visinhança do Mosteiro, que foi o que lhe franqueou a todas as portas d'elle. Entrou por ellas Sor Isabel, não accrescentando ao reformado de sua vida mais, que a clausura; mas o que n'ella avultava mais, era o zelo da Religião, e charidade com as Religiosas. Estando moribunda, pediu que lhe lançassem agua benta, dizen-

do á Prioriza, que ao ouvido lhe estavam perguntando onde iria? e assim queria, que lhe lessem logo a protestaço da Fé, que acompanhou, e repetio em juizo perfeito, espirando logo com grande socego de espirito. Foi sua morte em dia dos Innocentes de 1659.

Mas não esqueçamos huma reflexão, que agora nos advertio a morte da Madre Sor Isabel (e a podiamos fazer em as das mais Religiosas Irlandezas) por ser materia de que ha experiencia; e vem a ser que, mostrando o Ceo a virtude, em que mais se esmerão, que he a constancia da Fé, e sustentada desde o berço, de que começo a despedaçar as serpentes das astucias, e cavillações dos hereges, a vencer os trabalhos da perseguição de suas impiedades, e sempre no ultimo alento da vida as combate o inimigo commum, como capitão dos rebeldes, e destre em semelhantes rebates. Mas sempre, e para confusão sua sabe a fraqueza, e debilidade feminina com a vitoria quebrando-lhe a cabeça.

### CAPITULO XXIII

*Das Madres Sor Marianna de Jesus, Sor Leonor de Santa Margarida, Sor Maria Magdalena de Christo, Sor Leonor do Calvario, Sor Jacinthia de Jesus Maria, da mesma Casa do Bom Successo.*

Continuamos ainda com a mesma alternativa de Portuguezas, e Irlandezas, chamando o Ceo ora humas, ora outras ao thalamo das felicidades eternas: assim se segue agora a estas duas Irlandezas do capitulo passado, huma Portugueza. Foi ella a Madre Sor Marianna de Jesus, filha mais velha de Ruy de Mello de Sampaio, e das primeiras povoadoras d'esta Casa do Bom Successo, para onde veio triunfando de muitos embaraços (lisonjas aos olhos do mundo) nos laços do matrimonio, em que seu pai queria roubar a liberdade, offercida já a melhor Esposo, que a tinha escolhido. Criara-se esta Madre em hum Mosteiro de Religiosas Franciscanas, com huma tia, a que desejava acompanhar no habito, por ser ja n'este tempo sua vida de huma reformada Religiosa.

Assim adiantada nos exercicios da mais perfeita, entrou n'esta Casa, abraçando todas as asperezas da observancia, mas logo os achques lhe forão á mão nos seus rigores. Entregou-se á oração, e era sua vida, passando-a inculpavel, e empregando-a no culto do Santissimo, a que

deu huma fermosa custodia, e algumas peggas de valor para lhe armarem o altar, offerecendo para maior decencia sua, o mais precioso que trouxera de sua casa, parecendo-lhe sempre dote escasso, como quem entendia o que grangeara na mão de seu Esposo. Crescião os achaques (e já em annos mui crescidos): assim trazião a Sor Marianna muito acutelada. Sahindo do confessorario hum dia, lhe deu hum accidente, e entrando a vel-a a Prelada, e dizendo-lhe, que o Medico lhe mandava dar o Viatico, levantando os olhos, e as mãos ao Ceo, disse com semblante alegre: «Muitas graças sejão dadas a Deos!» Recebendo-o com suavidade de espirito, passou d'esta vida, e seria a repetir-lh'as na eterna, em 4 de Maio de 1668.

Siga-se a esta Portugueza, huma Religiosa Irlandeza, que foi a Madre Sor Leonor de Santa Margarida. Tomou o habito no dia da primeira entrada, que se fez n'esta Casa, e o sobrenome por vontade da Duqueza de Mantua Margarida, que então governava esta Corôa por Castella, e assistio a esta função, pedindo ao Mestre Fr. João de Vasconcellos, que lançava o habito ás Noviças, os cabellos d'esta, não por serem (como erão) largos, e fermosos, mas pela grande opinião, que tinha de Sor Leonor; assim levou a prenda com estimações de reliquia. Foi esta Madre do principal sangue de Irlanda, d'onde fugindo aos ameaças da heresia, se retirou a Castella depois de viuva; e achando-a o Mestre Fr. Domingos do Rosario em hum Recolhimento n'aquella Corte, a trouxe para a nova fundação, como o que tinha tanto conhecimento de sua qualidade, como experiencias de sua virtude.

Desempenhou Sor Leonor o conceito, que se tinha d'ella, na nova reforma de sua vida, dando-lhe o Ceo forças (porque já a perseguição doenças) para continual-a, e com tanta edificação das Religiosas, que occupou os lugares de Mestra de Noviças, e de Prioreza, pelo voto de todas. Apanhou-a a morte em santa velhice, e pareceo premio no que teve de suave, em 21 de Março de 1669.

Grande Portugueza continuou a alternativa, pois foi a que se seguiu a Madre Sor Maria Magdalena de Christo, a quem tanto deve esta Casa, sendo esta Madre a que com varonil constancia venceu embaraços, e pizou desenganos, applicando todas suas forças para se conseguir a fundação d'ella, como a que lhe deu então o principio, depois a perfeição: pois como já vimos, foi a Madre Sor Maria a que alcançou a resolução da Condessa, para a fundação do Mosteiro: e depois da morte d'ella, a

que, como veremos, o melhorou de edificio. Bastava esta noticia para ennobrecer sua memoria: mas vamos ás que ainda colhemos de sua vida, ou ás que puderão escapar á vigilancia de sua modestia.

Foi a Madre Sor Maria Magdalena filha de D. Manoel de Menezes, da casa dos Marquezes de Marialva, e de Dona Luiza de Moura, por morte da qual se criou com huma tia no Mosteiro das Commendadeiras de Santos, e tão lembrada já desde os primeiros annos das importancias de sua alma, que nada lhe levava os olhos, como a vida de huma Clausura, e mais, quando mais estreita. Teve conhecimento do Mestre Fr. Domingos do Rosario, fundador d'este Mosteiro, e discipula de seu espirito, foi huma das que acompanharão as fundadoras da casa, e hum dos primeiros alentos com que começou a respirar aquella observancia. Foi sua primeira vocação o Instituto de Santa Theresa das Carmelitas Descalças: mas ouvindo praticar o Mestre Fr. Domingos na Recoleta, que instituia para as Irlandezas, vacilando no primeiro proposito, entrou em pensamentos de acompanhal-as: assim pedia a Deos, que a illustrasse para o acerto com supplicas, com instancias, com lagrimas, quando detendo-se huma noite n'ellas, se lhe representou a Senhora do Rosario, assistida, e venerada do Mestre Fr. Domingos, e muitas Religiosas Dominicicas, que diante tinham dous açafates de frescas, e singulares capellas de flores. Entendeo logo, que a Senhora a convidava para o numero d'aquella ditosa familia: e vencidas as difficuldades, que houve para a fundação nova, entrou n'ella, abraçando a mortalha dominicana.

Acabou o noviciado, como se entrara em outro novo: tal sua sugeição, e tal seu recolhimento! Aspera nas penitencias, se cingia de cilícios, e inventando novas mortificações, começou a abrir a porta aos achaques, que forão sua continua penitencia. O zelo, e amor da observancia, a puzerão no lugar de Prelada, que occupou vinte annos, avaliados por poucos das subditas, que attrahia com sua brandura, e emendava com sua vida. Era zelosa, sem passar ao extremo de severa, affavel sem esquecer a inteireza de Prelada; e costumava dizer com hum claro entendimento (de que a dotou o Ceo): «Que nos que governavão Familias Sagradas, o mais seguro emprego era a charidade, porque o zelo sempre era necessario mui joeirado.» Grande documento para os que costumão lançar a capa do zelo sobre os hombros dos respeitos particulares!

Por morte de seu irmão D. João de Menezes, ficou herdeira de hum bom morgado, com que se animou a emprehender a obra grande da

Igreja, que hoje se vê, e a de reedificar o Mosteiro em maior fabrica, e melhor fórma, com que he hoje hum dos mais regulares, e perfeitos, que se achão na Corte, e visinhanças d'ella. Daremos depois n'este particular mais larga noticia. Foi rara sua humildade: nem os privilegios de Prelada a isentarão das occupações de abatimento, lançando mão d'ellas, com a desculpa de que as exercitava para ensino. Assim era sua vida huma regra muda, mas tão grande brado para a sua reputação, que não cabendo na Clausura, se estendia aos ouvidos da Corte, occupando as attentões da Rainha Dona Luiza, que com singular agrado a communicava. Apressarão-lhe os achaques a morte a huma vida, que sempre parecia breve de bem empregada, tendo de idade setenta annos, que souberão merecer hum fim socegado, e indício de conseguir sem fim o melhor premio. Tem sepultura no córo debaixo: lem-se estas letras na pedra, que a cobre:

«Sepultura da Madre Sor Maria Magdalena de Christo, que foi huma das primeiras, que tomarão o habito neste Convento, e nelle viveo trinta e dous annos, e foi Prelada viute; deu a traça da Igreja, e a edificou toda do rendimento de hum morgado, que herdou; e para ella se trasladou com solemniissima pompa o Santissimo Sacramento em 20 de Julho de 1670.»

Já disse a vida o mais que calou o epitafio.

Siga á Madre Sor Maria outra Religiosa da mesma antigidade, que tomou o habito com ella. Foi esta a Madre Sor Leonor do Calvario, nobre por nascimento. Criou-se (ficando orfãa) em casa da Condessa fundadora com grande estimação, que foi crescendo com as experiencias da virtude, que n'ella se augmentava com a idade. Era já mui entrada n'ella, quando veio para a clausura d'esta Casa, mas nada a despersuadiu de abraçar os rigores da observancia, querendo seguil-a com as obrigações de Freira conversa, aonde a convidava o interesse de mais abatida; mostrou bem, que só esse a desvelava, quando querendo-a eleger Prelada (professara com empenho de todo o Mosteiro, por Freira do Coro) foi pelas cellas das Religiosas, lançando-se-lhes aos pés, e pedindo, que a não mortificassem em hum lugar, que nem poderia desempenhar,

nem podia merecer; e foi tal sua efficacia, que as Religiosas mudarão de parecer, e votarão em outra.

Por mais que era vigilante sua cautela, se alcançava muito de sua penitencia: mas a obediencia foi a que mais luzio n'ella, e quiz mostrar o Ceo, como lhe agradava com esta virtude, dando a conhecer, que a exercitava com singularidade. Tevê muita o caso, que servio de testemunho, e foi o seguinte. Costumava a Madre Sor Antonia de Santa Theresa fundadora (de que já deixamos noticia) retirar-se algumas tardes ao cabo da cerca, para mais socegado exercicio de meditação, ou de reza; fel-o hum dia com tanta doçura de espirito, que entrou a noite sem que ella o advertisse: tornando em si, teve pavor de se ver só n'aquelle lugar, e presa para a resolução de sahir d'elle, disse em seu coração: «Quem me ha de acompanhar? Eu mando vir aqui a Religiosa mais obediente, que ha nas subditas d'esta Casa!» Suspendeo-se hum pouco, e levantando os olhos, achou junto a si a Madre Sor Leonor, que (respondendo-lhe á admiração com que lhe perguntava, quem alli a trouxera) lhe disse: «Que estando occupada em serviço da Comunidade, lhe advertira o coração, que a Prelada estava na cerca, e que para se recolher esperava companhia. E que logo viera.» Carregada de annos, cahio entrevada; que lhe quiz o Ceo dar mais a coroa da tolerancia. Passou a recebela em dia de Santa Barbara (de que era devota) favor, que pedio a Deos toda sua vida.

Tem aqui seu lugar a da Madre Sor Jacintha de Jesus Maria, por ser a ultima das cinco, que tomarão o habito no dia em que se fez a entrada no Mosteiro. Veio esta Madre para elle já mui crescida, prendendo-lhe a assistencia de sua mãe, só, e viuva, os passos com que desde uso de razão quizera caminhar a buscar a clausura; agora vingava os vagares com que viera, adiantando-se em huma vida, que servia de edificação a toda a Casa. Avultava mais n'ella a charidade, que lhe poz nas mãos o officio de Enfermeira, que ainda sem obrigação exercitava com desvelo, como se não viera a buscar aquella vida para outro, sendo tão prompta em todos os da observancia, que em cada hum se achava toda.

Teve a mesma repugnancia, que a Madre Sor Leonor, para o lugar de Prelada, de que a escusarão as Religiosas, porque a todas affirmava, que esse pezar lhe tiraria a vida. Queria tel-a mais retirada, para os penitentes exercicios de rigorosas disciplinas, e cilícios continuados. Já mui entrada em annos, pedia a Deos, que lhe não dêsse morte, que ser-

visse ao Mosteiro de trabalho. Conseguio-o assim, porque dando-lhe hum accidente, estando ouvindo Missa, a trouxerão para a enfermaria, e no meio da confissão se lhe tirou a falla. Havia pouco, que tinha commungado: assim passou d'esta vida (como pedira ao Ceo) sem dar detrimento. Depois de falecida, se descobrirão maiores indicios da pureza de sua alma.

#### CAPITULO XXIV

*Das Madres Sor Maria da Encarnação, Sor Ursula Bautista, Sor Joanna da Trindade, Sor Angelica Muria das Chagas, Sor Iria de Santo Antonio, Sor Marianna da Trindade; e das Religiosas Conversas, Sor Brizida de S. Patricio, e Sor Felicia da Madre de Deos, do mesmo Mosteiro do Bom Successo.*

Se houveramos de alargar a penna em vidas, quanto ao voto humano justificadas, qual seria a filha d'esta Casa, que nos não servisse de materia? Mas como a fazemos do mais notavel, só apontamos algumas, que se sinalarão mais entre as outras. Foi huma d'ellas a Madre Sor Maria da Encarnação, que entrando pupila n'esta Casa (em que tinha sua tia a Madre Sor Cecilia, de que já fallámos) assim desconhecco a idade, que só parece vivia para a virtude. Na da tolerancia parecia milagre: porque reprehendida muitas vezes das Preladas, ou das mais Religiosas (e sabendo-se talvez que estava sem culpa) ao aconselharem-lhe que se defendesse, respondia: «Porque? Não he melhor sofrer pelo amor de Deos?» Já Religiosa, foi inculpavel sua vida. Venerava, e chamava com cordeal affecto a Maria Senhora nossa, sua Mãi; e Pai ao Santo Patriarcha José. Toda sua ancia era merecer-lhe o nome de filha. Conjecturou-se, que de algum modo o merecera, porque abrindo-se sua sepultura, quarenta annos depois de sua morte, sentirão as Religiosas hum cheiro suavissimo, de que derão todas testemunho, e o de sua vida o deixou justificado.

Seguiu os mesmos passos a Madre Sor Ursula Bautista, dando tambem os primeiros de sua vida, para buscar seu Esposo, como encaminhada da soberana Estrella, a Virgem Maria: porque orando diante de huma imagem sua, ouviu, que a aconselhava: «Que abraçasse o instituto de S. Domingos, prégador do seu Rosario.» Mereceo Sor Ursula este favor, vivendo ainda em Irlanda (sua patria); e soube agradecer-o com

hum tão reformado estylo de vida, como se já se vira na mais estreita observancia. Continuou-a com tanto rigor n'esta Casa, que foi necessario mediar a obediencia a suspender os excessos d'ella. Servião-lhe de cama duas taboas em cruz, em que accommodava o corpo de sorte, que lhe ficava crucificado em tres cilicios de ferro, que pregara industriosa nas taboas, e dissimulava com hum manta, como os com que continuamente se cingia.

Elegerão na Priora: e como tirada do centro do seu retiro, e continua contemplação, cahio aos nove mezes de hum doença mortal. Assistião-lhe, e rodeavão-n'a as Religiosas, que lhe desejavão a vida; e lhe fallavão na esperanza d'ella; a que respondia: «Que não gastassem com ella cuidado, e assistencia: que a deixassem como hum pouca de terra; e que fossem para o coro dar louvores a Deos; que só era o que nunca acaba.» Recebeo os sacramentos com grande alvoroço; e pedindo a todas, que por seu respeito não faltassem a acto algum de Communiidade, ficou com ella hum unica Religiosa, que vendo-a proxima ao ultimo parocismo, levantou a voz para chamar as Religiosas (estavão no refeitório áquella hora); mas não o consentio a moribunda, e disse com socego, e advertencia: «Para que? Não chameis ninguem. Dai-me áquella vèla, que he sinal de Christã, e dizei-me o Credo.» E repetindo-o com a Religiosa, passou d'esta vida, ficando com hum semblante tão socegado, como se ainda vivera n'ella, e tão bem assombrado, como se segurara a melhor em que já vivia.

Soube-a buscar a Madre Sor Joanna da Trindade, pizando o mesmo caminho das mortificações, cobrindo-se de cilicios, e ferindo-se com rigorosas disciplinas. Foi esta Madre Irlandeza, e de gentil parecer; mas sem attender mais que ás perfeições da alma, castigava em si as prendas da natureza. Reparavão-lhe nas mãos, por bem feitas, claras, e mimosas, e ella metia-as em cal viva, para desfígural-as, por lhe não ser sempre possivel escondel-as. Depois de morta, se lhe admirarão tão perfeitas, como se em toda a vida antes as pullira, que as martyrizara. Enfermou, e juntamente com ella a Madre Sor Angelica (de que logo diremos) e a poucos dias de doença, disse com muita segurança: «Que era chegada sua morte, porque ella vira aquella noite passar por junto á sua cama a Madre Sor Angelica; e que voltando-se para ella, lhe dizia: «Venha, Sor Joanna, que já he tempo.» E accrescentava: «Que ainda que Sor Angelica estava como ella enferma, e mais perigosa, não iria

primeiro.» E succedeo assim, porque em breves dias acabou a vida com admiraveis mostras de alegria, e d'ahi a dous mezes faleceo a Madre Sor Angelica. Era a Madre Sor Joanna mui recatada; assim sepultou comsigo maiores empregos de sua vida. Só dizia, que recebera n'ella singulares mercês da Senhora do Pressepio, de que era devota. Está esta imagem na capella das Horas: he de grande veneração na Casa.

Seguiu á Madre Sor Joanna a Madre Sor Angelica Maria das Chagas, meia irmã das Madres Sor Maria de Jesus, e Sor Luiza Maria, de que já fica noticia nas primeiras d'esta Casa. Cahio-lhe a esta Madre o nome de Angelica por sorte, porque tirando-as suas irmãs, quando houve de bautizar-se, lhe sabio este. Desempenhou-o ella na candidez de sua alma, testemunhando seu Confessor, que nem hum leve pensamento lhe maculara a pureza, não porque o fugira, mas porque totalmente ó ignorara. Tres vezes a poz no lugar de Prelada o zelo, o desvelo, o amor da observancia. Foi placida sua morte, como fora pura sua vida. D'esta Madre, e de suas irmãs testemunhou hum Religioso de grande opinião, que sabia a quem (estando em oração) se representarão vivamente em as fórmãs de trez espiritos Angelicos. Assim passarão d'esta vida, a accrescental-os no numero, e a acompanhal-os no seu exercicio.

Continuou-o na terra a Madre Sor Iria de Santo Antonio, Irlandeza de nação, e da casa dos Condes de Berry, e Musery, porque desde menina se lhe não ouviu na boca mais que Deos. Depois de Religiosa, nada mais lhe levou o cuidado. Inventou hum tal exercicio de oração vocal, e mental, que podesse continual-os a todo o tempo, ainda quando o tivesse mais occupado. Trabalhãõ as mãos, em quanto subião ao Ceo os desejos; e não erãõ aquellas menos operosas, por andarem estes mais suspendidos. Cousa, que admirava a quem tinha mais noticia de sua consciencia. Obediente executava sem repugnancia o que talvez parecia fazel-a a razão, sem olhar mais, que para a unica de ser mandada. Caritativa, especialmente com as enfermas, sentia não achar sempre em que servil-as. Tendo noticia de que falecera pessoa, a que a sua pobreza deixaria sem suffragios, os tomava por sua conta, rezando-lhe o Psalterio, e outras devoções, que lhe aconselhava a commiserção de seu espirito.

Estes, e semelhantes exercicios, e a estreita observancia que professara, e em que não afrouxara nunca, lhe continuarão huma vida sem culpa mortal. Testemunharão n'õ assim seus Confessores. Faleceo com

espírito inteiro, e socegado, como quem conhecia a morte antes por transitio, que por termo.

Poz este ao grande martyrio de seus achaques, a da Madre Sor Marianna da Trindade, de nação Irlandeza, companheira, e consanguinea da Madre Sor Isabel da Paixão, de que já fica memoria. Avultou mais n'esta Madre, entre huma estreita observancia, huma invencivel paciencia, com que desafiava os descommodos da vida, para a trazer sempre exercitada. Sobreveio-lhe o achaque de hum cancro, que occultou muitos annos, sem que a mais leve queixa servisse de indicio, recatando todos com o receio de que a privaria a obediencia da continuação das Communidades, e Matinas á meia noite, a que se seguia o desvelo de ficar orando até á madrugada, e as mais vezes de joelhos no retiro da cella.

Alcançou em fim a Enfermeira o mal que a consumia; sentio-o ella com lagrimas, vendo-se já obrigada a afrouxar nos rigores da observancia. Continuava os que se lhe permittião, quando a impedio de todo huma doença, em que, levando-a da cella para a enfermaria, disse com admiravel segurança: «Que já não tornaria a ella.» Foi assim; porque se lhe apressou a morte, e tão placida, que pareceo premio de sua paciencia. Era esta Religiosa mui devota do Santo Bautista. Guardava a agua, que serenava na sua noite, para todo o anno; e affirmarão as Religiosas, que a applicava, e servia de remedio a muitas queixas.

Fechemos este capitulo com a noticia de duas Religiosas conversas, Portugueza huma, outra Irlandeza. Foi esta a irmã Sor Brizida de S. Patricio, a quem o Santo parece que participou muito de seu espirito na graça de operações fóra da esfera humana. Escrevemos o que nos testemunharão Religiosas de grande opinião, que hoje vivem, e viverão com Sor Brizida, e fallarão, não de tradição, mas de experiencia, e pelo que ouvirão aos Confessores da Casa. Foi Sor Brizida dotada de huma maravilhosa sinceridade, e singeleza. Era sua vida huma oração continuada, em se desembaraçando das obrigações a que acodia. Costumava dizer: «Que para aquelle exercicio não havia de haver relógio, senão estar sempre com Deos; e o preciso á vida humana, satisfazer-se depressa.» Assim o executava no que lhe pertencia, para ficar livre, e acompanhar as Religiosas nas Matinas, sendo maior martyrio para ella o não lh'o permittir o preceito da Prelada.

Levava-a hum singular affecto a abraçar as acções da nossa Santa

Rosa de Lima, especialmente da sua penitencia; assim cingio a cabeça com hum cilicio de agudos bicos de ferro, que dissimulava com a toalha; outros lhe rodeavão o corpo, fazendo-os mais asperos a continua applicação ao serviço. Era austero o seu jejum. Muitos de pão, e agua. Abstinha-se de a beber, consumindo-se em rigorosa sede, mas temperava-se esta com a inundação de favores celestes. Assistia na cosinha; e faltando-lhe muitas vezes o provimento necessario para chegar a toda a Comunidade, lhe lançava huma benção em nome de S. Patricio, e sobejava tudo. Estando occupada em servir o Mosteiro, ou na cella, ou em parte mais desviada, ouvia Missa, e adorava o Santissimo, como se estivera á grade do coro. Fallava em cousas futuras, que depois se vião com o successo, que ella apontava; e perguntando-lhe: «Quem lhe dera a certeza?» respondia singelamente: «Que fôra cousa que sonhara.»

Ateou-se por hum descuido o fogo no claustro, e ameaçava todo o Mosteiro. Instava Sor Brizida na oração, a que recorreo logo; quando vio que, entrando huma grande, e desconhecida ave branca de pennas, no meio das lavaredas bateo as azas, e apagando o incendio, desapareceo entre o fumo. Achava-se gravemente enferma, e era mortal o fastio. Disse a huma companheira sua: que entendia que só hum bocado de perdiz lhe abriria a vontade. E dizendo-lhe a companheira: «Que, se se achasse, logo se compraria;» o não consentio ella, dizendo: «Que Deos a daria, se quizesse que assim melhorasse.» Causa foi maravilhosa (e que ainda hoje o testemunha a companheira a quem succedeo), que sahindo logo esta a hum quintal do Mosteiro, lhe cahio aos pés huma perdiz, cousa, que em todo elle se não achava. Assim a trouxe guizada: e contou o successo á enferma, que dando graças a Deos, começou a convalescer d'aquella hora. Contava setenta annos de idade, quando chegou a ultima de sua vida em hum accidente. Recebeo a absolvição, que só a isso lhe deu lugar, e passou (como piamente se conjecturou de sua vida) aos da felicidade eterna, em 27 de Agosto de 1689.

Foi a outra irmã conversã, Sor Felicia da Madre de Deos; e assim toda de Deos em sua vida, que, estando ainda no berço, disse a seus pais hum Religioso Dominico, de grande espirito, que a criassem com cuidado, porque seria Freira Dominica, e grande Religiosa. Vio-se huma cousa, e outra, porque entrando n'esta Casa, viveo com grande edificação de toda ella, e faleceo tendo vaticinado as circumstancias de sua morte. Na hora d'ella se entendeo, que lhe assistira Santa Maria Magda-

lena (Protectora da Ordem) de quem era mui devota; e acabou como quem merecia tal visita. Vio-se com effeito o que vaticinara. Porque lhe deu o Viatico o Mestre Fr. Manoel Leitão, n'este tempo Visitador do Mosteiro, com patente do Mestre Geral, e entrarão com ella a dar-lhe sepultura alguns Religiosos d'esta Provincia; que era o que tinha dito havia muitos tempos, que os Padres d'ella terião muito trabalho com sua morte, e sepultura. Não podendo entender-se assim, porque o Mosteiro está isento da jurisdicção da Provincia de Portugal, e immediato ao Geral; tem Vigario Irlandez, que he o Reitor do Collegio dos Hibernios, e em semelhantes funções só se achavão os taes Religiosos. Faleceo Sor Felicia em 15 de Dezembro de 1697, e foi das ultimas Religiosas, que n'esta Casa deixarão singular memoria de sua vida, deixando muitas, que passando-a (como he vulgar no Mosteiro) em estreita observancia, nos não alargão esta escritura, em que só o mais raro nos tem servido de assumpto.

#### CAPITULO XXV

*Descreve-se a Igreja nova, e o augmento, que teve toda a Casa.*

Como a fabrica da Igreja, que hoje se vê, foi empreza da Madre Sor Maria Magdalena de Christo, e primeiro, que se aperfeçoasse a obra, falecerão muitas Religiosas na Casa, nos foi preciso, por não interromper a serie das filhas d'ella, guardar para este ultimo capitulo o rascunho da Igreja, e mais essencial de toda a Casa. Era grande a estreiteza d'ella; augmentavão-se as Religiosas, houve de tomar mais campo o interior do Mosteiro (já fica apontado o sitio): começarão a crescer as paredes em quatro lanços, espaçosos dormitorios, artificiosas, e alegres escadas, e proporcionadas officinas. He singular a do refeitorio, com setenta palmos de comprido, quarenta de largo, casa alegre, e bem acabada, meias paredes de azulejo, que a deixão mais vistosa. Claustro grande, airoso, e desassombrado, com hum jardim de muitas flores, animadas de huma fermosa fonte (que no meio se levanta) de lavrados, e pulidos jaspes brancos, pretos, e encarnados, dispostos com todo o primor da arte, não sendo menos o com que se vem desatar copiosas aguas por muitos, e varios esguichos. Foi tudo idéa da Madre Sor Maria. Assim fica sendo o interior do Mosteiro a mais perfeita Casa de

clausura, que hoje sabemos das muitas, que ha na Corte, de que algumas a excedem na grandeza, mas não na regularidade.

Mas passando á fabrica da Igreja, a que devemos mais individual noticia, como Casa, em que as familias religiosas se esmerão mais, assim na architectura, como no ornato, e no acceio; tornaremos a repetir o que já tocámos para mais clareza. Falecida a Condessa fundadora, e ficando a Casa, não Mosteiro, mas hum Recolhimento acanhado, com hum pequena ermida, antes que Igreja, suspiravão as Religiosas por consagrar a Deos mais grandiosa, e decente Casa. Dispol-o o Ceo : porque falecendo D. João de Menezes, irmão da Madre Sor Maria Magdalena, sem herdeiro, lhe veio a ella o morgado, com rendimento de quatro mil cruzados. Todos applicou especialmente á fabrica da Igreja, e depois ao principal de toda a obra da Casa, que foi o que acabou em sua vida. Ella deu aos officiaes a idéa da Igreja, que hoje se vê n'esta fórma.

Crescem as paredes com ella oitavada até o frizo, em que descança hum abobada continuada até fechar no centro d'ella com humas fachas de pedra. D'esta são tambem todas as paredes, repartindo-se, e continuando-se em bem lavrados pilares, que acompanhão seis arcos das Capellas, que em circuito formão o corpo da Igreja. Fica a porta d'ella em o arco do meio da parte da Epistola, e vem a ser cinco as capellas, por se occupar este arco com a porta. Em os dous, que ficão a Nascente, e Poente, se vem a este a Capella mór; n'aquelle duas grades de dous cores, que lhe ficão fronteiros. Correm por cima das capellas, e arcos, seis janellas, dando a pedraria entre ellas lugar a seis quadros de Santos da Ordem; assim fica todo o corpo da Igreja alegre, ornado, e vistoso.

Abre-se entre os outros o arco da capella mór mais largo, e alteroso. He toda a Capella de pedraria varia; occupa o retabolo todo o vão d'ella, e cresce em oito columnas de jaspe matizado, sustentando hum arco da mesma materia, que com bastante vão de hum abobada de graciosa pedraria, fica com o tecto servindo de docel ao Sacrario. He este todo de prata, de altura de trez covados, mais de cinco no circuitó da baze. Sóbe em fórma oitavada, e pyramidal, com suas quartellas da mesma materia, lavradas de relevo, e vai-se formando nas faces em graciosas molduras, que acompanhão finas laminas, em que se lê a Historia dos Cantares. Remata em cima com hum Cruz bem lavrada da mesma materia, que deixa toda a obra airosa sobre rica.

Na face do retabolo (que cresce sobre o arco, que cobre o Sacrario, e remata no alto da capella, subindo desde as oito columnas, atlantes de toda a obra) se abrem quatro nichos dos mesmos jaspes, em que se vem as imagens de nossos gloriosos Patriarcas. A de S. Domingos da parte da Epistola, dando a do Evangelho a S. Francisco. Sobre os arcos d'estes dous primeiros descancão outros dous nichos, com a mesma correspondencia; vem-se n'elles a imagem de Santo Thomaz da parte esquerda, a de Santo Antonio na direita. Acompanhão estes dous nichos o arco de humna fermosa tribuna, airosa, e desafogada, em que se remata, e fecha todo o retabolo. Occupa o vão d'ella hum throno magestoso, em que descanca a imagem da Senhora do Bom Successo, orago da Casa, e de muitos milagres (como já deixamos noticia). Acompanhão o throno dous Anjos, que, como se os sustentara o voo, estendendo as azas, recolhem as cortinas, com que se cobre, ou se manifesta a imagem. Ao pé d'ella se vem as do Arcanjo S. Miguel, e Anjo Custodio do Reino.

Cresce toda esta maquina á face da capella sobre o altar, a que acompanha humna banquetta de jaspe preto, com embutidos de finissima pedra branca, outra vermelha, preciosa, e resplandecente como rubim. Sobre esla banquetta, em lugar mais subido, como servindo de peanha ao Sacrario, se vê outra de talha bem lavrada, e dourada, em que se recolhem varias reliquias; a principal, que occupa o meio, a cabeça de S. Sotero Papa, e Martyr. Mostrão-se nas paredes da mesma capella mór, lavradas á face d'ella, duas sepulturas, de humna, e outra parte, em que se abrem dous arcos de jaspe preto, cobrindo a mais obra, que he de varios, e bem lavrados jaspes; na da parte do Evangelho se lê este epitafio:

«Aqui descancão os ossos de Dona Iria de Brito, Condessa que foi da Feira, e viuva segunda vez do primeiro Conde da Atalaya D. Francisco Manoel; de cada Conde d'estes lhe levou Deos hum filho, e em seu lugar lhe deu toda a nobreza do Reino de Irlanda por filhas; para ellas fundou este Convento, e deu a sua fazenda com larga mão. Nomeou Nossa Senhora do Bom Successo por Padroeira, em 13 de Novembro de 1639 se disse a primeira Missa, e em 26 de Janeiro do anno de 1640 a levou Deos com todos os Sacramentos a gozar os premios da sua devoção.»

Pater noster.

Corresponde da parte da Epistola outro nicho, e em outra semelhante sepultura se lê este epitafio :

«Aqui n'esta dura pedra descansão os ossos de D. Nuno Manoel, de treze annos, unico filho dos primeiros Condes de Atalaya D. Francisco Manoel, e Dona Iria de Brito, sua esperanza da posteridade, e mais amado por suas partes, que pela successão, que d'elle esperavão; de que a morte os desenganou no anno de 1659.

Pater noster.

Occupão, e continuão o circuito da Igreja cinco capellas. Da parte do Evangelho he a primeira da Senhora do Rosario, imagem fermosa, que mandou fazer a Madre Sor Maria Magdalena de Christo. Segue-se a do Apostolo de Hibernia S. Patricio, logo a de S. Gonçalo. Da parte da Epistola he a primeira do Santo Christo, he toda ao moderno de boa talha, devida ao cuidado, e dispendio da Madre Sor Maria de Jesus, que he Prioriza ao tempo, qte isto escrevemos, e com grande zelo do culto Divino, intenta continuar as mais capellas na mesma fórma. Segue-se logo o arco, em que fica a porta da Igreja, e a ella a capella de Santa Brigida, entre a qual, e a de S. Gonçalo fica o arco, em que se abrem as duas grades de dous coros, capazes, e proporcionados a toda a obra, ornados decentemente com a de cadeiras, e pinturas.

FIM DO QUARTO LIVRO.

# APPENDIX

## A ESTA

# QUARTA PARTE.

NOTICIA BREVE EM COMMUM DOS ESCRITORES DA ORDEM DE S. DOMINGOS  
N'ESTA PROVINCIA DE PORTUGAL

Não nos occupara a penna n'este conciso Catalogo, menos que Author, que com a sua se fez digno de encher-o. Digo, o que com ella alargou a sua escritura a emprego executivo de huma estimavel memoria. Porque não obstante ser um discurso predicativo (se he cabalmente desempenhado) demonstração de hum igual talento, sem duvida faz pouco vulto, assim para encher os numeros de hum Catalogo, como para singularizar hum engenho, em que aquelle exercicio he instituto. Assim não seguiremos a vulgaridade dos que, para multiplicar Escriitores, barateão este nome; e não daremos favor ao escrupulo dos que quizerem ter este nosso emprego por menos justificado. Os eruditos, e curiosos, que n'esta materia desejarem mais individuação, e allegações (que authorizão verdades, e comprovão a existencia, e operações dos Authores) pódem ver o *Theatro Litterario*, que escreveo o Mestre Fr. Pedro Monteiro no seu *Claustro Dominicano*.

Em todos os seculos, desde a sua instituição, foi a Religião Dominicana officina de Mestres, Escriitores, e Observantes (como palestra de letras, e virtudes) de que ás Universidades encheo as cadeiras de Mes-

tres; á Igreja os altares de Santos; e a todo o mundo (nos districtos da Fé) de Obreiros Evangelicos.

N'esta quarta parte o acabamos de comprovar com os illustres filhos d'esta Provincia (todos grandes, muitos veneraveis) que continuarão este seculo passado os exercicios de seu sagrado instituto; e parece razão, que a dêmos de terceira classe de sujeitos religiosamente heroicos, que com a laboriosa applicação de suas remontadas pennas, se souberão negocear segundas vidas; porque nem a morte (que sabe triunfar nas de todos) deixará de lh'as reconhecer nos seus escritos. Será a noticia generica, porque não pareça, que queremos senhorear a alhea, ou ambição de alargar escritura.

O primeiro Religioso, que achamos lembrado com este emprego n'esta Provincia, he Fr. Affonso Bom Homem, que em letras, e virtude confirmou o cognome. Foi singularmente versado nas linguas Latina, Grega, Hebraica, e Arabica. Verteo d'esta em Latim o «Tratado de Rabbi Samuel,» Argumento do verdadeiro Messias.

Fr. Ayres Correa escreveu sobre os «Dezasete capitulos do primeiro livro dos Reis.» E sobre o »Profeta Oseas.»

Fr. Alvaro da Torre, Mestre em Theologia, e Prégador d'el-Rei D. João o segundo, escreveu hum grande «Tratado da Creação do Mundo.»

O Mestre Fr. Alvaro Leitão, Prégador d'el-Rei D. Affonso sexto, e D. Pedro segundo, escreveu, e imprimio hum tomo de «Sermões Quadragesimaes;» e mais sete avulsos, tambem impressos, e prégados em dias, e funcções notaveis.

O Mestre Fr. André de Resende (milagre dos Escriitores de seu tempo) e dignissimo de se reconhecer em todo) estimado dos Reis, e Principes d'estes Reinos, como de muitos dos estranhos; assumpto de singulares elogios, nas pennas dos doutos, assim por suas prosas, como por suas poesias; compoz hum grande volume, em que ajuntou quatro livros de *Antiquitatibus*, e algumas traducções do latim, em que era peritissimo. Escreveo huns *Commentarios de verborum conjunctione*. Escreveo dous livros de *Aquaeductibus* por ordem d'el-Rei. Outro de *Aquaeductu Eborensi*. Escreveo hum Tratado, que intitulou *Genealiacum Principis Lusitaniae*. Compoz em latim com singular estylo, e acerto as vidas de muitos Santos, especialmente as de S. Vicente Martyr, Padroeiro de Lisboa, e de S. Fr. Gil, da Ordem dos Prégadores, S. Gonçalo de Amaranthe, da mesma Ordem, e da Rainha Santa Isabel. Escreveo varias car-

tas no mesmo idioma latino a varios homens eruditos do seu tempo. Hum livro de «Arquitectura.» Huma «Apologia,» impugnando certo Prelado. Hum «Poema,» que intitulou «*Adversus Stolidos, politoris Literaturæ obtrectatores,* com a singular elegancia de que era dotado na poesia. Varias «Orações,» no mesmo idioma Latino, que escrevia com pericia, e representava com viveza. Outro Poema de *Bracharæ urbis conditione.* Compoz huma «Chronica» d'el-Rei D. Affonso Henriques. Escreveo o «Martyrologio Portuguez» em idioma Latino. Reformou o «Breviario Eborense,» por ordem do Cardeal Infante D. Henrique. Compoz huma obra, que intitulou *De Coloniarum, et Mancipiorum jure commentarium.* Quasi tudo vio em sua vida com o premio da estampa, concorrendo os eruditos para lhe perpetuarem os elogios, e para lhe não perderem os documentos. Ditoso seculo!

Fr. André Dias, Bispo de Megara, escreveo algumas obras para o bom governo das consciencias, de que se acha alguma nos manuscritos do veneravel Mestre Fr. Luiz de Granada. E huma «Collecção de prodigios do Senhor Jesus, que se venera na Igreja de S. Domingos de Lisboa;» e ainda que não achamos mais testemunhos de sua penna, não he aqui ociosa esta memoria, por ser de hum Prelado, que recommenidou a sua, assim na vida, como na morte, sendo ambas testemunhas de sua santidade.

O Mestre Fr. André de Santo Thomaz, Lente de Prima da Universidade de Coimbra, insigne Theologo, escreveo doutissimos «Commentarios sobre a Summa de Santo Thomaz.»

O Mestre Fr. Antonio de Affonseca, Lente de Escritura na Universidade de Coimbra, e Prégador d'el-Rei D. João o terceiro, escreveo «Commentarios sobre o Pentatheuco,» exposto pelo Cardeal Caetano, de que tambem escreveo a vida. Compoz tambem sobre «Josué,» Livros dos «Reis,» e «*Paralipomenon.*»

O Mestre Fr. Antonio de Almeida escreveo dous tomos de «Sermões de Mystérios, e de Santos.»

O Mestre Fr. Antonio de S. Domingos leo a Cadeira de Theologia, na Universidade de Coimbra, em que foi Deputado da Inquisição; não só foi hum dos celeberrimos Theologos no seu seculo, mas hum grande Escriitor; escreveo com profundidade sobre toda a «Summa de Santo Thomaz.» Escreveo huma «Chronica dos Santos da Ordem,» e hum tomo sobre os «Novissimos do Homem.»

O Mestre Fr. Antonio Coutinho escreveu, e imprimio varios «Sermões.»

O Mestre Fr. Antonio da Encarnação (que foi Provincial em Armenia, e destro n'aquella lingua) escreveu varios «Documentos para o governo dos seus subditos.» a que purificou de alguns erros. Escreveo tambem varias «Relações das Christandades de Solor,» em que se achou, e deu a noticia do que os filhos de S. Domingos obrarão n'ellas. Deu tambem á estampa a terceira parte da «Historia d'esta Provincia,» escrita pelo grande Chronista Fr. Luiz de Sousa, em que escreveu algumas addições, imitando o seu estylo com singular elegancia historica.

Fr. Antonio de França, escreveu a «Vida da Princeza Santa Joanna.» Hum livro da «Instituição da Casa de Jesu de Aveiro.» Huns fragmentos da «Historia de Hespanha.» Huma «Relação dos Reis sepultados em Alcobaça,» escrita por ordem d'el-Rei D. Sebastião.

Fr. Antonio Feyo, insigne Prégador, escreveu hum tomo de «Sermões Quadragesimaes.» Mais dous tomos de «Sermões de Santos.» Hum tomo de «Festas de nossa Senhora,» e mais algns «Sermões» avulsos; tudo deu ao prélo.

O Mestre Fr. Antonio Ferreira, Confessor d'el-Rei D. João o terceiro, e do Principe D. João seu filho, escreveu dous tomos sobre particulares «Assumptos dos Santos Padres, e dos Evangelhos de todo o anno.»

Fr. Antonio de Madureira, insigne Genealogico (e n'esta materia o mais perito de seu tempo) escreveu muitos livros de «Familias d'este Reino,» de que hoje se valem os que melhor escrevem, e estimão os que melhor o entendem.

Fr. Antonio dos Prazeres escreveu huma «Historia dos-Estados da India,» e estando para a authorizar o prélo, se sepultou nas mãos de certo personagem, que a alcançou com artificio, e a negou com indecôro.

O Mestre Fr. Antonio Pereira, Deputado do Santo Officio na India, e n'este Reino, escreveu, e imprimio varios «Sermões.»

O Mestre Fr. Antonio da Resurreição, não só grande Theologo (e em tempo em que se não reconhecião muitos, não só na Provincia, mas em todo o Reino), Lente de Prima na Universidade de Coimbra, em que tambem foi Deputado do Santo Officio. Deixou doutissimos manuscritos sobre a «Summa de Santo Thomaz,» a que a penuria da Provincia dei-

xou sem o merecido premio do prélo, que se occupou com alguns «Sermões» seus, com que a estimação dos que o conhecerão quiz contentar a memoria dos que o suspirarão.

O Mestre Fr. Antonio Ribeiro escreveu, e imprimio alguns «Sermões»

O Mestre Fr. Antonio Rosado escreveu, e imprimio trez volumes. Hum sobre a «Destruição de Jerusalem.» Outro sobre os quatro «Novíssimos.» Outro de «Sermões, e milagres do Rosario.» Deixou muitos «Sermões» avulsos, dignos da estampa, como tambem hum volume de «Vidas de Santos.»

O Mestre Fr. Antonio de Senna, illustre, e incançavel Escritor (de huma cousa, e outra deu testemunho sua penna) escreveu dous tomos de «Questões Theologicas.» Outros dous; hum de *Comparatione virtutum.* Outro de *Quinque statibus hominis* Escreveo hum volume do que pertence á absoluta fôrma da Religião; illustrou a «Summa de Santo Thomaz,» pondo-lhe á margem citações dos Padres, e Authores Genticos. O mesmo fez nas «Questões disputadas do mesmo Santo,» empregõ de incomparavel estudo, concluido em trez annos e meio. Escreveo huma «Chronica recopilada de toda a Ordem.» Outra, ainda que já adiantada, não concluida. Hum tomo, que intitulou *Bibliotheca Fratrum Praedicatorum.* Varias «Vidas de Santos, de Beatos, e Veneraveis da Ordem.» Para glorioso interesse d's eruditos, deu á estampa o «Commento de Santo Thomaz» sobre o *Genesis.* Intentou o mesmo nos «Commentarios do mesmo Santo sobre os Machabeos,» mas não se igualarão as posses com o zelo, contentando-se com a gloria de ter descoberto os «Commentarios,» com diligencia tão laboriosa, como bem afortunada; servindo a sua penna, não só de facilitar-nos o credito dos seus Escritores, mas os a que faltava a noticia de nossos. Fez dar á estampa humas «Homilias do Cardeal Infante D. Henrique;» a que accrescentou alguns «Discursos» seus predicativos.

O Mestre Fr. Antonio de Sousa, Provincial que foi d'esta Província, e depois Vigario Generalissimo de toda a Ordem, por Clemente VIII, e ultimamente Bispo de Viseu. Escreveo huma «Chronica» d'esta Província.

O Mestre Fr. Antonio de Sousa, segundo do nome, consumado Theologo, e insigne Canonista, Deputado do Conselho Geral da Inquisição, escreveu trez volumes. O primeiro intitulado «Aforismos dos Inquisido-

res.» O segundo sobre a «Bulla da Cea.» O terceiro de *Solicitantibus*, todos em idioma latino, em que era singularmente versado. Não o era menos no Pulpito, estudo de que tambem enriqueceo o prelo.

Sor Antonia de S. Domingos, Religiosa na Casa de Jesus de Aveiro, dotada de singular engenho, escreveu com admiravel estylo a «Vida da V. M. Luiza do Rosario do mesmo Mosteiro.»

O Veneravel Padre Fr. Bartholomeu dos Martyres, Primaz das Hespanhas, regra de Religiosos, exemplar de Prelados, e admiração de todos, que com o nome de Arcebispo Santo se encontra a cada passo nos Escritores do seu, e nosso tempo, como Oraculo Catholico, escreveu hum volume intitulado *Compendium Spiritualis Doctrine ex variis SS. Patrum sententis collectum*. Outro, que intitulou *Stimulus Pastorum*, que S. Carlos Borromeo fez imprimir na Curia Romana. Escreveo hum tomo *In Psalmos, et Cantica Feriarum*. Outro: *Annotatione in Jeremiam, et alios Prophetas*. Hum tomo, que intitulou: *Puncta tangentiã jura, et casus conscientiae*. Outro: *De variis studiis ad Sacram Scripturam pertinentibus*. Escreveo hum tomo, que intitulou: *Epitome Chronicorum Mundi*. Outro, *Compendium Historiarum Ecclesiasticarum*. Outro: *Narrationes gestorum in Concilio Tridentino*. Outro: *Regulae mensae Religiosae*. No nosso idioma escreveu «Tratado de Praticas devoças» para os Prelados, que dão Ordens. Outro, «Praticas Espirituaes sobre os Evangelhos das Festas de todo o anno.» Hum «Summario da Doutrina Christãa,» copioso de documentos exemplares, para educação dos moços do seu Arcebispado. O «Cathecismo da Doutrina Christãa,» que el-Rei D. Sebastião mandou imprimir. Todas estas obras, que podião ser pedras preciosas n'aquella grande Mitra, forão especioso assumpto da fecundissima, e doutrinal penna do grande Fr. Luiz de Granada, que incomparavel em todos os empregos d'ella, chegou com os elogios, aonde o Arcebispo com os progressos.

O Mestre Fr. Bento de Santo Thomaz, Theologo celebre, e Prégador insigne, escreveu hum tomo «Contra a Perfidia Judaica,» que tendo approvação commua, perdeo com sua morte a vida da estampa, em que alguns «Sermões» seus forão testemunho do muito que se perdeo no que se não imprimio.

Fr. Bartholomeu Ferreira escreveu, e imprimio hum grande tomo, que intitulou: *De is, qui de Fide Catholica male sentientes aliquid scri-*

*pserrant, vel inter Catholicos tractatus aliquid de suo interposuere*; obra de grande estudo, e igual proveito.

O Mestre Fr. Bartholomeu Ferreira, Deputado do Santo Officio; escreveu, e deu á luz a «Vida do Veneravel Padre Mestre Fr. Antonio Freire,» Confessor d'elRei D. João o terceiro, e de seu filho o Principe D. João.

Fr. Bartholomeu da Veiga escreveu hum tomo de especial estudo, com o titulo de «Computo Ecclesiastico.»

Fr. Bartholomeu Nobre escreveu dous tomos, hum sobre o *Genesis*: outro sobre «S. Mattheus.»

Fr. Braz de Rezende, de raro, e memoravel engenho, estimação dos Principes do seu seculo, escreveu em verso o «Prauto da Magdalena,» e de «S. Pedro.»

O Mestre Fr. Christovão Carvão, Prégador celebre, escreveu, e imprimio hum tomo de «Varios Sermões.»

O Mestre Fr. Christovão do Rosario, Prégador, e Confessor da Rainha da Grão Bretanha, escreveu dous grandes volumes de «Prêdica,» estimaveis no voto dos eruditos; mas os achaques, e morte do Author, lhe embaraçarão a gloria da estampa.

Sor Catharina Pinheira, filha do Convento de Jesus de Aveiro, de singular refôrma, e engenho, escreveu a «Vida da Princeza Santa Joana,» como testemunha de vista.

Fr. Damião da Fonseca, grande Theologo, que o foi (passando a Roma) do Cardeal Baldino, e companheiro do Mestre do Sacro Palacio, escreveu huma obra singular (de que não ficou outra noticia) no idioma Italiano, em que era versadissimo, que imprimio vertida em hespanhol, a diligencia, e com applauso da Curia.

Fr. Diogo Alvares escreveu dous tomos sobre «Isaias,» que imprimio em Roma.

O Mestre Fr. Diogo Artur, Lente de Prima na Cadeira, que a Religião tem de propriedade na Universidade de Coimbra, o mais celebre, e reconhecido Theologo, que tiverão as Academias de toda Hespanha no seculo passado (n'esta Provincia perfilhado, ainda que de nação Hibernio) escreveu com incomparavel profundidade, e methodo sobre a «Summa de Santo Thomaz,» que principiando-se a imprimir na impressão Craesbekiana, morrendo o impressor, e o Mestre, correrão os originaes a mesma fortuna (não sem culpavel omissão d'esta Provincia) ficando a

obra só n'esta parte imperfeita, e sepultada no Collegio dos nossos Hi-bernios, que residem n'esta Corte.

Fr. Diogo Callado foi perito nas linguas Latina, Japonia, e Chinense. Escreveo huma «Arte de Grammatica Japonense.» Hum «Diccionario,» e «Thesouro da mesma lingua.» Outro da «Chinense,» de grande utilidade para a propagação Evangelica, e commercio n'aquellas regiões.

Fr. Diogo de Castilho escreveo varias obras de erudição, e noticias, que se conservão em Roma na Bibliotheca; a mais conhecida se vê com o titulo de «Origem dos Turcos, e seus Emperadores,» de que se valeo bem o vasto, e erudito Escriitor da «Republica Gentilica.» Algum Author nos quer tirar do «Catalogo Dominicano» este Escriitor, mas com tão leve fundamento, que o não podemos desconhecêr nosso.

Fr. Diogo de Lemos, igualmente douto, que reformado, escreveo a «Vida de nosso Padre S. Domingos,» illustrando-a com conceitos, e erudição, obra estimavel; para a Rainha Dona Leonor, terceira mulhier d'el-Rei D. Manoel, que a mandou imprimir.

O Mestre Fr. Diogo de Moraes, Lente de Vespera na Universidade de Coimbra, insigne Expositor de muitos livros da Sagrada Escritura, (como se pôde ver na Chronica de Fr. Antonio de Senna) foi elegante, e de feliz memoria, não menos venerado pela refôrma de sua vida.

Fr. Diogo do Rosario, varão de grande nome, assim em erudição, como em virtude; escreveo hum grande tomo de «Vidas de Santos,» e foi o primeiro *Flos Sanctorum*, que deu a luz a imprensa de Hespanha. Outro de «Sermões,» que tambem se divulgou por ella. Huma breve «Chronica da Ordem,» e huma «Summa de casos de consciencia.» Outra obra lhe attribue certo Author, digna da sua grande capacidade, e da nossa memoria, a ser mais commua a noticia.

Fr. Domingos Caveira de Sampaio escreveo hum tomo de «Santos d'este Reino;» outro dos «Varões illustres da Ordem.» Ambos imprimio em França, em que a sua capacidade fez grande lugar ao seu nome.

O Mestre Fr. Domingos Freire, hum dos maiores Theologos que admirou a Universidade de Coimbra n'este seculo passado, escreveo por ordem do Santo Officio (de que era Deputado n'aquella cidade) contra varios erros offensivos á Fé, descubertos, e confutados com a rara argucia do seu grande talento, e estudos. Escreveo a «Vida de Santa Rosa» em idioma latino, em que era eruditamente versado. Escreveo varias «Rezas de Santos da Ordem,» admirando-se nos seus hymnos a elegan-

cia, e doçura poetica, que o poz no Catalogo d'esta soberana arte, em que tambem foi Mestre.

Fr. Domingos Sinets, Germano de nação, conhecido, e venerado pelas grandes reduções dos hereges celebres, que concluiu em sua patria, e n'esta Corte, escreveu no seu idioma hum grande tomo de «Sermões,» e «Praticas,» para todas as Domingas do anno.

Fr. Domingos da Paz, celebre Prêgador Apostolico, escreveu na lingua Latina dous tomos de «Sermões,» que em Veneza se derão á estampa.

O Mestre Fr. Domingos Daly, ou do Rosario, Irlandez de nação, conhecido por fundador dos Hibernios Dominicanos n'este Reino, (que já n'esta quarta parte nos deu assumpto), do Conselho privado da Rainha Dona Luiza (na menoridade de seu filho D. Affonso VI), seu Confessor, e primeiro Ministro de seu Despacho. Recusada a Cadeira de Prima (que a Religião tem na Universidade de Coimbra), e varias dignidades Episcopaes, foi Embaixador a Inglaterra, a França, a Roma duas vezes (por Filippe terceiro governando estes Reinos, por D. João o quarto e a Rainha Dona Luiza) em que mostrou huma capacidade rara, concluindo grandes importancias, com interesse, e reputação d'esta Coroa, em que veio a aceitar o Bispado de Coimbra, por adiantar a fundação, que emprendera. Escreveo na lingua Latina, em que era versadissimo, huma «Chronica dos Reis de Hibernia,» e «Familia Geraldina.» Escreveo hum singular «Poema» em verso heroico, em que incluiu todas as censuras, que se achão no Direito Canonico, em beneficio de Confessores, e Moralistas.

O Mestre Fr. Domingos de Santo Thomaz, plausivel, e venerado talento n'esta Provincia, e no passado seculo (que n'esta quarta parte nos deu materia para estimavel escritura); Oraculo na Cadeira, como no Pulpito, singular Canonista, como insigne Poeta, escreveu toda a «Theologia,» especulativa, como moral, em seis grandes tomos, com o titulo de *Manuale Thomisticum*. Recopilou e imprimio toda a Theologia em trez tomos, a que chamou «Tiocinios.» Escreveo, e imprimio hum tomo «Predicativo Panegyrico,» sobre a Sequencia do Sacramento, que compoz Santo Thomaz. Escreveo varios «Sermões,» que perpetuou o prêlo, ainda que inferiores a seu grande nome.

O Mestre Fr. Estevão Leitão escreveu dous volumes, hum de *Lau-*

*dibus Montis Calvariï*, outro, a *Concordia de Jansenio*, Bispo Gandegavense.

O Mestre Fr. Estevão de S. Paio escreveu trez volumes, o primeiro com o titulo: *Thesaurus arcanus Lusitanis gemmis refulgens*. Aos outros deu o titulo de *Stemma selectissimum*, etc.

Fr. Philippe das Chagas escreveu hum volume, com o titulo de «Arte poetica, Pintura, Symmetria, e Perspectiva,» e outro, que intitidou «Rosario da Senhora.»

Fr. Fernando de Almeida escreveu hum «Tratado dos erros que contém as Glossas dos Sagrados Canones,» obra de importancia, e erudição.

O Presentado Fr. Fernando de Castro, neto do grande Vice-Rei D. João de Castro, escreveu o «Sitio da cidade de Goa.» Escreveo a «Vida e martyrio do Padre Mestre Fr. Jeronymo da Cruz,» que morreo pela Fé no Reino de Sião.

Fr. Fernando da Encarnação, Bispo de Cochim, e depois do Algarve, escreveu hum volume de «Theologia» em vulgar.

O Mestre Fr. Fernando de Eleno escreveu hum tomo em idioma Italiano, que intitidou: *Historia de la desunione del Regno de Portugalo de la Corona de Castiglia.* Outra memoria diz, que sendo outro o Author, elle o augmentou, e illustrou com singulares «Additamentos» de cousas notaveis.

O Mestre Fr. Fernando Soeiro, grande Theologo) e hum dos mais celebres do seu tempo) foi Prégador dos Serenissimos Reis D. João o quarto, D. Affonso sexto, e D. Pedro segundo. Escreveo, e imprimio alguns «Sermões» de relevantes assumptos, com erudição, e elegancia predicativa.

Fr. Fernando de Tavora. nomeado Bispo do Funchal, a que não podemos faltar com a breve reflexão (que nos pede sua refôrma, erudição, e nobreza) de lhe assistir á profissão no Convento de Bemfica, o Cardeal Infante, que governou esta Coroa, e de ter por Mestre na Universidade (que a Religião tem na Batalha) o veneravel Fr. Bartholomeu dos Martyres. Commentou o «Evangelho de S. João,» com o titulo: *Joannis Evangelium posterius scriptum*. Foi este Padre insigne na arte da pintura.

O Mestre Fr. Fernando de Avreu, Consultor do Santo Officio, Desembargador da Relação Ecclesiastica Patriarchal, Deputado da Junta das

Missões, Academico do numero da Academia Real, escrevia n'ella as «Memorias do Bispado de Miranda,» em que já tinha occupado o prelo com o «Catalogo dos Prelados d'aquella Igreja,» quando a morte lhe embargou os progressos d'ella.

Fr. Francisco dos Anjos escreveu a «Vida da Veneravel Madre Jeronyma de Carvalho» da Terceira Ordem de S. Domingos.

O Mestre Fr. Francisco de Bovadilha, filho dos Marquizes de Punhão (Hespanhol, mas perfilhado n'esta Provincia) escreveu «Sobre o livro da Sabedoria.» Commentou copiosamente o livro do «Ecclesiastico,» e todas as «Epistolas de S. Paulo.» Fez humas breves «Annotações aos Proverbios de Salomão.» Compoz mais alguns «Tratados,» tocantes á materia da Religião, e fóra d'ella.

Fr. Fernando Soeiro, celebre Theologo, como o reconheceo (escutando-o) o Concilio Tridentino. Foi Prégador d'el-Rei D. João o terceiro, Confessor d'el-Rei D. Sebastião, e da Infante D. Maria, filha d'el-Rei D. Manoel, e da Rainha Dona Leonor. Escreveo com admiravel acerto, e estylo sobre «Isaias, Job, Psalmos, livros de Salomão, e sobre os Profetas, assim Maiores, como Menores.»

Fr. Francisco de Jesus escreveu hum tomo em oitavas Rimas de «Malaca Conquistada.»

O Mestre Fr. Francisco de Orta deixou escritos doutissimos, e copiosos «Commentarios sobre toda a Summa de Santo Thomaz.»

O Padre Fr. Francisco da Piedade escreveu huma obra grande, com o titulo de: *Expositiones selectae Sanctorum PP. Doctorumque clarissimorum, in totum Historiale utriusque pagine textum*, de que se deu ao prelo o primeiro tomo.

Fr. Francisco Mexia compoz, e imprimio hum tomo, que intitolou: *Ordo, et Methodus Partium S. Thomæ; et omnium partium resolutio*; obra importante a voto dos Theologos.

Sor Francisca Josefa de Nazareth, do Mosteiro da Rosa, traduzio do italiano em portuguez o tomo intitolado: «Finezas de Jesus Sacramentado,» que seu irmão Fr. José de Santa Theresa, Carmelita descalço, tinha composto em Italia.

Fr. Gaspar de Barros, grande Antiquario, e insigne Geografo, compoz, e deu á luz hum grande «Itinerario,» em que descreveo todos os lugares, nomes, e origens dos Reinos de Hespanha.

Fr. Gaspar da Cruz, o primeiro Missionario, que entrou no Imperio

da China, nomeado Bispo de Malaca, e que acabou no seu exercicio com opinião de Santo, escreveu hum «Tratado» tão individual, como extenso, das cousas da China.

O Mestre Fr. Gaspar de Mello' (que substituiu a Cadeira de Prima, que a Religião tem na Universidade de Coimbra, e passou por Inquisidor ao Estado da India) escreveu eruditas, e varias obras, de que ficou esta noticia confusa, e a de que a morte do Author lhe suspendeo a estampa.

Fr. Gaspar do Salvador, filho da India, compoz huma «Chronica» dos Religiosos d'aquella Congregação,» que falecerão n'ella com nome de letras, e virtude.

Fr. Gastão (de que se ignora o sobrenome) escreveu as «Guerras entre os Reis de Cochim,» e Calecut, livro estimavel pela verdade experimental com que seu Author tratou a materia, em que envolveo com a mesma as façanhas do grande Duarte Pacheco, em beneficio dos que escreverão d'este heroe.

O Mestre Fr. Gaspar Pinheiro, Lente de Prima da Universidade de Coimbra, imprimio alguns «Sermões,» prégados em festividades dignas de tanto Orador.

Fr. Jorge de Santiago, varão doutissimo, Bispo de Angra (que por mandado d'el-Rei D. João o terceiro foi por Theologo ao Concilio Tridentino) escreveu, e imprimio por aceitação commua, a grande «Oração,» que fez no mesmo Concilio, e hum tomo de varias «Direcções, e Dictames» para o governo do seu Bispado, como para qualquer governo Ecclesiastico.

O Mestre Fr. Jorge Vogado, que foi Provincial d'esta Provincia, escreveu varios «Tratados» de memorias pertencentes a ella.

O Santo Fr. Gil, Doutor pela Universidade de Pariz, e o primeiro, que leo Theologia Escolastica n'esta Provincia, escreveu huma «Chronica» de varios, e insignes Mestres, que florecerão n'ella.

Fr. Henrique de . . . Religioso douto, e reformado (da estimação da Rainha Dona Catharina, mulher d'el-Rei D. João o terceiro) escreveu, e imprimio hum tomo de «Sermões» dos mais principaes mysterios da Igreja; e a gosto, e obsequio da mesma Rainha, verteo da latina na lingua castelhana o «Compendio da Doutrina Christãa» do Mestre Fr. Luiz de Granada.

O Mestre Fr. Jeronymo da Azambuja, Escritor celebre com o cogno-

me de Oleastro, peritissimo nas linguas Grega, Hebraica, com o nome de Theologo d'el-Rei D. João o terceiro assistio no Concilio Tridentino, onde se escutou como Oraculo. Foi Deputado do Santo Officio em Evora, e Lisboa, e do Conselho d'el-Rei D. Henrique. Recusou o Bispado de S. Thomé, em tempo em que ainda a pouca experiencia o não tinha malquisto. Foi Provincial d'esta Provincia. Escreveo sobre todo o «Pentatheuco,» sobre «Isaias, e Jeremias, e todos os Profetas Menores,» sobre os quatro livros dos «Reis,» sobre os «Psalms.» Escreveo mais outros «Commentarios sobre varios livros da Escritura;» e hum tomo sobre as «Heresias» do seu tempo; e sendo sem controversia hum dos primeiros, e mais genuinos Expositores (de quem os que se lhe seguirão, em muita parte se valerão) em huma cousa foi inimitavel, que foi nas suas *Reflexões ad mores* por profundas, e breves.

Fr. Jeronymo Correa escreveo hum tomo de *Concordia scientiarum*. Outro, em que compilou todos os privilegios da Ordem dos Prégadores.

Fr. Jeronymo Pereira, varão doutissimo, e Prégador celebre, Bispo titular de Salê, que assistio ao Cardeal Infante D. Henrique, escreveo hum tomo de *Resurrectione Christi Domini*; outro de *Sacramentis Ecclesiae*, e varios «Sermões» do tempo, e de Santos. De mais obras ficou só a noticia em commum sem titulo, ou numero.

Fr. Jeronymo Ramos escreveo exactamente a «Vida do Infante Santo D. Fernando.»

O Mestre Fr. Ignacio Coutinho compoz dous tomos com o titulo de «Promptuario Espiritual,» sobre os Evangelhos» das festas dos Santos que celebra a Igreja, pelo discurso do anno. Escreveo hum «Marial de Panegyricos,» para todas as festas da Senhora. Escreveo mais varios «Sermões» avulsos; tudo com tanta erudição sagrada, e elegancia predicativa (em tempo em que huma, e outra cousa era rara), que não só o perpetuou a estampa n'este Reino, e no nosso idioma, mas passou a estranhos, em que logrou o mesmo beneficio na traducção latina, por hum Religioso da Ordem.

O Mestre Fr. Ignacio Galvão escreveo com singular erudição, e estylo, em idioma Latino dous grandes tomos de «Elogios sobre a Doutrina do Doutor Angelico Santo Thomaz.» Imprimirão-se, e alguns «Sermões» avulsos.

O Mestre Fr. João Aranha, Lente de Prima de Escritura na Universidade de Coimbra, escreveo, e prégou com estimação publica as «Exe-

quias d'el-Rei Philippe o. Primeiro,» que governou estes Reinos. De mais «Sermões» o faz Author alguma memoria, que não passou de commua.

Fr. João da Cruz, Religioso erudito, compoz huma «Chronica da Ordem» em dous tomos. Escreveo hum «Dialogo sobre a importancia da Oração, e obras virtuosas; hum Discurso sobre o Psalmo 41.» Verteo em latim a «Historia Ecclesiastica,» que se intitula: «Bipartida.» Imprimio-se roubando o nome, e gloria a este Author. Escreveo, e deu á estampa trinta e seis «Sermões,» sobre as mais importantes materias ao Christianismo.

Fr. João Lopes escreveo a «Vida de S. Vicente Ferreira.»

Fr. João Madeira, versadissimo na Historia, escreveo as «Vidas dos Reis de Portugal,» manuscrito, de que se aproveitarão grandes Authores.

Fr. João Pedraça, Castelhana de nação (perfilhado n'esta Provincia) da illustrissima Casa dos Duques do Infantado, Lente de Vespera na Universidade de Coimbra, Bispo das Canarias, escreveo huma copiosa *Summa de casos de consciencia*, recebida (primeira, e segunda vez) pela estampa dos melhores votos na materia, com credito do author, e interesse dos estudiosos.

Fr. João Pinheiro, que de Doutor na Universidade de Pariz, veio ler a Cadeira de Vespera em Coimbra, e passou ao Concilio Tridentino por Theologo d'el-Rei D. Sebastião, atalhando a morte os grandes progressos de seus estudos, que trinta e nove annos tinha desempenhado huma Oraculo de Theologia, e Escritura Sagrada, sobre que escreveo varios livros, de que (faltando elle) se aproveitarão muitos, roubando ao Author o premio do prêlo; ao prêlo hum particular assumpto, em muitos que podião authorizar este Catalogo.

Fr. João de Portalegre escreveo a «Vida de S. Fr. Gil,» estendendo a todos seus milagres a escritura, como testemunha de vista.

Fr. João de Portugal, filho dos Condes de Vimioso, Prêgador d'el-Rei, e Bispo de Viseu, Religioso de eximia litteratura, e singular observancia; já n'esta Chronica nos authorizou a escritura. Escreveo quatro tomos de «Theologia,» sobre as materias de *Gratia, creata, et increata*. Escreveo no nosso idioma hum tomo, a que intitulou «Casamento Christiano.» Outro de «Louvores de nossa Senhora.»

Fr. João dos Santos, grande Missionario do Oriente, escreveo hum

livro com o titulo de «Ethiopia Oriental,» impresso, e buscado como o mais veridico nas noticias d'aquelle Emporio.

O Mestre Fr. João de Santo Thomaz, Inquisidor no Tribunal de Madrid, Confessor de Philippe quarto, leo em Alcalá as Cadeiras de Prima, e Vespera. Escreveo hum «Curso Theologico» em tres tomos. Mais quatro tomos sobre as «Questões de Santo Thomaz.» Trez tomos de «Filosofias» no idioma Hespanhol: hum livro com o titulo *Explication de la Doctrina Christiana*. Faleceo com opinião de Santo.

O Veneravel Mestre Fr. João de Vasconcellos (que nos enriqueceo esta escritura, com mais especiosa materia) escreveo varios tomos de «Theologia Escolastica.»

D. Fr. José de Jesu Maria, Bispo titular de Patara, escreveo em idioma Latino hum tomo com o titulo de *Manuale Qualificatorum*. Hum «Sermão nas exequias de Clemente XI.» Imprimio-se.

O Mestre Fr. José de Santa Maria escreveo dous grandes tomos de *Libero arbitrio*. Imprimio-se o primeiro.

O Mestre Fr. José da Purificação, singular Latino, e celebre Poeta no mesmo idioma, Academico do numero da Academia Real, escreveo, e recitou a «Oração gratulatoria na exaltação ao Solio Pontificio do nosso Pontifice Benedicto XIII.» Na sua morte a «Oração Funebre.» Escreveo, e imprimio alguns «Sermões.»

Fr. José Teixeira, Prêgador do Cardeal Rei D. Henrique, escreveo a «Genealogia de Henrique quarto «que se imprimio. E hum «Tratado Apologetico,» em obsequio do Principe de Condé. Mal informado Manoel de Faria, faz a este Religioso Trinitario.

Fr. Jordão (a que os successos de sua vida, e morte supprirão o sobrenome, porque morrendo no Oriente pela Fê, se seguirão tantos prodigios á sua morte, que os mesmos Gentios lhe levantarão imagens em seus pagodes) escreveo hum volume do martyrio de quatro Religiosos Menores, que intitidou *Certamen gloriosum in Oriente*.

Fr. Lopo Soares escreveo sete tomos, a que a sua morte privou da vida da estampa. De dous ficou a memoria das materias, hum: «Discursos Predicativos sobre as Domingas da Quaresma,» outro em idioma Latino: «Contra o procedimento dos Christãos novos.»

O veneravel servo de Deos, e Santo varão Fr. Lourenço Mendes, que floreceo em virtudes, e milagres, e no exercicio de Prêgador Apostolico, escreveo sobre varias materias, como testemunhão as «Memorias da Or-

dem;» perderão-se os seus escritos (como tem succedido a muitos, que a podião authorizar) na demolição do primeiro Convento de Guimarães.

Fr. Lucas de Santa Catharina, Chronista mór d'esta Provincia, e Reinos de Portugal, Academico do numero da Academia Real. Escreveo esta «Quarta Parte das Chronicas da Ordem.» O «Panegyrico historico da Princeza Santa Joanna,» em methodo predicativo em dous tomos. O «Thaumaturgo do Rosario, Vida de São Domingos, com reflexões,» em hum tomo. O «Pantheon Evangelico, com cincoenta Panegyricos,» em hum tomo. Hum tomo com o título de «Discursos Asceticos.» Hum tomo com o título de «Tribunal da consciencia.» Hum tomo com o título de «Panegyricos sacros.» Sermões avulsos, numerosos, que por varias mãos andão adulterados. Varias obras em verso: sagradas muitas, de que se imprimirão algumas. Quando isto escrevemos, continúa o seu emprego Academico nas «Memorias de Malta,» em que tem escrito dous livros, e escreveo a maior parte da «Historia dos Templarios;» em hum e outro assumpto se imprimirão «Catalogos.»

Fr. Luiz Cacegas, primeiro Chronista de que ha memoria n'esta Provincia de Portugal, da Ordem dos Prégadores, escreveo a «Historia» d'ella, que ficou infórme.

Fr. Luiz de Sousa, Chronista mór (e grande Chronista) da Ordem dos Prégadores, n'esta Provincia, e Reino de Portugal, escreveo a «Chronica» d'ella em trez tomos. Escreveo a «Vida de Fr. Bartholomeu dos Martyres.» Escreveo varias «Genealogias de Portugal.» Algumas obras em verso latino, arte, e idioma em que era elegantemente versado. Escreveo a «Vida d'el-Rei D. João o terceiro» a que o roubo, ou industrioso, ou violento, tirou o premio do prélo.

Fr. Luiz de Faria escreveo varios «Tratados Asceticos,» bem avaliados dos doutos de seu seculo.

Fr. Luiz Garcez escreveo as «Vidas das Madres Sor Isabel dos Anjos, e Sor Juliana de Jesus,» Religiosas de grande opinião no Mosteiro de Chellas, em tempo em que professava o Instituto Dominicano.

O veneravel Mestre Fr. Luiz de Granada, perfillhado n'esta Provincia e Convento de Evora, Atleta da Religião, e Doutrina Christãa, escreveo incançavel com sciencia, espirito, e zelo, doutrinando o mundo catholico; reconhecido assim pelos Pontífices, Principes Ecclesiasticos, e Seculares, e Ministros da Igreja, como soccorro, e ornamento d'ella. Escreveo este grande Mestre tanto, que mal se pôde reduzir a numero; dire-

mos com brevidade do mais vulgar, e o primeiro o seu admiravel volume «Sobre a Oração.» O inimitavel do «Symbolo da Fè,» outro tomo da «Oração, e Contemplação,» com admiravel methodo directivo. Seis tomos de «Sermões,» dous de Santos, quatro Doutrinaes. Hum tomo com o titulo de «Sylva de varios lugares,» em utilidade dos Cultores Evangelicos. Hum grande volume, repartido em seis livros, com o titulo de «Rhetorica Eucharistica.» Huma obra em seu proprio idioma, repartida em dous livros, com o titulo de «Guia de peccadores.» Outra repartida em sete Tratados, com o titulo de «Memorial da Doutrina Christã,» outra de «Addições» a este «Memorial,» repartida em dous Tratados; outra obra que intitulo «Introdução ao Symbolo da Fè,» repartida em cinco partes. A esta accrescentou hum «Tratado» sobre o modo com que se ha de propor, e introduzir a Fe, cathequizando os infieis.

No idioma Hespanhol escreveu huma obra com o titulo de *Instituciones, y Reyna de bien vivir.* Na lingua Portugueza, por ordem da Rainha Dona Catharina, de quem era Confessor, escreveu hum «Compendio de Doutrina Christã.» Escreveo tres livros sobre a «Sagrada Eucharistia.» Escreveo outra obra, que intitulo «Parabolas Evangelicas;» outra em Latim, intitulada *Erhortationes ad pœnitentiam.* Hum livro sobre a «Frequencia da Communhão.» Hum livro de *Officio Parochi.* Hum Tratado «De *Peregrinationibus;* huma copiosa *Homilia* de *Sacerdotis Dignitate, et Officio.* Hum tomo sobre o «Rosario da Senhora. «Verteo de Latim em Hespanhol (à instancia de varios personagens) a «Historia Ecclesiastica.» Traduzio os quatro livros, de *Contemptu Mundi.* Traduzio huma singular obra de S. João Climaco. Escreveo varias vidas de pessoas de opinião.

Todos estes escritos (e outros, de que ficou só a noticia de que os houve) se imprimirão, ou com advertencia, ou em obsequio das Tiaras da Igreja, que alcançou em sua vida. Muitos se lhe usurparão, e imprimirão com diverso nome. O seu foi applaudido, e elogiado pelas mais doutas pennas, que então reconhecia o Mundo Catholico. Quem desejar mais individuaes noticias d'este laborioso operario da Christandade, lea o terceiro lanço do «Claustro Dominicano,» que escreveu o Mestre Fr. Pedro Monteiro.

Fr. Luiz Lamberto, Prégador celebre, escreveu muitos «Sermões;» dous se imprimirão.

O Mestre Fr. Luiz de Souto-maior, oraculo dos Theologos do seu tempo, foi versado nas linguas Grega, e Hebraica, celebre na Latina. Leo Theologia na Universidade de Lovaina; teve cadeira de Latim em Londres, por mandado d'el-Rei Filippe de Castella. Passou ao Concilio de Trento por Theologo d'el-Rei D. Sebastião. Leo a Cadeira de Prima de Escritura na Universidade de Coimbra. Compoz sobre os «Cantares» dous tomos copiosissimos, e de toda a crudição: outro grande tomo sobre duas «Epistolas de São Paulo,» tudo em commum beneficio dos cultivadores do Evangelho, e tudo impresso. Hum copioso «Commento sobre o Evangelho de S. João,» que ficou imperfeito entre muitos manuscritos de tanta estimação, como tudo o que escreveo, merecendo-a no voto de Clemente VIII, como de todo o mundo estudioso.

Sor Luiza de Deos, filha dos Condes de Vimioso, Marquezes de Aguiar, do Convento de Santa Catharina de Senna de Evora, escreveo por preceito de seu Confessor, o Mestre Fr. Fernando Soeiro, sua mesma «Vida.» em que tocou varias applicaões da Escritura, com admiravel intelligencia; para que seria illustrada, como se infere de sua estreita observancia.

O Mestre Fr. Manoel Coelho, Vigario geral da Congregação da India, Deputado do Santo Officio em Goa, escreveo hum tomo sobre as «Christandades do Oriente,» e huma elegante «Oração,» que recitou em huma função regia d'aquelles Estados. Imprimio-se.

O Mestre Fr. Manoel da Encarnação, conhecido pelo cognome de Pontevel, Provincial, que foi d'esta Provincia. Commentou o «Evangelho de S. Matheus» em quatro grandes tomos, que se achão impressos.

Fr. Manoel Homem escreveo hum tomo, que intitullou «Memoria da disposição das armas castelhanas.» Escreveo hum grande tomo sobre a «Acclamação d'el-Rei D. João o quarto.» Escreveo, e imprimio duas «Relações das duas Embaixadas do Marquez de Cascaes a França.»

Fr. Manoel da Silva, Presentado, compóz huma «Summa sobre a Bulla da Cruzada,» com a sua distincão entre Portugal, e Castella, e foi a primeira, que por este estylo se escreveo, e imprimio.

O Mestre Fr. Manoel Veloso compoz huma «Summa,» em que recopilou algumas materias das «Partes de Santo Thomaz,» para facilitar o estudo aos examinandos na Theologia.

O Mestre Fr. Martinho de Ledesma, insigne talento, Theologo celeberrimo, Hespanhol por nascimento, e n'esta Provincia perfilhado, e pri-

meiro Lente de Vespera na Universidade de Coimbra (depois o foi de Prima) escreveu dous grandes volumes de «Theologia sobre o Mestre das Sentenças;» imprimirão-se. Escreveo copiosos «Commentarios.»

Fr. Manoel Guilherme escreveu, e compilou os «Agiologios Dominicanos,» com a assistencia, e applicação de Fr. Manoel de Lima, Religioso da mesma Ordem; escreveu mais alguns «Opusculos.» Tudo corre impresso, e alguns «Sermões (I).»

O veneravel Fr. Miguel Rangel, Bispo de Cochim, que n'esta quarta parte no livro quarto nos deu hum glorioso assumpto, como ás Christandades do Oriente hum exemplar Prelado, escreveu huma copiosa «Relação» das importancias d'ellas, e d'aquelle Estado.

A Madre Soror Margarida Pinheira, Religiosa do Mosteiro de Jesus de Aveiro, escreveu com individuação, como testemunha de vista, a «Vida da Beata Joanna, Princeza de Portugal,» filha da mesma Casa.

A Madre Soror Maria Bautista, Religiosa no Mosteiro do Salvador de Lisboa, escreveu a «Historia» do mesmo Mosteiro.

A Madre Soror Maria de Noronha, Religiosa da Annunciada, filha do Conde de Linhares, destra na latinidade, e arte da pintura, escreveu com espirito, e acerto varias materias de doutrina, e edificação.

Fr. Nicoláo Dias, douto, e reformado, Prégador insigne, e Missionario do Rosario, que espalhou com grande fruto, primeiro correndo as terras da Palestina, depois na Curia Romana, em que foi aceito ao Santo Pontifice Pio V, escreveu hum tomo do «Rosario.» Hum «Tratado do Juizo universal;» outro «Tratado da Paixão de Christo;» e algumas «Rezas,» assim do Rosario, como de alguns Santos, que celebra a Igreja; entende-se, que por ordem do Pontifice. Tudo se imprimio. Hum «Tratado das excellencias do Bautista;» a «Vida da Princeza Santa Joanna, Religiosa da Terceira Ordem de S. Domingos » Imprimio-se. Outra obra com o titulo de «Jornada da Terra Santa.»

O Mestre Fr. Pedro Calvo, hum dos mais celebres Prégadores do seu tempo, e elle o foi dos Filippes segundo, e terceiro, governando este Reino. Escreveo no idioma Latino dous grandes tomos de «Homilias, sobre os Evangelhos de todo o anno.» Outro tomo com o titulo das «Lgrimas dos Justos » Mais dous «Sermões;» tudo se imprimio em beneficio dos cultores do Evangelho.

(1) Deve se a este Padre o grande complemento da Bibliotheca de S. Domingos de Lisboa, a que doou e enriqueceo com hum juro de trezentos e cincoenta mil réis.

Fr. Pedro Fernandes Gallego, escreveu a «Vida do nosso Patriarcha S. Domingos» em Latin, e a «Historia da Ordem» no mesmo idioma, até o tempo do Mestre Geral Humberto. Faleceo com grande nome de virtude.

Fr. Pedro Julião, por outro nome Pedro Hispano, Summo Pontifice, com o nome de João XXI, escreveu as «Summulas,» que por muitos annos se lerão nas Universidades de Hespanha. Huns «Problemas Filosoficos,» e hum volume, que intitolou «Thesouro de pobres.»

O Mestre Fr. Pedro de Magalhães, de grande nome em letras, e virtude. Foi do Conselho Geral do Santo Officio, e n'elle Presidente. Compoz hum «Tratado de *Scientia Dei,*» outro de *Prædestinationis executione;* outro com o titulo de *Tractatus Theologici, ad primam Partem Dicit Thomæ.* Imprimirão-se. Por sua morte se embarçou a estampa a varias materias Theologicas, como a outras de Filosofia. Faleceo com grande opinião de virtude.

O Mestre Fr. Pedro Martyr, Lente de Vespera na Universidade de Coimbra, escreveu sobre a «Primeira parte de Santo Thomaz.» Escreveo hum volume, que intitolou «Diario Virginal.»

Fr. Pedro de Santa Maria escreveu, e imprimio hum tomo com o titulo de «Boa criação e Politica Christã.»

O Mestre Fr. Pedro Monteiro, Academico do numero da Academia Real, escreveu hum grande volume dos «Varões illustres da Religião,» em letras, virtudes, e lugares, repartido em quatro classes, de que já huma conseguiu a estampa. Tambem a merecerão varios «Sermões,» que prégou em funções celebres n'esta Corte. Tem escrito no seu emprego Academico tudo o que toca ao Santo Tribunal da Inquisição, e muitos «Sermões,» que espera o prélo.

Fr. Pedro Pacheco, Bispo de Cochim, que governou o Arcebispado de Goa, escreveu hum tomo de «Politica.» Imprimio-se. Escreveo quatro «Sermões prégados nas quatro partes do Mundo, em que esteve.» Imprimirão-se.

Fr. Pedro Paes escreveu em idioma Latino a «Prodigiosa vida do Santo Fr. Gil.»

Fr. Silvestre de Azevedo escreveu «Sobre os Mysterios de nossa Santa Fé,» assistindo no Reino de Cambaya (onde foi o primeiro Missionario) por mandado do mesmo Rei da terra, e no idioma d'ella, em que era versado.

O Mestre Fr. Simão da Luz, celeberrimo Prégador do seu tempo,

compoz hum tomo de *Auxiliis*. Prêgou (e imprimio) varios «Sermões,» nas maiores fânções que houve n'esta cidade.

Fr. Soeiro Gomes, companheiro de nosso Santo Patriarcha, fundador, e primeiro Provincial d'esta Provincia, escreveu, e compoz por ordem d'el-Rei D. Affonso o segundo, as primeiras «Leis geraes,» porque se governou este Reino.

O Mestre Fr. Thomaz Aranha, que substituiu na Universidade de Coimbra, por ordem Regia, as Cadeiras de Durando, e de Escritura, de Prima, e Vespera, escreveu hum livro, que intitulo «Triunfo da Fè.» Dous tomos de «Sermões Quadragesimaes, e de Santos.» Imprimio varios «Sermões» avulsos. Escreveo varias «Poesias» (em que tinha conhecimento, e destreza) especialmente na feliz Acclamação d'el-Rei D. João o quarto, que se imprimirão com nome alheo.

Fr. Thomaz Barreto imprimio alguns «Sermões.»

Fr. Thomaz de Chaves compoz hum «Summa sobre os Sacramentos da Igreja.» Escreveo humas «Questões Theologicas, sobre os Decretos dos Concilios,» em especial do Tridentino.

Fr. Thomaz da Cosia, no seu tempo esplendor da Cadeira, e do Pulpito. Foi Prêgador d'el-Rei D. João o terceiro, Confessor da Rainha Dona Catharina, virtuoso, e reformado; assim recusou, sendo doutissimo, o Magisterio. Escreveo hum grande volume em idioma Latino, que intitulo: *Tropi insignes veteris, ac novi Testamenti, ejusdemque Phrases*. Hum tomo de varios lugares da Escritura *ad mores*.

Fr. Thomaz Durão compoz hum livro intitulado: *Mantulus Curatorum*. Foi este Padre Prêgador d'el-Rei D. João o terceiro; e Mestre do Cardeal Infante D. Henrique.

Fr. Thomaz, Mestre, e celeberrimo Theologo Hespanhol, perfilhado n'esta Provincia, Mestre do Sacro Palacio por Pio IV. Purificou todas as «Obras de Santo Thomaz,» reduzindo-as a dezasete tomos. Sobre as mesmas Obras compoz doutissimos «Commentarios.» Expurgou as «Obras de Alexandre Tartagino. Polio o «Cathecismo» com Fr. Eustachio Lucatello, Procurador geral da Ordem.

Fr. Thomaz da Penha, celebre em letras, virtude, e elegancia predicativa. Compoz hum tomo de «Conceitos sobre os Evangelhos» de todo o anno. Compoz o «Officio, e Reza do Doutor Angelico Santo Thomaz.» de que usa a Igreja: destro na Latinidade, e na Poesia.

O Mestre Fr. Thomaz de Sousa, Prêgador d'el-Rei D. Sebastião, es-

creveo doutíffimos «Commentarios sobre Oseas, e Joel;» e he tradição, que tambem escreveu sobre «Josué.»

Fr. Vasco de Lucena escreveu em idioma Latino hum grande volume da «Vida de S. Fr. Gil.

O Mestre Fr. Vicente Gomes escreveu a «Vida do Veneravel Padre Fr. Domingos Anadon, Religioso da Ordem.» Hum «Certame Poetico» (como destrô na arte da Poesia) sobre a mesma vida. Escreveo as «Festas na Canonização de S. Raymundo.» Escreveo alguns «Sermões na Beatificação de S. Luiz Beltrão.» Escreveo os «Milagres dós Santos da Ordem Santo Ambrosio de Senna, e S. Jacobo Salomonio.» Os «Milagres da Imagem do nosso Padre em Soriano.» Huma «Chronologia das Santas da Ordem.» A «Descripção da Cidade Santa,» no tempo em que Christo Senhor nosso padeceo n'ella.

O Mestre Fr. Vicente de Lisboa, Provincial das Hespanhas, e n'ellas Inquisidor geral, Prégador, e Confessor d'el-Rei D. João o primeiro. Escreveo muitos livros, com que convenceo, e destruiu as heresias n'estes Reinos, e de Castella, como consta do epitafio da sua sepultura.

O Mestre Fr. Vicente da Poute escreveu hum tomo de «Questões Theologicas.» Escreveo em idioma francez, sobre o «Artigo da Fê: *Credo unam Sanctam Catholicam, et Apostolicam Ecclesiam Romanam.*» Escreveo outro tomo de «Materias Theologicas.

O Mestre Fr. Umberto Cordeiro escreveu hum tomo com o titulo de «Amor de Deos, e do proximo.»

Sor Violante do Ceo, Religiosa no Mosteiro de nossa Senhora do Rosario, por outro nome da Rosa, d'esta Corte de Lisboa, versada singularmente na arte da Poesia, escreveu hum tomo de bons «Versos,» que logo se imprimio. De mais dous tonos houve noticia, e que estavam para se dar á estampa. Por varias vezes a tem occupado os seus celebres «Soliloquios ao Sacramento,» e a «Christo crucificado. Huns em idioma Portuguez, outros no Hespanhol, todos pios, e elegantes.

Grande numero de Religiosos, notaveis por letras, virtudes, e lugares (que vão distribuidos pelos seus, não só n'esta quarta parte, mas nas outras trez) nos podião occupar, e ennobrecer a penna n'esta materia, se quizessemos fazel-a de hum só Sermão, ou papel de menos vulto, que historia (como vemos praticado em Escritores, que nos podião servir de exemplo, e desculpa); mas não mendigando esse soccorro, e escusando de disputas este Catalogo, antes o quizemos justificado, que extenso.

# CATALOGO

## DOS ARCEBISPOS E BISPOS

QUE N'ESTES REINOS DE PORTUGAL, E SUAS CONQUISTAS  
TEVE A SAGRADA ORDEM DOS PRÉGADORES, ASSIM NACIONAES, COMO ESTRANHOS.  
ENTRÃO TAMBEM OS QUE, SENDO NACIONAES,  
TIVERÃO ESTAS DIGNIDADES EM OUTROS REINOS.

Entrou em Portugal a Religião de S. Domingos, occupando as attentões da estimação, e do respeito, que seus filhos souberão grangear, com aquelles dous empregos, que só dignamente as sabem merecer, como são, virtude, e letras, herança gloriosa de seu grande Patriarcha. Não se difficultarão estas noticias aos ouvidos, e reparos dos nossos Monarchas, a que sempre os merecimentos acharão as mãos abertas, como as familias sagradas as portas de seus Reinos, desejosos de ter aos seus povos bem doutrinados, e o culto divino com augmentos. Com maximas tão catholicas começarão igualmente a dilatar os seus dominios, e a entregar grande parte d'elles nas mãos dos Religiosos, em que não só tinham para negócear com Deos bons Mercieiros, mas em que achavão Prelados, a que entregar suas Igrejas, conhecendo (como lhe hião mostrando as experiencias) que erão os mais proprios esmoleres, costumados a viver como pobres, e singulares mestres para o exemplo, e para o ensino, como continuos cultivadores de sciencias, e virtudes.

Era (como sempre foi) a Religião Dominicana, reconhecida officina de sujeitos abalizados n'aquelles dous empregos; começarão os Reis a

tiral-os; dos claustros, com a certeza de que aproveitavão os postos. Nem o serem estes elevados, lhe valeo, para que os não dominasse a tyrannia dos tempos, sepultando muitos dos grandes espiritos, que os administrarão com mais acerto, que ventura, faltando-lhe a de se lhe perpetuar a memoria. Diremos dos que a conseguirão, não mais merecida, mas mais privilegiada.

Foi o primeiro D. Fr. Soeiro Viêgas, segundo do nome, e quinto Bispo de Lisboa, depois de livre da tyrannia dos Mouros. Valeo muito com el-Rei D. Affonso o segundo, pãssando a Roma sobre o litigio do mesmo Rei, com suas irmãas as Infantas (hoje beatificadas) Dona Sancha, e Dona Theresa. Segunda vez passou D. Soeiro á Curia, aonde renunciando o Bispado nas mãos de Gregorio IX, chamado dos prodigios, com que nosso Patriarcha assombrava o Mundo, voltando a Portugal, vestio o habito de S. Domingos das mãos do primeiro Provincial, que teve esta Provincia, o santo Varão D. Fr. Soeiro Gomes, de que vestindo tambem o espirito, continuou em huma tão rigorosa observancia a vida, que a acabou com demonstrações de que passava á eterna no anno de 1232.

Fr. Roberto Portuguez, Bispo de Silves no Algarve, reinando Affonso o terceiro pelos annos de 1234. Aceitou o Bispado com licença do dito Rei, porque a nomeação n'elle foi por el-Rei de Castella Affonso o decimo. não pertencendo ainda o Algarve a esta Coroa.

D. Fr. Bartholomeu Portuguez, teve por Clemente IV o mesmo Bispado pelos annos de 1268.

D. Fr. Pedro Julião, chamado nas historias Pedro Hispano, filho de Lisboa, de geração illustre. Filosofo insigne, e o primeiro, que em Hespanha compoz na sua faculdade; na de Medicina foi excellente, em que tambem compoz progressos, que deveo ás aulas de Pariz. Occupou rendosos, e authorizados lugares no Ecclesiastico; o Priorado de Mafra na Diocese de Lisboa, em que foi Deão no anno de 1264. Na do Porto, Thesoureiro mór. Na de Braga, Arcediago de Vermoim. E na Colegiada de Guimarães, o seu grande Priorado pelos annos de 1268. Nesta grandeza ecclesiastica se achava, quando tomou o habito de S. Domingos, vendo-se no maito que deixou, o espirito com que o vestio. No anno de 1270 professou, buscando-o logo Braga para a Primazia da sua Cadeira, no segundo anno, que contava de clausura, em que esperava a confirmação, quando el-Rei D. Affonso o terceiro o mandou ao Concilio, que se celebrava em Leão de França.

Aqui lhe deu o capello de Cardeal Gregorio X com o Bispado Tusculano. Vagando depois, por morte de Adriano V, a Cadeira Pontificia, foi promovido a ella, enchendo-a com sua grande capacidade, como des-empenhando-a com acertos, que se esperavão d'ella; lavrava em Viterbo hum palacio para os Pontifices, quando n'elle foi opprimido em huma ruina, de que com admiração de todos o tirarão vivo, só para receber os Sacramentos, circumstancia que fez parecer aquella desgraça especial disposição da Providencia Divina. Faleceo no anno de 1277, ao oitavo mez do seu Pontificado.

D. Fr. Domingos Soares, de nação Portuguez, que passou a Castella, em que foi Bispo de Avila. Foi pessoa de muita conta, o que confirmou a muita que fez d'elle el-Rei D. Affonso o Sabio, escolhendo-o para seu Embaixador ao Pontifice Alexandre IV, sobre o direito que tinha ao Imperio. No anno de 1267 veio a este Reino a concordar a contenda, que havia entre o dito Rei, e el-Rei D. Affonso o terceiro, sobre o Reino do Algarve, que restituído ao nosso Rei D. Affonso, fez d'elle Bispo ao mesmo Fr. Domingos, a que foi preciso repetir as mitras, para corresponder ás suas muitas virtudes, e grandes letras.

D. Fr. Paschasio de Betancor, Portuguez de nação, Bispo de Lamego por Innocencio VI no anno de 1365, reinando el-Rei D. Pedro I. Entre as virtudes, e singular exemplo com que apacentou as suas ovelhas, o ornarão a litteratura, e a clemencia. Passou a Italia (ignora-se o motivo) e faleceo em Campania no anno de 1368. Este Prelado restituirão á Religião Escritores estranhos, ignorado culpavelmente dos naturacs, e domesticos.

Como a ilha de Ceilão pertenceo á Coroa de Portugal, podemos apontar em Columbo, cidade d'esta ilha, hum Bispo Dominicano, que foi D. Fr. Jordão, natural de . . . . . que resplandeceo em virtudes, sendo Apostolo da mesma ilha, em que entrou (reinando el-Rei D. Affonso o quarto) mandado pelo Pontifice João XXII com huma numerosa missão de Obreiros Evangelicos, assim nossos, como Franciscanos, com que fez grande fruto n'aquellas terras, que no anno de 1330 lhe pagarão a doutrina com a sepultura.

D. Fr. Bartholomeu, de nação Portuguez, Bispo da Guarda, pelo Pontifice Innocencio VI, reinando em Portugal D. Affonso IV. Foi exemplarissimo, reduzindo aos Conegos da sua Igreja, com seu efficaz exemplo, a maior perfeição do culto divino, que com suas rendas deixou au-

gmentado. Mas nem o grande brado, que com suas virtudes deu n'este governo, chegou aos ouvidos dos nossos Escritores, que com o seu descuido (a não ser advertencia alhea) nos deixavão esta gloria, ou roubada, ou desconhecida.

D. Fr. Gualter, Bispo de Tangere, cidade em Africa (que a Coroa Portugueza deveo ao invicto braço d'el-Rei D. Affonso V, que n'ella se grangeou a gloriosa antonomasia de Africano). Deixou este Prelado esta sua Igreja (ignora-se a causa) e passou a Bolonha sua patria, em que pelos annos de 1345 acabou a vida.

D. Fr. André Dias, Portuguez, e filho de Lisboa, Bispo de Megara (cidade da Grecia) em que residio alguns annos. Voltando a esta Corte pelos de 1432 se recolheo no Convento de S. Domingos de Lisboa, onde pela adherencia de sua grande capacidade, o buscou o grande Rei D. João I para Commendatario do Mosteiro de S. João da Alpendrada. Da caridade portentosa d'este Prelado, e dos prodigios, que obrou com ella, se achá nos nossos Escritores larga historia.

D. Fr. João (ignora-se o sobrenome) Bispo de Tangere, por Nicoláo V, anno de 1451.

D. Fr. Estevão, Portuguez, de que não ficou mais que este nome, Bispo titular Florolianense, *in partibus Infidelium*, por Calisto III, anno de 1457.

D. Fr. Gil, Portuguez, Bispo Coadjutor, e Suffraganeo do Arcebispo de Braga D. Fr. Luiz Pires, nos reinados d'el-Rei D. Affonso V, e D. João o II pelos annos de 1470. Esta noticia devemos a huma pena Serafica, servindo ás nossas de confusão, o que lhe podia servir de gloria.

D. Fr. Justo Baldino, Bispo de Ceuta, e Tangere, Primaz de Africa, celebre por sua erudição, e virtude, que até na morte deveo singular estimação aos Monarchas d'esta Coroa, permittindo-lhe sepultura no Real Convento da Batalha; privilegio grande, e maior o deixar abrir n'ella o seu nome, á entrada do Capitulo d'esta Casa, em que os Reaes Mausoleos honrão sua memoria.

D. Fr. Duarte Nunes, Portuguez, Bispo titular de Laodicea, pelo Pontifice Alexandre VI á instancia d'el-Rei D. Manoel. Foi este Prelado o antesignano dos que passarão á India com esta dignidade, a exercer funções Pontificaes. Testemunhou aquelle Oriente os seus merecimentos, ouvindo-o espalhar o Evangelho, e vendo-lhe corresponder copioso fru-

to. Voltando ao Reino, se recolheu ao Convento reformado de Aveiro, onde continuou huma exemplar vida, e onde pelos annos de 1528 teve sepultura.

D. Fr. Gonçalo de Amorim, Portuguez, Bispo titular de Hierapoli, cidade da Asia, na Arabia, Coadjutor, e Suffraganeo do Arcebispo de Braga D. Diogo de Sousa. Elegeo-o Leão X no reinado d'el-Rei D. Manoel, não logrando a dignidade mais que hum anno.

Outro Bispo teve esta mesma cidade, de que se ignora o nome (sem mais que o de Dominicano) com a singularidade de Coadjutor do mesmo Arcebispo, eleito pelo mesmo Pontífice, por morte de D. Fr. Gonçalo. De nenhum dos dous ha memoria nas nossas historias, a que as estranhas castigão o descuido, estimando o delicto de lhe deixarmos esse assumpto.

D. Fr. Ambrosio, varão santo, Apostolico, e Missionario das terras em que prégou S. Thomé, e de que o seu zelo, e incauçavel exercicio evangelico o fizeram Arcebispo; dignidade, que teve por muitos annos, consumindo, e acabando a vida na cultura d'aquellas Christandades, em que ganhou para Deos infinitas almas, e para suas virtudes eternas coroas.

D. Fr. João de Riperia, Francez de nação, Bispo de Calecut, celebre emporio da India Oriental, em que gastou a vida, com continuado, e copioso interesse d'aquella Christandade.

D. Fr. Bernardo da Cruz, Portuguez, filho do Convento de S. Domingos de Lisboa, Bispo de S. Thomé, por Paulo III á instancia d'el-Rei D. João o terceiro. Dignidade, que renunciou; seria disposição do mesmo Monarcha, que o escolheu para seu Esmoler mór, fazendo-o juntamente Reitor da Universidade de Coimbra, cidade em que depois fundou o Tribunal do Santo Officio, por commissão do Cardeal Henrique, quando governava esta Coroa. Finalmente deixadas occupações tão decorosas, se retirou a humas Abbadias, em que no anno de 1550 acabou a vida, tendo alli por alguns annos sustentado a dos pobres, e passando a arrecadar na gloria o deposito, que em suas mãos tinha feito.

D. Fr. João Bautista, Portuguez, Bispo de S. Thomé, nomeado por el-Rei D. João o terceiro, que o tinha mandado a Roma sobre importancias d'esta Coroa. Sagrado n'aquella Curia, voltou a este Reino, e pedindo aos Prelados d'esta Provincia doze Religiosos, passou á sua Diocese, desprezando os perigos d'aquelle clima, em beneficio da cultura evangelica

em que se empregou incangavel, acabando não tanto ás inclemencias da Zona torrida, como á obstinação dos corações euregelados dos poderosos, que desprezavão os conselhos evangelicos; sendo tal a magoa de ver naufragar aquellas miseraveis almas desconhecendo o porto, que lhes offerecia o Ceo, que sem outra doença, passou a receber d'elle a coroa no anno de 1334.

D. Fr. Jorge de Santiago, Bispo de Angra, varão igualmente douto, que austero, como vio, e admirou o sagrado congresso do Concilio Tridentino, a que o mandou por seu Theologo el-Rei D. João o terceiro, e em que fez huma erudita oração, que se acha nos Actos do mesmo Concilio. Foi Deputado da Mesa grande da Inquisição de Lisboa, lugar, que alli tem a Ordem, e de que sahio para o Bispado, á instancia do mesmo Rei.

D. Fr. Ambrosio de Rontecali, por outro nome Botigella, Maltez de nação, foi Bispo titular de Aureense (Peninsula na India Oriental) por Paulo IV, que a ella o mandou por Missionario; com poderes de Legado á Latere. Viveo em Goa, em que se occupou em applicações litterarias, e conversões catholicas, servindo a Deos n'aquellas conquistas, não só como zeloso Prelado, e consummado Theologo, mas como grande Mathematico, e insigne Geografo, e singularmente versado nas linguas Chaldaea, e Arabiga. Voltava para este Reino por Cochim, onde o encontrou a morte, e lhe deu sepultura o Convento, que a Ordem tem n'aquella cidade, no anno de 1560.

D. Fr. Gaspar dos Reis, Portuguez, Bispo titular de Tripoli, Coadjuutor, e Suffraganeo do Arcebispo de Evora o Infante Cardeal Henrique. Foi hum d'aquelles grandes Theologos, e varões insignes, que da Religião Dominicana passarão ao Concilio Tridentino, por mandado d'el-Rei D. João o terceiro. Voltando ao Reino, fei o primeiro Censor, e Revelador de livros, que teve o Tribunal da Inquisição. Logo Inquisidor em Evora, depois do Conselho geral em Lisboa, e finalmente Bispo; funções, que desempenhou, e lugares, que encheo com tanta exacção, e inteireza, que antes pareceo, que lh'os restituíão, do que lh'os davão. Faleceo no anno de 1577.

D. Fr. Jorge de Lemos, Portuguez, filho do Convento de Lisboa, Bispo do Funchal, por Paulo IV á instancia d'el-Rei D. João o terceiro. Voltando da sua Diocese a este Reino, já carregado de annos, largou o

Bispado, aceitando o ser Esmoler mór d'el-Rei D. Sebastião. Faleceo, e tem sepultura no Convento de que era filho, pelos annos de 1568.

D. Fr. Jorge Themudo, Portuguez, Oraculo dos Theologos do seu tempo, primeiro Bispo de Cochim, nomeado pela Rainha Dona Catharina por menoridade d'el-Rei D. Sebastião, Regente d'esta Coroa. Fel-o Paulo IV, dando áquella cidade a honra de Episcopal, de que D. Fr. Jorge passou á Cadeira Primaz de Goa, com a gloria de o pôr n'ella a Santidade de Pio V. Foi incançavel Missionario, grangeando áquella Christandade com a sua reforma, e exemplo hum copiosissimo fruto, e celebrando o primeiro Concilio, que vio aquelle Estado, em que fez ajustadas, e proveitosas Constituições para o seu governo. Estes exercicios, zelo, e inteireza na Prelazia, lhe conciliarão hum singular respeito, e aclamações de Santo, com que faleceo nos annos de 1572.

D. Fr. Jorge de Santa Luzia, Portuguez, primeiro Bispo de Malaca, pelo Pontífice Paulo IV, nomeado por el-Rei D. João o terceiro. Varão santo, insigne Theologo, zeloso Missionario, e celebre Oraculo d'aquella emporio, que arrebatou com casos maravilhosos, e resgatou da horrível perseguição de crueis, e carniceiras fêras, que excommungou, e extinguiu. Renunciando (depois de dous annos de exercicio, e grande lucro d'aquella Diocese) o Bispado (entre os clamores do commun sentimento) nas mãos do Pontífice Gregorio XIII, se recolheu ao Convento de Goa, restituindo-se ao centro do seu espirito, e servindo aos mais reformados de exemplo na pobreza da sua cella, desprezo de sua pessoa, exercicios mais abatidos da Casa, empregos, em que o não assustou a morte, passando-o d'elles para a eterna felicidade.

D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, celebre com o titulo antonomatico de Arcebispo Santo. Foi hum dos maiores Prelados, que no seu seculo reconhecerão as Cadeiras, e confessarão as Mitras. Nomeou-o para o Arcebispado a Rainha Dona Catharina, mulher d'el-Rei D. João o terceiro, Regente d'esta Coroa na menoridade d'el-Rei D. Sebastião seu neto. Confirmou-o Paulo IV, e admirou aquella idade (ainda fecunda de heroes) hum espirito tão despido do que mais preza o Mundo, que só o poder executivo da obediencia o fez entrar no cargo, pondo-o a pena de se ver n'elle, ás portas da morte. Ditoso seculo o em que se elegião taes Prelados! Grandes Prelados, que assim subião aos lugares para que erão eleitos!

Com elle entrarão n'aquella grande Igreja a refórma nos costumes, o

remedio dos pobres, o castigo dos delinquentes, a sujeição nos rebeldes, a lei nos Ecclesiasticos, e a justiça para todos. Foi mandado ao Concilio Tridentino, onde aquelle sabio, e veneravel congresso o escutou como oraculo. Não lhe desconheceraõ o titulo, assim os Pontifices, como os Cardeaes de seu tempo. Até o presente soã os brados de sua virtude: e na Curia Romana os grandes motivos de beatifica-la.

Alguns annos antes de sua morte, renunciado o Arcebispado, se recolheo ao Convento, que a Ordem tem em Vianna, ensaiando-se n'aquelle sepultura recoleta, para a que brevemente esperava, como se ainda se não fiara de ter sido ensaio toda sua vida. Poz termo a ella pelos annos de 1590, deixando aos Religiosos documentos para saber morrer, como aos Prelados para saber acertar. Melhor se pôde ver na sua vida, a que destinou o Ceo por Chronista a nosso antecessor o Padre Fr. Luiz de Sousa, como se se desobrigara na sua penna (nunca mellhor aparada) do grande assumpto, que n'aquelle vida tinha dado á escritura.

D. Fr. Fernando de Tavora, Portuguez, Bispo do Funchal, por el-Rei D. Sebastião (de que foi Esmoler), confirmado pelo Santo Pontifice Pio V. A sua exacta observancia o poz no lugar de Prior na Casa de Bemfica onde ella estava mais vigorosa. As suas letras, e erudição testemunharão os doutos Commentarios sobre o Evangelho de S. João. Não chegarão ao prelo, e perdeo-os o descuido. Renunciado o Bispado, se recolheo á recoleta de Azeitão, onde faleceo com grande socego de espirito, e edificação do Convento, anno de 1577.

D. Fr. Antonio Bernardes, Portuguez, Bispo titular de Martyria, Coadjutor, e Suffraganeo do Bispo de Coimbra. Foi nomeado por el-Rei D. Sebastião, confirmado por Gregorio XIII, e tão exacto, e exêmpar no estado do Prelado, que nem n'elle desconheceo as sugeições de Religioso.

D. Fr. Gaspar da Cruz, Portuguez, natural de Setuval, Bispo de Malaca, nomeado por el-Rei D. Sebastião. Foi este Padre hum dos primeiros Missionarios Dominicanos, que passarão á India em fórma de Communidade a fundar Convento; e lhe podemos chamar (depois do grande discipulo de Christo S. Thomé) o Apostolo da China: porque n'aquelle vasto Imperio entrou primeiro, que os veneraveis Padres da Companhia Rogerio, e Ricio. D'este Prelado foi aquelle primeiro brado evangelico, que souo nos obstinados ouvidos d'aquelle Gentilismo. Seu foi aquelle zelo fervoroso, e intrepido, que entrou por aquelles sacrile-

gos templos, derribando idolos, e assombrando poderosos, que sem se atreverem a tirar-lhe a vida (que elle offerencia ao martyrio) se satisfizerão com o exterminarem d'aquelle Imperio.

Passou a Ormuz, Reino em que colheo copiosos frutos de sua cultura evangelica; e voltando a este Reino no anno de 1569, em que o contagio da peste tinha reduzido a Corte de Lisboa a theatro da miseria, não bastando todo o seu horror a enfraquecer aquellas chammas de charidade, que agora o desvelavão na assistencia dos enfermos, deu bem a conhecer as que o levarão á redução dos Gentios. Tirou-lhe o mesmo mal a vida, porque quiz mostrar o Ceo, que viera a acabar de lavar a coroa da eterna, achando-o este ultimo, e horroroso golpe com tanto socego, como foi a segurança com que o tinha profetizado no anno de 1580.

D. Fr. Henrique de S. Jeronymo, ou de Tavora, Bispo de Cochim, nomeado por el-Rei D. Sebastião, e confirmado por S. Pio V, e depois promovido a Arcebispo de Goa, pelo mesmo Rei, e confirmado por Gregorio XIII. Foi dos grandes Theologos do seu tempo, experiencia que o fez companheiro do grande Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres ao Concilio Tridentino, onde de todo aquelle veneravel, e sapientissimo congresso foi escutado na primeira dominga da Quaresma, como oraculo do Pulpito. No seu Arcebispado desterrou abusos, castigou vicios, e resistio a poderosos, reprehendendo no Pulpito com liberdade apostolica, e em particular com severidade prelatia; mas escutadas sempre as reprehensões, como injuria nas isenções da nobreza, lhe negocearão a morte, que bebo disfarçada em veneno, acabando victima do Instituto Apostolico no anno de 1582.

D. Fr. Jorge de Padilha, Portuguez, filho do Convento de S. Domingos de Lisboa, pessoa de grandes letras, e erudição; passando a Italia, foi eleito Bispo de Civita Ducale, no estado de Parma, por Clemente VIII. Ignora-se o anno em que faleceo.

D. Fr. Antonio de S. Domingos, Portuguez, Bispo titular. Titulo em que os Escritores d'aquelle tempo lhe recopilarão a noticia, que sem duvida mereceria ser mais extensa, não costumando subir a humildade religiosa áquelles lugares, sem que lhe dem a mão, ou letras, ou virtudes. Mas contente-se o seu nome com a gloria da dignidade, que não deixa de ser expressiva de maior talento em seculo, em que ellas não costumavão ser titulo, sem serem premio.

Com este mesmo achamos a D. Fr. João de Cintra, filho do Convento de S. Domingos de Lisboa, com quem os nossos Escritores andarão tão escassos, que se contentarão com a generalidade, de que ficasse conhecido por Bispo do Oriente.

D. Fr. Jeronymo Pereira, Portuguez, hum dos mais applaudidos oráculos do seu seculo na Cadeira, e no Pulpito, Bispo titular de Salê, Coadjutor Suffraganeo do Arcebispo de Evora, o Infante Cardeal Henrique, á instancia d'este Principe, e d'el-Rei D. Sebastião. De sua grande erudição, e capacidade litteraria, testemunhou muitas vezes a Imprensa.

D. Fr. Antonio de Sousa, Portuguez, da casa dos Condes da Castanheira, venerado, e reconhecido por Religioso reformado, e insigne Theologo. Foi Bispo de Viseu, depois de governar esta Provincia, como Provincial, e como Vigario geral de toda a Ordem, por Clemente VIII. Faleceo em tempo d'el-Rei D. Sebastião, de que foi Prêgador.

D. Fr. Antonio Valente, filho de Lisboa, Bispo de S. Thomé á instancia de Filippe II, por Clemente VIII. Entre varios lugares, que lhe deu a occupação litteraria, se fez o de insigne. e celebre Moralista.

D. Fr. Antonio de Santo Estevão, Portuguez, natural de Lisboa, Bispo de Angola á instancia de Filippe II, por Clemente VIII, resulta do singular nome de incançavel caritativo, que se grangeou no tempo da peste, como de outro ainda maior, que como Obreiro Evangelico lhe tinha n'este Reino dado o Pulpito. Passando á sua Diocese, bastou o exemplo de sua inculpavel vida para commover os mesmos Gentios, acabando o zelo de sua prêgação, que muitos deixassem os idolos, e que os Catholicos mais esquecidos chorassem seus peccados. Entre estes exercicios o chamou o Ceo para a retribuição eterna (deixandô a Fé n'este Reino, em grande parte propagada) pelos annos de 1609.

D. Fr. João da Piedade, Bispo de Macáo, por Clemente VIII á instancia de Filippe o segundo. Escutou-o a maior parte do imperio da China, incançavel pregoeiro da palavra Evangelica, correspondendo copioso fruto aos suores de seu continuo exercicio, em que desempenhando as obrigações de fiel obreiro, voltou a este Reino a esperar a paga no canto de huma cella, no Convento de Abrantes, em que teve a sepultura pelos annos de 1628.

D. Fr. Sebastião da Ascensão, Bispo de Cabo Verde, á instancia de Filippe o segundo por Paulo V. Varão verdadeiramente Apostolico, insigne em virtudes, celebre em letras. Acabou pelos annos de 1614, sa-

erificando a vida ao Instituto Evangelico, com que querendo desterrar abusos. e castigar erros, concitou contra si a obstinação dos comprehendidos, que dissimulando a vingança em hum veneno, lavrarão a coroa a seu zelo apostolico.

D. Fr. João de Portugal, filho legitimo dos primeiros Condes de Vimioso D. Affonso de Portugal, e Dona Luiza de Gusmão, irmão de D. Luiz de Portugal, quarto Conde de Vimioso (que morrendo para o mundo, abraçou o Instituto Dominicano, buscando no seu habito a mortalha, nos seus claustros a sepultura). Nas memorias da Provincia nos deveo mais larga escritura. Chegou D. Fr. João á Cadeira Episcopal de Vizeu, depois de ter occupado os lugares de Deputado do Conselho Geral do Santo Officio, e de Prégador de Filippe o terceiro, a cuja instancia foi confirmado por Urbano VIII, sobejando-lhe os degrãos da natureza para subir á Mitra, na exacta observancia de Religioso reformado, e na commua experiencia de profundo Theologo, laborioso exercicio, com que deu ao prelo qnatro tomos, irrefragaveis testemunhas de seus grandes espiritos. Faleceo (tendo dado principio ao Mosteiro do Sacramento, ditoso sepulchro da melhor nobreza d'este Reino) suspirado de suas ovelhas, aclamado santo por suas obras, confirmando-as a fragõncia de seu corpo, quando levado á urna do sepulchro, em que se entendeo Feniz de melhor vida seu espirito pelos annos de 1628.

D. Fr. Domingos da Assumpção, Portuguez, Bispo de Angola por Urbano VIII, á instancia de Filippe o terceiro, pelos annos de 1627.

D. Fr. Agostinho das Chagas, Portuguez. Foi eleito por Urbano VIII Arcebispo de Navisan na Armenia, em que resplandeceo sua grande capacidade, prudencia, e zelo, falecendo com opinião de irreprehensivel Prelado pelos annos de 1653.

D. Fr. Miguel Rangel, Portuguez, Arcebispo de Cochim por Urbano VIII, á instancia de Filippe o terceiro. Foi varão claro em letras, suas virtudes se authorizarão com publicos milagres; seu espirito apostolico se vio na copiosa redução dos Gentios; seu zelo, e valor prelaticio em arruinar templos, e despedaçar idolos; sua observancia religiosa no reformado Convento de Santa Barbara, que fundou á Ordem em Goa, cujo Arcebispado governou por dous annos. Faleceo no de 1644, com tanta magoa da sua Igreja, como testemunhos de passar á triunfante, o que confirmou depois de hum anno a incorrupção com que foi achado seu corpo. Com mais individuação o deixámos aqui escrito no livro quarto.

D. Fr. Manoel Telles, Portuguez, insigne Theologo, que da cadeira do magisterio, e da de Provincial d'esta Provincia, passou a occupar a Primaz de Goa por Urbano VIII, á instancia de Filippe o terceiro. Diocese, em que se admirou seu zelo apostolico, e incançavel exercicio na redução ao baptismo, em que contou numerosa Gentilidade; glorioso trabalho em que lhe estabeleceu a morte a opinião de santo no anno de 1640.

D. Fr. Antonio da Resurreição, Portuguez, Bispo de Angra, por Urbano VIII, á instancia de Filippe o terceiro. Foi oraculo da Theologia no seu tempo, como testemunhou a cadeira de Prima da Universidade de Coimbra, que occupou, e ennobreceu, passando d'ella á sua Diocese, que o admirou, e reconheceu pai dos pobres, e exemplar de Prelados, como se vio em todas as acções de sua vida, e se escutou nos lamentos, que acompanharão sua morte, grangeando-lhe huma, e outra aclamações de santidade; entre ellas passou d'esta vida pelos annos de 1637.

D. Fr. Antonio do Rosario, Bispo de Malaca, a que o descuido da Religião pagou com o deixar desconhecido n'aquella honra, a que elle lhe grangeou com a Mitra, e lhe podera augmentar, sabendo-se o exercicio d'ella.

D. Fr. Fernando de Otioue, Flamengo de nação, foi Bispo do Funchal, nomeado por el-Rei D. João o quarto, que premiando-lhe o zelo com que intentou, e dispoz a liberdade do Infante D. Duarte seu irmão (que no castello de Milão faleceu, a tempo que estava facilitado tão grande negocio) o destinou para aquella Mitra, a que não passou com o mesmo successo, que tinha precedido a logral-a, que a merecel-a. Faleceu em . . . . .

D. Fr. Domingos do Rosario, Irlandez de nação, filho da Provincia de Castella pelo habito, e d'esta de Portugal pela filiação. Filippe o terceiro o mandou por seu Embaixador a Inglaterra a Carlos I, e a Roma ao Pontifice Innocencio X. El-Rei D. João o quarto o mandou por seu Embaixador a França a Luiz XIV. A Rainha Dona Luiza ao mesmo Reino, com o mesmo caracter, e a Roma a Alexandre VII. Foi Confessor da mesma Rainha, e do seu Conselho; e (falecido el-Rei) com continua assistencia no seu governo. Em tão grandes, e repetidas occupações andou sempre o seu desinteresse ao passo da sua capacidade; recusou o Arcebispado de Goa, e alguns Bispados, que querião ou satisfazer, ou exer-

èitar seus merecimentos, vindo a aceitar o de Coimbra, obrigado do Collegio dos seus Religiosos, que necessitava de soccorro, mas foi já a tempo em que os achaques, e os annos lhe embaraçarão esses propositos, perdendo o Collegio aquelle arrimo, e aquella Diocese hum grande Prelado, de que já deixamos maior noticia no quarto livro.

D. Fr. Fernando da Encarnação, illustre por nascimento, letras, e virtude, que lhe grangearão a Mitra de Coëhim; logo do Algarve por el-Rei D. João o quarto. Faleceo em Bemfica, com a grande opinião que mereceo a sua observancia. N'estas memorias tem mais larga noticia.

D. Fr. Lourenço de Castro, illustre por nascimento, singular por observancia, letras, e Pulpito; Confessor d'el-Rei D. Affonso VI. Primeiro exercitou a Mitra de Angra, depois a de Miranda, em que faleceo. Já sua vida nos deu mais larga escritura.

D. Fr. Gregorio Lopes, natural da China, filho no habito das Filipinas, Bispo titular Basilicano por Clemente X. Foi este o primeiro Bispo, o primeiro Religioso, o primeiro Sacerdote, e o primeiro Missionario, que ao grande Imperio da China deu a Igreja Romana. No anno de 1666 escutarão sua voz evangelica n'aquellas vastissimas terras nove Provincias, em que bautizou duas mil almas. Na provincia de Totien (em que já havia alguma Christandade) reduzio cem, bautizou quinhentas e cincoenta e seis, e confirmou os antigos Catholicos, reformando-os dos erros, que desde o tempo de S. Thomé introduzio a diuturnidade.

O Pontifice Clemente X o constituiu Vigario Apostolico de Nankim, Administrador das provincias de Pekim, Xanti, Xantung, Honan, Xarti, e da provincia da Coreia, com amplissimos poderes. Florescia pelos annos de 1677. Toca a estas memorias, e a este Reino, por serem as Igrejas da China do Padroado Real.

D. Fr. Manoel Pereira, Bispo do Rio de Janeiro, grande Theologo, e Prégador insigne. Na Curia Romana (em que se pesou sua grande capacidade) se fez hum lugar igual a ella, sendo companheiro do Mestre Geral Rocaberti, Provincial da Terra Santa, Vigario geral de toda a Religião. N'este Reino foi do Conselho Geral do Santo Officio, Secretario de Estado d'el-Rei D. Pedro II. Já n'estes papeis deixamos d'elle mais individual noticia.

D. Fr. Domingos de Gusmão, filho do Duque de Medina Sidonia, sobrinho da Rainha Dona Luiza, e primo d'el-Rei D. Pedro II; dos gran-

des Theologos do seu tempo. Vindo a este Reino, o nomeou el-Rei primeiro Bispo de Leiria, confirmado por Innocencio XI. Promovido depois ao Arcebispado de Evora, o governou com singular prudencia, e prevalecendo á sua grandeza a moderação religiosa, antes que Prelado, pareceo esmoler da sua Igreja, em que faleceo no anno de 1689, e em que tem sepultura.

D. Fr. Valerio de S. Raymundo, Portuguez, hum dos maiores Theologos, que venerarão os mestres de seu seculo. Foi Provincial d'esta Provincia, Deputado do Conselho Geral do Santo Officio, e Bispo de Elvas, a que passou tão pobre como vivia na Religião, sendo n'ella hum exemplar de Religiosos, como na sua Diocese o foi de Prelados. D'elle deixamos maior noticia no primeiro livro.

D. Fr. Jacintho de Saldanha, Portuguez, nobre de geração, Bispo titular, Coadjutor, e Suffraganeo do Arcebispo de Goa D. Fr. Antonio Brandão, Religioso de Cister. Foi nomeado por el-Rei D. Pedro II, confirmado por Innocencio XI. Na Religião foi reformado, na Prelatura laborioso. Faleceo no anno da 1677.

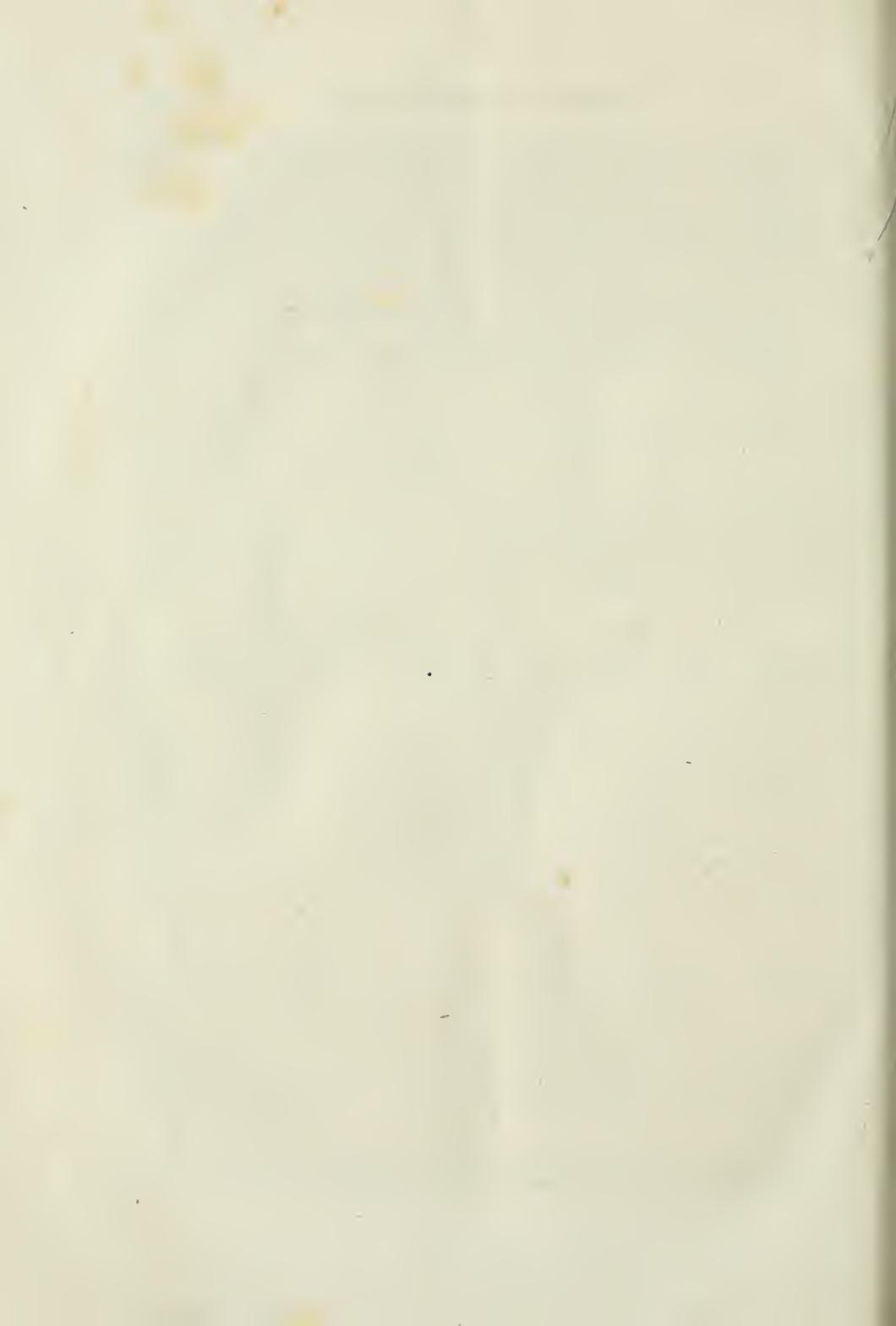
D. Fr. Pedro Pacheco (glorioso descendente d'aquelle raio Lusitano, que fulminado no Oriente, assombrou todo o mundo; o grande Duarte Pacheco, espelho de heroes abalizados, como de merecimentos queixosos) foi Vigario geral da Congregação da India, a que não chegou; e arribando a este porto de Lisboa, o nomeou el-Rei D. Pedro o segundo. Bispo de Cochim, confirmado por Innocencio. . . . . Passou á India, onde desempenhou a expectação, que se tinha de seu grande zelo, e pastoral vigilancia, sendo hum dos Prelados, que n'aquellas Christandades devião ser eternos. Faleceo com edificação, e magoa dos Religiosos, e povo de Goa, onde residia, pelos annos de 1713. Já n'estas memorias nos deveo maior noticia.

D. Fr. Joseph de Jesus Maria, Portuguez, Bispo titular de Patara, nomeado pelo Augusto Rei, e Senhor nosso D. João o quinto, o Magnifico, e coufirmado por Clemente XI. Já d'elle deixamos noticia.

D. Fr. Manoel de Santo Antonio, Portuguez, natural de Goa, filho da Congregação da India, Bispo de Malaca, insigne Theologo, Religioso reformado, Prelado zeloso, incançavel Missionario. Mais larga noticia tem no quarto livro.

Este Catalogo de insignes Prelados, e gloriosos filhos da Religião Dominica, quizemos encostar a estas memorias d'ella, para satisfazer aos

cultivadores da historia, condemnando a culpavel omissão dos Escriitores Portuguezes, a cujas pennas parecerão sempre superfluas, ou pouco importantes as glorias dos Regulares, sem advertirem que, pertencendo ellas á decencia da Igreja, devem, e são as primeiras a executar a sua escritura. Não he menos reprehensivel nos domesticos o descuido, com que deixarão nas mãos do tempo os mais dos progressos de seus Irmãos, insignes Religiosos, em que nos roubarão assumptos á penna, creditos á Provincia, e exemplos á piedade catholica.



# TABOADA DOS CONVENTOS

DE QUE SE TRATA N'ESTE VOLUME

## CONVENTOS DE FRADES

1 Noticias dos Conventos da Congregação na India Oriental, e na Africa, pag. 264.

2 Collegio dos Missionarios Irlandezes em Lisboa, pag. 355.

## CONVENTOS DE FREIRAS

1 Sacramento, junto a Aleantara, pag. 5.

2 Nossa Senhora do Bom Successo, de Belem, pag. 362.



# INDICE

DOS

## CAPITULOS QUE SE CONTÊM NESTE VOLUME

### TERCEIRO LIVRO

	Pag.
CAP I. Dos fundadores d'esta Casa do Sacramento, e embarços, que se oppuzerão á fundação d'ella . . . . .	3
CAP II. Impetra-se licença do Geral. Escolhe-se sitio. Dá-se principio ao novo Mosteiro . . . . .	13
CAP III. Referem-se alguns vaticinios de pessoas de reputação em em virtude, sobre a fundação d'esta Casa. Dá-se a razão de intitular-se do Santissimo Sacramento . . . . .	16
CAP IV. Vem para primeiras fundadoras d'este Mosteiro, e entrão n'elle Religiosas de Santa Catharina de Sena de Evora; dá se noticia de quem forão . . . . .	19
CAP V. Elege-se a primeira Prioriza do Mosteiro; acodem Religiosas de outros; tomão o habito Dona Filippa de Portugal, e a Condessa fundadora . . . . .	22
CAP VI. Mostra-se a separação, que este Mosteiro tem da Provincia, com sujeição immediata ao Geral da Ordem . . . . .	26
CAP VII. Da Madre Soror Isabel de Jesus, huma das fundadoras, e primeira Prioriza d'este Mosteiro . . . . .	29
CAP VIII. Da Madre Soror Filippa de Jesus Maria, segunda Prioriza d'esta Casa, e da Mestra Soror Victoria da Cruz . . . . .	33
CAP IX. Fundação do novo Mosteiro, entrada das Religiosas n'elle	41
CAP X. Da Madre Soror Filippa do Santissimo Sacramento . . . . .	48
CAP XI. Das Madres Soror Magdalena das Chagas, e Soror Barbara da Trindade . . . . .	53
CAP XII. Da Madre Soror Margarida do Santissimo Sacramento . . . . .	57
CAP XIII. Da Madre Soror Catharina dos Martyres . . . . .	69
CAP XIV. Das Madres Soror Magdalena do Santissimo Sacramento, e Soror Catharina de Jesus, ambas irmãs . . . . .	72

	Pag.
CAP. xv. Das Madres Soror Jeronyma de Jesus, e Soror Maria da Piedade . . . . .	80
CAP. xvi. Da Madre Soror Francisca da Encarnação . . . . .	86
CAP. xvii. Da Irmã Conversa Soror Victoria da Cruz . . . . .	89
CAP. xviii. Da Madre Soror Joanna do Rosario, Condessa de Vimioso, fundadora d'este Mosteiro . . . . .	94
CAP. xix. Das Madres Soror Isabel de Jesus, e Soror Margarida da Resurreição . . . . .	102
CAP. xx. Da Madre Soror Filippa de Jesus, huma das que derão principio a esta recoleta . . . . .	106
CAP. xxi. Das Madres Soror Margarida da Coroa, e Soror Magdalena do Espirito Santo . . . . .	110
CAP. xxii. Da Irmã Conversa Soror Maria do Rosario . . . . .	116
CAP. xxiii. Da Madre Soror Catharina da Encarnação . . . . .	120
CAP. xxiv. Continua-se a vida da Madre Soror Catharina. . . . .	123
CAP. xxv. Da Madre Soror Joanna Bautista, das primeiras que derão principio a esta recoleta; e de Soror Francisca da Madre de Deos, Conversa. . . . .	128
CAP. xxvi. Da Madre Soror Marianna de Jesus. . . . .	134
CAP. xxvii. Da Madre Soror Antonia da Apresentação, e Soror Antonia da Columna, Pupilla . . . . .	139
CAP. xxviii. De Soror Cecilia dos Anjos, Conversa. . . . .	143
CAP. xxix. Continuão-se as noticias da vida, e morte de Soror Cecilia . . . . .	149
CAP. xxx. De Soror Leonor da Assumpção, Conversa. . . . .	154
CAP. xxxi. De Soror Isabel da Visitação, Conversa . . . . .	262
CAP. xxxii. Da Madre Soror Maria de S. Joseph. Primeiros passos de sua vida, e progressos na de Religiosa . . . . .	166
CAP. xxxiii. Continua-se a vida da Madre Soror Maria; dá-se noticia de seu ditoso transitio . . . . .	172
CAP. xxxiv. Da Madre Soror Clara do Santissimo Sacramento . . . . .	182
CAP. xxxv. Da Madre Soror Maria do Sacramento, no seculo Marquiza de Aguiar; e da Irmã Conversa Soror Margarida do Espirito Santo . . . . .	190
CAP. xxxvi. Da Madre Soror Maria de Jesus . . . . .	198
CAP. xxxvii. Da Madre Soror Theresa de Jesus, e de Soror Mariana de S. Joseph . . . . .	202
CAP. xxxviii. Das Madres Soror Joanna do Rosario, e Soror Catharina de Jesus Maria . . . . .	209
CAP. xxxix. De Soror Maria Josefa, e Francisca do Rosario, ambas irmãs . . . . .	214
CAP. xl. Das Madres Soror Leonor do Evangelista, Soror Ignez do Presepio; e da Irmã Conversa Soror Domingas de S. Jacintho . . . . .	218

	Pag.
CAP. XLI. Da Madre Soror Magdalena das Chagas . . . . .	223
CAP. XLII. Continua-se a vida da Madre Soror Magdalena. Dá-se noticia de sua morte. . . . .	228
CAP. XLIII. Da Madre Soror Paula do Espirito Santo . . . . .	234
CAP. XLIV. Das Madres Soror Margarida da Columna, Soror Brites de Deos, e Soror Margarida da Cruz, ambas irmãs: Soror Maria da Encarnação, Soror Maria da Visitação, Soror Joanna do Santissimo Sacramento . . . . .	240
CAP. XLV. Da Madre Soror Maria Magdalena do Horto, e outras Religiosas de nome, e da Irmã Conversa Soror Maria da Purificação. Apontão-se os Vigarios, que teve a Casa, da fundação até o presente. . . . .	246
CAP. XLVI. Fabrica da Igreja nova do Sacramento, e algumas particularidades da mesma Casa, dignas de noticia . . . . .	251
CAP. XLVII. De algumas noticias pertencentes a esta Casa do Sacramento . . . . .	257

#### QUARTO LIVRO

CAP. I. Noticia summaria, e breve do presente estado da Congregação dos Frades Prégadores da India Oriental, sujeita á Provincia de Portugal. . . . .	264
CAP. II. Noticia das ilhas de Solor, especialmente de Larantuca, Timor, e outras adjacentes. . . . .	272
CAP. III. Primeira conversão na ilha de Timor. Bautiza-se o Empeador da ilha do Ende grande em Larantuca . . . . .	280
CAP. IV. Vida, e morte do Padre Fr. Rafael da Veiga. Prodigiosa huma, e outra . . . . .	285
CAP. V. Conversão geral, que houve na ilha de Timor; prodigio grande, que a ella precedeo. . . . .	290
CAP. VI. Turbação nas novas Christandades de Timor. Castigão-se os perseguidores d'ellas, e ficão socegadas . . . . .	299
CAP. VII. Noticias do succedido no Japara, e no Macassá. Passa o Padre Presentado Fr. João da Costa á provincia de Bajú. Tirão-lhe a vida em odio d'aquella Christandade. Prodigios succedidos n'ella. . . . .	303
CAP. VIII. Prodigio notavel, succedido em Timor. Trabalhos que a elle se seguirão n'aquellas Christandades. Maravilhas, com que o Ceo as defendeo . . . . .	308
CAP. IX. Novos prodigios com que o Ceo favoreceo os Christãos de Timor, em nova, e mais poderosa invasão dos Hollandezes. Desenganados estes de Timor, passão a Larantuca com armada formidavel, que se retira sem operação alguma . . . . .	312

	Pag.
CAP. X. Vida do veneravel Padre D. Fr. Miguel Rangel, Bispo de Cochim . . . . .	319
CAP. XI. O que de novo obrarão os Religiosos de S. Domingos nos Reinos de Sião, e Pegü. Levantão novas Igrejas, exercitão-se na conversão das almas . . . . .	323
CAP. XII. O que de novo obrarão os Religiosos de S. Domingos, entendendo o Evangelho nos Rios de Sena, terras do Monomotapa. Bautiza o Padre Fr. Luiz do Espirito Santo a Mavura, tio do Emperador Caprazine. Intenta este nas suas terras a destruição dos Portuguezes, que levantão por Emperador a Mavura, alcançada huma grande victoria . . . . .	326
CAP. XIII. Continua-se a guerra com o Caprazine. Dão a vida pela Fé os Padres Fr. João da Trindade, Fr. Luiz do Espirito Santo. Dá huma victoria ao Emperador D. Filippe hum mysterioso sinal, que se vio no Ceo. Levanta-se Igreja na Corte; noticia de outras na mesma Mocaranga, e no Reino de Manica . . . . .	329
CAP. XIV. Continuão-se as Christandades no Imperio do Monomotapa. Bautiza-se o Emperador, toda a Casa Real, e grande parte do povo. Dá-se noticia do ultimo progresso d'estas Christandades . . . . .	333
CAP. XV. De alguns Religiosos, que derão gloriosamente a vida pela confissão da Fé, servindo ás Christandades, que a Religião de S. Domingos tem no Oriente . . . . .	337
CAP. XVI. Mostra-se como os Religiosos de S. Domingos forão os primeiros, que levarão a Fé á Ethiopia Occidental; converterão, e reduzirão almas n'aquellas incultas, e vastissimas terras . . . . .	344
CAP. XVII. Do que pertence aos Conventos dos Irlandezes, que a Religião tem na Provincia de Portugal. Vem a este Reino o Mestre Fr. Domingos do Rosario. Funda Hospicio, e depois Collegio, para os Missionarios de Irlanda sua patria. Dá-se noticia d'este Padre . . . . .	355
CAP. XVIII. Fundação do Mosteiro do Bom Successo. Entra o Mestre Fr. Domingos em pensamentos da nova fundação. Abre-se-lhe prodigiosamente caminho para ella. Sobrecrescem embarços; maior o da licença d'el-Rei. Vencem-se todos . . . . .	362
CAP. XIX. Volta o Mestre Fr. Domingos de Irlanda; alcança todas as licenças para a nova fundação. Dá-se noticia da revelação, que sobre ella teve huma Religiosa de virtude . . . . .	367
CAP. XX. Entrão as Religiosas em clausura; dá-se conta da observancia, que se começou a guardar n'ella. Lança-se a primeira pedra na Igreja nova . . . . .	373
CAP. XXI. De algumas particularidades da imagem da Senhora do Bom Successo, orago da Casa; e das primeiras Religiosas, que	

	Pag.
falecerão n'ella, Soror Antonia Theresa de Jesus, huma das fundadoras, e Soror Catharina do Rosario . . . . .	378
CAP. XXII. Das Madres Soror Luiza Maria do Sacramento, Soror Cecilia do Rosario, Soror Isabel da Paixão . . . . .	384
CAP. XXIII. Das Madres Soror Marianna de Jesus, Soror Leonor de Santa Margarida, Soror Maria Magdalena de Christo, Soror Leonor do Calvario. Soror Jacintha de Jesus Maria, da mesma Casa do Bom Successo . . . . .	389
CAP. XXIV. Das Madres Soror Maria da Encarnação, Soror Ursula Bautista, Soror Joanna da Trindade, Soror Angelica Maria das Chagas, Soror Iria de Santo Antonio, Soror Marianna da Trindade: e das Religiosas Conversas Soror Brizida de S. Patricio, e Soror Felicia da Madre de Deos, do mesmo Mosteiro do Bom Successo. . . . .	394
CAP. XXV. Descreve-se a Igreja nova, e o augmento, que teve toda esta Casa . . . . .	399
APPENDIX—Breve noticia dos Escritores da Ordem . . . . .	403
CATALOGO dos Arcebispos e Bispos que a Ordem teve n'estes Reinos e Conquistas . . . . .	425











PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

BX  
3542  
ALC3  
1866  
v.6

Cacegas, Luiz de  
Primeira<sub>2</sub>quarta<sub>2</sub> parte da  
historia de S. Domingos

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 15 15 15 09 007 0